

Leonardo Affonso de Miranda Pereira

## *Footballmania*

Uma história social do futebol  
no Rio de Janeiro (1902-1938)



Tese de doutorado apresentada ao  
Departamento de História do Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas da  
Universidade Estadual de Campinas, sob  
orientação da Prof. Dra. Maria Clementina  
Pereira Cunha

Campinas-SP  
Janeiro de 1998

P414f

34532/BC

Leonardo Affonso de Miranda Pereira

## *Footballmania*

Uma história social do futebol  
no Rio de Janeiro (1902-1938)

Tese de doutorado apresentada ao  
Departamento de História do Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas da  
Universidade Estadual de Campinas, sob  
orientação da Prof. Dra. Maria Clementina  
Pereira Cunha

Este exemplar corresponde à redação  
final da tese defendida e aprovada pela  
Comissão Julgadora em 2/4/98.

Banca:

Profa. Dra. Maria Clementina Pereira Cunha (orientadora)

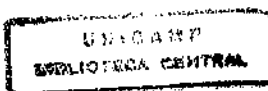
Prof. Dr. José Sérgio Leite Lopes

Profa. Dra. Margarida de Souza Neves

Prof. Dr. Edgar De Decca

Prof. Dr. Sidney Chalhoub

Campinas-SP  
Janeiro de 1998



98466

|            |           |
|------------|-----------|
| UNIDADE    | BC.       |
| N.º COPIAS | 1         |
| V.         |           |
| P.         | 34532     |
| FE         | 395/98    |
|            | 0 X       |
| PREÇO      | R\$ 11,00 |
| DATA       | 29/07/98  |
| N.º CPD    |           |

CM-00113816-0

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

**P414 f**

**Pereira, Leonardo Affonso de Miranda**

**Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902- 1938) / Leonardo Affonso de Miranda Pereira. - - Campinas, SP : [s.n.], 1998.**

**Orientador: Maria Clementina Pereira Cunha.**

**Tese ( doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

- 1. Futebol - Rio de Janeiro (RJ) , 1902 - 1938 - História.**
- 2. Nacionalismo - Brasil. 3. Cultura de massa.**
- 4. Trabalhadores - Brasil. I. Cunha , Maria Clementina Pereira da. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.**

## Agradecimentos

Esta tese é fruto de uma pesquisa que teve seu início ainda nos primeiros meses de 1994. Tendo acabado de ingressar no doutorado em história social da UNICAMP, propunha-me a analisar a consolidação do nacionalismo nas primeiras décadas desse século, usando para isso os festejos do carnaval carioca – sobre o qual já tinha desenvolvido um trabalho anterior. Enfiado nos arquivos e bibliotecas do Rio de Janeiro, fui porém sendo vítima progressiva de um estranho fenômeno: como se fosse uma conspiração orquestrada pelo destino, caíam em minhas mãos os mais variados documentos relativos ao futebol no Rio de Janeiro em suas primeiras décadas. À princípio, tratava-se, para mim, de uma mera curiosidade. Escaldado com a experiência de pesquisa sobre a festa de Momo, que já rendera as mais diversas ironias de parte de amigos e colegas de profissão, não me atreveria assim tão facilmente a me entregar a um tema que aparentemente se mostrava ainda menos respeitável. Minha resistência, no entanto, não durou muito. Me mostrando um mundo sobre o qual, até então, eu nunca refletira com maior seriedade, uma infinidade de relatórios policiais, artigos e livros conseguiu, aos poucos, minar minhas certezas. Quando vi, já era sobre o futebol que concentrava a maior e melhor parte de minhas atenções e esforços. Consternado, acabei por vencer meus próprios preconceitos, e aceitei o conselho daqueles que, há tempos, já me diziam ser mesmo sobre o jogo da bola o trabalho que eu desenvolvia.

A escolha mostrou-se, nos anos seguintes, bastante proveitosa. Fazendo do futebol um tema de pesquisa histórica, eu me juntava a uma infinidade de aficionados pelo jogo que, há tempos, já desfrutavam de uma certeza que parece clara para qualquer torcedor que se esprema pelas arquibancadas: a de que, pelo menos no Brasil, o futebol é coisa muito séria. Entrando em seu mundo, pude me deparar com um enorme contingente de pessoas que, trabalhando na secretaria ou na direção dos clubes esportivos cariocas, fazem dele um assunto da maior relevância. Gente como seu Almir, do Carioca; Dona Maria Emília, do Fluminense; Luiz Felipe e Dona Madalena, do Botafogo; Jorge Botelho, do Bangu; e Bafinha, do Flamengo. Graças à dedicação de muitas delas, pude ter acesso a inúmeros relatórios e livros de atas que, guardados por décadas em estado muitas vezes precário, me abriam a possibilidade de enxergar a história do futebol no Rio de Janeiro por novos ângulos.



Mesmo pessoas que não parecem fazer do futebol mais do que uma diversão de finais de semana, porém, mostraram-se também de vital importância para o bom desenvolvimento da investigação. No Arquivo Nacional, na Casa de Rui Barbosa, no Arquivo Edgar Leuenroth, na Biblioteca Nacional, no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e no Museu da Imagem e do Som contei sempre com a atenção e o esforço de funcionários que, procurando e reproduzindo para mim livros, periódicos ou maços de documentos empoeirados, facilitaram imensamente meu próprio trabalho. Fora dos arquivos e bibliotecas, o cansaço do tempo de pesquisa foi amenizado pela convivência com companheiros de ofício que, como eu, abriam mão do sol e das praias cariocas para entregarem-se às suas próprias investigações – como Flávio Gomes, Cristiana Pereira, Álvaro Nascimento, Sueann Caulfield, Eugênio Soares, Antonio Liberac, João Paulo Rodrigues e Fabiane Popinigi. Acompanhando esse momento, Gabriela Sampaio continuou nos meses seguintes, mesmo de longe, a ser um apoio fundamental. Já Alessandra El Far, desenvolvendo sua própria tese, compartilhou comigo não só a pesquisa, como também o processo de redação – o que nos permitiu formar um intenso sistema de ajuda mútua.

Na UNICAMP tive o prazer de desfrutar do convívio intelectual e do companheirismo de muitos outros colegas. Da Ciências Sociais, continuei a contar com o incentivo de velhos amigos como Jorge Carreta, Pedro Meira e Paulo Burian. Com Marcelo Balaban pude não só trocar dicas de fontes e idéias sobre literatura, mas também fortalecer uma ligação pessoal alimentada por anos seguidos de uma afetuosa convivência. Na pós-graduação em história voltei a desfrutar da companhia de colegas como Ana Paula Palamartchuck, Regina Xavier, Jefferson Cano, Lúcia Helena, Antonio Luigi Negro e Cândido Grangeiro – além de Aldrin Figueiredo, Magda Ricci, Edilza Fontes e Maria do Nazaré Sarges, com os quais tive ainda por um ano a chance dividir um proveitoso trabalho conjunto como professor visitante da Universidade Federal do Pará. Henrique Espada, outro dos parceiros dessa jornada, tornou-se um companheiro inseparável e interlocutor permanente, dividindo comigo as tensões e ansiedades de todo o processo de fechamento da tese.

Além das discussões com os colegas, tive ainda a oportunidade de dialogar na universidade com professores como Silvia Lara, responsável por um dos melhores cursos que assisti na pós-graduação, e Michal Hall – que, como de

costume, enriqueceu continuamente este trabalho com suas dicas e referências bibliográficas. Com Sidney Chalhoub, do qual já sou credor desde outros carnavais, tive o privilégio de compartilhar a árdua tarefa de organização de uma coletânea em meio ao processo de redação. Ele e Edgar de Decca, membros da banca de qualificação, deram ainda ao trabalho, no momento certo, aquilo que ele mais precisava: apoio e incentivo – brindando-no com leituras que, apesar de generosas, não deixaram também de ser críticas e instigantes. Já Maria Clementina Pereira Cunha, além do papel de orientadora, fez o de amiga. Me ouvindo pacientemente reclamar de minha angústias e incertezas ao longo de todo o processo de escrita e dedicando a mim boa parte de seu tempo e esforço, ele merece novamente minha eterna gratidão.

De fora dos limites da Academia, pude contar ainda com o auxílio constante de muitas outras pessoas. Em Brasília, uma extensa rede familiar serviu sempre para mim como uma verdadeira torcida organizada. Mariana, com a qual tenho uma velha dívida, tornou imensamente mais divertido o período de escrita, consolidando uma relação que já extrapola em muito os laços de parentesco. Júnior, por sua vez, além de acompanhar de perto o seu processo de conclusão prestou um providencial socorro à edição das imagens. Dando todo suporte de que precisei ao longo dos últimos meses, Dole facilitou significativamente o fechamento da tese. Suzana, “seu” Bento e Dona Zima agüentaram pacientemente nesse período minha longas ausências, dando sempre de longe seu estímulo. Elciene Azevedo, por fim, é uma referência que se espalha por todos os momentos: seja como presença ou como saudade, sua proximidade foi fundamental ao longo de cada segundo desse trajeto.

Resta ainda um último e importante agradecimento. Permitindo durante quatro anos dedicação integral a um trabalho sobre um tema aparentemente tão frívolo quanto o futebol, o CNPq mostra com as dissertações e teses que viabiliza sua importância como órgão financiador da pesquisa no país. A lamentar, apenas a progressiva diminuição do montante de recursos destinados a tais atividades e a progressiva defasagem do valor de bolsas fornecidas – que faz com que cada vez menos pesquisadores possam, como eu, transformar seu esforço no prazer de adentrar em novos campos de investigação para a pesquisa no Brasil.

São Paulo, janeiro de 1998

# Índice

|                                          |     |
|------------------------------------------|-----|
| Introdução                               | 1   |
| 1 - Um fidalgo <i>sport</i> ?            | 11  |
| Os aprendizes da civilização             | 14  |
| Higiene e <i>sport</i>                   | 36  |
| A liga da distinção                      | 53  |
| A moda do <i>high-life</i>               | 72  |
| 2 - O orgulho da nação                   | 91  |
| A febre do <i>foot-ball</i>              | 98  |
| As glórias do Brasil                     | 131 |
| Uma nação de desiguais                   | 155 |
| 3 - O jogo dos sentidos                  | 187 |
| A literatura entra em campo              | 189 |
| Nos arrabaldes do esporte                | 219 |
| Os trabalhadores da bola                 | 251 |
| Epílogo – Do <i>foot-ball</i> ao futebol | 284 |
| Ilustrações                              | 338 |
| Fontes                                   | 363 |
| Bibliografia                             | 375 |

## Introdução

Depois de um dia de pouco movimento no palácio presidencial, Getúlio Vargas recolhia-se aos seus aposentos para deixar marcadas, em um diário, as impressões sobre aquele 16 de junho de 1938. Narrando muito rapidamente seu despacho com os ministros militares, passou a tratar do grande evento do dia - a disputa entre os selecionados brasileiro e italiano, pela Copa do Mundo de 1938:

“O jogo monopolizou as atenções. A perda do *team* brasileiro para o italiano causou uma grande decepção e tristeza no espírito público, como se se tratasse de uma desgraça nacional”<sup>1</sup>

A atenção dedicada ao jogo parecia tão grande quanto o estranhamento frente à reação que ele causara. Mais que o resultado da partida, que tirava o time brasileiro da competição, era a comoção social causada pela derrota que parecia impressionar o ainda jovem presidente. Preferindo praticar esportes como o *golf*, ele não demonstrava ter no jogo da bola uma de suas paixões<sup>2</sup>, intrigando-se com a destemperada reação da torcida. Afinal, como um simples esporte poderia ter força o suficiente para atrair todas as atenções, transformando-se em um problema nacional?

Essa era uma questão que vinha, há algum tempo, despertando a atenção de Getúlio. Já em 1936 ele tratava em seu gabinete de questões relacionadas ao esporte, em especial nas audiências com Lulu Aranha - presidente da Confederação Brasileira de Desportos e irmão do ministro Oswaldo Aranha. No ano seguinte, chamara a sua atenção um incidente ocorrido em uma partida entre argentinos e brasileiros em Buenos Aires: “transmitida por informantes exaltados”, ela dera início no Rio de Janeiro “a algumas explosões inconvenientes” contra a nação argentina - em um caso que, mostrando a grande importância social do futebol, poderia segundo o presidente ter causado “estremecimento de relações” entre os dois países<sup>3</sup>. Era mesmo a Copa de 1938, porém, que consolidava para ele esse movimento. No primeiro jogo brasileiro, contra os poloneses, ele notara que a população da capital ficara “empolgada pela

---

<sup>1</sup> - Getúlio Vargas, *Diário*, vol.2, São Paulo: Siciliano, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995, pg140.

<sup>2</sup> - Sua predileção pelo golf aparece em inúmeros momentos de seu diário, sendo mesmo esse esporte um de seus passatempos mais frequentes. Cf Getúlio Vargas, *op.cit.*, pg 138, 144, 146, 148.

descrição da partida, ouvida através do rádio, até que essa se decidisse pela vitória dos brasileiros”; o jogo seguinte, contra os tchecos, teria absorvido todas as atenções da cidade, que protestava contra a “parcialidade do juiz e a brutalidade dos contendores”; a vitória contra o mesmo time no jogo seguinte fôra, assim, um “acontecimento sensacional”<sup>4</sup>. Registrando as impressões causadas por cada um dos jogos brasileiros naquela Copa do Mundo, ele mostrava-se atento para o grande potencial articulador do futebol: revelando-se capaz de levantar paixões e ódios, ele assumia a feição de uma força motriz da nacionalidade.

Tal percepção, reafirmada no período por muitos intelectuais e escritores, não era infundada. Compartilhada por torcedores de origens e posições sociais diversas, a torcida intensa pelo seu selecionado parecia capaz de unir todos os brasileiros em uma mesma emoção. Cristalizando um processo de nacionalização do futebol, que ainda hoje marca a identidade habitualmente atribuída ao país, esse amplo sentimento verificado durante aquela disputa ia transformando o futebol em um dos símbolos maiores da brasilidade. Tendo assumido uma dimensão nunca antes vista na capital da república, a empolgação geral pela campanha do time brasileiro na copa de 1938 consolidava um sentimento que, na atualidade, parece natural para qualquer brasileiro que assista os jogos do selecionado ou orgulhe-se no exterior pelo reconhecimento imediato de jogadores de destaque como Pelé ou Ronaldinho. Fazendo do esporte uma prática definidora da cultura local, esse processo faz os brasileiros se auto-representarem como os mestre supremos do futebol - a partir da suposição de um talento para o jogo que, aparecendo como uma característica quase natural, confirmaria e daria um sentido inquestionável ao sentimento de identidade que une os habitantes do país. Triunfos como o tetra campeonato mundial ou a eleição de brasileiros radicados na Europa como os melhores jogadores do mundo aparecem, assim, como mera consequência dessa harmoniosa mistura racial que teria feito dos habitantes do país craques em potencial, em uma superioridade inata que faria do Brasil o país do futebol.

Esse amplo sentimento nacional não é, no entanto, tão natural quanto pode parecer para muitos dos que vibram em frente à televisão a cada gol da seleção. Embora enraizado na percepção de cada brasileiro que torça pelo seu sucesso, ele está

---

<sup>3</sup> - Conferir respectivamente Getúlio Vargas, *op.cit.*, vol. 1, pg 500 e vol.2, pg 18.

longe de ser um designio divino ou uma dádiva da natureza. Aparecendo como resultado de décadas de embates e tensões dentro e fora dos campos, ele tem portanto uma história. Embora essa apareça muitas vezes obscurecida pela sensação de pertencimento à comunidade nacional vivida por cada brasileiro na torcida pela sua seleção ou pela certeza desses torcedores de ter no sangue a mesma mistura que por décadas formou jogadores como Zizinho, Garrincha e Romário, ela pode nos ajudar a entender a própria lógica que originou a formação desse sentimento. Tentando entender a experiência dos muitos sujeitos que, por décadas, disputaram em torno de uma bola muito mais do que um jogo, podemos buscar os fios que deram forma a esse processo, na tentativa de compreender de forma ainda mais complexa o movimento que alimentou a consolidação do futebol no país.

Apesar do sucesso alcançado pelo jogo, essa é uma questão que raramente mereceu por parte de pesquisadores e estudiosos maiores atenções. Preocupados somente com questões ligadas à esfera do trabalho, historiadores e cientistas sociais deixaram nas sombras por muito tempo outras práticas não relacionadas com ele. Atestando a percepção que vê em fenômenos como o futebol assuntos de menor importância, seu silêncio indica a falta de atenção dedicada à experiência desses sujeitos fora do ambiente de trabalho. Entendendo o tempo livre pela lógica do trabalho, essas análises acabam muitas vezes por fazer do lazer dos trabalhadores um simples momento de preparação para a produção<sup>5</sup>. Deixando de lado a possibilidade de buscar seu sentido específico, esses estudos acabam assim por perder de vista a possibilidade de organização das tensões e conflitos sociais sob outra lógica - que diga respeito mais à experiências e aspirações dos próprios trabalhadores do que ao modo como essas eram entendidas por aqueles que só se interessavam pelo incremento de sua capacidade produtiva ou por suas virtudes revolucionárias.

No caso brasileiro, esse descaso reflete-se na desimportância que o tema assumiu na historiografia. Por mais que o jogo seja vivido como um fenômeno nacional, poucos são os trabalhos que têm procurado formar sobre ele uma

---

<sup>4</sup> -Idem, , pg 138 e 140.

<sup>5</sup> - É o caso, entre muitos outros, de Stedman Jones, que embora se mostre atento aos riscos de ver no esporte apenas um meio de disciplinarização e dominação sobre os grupos excluídos, acaba reproduzindo a visão que faz das atividades de lazer como o futebol meros reflexos da dominação exercida pela lógica do trabalho, e não como um campo próprio de articulação e expressão dos conflitos. Cf. G. Stedman Jones, Lenguajes de clase - estudios sobre la história de la clase obrera inglesa, México, Siglo Veintiuno Ed., 1989, p. 82-83.

compreensão histórica mais aprofundada<sup>6</sup>. Mesmo esses parecem, porém, manter entre si muitos pontos de contato. Apesar de suas diferenças, eles têm como matriz comum a obra O negro no futebol brasileiro, publicada em 1947 pelo jornalista Mário Filho<sup>7</sup>. Centrando sua atenção sobre a cidade do Rio de Janeiro, onde construiu sua vitoriosa carreira de cronista esportivo, Mário Filho definia para o futebol praticado no país uma periodização clara que, ao longo de sua obra, dividia em três períodos delimitados: no primeiro, que iria dos primeiros anos do século até meados de 1910, o futebol seria um jogo de elite, praticado somente pelos jovens elegantes que se associavam aos principais clubes da cidade; o segundo, que iria de 1910 até o final da década de 20, definiria o momento de aproximação de outras camadas sociais, sendo marcado pelo impulso sistemático de exclusão dos negros e pobres que começavam a se envolver com o jogo; por fim, um último período, que se iniciava na década de 30, assinalava finalmente a efetivação da presença negra nos campos, na concretização do que o próprio autor chamaria de “ascensão social do negro”.

Por mais correta que esteja, se olhada do ponto de vista de cronistas esportivos ou dos sócios dos clubes elegantes da cidade, esta periodização não deixa de ter seus limites. Embora tenha definido os marcos sobre os quais se construiriam muitas das análises posteriores sobre o jogo, ele centra sua atenção prioritariamente na forma pela qual a presença de negros e pobres foi percebida por aqueles que a viam como um grande inconveniente. Seu livro realiza, de maneira exemplar, uma história sobre a aceitação da presença negra por parte dessas camadas; não leva em conta, no entanto, outras possibilidades de percepção desse processo por parte daqueles que eram os alvos dessa exclusão. Fosse nos campos ou nas arquibancadas, torcedores diversos iam fazendo do jogo ao longo desse período muito mais do que pareciam perceber jornalistas como Mário Filho - atribuindo-lhe sentidos que nem de longe se encaixam na periodização proposta.

Uma compreensão mais abrangente sobre o processo de consolidação social do jogo no país depende, assim, de outro tipo de olhar – que busque não só a lógica que o

<sup>6</sup> - Entre as exceções, aparecem o trabalho de Micael Herschmann E Kátia Lerner, Lance de sorte. O futebol e o jogo do bicho na belle époque carioca, Rio de Janeiro: Diadorim, 1993; os artigos publicados na Revista USP, no. 22; as coletânea organizada por José Carlos Sebe Meihy e José Sebastião Witter (Futebol e cultura. Coletânea de estudos, São Paulo: IMESP, 1982) e Roberto Da Matta (Universo do futebol, Rio de Janeiro: Ed. Pinakothèque, 1982); e a rápida análise de Joel Rufino dos Santos, História política do futebol brasileiro, São Paulo: Brasiliense, 1981.

<sup>7</sup> - Mário Filho, O negro no futebol brasileiro, Rio de Janeiro: Forno, 1994 (1947).

futebol assumia para aqueles que pensavam ter o controle total sobre ele, mas também para os que, em outros espaços, iam entregando-se com afincos ao esporte bretão. Não se trata, porém, da simples possibilidade de inversão do sinal, que ignore o papel desses jornalistas e esportistas dos clubes elegantes para centrar sua análise somente sobre o modo pelo qual o jogo era praticado nos campos dos subúrbios e nas várzeas. Seguindo os ensinamentos de historiadores que tem há muito se mostrado atentos para a necessidade de buscar a “outra história” escondida por sob as construções políticas que tentam apagá-las<sup>8</sup>, tenta-se aqui juntar essa preocupação à possibilidade de entender esse processo de forma relacional – buscando no conflituoso diálogo estabelecido em torno do jogo a explicação para sua rápida consolidação na cidade. Trata-se assim de contar uma história que não privilegie somente um ponto de vista, seja na constituição de uma versão oficial ou na de uma história vista de baixo, mas de tentar entender esse movimento a partir da relação entre os muitos sujeitos nele envolvidos.

Como código compartilhado por grupos diversos, o futebol parece adequar-se com perfeição a esse propósito. Reunidos no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século indivíduos de variadas origens e condições sociais que tinham nesse jogo um de seus principais pontos de contato, o futebol constituía-se em um eficaz meio de comunicação entre esses grupos diversos. Mais do que investigar a experiência deste ou daquele agrupamento, trata-se de buscar o modo pelo qual parcelas diferentes e até antagônicas da sociedade fizeram do futebol um instrumento de expressão e de mediação de seus conflitos. Constituindo-se como um repertório comum a todos que lhes permitia estabelecer suas fronteiras, o jogo mostrava-se capaz de articular diferenças e identidades, fossem sociais, raciais, regionais ou nacionais. Analisar um tema aparentemente tão banal e frívolo como o futebol pode, assim, abrir uma nova janela de compreensão do período. Ajudando a desmontar algumas das certezas firmadas sobre ele, seja em relação à força geralmente atribuída ao Estado Novo na

<sup>8</sup> - Conferir, a respeito, a produção já clássica de historiadores como E.P. Thompson (*Tradición, revuelta y consciencia de clase. Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*, Barcelona: Crítica, 1979), E. Hobsbawm (*Mundos do trabalho. Novos estudos sobre história operária*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987) e G. Rudé (*A multidão na história. Estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra, 1730-1848*, Rio de Janeiro: Campus, 1991). Para uma análise mais geral do impulso deste grupo de historiadores marxistas ingleses no sentido de construir uma “história vinda de baixo”, ver o prefácio de E. Hobsbawm e Frederick Krantz, *A outra história. Ideologia e protesto popular nos séculos XVII-XIX*, Rio de Janeiro: Zahar, 1990; e Jim Sharpe, “A história vinda de baixo”, in Peter Burke (org.), *A escrita da história. Novas perspectivas*, São Paulo: Ed. UNESP, 1992.



construção de um totalitário sentimento nacional ou à passividade e falta de consciência que costumam caracterizar os trabalhadores nas décadas anteriores, o processo de consolidação do jogo em terras brasileiras indica novas possibilidades de compreensão desse processo.

Sendo uma história feita de tensões e distinções diversas, que fazem com que nela se cruzem jovens elegantes, operários, literatos, suburbanos, médicos e jogadores, ela aparece como um rico meio de análise sobre as possibilidades de diálogo e os embates entre esses grupos. Perdendo seu caráter homogêneo, as próprias parcelas iletradas da população carioca, vistas habitualmente por uma historiografia que assume a visão indiferenciada formada por jornalistas e literatos no período como um todo coeso e homogêneo - as tais “classes populares” – podem ser analisadas através do jogo em toda sua multiplicidade e dinâmica. Embora muitas vezes a identidade classista se sobrepusesse às demais, tornando-se mais visível do que outras, ela tinha em sua base uma infinidade de matizes, desacordos e tensões internas que não podem ser deixados de lado. Permitindo uma investigação desse processo em toda sua ambigüidade, o jogo da bola aparece como um rico meio de acesso ao movimento que levava à consolidação dessas e de outras identidades.

A busca desses diferentes pontos de vista em relação ao jogo nem sempre é, no entanto, uma tarefa das mais fáceis. Para alcançá-la, é necessário mais do que clareza de objetivos e imaginação histórica: é preciso buscar um *corpus* documental que a sustente. Permitindo que olhemos o jogo por vários ângulos, o cruzamento de fontes diversas abre a chance de enxergar o fenômeno em sua complexidade. Como testemunho histórico, cada documento se insere em uma rede de interlocução específica – seja um artigo de jornal de um dos muitos redatores esportivos que espalhavam-se pela cidade, uma libelo publicado em um pequeno jornal operário por um militante anarquista, a crônica literária de algum nome de destaque das letras nacionais, um livro de atas escrito pelos sócios de um clube esportivo ou o relatório policial do comissário encarregado de estabelecer sobre eles sua vigilância. Espalhando-se por vários arquivos e bibliotecas cariocas, a pesquisa buscou assim dar conta da mais variada gama de leituras possíveis sobre o jogo entre os seus contemporâneos. Tentando cruzar esses diferentes olhares, busca-se a possibilidade de resgatar o ambiente de conflito e diálogo dentro da qual elas foram produzidas. Como resultado desse esforço, pretende-se afirmar uma história sobre a prática do futebol no

Rio de Janeiro que, afastando-se da matriz habitual, perceba as dúvidas e incertezas que escondiam-se por trás das definições dos sentidos unívocos construídos para ele.

A análise se desenvolve assim sobre três eixos principais. Em primeiro lugar, trata-se de pensar a lógica e o sentido do processo de massificação cultural que permitiu, ao longo das primeiras décadas do século, a criação de fenômenos compartilhados como o futebol - dando a brasileiros de origens diversas um ponto de contato concreto sobre o qual poderiam construir suas identidades. Ligado a esse processo, e como consequência dele, aparece o impulso a partir do qual intelectuais diversos buscariam, ao longo desse período, constituir um perfil definido para o país - na tentativa de fazer da articulação geral propiciada por práticas como o futebol um meio de definição do perfil da nação, que ganhava ao longo desse período diferentes formas. Alimentando essas construções, a questão racial aparece como o último dos sustentáculos do processo de consolidação social do futebol analisado ao longo desse trabalho. Pensada e vivida de formas diversas ao longo desse período, ela ligava-se à própria possibilidade de efetivação, nos gramados, de um perfil harmônico e positivo do país - em uma imagem cujas contradições ficam claras na própria análise de sua montagem.

Não se trata por isso de propor uma grande história geral para o futebol brasileiro. Centrando a atenção na cidade do Rio de Janeiro, onde notava-se ainda nos primeiros tempos da República a presença de uma enorme massa de ex-escravos que se misturavam aos brancos de diferentes condições sociais e aos imigrantes de nacionalidade diversas que chegavam à cidade, pretende-se fazer do jogo um simples meio de entender o modo como, no período, a efetivação das diferenças e antagonismos sociais teve em eventos como ele importantes canais de afirmação. Com sua grande preponderância negra, o Rio aparecia como um dos lugares onde essas diferenças se mostrariam com mais intensidade; como capital da República, no entanto, ela serviria também de vitrine para os processos posteriores de construção através do jogo de uma imagem harmônica e democrática do país. Por mais que em outras cidades como São Paulo o esporte pudesse ter um desenvolvimento igual ou maior que aquele experimentado entre os cariocas, era na capital federal que mostravam-se, de maneira mais clara as ambigüidades e contradições desse processo.

Essa é uma história que teve seu início ainda nos primeiros anos desse século, e pode ser grosso modo resumida em quatro momentos, que formam cada uma das

partes desse trabalho. O primeiro deles, analisado no capítulo inicial, se dava ainda nos primórdios do jogo em terras cariocas, quando o futebol surgia no Rio de Janeiro como uma novidade moderna e elegante. Tendo sido introduzido no Brasil por imigrantes europeus e por jovens que traziam da Europa as novidades do moderno esporte, os anos iniciais do futebol na cidade ganharam na historiografia, como vimos, a marca de um jogo de elite, um fidalgo esporte inacessível a negros e a trabalhadores em geral - na reafirmação de uma imagem construída, no período, pelos próprios admiradores do jogo que se reuniam nos recém-fundados clubes da zona sul. Tentando entender a lógica dessa construção, centra-se a atenção então nesses jovens *sportmen* que, na posteridade, ficariam imortalizados como os grandes iniciadores do futebol no Brasil, buscando os motivos de sua devoção ao jogo e o sentido da operação que realizavam.

Não demoraria, porém, para que o novo esporte perdesse a marca elitista construída em seus primeiros anos. Já no fim da década de 10 o entusiasmo que ele causava na cidade não permitiria mais aos contemporâneos caracterizá-lo como uma prática restrita ao grupo dos esportistas filiados aos clubes elegantes da cidade. Tornando-se cada vez mais evidente a participação no jogo dos negros e dos operários que se tentavam excluir, esse processo teria como consequência mais visível o crescente entusiasmo gerado pelos jogos dos selecionados nacionais, formados ainda somente por jogadores do Rio e de São Paulo. Centrando a atenção nesse processo, o segundo capítulo tenta entender como, através do jogo, se consolidava uma identidade geral entre os brasileiros do Rio de Janeiro, na constituição de um nacionalismo compartilhado por indivíduos de diferentes etnias e profissões. Torcendo ardentemente pelo time nacional e fazendo dos jogadores de outras equipes os seus adversários, esses torcedores evidenciavam a importância que o sentimento nacional ia assumindo entre diversos segmentos da população carioca. Seu próprio processo de consolidação indicava, entretanto, as fissuras e ambigüidades de sua construção - que faziam dele um campo de disputas em torno de outros objetivos, além da bola. Mediado por outras identidades que não se apagavam sob o sentimento nacional, ele ganhava um perfil muito menos homogêneo do que desejariam muitos dos intelectuais que, no período, defendiam ardorosamente o patriotismo e o civismo. Trata-se assim de adentrar o tema do nacionalismo buscando, mais do que a lógica dos projetos nacionais construídos pelos escritores do período, os sentidos que ele poderia assumir para aqueles que se

limitavam a torcer, das arquibancadas ou das gerais, pela vitória de um time no qual viam a representação da própria nação.

O fato de que compartilhassem a torcida por um mesmo selecionado não anulava, entretanto, a possibilidade que os torcedores cariocas construíssem diferentes significados para o futebol. Objeto de grandes discussões entre literatos e médicos, o esporte servia a eles como uma forma de efetivação de propostas diversas para a sociedade. Sem aceitar passivamente essas construções, os admiradores do jogo reunidos nos centros esportivos formados nos subúrbios ou nos seus locais de trabalho iam fazendo dele um meio de efetivação de suas aspirações sociais específicas. Tendo no futebol um elemento importante de sua experiência, eles apropriam-se da imagem positiva formulada para o jogo por seus ideólogos, imprimindo-lhe novos significados que o colocavam a serviço de suas próprias causas. Analisados no terceiro capítulo desse trabalho, esses múltiplos sentidos atribuídos ao jogo evidenciavam sua natureza polissêmica e multifacetada, que se prestava a diferentes apropriações. Como código comum compartilhado por grupos diversos, o futebol transformava-se em um bom meio de exprimir suas diferenças e embates, efetivando uma tensa comunicação entre os projetos letrados e as visões de mundo dos muitos operários e suburbanos que se entregavam à sua prática.

Por fim, um epílogo conclusivo centrará sua atenção no processo que, nas décadas de 20 e 30, permitiria que toda essa diversidade e polissemia resultasse na transformação do jogo em uma força motriz do sentimento nacional ainda hoje a ele associado. Antes do apito final, era necessário mostrar como foi possível construir para um jogo que se prestava a apropriações tão díspares uma imagem unívoca, que resultaria na transformação definitiva do *“foot-ball”* no abasileirado “futebol”. Mais do que um meio de afirmação da identidade entre os brasileiros, como nas disputas realizadas pelo selecionado representativo do país, o jogo ganharia então contornos de um esporte tido como autenticamente nacional. Na base desse processo estava um movimento mais geral, que tinha em Gilberto Freyre um de seus artífices principais. Passando a ver a herança negra do país não mais como um problema, mas como uma grande vantagem, esse movimento levantava para os times brasileiros a possibilidade de construção de um outro modelo de futebol. Naturalizando nos negros e mestiços características tidas como imanentes à sua raça, como a ginga e a malandragem, firmava-se então a visão que fazia do futebol praticado no país a junção da técnica e da

disciplina européia com a malemolência africana, na constituição de um modelo verdadeiramente brasileiro de lidar com a bola. Como resultado direto dessa imagem, o jogo logo passaria a ser considerado um esporte nacional - no qual os brasileiros seriam não mais os aprendizes, como acontecia antes, mas os grandes mestres. Resultado de uma longa história de disputas em torno da devoção geral pelos selecionados representativos do país, essa consolidação da presença negra no jogo mostrava o dinamismo da relação contraditória que, há anos, vinha igualando grupos diversos em uma mesma torcida, na constituição de uma identidade comum.

Busca-se assim, nessas páginas, os fios que deram forma à construção social do amplo sentimento nacional testemunhado por Getúlio Vargas em 1938 - o qual, seja nas disputas esportivas ou em outros momentos cívicos, mostra ainda na atualidade toda a sua força. Vendo a cultura não como um campo de construção de harmonias e consensos, na reafirmação de uma lógica expressa há décadas pelo próprio Gilberto Freyre e seus seguidores, mas como um meio de efetivação de disputas e embates entre diferentes práticas e tradições, esse trabalho procura na experiência de sujeitos diversos as múltiplas possibilidades de significado que se engendravam no próprio processo de construção da nacionalidade. Recompondo suas tramas, podemos tentar entender esse movimento de outros pontos de vista, que não tenham necessariamente na cadeira presidencial ou na pena dos escritores que ao longo desse período se entregaram à sua análise os únicos pontos privilegiados de observação.

## Capítulo 1 - Um fidalgo sport?

Quando em 1897, retornando ao Brasil após alguns anos de estudos na Suíça, o jovem Oscar Cox resolveu trazer em sua bagagem uma bola, como aquelas que ele e seus colegas usavam para praticar o *foot-ball*, não podia ainda saber o papel destacado que o futuro estaria por lhe reservar. Morando em um país que reunia grande número de estudantes de várias localidades, Cox era apenas mais um entre os muitos jovens influenciados pela rápida difusão do chamado “esporte bretão”. Terminados os estudos, ele voltava ao Rio de Janeiro sem esquecer-se dos novos hábitos adquiridos. Na expectativa de conseguir juntar na cidade o contingente de jogadores necessário para a prática do jogo, Cox passou a agitar uma boa parte da juventude estudantil carioca, promovendo jogos e tentando despertar em seus amigos o interesse pelo novo esporte. Aos olhos de jovens que, como Victor Etchegaray, aderiram à sua campanha, ele tornava-se portanto o grande incentivador do jogo na capital federal<sup>1</sup>.

Não que ele tivesse, de fato, introduzido o jogo da bola na cidade. Como contemporâneo de Cox, Victor bem sabia que, mesmo antes de sua temporada na Europa, o futebol já era conhecido no Rio de Janeiro - não só nos clubes formados por ingleses, onde era praticado há mais tempo, mas também nas exibições de marinheiros estrangeiros na região do cais do porto ou em sua prática esporádica em colégios elegantes<sup>2</sup>. Segundo Luiz Edmundo, colega de Cox no colégio Abílio, ele próprio, “quando menino”, teria trazido de uma viagem familiar à Inglaterra uma bola com a qual, por volta de 1890, teria disputado com seus colegas algumas partidas do novo jogo nos horários de recreio<sup>3</sup>. Estas partidas, jogadas “aos berros, aos pontapés e aos empurrões”, praticadas apenas como um “interessante passatempo” que vinha substituir outros jogos como o “gude” e o “quatro-cantos”, tinham porém uma diferença básica em relação àquelas que Cox se habituaria a jogar na Europa: as regras da *Foot-ball Association*, associação futebolística fundada na Inglaterra em 1863 que começava a

<sup>1</sup> - Victor Etchegaray, “O papel do Fluminense no advento dos esportes terrestres no Rio de Janeiro”, in *F.F.C.*, no. 40, 17 de julho de 1932.

<sup>2</sup> - Cf. José Sebastião Witter, *O que é futebol*, São Paulo: Brasiliense, 1990, pg 48; e Roberto Mércio, *A história dos campeonatos cariocas de futebol*, Rio de Janeiro: Studio Alfa, 1985, pg 16.

<sup>3</sup> - Luiz Edmundo, *De um livro de memórias*, Rio de Janeiro: Depto. De Imprensa Nacional, 1958, pp 334-336.

definir a forma do futebol como o conhecemos hoje<sup>4</sup>. O próprio Luiz Edmundo reconhecia que as formas pelas quais o futebol era jogado no colégio “bem pouco correspondiam às regras clássicas estabelecidas pelos jogadores ingleses”<sup>5</sup>. Junto com a bola, portanto, Cox provavelmente trouxera em sua mala as regras de um jogo que, décadas depois, estaria consolidado como um grande fenômeno na cidade - o que permitiu a alguns caracterizá-lo como um grande “pioneiro”, o “incontestável introdutor do futebol no Brasil”<sup>6</sup>. De simples estudante em busca de diversão, Cox transformava-se assim, aos olhos da posteridade, no marco inicial da história do jogo da bola nas terras cariocas.

É bem verdade que, três anos antes, outro “pioneiro” já havia tido o privilégio de introduzir o esporte no país: Charles Muller, um brasileiro com nome anglo-saxão a quem os estudiosos do futebol são quase unânimes em apontar como o pioneiro do jogo no Brasil<sup>7</sup>. Não por acaso, a história de Muller guarda grandes semelhanças com aquela que, poucos anos depois, seria vivida por Oscar Cox. Tendo ido em 1883, aos nove anos, morar em Southampton, na Inglaterra, ele se iniciaria nas muitas escolas em que estudou nas diversas modalidades esportivas que a Inglaterra exportava para os outros países - como o tênis, o *rugby* e o *cricket*. Foi mesmo o *foot-ball*, porém, o principal fator de entusiasmo do jovem estudante - que, destacando-se entre os seus colegas, chegou mesmo a defender o selecionado de seu condado. Terminando os estudos em 1894 Muller, então com vinte anos, voltou para São Paulo, sua cidade natal, trazendo na bagagem duas bolas e um manual de regras do novo jogo. Associando-se a um grupo de ingleses da Companhia de gás, do London Bank e da Estrada de ferro, ele passaria a promover partidas, formar times e fundar clubes, aparecendo como o grande incentivador do futebol na capital paulista<sup>8</sup>. Tornava-se assim, para muitos, o grande

<sup>4</sup> - Sobre o surgimento da “Foot-ball Association”, criada a partir do encontro de representantes de alguns times de futebol de Londres, conferir Antonio Papa e Guido Panico, *Storia Sociale del calcio in Itália*, Bolonha: Il Mulino, 1993, pg 11.

<sup>5</sup> - Luiz Edmundo, op.cit., pg 334.

<sup>6</sup> - Paulo Coelho Netto, *O Fluminense na intimidade*, vol. 2, Rio de Janeiro: S/E, 1969, pg 27 e 44.

<sup>7</sup> - Conferir, entre outros, Tomaz Mazzoni, *História do futebol no Brasil (1894-1945)*, São Paulo: Leia, 1950; Anatol Rosenfeld, “O futebol no Brasil”, in *Negro, macumba e futebol*, São Paulo: Perspectiva, 1993; Waldenyr Caldas, *O Pontapé inicial. Memória do futebol brasileiro*, São Paulo: IBRASA, 1990, pp 22-23; e Robert Levine, “Esporte e sociedade”, in J.C. Sebe Meihy e J.S. Witter, *Futebol e cultura. Coletânea de estudos*, São Paulo: Imprensa Oficial, 1982, pg 23.

<sup>8</sup> - Estas informações foram tiradas do depoimento de Helena Muller, sua filha. Cf. Helena Muller, “Charles Muller, meu pai”, in *Memória*, ano VI, no. 20, jan-set 1994, pp 68-69.

precursor do futebol no Brasil, o que lhe garantiria um lugar de destaque no panteão dos heróis do esporte nacional.

Muller e Cox. Ambos jovens que, apesar dos nomes estrangeiros, eram nascidos no Brasil; ambos filhos de famílias abastadas que buscaram, na Europa, a base de uma educação que não poderiam ter em seu país de origem - trazendo de lá a semente de novas práticas e tradições. Mais que mera coincidência, a semelhança entre suas trajetórias indica a lógica que caracterizou a consolidação de uma certa memória sobre o jogo - que vê no futebol um esporte que “nasce e se desenvolve entre a elite”<sup>9</sup>. Ele seria, neste tipo de visão, um jogo “predominantemente das camadas superiores”, praticado por “membros de famílias abastadas”<sup>10</sup>. Nas palavras de Mário Filho, primeiro grande cronista esportivo do país, “era uma época que se podia chamar de branca”, não havendo lugar no jogo para negros e pobres<sup>11</sup>. Histórias como a dos dois “pioneiros” servem assim para atestar o caráter elitista da geração do esporte no Brasil, que teria nascido somente pelo impulso isolado de alguns grupos abastados que buscavam na Europa as raízes de uma nova cultura e de uma nova civilização para a recém instaurada república brasileira. Elegendo como seus grandes marcos figuras como Charles Muller e Oscar Cox, que difundiram no Brasil as regras que norteavam a prática do *foot-ball association* na Inglaterra, memorialistas e historiadores participam do processo de criação de uma memória do futebol que, tendo um perfil elitista e excludente, é paralela àquela criada para o próprio país nos primeiros tempos do novo regime<sup>12</sup>.

Histórias como a de Cox, Muller e outros jovens endinheirados que, como eles, deram os primeiros impulsos ao futebol no país, foram realmente parte importante da difusão do jogo no Brasil; elas não bastam, porém, para explicar a própria história do jogo em seus primeiros anos no país. Se tiveram participação decisiva na consolidação do futebol brasileiro, eles são parte de um processo mais amplo que fez com que, em

<sup>9</sup> - Waldenyr Caldas, “Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro”, *Revista USP*, 22, jun/jul/ago de 1994, pg 42.

<sup>10</sup> - Conferir, respectivamente, Anatol Rosenfeld, op.cit., pg 77; e José Sebastião Witter, *O que é futebol?*, São Paulo: Brasiliense, 1990, pg 50.

<sup>11</sup> - Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*, Rio de Janeiro: Forno, 1994, pg 4.

<sup>12</sup> - Sobre o caráter oligárquico atribuído por muitos historiadores às primeiras décadas da República, conferir, entre outros, Edgar Carone, *A Primeira República*, São Paulo: Difusão européia do livro, 1969. Esta é porém uma concepção que, tendo marcado fortemente a historiografia da década de sessenta, encontra-se presente também em análises posteriores - que, mesmo criticando a associação dos acontecimentos de 30 com o modelo clássico da revolução burguesa, mantinham intocada a idéia de que 1930 marcou o momento de emergência das classes populares enquanto sujeito político, negando



todo o mundo, esse jogo tenha se transformado em um verdadeiro fenômeno. Investigar os sentidos específicos da luta de membros destes círculos letrados em defesa do esporte é, assim, um bom meio para começarmos a buscar um aprofundamento das análises sobre o jogo. Deixando de lado a legenda criada em torno de figuras como Charles Muller, Oscar Cox e outros de seus companheiros, podemos tentar entender, através de suas histórias, algo mais sobre a trajetória do futebol brasileiro - fazendo a ela novas perguntas que iluminem não só a história do jogo e de seus praticantes, mas também a lógica que moveu a consolidação dos sentidos que, há tempos, têm sido atribuídos aos primeiros anos do futebol no Brasil.

### Os aprendizes da civilização

Pode parecer estranho, nos dias de hoje, pensar sobre um momento no qual o futebol era ainda uma completa novidade. Sem ver necessariamente nele os encantos que atualmente nos parecem muito naturais, os contemporâneos de Cox poderiam olhá-lo como um jogo brutal e sem sentido - no qual onze homens, correndo de um lado para o outro atrás de uma bola, lutavam contra outros onze para fazê-la passar por debaixo de três balizas de madeira. Para os jovens que o praticavam, porém, ele parecia ser muito mais do que isso. Se a vitória da campanha de Cox em favor do futebol foi indiscutível, ela não pode ser explicada pelo simples poder de sedução da disputada bola. Atraindo dezenas de rapazes distintos e bem educados, o futebol mostrava ter, para eles, algo especial. O sucesso alcançado pelo jogo nos seus primeiros anos no país por entre estes círculos da juventude refinada apresenta-se, desta forma, como um enigma a ser decifrado.

A consolidação do jogo na cidade foi o resultado de um longo processo. Os esforços de Cox em favor do esporte demorariam alguns anos para colher os primeiros frutos. Como bom filho de ingleses, ele filiou-se após seu regresso ao Payssandu Cricket Club, fundado em 1892 por membros da colônia bretã<sup>13</sup>. Lá, junto com os compatriotas de seus pais, participou de algumas partidas do novo jogo - assim como

---

implicitamente suas possibilidades de ação autônoma durante a chamada República Velha. Cf. Boris Fausto, *A revolução de 30. Historiografia e história*, São Paulo: Brasiliense, 1994 (1970)

<sup>13</sup> - Cf. "Os clubs de *foot-ball*", *Correio da Manhã - Suplemento Ilustrado*, 2 de abril de 1906.

acontecendo no Rio Cricket and Athletic Association, clube fundado em 1896 pela colônia inglesa de Niterói<sup>14</sup>. Estas partidas tinham porém um caráter restrito, servindo apenas como diversão interna dos membros do clube<sup>15</sup>. Apenas em setembro de 1901 ele e alguns de seus companheiros fizeram um esforço mais concreto para dar ao jogo o estatuto de uma atividade independente, que extrapolasse os limites do clube e da colônia inglesa - através de uma disputa organizada entre jovens brasileiros contra os sócios do Rio Cricket. Realizada na manhã do dia 22 de setembro, um domingo, a partida marcaria para muitos o início do futebol no Rio de Janeiro. O cronista esportivo do Correio da Manhã anunciava no dia do jogo que seria disputada “pela primeira vez, no Rio de Janeiro, uma partida de *foot-ball*”. Afirmando o grande entusiasmo dos participantes, não escondia sua preferência pelos brasileiros<sup>16</sup> - entre os quais estavam nomes como Victor Etchegaray, Walter Schuback e Max Naegeli. Descendentes de ingleses como Cox, estes jovens com sobrenomes estrangeiros formavam então a primeira equipe de brasileiros que, na capital da república, iria se bater com os ingleses em uma disputa futebolística.

Constituindo um marco na história do jogo na cidade, a partida não parece porém ter atraído a atenção dos seus contemporâneos. Segundo um deles, o número de jogadores teria sido maior do que o do público presente - formado pelo pai e pela irmã de Victor Etchegaray, dois amigos dos jogadores e onze tenistas que estavam no clube por acaso<sup>17</sup>. Dos grandes jornais, apenas o Correio da Manhã abria um pequeno espaço em sua coluna “Sport” para noticiar o evento: depois de jogarem dois tempos de vinte minutos, com quinze de intervalo, brasileiros e ingleses empatavam, tendo cada time feito apenas um gol. O cronista elogia Oscar Cox, o capitão que teria conduzido o time brasileiro “com muita combinação”; não consegue porém esconder sua decepção com o fato de que a partida tenha ficado “indecisa” - afinal os jogos esportivos que estava acostumado a noticiar, como o turf e o remo, sempre tinham necessariamente um vencedor. O jogo de desempate, realizado no domingo seguinte, só pioraria a situação:

<sup>14</sup> - Cd. “Sport”, Jornal do Comércio, 16 de agosto de 1906

<sup>15</sup> - Cf. Luiz Edmundo, op.cit., pg 334-337, e O Rio de Janeiro do meu tempo, Rio de Janeiro: Xenon, 1987, pg 329.

<sup>16</sup> - “Sport”, Correio da Manhã, 22 de setembro de 1901. Existem na bibliografia referências sobre outra data para este jogo inicial, que teria sido realizada no dia 1 de agosto daquele ano - como defende Paulo Coelho Netto, O Fluminense na intimidade, vol. 1, Rio de Janeiro: S/E, 1969, pg 76. O noticiário dos jornais, no entanto, definem mesmo como marco o dia 22 de setembro.

<sup>17</sup> - Cf. Luiz Edmundo, O Rio de Janeiro do meu tempo, op.cit., pg 329; e Paulo Coelho Netto, op.cit., pg 76.

novamente ele ficara “indeciso, como na primeira vez”, tendo cada time marcado dois gols<sup>18</sup> - sendo por isso marcado outro jogo para o domingo seguinte às quatro e meia da tarde. Para esta nova partida Oscar Cox, talvez temendo pela desistência do único órgão de imprensa que noticiava os jogos, chega mesmo a mandar um “delicado convite” para o desesperançoso cronista do Correio da Manhã. A nova partida, porém, também terminaria empatada, sendo anunciado outro desempate para o domingo seguinte<sup>19</sup>. Se esta nova partida realmente existiu, não se sabe; o cronista parecia, porém, ter desanimado diante de tanta “indecisão”, e não dá mais notícias a respeito. Esse seu estranhamento com os resultados dos jogos atesta a grande novidade que ele representava para uma geração que, por mais que estivesse acostumada aos modismos europeus, não tinha ainda a menor familiaridade com o futebol<sup>20</sup>.

A ignorância esportiva do redator era porém diretamente proporcional ao grande influxo que, em outros países, o jogo ia ganhando no período. Ainda que no Brasil fossem poucos os que o conhecessem, ele era há tempos um evento mundial. Praticado na Inglaterra e em outros países da Europa desde meados do século XIX, o jogo já se constituía, naquele momento, em uma grande mania no velho continente. Várias são as hipóteses sobre a origem do futebol - em uma discussão que diz mais sobre aqueles que a formulam do que sobre a própria origem do esporte<sup>21</sup>. É de 1863, porém, a definição de um modelo de jogo similar ao futebol que conhecemos hoje. Neste ano representantes de vários times de Londres se reuniam para fundar a *Foot-ball Association*, federação dos clubes destinados a esta modalidade que começaria a uniformizar seus procedimentos e suas regras<sup>22</sup>. Misturado até então ao *rugby*, muito praticado na Inglaterra, o futebol ganhava com esta associação uma maior autonomia. Mais do que uma padronização, no entanto, buscava-se um meio de controlar a violência das formas pelas quais o jogo era praticado, em especial entre trabalhadores - que tinham há tempos entre suas tradições uma modalidade do jogo denominada *mob foot-*

<sup>18</sup> - “Sport”, Correio da Manhã, 3 de outubro de 1901.

<sup>19</sup> - “Sport”, Correio da Manhã, 9 de outubro de 1901 e 15 de outubro de 1901.

<sup>20</sup> - Sobre os sentidos do apego aos modismos europeus no período, ver Jeffrey Needell, Belle Époque Tropical. São Paulo: Cia. das Letras, 1993, em especial o capítulo 5. A presença do futebol neste processo é analisada por Matthew Shirts, “Futebol no Brasil ou *foot-ball in Brazil*”, in J.S. Witter e J.C. Meihy, Futebol e cultura. Coletânea de estudos, São Paulo: IMESP, 1982, pp87-99.

<sup>21</sup> - Para muitos italianos, por exemplo, ele seria um fruto do *gioco del pallone*, praticado há muitos séculos na Itália; a semelhança, porém, parecia encerrar-se somente no uso da bola, tendo este jogo grandes diferenças com o futebol tanto na forma quanto no espírito Cf. Antonio Papa e Guido Panico, Storia sociale del calcio in Italia, Bolonha: Il Mulino, 1993, pp 36-40.

<sup>22</sup> - Cf Antonio Papa e Guido Panico, op.cit., pg 11.

*ball* que, sendo disputado com alto grau de violência, era combatido e perseguido desde o século XIV<sup>23</sup>.

A nova associação logo começaria a obter bons resultados. Praticado junto com outros esportes desde o início do século XIX nas escolas como forma de controlar uma juventude rebelde e indisciplinada, o novo modelo de futebol parecia restrito, a princípio, aos círculos letrados<sup>24</sup>. Após a fundação da *Foot-ball Association* ele teria porém um crescimento vertiginoso. Atraindo de início somente os trabalhadores especializados, ele logo se alastraria entre parcelas mais amplas do operariado, constituindo-se como um grande fenômeno<sup>25</sup>. Instituída a liga que organizaria os campeonatos anuais, a presença dos trabalhadores se fazia notar tanto nas arquibancadas quanto no campo - sendo a maior parte dos atletas de origem proletária. O futebol transformava-se em assunto dileto das conversas de bar, unindo trabalhadores de uma mesma cidade em torno de uma paixão comum pelo seu time ou dividindo-os em comunidades rivais, como acontecia em cidades maiores como Manchester e Nottingham<sup>26</sup>. Talvez pela própria semelhança com alguns destes seus antigos divertimentos, o jogo tornava-se, na década de 1880, uma espécie de “religião leiga” para os trabalhadores ingleses - constituindo um dos elementos marcantes da construção da identidade operária no período<sup>27</sup>.

A força do jogo na Inglaterra logo faria com que, a reboque dos trabalhadores especializados e dos produtos ingleses que se espalhavam pelo mundo na segunda metade do século XIX, ele alcançasse uma grande difusão na Europa Continental - onde já existia um apego mais antigo aos exercícios de cultura física. Já em 1855, antes mesmo da fundação da *Foot-ball Association*, ele se fizera notar na Suíça, país que reunia grande número de estudantes de diversos países - como seria o caso de Oscar Cox. Foi porém a década de 80 que marcou o momento de maior difusão do jogo pelo velho continente. Criados em torno das comunidades inglesas e escocesas, apareceriam neste período clubes destinados à prática do futebol em países como a França, a Holanda, a Dinamarca, a Rússia, a Espanha, a Itália e a própria Suíça. Esta rápida

<sup>23</sup> - Antonio Papa e Guido Panico, op.cit., pg 11.

<sup>24</sup> - Antonio Papa e Guido Panico, op.cit., pg 10.

<sup>25</sup> - E. Hobsbawm, *Mundos do trabalho*, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987., pp 262-288

<sup>26</sup> - Cf. Nicolau Sevcenko, “Futebol, metrópoles e desatinos”, *Revista USP*, no. 22, jun/jul/ago 1994, pg35.

proliferação levou à criação, em 1886, da *International Foot-ball Association Board*, que pretendia orientar e uniformizar a prática do futebol não só na Inglaterra, mas nos outros países pelos quais ele se espalhava. Ao contrário do que acontecia na Inglaterra, porém, nestes outros países o jogo estava longe de servir de elemento de identidade operária - sendo, pelo contrário, restrito aos jovens estudantes e aos técnicos especializados das companhias inglesas. Praticado nas escolas européias, de onde saiu a maior parte dos clubes do continente, ou nos clubes de ingleses, o jogo ganhava uma marca muito diferente daquela que assumia em seu país de origem<sup>28</sup>.

É com este caráter restrito que muitos jovens de países da América do Sul, como Argentina, Uruguai e Brasil, entram em contato com o jogo. Esse processo se deu por duas vias principais: a sua expansão junto com o capital e a tecnologia britânica, presentes de forma intensa no continente - que se concretizava na presença de trabalhadores especializados ingleses nestes países e na grande influência que a cultura bretã passava a ter sobre eles; e a experiência que jovens estudantes de famílias abastadas teriam com o jogo nos países europeus nos quais iam estudar<sup>29</sup>. Poderia-se assim dizer que a difusão do futebol expressava uma outra face do afamado imperialismo britânico, aparecendo para muitos como um elemento de descaracterização das culturas e tradições locais; melhor, entretanto, tentar entender mais a fundo a lógica deste processo, limitando-nos por hora à simples constatação da grande influência que os hábitos e práticas ingleses começavam a exercer no novo continente.

No Brasil não seria diferente. Como vimos, foi por ser sócio de um destes clubes ingleses que Cox conseguira praticar, depois de seu regresso da Europa, o jogo da bola. Neles o futebol aparecia como uma espécie de celebração da identidade bretã - como aconteceria ainda em 1902, quando o Rio Cricket promoveu uma festa em homenagem

<sup>27</sup> - A expressão é usada por E. Hobsbawm, op.cit., pg 262. Sobre o processo de invenção e recriação de tradições, conferir, do mesmo autor, "Introdução: A invenção das tradições", in Eric Hobsbawm e Terence Ranger, *A invenção das tradições*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

<sup>28</sup> - Antonio Papa e Guido Panico, op.cit., pp 13-30. No caso da França, conferir ainda Alfred Wahl, "Le footballeur français: de l'amateurisme au salariat (1890-1926)", *Le mouvement social*, no. 135, abril-jun/ 1986.

<sup>29</sup> - O primeiro destes fatores parece, na maior parte dos países da América, ter sido o mais marcante. Na Argentina, já em 1880 o jogo era adotado na English High School, dando início à sua difusão; no Chile e no Peru, eram os clubes compostos unicamente por ingleses que davam o impulso inicial ao jogo. Cf. Antonio Papa e Guido Panico, op.cit., pp30-31; e Julio Frydenberg, "Práticas y valores en el proceso de popularización del fútbol, Buenos Aires 1900-1910", *Entrepasados*, no. 12, 1997, pp. 7 - 29. Sobre a introdução do futebol na América do Sul, ver ainda Tony Mason. *Passion of the people? Football in South America*. Nova York: Verso, 1995, em especial o capítulo 1.

à coroação de Eduardo VII cuja grande atração seria um “*match de foot-ball*”<sup>30</sup>. Eram assim em grande medida os ingleses os difusores do novo jogo, fossem aqueles associados aos seus clubes restritos ou os que trabalhavam nas estradas de ferro e o levavam para as várzeas - o que explicava o maior desenvolvimento do esporte em São Paulo, onde a migração estrangeira se fez presente de forma muito mais intensa no período<sup>31</sup>. Com o entusiasmo de quem via no futebol um evento digno de nota, mas ainda sem a força e a técnica que o jogo adquirira em São Paulo, restava aos esportistas cariocas buscar, na cidade vizinha, o estímulo de que precisavam para desenvolvê-lo na capital federal. É o que fazem logo após a “indecisão” das primeiras partidas entre brasileiros e ingleses, na tentativa de buscar com seus vizinhos a empolgação que faltara na assistência destes jogos. Poucos dias depois do último dos empates, o Jornal do Comércio, transcrevendo matéria de um jornal paulista, afirmava que os esportistas das duas cidades teriam trocado telegramas nos quais marcavam para o final de semana seguinte duas partidas de *foot-ball*, a serem realizadas em São Paulo<sup>32</sup>. Sendo o primeiro jogo interestadual realizado no país, ele é entusiasticamente saudado pelo redator do jornal paulista - ainda mais porque, para sua alegria, a maior parte dos jogadores do Rio era formada de brasileiros, atestando o desenvolvimento que o jogo vinha ganhando no país. A partida, iniciada às 4:45 da manhã do dia 19 de outubro de 1901 no campo do São Paulo Athletic Club, traria surpresas: apesar da suposta superioridade do futebol paulista sobre o carioca e da presença no time paulista de jogadores de destaque como o próprio Charles Muller, os cariocas pareciam, aos olhos dos próprios jornalistas paulistas, ter o domínio da partida - que acabou em mais um empate, desta vez sem gols. No dia seguinte, apesar da presença nas arquibancadas de “distintas famílias” da cidade, o mesmo resultado se repetiria - embora a partida tenha sido descrita por um cronista paulista como “o mais belo jogo de *foot-ball* que temos visto”, enquanto outro destacava o “*training* constante e inteligente” dos adversários<sup>33</sup>.

Os surpreendentes resultados em São Paulo animaram os jogadores cariocas, que voltaram a merecer menções em grandes folhas como o Jornal do Brasil e o Correio da

<sup>30</sup> - Semana Sportiva, 14 de agosto de 1902.

<sup>31</sup> - Segundo Joseph Love, metade dos migrantes que chegaram ao Brasil nas primeiras décadas da República teria se estabelecido em São Paulo. Cf. Joseph Love, “Autonomia e independência: São Paulo e a federação brasileira, 1889-1937”, in História Geral da Civilização Brasileira, Tomo 3, 1º. volume, São Paulo: Difel, 1977, pg 55.

<sup>32</sup> - “Sport”, Jornal do Comércio, 20 de outubro de 1901.

Manhã - o qual classificou a participação do time carioca nestes jogos “brilhantíssima”<sup>34</sup>. Mostrando-se hábeis nas técnicas do novo esporte, os jovens reunidos em torno de Oscar Cox encontraram nestes jogos interestaduais o estímulo que faltava para dar forma às associações futebolísticas da cidade. A experiência foi assim repetida no ano seguinte, e no dia 14 de julho de 1902 eles iam novamente a São Paulo - dessa vez para enfrentar o Club Atlético Paulistano<sup>35</sup>. A derrota que sofriam na partida não foi, porém o único contratempo enfrentado pelos jogadores cariocas: tendo Oscar Cox deixado de fora o capitão do time formado pelos ingleses do Rio Cricket, Mr. Makintosh, ele resolveu formar seu próprio clube futebolístico<sup>36</sup>. Fundado em 18 de julho de 1902, ele teve o nome de Rio Foot-ball Club, evidenciando de forma direta sua ligação com os ingleses do Rio Cricket and Athletic Association. Ao lado de estrangeiros como H. Palm e Jacques Roesck já estavam, porém, brasileiros como Raul Brandão, Heitor Luz, Affonso de Castro e Emílio da Rocha Lima, que davam ao novo clube um caráter misto muito diferente daquela antiga associação<sup>37</sup>.

Quando os futebolistas que foram a São Paulo souberam da novidade, trataram também de organizar um clube. No dia 21 de julho de 1902, alguns deles recebiam em suas casas um bilhete postal enviado a todos pela comissão organizadora convidando-os a participar da assembléia de fundação da nova associação. Escolhidos por convite, os vinte jovens reunidos no dia 21 de julho de 1902 no prédio da rua Marquês de Abrantes no. 21 - residência de Horácio da Costa Santos, um dos jogadores - ouviram da boca de Oscar Cox a defesa da necessidade de formação de seu próprio clube. Com unanimidade de votos foi então fundado o Fluminense Foot-ball, sendo Cox escolhido seu primeiro presidente<sup>38</sup>. Tratam logo de formar duas comissões, uma para arranjar um terreno para a prática do jogo e outra para a redação dos estatutos. Tendo sido formado, segundo um dos presentes, por “rapazes da nossa melhor sociedade, quase todos educados em colégios da Inglaterra”<sup>39</sup>, o clube começava então o processo de consolidação do futebol

<sup>33</sup> - O Estado de São Paulo, 21 de outubro de 1901; e Ivan Proença, Futebol e palavra, Rio de Janeiro: José Olympo, 1981, pg 23.

<sup>34</sup> - Correio da Manhã, 22 de outubro de 1901.

<sup>35</sup> - “Pelos estados”, Correio da Manhã, 15 de julho de 1902.

<sup>36</sup> - Cf “Gazeta dos Sports”, Gazeta de Notícias, 20 de abril de 1906.

<sup>37</sup> - O Paiz, 17 de julho de 1902; Correio da Manhã, 25 de julho de 1902; e Semana Sportiva, 13 de setembro de 1902.

<sup>38</sup> - Actas de assembléias gerais do Fluminense F.C., V. 1, 21 de julho de 1902 - 29 de maio de 1918, fl.

1.

<sup>39</sup> - “Foot-ball”, Auto-sport, no. 3, 1 de novembro de 1912.

entre a juventude carioca.. Embora contasse com a presença de alguns estrangeiros, ele era formado basicamente por jovens brasileiros que, de olho nas novidades que conheciam na Europa, tentavam criar no Rio de Janeiro um espaço onde pudessem manter os novos hábitos adquiridos no exterior.

Apesar do entusiasmo destes jovens, seus clubes não mereciam ainda maiores atenções da imprensa carioca. Noticiando seu aparecimento com pequenas notas, os grandes jornais do Rio de Janeiro limitavam-se a divulgar muito ocasionalmente os eventos por eles promovidos. Até mesmo os periódicos esportivos, ainda prioritariamente dedicados ao *turf*, relutavam em divulgar suas atividades - alegando não fazê-lo “por absoluta falta de espaço”<sup>40</sup>. Nos círculos restritos da juventude educada nos colégios europeus, entretanto, o jogo ia se firmando de maneira rápida. As atividades patrocinadas pelos dois clubes atraíam admiradores de várias outras atividades esportivas, como o ciclismo e o remo - sendo Virgílio Leite, um dos fundadores do Fluminense, o presidente do Clube de Regatas do Flamengo, até então destinado exclusivamente aos esportes aquáticos<sup>41</sup>. Ainda no dia 30 de outubro daquele ano uma revista dizia ser “enorme o número de sócios” que eram propostos no Rio Foot-ball Club, o que já permitia a eles planejar a aquisição de um terreno em Botafogo para efetuar os jogos que realizavam todos os domingos e feriados<sup>42</sup>. O Fluminense, por sua vez, alugou por 100\$000 mensais uma área na Rua Guanabara para o mesmo fim<sup>43</sup>. Junto com os clubes ingleses, como o Payssandu e o Rio Cricket, eles iam assim firmando a prática do futebol na cidade.

Era mesmo o Fluminense, porém, que parecia atrair de maneira mais intensa novos admiradores para o jogo - talvez pela maior presença de brasileiros nos seus quadros. Levando aos seus jogos “moças da mais fina sociedade”, como acontecia desde 1902<sup>44</sup>, o clube ia aumentando o interesse da mocidade pelo futebol. Mesmo antigos sócios do Rio F.C., como Affonso de Castro, ingressariam posteriormente no Fluminense, que não parava de agregar os novos estudantes que chegavam da Europa<sup>45</sup>. Na festa de seu primeiro aniversário, realizada na sede do Clube, na rua Guanabara,

<sup>40</sup> - Conferir, por exemplo, a Semana Sportiva, 23 de agosto de 1902 e 20 de setembro de 1902.

<sup>41</sup> - Cf. Semana Sportiva, 13 de setembro de 1902; e Atas de assembléias gerais do Fluminense F.C., V. 1, op.cit., fl. 1.

<sup>42</sup> - Semana Sportiva, 30 de agosto de 1902 e 13 de setembro de 1902.

<sup>43</sup> - Atas de assembléias gerais do Fluminense F.C., V. 1, op.cit., fl. 3.

<sup>44</sup> - A Notícia, 29 de outubro de 1902, APUD Ivan Proença, op.cit., pg 24.

<sup>45</sup> - A Canoagem, 3 de outubro de 1903.



compareceram cerca de 30 rapazes que comemoraram, entre chopes, danças e “magníficas pilhérias”, o sucesso alcançado pelo clube - que na ocasião já contava com cerca de 130 sócios<sup>46</sup>. Era o seu grande crescimento que lhe permitiria terminar as obras do seu campo, concluídas no início de 1904, sem se endividar<sup>47</sup>. A rápida consolidação do Fluminense fazia dele um aglutinador do crescente entusiasmo que o futebol ia despertando no Rio de Janeiro - fazendo um cronista esportivo afirmar em 1903 “que com o esforço dos diretores deste club e dos outros clubs, em pouco tempo se consiga ver às tardes de domingo os bonds da Jardim Botânico repletos da nossa melhor sociedade para assistir aos *matches*”<sup>48</sup>.

Os sonhos do cronista ainda estavam, porém, longe de ser efetivados. Se em São Paulo, segundo uma nota publicada pelo Jornal do Comércio, alguns jogos já enchiam-se “de povo”<sup>49</sup>, no Rio a situação ainda era muito diferente. O aumento do interesse pelos jogos disputados por esses jovens, se podia ser realmente constatado, limitava-se aos membros da “escolhida sociedade” que começava a comparecer aos seus encontros, como aquele realizado em 20 de setembro de 1903 por dois times do clube<sup>50</sup>. Mesmo nos jogos interestaduais, que atraíam um maior interesse, este quadro não se alterava - como indicavam as duas partidas que o Club Atlético Paulistano jogou com o Fluminense em agosto de 1904, retratadas por um fotógrafo ali presente (Fig.1). Apesar da importância do jogo, ele não parece ter atraído muita gente ao campo da rua Guanabara. Segundo um cronista, embora reduzido o elegante e bem vestido público era composto por membros de “muitas famílias” e cavalheiros da cidade<sup>51</sup>. Ao esmero da vestimenta das arquibancadas correspondia, no campo, o aprumo dos jogadores do Fluminense (Fig.2). Ainda com seu primeiro uniforme cinza e branco, o time se apresentava em campo de maneira impecável. Com as camisas elegantes e bem passadas, as faixas que prendiam as bermudas e os penteados bem cuidados, os jogadores mostravam a altivez com a qual disputavam suas partidas. Composto por jovens de pele clara e bigodes bem aparados, em grande parte filhos de famílias européias, o time do Fluminense ia dando ao jogo no Rio de Janeiro um perfil bem definido: palco de afirmação de modismos e hábitos europeus, os estádios serviam para esta juventude

<sup>46</sup> - “Fluminense Foot-ball Club”, A Canoagem, 25 de julho de 1903.

<sup>47</sup> - Atas de assembleias gerais do Fluminense F.C., V. 1, op.cit., fl. 7.

<sup>48</sup> - “Foot-ball”, A Canoagem, 19 de setembro de 1903.

<sup>49</sup> - Jornal do Comércio, 14 de junho de 1904.

<sup>50</sup> - A Canoagem, 3 de outubro de 1903.

endinheirada como um espaço de celebração de sua diferença em relação aos muitos trabalhadores que se espalhavam pelas ruas da cidade, em um processo que ia imprimindo ao futebol a marca do refinamento.

Sendo ainda um jogo que entre os grupos letrados era restrito a pequenos círculos, não era de se estranhar o desconhecimento que jornalistas das grandes folhas da cidade mostravam ter em relação a ele - como era o caso do redator esportivo de O Paiz, que chega mesmo a chamar o jogo de “boof-ball” e de “foat-boal”<sup>52</sup>. Este desconhecimento estava, porém, com seus dias contados. Neste momento, sob influência da marca que o Fluminense ia dando ao jogo, o futebol parecia ir ganhando um novo impulso entre a juventude carioca, que se concretizava no surgimento de novos clubes - como o Foot-ball and Athletic Club, fundado em 27 de setembro de 1903 por brasileiros moradores de bairros um pouco mais afastados da região central como Tijuca, Andaraí e Engenho Velho<sup>53</sup>. Mesmo as associações que se destinavam a outros esportes, como o Club de Regatas do Flamengo, começavam a ensaiar seus primeiros chutes, em partidas contra o segundo e o terceiro time do Fluminense<sup>54</sup>. Para muitos, era uma mostra de que o jogo já ia “sendo tomado a sério nesta capital”<sup>55</sup> - em um movimento que teria em 1904 sua consolidação, com o surgimento de clubes como o Bangu, o Botafogo e o América.

Fundado em abril deste ano na distante estação do mesmo nome, o Bangu, assim como outros clubes da cidade, teve também nos estrangeiros seus precursores - beneficiando-se da imagem fidalga que ia sendo construída para o futebol na cidade. Chegados à cidade ainda em fins do século XIX para trabalhar para a Companhia Progresso Industrial, que administraria a fábrica de tecidos fundada no bairro em 1892, um grupo de técnicos ingleses logo teria começado a praticar o novo esporte<sup>56</sup>. Em princípio a direção da fábrica não parecia muito disposta a apoiar a iniciativa de seus empregados, que desejavam fundar um clube nos moldes daqueles que conheciam em seu país de origem; o desenvolvimento que o futebol ia atravessando no início do século

<sup>51</sup> - “Foot-ball”, O Paiz, 16 de agosto de 1904.

<sup>52</sup> - O Paiz, 16 de agosto de 1904 e 7 de setembro de 1904.

<sup>53</sup> - Cf. “Sport”, O Paiz, 18 de setembro de 1904 e “Os clubs de foot-ball”, Correio da Manhã - Suplemento Ilustrado, 22 de abril de 1906.

<sup>54</sup> - Conferir, Gazeta de Notícias, 4 de setembro de 1904 e O Paiz, 7 de setembro de 1904. Tratava-se, porém, de um jogo isolado - não sendo o futebol ainda praticado com constância no clube.

<sup>55</sup> - Cord, “Forças de terra e mar”, O Avança ano 1, no. 1, 4 de junho de 1904.

<sup>56</sup> - Cf. Gracilda Azevedo Silva, Bangu 100 anos. A fábrica e o bairro, Rio de Janeiro: Sabiá, 1989, pg 104.

e a marca de refinamento que clubes como o Fluminense iam construindo para o jogo parecem, porém, ter mudado sua opinião. Foi assim que, no dia 17 de abril de 1904, reuniam-se em uma casa emprestada pela Companhia nove rapazes para fundar o Bangu Athletic Club.. O apoio da direção da empresa já parecia, nesse momento, evidente. Além da sede por ela emprestada, era decidido nesta reunião que o Sr. Stack fosse encarregado de pedir ao diretor da fábrica, João Ferrer, o pano de cores branca e encarnada que seria usado no uniforme do time. Significativamente, era o mesmo João Ferrer o presidente honorário escolhido na eleição da diretoria do clube<sup>57</sup>.

De início, o clube parecia congregiar parcelas muito restritas dos empregados da fábrica, compondo-se somente de trabalhadores especializados de origem estrangeira - como Thomas Hellowell e James Hartley, diretores respectivamente das seções de dobração e teares e de alvejamento<sup>58</sup>. Tendo por fim a prática de esportes como o *football*, o *Cricket* e o *Lawn Tennis*, todos de origem inglesa, o clube mostrava ter como objetivos principais a diversão do numeroso contingente de trabalhadores britânicos da empresa. A redação de suas primeiras atas evidenciava a hegemonia inglesa no novo clube: escrita com boa letra pelo secretário John Starck, ela apresenta inúmeros erros de concordância e de ortografia - como “foram eleitos para servirão” e “quem quiser dará a sua nome” - evidenciando que mesmo o secretário escolhido na reunião tinha ainda dificuldades com o português<sup>59</sup>.

A necessidade de apoio por parte da fábrica faz, porém, com que os fundadores do clube logo ampliem este impulso inicial, atendendo aos interesses da Companhia. Já na reunião de fundação os participantes designavam um representante para convidar “os rapazes de entrar como sócio” - abrindo a possibilidade de aceitação de operários de outras origens<sup>60</sup>. O próprio valor da mensalidade proposta - 2\$000 como jóia para ingresso e 1\$000 mensais, contra os 5\$000 cobrados no Fluminense neste período - abria a possibilidade de participação de trabalhadores menos especializados. Quando sua fundação é noticiada pela imprensa, afirma-se que ele se destina à prática de “todos

<sup>57</sup> - “Ata da sessão de 17 de abril de 1904”, Livro de atas das sessões da diretoria do Bangu A.C. - 17.04.1904 - 26.10.1906

<sup>58</sup> - Cf. “Fábrica de Tecidos Bangu - Visita do Sr. Presidente da República”, Gazeta de Notícias, 12 de outubro de 1906.

<sup>59</sup> - São frequentes ainda expressões como “convidou o secretário de ler” e “nada contra a sua caráter”, apesar da letra bem desenhada de seu redator. Cf. “Ata da sessão de 24 de abril de 1904”, Livro de atas das sessões da diretoria do Bangu A.C. - 17.04.1904 - 26.10.1906

<sup>60</sup> - Cf. “Ata da sessão de 17 de abril de 1904”, Livros de ata da sessão das sessões da diretoria do Bangu A. C., 17.04.1904 - 26.10.1906

os *sports* tendentes a desenvolver o físico e o moral dos operários da companhia a que pertencem” - em uma indicação clara do interesse da fábrica de que o jogo fosse praticado também por outros grupos de operários<sup>61</sup>. Parecia normal, desse modo, que já na segunda assembléia do clube fossem aceitos como sócios “operários” como Bernardino Brito, Roldão Maia, Antonio Bernardino e outros que não tinham mais os nomes ingleses da maior parte dos fundadores<sup>62</sup>. Tendo como moeda de troca o perfil distinto e refinado que os sócios do Fluminense iam dando ao jogo, os funcionários da Companhia Progresso Industrial conseguem assim o apoio da direção da fábrica na solidificação de seu clube.

A marca sedutora atribuída ao jogo pelos sócios do Fluminense seria decisivo também na fundação de outra das associações esportivas que surgiram no período: o Botafogo Foot-ball Club. Neste caso, porém, esta influência apareceu de forma bastante diferenciada. Tudo começou em uma tarde de domingo, no dia 9 de julho de 1904. No campo do Payssandu Cricket Club “era enorme a elegante multidão” que se acotovelava para ver o já tradicional desafio de brasileiros contra ingleses. Os brasileiros, quase todos sócios do Fluminense, vencem a partida, sendo seus dois gols saudados com “aplausos delirantes dos assistentes”<sup>63</sup>. Entre eles estavam Flávio Ramos e Emmanuel Sodré, dois jovens estudantes do 4º. ano do Colégio Alfredo Gomes. No dia seguinte, no bonde que os levava ao colégio, Flávio - impressionado com o novo esporte e influenciado pelo desafio que opusera brasileiros e ingleses - propõe ao companheiro a fundação de um “club de foot-ball de origem puramente brasileira”<sup>64</sup>. Parecendo ver no Fluminense uma espécie de associação mista, onde a presença de estrangeiros e de descendentes de estrangeiros ainda era muito acentuada, Flávio propunha ao companheiro que se juntassem a outros jovens estudantes brasileiros, como Álvaro Werneck, Jacques Raymundo e Antonio Barroso - todos alunos do Ginásio Nacional - na fundação de um clube que prescindisse da participação britânica. Reunidos na tarde do dia 12 de agosto de 1904 na casa da avó de Flávio, no Largo do Humaitá, oito

<sup>61</sup> - “Sport”, Jornal do Comércio, 17 de junho de 1904.

<sup>62</sup> - Já no seu primeiro jogo, significativamente disputado contra os ingleses do Rio Cricket no dia 24 de julho de 1904, apareciam no time, lado a lado com os jogadores de sobrenomes estrangeiros, nomes como Augusto Alvarenga e Luiz Gaspar. Bangu Atlético Club, op.cit..

<sup>63</sup> - “Sport”, Jornal do Comércio, 9 de julho de 1904.

<sup>64</sup> - O relato é de um “veterano botafoguense”, que dá em 1923 ao jornal O Paiz seu depoimento sobre a fundação do clube. “O Botafogo Foot-ball Club completa hoje o 19º aniversário de sua fundação”, 12 de agosto de 1923.

jovens, filhos de algumas das mais ricas e distintas famílias da cidade, fundavam então um novo clube de futebol<sup>65</sup>.

Tendo todos os fundadores do clube entre 14 e 15 anos, eles logo começariam suas atividades. A mensalidade foi definida a princípio em 2\$000 - o dobro daquela cobrada pelo Bangu, sendo alta o bastante para selecionar criteriosamente seus participantes. O talão de recibo que utilizaram foi uma herança do antigo Electro Club, associação destinada à prática do pedestrianismo que se extinguiu havia pouco. Suas partidas, para desespero dos vizinhos que tinham suas janelas constantemente quebradas, eram jogadas em pleno Largo dos Leões, em Botafogo - sendo os gols e divisas marcados pelas palmeiras lá existentes. Tirando do futebol a seriedade com a qual ele era tratado pelos ingleses e filhos de ingleses do Fluminense, os rapazes apropriavam-se de seu suposto refinamento formando, da maneira que podiam, a sua própria associação. Acabando por congregar os jovens do bairro que interessavam-se pelo novo esporte, os seus sócios decidem enfim, na assembléia geral realizada em 18 de setembro de 1904, adotar o nome de Botafogo Foot-ball Club<sup>66</sup>.

A atração que o jogo começava a exercer sobre parcelas da juventude carioca fez com que o clube tivesse um rápido progresso. Já no dia 2 de outubro daquele ano o Botafogo disputava a sua primeira partida em um campo oficial, enfrentando o Foot-ball and Athletic Club. O péssimo estado do campo do Athletic e as suas dimensões reduzidas, que geraram os protestos do cronista esportivo da Gazeta de Notícias, não pareciam um problema para os sócios do Botafogo - que, acostumados a jogar em condições muito mais precárias, teriam declarado ao presidente do clube adversário que jogariam no campo "em qualquer estado em que se achasse"<sup>67</sup>. Nem sequer a derrota por três gols a zero parece ter diminuído o ânimo dos jovens *foot-ballers*, e o clube continuava a atrair novos membros. Quando a nova diretoria eleita faz sua primeira reunião, no dia 4 de julho de 1905, o clube já contava com 40 sócios - entre os quais estavam jovens como Ademaro de Lamare e E. Viveiros de Castro, alunos do seletor Colégio Abílio. Embora ainda não tivesse uma sede, os diretores começavam a tratar da

<sup>65</sup> - Depoimento de Jacques Raymundo ao jornal O Imparcial. "O 22º aniversário do Botafogo Foot-ball Club", O Imparcial, 12 de agosto de 1926. Sobre suas famílias, ver Alceu Castro, *op.cit.*, pg 22.

<sup>66</sup> - "O Botafogo Foot-ball Club completa hoje o 19º aniversário de sua fundação", O Paiz, 12 de agosto de 1923; e Alceu Castro, O Futebol no Botafogo (1904-1950). Rio de Janeiro: Milone, 1951, pp 13-14.

<sup>67</sup> - "Sport", Gazeta de Notícias, 4 e 6 de outubro de 1904.

“necessidade urgente” do aluguel de um campo próprio<sup>68</sup>. Ao crescimento do número de sócios corresponderia, porém, uma tentativa de definição mais clara do perfil dos associados: se o clube continuava a abrigar jovens brasileiros que se interessavam pelo novo esporte, o aumento da mensalidade para 5\$000 e da jóia paga no ingresso para 10\$000, junto com a fixação da idade mínima de 16 anos, explicitava as restrições que ele impunha para a sua aceitação<sup>69</sup> - na reafirmação da marca de refinamento construída para o futebol pelos sócios do Fluminense. Progredindo com rapidez apesar das novas regras, o Botafogo apresentava, em 1905, saldos crescentes em seu balancete, que iam de 339\$800 em julho a 682\$300 em outubro - reforçando os indícios da grande aceitação do jogo por entre estes círculos da juventude endinheirada<sup>70</sup>. O fascínio pela imagem de refinamento do esporte bretão faria assim do Botafogo, fundado por um grupo de adolescentes, uma nova força do futebol carioca<sup>71</sup>.

A sofisticação do perfil construído para o futebol no Rio de Janeiro faria ainda com que muitos jovens, antes dedicados a outros esportes como o ciclismo ou as corridas a pé, passassem a se tornar seus defensores. Foi o que aconteceu, por exemplo, com alguns membros do Club Atlético da Tijuca: após um desentendimento entre seus associados, o clube dissolvia-se em 1904. Um grupo liderado por Alfredo Koehler, Jaime Faria Machado e Oswaldo Mohrstedt passa, então, a articular a fundação de um novo clube. Tendo assistido, a convite de Oscar Cox, um jogo no Fluminense que o encantara, Oswaldo parecia não ter dúvidas da opção a ser tomada: formariam um clube de futebol. Reunidos no dia 18 de setembro de 1904, fundavam o América Foot-ball Club. Apesar dos nomes estrangeiros de seus pioneiros, o clube, como o Botafogo, contava com a ostensiva presença de jovens brasileiros - como Aécio Jiquiriçá, Alcino Luís Brandão e José Santiago da Silva, também considerados fundadores da nova sociedade. Fixando sua mensalidade em 2\$000 - a mesma estipulada a início pelos sócios do Botafogo - o clube crescia justamente a partir do entusiasmo destes rapazes de

<sup>68</sup> - “Ata da seção de diretoria de 4 de julho de 1905”, Botafogo F.C. . Atas da diretoria. 4.07.1905 - 14.12.1906. Sobre Ademaro de Lamare e E. Viveiros de Castro, ver notícia do jogo entre os colégios Abílio, onde eles jogavam, e o Alfredo Gomes, em cujo time jogava Flávio Ramos. “Sport - Foot-ball”. Correio da Manhã, 23 de agosto de 1905.

<sup>69</sup> - Cf. Alceu Castro, op.cit., pg 18.

<sup>70</sup> - “Ata da sessão da diretoria de 27 de agosto de 1905” e de 16 de janeiro de 1906. Botafogo F.C. . Atas da diretoria. 4.07.1905 - 14.12.1906.

<sup>71</sup> - O desenvolvimento do clube, que no dia 27 de agosto vencia o segundo time do temido Fluminense por 4 X 0, já fazia um cronista prever, para breve, a “disputa terrível e duvidosa entre os primeiros teams de ambas”. “Sport”, Correio da Manhã, 31 de agosto de 1905.

outros bairros pelo esporte inglês, sendo que já em janeiro de 1905 ele conseguia alugar uma sede própria na Rua Pedro Alves por 180\$000 mensais<sup>72</sup>. Seu crescimento, juntamente com o aparecimento de outras associações em diversos bairros - como o Riachuelo Foot-ball Club, fundado em 19 de outubro de 1905 na estação do Riachuelo pelos irmãos Joppert<sup>73</sup>, o Cosme Velho F.C., o Leme F.C., o Boêmios F.C. (de Vila Isabel), o Engenho Velho F.C., o Humaitá F.C. e o Brazilian F.C. (de Copacabana)<sup>74</sup> - atestavam o interesse que o refinado jogo despertava na pequena parcela da juventude carioca que estava em dia com as últimas novidades inglesas e podia pagar o preço da mensalidade, em um processo que acontecia simultaneamente em diferentes cidades brasileiras<sup>75</sup>.

Atraindo jovens das melhores famílias do Rio de Janeiro, o futebol se consolidava como um modismo elegante, um fenômeno entre as rodas estudantis cariocas. Em agosto de 1905 o Jornal do Comércio noticiava o entusiasmo dos “rapazes que se dedicam a este gênero de *sport* pela animação que tem tido este ano o *foot-ball*”. Poucos dias depois o cronista esportivo do mesmo jornal, um tanto surpreso, mostrava seu espanto com o fato de que, “embora que houvesse grande prêmio no Derby e *matinée* no Lírico” o jogo entre brasileiros e ingleses realizado no campo do Fluminense tenha atraído cerca de 1.500 espectadores<sup>76</sup> - indicando tanto o perfil do público que costumava a comparecer a estes jogos, semelhante àquele que comparecia às corridas de cavalo e às apresentações teatrais, quanto o rápido crescimento do jogo nesse meio. De diversão dos jovens que haviam estudado na Europa, o futebol convertera-se em pouco tempo em um promissor atrativo.

A substância que conseguia atrair para o futebol tanto interesse era, assim, muito evidente: mais do que a diversão possibilitada por ele, que poderia ser encontrada

<sup>72</sup> - Sobre a fundação do América, conferir Orlando Cunha e Fernando Valle, Campos Salles, 118. A história do América, Rio de Janeiro: Laudes, 1972, pp 14 - 20.

<sup>73</sup> - “Gazeta dos *sports*”, Gazeta de Notícias, 19 de outubro de 1906.

<sup>74</sup> - No ano de 1905 constavam ainda do noticiário o surgimento do Universo F.C., Guanabario F.C., Young's F.C., Colégio Militar F.C., Carioca F.C. e Rio F.C., estes dois últimos clubes infantis ligados ao Fluminense - perfazendo um total de 18 clubes em atividade na cidade.

<sup>75</sup> - No Rio Grande do Sul, o Sport Club Rio Grande havia sido fundado em 1900, datando de 1903 o aparecimento do Grêmio Foot-ball Porto-alegrense e do Fuss-ball de Porto Alegre; em São Paulo os clubes futebolísticos continuavam a aparecer com grande rapidez, gerando times como o do Atlético Club Campos Elíseos e o Sport Club Íris; e mesmo em cidades mais distantes, como Belém e Manaus, começavam a aparecer clubes de futebol - como o Racing, fundado em 1906. Conferir, respectivamente, O. T. Oliveira, Guia de Foot-ball, Pelotas: Livraria Universal, 1912, pp79-89; O Paiz, 19 de agosto de 1904; e O Sport (AM), 12 de setembro de 1909.

<sup>76</sup> - “Sport - Foot-ball”, Jornal do Comércio, 5 e 8 de agosto de 1905.

também em vários outros esportes, era a modernidade associada ao jogo pelos seus primeiros praticantes na cidade que interessava aos seus admiradores entre os círculos letrados. Diretamente associada à sua origem inglesa, esta imagem explicitava a dupla operação realizada pelos membros dos primeiros clubes futebolísticos da cidade: por um lado, alistavam-se nas hostes de um esporte que, em seu próprio país de origem, já atraía multidões aos estádios; por outro, preferiam ver nele uma atividade restrita, delimitada a um determinado grupo social, fazendo desta delimitação uma das características do jogo. Nesse processo a explicitação da sua origem inglesa, que garantia sua marca de modernidade, passava a ser para os seus praticantes quase que uma obsessão. Um cronista chega a afirmar que os sportistas cariocas, “ávidos de novidades, desejam sempre saber o jogo de um *foot-baller* novo, principalmente se este tem nome inglês ou jogou na paucicéia”<sup>77</sup> - explicitando qual a fonte das novidades desejadas pelos sócios dos clubes de futebol da cidade. A afirmação da necessidade do aprendizado das regras, das táticas e das técnicas inglesas, que desse ao jogo um perfil que o diferenciasse das formas como ele ia sendo praticado em regiões como o Cais do Porto, transformava-se por isso em uma preocupação constante para os seus defensores - como mostrava em 1906 o cronista do Correio da Manhã:

“Pode parecer, é talvez mesmo certo que aqueles que se dedicam ao jogo do *foot-ball* pensem que um ponta-pé, o simples ponta-pé, que é em última análise, em que se resume todo esse jogo, seja o mais mecânico, o mais fácil de seus movimentos. Não é, entretanto, assim. O ponta-pé no *foot-ball* depende de tantas circunstâncias favoráveis ou desfavoráveis ao jogador, que o dá-lo com acerto constitui uma verdadeira arte, arte em que se evidencia toda a habilidade do jogador”<sup>78</sup>.

Na tentativa de negá-la, o cronista explicita já de início a imagem que o futebol podia assumir para muitos de seus contemporâneos: o de um jogo mecânico e sem sentido, um simples chutar de bolas que poderia ser realizado por qualquer um. Defendendo veementemente o contrário, ele tenta mostrar aos seus leitores que o jogo tinha uma lógica muito mais profunda. Ele seria uma “arte” que, longe de ser acessível a qualquer curioso, só poderia ser praticada pelos iniciados em seus segredos, os autodenominados *sportmen*. Para explicar os princípios nobres do jogo aos jovens interessados em ingressar nesse fechado mundo, ele publicava então um “Guia de *foot-ball*”, com as

<sup>77</sup> - “Gazeta dos sports - foot-ball”, Gazeta de Notícias, 10 de julho de 1906.

<sup>78</sup> - “A arte de dar o *kcick*”, Correio da Manhã - Suplemento ilustrado, 22 de abril de 1906.



notas que o “notável” C. B. Fry, “um dos mais conhecidos e afamados *sportmen* da Inglaterra”, publicara no jornal The Captain.

Longe de ser um devaneio solitário do cronista, a tentativa de afirmação mais clara dos princípios e das técnicas inglesas do jogo como forma de dar aos seus participantes uma identidade mais clara passava, então, a ser uma constante nos periódicos cariocas. Poucos dias depois da publicação de seu artigo, o mesmo jornal trazia em sua coluna esportiva os ensinamentos da “tecnologia do *foot-ball*”, nos quais explicava o sentido de termos como o “*free-kick*” (sic) e o “*hands*” - o impedimento e a mão na bola<sup>79</sup>. No mesmo mês o jornal O Paiz publicava desenhos nos quais eram definidas as técnicas dos principais movimentos do jogo, como a “parada de um *shoot*” e o modo de *shootar*”<sup>80</sup>. Em meio a este movimento, um autor francês tornava-se, cada vez mais, uma referência obrigatória para os defensores do jogo: E. Weber, com seu Sports Atléticos - livro que ensinava os princípios e as técnicas de diferentes esportes de origem inglesa, como o *hockey*, o *lawn-tennis* e o *foot-ball* - passou a ser uma espécie de Bíblia para os esportistas cariocas, sendo citado com frequência pelos grandes jornais no intuito de delimitar com mais clareza as regras e técnicas do jogo<sup>81</sup>.

A referência constante da crônica esportiva à obra de Weber fez com que ela logo ganhasse uma versão em português. Publicado originalmente na França em 1905, ela já em 1907 era editada no Brasil pela editora Garnier<sup>82</sup> - tornando-se um grande sucesso editorial, que em 1910 já estava em sua nona edição no Brasil. Os motivos deste sucesso podem ser explicados pelo próprio autor: depois de transcrever e explicar cada uma das regras do *foot-ball* e ensinar detalhadamente algumas de suas táticas e técnicas - desde as mais complexas, como o posicionamento do time em campo, às mais simples, como o arremesso de um lateral - ele fala rapidamente dos fundamentos do jogo e das qualidades necessárias aos seus praticantes.:

“Lendo estas páginas, ninguém deixará de pensar que o Foot-ball Associação é um jogo extremamente difícil a praticar e mesmo a compreender. É somente uma aparência, porquanto, depois de algumas partidas, os jogadores se familiarizam com as suas particularidades. Se os nossos mestres, os ingleses, acumularam essas dificuldades, foi,

<sup>79</sup> - “Sports”, Correio da manhã, 6 de maio de 1906.

<sup>80</sup> - “Sport”, O Paiz, 20 de maio de 1906.

<sup>81</sup> - Conferir, entre outros, a Gazeta de Notícias de 24 de abril de 1906 - que, dizendo ser a questão das arbitragens “de grande responsabilidade”, decide transcrever o que diz a respeito o livro de Weber.

<sup>82</sup> - E. Weber, Sports Atléticos. Rio de Janeiro: Garnier, 1907.

como facilmente se presume, para tornar esse jogo um exercício de ciência e de destreza<sup>83</sup>.

Embora tente no trecho animar os seus leitores para a prática do *foot-ball*, ele acaba por associá-lo a uma intrincada ciência somente acessível aos *sportmen* que tivessem tempo para se familiarizar com suas práticas. E, embora fosse francês, não hesita em ver nos ingleses os mestres maiores desta ciência. Seu livro ajudava, desta forma, a delimitar com mais precisão os princípios de atuação dos *foot-ballers* cariocas - sustentando sua identidade em uma série de saberes técnicos de origem inglesa e no tempo livre que fariam deles os verdadeiros *sportmen*.

Conhecer com precisão as regras e técnicas do novo esporte constituía então, para os membros dos clubes futebolísticos da cidade, um critério básico de afirmação das qualidades dos jogadores. A reprodução da forma pela qual o jogo era praticado na Inglaterra aparecia ainda nos termos ingleses usados no jogo, como *hands*, *penalty*, *off-side* e *kick-off*. Mesmo dentro de campo, eram inglesas as expressões usadas pelos jogadores para orientar o jogo dos companheiros<sup>84</sup>, em um processo que definia através do uso dos termos estrangeiros uma terminologia peculiar aos *sportmen*. Quanto mais seus associados conhecessem a tecnologia inglesa do jogo, melhor seria o time formado por um clube - lógica que era reproduzida, em campo, pela organização tática de times como o Fluminense (Fig.3). A colocação em campo do time de Victor Etchegaray, reproduzindo o mesmo modelo contido no livro de Weber, constituía um padrão quase que invariavelmente repetido por todos os times cariocas do período: além do *goal-keeper*, os times eram constituídos por dois *backs*, jogadores de defesa; três *halfs*, que jogavam na intermediária do campo, ajudando tanto a defesa quanto o ataque; e cinco *forwards*, jogadores de ataque que deveriam ser leves e rápidos<sup>85</sup>. As diferenças entre os times seriam, assim, simples conseqüências do grau de aprendizado das técnicas do novo esporte. Quem melhor aplicasse estas técnicas em campo seria, indubitavelmente, o vencedor. Não por acaso, os comentários da crítica esportiva do período tinham justamente estas técnicas inglesas como critério básico - sendo alguns times elogiados

<sup>83</sup> - E. Weber, op.cit., pg 190.

<sup>84</sup> - Cf. Alceu Castro, op.cit., pg 20.

<sup>85</sup> - Cf. E. Weber, op.cit., pp192-200.

justamente por seu “profundo conhecimento do belo e nobre gênero de *sport*” ou por serem conhecedores “das regras do belo *sport* inglês”<sup>86</sup>.

O conhecimento dos termos e técnicas inglesas do jogo dava assim aos *sportman* um código de conduta compartilhado, que não era compreendido por curiosos como Zé Cosme - designado em 1906 pelo Correio da Manhã para fazer a crítica de um jogo entre o Bangu e o Botafogo:

“(…)Dizem os que entendem mais da matéria do que este vosso criado, que o *match* tecnicamente não foi bom, mas eu achei-o excelente, pois gosto é de vê-los, os alegres rapazes, a saltarem de um para outro lado do campo, em perseguição da bola doidivas, para depois de tanto trabalho, lhe prepararem a entrada triunfal no *goal* inimigo (...)”<sup>87</sup>.

Mostrando não compartilhar dos sentidos atribuídos pelos *sportmen* às correrias atrás da bola, Cosme explicita todo seu estranhamento e desconhecimento de códigos que, para ele, não pareciam fazer muito sentido. Gostando do jogo pelas suas correrias e peripécias, indicava desconsiderar os critérios habitualmente usados no julgamento das partidas. Curvava-se, porém, frente à própria ignorância no assunto - afirmando não poder tratar do jogo em suas minúcias, pois ele teria sido “complicado a valer”. Ao fim da crônica, no entanto, não deixaria de gabar-se por ter escrito toda a notícia sobre o jogo “sem ter dito coisa alguma - do que os entendidos chamam de técnica”. Em outra ocasião, o próprio Victor Etchegaray interpela um cronista pelas críticas que este fizera à atuação do juiz - denominado, no período, *referee*. Desculpando-se, o cronista afirma que, sem ser “positivamente um *foot-baller*”, apenas havia reproduzido um comentário ouvido na arquibancada, “que bem pode ter sido enunciado por pessoa não entendida do útil *sport*”<sup>88</sup>. Diferenciando cronistas como ele e Zé Cosme dos verdadeiros *sportmen*, a técnica reproduzida dos ingleses tornava-se ao mesmo tempo um grande critério de exclusão - ajudando a fazer do futebol um jogo restrito àqueles poucos conhecedores dos seus ditames - e um meio de definição de uma imagem moderna e sofisticada para os sócios dos clubes futebolísticos cariocas.

Essa sofisticação apareceria, ainda, na dependência material que estes clubes passam a manter com os produtos importados diretamente da Inglaterra. Excetuando-se o Bangu, que não poderia deixar de utilizar-se do tecido produzido na própria fábrica da

<sup>86</sup> - Conferir, respectivamente, “Sport”, O Paiz, 20 de maio e 24 de julho de 1906.

<sup>87</sup> - Zé-Cosme, “Foot-ball”, Correio da Manhã, 22 de julho de 1906.

<sup>88</sup> - “Gazeta dos *sports*”, Gazeta de Notícias, 30 de agosto de 1906.

Companhia Progresso Industrial, todos os outros clubes futebolísticos do período traziam da Inglaterra todo o material necessário à prática do jogo - como o Botafogo, cuja diretoria decidira, em julho de 1905, mandar vir da Europa o material que precisava. Justificando a atitude por ser “muito mais caro” comprar estes artigos no Brasil, o clube encomenda a uma casa comercial inglesa todo o material, como bolas, uniformes e paletós para os sócios<sup>89</sup>. A justificativa, embora verdadeira no que dizia respeito a alguns dos apetrechos utilizados para o jogo - que no período ainda constituíam um monopólio das indústrias inglesas<sup>90</sup> - não basta porém para explicar o sentido deste ato, em especial no que diz respeito aos uniformes. Embora estes pudessem ser produzido por uma das muitas indústrias têxteis instaladas neste momento na cidade, eram os modelos da última moda esportiva inglesa que interessavam os sócios do Botafogo - como indicava a expectativa que toma as páginas dos jornais em torno da chegada dos vapores que traziam os novos uniformes<sup>91</sup>. Esta mesma preferência pelos uniformes ingleses chegara mesmo, dois anos antes, a definir a mudança das cores do uniforme do Fluminense: sem localizar o tecido cinza que compunha o antigo uniforme nas diversas casas de artigos esportivos que visitara na Inglaterra, onde se achava em viagem, Oscar Cox manda uma carta à diretoria do clube sugerindo a mudança deste para as atuais cores vermelha, verde e branca do clube - embora ele mesmo, em uma assembléia realizada poucos meses antes, tivesse defendido a manutenção do antigo uniforme<sup>92</sup>. Constituindo-se como mais um dos elementos que caracterizavam o estreita relação que os jovens esportistas brasileiros tentavam estabelecer com o jogo tal qual ele seria praticado na Inglaterra, a importação dos uniformes explicitava ainda mais claramente a sofisticação que os defensores do futebol tentavam atribuir ao jogo - sendo os clubes constantemente elogiados nos jornais pelo “garbo de seus *teams*”<sup>93</sup>.

Juntos, os elementos tirados desta obsessão dos defensores do novo esporte pela Inglaterra compunham um quadro que ia dando ao futebol um perfil ainda mais claro. Se os primeiros sócios do Fluminense já tinham definido para ele a marca do

<sup>89</sup> - “Ata da sessão da diretoria de 25 de julho de 1905”, Botafogo F.C. Atas da diretoria - 4.07.1905 - 14.12.1906.

<sup>90</sup> - Cf. Antonio Papa e Guido Panico, op.cit. pg. 14.

<sup>91</sup> - Cf. “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 12 de maio e 10 de julho de 1906.

<sup>92</sup> - “Ata da 1ª assembléia geral ordinária realizada em 12 de dezembro de 1903” e “Ata da 3ª assembléia geral extraordinária realizada em 15 de julho de 1904”, Atas de assembléias gerais do Fluminense F.C., op.cit., fls. 7 e 11.

refinamento, os entusiastas do jogo iam, com o tempo, sofisticando sua imagem: criando uma terminologia própria, definindo códigos de conduta compartilhados e concretizando através de seus uniformes importados a aparência refinada que pretendiam assumir, tentavam fazer do jogo um evento cosmopolita e moderno. Não por acaso era neste período que, a reboque ainda da obra de E. Weber, os cronistas esportivos do Rio começavam a discutir as suas origens: para uns, eles teriam vindo dos romanos que “o praticavam sob o nome de *follis*”<sup>94</sup>; para outros, a bola teria sido, “desde os mais remotos tempos” o elemento básico de todos os exercícios físicos, sendo usada pelos “antigos” e só depois passando a ser praticada pelos “soldados de César”, que o teriam introduzido na Inglaterra<sup>95</sup>. Nos dois casos, porém, o futebol nascia no berço da civilização, estando nele marcada desde seu início o sentido nobre que, para os admiradores do jogo, ele teria assumido no século XIX ao chegar nos campos ingleses.

Este processo era porém o resultado de uma operação que, tendo na Inglaterra seu epicentro, desconsiderava as condições nas quais era lá praticado o futebol. Atraindo desde fins do século XIX grande contingente de trabalhadores, como vimos, o futebol britânico estava longe do refinamento alardeado pelos esportistas do Rio de Janeiro. As próprias notícias publicadas nos jornais brasileiros do período evidenciavam esta contradição, explicitando a força do futebol na Grã-Bretanha entre os círculos operários<sup>96</sup>. Sem se ater à grande difusão do futebol no país que lhes servia de modelo, os *sportmen* transformaram um esporte praticado e assistido por operários das mais diversas procedências em um símbolo de elegância e sofisticação. Atribuindo-lhe a lógica distinta que muitos deles conheceram em outros países europeus durante seus estudos, limitavam-se a tomar para si os significados que, no Brasil e em outros países da América e da Europa Continental, os próprios imigrantes ingleses tentaram construir para o jogo - conseguindo com isso uma fonte de prestígio própria que, garantindo a

<sup>93</sup> - “Sport - Foot-ball”, Correio da Manhã, 5 de julho de 1905.

<sup>94</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 22 de abril de 1906.

<sup>95</sup> - Mário Cardim, “Um pouco de história... do foot-ball”, Correio da Manhã - Suplemento Ilustrado, 29 de abril de 1906.

<sup>96</sup> - A decisão da taça da Inglaterra de 1906 entre o Everton e o Newcastle United, por exemplo, levava a Londres, para espanto do jornalista brasileiro, cerca de 20.000 torcedores de cada uma das cidades dos times disputantes, em um público total de 75.000 pessoas. Outro jogo, realizado no País de Gales entre um time local contra outro de origem neozelandesa, deixava a cidade em estado de “revolução, sendo decretado feriado para que os operários e trabalhadores em geral pudessem acompanhar a partida - que, atraindo desde as primeiras horas da madrugada cerca de 40.000 espectadores, era descrita por um jornal britânico como o “acontecimento do século”. Cf. “Gazeta dos Sports”, Gazeta de Notícias, 6

eles o respeito dos círculos letrados cariocas, nem sempre era condizente com suas reais condições sociais<sup>97</sup>.

A reinvenção dos sentidos do futebol inglês em terras tropicais, explicava, portanto, o interesse que os jovens estudantes passavam a manifestar em relação ao novo esporte. Mesmo aqueles ainda não associados a nenhum clube esportivo iam aproximando-se do jogo, tornando-se comuns partidas como a que aconteceu no dia 13 de agosto entre os alunos da escola de Medicina - entre os quais já estavam no período sócios do Botafogo como Ademar de Lamare e Ataliba Sampaio, além de Amílcar Pinto, do América - contra os da Politécnica - que tinha nos seus quadros outros sócios do clube de Botafogo, como Itamar Tavares e o próprio Flávio Ramos<sup>98</sup>. Estes estudantes, junto com outros comerciantes e capitalistas que associavam-se a clubes como o Fluminense<sup>99</sup>, eram assim os sujeitos privilegiados do novo jogo, compondo a distinta classe dos *sportmen* - que já se diferenciava claramente neste período dos simples “espectadores” que iam aos estádios<sup>100</sup>. A origem inglesa garantiria assim ao jogo o caráter de um verdadeiro evento social, onde as altas rodas da sociedade carioca celebravam as novidades do Velho Mundo - não só em festas como o “smoking-concert” promovido em 1906 pelos sócios do Fluminense em comemoração ao aniversário do clube<sup>101</sup>, mas também dentro dos estádios onde se realizavam suas partidas<sup>102</sup>.

Portando-se como os agentes da modernidade, espécie de porta-vozes da civilização, estes *sportmen* iam fazendo do *foot-ball* a sua própria marca. Não era ocasional, portanto, que os clubes se associassem constantemente às senhoras da

---

de junho de 1906; e “Sport”, O Paiz, 14 de janeiro de 1906. Sobre a força do futebol na Inglaterra do período, ver ainda Nicolau Sevcenko, “Futebol, metrópoles e desastros”, op.cit., pg 35.

<sup>97</sup> - Cf. Antonio Papa e Guido Panico, op.cit., pg 23.

<sup>98</sup> - “Sport”, Gazeta de Notícias, 14 de agosto de 1905. O mesmo interesse dos acadêmicos pelo futebol aconteceria em São Paulo, onde os alunos da faculdade de direito promoviam seus jogos de *foot-ball*. Cf. Gazeta de Notícias, 8 de agosto de 1906.

<sup>99</sup> - Cf. “Sport”, O Malho, no. 146, 1 de julho de 1905; e Paulo Coelho Netto, O Fluminense na Intimidade, v. 2 Rio de Janeiro: S/E, 1969, pg61.

<sup>100</sup> - Conferir, por exemplo, notícia do Jornal do Comércio de 2 de junho de 1905 - que diferenciava a assistência de um jogo entre brasileiros e ingleses entre os *sportman* e os “espectadores”.

<sup>101</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 22 de julho de 1906.

<sup>102</sup> - Times como o do Fluminense, definido por um cronista como o “club *chic* por excelência”, eram capazes de levar aos campos “tudo quanto há de elegante e distinto” na cidade. No intervalo dos jogos os espectadores e os próprios jogadores podiam, muitas vezes, servir-se no *buffet* de diversas bebidas, enquanto as senhoritas, abanando-se sem parar, tinham nestes momentos uma ocasião de se exibir e de “mostrarem os leques”. Cf. “Sport”, Gazeta de Notícias, 16 de julho de 1905; “Sport”, Correio da Manhã, 22 de agosto de 1905; “Foot-ball”, O Paiz, 21 de agosto de 1905; “Sport”, Jornal do Comércio, 23 de maio de 1905; e “Foot-ball”, O Paiz, 28 de agosto de 1905.

sociedade para promover jogos beneficentes como aquele realizado em julho de 1905 no campo do Fluminense em benefício dos “pobres socorridos pela assistência pública” do dispensário S. Vicente de Paulo. Nos moldes das festas de caridade promovidas pela alta sociedade, estes jogos, atraindo ao estádio um “público fino e elegante”, composto de “moças formosas e *coquetes*, senhoras graves e sérias, rapazes de sociedade, leves e risonhos, trajando esmeradamente”<sup>103</sup>, atestavam o sucesso da operação que transformara um jogo aparentemente brutal e sem sentido, praticado por operários ingleses, em um fino e delicado evento social. Transformando a si mesmos nos aprendizes de uma tradição que, vindo da Inglaterra, começava a mostrar sua influência em terras tropicais, eles reinventavam-lhe os sentidos - atribuindo ao jogo o caráter mágico de transformar seus praticantes, dando a eles uma identidade particular que os converteria na vanguarda do cosmopolitismo na cidade. Resta saber como, em meio a uma sociedade que experimentava no período as mais diversas epidemias e flagelos sociais, conseguiram tanto sucesso nesta operação...

## Higiene e *sport*

Os clubes de futebol não eram, certamente, os únicos a se desenvolver no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século. Sem ser um fato isolado, sua proliferação na cidade vinha a reboque de um amplo processo iniciado ainda em meados do século XIX, que assumia nos primeiros anos da República uma intensidade ainda maior: o fortalecimento das teorias higiênicas, que ganhavam enorme difusão, assumindo o caráter de uma disseminada e abrangente ideologia. Imiscuindo-se por diferentes esferas, os higienistas propunham padrões de moradia, alimentação e até organização familiar aos habitantes da cidade - definindo regras e estabelecendo disciplinas a serem seguidas<sup>104</sup>. Dentro deste impulso geral, que vinha pelo menos desde os tempos do segundo reinado, um objetivo particular ia assumindo, para os médicos dos primeiros

<sup>103</sup> - “Sport - Foot-ball”, *O Paiz*, 31 de julho de 1905.

<sup>104</sup> - Cf. Maria Clementina Pereira Cunha, *O Espelho do mundo. Juquerv, a história de uma asilo*, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986, pp 35-36. Sobre o processo de consolidação da ideologia da higiene no século XIX, ver Sidney Chalhoub, *Cidade febril. Cortiços e epidemias na corte Imperial*, São Paulo: Cia. das Letras, 1996. Quanto ao estabelecimento de um papel social mais claro para a medicina e para os médicos em fins do século XIX, ver Gabriela Sampaio, *Nas trincheiras da cura. As diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial*, Dissertação de mestrado em história social, IFCH/UNICAMP, 1995.

anos do século, uma importância especial: a higienização do corpo do indivíduo, supostamente depauperado por séculos de inércia e de preguiça.

Acostumadas a ver no exercício físico uma atividade degradante e indigna, as camadas letradas brasileiras insistiam em sua desconfiança em relação aos exercícios ginásticos - atividades que não mereceriam sua atenção. Embora desde a década de 30 do século XIX já aparecessem esporadicamente propostas influenciadas por recentes teorias européias sobre o valor e a necessidade da educação física, que transformava no velho continente a força muscular em um importante elemento de uma nação, é só em fins do século que este quadro começava, ainda muito timidamente, a apresentar seus primeiros sinais de transformação. Começava então a ganhar força no Brasil dos últimos anos do Império um movimento para tornar obrigatório nas escolas primárias e secundárias da corte o ensino da ginástica - do qual resultou, entre outros, um projeto apresentado em 1879 na Câmara dos deputados que recebeu de Rui Barbosa em 1882 um parecer francamente favorável<sup>105</sup>. Figuras de relevo, como o Barão do Rio Branco, passavam no período a obrigar os filhos a caminhadas diárias, vendo a ginástica como fator fundamental de seu desenvolvimento<sup>106</sup> - atestando com isso o incremento da infiltração das teorias européias em terras brasileiras.

Estas eram ainda, porém, atitudes isoladas. Chegado o fim do século, a educação física ainda não merecia, no Brasil, uma atenção mais generalizada, sendo mesmo alvo de suspeição geral. A situação preocupava médicos como o Dr. Eduardo de Magalhães, que escreveu em 1900 uma obra sobre a necessidade da ginástica para as crianças, na qual condenava “o abandono e desprezo de educação física da infância no Brasil”<sup>107</sup>. A necessidade dos exercícios ginásticos seria, para ele, ainda mais premente nos países tropicais do que nos europeus, como explicava em seu trabalho:

“(...) a residência em um país quente e úmido coloca-nos em pé de inferioridade relativamente aos habitantes dos países temperados, sem dúvida melhor guiados e sustentados pela regular variedade das estações e pela tonacidade do clima.

Os elementos, pois, de que dispomos, cumpre reconhecê-lo, para a grande função - superposta às preexistentes do nosso ser orgânico - a ‘função social’, são de inferior quilate, aferidos pelo valor relativo dos respectivos climas, aos de que dispõe os habitantes de um clima temperado.

Sob este aspecto eles ficaram melhor aquinhoados que nós (...)”.

<sup>105</sup> - Cf. Carmen Soares, Educação física. Raízes européias e Brasil, Campinas: Autores associados, 1994, pp43-83 e 107-115.

<sup>106</sup> - Raul do Rio Branco, Reminiscências do barão do Rio Branco, Rio de Janeiro: José Olimpo, 1942, pg 73.

<sup>107</sup> - Eduardo de Magalhães, Ginástica Infantil, Rio de Janeiro: Laemmert, 1900, pg 3.



Se o desleixo para com as atividades ginásticas podia ser ruim para os países de clima temperado, onde passavam a ser valorizadas havia pouco tempo, no Brasil e em outros países da América ele seria quase mortal para a “raça”. Embora os países europeus estivessem em um estágio muito mais avançado no que dizia respeito à valorização dos exercícios físicos, eram os brasileiros, maculados pela mestiçagem, que mais precisariam deles - dada a suposta inferioridade de que fala Magalhães, que fazia dos europeus indivíduos naturalmente mais aptos. Este mal teria porém, na opinião do médico, um remédio principal: a educação física.

Seguindo o modelo da Europa - onde, segundo um articulista de uma revista esportiva, já se teria reconhecido “que não há nação robusta sem educação física”<sup>108</sup> - os defensores da higiene passavam então a fazer da luta em favor do desenvolvimento físico dos brasileiros uma de suas principais bandeiras. O cuidado com o físico estaria na base de uma educação completa e saudável, pois ela geraria no indivíduo um “robusto equilíbrio orgânico e mental”<sup>109</sup>. O alvo principal seria, neste sentido, a juventude e a infância - cuja educação, para estes médicos e educadores como Paulo Lauret, decidiria sobre “o seu futuro e o da sociedade”:

“(…) Lembremo-lo hoje às mães, a quem a educação física deve merecer os maiores desvelos. Não há espírito sã onde o corpo é fraco. E vós, oh mães! Que muitas vezes, nos eflúvios do vosso amor, cerrais os olhos e os ouvidos à ciência, à consciência e ao dever, tornando-vos impotentes para a *missão sublime*, escutai um conselho que mais tarde vos dará o prazer de terdes cumprido um dever, e olhardes para o fruto do vosso ventre com alegria, em vez de passardes horas de vigília junto da cabeceira daquele que adorais”<sup>110</sup>.

O apelo às mães, a quem cabia zelar pela educação dos filhos, não era casual. O alvo principal dos defensores da educação física eram justamente os jovens e crianças que, não tendo ainda seus corpos maculados pela mancha da indolência natural que viam nos brasileiros, poderiam definir para o país um outro destino. Livros como o de Eduardo de Magalhães sobre a ginástica infantil eram por isso anunciados em revistas esportivas e recomendados “aos professores de colégio e a todos os pais de família que se interessam pela educação dos seus filhos” - aos quais cabia a tarefa nobre de formar uma nação

<sup>108</sup> - Paulo Lauret, “Educação física”, *Semana sportiva*, no. 442, 6 de junho de 1901.

<sup>109</sup> - “Programa”, *Revista internacional sportiva*, ano 1, no. 1, 4 de agosto de 1900.

<sup>110</sup> - Paulo Lauret, “Educação física”, *Semana sportiva*, no. 438, 8 de junho de 1901.

sadia e forte, valorizando os princípios de um axioma repetido à exaustão no período: “*mens sana in corpore sano*”<sup>111</sup>.

Gerar na juventude o hábito do exercício não parecia, no entanto, uma tarefa fácil. Com o desleixo dos pais para este tema, seria necessário mais do que bons argumentos médicos para convencer os jovens a saírem de sua inoperância corporal. O cultivo físico precisava, portanto, de um meio mais concreto de efetivação por entre rapazes e moças, que fosse capaz de criar neles o hábito do exercício. A resposta para este problema já parecia, porém, estar na boca de muitos destes defensores da educação física, como o editorialista de uma revista esportiva do período: “ora, isso se obtém principalmente pelo *sport*”<sup>112</sup>. A explicação era dada, já em 1904, por Álvaro Reis, um médico que defendia sua tese na Faculdade de Medicina da Bahia:

“Todo exercício físico deve ser acompanhado, para não ser monótono e enfadonho e ser satisfatoriamente realizado, de uma nota de prazer e interesse com um caráter recreativo. Por isso os jogos e os *sports* são de grande vantagem no aperfeiçoamento orgânico, na educação física, principalmente da mocidade”<sup>113</sup>.

Citando para ilustrar sua tese esportes como o *cricket*, a dança, o salto à corda e o próprio *foot-ball*, Reis indicava a importância que estes jogos iam assumindo para os médicos interessados em defender o vigor físico da nação. Não por acaso a própria bíblia dos *sportmen* - o livro *Sports Atléticos*, de E. Weber - se iniciava defendendo o princípio do “*mens sana in corpore sano*”, vendo no esporte um elemento de “preservação contra a decadência e a moléstia” e afirmando ser um “dever social aperfeiçoar o corpo humano, reparando o trabalho destruidor dos flagelos sociais”<sup>114</sup>. Aparecendo como os salvadores do vigor nacional, os esportes passavam, então, a contar com entusiástico apoio de higienistas e educadores interessados no desenvolvimento físico da nação.

O caminho seria longo. O advento dos esportes era ainda, na virada do século, uma novidade para os cariocas. Na segunda metade do século XIX as atividades esportivas restringiam-se quase que exclusivamente às competições turfísticas - que, segundo um cronista, iam atingindo no período um “desenvolvimento extraordinário”. Este incremento do *turf* gerou o aparecimento de inúmeros periódicos que, com nomes como *A Vida sportiva* e *O sport*, indicavam serem até então as corridas de cavalo a

<sup>111</sup> - *Semana Sportiva*, 3 de agosto de 1901.

<sup>112</sup> - “Programa”, *Revista internacional sportiva*, ano 1, no. 1, 4 de agosto de 1900.

<sup>113</sup> - Álvaro Borges dos Reis, *Educação Física*, Bahia: Litografia Reis e cia., 1904, pg 57.

própria definição do esporte<sup>115</sup>. Os motivos desta difusão, apesar das negativas de seus defensores, pareciam no entanto estar mais ligados às apostas que ele propiciava do que a supostos benefícios que ele trouxesse a seus praticantes - distanciando-se do suor das refregas para acomodar-se em meio às elegantes platéias que, das arquibancadas, limitavam-se a torcer pelo seu próprio dinheiro<sup>116</sup>. Mesmo os poucos clubes ginásticos que iam aparecendo pela cidade, como o Club Atlético Sul-americano, pareciam constituir-se muitas vezes como meras fachadas que encobertavam casas de jogos proibidos pela polícia<sup>117</sup>. Os próprios estatutos do clube definiam, em 1884, que sua finalidade seria promover “jogos atléticos, exercícios ginásticos e outros divertimentos que a diretoria julgar convenientes”<sup>118</sup> - explicitando um tipo de visão no qual as atividades físicas, sendo meros divertimentos, estavam longe de ter a função transformadora procurada pelos médicos. Enfrentando um menosprezo geral, os exercícios ginásticos pareciam não ser, para os habitantes da cidade, uma questão importante.

Essa situação começaria a apresentar seus primeiros sinais de mudança ainda nos últimos anos do século XIX, com o surgimento e fortalecimento gradual de novos esportes. Era o caso, entre outros, do jogo da pelota. No dia 20 de agosto de 1890, um empresário dirigia à Intendência municipal um ofício no qual solicitava licença de funcionamento para “duas diversões muito procuradas e exploradas na Europa”: as montanhas russas e o “jogo da bola” - esporte de origem espanhola no qual dois competidores arremessavam com raquetes em forma de arco uma pequena bola contra um paredão, perdendo aquele que não conseguisse rebater a jogada do adversário. O empresário propunha assim a construção de um “paredão fechado por um extenso pavilhão” para que o público pudesse assistir às disputas do novo jogo. Afirmando ainda que “esses divertimentos serão realizados durante a estação mais amena”, esperava

<sup>114</sup> - E. Weber, *Sports Athlétiques*, Rio de Janeiro: Garnier, 1907, pp 1-3.

<sup>115</sup> - Conferir, entre outros, *O sport*, ano 1, no. 1, 19 de novembro de 1887; *O sportman*, ano 1, no.1, 8 de maio de 1887; e *A Vida Sportiva*, ano 1, no. 1, 1 de julho de 1889.

<sup>116</sup> - *O Sportman*, no. 2, 15 de maio de 1887. No mesmo jornal, informa-se que José do Patrocínio chega mesmo a apresentar à Câmara de vereadores um projeto propondo que o lucro com as apostas nos cavalos fosse tomado pelos cofres municipais.

<sup>117</sup> - Na concessão da licença de funcionamento para associações como o Club Atlético Fluminense, era explicitada a “cláusula de não explorar jogos proibidos, nem por em prática quaisquer operações de que resultem esperança de prêmio ou benefício”. *Arquivo nacional*, Documentação de polícia, caixa 5190, Pacote 001. Sobre o uso dos clubes esportivos como forma de mascarar o jogo no fim do século XIX, ver ainda “A cidade”, *A Canoagem*, ano 1, no. 1, 4 de julho de 1903.

contar com o apoio da Intendência - a quem segundo ele caberia cuidar não só da “salubridade pública”, verdadeira obsessão dos governantes do período, mas também do “encantamento social”<sup>119</sup>. Igualando o novo jogo a simples diversões como a montanha russa, e desconsiderando os argumentos higiênicos que poderiam ajudá-lo a conseguir a licença junto à Intendência, o empresário mostrava o sentido que atividades como esta assumiam para muitos de seus idealizadores.

Poucos meses depois, no entanto, outro pedido de licença enviado à Intendência, tratando do mesmo jogo, indicava a ambigüidade dos sentidos que esportes como o jogo da bola iam adquirindo no período. Depois de explicar a origem européia do jogo, chamado por ele de “juego de pelota”, o empresário Antonio Irisarri pedia licença para realizar com ele espetáculos públicos “livre de todo imposto”, justificando assim o seu pedido:

“Chamo toda a atenção da ilustre corporação municipal, para o fato de que este divertimento, por meio de espetáculos públicos, se generaliza prontamente no seio de todas as classes sociais, contribuindo poderosamente para o desenvolvimento das forças físicas e sendo ao mesmo tempo um excelente exercício higiênico”<sup>120</sup>.

Irisarri, como seu predecessor, compartilhava do sentido de “diversão” atribuído ao novo esporte; ao contrário deste, no entanto, ele mostrava estar ciente dos benefícios que, segundo os higienistas, esportes como o jogo da pelota poderiam trazer aos seus praticantes. A higiene transformava-se, portanto, em uma grande aliada dos patrocinadores e praticantes dos novos esportes, dando-lhes a justificativa moral para sua lucrativa diversão.

Esta situação faria com que o esporte fosse, aos poucos, ganhando mais adeptos. Conseguindo ambos os empresários as licenças para suas casas esportivas, em poucos anos já se tornavam comuns “os sucessos das funções domingueiras” por eles realizadas, que enchiam os pavilhões que haviam construído (os chamados “Frontões”) de gente das “classes mais distintas da sociedade fluminense” - atestando que o jogo, “pela sua artística elegância e pela sua utilidade na educação física”, já seria definitivamente “uma instituição vitoriosa no Rio de Janeiro”<sup>121</sup>. O êxito de jogos como esse entre os círculos letrados fazia com que já em 1894 alguns dos jornais dedicados ao *turf* comessem a

<sup>118</sup> - Estatutos do Club Atlético Fluminense, Rio de Janeiro: Tipografia Adolfo de Castro e cia., 1885, pg 4.

<sup>119</sup> - Arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro, diversões públicas, código 42,3,39.

<sup>120</sup> - Arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro, diversões pública, código 42,3,31.

<sup>121</sup> - “Pelota”. Semana Sportiva, no. 222, 21 de setembro de 1895.

trazer também notícias sobre outros esportes, como a própria pelota, as regatas e as corridas a pé<sup>122</sup>. Embora não tivessem ainda se livrado da desconfiança policial no que diz respeito à realização de jogos proibidos, associações esportivas como o Club de Regatas Botafogo começavam, em 1895, a aparecer em diferentes bairros<sup>123</sup> - dando início a um movimento que se fortaleceria ainda mais nos primeiros anos do novo século. Em 1903, quando o próprio Fluminense já havia sido fundado, um cronista da Gazeta de Notícias atestava esta transformação em artigo transcrito por um periódico esportivo - deplorando o tempo em que o esporte “era apenas a capa em cujas dobras se mascarava o jogo”, e no qual “a multidão” via nas atividades esportivas não “a regeneração e o aperfeiçoamento da raça humana”, e sim o “palpite”, a “aposta”, a “sedução do mais empolgante de todos os vícios”:

“Nesse tempo, o *sport* náutico era apenas a mania modesta de alguns raros rapazes, quase todos ingleses ou alemães (...). Mas, há quatro ou cinco anos, o que era mania de poucos mudou-se na religião de muitos. Hoje os clubes de regatas são oito ou dez, e os *rowers* não são apenas estrangeiros: são brasileiros também, são quase todos os rapazes do comércio e das escolas, e contam-se por milhares e milhares (...)”<sup>124</sup>.

Apesar do possível exagero de sua análise, o esperançoso articulista apontava a existência de um incipiente processo de valorização do esporte na cidade, em especial entre a juventude estudantil. Tomando como base os clubes de regatas, ele comemorava o fato de que, mesmo entre os brasileiros - que, como vimos, seriam os que mais precisariam do exercício físico - a mania do esporte parecesse ir se solidificando, a ponto de ser anunciada por ele como uma verdadeira fé. Parecia, enfim, que se iniciava o movimento de salvação nacional tão ardorosamente defendido pelos higienistas.

Esta proliferação de clubes levaria o esporte no Rio de Janeiro a uma situação bem diferente daquela experimentada alguns anos antes. Sem dar muita atenção, porém, ao advento dos primeiros clubes futebolísticos, que não tinham ainda um público tão definido como outros esportes, as colunas esportivas de grandes jornais como a Gazeta de Notícias, o Correio da Manhã, O Paiz e o Jornal do Brasil passavam a trazer, além das notícias habituais do *turf* que dominavam ainda a maior parte de seu noticiário, informações periódicas sobre esportes como o remo, a velocipedia, a ginástica e até as touradas<sup>125</sup>. Eram mesmo as regatas, porém, que experimentavam o maior

<sup>122</sup> - Semana Sportiva, ano V, no. 191, 5 de maio de 1894.

<sup>123</sup> - Arquivo Nacional, pacote 001, caixa 5190.

<sup>124</sup> - “A cidade”, A Canoagem, ano 1, no. 1, 4 de julho de 1903.

<sup>125</sup> - Conferir, por exemplo, Correio da Manhã, 2 de agosto de 1901 e O Paiz, 27 de julho de 1901.

desenvolvimento até então. Tendo surgido no Brasil somente por volta de 1888, quando um grupo de alemães fundavam no Rio Grande do Sul a primeira sociedade a elas dedicadas<sup>126</sup>, os clubes de regatas do Rio já promoviam em 1902, segundo alguns cronistas, competições náuticas de “excepcional brilhantismo” - às quais comparecia uma “enorme afluência de pessoas gradas” e “famílias da nossa melhor sociedade”<sup>127</sup>. Mesmo entre círculos menos elegantes, porém, a regata já tornava-se uma presença constante, gerando disputa e brigas entre grupos de capoeiras como aquela que acontece em 1905 com os membros do Club de Regatas São Cristóvão<sup>128</sup>. A situação faria com que autoridades como o prefeito Pereira Passos e o presidente Rodrigues Alves passassem a dedicar a ele grande atenção, mostrando com isso sua “simpatia pelo sport náutico”<sup>129</sup>. Ganhando público e respeitabilidade, os clubes esportivos iam alastrando-se pela cidade - em um movimento que, semelhante ao de outras grandes cidades brasileiras, fazia com que os novos clubes de futebol se inserissem em um processo bem mais amplo de valorização do esporte<sup>130</sup>.

Nem por isso, contudo, podemos concluir que a suspeita de grande parte das parcelas letradas da população com o exercício físico tivesse sido completamente vencida. O esporte era ainda muitas vezes visto não como mostra de força e virilidade, mas com a desconfiança de quem via nele um fator de degeneração - como atestam ironias como aquela que aparece em 1903 em uma ilustração da revista O Malho sobre as “conseqüências *sportivas*” (Fig. 4). Tratando do remo, do turf, do ciclismo e do pedestrianismo, a imagem reafirma a proliferação das associações esportivas na cidade; a ironia sobre os supostos benefícios que eles trariam ao corpo aparece, no entanto, de forma evidente: longe de gerar indivíduos mais robustos e sadios, os esportes simplesmente contribuiriam para sua deformação. Rindo dos discursos formulados por

<sup>126</sup> - Cf. Anatol Rosenfeld, “O futebol no Brasil”, in Negro, macumba e futebol, São Paulo: EDUSP/ED. UNICAMP/ Perspectiva, 1993, pg 76.

<sup>127</sup> - Conferir, respectivamente, O Malho, 18 de outubro de 1902, e O Paiz, 22 de junho de 1903.

<sup>128</sup> - Arquivo Nacional, Processos crime de Tito R. Fonseca Silveiras (réu), 1905, 7c.932, caixa 6173. O processo é analisado em mais detalhes no trabalho de Antonio Liberac Pires, a quem agradeço a referência. Cf. Antonio Liberac Pires, A Capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937), Dissertação de Mestrado em história social, IFCH/UNICAMP, 1996, pg 188.

<sup>129</sup> - O Malho, 18 de julho de 1903 e O Paiz, 30 de dezembro de 1904.

<sup>130</sup> - Diferente, neste sentido, parecia ser a situação de São Paulo. Embora a cidade assistisse o mesmo *boom* esportivo vivenciado pelo Rio de Janeiro, os clubes de futebol já apareciam por lá com um destaque muito mais acentuado - constituindo 72 das 118 associações esportivas existentes. Cf. A Vida Esportiva, no. 19, 21 de abril de 1904, APUD Plínio J.L. Negreiros, Resistência e rendição: a gênese do

médicos e educadores que defendiam esta febre esportiva, muitos dos leitores da revista indicavam a resistência que ainda apresentavam em relação ao exercício físico - em um tipo de visão que, em 1905, seria cristalizada em um artigo de Carmen Dolores, a prestigiada cronista semanal do jornal *O Paiz*. Contrariada com o fato de que estivesse “em moda a força física”, estando “cabisbaixos” os “contemplativos” que “sentem mais do que agem”, ela criticava a devoção generalizada por esportes como a luta romana:

“(…) Não, nunca entre nós se apregooou tanto o prestígio brutal da força muscular.

Chega a ser humilhante para os intelectuais, que muito geralmente têm mais cérebro do que pulso.

Mas, em que pese aos senhores entusiásticos das lutas romanas e às admiradoras neuropáticas de um bíceps em violento relevo, confesso que eu acho simplesmente repulsivo um homem que luta, congestionado, suado, bestializado, as mãos sujas e escorregadias, o tórax arquejando como um *folle*, as pernas retesadas, os largos pés espalmados - todo ele um animal bruto e furioso (...).”<sup>131</sup>

Confirmando o prestígio que iam adquirindo os esportes e os esportistas, a cronista indicava em seu artigo sua aversão ao modismo do culto à força. Vendo nos esportes os inibidores do intelecto e a humilhação dos homens de pensamento. Ao contrário dos higienistas, que viam no exercício físico a fonte da energia e da saúde, ela lhe atribuía o papel de uma força brutalizadora, que aproximaria o indivíduo de sua animalidade - sendo portanto, para um “ente nervoso e delicado” como ela, uma “coisa horrível”.

O próprio tom confessional usado por Carmen Dolores indicava, no entanto, que apesar de toda sua aversão aos esportes já era impossível a articulistas como ela negar algumas de suas vantagens. Reconhecendo que “o vigor másculo auxilia de certo a superioridade do homem inteligente” - embora continue defendendo que o seu excesso seria “prejudicial à intelectualidade”, não entendendo como estes indivíduos musculosos podiam despertar o amor de uma mulher - ela parecia concordar que “talvez seja de utilidade para a nossa raça abastardada tal desenvolvimento da educação física”. Mesmo opositores da nova febre do esporte como ela curvavam-se, assim, frente aos ditames da ciência dos higienistas. Apoiado nela, o valor da educação física ganhava foros de uma verdade inquestionável, fazendo da defesa dos benefícios do esporte uma padrão mil vezes repetido. O esporte deixava portanto de ser uma assunto “frívolo” para se

---

*Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo, 1910-1916*, Dissertação de mestrado em História, PUC-SP, 1992, pg 37.

<sup>131</sup> - Carmen Dolores, “A semana”, *O Paiz*, 24 de setembro de 1905.

converter na “ordem do dia” dos inúmeros jornais, que criavam “seções especiais e até suplementos inteiros só para se ocuparem com isso”<sup>132</sup>.

“É fatal”, diria em 1907 Carmen Dolores ao constatar por fim a derrocada do “tipo romântico de Musset”; afinal, estavam em pleno “regime do músculo”<sup>133</sup>. Tomando a forma de coisa séria, os jogos atléticos passavam a fazer parte das preocupações principais dos círculos letrados<sup>134</sup>. E para a maior parte dos colegas de ofício de Dolores, como Olavo Bilac, o fenômeno era bem mais do que uma fatalidade. O crescente “entusiasmo que os *sports* despertam” na juventude do período aparecia para o já consagrado poeta como a prova de que “temos consciência do depauperamento da espécie e do perigo que ela corre”. Ele saudava por isso a “religião do exercício físico”, que retardava a “inevitável catástrofe” da degeneração física da humanidade. Cristalizando as vantagens vistas na atividade física pelos higienistas, artigos como o de Bilac faziam da crença nas vantagens dos exercícios atléticos uma verdadeira fé - compartilhada por aqueles que, cientes da novidade, estavam dispostos a moldar em seu próprio corpo as marcas da transformação da sociedade. Vendo no exercício físico uma causa nobre pela qual se devia lutar, Bilac acaba então por saudar o surgimento destes *sportmen*, aplaudindo “a mania do *sport*”<sup>135</sup>.

O caráter salvador atribuído ao exercício físico no período alimentava, portanto, o surgimento das diversas associações, que faziam do esporte uma árvore de vários ramos - entre os quais apareciam, a partir de 1902, os clubes de futebol. O jogo era, para os contemporâneos deste processo, apenas mais um entre os “novos *sports*” que os ingleses, ciosos “do desenvolvimento físico para manter intacto o equilíbrio moral”, não paravam de criar - como o *cricket*, o *lawn-tennis* e um certo *ram-bolk*<sup>136</sup>. No amplo processo de valorização do físico, o futebol acabava então por aparecer apenas como mais um “interessante ramo do *sport*”<sup>137</sup>, que não merecia ainda da imprensa ou dos demais esportistas nenhuma atenção especial. Ainda que o jogo fosse atravessando um rápido desenvolvimento, chegando a chamar a atenção até do prefeito Pereira Passos - o qual, vendo nele um elemento de modernidade em compasso com as transformações que

<sup>132</sup> - “Gazeta dos *sports*”, *Gazeta de Notícias*, 27 de abril de 1906.

<sup>133</sup> - Carmen Dolores, “A Semana”, *O Paiz*, 13 de outubro de 1907.

<sup>134</sup> - Até as escolhas de novos Papas davam motivo para discutir sua “feição *sportiva*”, como acontece com Pio X - do qual se dizia que “adora o *sport*”, embora tivesse proibido os passeios de bicicleta quando bispo. “Pio X e o *sport*”, *Jornal do Brasil*, 15 de setembro de 1903.

<sup>135</sup> - Olavo Bilac, “Crônica”, *Gazeta de Notícias*, 24 de fevereiro de 1907.

<sup>136</sup> - “Ram-bolk”, *O Paiz*, 1 de setembro de 1905.



fazia na cidade, prometia “interessar-se por este tão útil ramo do *sport*”<sup>138</sup> - era encarado ainda pelos seus adeptos simplesmente como “um motivo para ensaiar a resistência e agilidade” de seus praticantes <sup>139</sup>. Fazendo do jogo uma consequência da luta pelo desenvolvimento físico dos indivíduos, os defensores do esporte bretão explicitavam a base de sustentação sobre a qual se apoiaria o seu desenvolvimento.

Tendo todos os esportes os mesmos objetivos higiênicos, a questão que se colocava aos seus entusiastas era sobre o grau do benefício acarretado ao desenvolvimento corporal por cada um deles - que definiria, ente os vários ramos do esporte, qual seria o mais útil. A unanimidade em torno da necessidade da educação física encontrava aqui o seu limite, e várias foram as opiniões a respeito deste ponto. A maior parte do noticiário esportivo da grande imprensa continuava, nos primeiros anos do século, a dar um maior espaço às competições turfísticas, que seriam segundo um cronista o “espetáculo já favorito da nossa população”<sup>140</sup>. Outros, porém, defendendo a necessidade de que um país “plantado à beira do mar” como o Brasil buscasse nele o seu desenvolvimento, consideravam as regatas o “*sport* nacional por excelência” - vendo no exercício do remo uma atividade “muito mais nobre” do que a de outros esportes como a luta romana<sup>141</sup>. Já os defensores do jogo da pelota afirmavam que “este *sport* tem sobre outros mil vantagens”: obrigando o movimento de todo o corpo, não haveria nele “órgão que fique inerte”, gerando um desenvolvimento mais completo do físico<sup>142</sup>. Até mesmo esportes como o *base-ball*, que apesar do sucesso que alcançava em Países como o Estados Unidos não obtivera no Brasil maior repercussão, tinham na cidade os seus defensores - que alegavam ser ele “o único exercício físico que procura completar com vantagem a higiene do corpo”<sup>143</sup>. Compartilhando o sentido atribuído ao esporte pelos higienistas, diferentes grupos de esportistas tentavam atribuir a suas próprias modalidades a primazia da tarefa de transformação social.

<sup>137</sup> - “Sport”, Jornal do Comércio, 18 de abril de 1904.

<sup>138</sup> - “Sport”, Correio da Manhã, 18 de junho de 1905.

<sup>139</sup> - “Foot-ball - Payssandú C.C. contra Fluminense F.C.”, Canoagem, ano 1, no. 1, 4 de julho de 1903.

<sup>140</sup> - “Sport”, O Paiz, 24 de setembro de 1906

<sup>141</sup> - Pangloss, “O dia”, O Paiz, 11 de setembro de 1905.

<sup>142</sup> - “Pelota Basca”, Revista Sportiva, v. 1, no. 3 14 de setembro de 1908.

<sup>143</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 30 de julho de 1906. Sobre a popularidade do jogo nos Estados Unidos do período, ver Charles Alexander, Our Game: An american baseball history, New York: Henry Holt and Company, 1991.

Os *sportmen* reunidos em torno dos clubes de futebol que apareciam pela cidade não ficariam, certamente, de fora deste debate. Ainda em 1903 um cronista, animado pelo modo como se desenvolvia “o gosto pelo *foot-ball*” na cidade, afirmava ser ele “um dos primeiros exercícios de atletismo ao ar livre”:

“O atleta precisa estabelecer a coordenação dos músculos e da vontade; a um só tempo ele precisa de um golpe de vista conhecer a situação e planejar o seu jogo e, com a vontade, ordenar os músculos e o sucesso obtido causar-lhe-á um real prazer”<sup>144</sup>.

Atribuindo ao futebol a primazia disputada por outros ramos do esporte, o cronista marcava a tentativa dos defensores do novo jogo de assumir a vanguarda do processo de aperfeiçoamento físico defendido pelos médicos e pela imprensa. Vendo nele uma modalidade de atletismo, tirava-lhe o caráter de disputa para colocá-lo na linhagem das práticas esportivas, cujo objetivo principal seria o desenvolvimento higiênico da mocidade. O modo pelo qual ele faria isso era, no entanto, revelador: sem poder competir com o remo ou a luta romana no que dizia respeito ao desenvolvimento da força, os *foot-ballers* exaltavam a coordenação de movimentos exigida pelo novo jogo, que garantiria seu “efeito útil para a saúde” e faria do futebol um “exercício apreciável”.

Não era esta porém a única bandeira dos defensores do esporte bretão. Se a coordenação de movimento acarretada pelo jogo, que fazia com que ele estimulasse “o bom funcionamento de todos os órgãos”, aparecia para alguns de seus entusiastas como uma de suas vantagens principais<sup>145</sup>, o futebol geraria ainda um outro tipo de benefício: o desenvolvimento do caráter de seus praticantes. Saudando “os efeitos maravilhosos que o *foot-ball* exercia tanto no físico como no moral de seus adeptos”, o cronista da revista *O Malho* chega a afirmar em 1905 que, “de todos os *sports* atléticos oferecidos à mocidade para sua regeneração física”, o futebol seria o “mais belo e mais completo” - enumerando, depois, as “qualidades morais que cada jogador adquire” na prática do novo esporte:

“Em primeiro lugar o espírito de disciplina que adquire pela obediência absoluta que a cada jogador é imposta para com o seu comandante, o espírito de decisão e iniciativa inteligente que o jogo sugere pelo imprevisto das peripécias, o desprezo dos perigos que ele exalta, o estoicismo que inspira por algumas de suas conseqüências e finalmente o admirável espírito de solidariedade e de abnegação que exige de todos os seus adeptos”<sup>146</sup>.

<sup>144</sup> - “Foot-ball - Payssandu C.C. contra Fluminense F.C.”, *Canoagem*, ano 1, no. 1, 4 de julho de 1903.

<sup>145</sup> - Conferir E. Weber, op.cit., pg 152.

<sup>146</sup> - “O Foot-ball”, *O Malho*, no. 153, 19 de agosto de 1905.

Espírito de disciplina, decisão, iniciativa, solidariedade e abnegação. Mais do que dar forma a corpos mais fortes e robustos, o futebol geraria, na opinião do articulista, a formação de indivíduos melhores física e moralmente. Tratava-se da tradução perfeita do espírito das teorias higiênicas - que fazia do físico e do intelecto duas esferas indissociáveis. Vendo que por toda a parte que os jovens endureciam os músculos e fortificavam a alma “praticando este rude e vivificado exercício”, o cronista acaba por afirmar que “merece portanto largamente por todos estes salutareos efeitos a prosperidade sempre crescente o *foot-ball*”.

À luz de argumentos como estes, o futebol ia tendo consolidado seu perfil de um “fidalgo e útil” jogo - sendo por isso saudado o “interesse que esse gênero de *sport*” ia despertando no país<sup>147</sup>. Embora modalidades esportivas como o remo pudessem ter ainda uma imagem mais elegante do que o futebol<sup>148</sup>, atraindo para seus eventos um maior número de rapazes e moças da juventude carioca, era o futebol que ia construindo para si a marca de jogo da higiene e da saúde. Conclamando a juventude à prática da nova modalidade esportiva, alguns de seus defensores, como o cronista esportivo da Gazeta de Notícias, resumiam em uma frase o sentido que a ele atribuíam: “tudo pelo *sport* e pelo físico da raça brasileira”<sup>149</sup>. Consolidando a feição de atividade nobre do jogo, seus praticantes atraíam apoio e legitimidade para suas associações - fazendo com que o futebol começasse a se destacar como um esporte especial, que teria um caráter ainda mais “salutar” que os demais<sup>150</sup>.

A situação fez com que, em muito pouco tempo, ele se tornasse o principal esporte praticado nas escolas elegantes da cidade. Colégios como o Alfredo Gomes e o Abílio, onde a educação física era há muito tempo “objeto de solícitos cuidados”<sup>151</sup>, tinham o jogo entre suas atividades principais, como atestavam as preferências esportivas dos jovens fundadores do Botafogo que neles haviam dado seus primeiros chutes<sup>152</sup>. Ainda em 1905 o colégio Latino Americano, inaugurado naquele ano no Leme - que se gabava de funcionar “segundo os moldes dos colégios ingleses americanos”<sup>153</sup> - formava entre seus alunos diversos times, que disputavam em seu

<sup>147</sup> - “Sport”, Jornal do Comércio, 16 de outubro de 1903 e O Malho, 22 de julho de 1905.

<sup>148</sup> - Conferir, a respeito, Mário Filho, O Negro no futebol brasileiro, Rio de Janeiro: Forno, pp 32-33.

<sup>149</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 7 de junho de 1906.

<sup>150</sup> - “Sport”, Correio da Manhã, 14 de maio de 1907.

<sup>151</sup> - “Colégio Abílio”, Gazeta de Notícias, 30 de janeiro de 1908.

<sup>152</sup> - Cf. Anatol Rosenfeld, op.cit., pg 78; e Modesto Carone, op.cit., pg 43.

<sup>153</sup> - Gazeta de Notícias, 10 de maio de 1905.

campo jogos contra times adversários<sup>154</sup>; entre estes adversários estariam, por vezes, times como aquele composto pelos alunos do Colégio Paula Freitas, que fundavam naquele mesmo ano sua Associação Atlética<sup>155</sup>. Jogos como este evidenciavam para os cronistas esportivos “quanto tem progredido os guapos rapazes no jogo da *pella* com grande vantagem para o seu desenvolvimento físico”, dando forma na cidade a um “grande entusiasmo por este belíssimo gênero de *sport*”<sup>156</sup>. Defendido por cronistas e *sportmen* que viam nele o mais fidalgo dos esportes e praticado nas escolas atentas aos ditames da ciência dos higienistas, o futebol transformava-se, no Rio de Janeiro dos primeiros anos deste século, em um dos principais sustentáculos da educação física da mocidade - assumindo os seus praticantes o papel de principais defensores do *sport* e, conseqüentemente, da robustez física da juventude.

De *foot-ballers*, os praticantes do jogo da bola, apoiados nos ditames da higiene, tornavam-se verdadeiros *sportmen* - fazendo da causa nobre do esporte a justificativa primeira de sua defesa da nova modalidade esportiva. Para os sócios destes clubes, as rivalidades e a paixão pelo time seriam, portanto, secundárias frente à necessidade de defesa do vigor físico da juventude. Os jogos que o Fluminense fazia em 1904 na capital paulista eram acompanhados pelos sócios dos outros clubes, que seguiam de trem a São Paulo interessados em que o time carioca demonstrasse o vigor físico da mocidade local<sup>157</sup>. Nas grandes disputas esportivas, diziam lutar por uma vitória “que já não é, para eles, do grêmio, mas da própria terra” - pois, seja qual fosse o placar final, ele resultaria no “proveito de uma geração mais forte, mais destra e mais sadia”<sup>158</sup>. Não era de se estranhar assim que muitos *sportmen* fossem associados a mais de um clube futebolístico: J. Robinson e H. Robinson, além de pertencerem aos quadros do Payssandu, eram sócios do Fluminense, por onde chegaram a jogar algumas partidas; o mesmo clube tinha ainda nos seus quadros o jovem Flávio Ramos, um dos fundadores do Botafogo<sup>159</sup>; Oscar Cox, por sua vez, além do Fluminense associara-se ao Botafogo,

<sup>154</sup> - Conferir jogo programado pelo diretor do Colégio para o segundo time, composto de crianças de 10 a 14 anos. *Correio da Manhã*, 13 de agosto de 1905.

<sup>155</sup> - “Gazeta dos *sports*”, *Gazeta de Notícias*, 11 de maio de 1906 e *O Malho*, no. 163, 28 de outubro de 1905.

<sup>156</sup> - Conferir, respectivamente, “Sport”, *O Paiz*, 25 de outubro e 18 de agosto de 1905.

<sup>157</sup> - Cf. “Sport”, *Correio da Manhã*, 7 de setembro de 1904.

<sup>158</sup> - Full-back, “Sport - Foot-ball”, *Kosmos*, ano 1, no.8, agosto de 1904.

<sup>159</sup> - “Gazeta dos *sports*”, *Gazeta de Notícias*, 3 de julho de 1907.

do qual afastou-se em 1906 por ter ido residir fora da cidade<sup>160</sup>; e o próprio presidente do Fluminense, Francis Walter, que já acumulava a função com a presidência do Clube de Regatas do Flamengo, faz em 1906 uma proposta de ingresso no Botafogo - em um interesse variado pelo esporte que rendia a ele a fama de ser um dos “mais conspícuos *sportman* da cidade”<sup>161</sup>. Misturados em meio aos clubes esportivos que existiam na cidade, estes jovens faziam do esporte um forte laço de ligação que unia a todos dentro de uma missão comum.

Este caráter nobre atribuídos pelos *sportmen* às nascentes associações futebolísticas teria ainda outra consequência prática. Mais que trincheiras de defesa do novo jogo inglês, os clubes tornavam-se, no período, verdadeiros centros esportivos, abertos aos mais variados tipos de esporte. Clubes como o Fluminense, embora tivessem no futebol a sua atividade principal, não podiam deixar de patrocinar outros exercícios atléticos, como aulas de ginástica e esgrima<sup>162</sup>. Eram comuns casos de *sportmen* que tinham “pelo *sport* em geral verdadeira cachaça, quero dizer, verdadeiro whisky”, como explicava o cronista do jornal A Canoagem - explicitando na sua correção o sentido fidalgo deste vício<sup>163</sup>. Fundadores do Fluminense, como Júlio de Moraes, atestavam este interesse diversificado dos associados do clube, praticando, além do futebol, outras modalidades esportivas como o tênis e o automobilismo<sup>164</sup>. A mistura do futebol com o esporte em geral era tão acentuada que o próprio presidente do Foot-ball and Athletic Club não tinha, até 1906, disputado uma partida de futebol - o que só fez pela falta dos jogadores do seu clube em um jogo contra o Bangu<sup>165</sup>. Era nos festivais esportivos promovidos anualmente pelas associações futebolísticas, porém, que este seu caráter múltiplo ficava ainda mais claro. Verdadeiras celebrações da causa pela qual se batiam, os clubes de futebol tinham nestas festas um de seus eventos anuais mais importantes. Compostas de exercícios atléticos variados, como o salto em altura, o levantamento de peso e corridas, festas esportivas semelhantes à que o Fluminense realizou em 1906

<sup>160</sup> - “Ata da sessão da diretoria de 8 de outubro de 1906”, Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 4.07.1905 - 14.12.1906.

<sup>161</sup> - Cf. “Gazeta dos *sports*”, Gazeta de Notícias, 6 de maio e 13 de setembro de 1906 e “Ata da sessão da diretoria de 30 de maio 1906”, Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 4.07.1905 - 14.12.1906.

<sup>162</sup> - Cf. “Gazeta dos *sports*”, Gazeta de Notícias, 18 de setembro de 1906, e “Ata da 5ª. Assembléia geral ordinária em 21 de dezembro de 1905”, Atas de assembléias gerais do Fluminense F.C., op.cit., fl. 20.

<sup>163</sup> - Max, “A giz”, A Canoagem, 22 de agosto de 1903.

<sup>164</sup> - Cf. Paulo Coelho Neto, O Fluminense na intimidade, vol.2, Rio de Janeiro: S/E, 1969, pg 87.

<sup>165</sup> - “Gazeta dos *Sports*”, Gazeta de Notícias, 21 de maio de 1906.

atraíam a presença de famílias elegantes e de autoridades, como o Dr. Souza Aguiar, recém empossado prefeito da cidade<sup>166</sup>.

Recorrendo ao apelo que as práticas esportivas ganharam no período, jogadores e sócios destes clubes solidificavam a identidade moderna que criaram através do futebol, dando a ela uma justificativa moral. Este apoio nas teorias que valorizavam o esporte acarretava, porém, certas exigências de comportamento, que constituiriam um corpo de regras e de procedimento que deveriam ser adotadas pelos *sportmen*. Os *foot-ballers* deveriam ter sua conduta pautada por um cavalheirismo que os colocava não como adversários, mas como companheiros de uma mesma luta em favor do esporte. Fosse dentro de campo ou nas arquibancadas, era fundamental ao *sportman* um comportamento digno de sua elevada tarefa de transformação social. Mesmo nos jogos contra os paulistas era comum ver-se a torcida carioca saudando os feitos do adversário - como acontecia em 1905 em um jogo do Club Atlético Paulistano contra o Fluminense, quando um gol de Charles Muller foi recebido pelas arquibancadas aos gritos: “Bravo! Bravo! Bravíssimo!”<sup>167</sup>. Entre os jogadores, as disputas deveriam ser travadas dentro das regras da educação e do cavalheirismo. Mesmo quando um jogador não concordava com a atitude de outro esta regra não deveria ser descumprida - gerando cenas como a patrocinada em 1905 por um jogador do Botafogo: descontente com uma falta de um adversário do Athletic sobre um de seus companheiros, foi até ele e “pespegou-lhe um... beijo”<sup>168</sup>. Escondendo a irritação que o fizera avançar sobre o adversário no gesto aparentemente carinhoso para com ele, o jogador atingido mostrava a existência de códigos compartilhados que, mesmo em momentos de tensão, deveriam nortear a relação entre os esportistas. Nas vezes em que uma partida descambava para outro clima, a imprensa condenava os times participantes por terem dado um espetáculo “mais de tranco que de *foot-ball*”<sup>169</sup> - pois não era, certamente, um comportamento aceitável para verdadeiros *sportmen*.

<sup>166</sup> - “Gazeta dos Sports”, Gazeta de Notícias, 27 de novembro de 1907. Ver ainda “Ata da sessão da diretoria de 10 de setembro de 1906”, Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 4.07.1905 - 14.12.1906 - na qual um sócio pede que o clube mandasse fazer um peso de 16kgs para que os sócios pudessem se preparar para a festa esportiva do Fluminense.

<sup>167</sup> - “Foot-ball”, O Paiz, 17 de julho de 1905. O mesmo comportamento aparecia nos jogos interestaduais realizados em São Paulo - como o que acontece entre o S.C. Internacional e o Fluminense, quando os gritos e “hurras” da torcida se pronunciavam por um ou outro dos contendores”. Cf. “Telegramas”, Jornal do Comércio, 25 de junho de 1905.

<sup>168</sup> - Alceu Castro, *op.cit.*, pg 18.

<sup>169</sup> - “Sport”, Correio da manhã, 30 de maio de 1905.

A própria relação entre os clubes indicava que, longe de se considerarem adversários, seus sócios identificavam-se ainda uns com os outros, construindo para si mesmos uma marca de cavalheirismo. As disputas terminavam freqüentemente em festas nas quais a equipe convidada era saudada pelos anfitriões com grande gala e refinamento - como mostravam o jantar oferecido por um sócio do Riachuelo aos jogadores do América e a festa promovida no Hotel do Globo pelos sócios do Foot-ball and Athletic Club em homenagem aos jogadores do Bangu após a vitória sobre eles por dois gols a zero<sup>170</sup>. Os jogos interestaduais, em especial, invariavelmente eram acompanhados de vários dias de festas, banquetes e bailes, que pareciam para seus participantes tão importantes quanto os próprios<sup>171</sup>. Promovendo festas conjuntas, trocando ofícios com gentilezas mútuas e emprestando o campo uns aos outros<sup>172</sup>, estes clubes firmavam para si mesmos a cordialidade de parceiros, mutuamente identificados como a vanguarda do futuro que médicos e educadores pretendiam impor ao país.

Seus sócios davam com isso substância a uma identidade que, baseada no caráter moderno que a marca inglesa dava ao jogo, ganhava através dos princípios da higiene a sua legitimidade social. Fazendo-se representantes naturais de um país do futuro, mais forte e sadio, os *sportmen* reunidos em torno dos clubes de futebol juntavam a força da ciência com um pretendido refinamento do novo esporte inglês, fazendo do futebol um elemento que lhes conferia papel de grande destaque. Com a propaganda ao culto físico ocasionada por suas atividades, construía para si mesmos a aura de modelos que deveriam ser seguidos pelo restante da massa de gente sem força e saúde que, na sua visão, comporia a população carioca. De proposta médica para a sociedade, a higiene convertia-se em meio de legitimação da identidade construída por estes rapazes que se juntavam nos clubes de *foot-ball* tentando firmar para si o papel de salvadores da sociedade, patrocinadores de uma luta que teria como objetivo a salvação de todos.

<sup>170</sup> - Cf. "Sport", Jornal do Comércio, 14 de junho de 1905 e O Paiz, 2 de setembro de 1906.

<sup>171</sup> - "Sport", Gazeta de Notícias, 7 de setembro de 1904.

<sup>172</sup> - É o que acontece por exemplo em 1906, quando Botafogo aceita oferta para jogar no campo do Fluminense dividindo com ele a renda enquanto o seu não ficava pronto. "Ata da sessão da diretoria de 16 de março de 1906", Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 4.07.1905 - 14.12.1906.

## A liga da distinção

Entre a imagem projetada pelos sócios desses clubes elegantes para o futebol e o modo como eles construiriam na prática um sentido profundo para o novo jogo havia, porém, uma longa distância. Se as teorias higiênicas lhes davam respaldo moral, os motivos que os levavam a se juntar em centros esportivos pareciam trilhar caminhos muito diferentes. A explicitação dessas contradições começaria a aparecer de forma mais clara a partir de 1905. Deixando para trás sua feição de novidade, o futebol ia ganhando a marca de “um *sport* triunfante”, estando já assegurada “a vitória dos campos de *foot-ball* sobre os outros jogos”<sup>173</sup> - em um sucesso assegurado pelo fato de que, por toda a cidade, os círculos que o praticavam não eram assim tão restritos quanto poderiam desejar muitos *sportmen*.

Chamando a atenção de uma mocidade dispersa por outros bairros, o futebol dava motivo para a fundação de inúmeras novas associações. A princípio este impulso atingia mais diretamente os rapazes de regiões mais próximas de clubes como o Botafogo e o Fluminense - como acontecia com o Engenho Velho F.C., fundado em julho por iniciativa de um grupo de amigos, ou com o Cosme Velho F.C, organizado no mês seguinte por alguns “alunos de colégios estabelecidos no bairro das Laranjeiras”<sup>174</sup>. Logo porém o mesmo movimento chegaria a bairros mais afastados, gerando o surgimento de clubes como o Boêmios F.C., de Vila Isabel, e o Aldeia Campista F.C., composto por moradores do local que esperavam ter nele “um ponto de diversões”<sup>175</sup>. No ano de 1906, porém, esse movimento ganharia uma proporção ainda maior. Em julho o jornal O Paiz informava em sua coluna dedicada aos subúrbios que os “*sportmen* residentes no Méier resolveram criar um clube *sportivo*” para a prática do futebol, dando a ele o nome de Club Atlético do Méier<sup>176</sup>. Em pouco tempo o clube contava com “grande número de sócios”, entre os quais constavam filhos de famílias de

<sup>173</sup> - “Sport”, Gazeta de Notícias, 31 de julho de 1905.

<sup>174</sup> - Cf., respectivamente, “Sport”, Correio da Manhã, 5 de julho de 1905 e “Sport”, Gazeta de Notícias, 26 de agosto de 1905.

<sup>175</sup> - “Sport”, Correio da Manhã, 27 de agosto de 1905; e “Sport”, O Paiz, 6 de setembro de 1905.

<sup>176</sup> - “O Paiz nos subúrbios”, O Paiz, 16 de julho de 1906. Na seção esportiva do mesmo jornal, dias antes o clube era chamado de Méier Foot-ball Club. O Paiz, 10 de junho de 1906.



destaque do bairro, como os irmãos Rudge e Aché<sup>177</sup>. Aplaudindo a iniciativa dos rapazes que estariam criando o “gosto pelo *sport*” entre a “mocidade suburbana”, o cronista da seção dedicada aos subúrbios do jornal O Paiz afirmava que “em nenhum outro lugar se encontram terrenos mais apropriados para os parques de ginástica e outros divertimentos salutareis e higiênicos”. Sua afirmação gerava, porém, o protesto de um esportista de Bangu: descontente com a primazia da introdução do futebol nos arredores atribuída pelo jornal ao Club Atlético do Méier, lembrava ao cronista a existência anterior do clube de futebol de seu bairro. Desculpando-se, o redator da notícia afirma no entanto que “não basta somente um club, por importante que seja, para introduzir o gosto pelo *sport* numa zona tão extensa como é a suburbana”<sup>178</sup>.

A movimentação entre a juventude de outros bairros suburbanos logo mostraria que o cronista estava com a razão. No “pitoresco bairro de Pedregulho”, já havia sido fundado em maio o Pedregulhense F.C. - que, tendo já 50 sócios, logo seria incorporado pelo Riachuelo<sup>179</sup>; na estação da Mangueira, aparecia em agosto o Sport Club Mangueira, que iniciava suas atividades com um jogo de *foot-ball*<sup>180</sup>; em outubro eram fundadas associações como o Cascadura F.C. e o São Cristóvão F.C., e na Lapa aparecia em novembro o Alumínio F.C.<sup>181</sup>. Em outras regiões iam aparecendo grêmios como o União F.C., o Democrático F.C., o Club Atlético Universo e o Foot-ball Club do Leme - em um movimento que faria com que, ao fim de 1906, já houvessem sido fundados na cidade mais de 30 clubes. Estruturando-se através de relações de amizade e de parentesco, estes clubes surgiam na maior parte das vezes por iniciativa dos membros das famílias de destaque das diversas regiões da cidade<sup>182</sup>. Disputando em seus bairros uns com os outros jogos que atraíam grande público, estas novas associações espalhadas pelos subúrbios tomavam para si o refinamento e modernidade que ia sendo construída pelos *sportmen* de clubes como o Botafogo e o Fluminense - reelaborando, nos subúrbios, a lógica que fazia do jogo um elemento diferenciador e tirando das rodas esportivas da região central da cidade o monopólio sobre o jogo.

<sup>177</sup> - “Sports”, O Paiz, 22 de julho e 19 de agosto de 1906 e 20 de novembro de 1906.

<sup>178</sup> - “O Paiz nos subúrbios”, O Paiz, 18 de julho de 1906.

<sup>179</sup> - “Sport”, Correio da Manhã, 3 de maio de 1906 e O Paiz, 20 de maio de 1906.

<sup>180</sup> - “Sport”, Correio da Manhã, 2 de agosto de 1906.

<sup>181</sup> - “Sport”, O Paiz, 19 e 21 de outubro de 1906.

<sup>182</sup> - Era o caso dos Tavares de Oliveira, do Bahia F.C., e dos Guimarães, do Club Atlético Universo. Cf “Sports”, O Paiz, 19 de julho de 1906 e “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 18 de novembro de 1906..

Não era só a juventude suburbana, porém, que ia interessando-se pelo novo esporte. Se mesmo nos bairros mais afastados os novos clubes continuavam a constituir-se como associações fechadas, acessíveis apenas a um grupo social restrito, em outros espaços já se podia notar a atração que o jogo da bola ia exercendo em indivíduos de outras classes, que não poderiam associar-se a um destes grêmios. Nos mesmos jogos nos quais o Fluminense atraía para suas arquibancadas uma juventude elegante e seleta, uma pequena multidão de curiosos divertia-se do lado de fora por sobre os telhados e muros apreciando o jogo dos jovens rapazes - como mostravam as fotos publicadas em 1905 pela revista *O Malho* (Fig.5 e 6). Espremidos e mal acomodados, crianças e jovens negros e mal vestidos mostravam todo seu interesse pelo futebol. As legendas publicadas junto das fotografias eram claras: tratava-se de um público que, “não querendo ou não podendo marchar com o arame da entrada”, fazia o que podia para assistir aos jogos no estádio do Fluminense:

“Verdadeiros *habitués* dessas torrinhas ao ar livre, a travessa *gurizada*, a que se juntam bastante marmanjos e até famílias interessa-se por esse violento *sport* e com alegres piadas, comenta os incidentes do jogo.

Às vezes lá do alto do morro ou do meio das ribanceiras, o entusiasmo é tal, que rola um espectador provocando apenas hilaridade geral, visto como à *criança e ao borracho põe Deus a mão embaixo...*”<sup>183</sup>.

A ironia do redator da notícia, que compara a diversão dos rapazes com a dos apreciadores das óperas elegantes que não podiam assisti-las de lugar melhor, evidenciava todo o seu estranhamento com esta “cena carioca”: postando-se em lugares em que não deviam estar, estes grupos de interessados pelo futebol apareciam, para ele, como uma excentricidade - pois o *foot-ball*, embora fosse caracterizado com um “violento *sport*”, não era aos olhos do preconceito do redator da notícia um evento para tal gente. Ao tentar apontar a estranheza desta presença, ele acabava no entanto explicitando toda a animação que o jogo ia despertando em círculos excluídos dos clubes esportivos, não podendo sequer comparecer aos jogos realizados com entradas retribuídas - em um entusiasmo que, segundo ele, explicava por que o futebol ia se tornando um jogo “tão popular”.

Entre o interesse manifesto pela curiosidade de quem se espreme para assistir aos jogos e a tentativa de começar a praticá-lo em seus próprios espaços, não parecia haver um caminho muito longo. Jovens de famílias que não poderiam pagar mensalidades

<sup>183</sup> - “Cenas cariocas”, *O Malho*, 28 de outubro de 1905.

como aquelas cobradas pelos clubes esportivos da capital logo achariam, em outros espaços, incentivo e apoio para a prática do novo esporte<sup>184</sup>. Era o que acontecia, entre outros lugares, na Ilha das Cobras, onde reuniam-se naquele ano os praças do batalhão de infantaria da marinha, o futebol aparecia como a grande diversão. O perfil do time era, então, muito diferente daquele dos clubes futebolísticos espalhados pela cidade (Fig. 7). Negros, mestiços e pobres em geral iam, em ocasiões como esta, aproximando-se do esporte, divertindo-se com ele com o apoio entusiasmado dos seus superiores que viam nisso um benefício para o desenvolvimento físico das tropas. Sem ater-se ao caráter nobre atribuído ao jogo por muito de seus defensores, iam fazendo dele uma alternativa de lazer e um meio de diversão, que atraía um contingente cada vez maior de admiradores entre as classes trabalhadoras.

Se para muitos o interesse destes grupos iletrados pelo moderno jogo inglês podia aparecer como um grande benefício à saúde do país, ou até mesmo como uma simples nota excêntrica, outros, mais ciosos do perfil fidalgo do jogo, iam mostrando seu descontentamento com a situação. Em um jogo realizado em maio de 1906 pelo time do Rio contra o de Niterói, Zé Cosme, o cronista do Correio da Manhã, explicitava com todas as letras seu desconforto com a popularidade que o futebol ia ganhando:

“Aí está o que dão cousas muito rodeadas de reclame; enchem-se de gente os lugares em que elas se verificam e o resultado é haver afobação até não mais...”

O *match* Rio-Niterói está nesse caso. Os jogadores impressionados com a multidão que os mirava e admirava, deram as suas *souries* (sic) muito regulares. Até se esbordoarem...<sup>185</sup>

Desgostoso da publicidade que ia dando ao futebol um destaque maior do que aquele pretendido pelos grupos que o patrocinavam, Cosme mostrava ver nesta repentina popularidade um fator de degradação do sentido profundo do jogo. Aos olhos de um público que já não tinha mais a elegância e a fleuma dos verdadeiros *sportmen*, os jogadores deixariam de lado os princípios básicos do sentido que davam ao esporte - o cavalheirismo e o *fair-play* - para enfrentarem-se aos trancos e pontapés, em um espetáculo indigno que teria na numerosa torcida sua força propulsora. Nos campos, por

<sup>184</sup> - Em julho de 1906 a Associação Cristã de Moços realizava, no campo do Asilo do Bom Pastor, na fábrica de Chitas, um jogo entre dois times de membros da associação; no mesmo ano os jovens soldados que faziam treinamento de manobras militares e exercícios de combate em Santa Cruz faziam do futebol, praticado nos dois campos montados no acampamento, um de seus principais passatempos - ganhando para isso o apoio de oficiais como o general Hermes da Fonseca, que assistia seus jogos.

“Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 17 de setembro de 1906.

<sup>185</sup> - Zé Cosme, “Sport”, Correio da Manhã, 23 de maio de 1906.

outro lado, jogadores de pequenos times como o Nacional, acusados pela crônica esportiva de vaiar e maldizer os adversários, pareciam já não compartilhar dos mesmos princípios cavalheirescos que norteavam a atuação dos jogadores dos clubes mais antigos<sup>186</sup>. Decididamente, para os *sportmen* a popularização do jogo aparecia não como uma dádiva, mas como um problema a ser enfrentado.

A posição de Zé Cosme contra a difusão desenfreada do jogo tinha como aliados, paradoxalmente, alguns dos médicos e educadores que faziam das teorias higiênicas uma verdadeira ideologia. Álvaro Reis, em sua tese defendida na Bahia em 1904, já alertava para os perigos do abuso do *foot-ball*, que só seria benéfico para a “mocidade mais preparada” - sendo impróprio, portanto, para tipos como aqueles que começavam a praticar o jogo. A situação era para ele ainda pior pela carência material destes seus novos admiradores, que os obrigava a praticá-lo em terrenos de terra batida como o Campo da Pólvora, na Bahia - que tinha este nome pela grande quantidade de poeira que era levantada durante as partidas. Nestas condições, dizia o Dr. Álvaro, a cultura física não podia “chamar-se cultura da *saúde* do corpo, mas sim, da *ruína* do corpo”<sup>187</sup>. Outro médico defendia, nas páginas da Gazeta de Notícias, que os exercícios atléticos, “para despertarem no organismo uma reação salutar, exigem várias condições que nem sempre se acham reunidas” - só podendo, portanto, ser praticados “por órgãos solidamente construídos e isentos de qualquer estorvo nas funções nutritivas”<sup>188</sup>. Excluindo os pobres dos benefícios que viam no esporte, estes médicos davam argumentos aos sócios dos clubes elegantes em sua tentativa de definição de um caráter restrito para o jogo da bola.

Não que esta fosse, naquele momento, uma discussão restrita ao futebol. A exclusão dos trabalhadores era uma questão que se colocava em relação à vários esportes. Ela aparece explicitamente em 1906, quando a Federação Brasileira das Sociedades de Remo resolveu proibir os barbeiros de participar dos clubes a ela filiados. A decisão gerou, nos jornais cariocas, uma enorme polêmica. Para muitos cronistas esportivos este seria um grande erro dos diretores da Federação, que faziam com que rapazes “honestos e trabalhadores” fossem considerados “indignos da companhia dos nossos *rowers*” - aplicando ao remo “exaustiva sangria, sem que haja para isso uma

<sup>186</sup> - “Sport”, O Paiz, 20 de agosto de 1906.

<sup>187</sup> - Álvaro Borges dos Reis, Educação Física, Bahia: Litografia Reis e cia., 1904, pg 91.

<sup>188</sup> - A.C.I.B., “O Homem e o sport”, Gazeta de Notícias, 26 de julho de 1906.

razão aceitável”<sup>189</sup>. A posição era, no entanto, defendida ardorosamente por esportistas como A. Pimentel, que mandou à Gazeta de Notícias uma carta indignada sobre o assunto. O motivo da necessária exclusão seria, segundo seus argumentos, muito claro: sendo trabalhadores, os barbeiros “recebem gorjetas”. Embora reconhecesse que “nas assembleias políticas, na representação nacional, todas as classes sociais devem ter entrada, igualmente representadas”, afirmava que na sociedade deveriam ser obedecidas “as fúteis, mas enraizadas convenções sociais e preconceitos”, não podendo deixar de haver “distinção de classes”:

“Todas as profissões são dignas, todo o trabalho é honrado. É o homem que faz o lugar, e não o lugar que faz o homem.

Sim, mas em teoria apenas.

Quem é que, a não ser por *pose*, ou por conveniência, ou por interesse, ou por qualquer outro motivo inconfessável, sentará à sua mesa, convidará para os seus dias de recepção, apresentará sua mulher ou sua amante, a um indivíduo de classe baixa, de classe inferior, por mais digno, por mais honrado que seja esse indivíduo? Ninguém. Essa que é a verdade”<sup>190</sup>.

Indignos de penetrar nos círculos de *sportmen* como ele - o que incluía até as facetas clandestinas de sua experiência - os trabalhadores não poderiam, aos olhos de Pimentel, compartilhar uma identidade que tinha na elegância e no refinamento as suas marcas. Trazendo para os clubes um preconceito atribuído à própria sociedade, ele explicitava o movimento feito, no período, por muita das associações esportivas que surgiam: tratava-se de estabelecer, em círculos fechados, um espaço de diferenciação em relação à massa de indivíduos “inferiores” que se espalhava pelas ruas:

“(…) O grande mal do Brasil é justamente esse de não haver distinção de classes. Entre nós o operário, o barbeiro, o condutor de bond, o caixeiro de confeitaria, o amanuense, o diretor de repartição, confundem-se: vestem-se do mesmo modo, nos mesmos alfaiates, freqüentam as mesmas casas, são todos iguais.

(…) E se há hierarquia militar, hierarquia oficial, porque não haverá hierarquia social”?

Desgostoso com o fato de que a abolição da escravidão e a instauração da República tivessem acabado com alguns dos sinais mais visíveis da diferença que separava pessoas como ele dos muitos ex-escravos e operários de um modo geral que espalhavam-se pelas ruas, ele pretendia, através do esporte, recolocar as pessoas em seus devidos lugares. Mais do que a explicitação da diferença, tratava-se da definição da desigualdade, que daria aos jovens reunidos nos clubes esportivos um caráter hierarquicamente superior

<sup>189</sup> - “Sports - Os Barbeiros”, Correio da Manhã - Suplemento Ilustrado, 22 de abril de 1906.

em relação aos demais<sup>191</sup>. Contando para isso com o decisivo apoio das teorias higiênicas, que definiam a superioridade dos indivíduos adeptos do exercício físico sobre o grosso da população brasileira - visto como uma massa inerte e preguiçosa - *sportmen* como Pimentel faziam dos clubes esportivos os meios de recolocar uma distinção cuja clareza se perdera nos primeiros anos do novo regime.

Se nos clubes de remo, esporte ainda mais popular do que os demais nos primeiros anos do século, esta era ainda uma discussão que podia causar alguma polêmica, nas associações futebolísticas ela nem se colocava. Desde muito cedo clubes como o Fluminense e o Botafogo tramaram seus próprios mecanismos de exclusão, que garantiam as restrições necessárias para o ingresso em seus quadros. Já em agosto 1904 o clube de Oscar Cox realizava uma assembléia para tratar da necessidade do aumento da jóia de ingresso paga pelos novos associados. Contando no período com 170 componentes, o clube já teria, segundo Costa Santos, “muitos sócios”. Sendo a sua finalidade justamente a de “ter um número limitado de sócios”, como lembrava Luiz Nóbrega, era necessário controlar o ingresso para impedir a entrada no clube de “rapazes que não são dignos” - como já estaria acontecendo, segundo a denúncia de outro participante da assembléia<sup>192</sup>. Era portanto proposto pela diretoria o exorbitante valor de 50\$000 - valor mais de quinze vezes superior, por exemplo, à mensalidade paga pelos trabalhadores que quisessem associar-se à União Caixeiral<sup>193</sup>. Embora os próprios sócios tenham considerado o aumento excessivo, fixando o novo valor em 25\$000, o episódio demonstra claramente a lógica que movia os membros do Fluminense - que, no ano seguinte, ainda aumentariam o valor da mensalidade de 5\$000 para 8\$000<sup>194</sup>. Em outras associações, como o Botafogo, esta lógica apareceria de maneira ainda mais clara: embora cobrasse 10\$000 de jóia dos novos sócios e uma mensalidade de 5\$000, o

<sup>190</sup> - “Gazeta dos Sports - Ainda os Barbeiros”, Gazeta de Notícias, 15 de julho de 1906.

<sup>191</sup> - A contradição do argumento era perceptível pelos próprios contemporâneos, sendo apontada pelo redator de um jornal esportivo paulista: afirmando que se estaria com isso negando o direito do acesso ao esporte para aqueles que, segundo ele, uma “maior necessidade teriam de uma bem entendida educação física e moral”, indicava como estes jovens endinheirados iam fazendo destes clubes “simples centros recreativos privilegiados”. M. Marcello, “Igualdade de Classes - Operários e sport”, Sportman (SP), ano 1, no. 9, setembro de 1906. Também no caso de São Paulo, no entanto, Plínio Negreiros dá indícios de que “talvez os clubes fechados tenham sido um dos poucos espaços onde a elite podia estar sem a presença dos trabalhadores e do povo em geral”. Plínio Negreiros, op.cit., pg 18.

<sup>192</sup> - “Ata da 4ª. assembléia geral extraordinária realizada em 8 de agosto de 1904”, Atas de assembléias gerais do Fluminense F.C., op.cit., fl. 12.

<sup>193</sup> - Cf. União Caixeiral, ano 1, no. 1, 1 de maio de 1903.

<sup>194</sup> - “Ata da 6ª. assembléia geral extraordinária realizada em 11 de maio de 1905”, Atas de assembléias gerais do Fluminense F.C., op.cit., fl. 18.

clube ainda definia diretamente, em seus estatutos, que um dos requisitos para a aceitação de novos sócios seria o de “não ser nem ter sido profissional de qualquer serviço braçal” - sendo necessário a menção, na proposta de ingresso no clube, de uma explicação sobre “o lugar que ocupa no emprego”<sup>195</sup>. Fazendo dos centros esportivos espaços de reunião de estudantes endinheirados, altos funcionários e de capitalistas em geral, estes *sportmen* transformavam o impulso higiênico de apoio ao esporte em um meio de constituir associações restritas, que tinham no caráter selecionado de seus associados uma de suas marcas principais.

O fato de que preservassem o perfil social refinado dos seus associados não garantia porém a estes *sportmen* o monopólio da prática do futebol. Se queriam preservar a marca fidalga que construíam para o esporte, seria preciso mais do que manter o nível de seus associados: era necessário tomar para si a primazia da prática do jogo na cidade, definindo suas regras e os grupos que poderiam praticá-lo. Reunidos no dia 8 de julho de 1905 na sede do Fluminense, representantes do Botafogo, do Athletic and Foot-ball Club, do Bangu - no caso, o Sr. Villas Boas, um membro da diretoria da fábrica - e do próprio Fluminense, é resolvida a fundação de uma liga para organizar o futebol na cidade, promovendo disputas e campeonatos. Nascia assim a Liga Metropolitana de Foot-ball, em cuja diretoria se faziam representar membros de cada um dos clubes que a formavam<sup>196</sup>. É bem verdade que desde 1904 os clubes de futebol da cidade já ensaiavam a formação da liga<sup>197</sup>; a iniciativa, porém, parece não ter prosperado a princípio, só sendo retomada quando o crescimento do jogo ameaçava fidalguia que os associados destes clubes tentavam associar para ele. Constituída, a Liga logo começaria a organizar o primeiro campeonato de futebol da cidade, que seria realizado em 1906. Como prêmio era oferecida a Taça Colombo - uma doação da firma A. Portela e cia., proprietária da Casa Colombo. De prata trabalhada, ornada de pedras semipreciosas, a taça ficaria a cada ano em poder do vencedor do campeonato, só ganhando sua posse definitiva o clube que conquistasse o campeonato por três vezes seguidas<sup>198</sup>. Organizando a prática esportiva dos clubes futebolísticos da cidade, a nova

<sup>195</sup> - “Ata da sessão da diretoria de 7 de agosto de 1905”, Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 4.07.1905-14.12.1906.

<sup>196</sup> - Cf. “Sport”, O Malho, 7 de outubro de 1905.

<sup>197</sup> - “Sport”, Gazeta de Notícias, 28 de outubro de 1904; e Orlando Cunha e Fernando Valle, op.cit., pg 18.

<sup>198</sup> - Cf. Paulo Coelho Netto, O Fluminense na Intimidade, vol. 2, op.cit., pg 59.

Liga tentava assumir um papel de liderança sobre os rumos do esporte inglês no Rio de Janeiro, tomando para si a tarefa de zelar pela imagem refinada do jogo.

A iniciativa foi saudada com entusiasmo pela crônica esportiva dos jornais, que reafirmavam que à nova entidade estavam filiados “os centros de *foot-ball* mais importantes da nossa capital”<sup>199</sup>. Tendo como um de seus objetivos principais o de “manter a ordem e boa harmonia entre os clubs que a ela filiareem-se”, a Liga definia em seus estatutos que “os regulamentos do *foot-ball association* da Inglaterra serão os únicos adotados” pelos clubes a ela filiados, sendo conservados os “termos ingleses” - regra que, indicando a existência de muitas adaptações que poderiam estar sendo feitas pelos membros dos clubes de menor prestígio, demarcava a fidelidade dos clubes da Liga aos princípios britânicos que eram para eles a marca do jogo. O ingresso de novos clubes só seria aceito mediante o pagamento de 50\$000 anuais e 30\$000 de mensalidade, reproduzindo o mesmo mecanismo de exclusão já utilizado há tempos pelos clubes. A aceitação de novas associações dependia ainda da proposta de dois clubes filiados, da posse pelo clube proponente de um “campo de dimensões regulamentares” e da admissão da diretoria da mesma<sup>200</sup>. Construindo uma série de obstáculos para o reconhecimento dos clubes menores, incapazes de satisfazer as condições exigidas, a Liga servia como um meio de definição mais clara do caráter que os *sportmen* dos clubes mais ricos da cidade tentavam dar ao jogo, prevenindo-se contra o movimento de difusão do futebol.

Mesmo entre os clubes filiados, as hierarquizações e distinções já se faziam notar - gerando a organização de uma segunda divisão para contemplar os interesses do América, o que levaria a Liga a aceitar como sócios o Riachuelo e os garotos do Colégio Latino Americano, que organizam seu próprio clube<sup>201</sup>. Embora não se tratasse de diferenças tão profundas entre o perfil social de seus componentes, estes clubes disputariam um campeonato distinto, preservando o refinamento do jogo praticado pelos clubes da primeira divisão. Por mais que os regulamentos da Liga definissem, como lembrava um associado do América em carta enviada à Gazeta de Notícias, que o desmembramento do campeonato em duas divisões importasse “exclusivamente à conveniência do jogo, sem outro fim perceptível”, a prática mostrava um quadro bem

<sup>199</sup> - “Sport”, O Paiz, 3 de maio de 1906

<sup>200</sup> - Estatutos da Liga Metropolitana de Foot-ball. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1905.



diferente - o que seria explicitado pelo destino dado a uma outra Taça oferecida por este jornal para premiação dos vencedores do campeonato da Liga. Sob os protestos do signatário da carta, esta nova Taça, ao invés de ser disputada pelos clubes da segunda divisão, como seria de se prever, foi definida pela Liga como prêmio para a disputa do campeonato dos segundos times da primeira - formados, segundo ele, para “satisfazer a todos os seus sócios e conciliá-los”<sup>202</sup>. Indicando seu menosprezo pelo campeonato dos times de menor força, a diretoria da Liga mostrava fazer da consolidação dos clubes de maior prestígio e dinheiro seu objetivo principal.

O sucesso do campeonato seria imediato. Como primeira consequência prática de sua realização, o futebol passava a ser levado mais a sério por todos os envolvidos. Já no dia 17 de abril, poucas semanas antes do início da disputa, a Gazeta de Notícias transformava a sua tímida seção esportiva em uma “Gazeta dos *sports*” - seção diária com duas colunas que logo ganharia o título de “órgão oficial da Liga Metropolitana de *foot-ball*”; os clubes, por sua vez, passavam a carregar a responsabilidade de quem almejava “alguma coisa mais que uma simples vitória”, lutando pela conquista de uma taça; e os jogadores, por fim, deveriam se conscientizar que não concorriam mais “a uma simples brincadeira mas, sim, a um - campeonato”. Tendo iniciado-se no dia 3 de maio com um jogo no qual o Fluminense vencera o Payssandu por 7 gols contra 1, o campeonato era disputado no sistema de ida e volta, enfrentando-se cada um dos seis concorrentes por duas vezes. Os jogos, atraindo aos estádios um público crescente, eram para os cronistas esportivos “a prova evidente de que está entre nós aceito mais este salutar exercício físico”<sup>203</sup>. O futebol ia assim, segundo eles, “despertando no povo carioca o mais legítimo entusiasmo e o mais profundo interesse”, tendo o bom nível das disputas “demonstrado sobejamente as qualidades de valor e competência dos nossos *foot-ballers*” e o “grau de adiantamento” que ia tomando na cidade o “útil e fidalgo divertimento”<sup>204</sup>. Encerrando-se o campeonato no fim de outubro, em consideração ao “grande calor” que começava a fazer na cidade, o Fluminense reafirmava sua grande superioridade sobre os outros times - que o fez perder apenas uma de suas partidas,

---

<sup>201</sup> - Cf. “Teatros e sport”, O Paiz, 8 de abril de 1906 e 2 de setembro de 1906; e Orlando Cunha e Fernando Valle, op.cit., pp 27- 30.

<sup>202</sup> - Conferir, respectivamente, “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 24 de abril, 4 de maio e 10 de julho de 1906.

<sup>203</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 4 de maio de 1906.

<sup>204</sup> - “Foot-ball”, O Paiz, 28 de maio de 1906.

tendo ganho todas as demais - para tornar-se o primeiro detentor da Taça Colombo após a vitória sobre o Bangu<sup>205</sup>.

O êxito da competição daria aos *sportmen* reunidos em torno dos clubes da liga uma força ainda. Desejando a partir dela tomar as rédeas não só da prática do futebol na cidade, mas dos esportes terrestres de uma maneira geral, seus sócios resolvem em reunião realizada no dia 31 de janeiro de 1907 alterar seus estatutos, transformando-a na Liga Metropolitana de Sports Atléticos - cujo intuito seria, segundo palavras do seu presidente, Francis Walter, “mais tratar do ar livre propriamente e não somente do *football*”<sup>206</sup>. Deixando o esporte náutico na mão da outra forte liga esportiva do período - a Federação Brasileira das Sociedades de Remo - os sócios dos clubes futebolísticos tomavam para si o papel de liderança do movimento esportivo no Rio de Janeiro. Mais do que isso: passando segundo os seus estatutos a aceitar a filiação de outras ligas estaduais, a Liga Metropolitana colocava-se na posição de centro nacional do movimento esportivo brasileiro, tratando de definir regras que deveriam ir além das fronteiras da cidade - como a restrição à participação nas atividades de esportistas profissionais e a proibição das apostas<sup>207</sup>. Embora as mudanças da Liga tenham desagradado clubes como o Rio Cricket - que retirou-se de seus quadros em protesto contra a tentativa de interferência em outros esportes<sup>208</sup> - elas consolidavam a posição de destaque que os clubes de futebol mais refinados iam assumindo no Rio de Janeiro, assim como sua tentativa de definição de regras e condutas que deveriam ser adotadas por todos os *sportmen*.

Grande parte dessas novas regras formuladas pela diretoria da liga tinha um objetivo claro: o de definir, de forma cada vez mais precisa, o perfil de seus membros. Evidenciado de forma explícita o sentido de sua formação, a Liga enviava em maio de 1907 aos clubes a ela associados o seguinte ofício:

“Comunico-vos que a diretoria da Liga, em sessão de hoje, resolveu por unanimidade de votos que não serão registrados **como amadores nesta liga as pessoas de cor**”<sup>209</sup>.

<sup>205</sup> - Cf. O Paiz, 4 de novembro de 1906 e “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 1 e 6 de novembro de 1906.

<sup>206</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 2 de fevereiro de 1907.

<sup>207</sup> - Estatutos da Liga metropolitana de Sports Atléticos, Rio de Janeiro: Tip. Leuzinger, 1907, pg 6 e 12.

<sup>208</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 8 de março de 1907.

<sup>209</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 10 de maio de 1907. Grifos no original.

Cobrando de “todos os clubes filiados” as providências necessárias para cumprir tal resolução, os diretores da Liga explicitavam a lógica que alimentava sua devoção ao *sport*. O que já era uma regra comum em associações como o Club Sportivo dos Liberais - que segundo os estatutos aprovados em 1906 aceitava um “ilimitado número de sócios de qualquer nacionalidade, exceto pessoas de cor”<sup>210</sup> - tornava-se então uma regra geral a ser seguida por todos os membros da Liga. À segregação social, que afastava os trabalhadores manuais, somava-se agora a exclusão racial - que tentava fazer do esporte um monopólio de jovens rapazes brancos e endinheirados, onde não haveria lugar para trabalhadores recém-egressos da escravidão.

É bem verdade que a resolução não foi aceita pelos sócios dos clubes filiados à Liga de uma maneira tão unânime. Em sessão da diretoria do Botafogo no dia 10 de maio daquele ano, na qual era recebido o ofício da Liga, Alfredo Chaves - o único sócio benemérito do clube até então - protestava “contra essa medida da liga, que constitui verdadeira seleção odiosa, contrária a todos os princípios democratas e racionais”. Embora parecesse ver algum sentido na seleção rigorosa dos jogadores que participariam de seus campeonatos, ele afirmava que a liga “somente deve ter em vista os costumes daqueles que são levados a registro”, não devendo portanto imiscuir-se em assuntos internos dos clubes. A resposta de Cruz Santos, seu colega de diretoria, sintetizava porém de maneira exemplar o ponto de vista daqueles que combatiam a possibilidade de aceitação de negros nos clubes da Liga:

“O Sr. Cruz Santos diz que, no seu fraco entender, a deliberação da liga não ofende nem de leve os princípios de democracia de que ele é um sectário. O seu colega colocou-se em um ponto de vista falso, procura confundir sociedades políticas com as agremiações de caráter puramente recreativo. A aquelas, quase que hoje é reconhecido o princípio da igualdade, sem distinção de cor ou de crenças, ao passo qu’essas onde os indivíduos estão intimamente ligados pelos laços da camaradagem e do afeto é muito justo e até necessário o apartamento dos indivíduos. Por muitos motivos, inclusive o da cor, que quase sempre indica indivíduos de classe diversas. Assim, penso que a deliberação da liga consultou aos interesses do *sport*”<sup>211</sup>.

Usando argumentos muito semelhantes àqueles levantados por A. Pimentel ao bater-se contra a aceitação dos barbeiros nos clubes de remo, Cruz Santos indicava a lógica que movia a maior parte dos sócios das mais refinadas associações futebolísticas da capital da República. Embora diga-se um democrata radical, para *sportmen* como ele o

<sup>210</sup> - Arquivo Nacional. Secretaria de Polícia do Distrito Federal, pacote 176 - caixa 5357.

reconhecimento da igualdade política, longe de ser um ato democrático, era somente o diagnóstico de um problema que deveria ser resolvido por outros meios. Se o campo dos direitos civis não servia mais para distinguir os indivíduos, seria necessário criar novos espaços e mecanismos de diferenciação, que recolocassem as hierarquias sociais perdidas com a República. Parecia ser esta, para Cruz Santos, a tarefa dos clubes esportivos: proibindo o ingresso de negros e trabalhadores, confundidos aos olhos de seu preconceito, ele via no ato da liga um grande benefício ao esporte, que poderia assim manter sua marca fidalga - explicitando com isso ser a nova entidade a patrocinadora de um bem elaborado mecanismo de distinção.

A vitória da argumentação de Cruz Santos no Botafogo não se repetiria, porém, entre os sócios do Bangu A. C., cujo perfil estrangeiro era cada vez menos acentuado. Sentindo-se “ofendido” com a decisão, o clube remetia à Liga Metropolitana um ofício desligando-se de seus quadros, deixando com isso de tomar parte do campeonato de 1907<sup>212</sup>. Embora já estivesse, como o Rio Cricket, descontente com as recentes alterações de seus estatutos, aparecendo na imprensa boatos sobre a possibilidade de seu desligamento<sup>213</sup>, a proibição à participação de negros parecia ser, para os operários que compunham seus quadros, a gota d’água. Desde sua fundação, em 1904, o Bangu ia passando por um processo de proletarização de seus quadros. Embora fosse ainda dirigido pelos imigrantes ingleses, o clube, sob influência da direção da fábrica, ia aceitando sócios das mais diferentes origens. Compondo 1.417 dos pouco mais de 6.000 moradores do “não pequenino arraial”<sup>214</sup>, os operários da fábrica passavam a ter com ele uma relação mais próxima, comparecendo aos jogos e torcendo fervorosamente por seu time - sendo ele já em 1906, segundo o relato de um cronista do jornal O Paiz que visita o bairro, o divertimento “que mais entusiasmo” despertava entre eles<sup>215</sup>. Não era de se estranhar, portanto, a presença de jogadores negros em seu time - evidenciada em

<sup>211</sup> - “Ata da sessão da diretoria de 10 de maio de 1907”, Botafogo F.C. - Atas da diretoria -23.01.1907 - 4.10.1909.

<sup>212</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 18 de maio de 1907; e Correio da Manhã, 24 de maio de 1907.

<sup>213</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 11 de março de 1907.

<sup>214</sup> - Cf. Companhia Progresso Industrial do Brasil. Relatório para ser apresentado à assembléia geral convocada para 6 de abril de 1907, Rio de Janeiro: Papelaria União, 1907; e “O Paiz nos subúrbios”, O Paiz, 11 de maio de 1906, que afirma que na estação de Bangu todos moravam “nas casinhas confortáveis mandadas construir pela companhia proprietária do grande estabelecimento fabril”, quase não existindo casas para alugar.

<sup>215</sup> - “Sport”, Jornal do Comércio, 1 de agosto de 1905 e “O Paiz nos subúrbios”, O Paiz, 14 de abril de 1906.

uma foto de 1905 (Fig.8). Ainda que fosse uma presença solitária em meio a um time ainda maciçamente composto por estrangeiros, o fato de que um jogador negro pudesse fazer parte de seu time explicitava a grande diferença que separava o Bangu de outros clubes. Trazendo para o seio da associação a incômoda presença destes trabalhadores, o clube parecia então ser o principal alvo das novas regras determinadas pela liga, que impediriam alguns de seus jogadores de continuarem como sócios do clube.

O mal estar crescente dos sócios de clubes como o Fluminense e o Botafogo com a presença dos operários do Bangu na Liga não era entretanto uma novidade. Ao longo do campeonato de 1906 várias foram as vezes que apareciam, nos jornais, reclamações contra “a muita distância que separa o Bangu do centro da cidade”, que obrigava os jovens estudantes do time adversário a sair no trem do meio-dia para seus jogos, perdendo seu dia de folga<sup>216</sup>. Os convites do clube para jogos amistosos em seu campo eram freqüentemente recusados pelos sócios de clubes como o Botafogo, que unanimemente aprovavam a desistência de se disputar jogos no distante subúrbio<sup>217</sup>. Além da distância, as queixas atingiam muitas vezes o procedimento da torcida local. Foi o que aconteceu, segundo um cronista, no jogo contra o Riachuelo: em uma atitude “deveras triste”, os torcedores teriam se excedido nas críticas ao adversário - o que, não estando de acordo com as normas de comportamento esperadas de verdadeiros *sportmen*, teria levado os jogadores do Riachuelo a se retirar de campo<sup>218</sup>. Sem compartilhar dos sentidos nobres atribuídos ao esporte, os componentes do Bangu apareciam, para os sócios dos outros clubes, como um corpo estranho no seio da liga. A lógica da exclusão expressa na proibição da presença negra nos clubes filiados serviu assim não só como meio de evitar a convivência nas associações esportivas com estes trabalhadores indesejáveis, mas também como forma de excluir o clube que apresentava de maneira mais ostensiva este tipo de pessoa em seus quadros. Defendendo seus sócios, o Bangu desligava-se definitivamente da Liga Metropolitana, afirmando aos jornais por

<sup>216</sup> - Cf. “Sport”, Jornal do Comércio, 19 de maio de 1906 e “Sport”, Correio da Manhã. Suplemento Literário, 17 de junho de 1906.

<sup>217</sup> - “Ata da sessão da diretoria de 20 de agosto de 1906”, Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 4.07.1905 - 14.12.1906.

<sup>218</sup> - “Gazeta dos Sports”, Gazeta de Notícias, 15 de maio de 1906. Mário Filho reafirma esta imagem de que a torcida local teria um comportamento extremado, “invadindo o campo depois do jogo” e “jogando pedras no trem” quando perdia as partidas. Mário Filho, op.cit., pg 25.

intermédio de seu 1º. secretário Andrew Procter estar “muito feliz por haver saído da tal agremiação”<sup>219</sup>.

Conseguindo manter o perfil distinto de seus filiados, a Liga Metropolitana não teria porém como evitar que estes grupos excluídos de seus quadros continuassem a criar, de forma autônoma, as suas próprias associações - como o Guarany Foot-ball Club, fundado em 1907 no Méier, ou clubes como o Realengo F.C., o Piedade F.C., o Juvenil F.C., de Cascadura, o Americano F.C., da Piedade e o Sampaio F.C.<sup>220</sup>. Disseminados pela cidade, estes clubes não tardariam a criar outras ligas e campeonatos. Em janeiro de 1907, por iniciativa do Sport Club Mangureira, os clubes de subúrbio começaram a articular uma Liga Suburbana de *Foot-ball*, reunindo-se na sede do Riachuelo. A iniciativa foi recebida de maneira ambígua por parte de alguns cronistas, que prendiam-se ainda à imagem projetada para o futebol pelos grandes clubes - sendo mesmo, por vezes, seus sócios<sup>221</sup>. Afirmando que a iniciativa merecia sua aprovação, o redator da coluna esportiva da Gazeta de Notícias argumentava que ela era “todavia extemporânea”, pois os clubes da liga não teriam ainda decidido “sobre a eliminação da 2ª. divisão”<sup>222</sup>.

O argumento não parecia sensibilizar os clubes suburbanos. Mesmo com a manutenção da divisão inferior do campeonato, que seria disputada pelo América, pelo Riachuelo e pelos segundos times dos clubes da zona sul, era fundada na estação de Sampaio a nova entidade. Composta pelo Nacional F.C., Pedregulho F.C., Sampaio F.C., Sport Club Mangureira e Riachuelo F.C. - dividido agora entre as duas ligas - a nova entidade tinha seu primeiro campeonato iniciado no dia 5 de maio de 1907<sup>223</sup>. Seus jogos, assim como aqueles realizados pela Liga Metropolitana, atraíam aos estádios “grande assistência”, sendo em geral “muito concorridos” - contando mesmo com a presença de “muitas senhoras e cavalheiros” que atestavam o sucesso da iniciativa<sup>224</sup>. O sucesso da nova entidade geraria, como consequência principal, o aparecimento por toda

<sup>219</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 26 de junho de 1907.

<sup>220</sup> - Conferir, respectivamente, “Gazeta dos Sports”, Gazeta de Notícias, 6 de fevereiro, 2 de abril, 23 de junho, 22 de dezembro, 3 de outubro e 19 de maio de 1907.

<sup>221</sup> - É o caso, entre outros, do Sr. Murtinho - sócio do Botafogo que, em junho de 1908, assumia a coluna esportiva da Gazeta de Notícias. Cf. Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 23.01.1907 - 4.10.1909.

<sup>222</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 6 de janeiro de 1907; e “Sport”, Correio da Manhã, 8 de abril de 1907.

<sup>223</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 5 e 11 de maio de 1907; e “Sport”, Correio da Manhã, 12 de maio de 1907.

<sup>224</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 22 de maio de 1907 e “Sport”, Correio da Manhã, 9 e 16 de julho de 1907.

a cidade de diversas ligas congêneres, abrindo novos campos para a prática do jogo<sup>225</sup>. Longe do monopólio pretendido pela Liga Metropolitana, o futebol ia alastrando-se por vários bairros e grupos da cidade.

Não que todos estes clubes fossem, de fato, compostos somente de jovens suburbanos ou de operários. Reproduzindo muitas vezes nos bairros afastados uma lógica muito semelhante àquela adotada pelos clubes da Liga Metropolitana, eles eram ainda primordialmente constituídos por rapazes com um perfil social próximo daquele dos clubes da zona sul - como parecia ser o caso do High-Life Foot-ball Club, do Méier, formado por uma “fina rapaziada”<sup>226</sup>. Era comum, por isso, a aceitação de alguns de seus sócios pelos clubes mais refinados, sendo de grande cordialidade a relação estabelecida na relação de associações como o Botafogo com outros centros esportivos como o Sport Club Mangureira<sup>227</sup>. Era também freqüente, por outro lado, que alguns jogadores de destaque fossem jogar em clubes da Liga Suburbana - como era o caso de Haroldo Cox, um “ilustre *foot-baller*” que passava em 1907 a atuar pelo Nacional<sup>228</sup>. Não se tratava assim, naquele ano, de uma completa difusão do futebol pela cidade, continuando esse a ser praticado em nível institucional somente por círculos restritos - ainda que não somente segundo os critérios definidos pela Liga Metropolitana.

Ao estabelecer regras muito mais flexíveis na aceitação de seus sócios, essas novas entidades iniciavam porém um processo que abria a outros grupos a possibilidade de participação no jogo. Exemplar, neste sentido, é o caso do Sport Club José Floriano. Participando tanto da União Sportiva Fluminense quanto da União Sportiva Carioca, o clube tinha como líder principal o jovem José Floriano Peixoto, o filho do “marechal de ferro”. Longe de ser um centro de trabalhadores, ele adotava uma lógica muito

<sup>225</sup> - Pouco depois da Liga Suburbana, aparecia a União Sportiva Fluminense, composta pelo Catete F.C., Bahia F.C., Sport Club José Floriano, Rio F.C. e Carioca F.C.; a Associação Atlética do Rio, por sua vez, reuniria-se ao Tijuca F.C. e ao Brasilien F.C. na disputa do Campeonato Engenho Velho; na Piedade, clubes como o Juvenil e o Júpiter disputavam o Torneio Piedade; o Bangu, já fora da Liga Metropolitana, passava a promover anualmente entre alguns clubes convidados uma pequena disputa pela Taça Bangu; e até em Copacabana associações como o Club Atlético Ipanema e o Copacabana F.C. juntavam-se aos sócios do José Floriano F.C. e do Juvenil F.C., que já participavam de outras disputas, para formar a União Sportiva Carioca. Cf. “Sport”, Correio da Manhã, 15 de maio de 1907; “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 21 de setembro de 1907; Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 29 de setembro de 1907; e “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 16 de março de 1908.

<sup>226</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 26 de junho de 1907

<sup>227</sup> - Dentre os fundadores do próprio Sport Club Mangureira saíria para o Botafogo o Sr. Italo Peterlee, que em pouco tempo assumiria a função de 1º. secretário no novo clube - em um cargo no qual chegou a emprestar seu campo algumas vezes para o Mangureira. Cf. “Ata da sessão da diretoria de 17 de fevereiro de 1907”, “Ata da sessão da diretoria de 21 de junho de 1907”, Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 23.01.1907 - 4.10.1909 e “Sport”, Correio da Manhã, 2 de agosto de 1906.

semelhante àquela defendida pelos *foot-ballers* dos clubes da Liga Metropolitana. Não por acaso o próprio José Floriano, que poucos meses depois seria aceito no quadro de sócios do Botafogo e do América<sup>229</sup>, era a figura acabada do *sportman*: sendo um “apaixonado de todos os *sports*”, praticava com a mesma habilidade o remo, as lutas romanas, o box e o *foot-ball*, fazendo dos esportes sua mania principal<sup>230</sup>. Apesar deste apego aos mesmos princípios dos sócios dos clubes de maior prestígio, no entanto, a sociedade de José Floriano se abria para a participação de novos sujeitos. Não estando filiada à Liga Metropolitana, ela não precisava obedecer suas determinações, aceitando em seus quadros jogadores que teriam sido eliminados por ela.

Era o caso, entre outros, de Paulino de Souza. Tendo composto em 1906 o segundo time do Botafogo, que naquele ano sagrara-se campeão da categoria no campeonato promovido pela Liga, ele aparecia nas fotos que eternizavam os componentes do time vencedor (Fig.9). O sucesso de Paulino - que participara de dois dos oito jogos disputados pela equipe e chegara a aparecer por vezes como reserva do primeiro time<sup>231</sup> - não foi suficiente para garantir sua permanência no clube. Sendo uma das vítimas da resolução da Liga Metropolitana que proibia a presença de negros nas associações a ela filiados, ele não atuaria mais em jogos do Botafogo no campeonato seguinte<sup>232</sup>. Nem por isso, porém, Paulino deixaria de praticar o futebol - tornando-se, já em 1907, jogador do primeiro time do clube de José Floriano (Fig.10). Jogando junto a jovens brancos e de famílias conhecidas como o próprio José Floriano, Paulino tinha nas novas ligas criadas pela cidade a chance de participar ativamente do jogo - tornando-se inclusive campeão do torneio realizado pela União Sportiva Fluminense<sup>233</sup>. Como ele, outros jogadores excluídos das disputas da Liga Metropolitana iam conquistando espaço nos clubes de menor expressão para a prática do jogo, dando ao futebol um perfil muito diferente daquele desejado pelos membros dos clubes de maior projeção.

A possibilidade de participação direta no jogo abria a estes grupos um novo campo de atuação, acabando por levar operários, negros e suburbanos a articular seus próprios clubes. Com uma composição muitas vezes bastante diversa dos primeiros

<sup>228</sup> - “Sport”, *Correio da Manhã*, 1 de maio de 1907.

<sup>229</sup> - Cf. “Ata da sessão da diretoria de 4 de maio de 1908”, *Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 23.01.1907 - 4.10.1909*; e “Gazeta dos sports”, *Gazeta de Notícias*, 6 de junho de 1908.

<sup>230</sup> - “Na jaula de um leão”, *O Malho*, 24 de abril de 1909.

<sup>231</sup> - “Gazeta dos sports”, *Gazeta de Notícias*, 27 de abril de 1906.

<sup>232</sup> - Cf. Alceu Castro, *op.cit.*, pg 27 e 35.

<sup>233</sup> - *O Malho*, 14 de dezembro de 1907.



times criados nos arredores pelos filhos das importantes famílias do local, começavam a aparecer então associações esportivas como o Bloco F.C., formado segundo um cronista por “meia dúzia de jogadores de segunda ordem”<sup>234</sup>. O mesmo acontecia, no período, nas fábricas da cidade, de onde iam surgindo inúmeros clubes. Só os funcionários da Companhia Progresso Industrial, que já tinham há tempos o Bangu A.C., fundavam mais três associações: o Brasil Athletic Club, que pede licença de funcionamento ao chefe de polícia em julho de 1906; o Escolar Foot-ball Club, formado em maio de 1907 pelos alunos da escola Rodrigues Alves, pertencente à Companhia; e o Esperança Athletic Club, composto por “uma meninada bem disciplinada e bem educada”, que se associaria no mesmo ano à Liga suburbana de futebol<sup>235</sup>. O mesmo interesse ia tomando conta dos operários de outras localidades, como atestava o surgimento do Atlético F.C., a partir de uma reunião feita no salão da União Operária do Engenho de Dentro, ou do Fábrika F.C.<sup>236</sup>. Os trabalhadores da Fábrica de fiação e tecelagem Carioca, por sua vez, fundavam no Jardim Botânico com o apoio dos diretores da Companhia o Carioca Foot-ball club<sup>237</sup>. Tendo entre seus jogadores nomes como Lalau, Sardinha e Barreto, o clube mostrava uma composição bem diferente daqueles formados por filhos das famílias elegantes da zona sul ou dos subúrbios<sup>238</sup>. Mesmo contra os desejos dos *sportmen* reunidos nos clubes da Liga Metropolitana, o futebol tornava-se uma importante opção de lazer para amplas parcelas da sociedade carioca.

Todo este movimento esportivo resultava, ao final de 1907, em números impressionantes. Se até dezembro de 1906 atuavam na cidade cerca de 30 clubes destinados à prática do futebol, só em 1907 apareciam nas páginas dos jornais mais de 40 novas associações com o mesmo fim. Decididamente este era, para observadores atentos como o ainda jovem Lima Barreto, um desenvolvimento que causava pasmo<sup>239</sup>. Deixando de ser o monopólio de poucos, o futebol transformava-se um jogo praticado por grupos de diversos perfis sociais. Mesmo os jogos da Liga já atraíam para os arredores dos estádios um significativo “pessoal do *além-muros*”, para desgosto dos

<sup>234</sup> - Cf. “Sport”, Correio da Manhã, 11 de julho de 1907.

<sup>235</sup> - Arquivo Nacional, Secretaria de Polícia do Distrito Federal, Pacote 176, caixa 5357; “Sport”, Correio da Manhã, 22 de maio e 18 de agosto de 1907; e “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 15 de abril de 1907.

<sup>236</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 6 de dezembro de 1906 e 28 de março de 1907.

<sup>237</sup> - O Malho, 2 de março de 1907.

<sup>238</sup> - Cf. “Sport”, Correio da Manhã, 28 de julho de 1907.

<sup>239</sup> - Floreal, no. 2 1907, pg 35.

*sportmen* que reclamavam de sua “maneira de aplaudir”<sup>240</sup>. Embora não fosse ainda um grande fenômeno de massas, sendo praticado por pequenos grupos entre as diversas camadas sociais que mostravam seu interesse pelo jogo, o futebol já mostrava então ser capaz de interessar círculos muito mais amplos do que aqueles que se uniam em torno dos clubes elegantes da zona sul - o que fazia com que os jornais, em busca de temas que pudessem atrair um maior número de leitores, passassem a noticiar em suas páginas as atividades destas novas associações<sup>241</sup>.

Os oito clubes filiados à Liga Metropolitana representavam, portanto, apenas uma ínfima parcela daqueles que no período se entregavam ao nobre esporte inglês. Ignorando este fato, seus membros preferiam continuar a aperfeiçoar um perfil seletivo de modernidade e sofisticação para o jogo. A liga por eles organizada, longe de ter por fim a disseminação do esporte, mostrava assim sua finalidade primeira: excluindo do jogo os grupos indesejáveis, tentava conferir-lhe um caráter restrito, acessível somente a determinados círculos que tivessem capacidade de aproveitar a essência de tão refinado esporte. Tentando deixar marcada em seus corpos a diferença que os separaria da massa inculta de gente espalhada pela cidade - que ao menos ao nível dos direitos políticos, se apagara com o fim da escravidão e com a proclamação da república - esses praticantes do esporte bretão nos clubes da zona sul mostravam de que forma a higiene, como uma nova ideologia de domínio, sustentava projetos muito concretos de hierarquização social. Desconsiderando a prática do jogo por negros, operários e suburbanos excluídos de seu convívio, eles pensavam poder fazer das correrias em torno da bola uma hábito exclusivo dos “verdadeiros *sportmen*”<sup>242</sup>. Conseguem, com isso, separar os praticantes do futebol no Rio de Janeiro em espaços muito bem delimitados, garantindo a distinção dos seus clubes e o sossego necessário para continuar a praticá-lo sem a interferência de ninguém.

<sup>240</sup> - “Sport”, Correio da Manhã, 22 de setembro de 1907.

<sup>241</sup> - Sobre o processo de transformação dos jornais em empresas comerciais, que resultaria na necessidade de se noticiar assuntos de interesse do público leitor, conferir Leonardo Pereira, “Sobre confetes, chuteiras e cadáveres: a massificação cultural no Rio de Janeiro de Lima Barreto”, Projeto-história, no. 14, 1997, pp 231-242.

<sup>242</sup> - De uso corriqueiro nos jornais, a expressão aparece, por exemplo, na “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 25 de agosto de 1907.

## A moda do *high-life*

Ao mesmo tempo em que o futebol ia se difundindo entre diversos grupos sociais, um movimento paralelo reforçava a imagem que, há anos, os *sportmen* vinham construindo para o moderno jogo inglês. Se fora das disputas da Liga o jogo ia sendo assumido por outros sujeitos, as partidas por ela realizadas iam, no período, tornando-se verdadeiros encontros entre a juventude mais elegante da cidade. O jogo da bola passava a empolgar rapazes e moças da mais rica sociedade carioca que, embora não fossem sócios dos clubes esportivos, transformavam o futebol em um elemento importante de seu cotidiano. Reunidos em torno da devoção aos clubes da Liga Metropolitana, sem demonstrar o menor interesse pelo futebol jogado em outras associações, estes jovens começavam então a fazer do jogo uma grande moda. Trazendo aos *foot-ballers* da cidade novos apoios, esse processo evidenciava o mecanismo que lhes garantiu sucesso na tentativa de dar a um esporte praticado por grupos tão diversos uma marca elitista e fidalga.

De fato o campeonato organizado pela Liga Metropolitana parece ter funcionado, para os adeptos do futebol reunidos nos clubes e ela filiados, como um poderoso fortificante. Embora, segundo um cronista, o jogo fosse ainda uma “novidade para a maior parte dos habitantes deste país”<sup>243</sup>, nas rodas elegantes ele começava a se tornar conhecido e admirado - fazendo com que disputas como aquelas realizadas em 1906 entre brasileiros e ingleses enchessem as arquibancadas do Fluminense (Fig.11). Lotadas de cavalheiros distintos e senhoritas com vestidos claros e elegantes, as arquibancadas pareciam um salão de festas. Assistindo aos jogos e torcendo por seus clubes prediletos, esta seleta assistência confirmava que o esporte bretão já estava então aclimatado na cidade, atestando a “pujança do *foot-ball* na nossa capital”<sup>244</sup>. Com a implementação do campeonato da Liga, as disputas passavam a atrair para os estádios cariocas uma “extraordinária concorrência” - em especial nas arquibancadas, onde reuniam-se torcedores “da nossa melhor sociedade”<sup>245</sup>. O “sucesso colossal” de partidas como aquela travada entre o Fluminense e o Botafogo, que deixava o estádio “repleto de povo”, era atestado nos jornais justamente por esta presença de um “incalculável

<sup>243</sup> - “Sport”, Correio da Manhã, Suplemento Literário, 24 de junho de 1906.

<sup>244</sup> - “Sport”, O Paiz, 6 e 13 de maio de 1906.

<sup>245</sup> - “Sport”, O Paiz, 7 de agosto e 23 de outubro de 1906.

número” das “mais distintas famílias da sociedade fluminense”<sup>246</sup>. Mesmo jogos de menor apelo, como aquele disputado entre o Rio Cricket e o Payssandu, levavam ao estádio uma torcida que “embora resumida, era seleta”<sup>247</sup>. Se autoridades como o prefeito da cidade ou o próprio presidente da República se faziam a tempos presentes em ocasiões especiais, passava então a ser normal nos estádios a presença de “cidadãos que ocupam alta posição na hierarquia social” - como era o caso do Barão do Rio Branco, que assistia aos jogos com grande entusiasmo e saudava “com toda a efusão o belo *sport*”<sup>248</sup>.

O jogo conquistava assim a juventude requintada do Rio de Janeiro, tornando-se segundo alguns cronistas o esporte “mais vigoroso da árvore atlética brasileira”<sup>249</sup>. Defendendo que seu “progresso indiscutível” teria feito dele o “*clou* das diversões simpáticas da nossa mocidade”, muitos já passavam a ver em suas pelejas o “preferido cultivo físico” destes rapazes e moças - deixando para trás outras atividades, como o remo, que até há pouco dominavam o circuito da moda entre a juventude<sup>250</sup>. Atraindo o interesse do *high-life* carioca, o futebol ia ganhando novos adeptos entre os círculos letrados, como o escritor Arthur Azevedo: assistindo em 1907 pela primeira vez a uma partida de futebol, afirmava ter passado “uma hora divertidíssima”, empolgando-se com a “arquibancada elegante” e com a presença no estádio de “muita gente, muita, e da melhor” - que lhe fazia deixar de lado sua antiga “prevenção com o *foot-ball*” para converter-se em mais um admirador do jogo da bola, saudando os benefícios que este “exercício físico de primeira ordem” e seus praticantes traziam para o país<sup>251</sup>. Comentando a presença nos estádios desses novos adeptos, os cronistas esportivos

<sup>246</sup> - “Sport”, O Paiz, 14 e 21 de maio de 1906.

<sup>247</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 3 de setembro de 1906.

<sup>248</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 25 de junho e 13 de agosto de 1906.

<sup>249</sup> - Julius Senior, “Semana de sport”, Correio da Manhã, Suplemento Ilustrado, 20 de maio de 1906.

<sup>250</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 29 de julho de 1907 e “Sport”, Correio da Manhã, 22 de setembro de 1907. Devido ao destaque que adquirira, o jogo passava a se fazer presente em eventos promovidos em homenagens a ilustres visitantes estrangeiros como os delegados do congresso pan-americano ou o secretário de estado norte-americano, E. Root, que assistiu a uma partida disputada em São Paulo entre um time de cariocas contra um de paulistas, elogiando o “brilhante match de foot-ball” e a dedicação destes jovens “à causa da educação física”. Cf. Olavo Bilac, “Crônica”, Gazeta de Notícias, 12 de agosto de 1906; “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 21 de julho de 1906; e “Rio Versus S. Paulo”, O Paiz, 7 de agosto de 1906.

<sup>251</sup> - Arthur Azevedo, “Palestra”, O Paiz, 23 de agosto de 1907. Ele assistira, no dia 18 de agosto, um jogo realizado no estádio do Fluminense em homenagem à recém fundada Liga Marítima, no qual compareceu uma assitência “das mais seletas que ali se tem reunido”. “Sport”, Correio da Manhã, 20 de agosto de 1907.

saudavam então os “distintos *sportmen*” que teriam conseguido fazer deste jogo “higiênico e salutar” o “esporte predileto da nossa mocidade”<sup>252</sup>.

Um olhar mais cuidadoso sobre os jogos realizados então evidenciaria, porém, os limites desse discurso ainda associado ao futebol. Deixado de lado seu caráter esportivo, os jogos transformavam-se em grandes encontros sociais, reuniões fechadas para as quais os grupos iletrados que a praticavam em outros espaços não haviam sido convidados. “Cada partida que se realiza constitui uma festa animadíssima”, dizia em 1906 o cronista da revista O Malho, defensor de que “a fina flor da mocidade brasileira” encontraria no jogo “um dos melhores divertimentos e dos mais salutare”<sup>253</sup>. “Além de reunir em si o útil ao agradável”, trazendo “grandes benefícios à pátria”, como afirmava outro cronista, o *foot-ball* se constituiria como “mais um ponto de *rendez-vous*, aos domingos, ao *chic* carioca” - o que o levava a felicitar os “moços que não tem poupado esforços na propaganda” do jogo e a explicar resumidamente para os leitores as suas regras<sup>254</sup>. Como evento social que era, os jogos chegavam por vezes a ter seus ingressos distribuídos com antecedência “por distintíssimas senhoras”, ou mesmo vendidos em pontos da moda como as confeitarias Castelões, Pascoal e Colombo<sup>255</sup>. Nesta última, em especial, ele era, junto com o câmbio e as notícias dos jornais, um dos assuntos prediletos das rodas mundanas que se formavam no fim da tarde ao redor de suas mesas<sup>256</sup>. Como evento da moda, era portanto inevitável que o futebol acabasse por pular das seções esportivas para a cosmopolita coluna social de Figueiredo Pimentel, que publicava no “Binóculo” uma enorme lista de nomes das senhoritas que compareciam aos jogos no estádio do Fluminense<sup>257</sup>.

Os jogos passavam a se constituir assim em verdadeiros pontos de encontro da mocidade elegante, onde os flertes entre rapazes e senhoritas seriam uma das marcas principais. Chegando aos estádios em seus luxuosos automóveis, os jogadores iam transformando-se em ídolos da mocidade endinheirada, atraindo aos jogos grande número de senhoritas<sup>258</sup>. Presenças assíduas nas arquibancadas durante o campeonato, as “gentis *demoiselles*” aumentavam o “brilhantismo da festa” e davam “a nota alegre ao

<sup>252</sup> - “Sport”, Jornal do Comércio, 17 de julho de 1906; e “Sport”, O Paiz, 1 de maio de 1906.

<sup>253</sup> - O Malho, 13 de outubro de 1906.

<sup>254</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 3 de maio de 1906.

<sup>255</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 22 de agosto e 9 de outubro de 1906..

<sup>256</sup> - Ghyana, “A Colombo às 5”, Gazeta de Notícias, 6 de junho de 1906.

<sup>257</sup> - Figueiredo Pimentel, “Binóculo”, Gazeta de Notícias, 3 de junho de 1907.

<sup>258</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 1 de julho de 1907.

certâmen”, torcendo ativamente e fazendo dos *sportmen* seus ídolos maiores<sup>259</sup>. A crônica esportiva descrevia com frequência as “*toilettes* claras das elegantes senhoritas” com seus “chapéus emplumados”, que dariam às “elegantes arquibancadas” um encanto especial<sup>260</sup>. De tão intensa, a presença feminina nas disputas do jogo no Brasil impressionava estrangeiros como John Hamilton. Tendo sido treinador do C. A. Paulistano, ele relatava a um jornal inglês depois de sua volta a grande surpresa que lhe causara “o número de moças que assistem aos *matches*, o modo como conhecem as regras mais gerais do jogo e o interesse que tomam por este ou aquele *team*”<sup>261</sup>. Embora estivesse referindo-se especialmente ao caso de São Paulo, ele falava de um fenômeno similar àquele vivido, no mesmo período, no Rio de Janeiro - onde o interesse das torcedoras parecia ter como alvo os perfis elegantes e atléticos dos jovens rapazes. Não por acaso as preferências femininas recaíam sobre os jogadores do Botafogo, descrito unanimemente pelos jornais como a equipe “predileta do belo sexo”<sup>262</sup>. Vizinhos de grande parte das jovens senhoritas do nobre bairro da zona sul, os *sportmen* do clube alvi-negro tinham ainda a seu favor o fato de serem mais jovens que seus adversários do Fluminense, quase todos homens já formados<sup>263</sup>. Conseguindo com sua presença nos estádios “sempre eletrizar e robustecer o ânimo do elemento varão”, as jovens moças - descritas pelo cronista como o “elemento frágil da série humana”<sup>264</sup> - eram portanto parte ativa da consolidação do jogo por entre estes círculos elegantes, contribuindo decisivamente para sua transformação em evento social da moda.

De tão intensa, a força que o futebol ganhava entre os círculos elegantes parecia até cansar figuras como o escritor Paulo Barreto, presença assídua das rodas mundanas. Em uma crônica de 1906 assinada com o pseudônimo de João do Rio - utilizado por ele em suas incursões pelo mundo das ruas - relatava sua visita a um terreiro de briga de galos, afirmando já estar “um pouco fatigado dos *matches* de *foot-ball*” e “de toda essa diversidade de jogos a que se entrega o cidadão civilizado para mostrar que vive e se

<sup>259</sup> - “Sport”, O Paiz, 4 de maio de 1906.

<sup>260</sup> - “Sport”, Correio da Manhã, 9 de agosto de 1906; e “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 30 de junho de 1907.

<sup>261</sup> - APUD “Sport”, O Paiz, 22 de setembro de 1907.

<sup>262</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de notícias, 2 de julho de 1906, 3 de julho de 1907 e 13 de outubro de 1908.

<sup>263</sup> - Um cronista explicava no período as causas da preferência: “(...) Não há nada como a gente ser menino bonito! E as *elas* preferem mais torcer por uma carinha catita como a do Sr. Guilbert, a torcer pelo rosto carrancudo e impenetrável de Watermann [do Fluminense]”. “Sport”, Correio da Manhã, 16 de julho de 1907.

<sup>264</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de notícias, 2 de julho de 1906

diverte<sup>265</sup>. O cansaço de João do Rio, aparentando ser mais um recurso literário do que uma indisposição de fato com o jogo inglês, iluminava a força que este ganhava nas altas rodas cariocas - atraindo para o novo modismo o interesse de comerciantes e empresários dispostos a investir no esporte. Os jornais esportivos multiplicavam-se, tendo já no futebol um de seus assuntos principais<sup>266</sup>. Mesmo os grandes jornais adotariam a partir de então uma atitude bem diferente com o jogo. Ao contrário do desleixo de anos anteriores, eles passavam a noticiar cada uma das disputas do campeonato, chegando mesmo por vezes a desculpar-se com o público leitor quando, em ocasiões especiais como o carnaval, precisava trazer a seção esportiva “mais reduzida e sem a amplitude” habitual<sup>267</sup>.

Não eram só os jornalistas, porém, que começavam a dar ao jogo uma maior atenção e apoio. Ao mesmo tempo em que tornava-se freqüente a presença de autoridades nos estádios, políticos de tendências diversas começavam a lançar sobre o jogo um olhar mais atento. Em dezembro de 1906, por iniciativa do deputado João Neiva, a Câmara Federal aprovava a isenção das taxas de importação para os apetrechos utilizados pelos clubes de futebol, de *cricket* e de tênis. Apesar do apoio dos clubes, a atitude não deixou de ser ironizada por parte da imprensa - atestando como esta ainda era, no período, uma questão controversa. A revista O Malho, trazendo uma caricatura do deputado vestido com apetrechos dos três esportes ao mesmo tempo, punha em suas bocas a justificativa que baseava tal concessão (Fig. 12):

“(...) É gratuita a importação de tudo que os senhores aqui vêm dos pés à cabeça! Está salva a pátria! Os moços e até as moças do *inglish sport* (sic) babam-se pelo benemérito protetor (...)”<sup>268</sup>.

Ridicularizando o súbito furor esportivo do deputado e a sua justificativa para os benefícios trazidos para a pátria por sua medida, que eram as mesmas dos clubes utilizavam para sustentar seus pleitos, o cartunista parecia desnudar a lógica primeira de sua atitude: longe do benefício geral apregoado, ele seria somente o fruto da sua busca de apoio por entre uma parcela específica da sociedade. “Os legisladores suprimem os direitos sobre bolas e outras bugigangas e aumentam-nos sobre os gêneros de primeira

<sup>265</sup> - João do Rio, “Briga de Galos”, Gazeta de Notícias, 2 de agosto de 1907.

<sup>266</sup> - Conferir, entre outros, Brazil Sport, ano 1, no. 13, 1-15 de agosto de 1907; e Revista Sportiva, ano 1, vol. 1, agosto de 1908.

<sup>267</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 7 de fevereiro de 1907.

<sup>268</sup> - O Malho, 22 de dezembro de 1906.

necessidade”, reclamava em outro cartum da mesma revista um indignado “Zé-Povo”. “E chamam-se meus representantes”, completava o personagem, explicitando a consciência por parte dos contemporâneos da parcialidade do ato do deputado - que ganhava com ele a simpatia e o apoio de uma parcela muito bem definida da população, composta pelos jovens associados e simpatizantes destes clubes. A mesma lógica parecia explicar de modo geral a atitude de outras parcelas do poder público, que passavam então a apoiar de maneira muito mais ostensiva estes clubes esportivos. O próprio presidente da República chegava a instituir, em 1907, uma Taça a ser anualmente disputada pelos selecionados de São Paulo e do Rio<sup>269</sup>, enquanto os diretores da Central do Brasil passavam a dar aos *foot-ballers* um tratamento diferenciado, cedendo-lhes gratuitamente as passagens para os jogos interestaduais<sup>270</sup>. Garantidos pelo apego que lhes dedicava um público distinto e elegante, os clubes de futebol conseguiam para a sua prática apoios diversos.

Se a transformação do futebol em um grande modismo garantia aos *sportmen* o apoio incondicional de escritores e autoridades governamentais, ele explicitaria também, por outro lado, as contradições de muitos dos princípios nos quais se baseara a construção de sua identidade - aparecendo como um veneno mortal para a harmonia dos clubes filiados à Liga. Enquanto os campeonatos e as disputas se desenvolviam, os sócios destes clubes começavam a ver crescer entre eles rivalidades e tensões que tirariam dos *sportmen* um dos mais importantes elementos de sua auto-imagem de defensores da causa nobre do esporte. A torcida cada vez mais apaixonada pelos seus próprios times fazia com que se deixasse de lado o cavalheirismo, gerando cenas como a que aconteceu em 1907 em um jogo do Carioca Foot-ball Club - o time infantil apadrinhado pelos sócios do Botafogo: com fitas preto e brancas nos chapéus, eles torciam de maneira ostensiva e exagerada pelo time protegido, vaiando os adversários mesmo quando estes estavam machucados e invadindo o campo para comemorar os feitos do Carioca. Embora o cronista afirmasse que “ninguém acreditou” que estes fossem sócios do Botafogo, “tal o elevado conceito em que é tido este simpático club”,

<sup>269</sup> - “Sport”, O Paiz, 13 de outubro de 1907.

<sup>270</sup> - “Ata da sessão da diretoria de 24 de agosto e 21 de novembro de 1908”, Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 23.01.1907 - 4.10.1909.



os próprios confirmam no dia seguinte sua origem, tentando defender seus atos como sendo simples “entusiasmo comedido e educado”<sup>271</sup>.

O mesmo tipo de disputa começava então a ocorrer nos jogos da Liga, em nome de uma paixão desenfreada pela bandeira de cada time. Nas arquibancadas, a paixão clubística fazia com que, já em 1907, *sportmen* como os sócios do Botafogo deixassem de lado a saudação do brilho das disputas para chorar nas arquibancadas as derrotas de seu time<sup>272</sup>, explicitando a existência entre os seus sócios de uma relação muito diferente daquela que fazia deles companheiros de uma mesma luta. O surgimento de tão ardente paixão parecia prenunciar o desfecho que teria o campeonato de 1907. Ao longo de toda a disputa, inúmeros foram os desentendimentos entre os sócios dos clubes e ela filiados, historiados ao fim do campeonato em um relatório do Fluminense: o Botafogo, segundo os sócios de seu clube rival, teria inscrito como membros do seu primeiro time apenas “sócios que nunca jogaram *foot-ball*, liberando com isso seus melhores jogadores para disputar as primeiras partidas do campeonato dos segundos times; os torcedores deste mesmo clube teriam, aos olhos dos tricolores, um comportamento condenável, “vaiando jogadores e *referees*” e chegando até mesmo seus jogadores a insultar o árbitro em campo; Amílcar Pinto, capitão do América, teria chegado mesmo a agredir o juiz de uma de suas partidas, sob a ovação geral dos sócios do Botafogo<sup>273</sup>. Por mais que esta fosse a versão de um dos times envolvidos na disputa, o clima de hostilidade entre os clubes já aparecia aí de forma clara. Separando os sócios dos muitos clubes futebolísticos da cidade em hostes francamente inimigas, estas disputas indicavam as contradições entre o apego destes *foot-ballers* aos seus times e os princípios que estavam na base da construção de uma identidade *sportman*.

O pior, no entanto, ainda estava por vir. Aproximando-se o final do campeonato, Fluminense e Botafogo disputavam a liderança de maneira apertada. Chegando a um de seus últimos jogos, o Botafogo precisava vencer a Associação Atlética Internacional por um placar elevado para sagrar-se campeão - pois, empatando em número de pontos com o time tricolor, poderia superá-lo no saldo de gols, o primeiro dos critérios de desempate. Marcada para o dia 29 de setembro, a partida não chega porém a realizar-se: embora tenha ido ao estádio disputar o jogo do campeonato dos segundos times, o

<sup>271</sup> - “Sport”, Correio da Manhã, 18 e 19 de julho de 1907.

<sup>272</sup> - “Sport”, Correio da Manhã, 4 de junho de 1907.

Internacional não comparecia em campo para enfrentar seu rival<sup>274</sup>. Resultando na cessão dos pontos ao Botafogo sem a possibilidade de aumento do saldo de gols, dando a vantagem ao Fluminense, a situação geraria um grave conflito entre os sócios dos dois clubes. Inconformado com a manobra, o presidente do Botafogo, Souza Ribeiro - que era também sócio do Fluminense, como era de praxe entre estes clubes - teria, segundo o relato de sócios do clube tricolor, desacatado “em termos grosseiros” os membros da diretoria do clube, tendo em seguida pedido seu desligamento do mesmo. Aceitando “com prazer” o pedido, os sócios do Fluminense aprovavam unanimemente uma censura ao procedimento do antigo sócio, dando início a uma séria divergência entre os afiliados à Liga<sup>275</sup>. Para o Botafogo, seria necessária a realização de uma partida de desempate com o Fluminense, para decidir-se quem seria o campeão; este, por sua vez, defendia o regulamento anteriormente aprovado, que lhe dava o título pelo seu maior saldo de gols. Da disputa ente eles resultava, na sessão do conselho da Liga Metropolitana realizado no dia 28 de outubro, uma grave cisão na Liga - causada, segundo o cronista, justamente pela “falta de sentimentos sportivos” dos representantes dos clubes a ela filiados, que faria com que o rompimento fosse então “um fato”<sup>276</sup>.

Embora muitos entusiastas do jogo tenham ainda tentado manter de pé a Liga Metropolitana, afirmando que a saída de alguns clubes filiados não teria acabado com a associação, e sim com a “desordem” nela existente, a dissolução parecia inevitável, apesar de sua trajetória bem sucedida. A devoção dos sócios aos seus respectivos clubes, que resultariam em polêmicas com “réplicas apaixonadas”, parecia estar se sobrepondo à crença na necessidade de união de todos em favor do esporte<sup>277</sup>. Por mais que, pela imprensa, cronistas esportivos e admiradores do *foot-ball* protestassem contra a dissolução, vendo nela uma mostra de “indisciplina” e de “desunião” dada justamente por aqueles que deviam ter nestes princípios o seu fim principal<sup>278</sup>, o esfacelamento da Liga já parecia ter se concretizado. Uma assembléia geral realizada no dia 4 de novembro de 1907 com a presença de 40 sócios referendava a decisão da diretoria do

<sup>273</sup> “Do relatório do Fluminense de 1907”, Atas de assembléias gerais do Fluminense F.C., vol. I, op.cit.

<sup>274</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 6 de outubro de 1907 e Alceu Castro, op.cit., pg 33.

<sup>275</sup> - “Ata da sessão da 9ª. Assembléia geral extraordinária”, Atas de assembléias gerais do Fluminense F.C., vol. I, op.cit., fl. 25.

<sup>276</sup> - “Sport”, Correio da Manhã, 27 e 30 de outubro de 1907. Sobre esta reunião da Liga, ver ainda

“Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 1 de novembro de 1907.

<sup>277</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 2 de novembro de 1907.

<sup>278</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 4 e 5 de novembro de 1907.

Fluminense de desfiliar-se da entidade - em um ato justificado pela “situação insustentável criada à Liga Metropolitana de Sports Atléticos por alguns membros de seu conselho, representantes de clubs a ela filiados”<sup>279</sup>. Afirmando poder organizar jogos “com clubes amigos” que deixassem suas arquibancadas “da mesma forma repletas pelas pessoas da melhor sociedade”, não precisando por isso da “animação que poderá dar uma liga”, sua diretoria explicitava aquele que ia tornando-se o objetivo primeiro de seus eventos esportivos: era com o prestígio dos clubes junto à juventude elegante que se importavam seus diretores. Evidenciando a fragilidade dos argumentos que faziam da Liga o sustentáculo dos princípios dos defensores do esporte, estes clubes acabam assim, como resultado de sua ânsia por um maior destaque e prestígio entre estes círculos, dissolvendo a entidade criada há menos de dois anos para concretizar a grande união dos *sportmen* dos clubes elegantes.

De fato os sócios destes clubes, fosse na disputa do campeonato ou no dia a dia de suas atividades, vinham há muito deixando de lado os princípios que sustentaram, pelo menos na formulação de seus discursos, sua luta inicial pelo esporte. Neste caminho, distanciavam-se cada vez mais dos ditames da ciência na qual apoiaram a consolidação do jogo - o que ficaria claro nas opiniões que inúmeros médicos passavam a ter em relação a ele. Se em 1907 já parecia um consenso a posição sobre os benefícios que o exercício físico traria ao organismo do indivíduo, muitos higienistas passavam a ter contra o esporte inglês uma prevenção especial, vendo nele um esforço excessivamente pesado para ser praticado em países quentes como o Brasil. Esta questão seria discutida durante o 6º. Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, realizado na cidade de São Paulo em setembro de 1907. Nele o Dr. Jorge de Souza apresentava aos colegas uma comunicação intitulada “Da educação física e inspeção médica nas escolas”, na qual reafirmava “a necessidade cada vez mais imperiosa da educação física” nas escolas. “Em nenhum país a educação física é mais necessária do que em o nosso”, dizia ele reafirmando os princípios há anos defendidos por seus pares quanto à necessidade de um remédio para a “degeneração física” nacional e subordinando explicitamente o “progresso de um país” e a “unificação do seu povo” a

<sup>279</sup> - “Ata da sessão da 9ª. Assembléia geral extraordinária” e “Do relatório do Fluminense de 1907”, Atas de assembléias gerais do Fluminense F.C., vol. I, op.cit., fl. 26; e “Gazeta dos Sports”, Gazeta de Notícias, 5 de novembro de 1907.

uma “boa educação física”<sup>280</sup>. Apesar do potencial educativo que via nos jogos esportivos, Jorge de Souza não parecia acompanhar o entusiasmo que muitos de seus colegas haviam até então depositado no futebol. Concordando com as críticas daqueles que criticavam o fato de que “a paixão das lutas físicas e dos torneios *sportivos*” tenha “dominado todas as classes”, ele mostrava-se preocupado com a ênfase geral dada ao esporte. Indo mais longe, entretanto, ele voltava-se então para outra dimensão do problema: sua aplicação indiscriminada às crianças:

“Se os exercícios corporais são indispensáveis aos jovens freqüentadores das escolas, não parece útil estimular o gosto pelos *sports* propriamente ditos, porque, com seus torneios disputados, suas lutas, nas quais excede muitas vezes o limite das forças, estes jogos não convêm à infância. Nesta idade, os órgãos são ainda muito delicados para que possam impor-lhe semelhantes torneios de força (...)”<sup>281</sup>.

Sem negar os benefícios da atividade atlética para a educação infantil, Jorge de Souza explicitava o descontentamento que ia tomando conta de médicos como ele em relação ao “abuso dos exercícios físicos”. Praticados indiscriminadamente, os esportes perderiam seu caráter benéfico para transformar-se em fator de degeneração da saúde das crianças. Embora saudasse os resultados da campanha empreendida contra o marasmo da mocidade no Brasil, que “graças ao atrativo da novidade” teria se transformado no “objeto de uma verdadeira predileção febril”, ele começava então a desfazer o caminho que fizeram com que a ênfase nos exercícios tomasse, “a pouco e pouco, a feição de um *sport*” - afirmando que naquele momento os “médicos mais bem dispostos em favor da educação física” se viam obrigados a “intervir, para impedir que os abusos lhe comprometam o sucesso”<sup>282</sup>.

Como resultado de suas considerações, Jorge de Souza propunha aos demais médicos presentes no congresso uma verdadeira “guerra ao *sport*”. Entre as sugestões apresentadas pela sua comunicação, estava então a de que fosse “cientificamente regulado o uso dos exercícios atléticos e de vários gêneros de *sports* violentos”, como era classificado o futebol - em uma posição que ganhava dos demais médicos presentes no Congresso uma entusiástica acolhida. Concordando com o ponto de vista do expositor, Alfredo Brito reafirmava que o excesso da ênfase nos exercícios físicos

<sup>280</sup> - Jorge de Souza, “Da educação física e inspeção médica nas escolas”, *Annaes do 6º. congresso brasileiro de Medicina e cirurgia - 5 a 15 de setembro de 1907*, Volume 2, São Paulo: Tipografia d’O Estado de São Paulo, 1908, pp 135-136.

<sup>281</sup> - Idem, pg 154.

<sup>282</sup> - Idem, pg 155.

teriam feito seus defensores cair no “polo oposto”, fazendo do exagero do esporte um fator de degeneração do organismo. Acrescentava ainda que o *foot-ball* teria sido diretamente importado da Inglaterra, um país de clima frio, “como se fossem admissíveis os seus exageros nos climas quentes como o nosso” - tendo o futebol por isso tornado-se no Brasil não um auxílio à educação física, mas um “meio de fazer uma seleção para o desaparecimento dos fracos”, causando doenças diversas. “É preciso que parta da uma autoridade como o Congresso de Medicina e Cirurgia um brado de alarma contra o abuso dos *sports*”, completava ele, propondo a formação de “uma comissão para solicitar dos poderes públicos a atenção para a necessidade de se organizar o ensino da ginástica (...) e em segundo lugar chamar a atenção para os abusos dos exercícios físicos” - pedindo especial atenção para os estados “do Norte”, como a Bahia, onde o jogo fazia as crianças extenuarem-se “como cavalos de corrida”<sup>283</sup>. Era aprovada então pela Assembléia Geral uma moção chamando a atenção “para os inconvenientes resultantes do abuso que se vai desenvolvendo no país com os exercícios atléticos e diferentes gêneros de *sports*, particularmente o *foot-ball*, cujo uso precisa ser devidamente regulamentado, conforme os preceitos da higiene, sob pena dos mais duráveis perigos para a saúde pública e o futuro da raça”<sup>284</sup>.

Os *foot-ballers* perdiam com isso a base de sustentação moral que justificava ainda sua luta em favor do esporte e seus pedidos de proteção do poder público. Sem atentar para o perigo apregoado por estes médicos e higienistas quanto aos abusos do jogo, os jovens *sportmen* continuavam a fazer dele sua grande mania. Praticado de maneira geral e indiscriminada, o jogo ia assumindo, mesmo entre os clubes elegantes, um caráter muito diferente daquele desejado por críticos como Jorge de Souza. Além de aceitar em seus quadros os jovens que seriam vítimas do exagero do esporte, eles ligavam-se muitas vezes a outras associações infantis, dando-lhes condições de desenvolvimento - como acontecia com os meninos do Rio Foot-ball Club, apadrinhados dos membros do Fluminense, ou do Carioca, que contava com a proteção dos sócios do Botafogo<sup>285</sup>. Os clubes infantis eram tão numerosos que já era discutida, em 1907, a organização de um Campeonato Infantil Brasileiro. “Os pequenos *foot-ballers* desde cedo começarão no hábito dos fortes *matches* que assistimos, mantidos pela Liga”,

<sup>283</sup> - Idem, pp 156-162.

<sup>284</sup> - Idem, pg 163.

<sup>285</sup> - Cf. Mário Filho, op.cit., pg 39.

comemorava o cronista da Gazeta de Notícias. Tanto entusiasmo resultaria na formação, poucas semanas após o Congresso médico de São Paulo, de uma Liga Infantil de Football<sup>286</sup>. Assim, embora os defensores do jogo já mostrassem ter conhecimento da “opinião de alguns dos nossos higienistas que reputam nocivo o exercício do *foot-ball* nos climas tropicais”, o esporte ia se desenvolvendo “cada vez mais nas principais cidades do Brasil”<sup>287</sup> - explicitando um descompasso entre os ditames da ciência do higienismo, que sustentava a campanha destes *sportmen* pelo jogo, e a prática que tinham em seus clubes e associações.

Os motivos que moviam estes *sportman* em sua luta a favor do jogo iam, assim, mostrando-se cada vez mais claros. Contemporâneos como o Dr. Severo Brandão, outro defensor do esporte como meio de vencer a “preguiça natural do brasileiro”, já pareciam perceber então que era muito diversa a atuação dos seus sócios daquela proposta combate à “aversão instintiva pelo *sport*” - vendo nos clubes do gênero locais nos quais se ia “mais por exibição que por amor deste *sport*”. As sociedades esportivas, às quais cabia segundo ele a tarefa de “iniciar o tratamento higiênico do nosso povo”, seriam movidas assim somente pela “fúria exibicionista” de seus sócios, e não pela visão das vantagens profundas dos jogos por elas praticados:

“É como a Festa da Penha. Quanto por cento dos penheiros vão lá com a intenção de visitar a milagreira do penhasco? É ao regabofe e à vizinhança a quem vão render graças<sup>288</sup>”.

O exemplo não podia ser mais apropriado: como os participantes da popular festa da Penha, que juntava nas cercanias da Igreja uma massa compacta de trabalhadores que lá levavam suas danças e cantos, deixando de lado o caráter sagrado da ocasião para entregar-se à celebração mundana de sua própria festa, os sócios dos clubes esportivos estariam, para ele, esquecendo-se daquela que seria sua função principal. Sem dar verdadeira importância ao caráter regenerador de suas associações, às quais caberia “curar ou atenuar o mal deste infeliz povo”, seus sócios, como os romeiros da Penha, limitavam-se às celebrações mundanas ligadas a esta tarefa - importando-se mais, segundo o médico, com “a criação dum *muque* pavoroso, que mostram heroicamente aos conhecidos”, do que com um bom condicionamento físico de forma mais ampla.

<sup>286</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 16 de abril de 1907; e “Sport”, Correio da Manhã, 4 de agosto de 1907.

<sup>287</sup> - O Malho, no. 235, 16 de março de 1907.

Falando de modo geral dos clubes dedicados a diversos esportes, as palavras de Severo Brandão pareciam encaixar-se com perfeição no que acontecia, então, nos clubes futebolísticos. Sem dar importância às vantagens físicas que moviam as campanhas em favor do esporte, os jogadores da Liga, cada vez mais distantes dos princípios que sustentaram a defesa do futebol por parte de seus primeiros praticantes, mostravam-se por vezes mais atentos ao caráter de evento social dos jogos do que com os treinamentos e com o desenvolvimento da equipe, parecendo fazer do jogo um simples meio de projeção individual entre círculos elegantes que passavam a comparecer aos jogos. A situação levaria o presidente do Botafogo a pedir, ainda durante o campeonato de 1907 “um pouco de boa vontade da parte dos jogadores”, convocando uma reunião com os membros dos dois times do clube. Realizada no dia 23 de agosto, a reunião começou com uma longa exposição de Alfredo Pinto sobre os problemas enfrentados naquele momento pelo clube. Afirmando existir “por parte dos outros diretores da Liga, por serem eles sócios dos outros clubes a ela filiados, uma certa prevenção contra o Botafogo Foot-ball Club”, defendia que a melhor resposta que o clube poderia dar seria a de que exercessem “a vingança sobre o club que ele pertence, derrotando-o nos *matches de foot-ball*”; mais do que a animosidade entre os clubes expressa na sua fala, que nada tinha a ver com um esporte que se dizia uma escola de solidariedade entre os distintos *sportmen* que o praticavam, o problema parecia estar, para ele, em outro lugar. Para que este espírito de vingança pudesse se concretizar nos campos, era necessário sanar os problemas que o time atravessava naquele momento: descontente com a falta de empenho dos membros das equipes do clube, o capitão do time, Álvaro Werneck, declarou que “se os jogadores não quiserem fazer os exercícios que o *foot-ball* requer” ele renunciaria ao cargo que ocupava, sendo seguido na atitude por toda a diretoria - motivando assim a reunião que então se realizava<sup>289</sup>.

Apesar de parecer estranha este tipo de ameaça dirigida a jogadores que continuavam a se dizer os defensores maiores do esporte, o desespero de Werneck não deixava de fazer sentido. O mesmo processo que fazia dos jogos da Liga momentos de encontro social, de flertes e de festa fazia com que, nos campos, muitos jogadores os encarassem como um simples meio de projeção, uma maneira de se destacar entre a

---

<sup>288</sup> - Dr. Severo Brandão, “Fisiocultura”, *Revista Sportiva*, v. 1, no. 6, 3 de outubro de 1908.

juventude admiradora do esporte - abrindo mão da dedicação e do treinamento necessário à boa prática do jogo, que marcara a construção da identidade *sportmen* entre os primeiros praticantes do jogo na cidade, em nome dos atrativos que se apresentavam em torno dele. Já em 1906 apareciam na imprensa reclamações contra jogadores que, “em vésperas de *matches*, em lugar de ir treinar” ficavam “atrás das palmeiras da Rua Payssandu, à espera das *pequenas*”<sup>290</sup>. Lembrando das grandes melhorias que a diretoria vinha realizando no clube, que em poucos anos crescera e tornara-se uma grande força, Alfredo Pinto cobrava então dos jovens jogadores do Botafogo “assiduidade nos *trainings* marcados pelo *captain* e obediência às suas ordens nos jogos de *foot-ball*”, apelando aos brios esportivos dos atletas para conseguir deles o empenho necessário às lutas esportivas. O discurso emocionado de Alfredo Pinto indicava que a defesa do sentido nobre do esporte, caracterizada pelo pedido de reparação nos campos das injustiças cometidas pelos demais clubes, ainda tinha uma certa eficácia entre os praticantes do *foot-ball* - que, sensibilizados, comprometem-se com a diretoria a lutar pelo “engrandecimento do Botafogo”, seguindo as ordens “emanadas do competente *captain* geral”<sup>291</sup>. A própria necessidade de que tivesse que formular este apelo indicava, porém, que estes jovens jogadores davam ao jogo um significado muito diferente daquele formulado por seus diretores. Explicitando como para eles o culto ao *sport*, se de fato podia existir, assumia sentidos muito específicos, tornavam-no mais um meio de projeção individual do que uma escola de educação do físico da mocidade - o que, aos olhos dos diretores do clube, parecia inadmissível. Reproduzindo nos meses seguintes apelos como este ou divulgando uma resolução “proibindo discussões em campo durante *trainings* ou *matches*”<sup>292</sup>, eles insistiam na tentativa de preservação da elegância construída para o jogo para os primeiros *sportmen*; acabavam porém, com isso, iluminando as lacunas deste discurso, explicitando o caráter por ele assumido entre os jovens que iam fazendo do futebol a grande moda da cidade.

<sup>289</sup> - “Ata da sessão da diretoria de 19 de agosto de 1907” e “Ata da sessão da diretoria juntamente com os 1os. e 2os. Teams realizada em 23 de agosto de 1907”, Botafogo F.C. - Atas da Diretoria - 23.01.1907 - 4.10.1909.

<sup>290</sup> - “Sports - Kicks e shoots”, O Paiz, 16 de abril de 1906.

<sup>291</sup> - “Ata da sessão da diretoria juntamente com os 1os. E 2os. Teams realizada em 23 de agosto de 1907”, Botafogo F.C. - Atas da Diretoria - 23.01.1907 - 4.10.1909.

<sup>292</sup> - Cf. a “Ata da sessão da diretoria de 20 de abril e 30 de junho de 1908”, na qual o 1º. secretário conclamava os jogadores ‘a se dedicarem com mais afinco ao *training*’. Botafogo F.C. - Atas da Diretoria - 23.01.1907 - 4.10.1909.



O mesmo modismo que levava muitos jovens cariocas a se interessar mais pelas torcedoras do que pelo desenvolvimento do esporte garantiria, porém, a continuidade do campeonato da Liga Metropolitana. Em vista da força ganha pelo jogo entre a juventude elegante, não era de se estranhar que os *sportmen* da antiga associação logo viabilizassem a organização de uma outra entidade para patrocinar a continuidade das bem sucedidas disputas. Embora o próprio presidente do Botafogo, a partir da solidariedade recebida do Bangu e dos convites do Catete F.C. para a formação de uma nova federação durante os conflitos de 1907, tenha chegado a propor que o time não concorresse ao campeonato da Liga Metropolitana<sup>293</sup>, logo os grandes clubes da cidade voltariam a unir-se para a disputa do campeonato do ano seguinte<sup>294</sup>. Reunidos no dia 29 de fevereiro, Botafogo, América, Fluminense, Payssandú, Rio Cricket e Riachuelo fundavam, então, a nova Liga Metropolitana de Sports Atléticos, que em breve promoveria novamente os “animadíssimos campeonatos de *foot-ball*”<sup>295</sup>. Garantida a continuidade da disputa, que assegurava a presença nos seus jogos dos círculos elegantes da cidade, tudo parecia enfim voltar ao normal entre os *sportmen* dos clubes elegantes da capital federal, que mantinham com isso seu prestígio junto ao chamado *high-life*.

Os jogos continuavam a ser, dessa forma, verdadeiros pontos de encontro das altas rodas da sociedade carioca. Levando aos estádios segundo os cronistas “tudo quanto há de mais fino na sociedade do Rio” e deixando os estádios da cidade pequenos “para comportar tanta gente *chic*” que enchia suas arquibancadas<sup>296</sup>, as partidas de futebol definiam uma forma ainda mais clara ao processo que, há anos, vinha dando ao jogo uma marca elitista e aristocrática, na tentativa de fazer dele um evento para poucos. Sem dar muita importância ao final do campeonato - terminado sem grande cobertura da imprensa no dia 8 de novembro com a vitória do Fluminense, que vence o Botafogo por

<sup>293</sup> - Atas da sessão da diretoria de 5 de março e 6 de abril de 1908, Botafogo F.C. - Atas da Diretoria - 23.01.1907 - 4.10.1909.

<sup>294</sup> - “A zanga e o desacordo foram passando, os rapazes já não se lembram de tais incidentes e já estão sentindo a falta da união dos clubs pelos belos *matches* e belas disputas, como as que tivemos nos campeonatos anteriores”, testemunhava já em janeiro de 1908 o cronista da Gazeta de Notícias - certo de que “naturalmente surgirá um novo rumo à Liga”, pois “a harmonia já tardava” e “a necessidade de uma Liga já se sentia”. “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 3 de janeiro de 1908.

<sup>295</sup> - Cf. Alceu Castro, op.cit., pg 36; e “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 8 de março de 1908. O desacordo quanto ao campeonato de 1907, no entanto, só teria uma solução provisória em 1918, quando a diretoria do Fluminense procura a do Botafogo para pedirem juntas à Liga um certificado “de que chegaram empatados” no campeonato daquele ano. “Ata da sessão da diretoria de 29 de julho de 1918”, Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 15.07.1918- 7.04.1919.

2 gols a 1 em um jogo desempate<sup>297</sup> - os jornais mostravam que também do seu ponto de vista, mais do que o resultado do campeonato em si, era esta presença elegante nos jogos que atraía a atenção. Se desde o ano anterior o *foot-ball* já conseguira “a mais franca aceitação no *high-life* do Rio”, como atestava outro contemporâneo, a reorganização da Liga garantia aos *sportmen* o papel de sujeitos principais do processo que transformava o jogo em uma das maiores diversões dos circuitos elegantes da cidade<sup>298</sup>.

Por mais que do lado de fora dos estádios ainda se fizesse notar “a multidão que pelos muros, morros e das casas vizinhas assistiam ao *match*”<sup>299</sup>, os *sportmen* da Liga iam então delimitando mais claramente o perfil fidalgo do jogo, desconsiderando solenemente esta incômoda presença. Criando para si mesmos uma refinada tradição, que já permitia em 1908 que evocassem saudosamente “os tempos” dos primeiros jogadores<sup>300</sup>, os *sportmen* da cidade comemoravam a fixação de uma imagem que, se não lhes podia assegurar a exclusividade da prática do esporte, ao menos garantia a ele uma feição de grande sofisticação - assegurada pelo entusiasmo de uma juventude distinta e endinheirada que comparecia aos seus jogos. Para esses círculos refinados, o futebol já teria garantido, em 1908, seu papel de “jogo admirável”. Ainda que, para aqueles menos afeitos aos modismos, ele pudesse continuar aparecendo como um jogo brutal e estúpido<sup>301</sup>, os *sportmen* conseguiam definir para o futebol uma marca de grande elegância, obtendo sucesso em suas tentativas de dar-lhe a aparência de um fidalgo *sport*.

O rápido desenvolvimento no Rio de Janeiro do jogo patrocinado por Oscar Cox e seus companheiros parece, assim, ir ganhando um sentido mais claro. Alimentado por um processo que segundo os jornais fazia com que o jogo fosse “se alastrando por todo o Brasil”, consolidando sua presença no Rio de Janeiro, em São Paulo e em outras grandes cidades brasileiras, como Belém e Salvador, o futebol transformava-se em “uma

<sup>296</sup> - “Gazeta dos sports”, *Gazeta de Notícias*, 10 de agosto e 21 de outubro de 1908.

<sup>297</sup> - “Gazeta dos sports”, 9 de novembro de 1908.

<sup>298</sup> - “Gazeta dos sports”, *Gazeta de Notícias*, 2 de fevereiro de 1908; “Fluminense F.C.”, *Brazil Sport*, ano 1, no. 13, 1-15 de agosto de 1907.

<sup>299</sup> - “Sport”, *Correio da Manhã*, 17 de junho de 1908.

<sup>300</sup> - “Gazeta dos sports”, *Gazeta de Notícias*, 11 de outubro de 1908.

<sup>301</sup> - Conferir, por exemplo, Mark Bolas, “Foot!...”, *Gazeta de Notícias*, 5 de junho de 1908.

instituição e uma paixão”<sup>302</sup>. Até mesmo antigos opositores do exercício físico, como Carmen Dolores, acabavam por deixar de lado sua resistência à grande diversão do *high-life* - passando a afirmar sua admiração pela “raça saxônica, firme e forte”, no lugar de seu apego anterior à “raça latina”. Embora afirmasse continuar a ver em países como a França e a Itália “os berços indiscutíveis da arte, os focos inegáveis, embora triunfantes, da intelectualidade mais radiante e poderosa”, ela teria sido obrigada a reconhecer, “com um desgosto cada vez mais acentuado”, a superioridade da cultura de países como a Inglaterra em nome do “perfeito bem estar, da força e do equilíbrio”:

“(…) Ao passo que o pequeno inglês é criado sob uma alta direção moral, que lhe incute desde cedo o amor de *home* e a consciência da dignidade própria, os meninos brasileiros e francês crescem na ignorância total dessa elevação (...). O nosso estudantezinho de colégio com os seus olinhos (sic) maliciosos e perscrutadores, é sempre um efeminado ou um desleixado, coberto de carícias sem critérios pela mamãe e assim ele se faz homem, obedecendo a impulsos e nunca a uma razão firme e disciplinada. O inglesinho, ao contrário, tem sempre diante de si essa razão a guiá-lo, mais fria, porém dignificadora. Vejam-no caminhando na rua para os seus deveres. Vai bem lavado, de roupas escovadas, as unhas limpas, um ar sério e refletido na facesita branca e loira do saxônio. Logo ele brincará turbulentamente o *foot-ball* que lhe desenvolve os músculos (...)”<sup>303</sup>.

Fazendo coro aos propagandistas das vantagens da nova mania do esporte, Dolores passava a pregar a substituição radical do paradigma educativo de nossa juventude, vendo como resultado de uma educação pautada pelos princípios latinos a flacidez física e moral dos indivíduos. Valorizando mais o desenvolvimento do corpo que o do intelecto, a disciplina e a razão do que a arte, Carmen Dolores entrava para a legião dos admiradores de exercícios físicos como o futebol, cedendo frente ao novo modismo. Tornando-se quase uma unanimidade entre os círculos letrados da capital da república e de outras grandes cidades brasileiras, o jogo transformava-se em uma presença quase indiscutível entre os círculos letrados da capital, consolidando assim sua marca fidalga.

A lógica que alimentava esse processo para muitos de seus patrocinadores indicava, porém, toda a tensão nele envolvido. Reunidos em clubes fechados e construindo para si mesmos uma imagem de modernidade e distinção, muitos *sportmen* iam marcando, novamente, sua diferença em relação aos trabalhadores que espalhavam-se pela cidade. Desde o final do século XIX, quando a ideologia de dominação senhorial que sustentava e legitimava a desigualdade e a dominação dos senhores sobre seus

<sup>302</sup>- O Malho, no. 237, 30 de março de 1907; e “Sports e jogos exóticos”, Gazeta de Notícias, 2 de fevereiro de 1908. Sobre o desenvolvimento do futebol em outras cidades, conferir Gazeta Sportiva - PA, ano 1, no. 2, 26 de agosto de 1906, e “Sports”, O Paiz, 26 de julho de 1906.

dependentes dava os seus primeiros sinais de deterioração, os círculos senhoriais começavam a procurar novos meios de justificar a sua superioridade sobre a massa de negros e pobres que espalhava-se pelas ruas da cidade<sup>304</sup>. Proclamada a república e extinta a escravidão, esta parecia ser uma questão crucial para estes grupos endinheirados - que buscaram, por isso, diferentes meios de respondê-la. O esporte aparecia, a partir das formulações das teorias higiênicas, como uma solução perfeita: afirmando a superioridade “natural” dos indivíduos adeptos de uma boa educação física sobre aqueles que mantivessem seu apego à preguiça e ao marasmo que seriam uma das marcas do caráter nacional, eles davam aos jovens elegantes a oportunidade de buscar, nos campos, a justificativa moral para sua superioridade que se perdera no final do século XIX. Excluídos de seus clubes, estes trabalhadores continuariam condenados à degeneração física e moral, distanciando-se cada vez mais dos corpos bem educados e fortes dos jovens *foot-ballers*.

Fazendo da higiene uma nova ideologia de domínio, os *sportmen* indicavam o sentido particular que alimentava o seu apego pelo novo esporte. Não era de se estranhar, portanto, que os mesmos princípios higiênicos que sustentaram seu crescimento tenham sido deixados de lado quando combatiam o caráter lúdico assumido pelo jogo entre esta mocidade elegante; se a ideologia da higiene sustentara por tempos sua atuação em favor do esporte, o crescimento que ela lhe proporcionara já permitia a estes jovens caracterizá-lo, pura e simplesmente, como um meio de segregação social, fazendo do jogo um fim em si mesmo. A própria necessidade de criação de ritualizações de distinção mostrava porém que, para desespero destes *sportmen*, o futebol estava longe de poder ser definido então como uma prática restrita a esses grupos letrados, sendo praticado também em outros campos pelos mesmos negros, pobres e trabalhadores dos quais tentavam se diferenciar. Buscando restringir o futebol aos seus círculos elegantes, estes jovens apenas tentavam fazer dele uma marca da sua superioridade - em um discurso que, longe de espelhar algum tipo de realidade, apenas tentava garantir-lhes o monopólio do novo esporte. Desconsiderando a prática esportiva de grupos os quais os próprios *sportmen* queriam ignorar, acabamos muitas vezes por fazer da memória construída por estes jovens esportistas a própria história do futebol na

---

<sup>303</sup> - Carmen Dolores, “Ao esvoaçar da idéia”, Correio da Manhã, 1 de maio de 1908.

cidade, reafirmando com isso uma lógica que movia a atuação de um grupo particular e fazendo dela uma grande chave para a compreensão do período. Construídas de cima para baixo, as grandes formulações sobre a história do país ganham assim, nas histórias habitualmente contadas sobre o futebol, a sua mais perfeita tradução.

---

<sup>304</sup> - Sobre o esfacelamento do paternalismo com ideologia de dominação senhorial no século XIX, ver Sidney Chalhoub, Visões da Liberdade. Uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

## Capítulo 2 - O orgulho da nação

Uma grande novidade veio agitar o Rio de Janeiro no mês de julho de 1908. Quebrando a já habitual tranquilidade do cenário esportivo da cidade e as certezas firmadas sobre o futebol pelos *sportmen* dos diversos clubes, um acontecimento começava a desorganizar a lógica cavalheiresca atribuída até então ao esporte bretão por grande parte de seus admiradores. Tratava-se da visita do selecionado argentino ao Brasil, acertada em fins de junho pela Liga Metropolitana. Descrita por um jornal do período como um evento “de grande importância”<sup>1</sup>, a vinda dos argentinos revestia-se de ansiedade para os admiradores do *foot-ball* na cidade. Embora já fossem comuns os jogos de brasileiros contra ingleses residentes na capital, era a primeira vez que ela recebia a visita de um selecionado estrangeiro.

“Efetivamente o nosso mundo de *sports* ainda não registrou um fato tão sensacional como este que agora está causando tanto entusiasmo entre os *sportmen*”, registrava um articulista da Gazeta de Notícias, caracterizando a excepcionalidade do encontro<sup>2</sup>. Afirmando que “a ansiedade por essas lutas” era enorme, o jornal defendia ser ela para os moradores do Rio de Janeiro um “novo prazer” - que gerava “um interesse e entusiasmo fora do comum”<sup>3</sup>. Literatos como Olavo Bilac embora tentassem tratar de outros assuntos em suas crônicas, achando que “uma partida de *foot-ball* não pode sustar o curso da história”, reconheciam que o interesse pelos jogos internacionais dominava a cidade. “Há dous dias não se fala noutra coisa”, concordava Paulo Barreto, afirmando que “não se encontra uma pessoa sem ouvi-la falar do *match* de *foot-ball* entre argentinos e paulistas”, fosse nos círculos das senhoritas elegantes, entre industriais ou em meio a um “club de baccarat e de roleta”. “Sejamos rápidos e leves, para que o leitor não chegue atrasado ou aborrecido ao *ground*”, resignava-se Bilac - que nesse mesmo dia estaria presente às arquibancadas do Payssandú torcendo pelos brasileiros<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> - “Foot-ball”, Gazeta de Notícias, 24 de junho de 1908.

<sup>2</sup> - “Foot-ball”, Gazeta de Notícias, 3 de julho de 1908.

<sup>3</sup> - “Matches internacionais”, Correio da Manhã, 11 de julho de 1908.

<sup>4</sup> - Olavo Bilac, “Crônica” e Joe (Paulo Barreto), “Cinematógrafo”, Gazeta de Notícias, 12 de julho de 1908. Sobre a presença de Bilac no jogo, ver O Paiz, 13 de julho de 1908.

Tanto entusiasmo não parecia descabido. Os preparativos para os três jogos que seriam realizados na cidade pelos argentinos evidenciavam tratar-se de uma ocasião especial<sup>5</sup>. Mesmo sendo as entradas vendidas por dois mil réis, valor alto o suficiente para assustar boa parte dos possíveis interessados no jogo mas que não era de todo proibitivo para os trabalhadores que por ele se interessassem, na véspera da primeira partida já haviam sido vendidos dois mil ingressos - sendo que no dia do primeiro jogo as bilheterias ainda seriam abertas a partir de uma hora da tarde, embora o jogo estivesse marcado para às três e meia, “para maior comodidade do público”<sup>6</sup>. Apesar da manhã feia e chuvosa, o jogo levou às imediações do estádio uma numerosa torcida. “Quem passasse pelas ruas centrais tinha a impressão de que era um dia de festa, um dia santificado”, comparava um cronista<sup>7</sup>. Horas antes da partida as arquibancadas já apresentavam-se tão lotadas que, segundo um dos presentes, “era difícil a qualquer retardatário lobrigar um lugar disponível por entre aquela multidão que se apertava”. Se nesse espaço, lado a lado com autoridades como o chefe de polícia Alfredo Pinto e o Barão do Rio Branco, ainda era possível vislumbrar “a sociedade mais fina do nosso meio *chic*”, como era comum nos jogos da Liga Metropolitana, em volta do campo, onde os ingressos eram mais baratos, via-se “uma longa massa compacta que serpenteava” - em uma imagem selvagem que dá uma boa indicação sobre a surpresa de cronistas e *sportmen* com o grande contingente de público<sup>8</sup>.

Mesmo contando com todo o entusiasmo da multidão, que ovacionava os jogadores brasileiros com “uma alegria formidável”, o time nacional perdeu por 3 a 2 o primeiro dos três jogos a serem disputados na capital<sup>9</sup>. Para além do que o resultado da partida, porém, ficava aos contemporâneos a impressão que alguma coisa se transformava no cenário esportivo da cidade. Atraindo uma multidão nunca antes vista, estes jogos extrapolavam os limites dos habituais frequentadores dos jogos da Liga,

<sup>5</sup> - Essa excepcionalidade levava inclusive alguns aficionados a propor em carta ao jornal a numeração das arquibancadas do Fluminense, em vista do grande público que para lá afluiria. “Brasileiros contra argentinos”, Gazeta de Notícias, 30 de junho de 1908.

<sup>6</sup> - “Argentinos e brasileiros”, Gazeta de Notícias, 9 de julho de 1908; e “Matches internacionais”, Correio da Manhã, 9 de julho de 1908. Note-se que, em 1910, o salário de um servente da Intendência Municipal era de cento e cinquenta mil réis, e o de um contínuo de cento e setenta e cinco mil réis. Cf. Sylvia Damazio, Retrato Social do Rio de Janeiro na virada do século, Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996, pg 48.

<sup>7</sup> - “Uma partida sensacional”, Gazeta de Notícias, 10 de julho de 1908.

<sup>8</sup> - “Matches internacionais”, Correio da Manhã, 10 de julho de 1908.

levando ao campo um público amplo e diversificado. O grande interesse despertado pelas disputas com os argentinos fazia com que, pela primeira vez, se juntassem em um estádio grupos diversos de admiradores do futebol, dentro ou fora da Liga Metropolitana, na torcida por um mesmo time. Na frente do prédio da Gazeta de Notícias, que estabelecera um serviço especial de boletins telefônicos, uma pequena multidão aguardava informações sobre o resultado das partidas<sup>10</sup>. Mesmo após a derrota no segundo dos jogos internacionais, realizado no campo do Fluminense contra um time formado pelos estrangeiros residentes no Rio de Janeiro - e novamente vencido pelos argentinos por 7 a 0 - o público impressionava. Se dentro do *ground* a assistência era calculada em cerca de seis mil pessoas, do lado de fora uma multidão “encarapitava-se nos muros, nos carros”, para assistir à partida<sup>11</sup>. De cima dos andaimes colocados em uma obra do Palácio Isabel, vizinho ao local onde se realizava a partida, um “número bastante regular de pessoas” se espremia para assistir ao encontro. Já o morro próximo do estádio recebia “magotes de gente, em geral pobre, que prefere aquelas alturas para não pagar contribuição alguma” - contando com uma presença que, no último dos jogos dos argentinos contra os cariocas, chega a ser calculada em seis mil pessoas<sup>12</sup>. “O dia policial teve vazias as horas durante as quais se empenhou o *match*”, ironizava um cronista da Gazeta de Notícias, impressionado com o grande contingente daqueles que habitualmente freqüentavam as colunas policiais presente em um jogo dessa natureza<sup>13</sup>.

Era fácil de entender por isso o inusitado destaque dado a esses jogos pela imprensa carioca. Contrariando a praxe dos grandes jornais, que tinham até então pequenas colunas internas sobre os esportes, folhas como a Gazeta de Notícias abriam toda sua primeira página para noticiar o evento<sup>14</sup>. Mesmo alguns jornais menores pouco afeitos às disputas esportivas do campeonato da Liga Metropolitana, como o Rio-Nu - dedicado habitualmente a um humor malicioso e à reprodução de fotografias de mulheres em trajes sumários consumidas vorazmente por um público muito diferente daquele que freqüentava os estádios - faziam naquela semana do futebol o

<sup>9</sup> - “Argentinos e brasileiros”, Gazeta de Notícias, 10 de julho de 1908.

<sup>10</sup> - “Argentinos e brasileiros”, Gazeta de Notícias, 10 de julho de 1908; e “Serviço de reportagem da gazeta”, Gazeta de Notícias, 12 de julho de 1908.

<sup>11</sup> - “O segundo match internacional”, Gazeta de Notícias, 12 de julho de 1908.

<sup>12</sup> - “Matches internacionais”, Correio da Manhã, 12 e 13 de julho de 1908.

<sup>13</sup> - “Pequena crônica da cidade”, Gazeta de Notícias, 10 de julho de 1908.

<sup>14</sup> - Cf. Gazeta de Notícias, 19 de julho de 1908.



mote de várias de suas crônicas e trocadilhos<sup>15</sup>. Como assunto da ocasião, o jogo congregou todas as atenções. Torcendo por “nossos representantes”, nos dizeres do redator esportivo do Correio da Manhã, esses muitos grupos não cansavam de fazer aclamações aos jogadores brasileiros, “em uníssono desferidas” pelos milhares de espectadores<sup>16</sup>.

Desacostumados a espetáculos que juntassem em um mesmo grito grupos tão diferenciados, os observadores ali presentes pareciam entender os motivos que levavam àquele estranho fenômeno: tratava-se de um “movimento patriótico”, uma defesa da nação nos campos que levava a multidão presente aos jogos a aplaudir sem vontade as vitórias argentinas nos três jogos realizados no Rio de Janeiro<sup>17</sup> - em um sentimento cristalizado na crônica de Paulo Barreto, que surpreendia-se com o fervor de sua própria torcida:

“(...) Estarei eu em vésperas dessa doença inexplicável que se chama patriotismo? Patriotismo porque? Patriotismo limitado a um campo de *foot-ball*? Entretanto é verdade...(...)

E do desânimo eu caio na ansiedade a espera que nós - ‘nós’ - vençamos no campo do Paissandu”<sup>18</sup>.

Transformando “eles” em “nós”, o literato apenas exprimia em palavras um sentimento de identificação experimentado pela maior parte do grande público daqueles jogos. “Sim, eu *torcia*. Para que negar? É impossível que os outros não fizessem o mesmo”<sup>19</sup>, reconhecia ele em outra crônica, reafirmando o estranho sentimento patriótico que lhe fora despertado. Tanto entusiasmo o levava, por fim, a expressar claramente o sentido patriótico de seu entusiasmo pelo jogo: “- Há um jogo que eu amo mais que todos: o *foot-ball*; há uma idéia que eu não posso desraigar: a da pátria”.

Paulo Barreto não tinha porém por que ficar tão preocupado. Mais do que um problema individual seu, esse sentimento nacional impulsionava grande parte do público que comparecia aos jogos e torcia pelos times brasileiros. Se escritores como

<sup>15</sup> - Cf. Dr. Sinete, “Semana Despida” e Zé Fidélis, “Comentários”, Rio-Nu, 15 de julho de 1908; e Escaravelho, “Foot-ball - Noções teóricas - Escaravelho versus Mulata”, Rio-Nu, 18 de julho de 1908. Sobre o Rio-Nu e seu público, conferir Cristiana Schettini Pereira, Um gênero alegre: imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916), dissertação de mestrado em história social, IFCH/UNICAMP, 1997.

<sup>16</sup> - “Matches internacionais”, Correio da Manhã, 13 e 10 de julho de 1908.

<sup>17</sup> - “Matches internacionais”, Correio da Manhã, 12 de julho de 1908.

<sup>18</sup> - Joe (Paulo Barreto), “Cinematógrafo”, Gazeta de Notícias, 12 de julho de 1908.

<sup>19</sup> Joe (Paulo Barreto), “Cinematógrafo”, Gazeta de Notícias, 19 de julho de 1908.

ele ainda conseguiam deixar de lado o seu eu “impulsivo, irrefletido e sentimental”, para olhar as coisas pelos olhos de seu “outro eu calmo, frio e refletido”, reconhecendo a indiscutível superioridade dos argentinos<sup>20</sup>, não era a mesma a reação de muitos dos torcedores presentes àqueles jogos. Enquanto para ele as derrotas apareciam como “uma lição”, que ensinaria aos brasileiros o valor da disciplina e do trabalho para se alcançar as vitórias, os torcedores que ocupavam as “galerias francas” ao redor do estádio na terceira das derrotas dos times formados por brasileiros “se manifestavam com hostilidade” ante o sucesso dos adversários, que venceram por 3 gols a 0<sup>21</sup>. Já na primeira das derrotas haviam estourado protestos e confusões pelas ruas, patrocinadas por torcedores inconformados com o resultado da partida. “- Não pode! Não pode!”, eram os gritos ouvidos em um bar no qual se reuniam dezenas de torcedores indignados. Usando uma expressão habitualmente utilizada nos conflitos com a polícia por aqueles que eram os alvos preferenciais de sua vigilância, esses torcedores afirmavam que “aqui também existem valentes”, cobrando a realização de uma revanche<sup>22</sup>. Mais do que uma taça, começava a entrar em jogo, para torcedores de segmentos diversos, o próprio orgulho da nação – na cristalização de um nacionalismo que começava a mostrar sua força social em terras cariocas.

À primeira vista, esse parece ser um estranho fenômeno. Durante décadas historiadores e cientistas sociais vêm tentando desvendar os caminhos que levaram à construção dos nacionalismos em diferentes continentes e regiões<sup>23</sup>. No caso do Rio de Janeiro das primeiras décadas desse século, no entanto, esse impulso restringiu-se à investigação sobre o modo como o tema da nacionalidade foi tratado por inúmeros intelectuais e escritores - em um rico debate sobre o sentido que atribuíram ao sentimento nacional e à própria nação<sup>24</sup>. Divididos em diversas correntes, esses escritores mostravam, para além das diferenças de seus projetos, seus pontos de contato. Fosse detendo-se em questões políticas, importantes na caracterização dada

<sup>20</sup> - Joe (Paulo Barreto), “Cinematógrafo”, *Gazeta de Notícias*, 19 de julho de 1908.

<sup>21</sup> - “Matches internacionais”, *Correio da Manhã*, 13 de julho de 1908.

<sup>22</sup> - “Um escândalo”, *Gazeta de Notícias*, 10 de julho de 1908. Sobre o grito, usado como forma de protestar contra a polícia carioca, conferir Marcos Bretas, *Ordem na cidade. O exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro: 1907-1930*, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

<sup>23</sup> - Conferir, entre outro, Eric Hobsbawm, *Nações e nacionalismo desde 1780*, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990; e Benedict Anderson, *Nação e consciência nacional*, Rio de Janeiro: Ática, 1989.

<sup>24</sup> - Conferir Lúcia Lippi Oliveira, *A questão nacional na primeira república*, São Paulo: Brasiliense, 1990; e Marly Silva da Motta, *A nação faz 100 anos: a questão nacional no centenário da independência*, Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1992.

ao sentimento nacional por Rodrigo Otávio, ou valorizando “as ordens territorial e cultural e a psicologia do brasileiro”, como fazia Afonso Celso, literatos, jornalistas e políticos das mais diferentes tendências faziam do tema da nação uma de suas preocupações constantes no período. Do debate entre eles aparecia, quase sempre, o claro impulso de construção de um nacionalismo regenerador, que firmasse para o país uma nova imagem a partir dos princípios da moral e do civismo que regiam a maior parte de suas obras. Centrando somente neles sua atenção, a historiografia sobre o período acabou por desconsiderar sujeitos como os muitos grupos de torcedores que envolviam-se com a disputa do selecionado brasileiro - fazendo do nacionalismo nas primeiras décadas do século uma questão que tinha nos intelectuais os seus únicos agentes.

Tal percepção tem, porém, uma explicação clara. Para grande parte dos estudiosos do nacionalismo em terras brasileiras, seria somente na década de 30, com o advento do Estado Novo, que ele teria se tornado uma questão importante para os sujeitos pouco afeitos aos debates intelectuais. Mesmo nesse momento, no entanto, tal impulso se consolidaria pela ação do poder público, encarregado de fazer do sentimento nacional um aliado da propaganda política do governo de Getúlio Vargas<sup>25</sup>. Como ideologia imposta aos trabalhadores por meio da propaganda, ele assumiria um sentido unívoco e total - definido não pelo modo através do qual ele era entendido por aqueles que o compartilhavam, mas pela ação manipuladora das autoridades governamentais.

A grande comoção causada na cidade em 1908 pelo jogo contra os argentinos evidenciava, porém, que nem só do brilho de intelectuais ou da força do poder público era feito o sentimento nacional. Distantes dos debates letrados, torcedores de origens e condições sociais diversas mostravam, nos campos, que o nacionalismo ia transformando-se em uma questão importante também para eles. Habitualmente colocado como simples objeto das discussões sobre o tema, o grande público presente à disputa contra os adversários do continente mostrava nos campos e nas arquibancadas participar ativamente de um movimento que, nos anos seguintes, atingiria uma intensidade crescente, e faria de torcedores anônimos sujeitos importantes do processo de consolidação social do nacionalismo na cidade.

---

<sup>25</sup> - Conferir, entre outros, Alcir Lenharo, Sacralização da política. Campinas: Papirus, 1986.

Acompanhando os desdobramentos desse processo, podemos buscar os caminhos pelos quais se construiu socialmente um amplo sentimento de nacionalidade entre torcedores de origens diversas - que nos permita entender o modo pelo qual ele foi experimentado por grupos que não tinham nas letras ou na política a sua principal forma de expressão. Seguindo as pistas deixadas por análises que já se encarregaram de mostrar a necessidade de buscar, no passado dos trabalhadores, os fios que permitiriam ao governo de Getúlio tecer suas redes de domínio<sup>26</sup>, trata-se assim de fazer do futebol um meio de compreensão desse amplo sentimento nacional que começava a se fazer presente em momentos como a disputa contra os argentinos.

Para esse público tão heterogêneo, os sentidos dessa devoção nacional que começava a se fazer notar na atitude da torcida não seriam porém tão claros. O processo de articulação, através do jogo, de uma identidade entre grupos diferentes, unidos em uma mesma emoção, aparece assim como um enigma a ser decifrado. Como ponto de partida desse movimento, os jogos contra os argentinos apenas anunciavam novas possibilidades para um esporte que era até então construído por muitos como um elemento definidor de uma identidade refinada e restrita. Neles estavam lançadas as sementes dos três processos simultâneos que, nos anos seguintes transformariam o perfil do jogo na cidade, analisados separadamente ao longo desse capítulo. Em primeiro, a transformação de um esporte tido como fidalgo e refinado em um jogo de todos, apropriado por diferentes parcelas sociais que buscavam para si mesmas a imagem de distinção definida pelos *sportmen* para ele. Junto a esse movimento, e possibilitado por ele, aparecia a possibilidade de consolidação, através do futebol, de uma intensa identificação entre torcedores das mais variadas camadas sociais, na constituição de uma bem fundamentada identidade nacional. Por fim, articulado aos dois primeiros, apareciam as ambigüidades e fissuras dessas construções - que, longe

---

<sup>26</sup> - Angela de Castro Gomes demonstrou de mostrar de forma muito convincente que, para além da ação poderosa do Estado sobre a sociedade, a força do populismo e do nacionalismo do governo de Getúlio se deu, em grande parte, pela incorporação de demandas, práticas e tradições dos trabalhadores ao longo das décadas anteriores. Nesses caminhos, seus sentidos eram deslocados - transformando o que era uma reivindicação em benesse, e dando ao próprio poder público o papel de sujeito único da ação. Sua análise, porém, centra atenção sobre nas questões da política institucional, investigando as tradições de luta sindical dos operários envolvidos com as lutas sociais sem buscar, na experiência de grupos pouco afeitos aos debates políticos, as raízes desse processo - o que pode ser feito através de eventos como o futebol. Conferir Angela de Castro Gomes, A invenção do trabalho, Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

de apagar a identidade delas resultantes, só mostrariam toda complexa trama a partir do qual elas foram formadas.

Os jogos de 1908 marcavam porém apenas os primeiros passos desse processo. “Ou nós teremos *foot-ball*, ou o *foot-ball* acaba agora”, anunciava triunfalmente Paulo Barreto, defendendo pelas páginas da Gazeta de Notícias que “ou o *foot-ball* morre, ou dentro de dous anos, completamente organizado e disciplinado o jogo que é até agora uma encantadora diversão sem consequência, nós teremos um *team* incomparável e venceremos sempre”<sup>27</sup> - prenunciando com isso a derrocada dos sentidos até então atribuídos ao jogo e como que antevendo para ele o começo de uma nova história. Para nós, que ouvimos sua frase com a certeza do futuro, suas previsões podem parecer proféticas; para aqueles que o liam no dia da publicação da folha, no entanto, só restava dar tempo ao tempo, para ver se as previsões do cronista teriam mesmo alguma chance de efetivação...

### **A febre do *foot-ball***

Com a volta dos jogadores argentinos ao seu país, tudo parecia tornar a ser como antes nos campos cariocas. Os jogos do campeonato voltavam a constituir-se como ocasiões de encontro da mocidade elegante, enchendo os estádios de moças e rapazes refinados. O futebol continuava a se desenvolver na cidade em campos distintos, que marcavam diferenças claras entre seus praticantes. Mesmo tendo se tocado por breves momentos nos jogos internacionais, parecia que esses campos voltariam a se separar definitivamente após o seu término, derrubando as previsões otimistas de Paulo Barreto. Embora o movimento esportivo da cidade já caracterizasse para muitos uma “febre do *foot-ball*”, a atenção da imprensa e dos *sportmen* parecia ainda naquele ano restringir-se a espaços como o campo de Fluminense, que era “o mais *chic*” entre todos da cidade<sup>28</sup> - livre, durante o campeonato, da multidão irrequieta que se fizera presente nos jogos contra os argentinos. Para um observador atento, entretanto, o grande público que comparecera àqueles encontros aparecia ainda como um problema e uma contradição. Construído a princípio por seus próprios

---

<sup>27</sup> - Joe (Paulo Barreto), “Cinematógrafo”, Gazeta de Notícias, 19 de julho de 1908.

praticantes como um símbolo de identidade de classe, o jogo transformava-se, em momentos como aquele, em um poderoso evento de massas - em um processo que, tendo nos anos seguintes um grande incremento, pode nos ajudar a entender o movimento que acabaria por fazer do futebol um meio de identificação entre amplas parcelas da sociedade

Sem preocupar-se ainda com a questão, os filhos de famílias importantes da cidade continuariam após a disputa com os argentinos a procurar nos clubes esportivos da zona sul sua trincheira de distinção. Era o caso do jovem Marcos Mendonça. Filho de uma família aristocrática, Marcos nascera em 1895 no Arraial de Meia Pataca, atual Cataguases, no estado de Minas Gerais. Já aos seis anos ele mudava-se com sua família para o Rio de Janeiro<sup>29</sup>. Passadas as dificuldades da chegada, logo se entregaria ao cosmopolitismo da capital da República, levando uma vida semelhante a de muitos outros garotos endinheirados de sua idade. Uma dessas novidades Marcos conheceria de perto em 1905, quando tinha ainda cerca de dez anos. Neste ano ele assistia, pela primeira vez, a uma partida de futebol disputada, com um público pequeno, entre um time paulista e um carioca<sup>30</sup>. A atração do jovem Marcos pelo jogo foi, sem dúvida, imediato. Fascinado pelo “futebol *smart*, superior, elegante” que via, como definiu em um depoimento para a posteridade<sup>31</sup>, já em 1907 ele começava a aparecer como goleiro do time do Brasileiro<sup>32</sup> - uma das associações surgidas no rastro dos grandes clubes da Liga agregando jovens garotos ainda pouco aptos a figurar nos times principais. Só mesmo no ano das disputas contra os argentinos, porém, Marcos começaria a acompanhar com maior frequência os jogos da Liga Metropolitana, torcendo “loucamente” pelo América - em cujo segundo time já jogava seu irmão Luiz. Ansiando pela possibilidade de figurar como ele entre os jogadores que participavam

---

<sup>28</sup> - “Foot-ball”, Gazeta de Notícias, 21 de abril de 1908.

<sup>29</sup> - Cf. Correio da Manhã, 15 de agosto de 1967; e Jornal do Brasil, 29 de maio de 1984. Uma tentativa anterior de análise da carreira de Marcos Mendonça em sua relação com a história do jogo na cidade pode ser encontrada em Leonardo Pereira, “Pelos campos da nação: um *goal-keeper* nos primeiros anos do futebol brasileiro”, Estudos Históricos, vol. 10, no. 19, 1997, pp. 23-40.

<sup>30</sup> - É o que ele mesmo conta, em um artigo escrito em 1926 para a revista O Sport de 21 de junho de 1926 - cujo recorte aparece em um dos dois grandes álbuns de fotografias e recortes doados por Marcos para a Biblioteca Nacional. Marcos Carneiro de Mendonça, Futebol Brasileiro - Recortes de jornal, Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, I - 18,16,1.

<sup>31</sup> - Marcos Carneiro de Mendonça, depoimento para o Museu da Imagem e do Som - RJ.

<sup>32</sup> - Cf. Gazeta de Notícias, 20 de outubro de 1907; e Correio da Manhã, 20 de outubro de 1907.

do campeonato da Liga, ele observava com atenção os jogos, tentando aprender deste modo os princípios do elegante esporte<sup>33</sup>.

Não demoraria muito para que Marcos, seguindo um caminho que já se tornava natural para jovens como ele, fizesse sua estréia nos gramados cariocas - o que acontece em 1910, quando ele defende o gol do Haddock Lobo, clube que já tinha assegurado sua presença entre os grandes da Liga, contra o Fluminense. Os elogios da imprensa garantiram-lhe já no ano seguinte a vaga de goleiro do primeiro time do América, seu clube de coração<sup>34</sup>. Conquistava assim, aos dezesseis anos, um lugar na galeria dos ídolos da juventude elegante, lado a lado com os outros jogadores de times como o Botafogo, campeão de 1910, o Fluminense, vencedor invicto do torneio de 1911, e a recém formada equipe do Flamengo - nascida de uma dissidência gerada no final daquele ano por um desacordo entre os titulares do Fluminense com a diretoria, que resulta na saída de nove jogadores do primeiro time deste para formar a seção terrestre do clube até então dedicado exclusivamente ao remo<sup>35</sup>.

Compondo uma nova geração de *sportmen*, jogadores como Marcos sentiriam na pele, ao longo de suas carreiras, os efeitos do processo desencadeado pelos jogos de 1908. Se a princípio eles não causaram grandes transformações no futebol praticado pelos clubes da Liga Metropolitana, seus efeitos por entre outros grupos que passavam a adotá-lo logo se faria notar. Embora ainda em 1912 muitos negassem o crescimento do jogo profetizado por Paulo Barreto, afirmando estar o futebol na cidade “ainda na sua infância”, não tendo ultrapassado “um período embrionário”<sup>36</sup> - sem atentar para o grande incremento que o jogo ia recebendo entre os círculos ausentes das disputas da Liga - a existência desses clubes de menor porte iria transformar-se naquele mesmo ano em um problema para os grandes clubes.

Tudo começa ainda em fins de 1911: em um jogo do Botafogo contra o América, que já contava então com a presença de Marcos, dois jogadores se desentenderam e foram expulsos de campo - sendo posteriormente suspensos do campeonato pela Liga Metropolitana. Inconformado com a punição ao seu sócio, o

<sup>33</sup> - Cf. O Sport, 21 de junho de 1926, in Marcos Carneiro de Mendonça, Futebol Brasileiro - Recortes de jornal, Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, I - 18,16,1.

<sup>34</sup> - Marcos Carneiro de Mendonça, depoimento para o Museu da Imagem e do Som - RJ.

<sup>35</sup> - Cf. O Imparcial, 13 de maio de 1916; e Paulo Coelho Netto, O Fluminense na intimidade, vol.2, Rio de Janeiro: s/e, 1969, pg 42.

<sup>36</sup> - “Um interview com o Sr. Edgard Pullen” e “O sport e o foot-ball”, Auto-sport, 1 de outubro de 1912.

Botafogo decide retirar-se da entidade, formando com outros clubes “bem mais modestos”, como o Sport Club Americano e o Catete F.C., uma outra “Associação de Foot-ball do Rio de Janeiro” - fundada no dia 6 de fevereiro de 1912<sup>37</sup>. Depois da disputa de campeonatos separados naquele ano, inicia-se na Liga Metropolitana em janeiro de 1913, por proposta do representante do Flamengo, um movimento para trazer de volta ao seu seio o Botafogo. Apesar da resistência de alguns clubes, esse movimento acaba por fazer-se vitorioso - resultando na fusão entre as duas entidades, com a conseqüente aceitação na Liga de times menores como o Americano<sup>38</sup>. Embora ela já contasse então com a presença de alguns clubes menos sofisticados, como o Bangu, que tinha a ela retornado após os desentendimentos de 1907, o Sport Club Manguera e o Esperança - também formado por funcionários da Companhia Progresso Industrial do Brasil, de Bangu - a decisão marcava uma profunda mudança na sua orientação. Com o grande número de disputantes que associaram-se a ela, a Liga dividia seus associados em duas divisões separadas - abrindo com isso as condições para que, dentro dela, houvesse as necessárias distinções entre os clubes, o que garantiria o ingresso das pequenas associações em seus quadros<sup>39</sup>. “Então aí nós tivemos a primeira queda de nível social requintado, nível especial que nós tínhamos no futebol brasileiro”, relembra Marcos<sup>40</sup>. Embora resguardasse a primeira divisão para os clubes mais antigos, a Liga Metropolitana abria as portas para grupos até então radicalmente excluídos de sua disputa, alargando sua base social.

A aceitação desses novos elementos no seio da Liga constituiria um caminho sem volta. Já naquele ano o seu 2º Secretário, Alberto Silveiras, mandava a todos os clubes filiados uma circular alertando “para o cumprimento fiel do que preceitua o regulamento da comissão de sindicância” que estava para entrar em vigor, determinando um rígido controle sobre a profissão dos jogadores que fariam parte dos times que disputavam o campeonato<sup>41</sup>. Para alguns admiradores do esporte, no entanto, exigências como essa já pareciam descabidas - como mostrava uma carta

<sup>37</sup> - Conferir Marcos Carneiro de Mendonça, depoimento para o Museu da Imagem e do Som - RJ; e “Estatutos da Associação de Foot-ball do Rio de Janeiro”, Arquivo Nacional, Secretaria de Polícia do Distrito Federal (S.P.D.F.), pacote 416, caixa 5553.

<sup>38</sup> - Cf. O Imparcial, 17 de janeiro de 1913 e 23 de janeiro de 1913.

<sup>39</sup> - O Imparcial, 11 de abril de 1913.

<sup>40</sup> - Marcos Carneiro de Mendonça, depoimento para o Museu da Imagem e do Som - RJ

<sup>41</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 26 de outubro de 1913.



enviada por um certo J. Sport ao jornal O Imparcial em agosto comentando o regulamento para admissão de jogadores na Liga:

“(...) Para pertencer ao quadro de jogadores da Liga Metropolitana é mister que o proposto não seja cocheiro, carroceiro, covoqueiro, barbeiro, soldado (praça de pret.), caixeiro de venda, de hotel, de botequim e uma porção de cousas mais, profissões estas que, no entender dos ilustres homens que inventaram esse regulamento, irão desmoralizar e deslustrar os brios da Liga Metropolitana.

Quer dizer: os clubs só podem registrar os estudantes, oficiais das corporações armadas, empregados públicos e... O que mais? Não sei. É crível, sr. redator, que os vinte clubs da liga possa (sic) manter cada um dos *teams* com jogadores que pertençam exclusivamente a essas profissões?(...)”<sup>42</sup>

“Não de certo”, era a resposta do próprio missivista - cujos erros de português pareciam indicar não se tratar de um sócio de nenhum dos grandes clubes da cidade. Concordando que “isso é muito bom para o Fluminense, Botafogo, América, Flamengo, etc., clubs que são, não se pode negar, compostos de gente da mais fina liagem (sic)”, ele mostrava que não poderiam “se manter com *teams* uniformes, bons e em condições de aparecerem em público, os clubs Andaraí, Bangu, Carioca, Esperança, Itamarati, S. Cristóvão, Americano e outros”. Isso por que os jogadores desses clubes, embora fossem “excelentes elementos para o *foot-ball*, rapazes educados e cheios de vontade”, não tinham as profissões que a Comissão de Sindicância da Liga exigia - sendo quase todos operários ou empregados do comércio. Defendendo a condição de membro da Liga desses clubes menores, portanto em igualdade de direito com os clubes de maior tradição, a carta de J. Sport indicava os problemas que a entidade passaria a enfrentar com a entrada de novos clubes.

Essa polêmica ainda estava, porém, longe de uma solução. Em janeiro de 1914 aparecia, como forma de amenizar o problema, a proposta de criação de uma terceira divisão na Liga. A heterogeneidade desses clubes menores, que eram ligados a segmentos sociais diversos, faria porém com que muitos deles reclamassem da idéia. Alegando em outra carta que “*teams* constituídos como os dos Clubs de Regatas de Icarai e do Riachuelense F.C., formados por excelentes *players* da escol dos bairros que lhes emprestam o nome”, não poderiam disputar suas partidas “com elementos heterogêneos, como possuem alguns clubs que a liga conhece”<sup>43</sup>, os sócios de alguns desses clubes desnudavam o teor do problema: mais do que uma mera questão técnica,

<sup>42</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 14 de agosto de 1913.

<sup>43</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 27 de janeiro de 1914.

relativa à qualidade e à tradição dos times em disputa - que igualaria os times menores em uma vala comum, apesar do protesto de alguns deles - tratava-se de uma questão social, que impunha uma separação entre clubes de diferentes classes. Era o que ficava ainda mais evidente em um artigo que reclamava da presença na Liga desses clubes que “funcionam naturalmente por favor, em casa de um de seus membros da diretoria”, não tendo sequer campo de jogo - o que, segundo ele, era o caso de 13 dos clubes a ela filiados. “Somos daqueles que querem o desenvolvimento do *foot-ball*, mas em bases sólidas”, continuava ele, acabando por cobrar que a Liga arranjasse uma forma de impedir a filiação em seu seio desses “meros agrupamentos”, caracterizados como “sociedades pouco escrupulosas que tem como diretores indivíduos de educação duvidosa”<sup>44</sup>.

O problema foi se tornando ainda mais grave com o desenrolar dos campeonatos. As regras da Liga previam que o melhor time da segunda divisão passaria à primeira, com a conseqüente queda do pior desta para a segunda. O meio de distinção construído pelos clubes mais antigos dentro da Liga ia, assim, esfacelando-se. Já em 1914 a vítima do rebaixamento seria o Payssandu, clube inglês que foi um de seus fundadores. Atento para o perigoso precedente, o Fluminense apresentava em janeiro de 1915 uma proposta para evitar esse descenso, assim como a subida de um time da segunda divisão. Para grande parte da imprensa, parecia uma ótima decisão:

“Que adianta aos nossos *sportmen* a passagem do Payssandu para a 2ª. divisão, quando desta passa para a 1ª. um outro club cujo valor, podemos afirmar categoricamente, é inferior ao da sociedade inglesa?

Não, o Payssandu deve ficar e temos a obrigação de mantê-lo par a par com os outros clubs da 1ª. divisão.

Isto dele ter tirado o último lugar pouco importa (...)”<sup>45</sup>.

Sendo um “veterano club de que fazem parte numerosos membros da honesta e laboriosa colônia inglesa aqui domiciliada”, parecia muito natural ao redator a manutenção do Payssandu entre os times de maior prestígio - pouco importando, por isso, as regras e leis em vigor. Como era de se esperar, a proposta do Fluminense foi aprovada, evitando-se com isso naquele ano a perigosa mistura social. Já no ano seguinte, entretanto, o problema voltaria a se repetir: embora a Liga tivesse definido a realização de um jogo extra entre o pior time da 2ª. divisão com o melhor da 1ª. para

<sup>44</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 14 e 15 de fevereiro de 1914.

<sup>45</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 29 de janeiro de 1915.

decidir quem ficaria entre os times grandes, o Rio Cricket, o outro dos clubes da colônia inglesa também ameaçado naquele ano de rebaixamento, acabou perdendo para o modesto Andaraí. Embora a imprensa voltasse a defender que “um club das tradições do Rio Cricket” não poderia ser rebaixado para jogar entre os times menores<sup>46</sup>, dessa vez não houve mais possibilidade de conciliação. Rebaixado, o clube acaba desistindo da disputa do campeonato, passando muitos de seus jogadores a defender as cores do Botafogo<sup>47</sup>.

Formado por operários, o Andaraí conseguia assim seu lugar entre os times de maior prestígio da Liga Metropolitana. A própria formação do time que disputaria o campeonato daquele ano indicava, para os que a assistiam, o significado desta conquista (Fig. 13). Composto em sua maior parte por operários, o clube abria - junto com o Bangu, também formado por operários - o precedente de aceitação de jogadores negros na primeira divisão da Liga Metropolitana. Essa era uma presença que, embora já aceita, parecia causar entre os demais clubes um sério desconforto. As colunas de humorismo esportivo não se cansavam de ironizar a participação no campeonato desses jogadores de outra condição social<sup>48</sup>. Nos clubes de maior tradição, como o Fluminense, a cor da pele aparecia ainda como um grande estigma - como mostrava o caso de Carlos Alberto, em 1914 (Fig. 14). Tendo conquistado junto com Marcos Mendonça o campeonato de 1913 pelo América, Carlos Alberto, depois de alguns desentendimentos entre os sócios deste, transferia-se junto com ele em 1914 para o Fluminense<sup>49</sup>. No novo clube, ainda mais fidalgo que o primeiro, o próprio jogador parecia começar a incomodar-se com o tom de sua cútis. Xingado de “mulato pernóstico” por um torcedor mais exaltado em um jogo de 1914, ele decide tomar uma atitude. Tentando apresentar-se em campo de forma mais elegante, resolveu passar pó de arroz no rosto para esbranquiçar a tez morena<sup>50</sup>. Derretendo em meio ao jogo, a maquiagem do atleta logo foi percebida pela torcida adversária, que aos gritos de “pó-

<sup>46</sup> - “O Rio Cricker irá para a segunda divisão?”, O Imparcial, 22 de novembro de 1915.

<sup>47</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 14 de março de 1916.

<sup>48</sup> - É o que fazia Serio Creta, ao afirmar que em um jogo entre o Botafogo e Andaraí venceria facilmente o primeiro, “pois as ordens serão dadas em inglês e o *povaréo* do Nico não entenderá nada”. Serio Creta, “Shootando”, O Imparcial, 16 de abril de 1916.

<sup>49</sup> - Comentando muitos anos depois em seu álbum este episódio, Marcos de Mendonça defende ter sido sua transferência o “resultado da politicagem interna do clube, que deu lugar ao meu afastamento do mesmo, indo com outros mais para o Fluminense”. Marcos Carneiro de Mendonça, Futebol Brasileiro - Recortes de jornal, Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, I - 18, 16, 1.

de-arroz” dava origem a um dos símbolos que ainda hoje acompanham o clube das Laranjeiras. Mais do que uma excentricidade, o gesto de Carlos Alberto iluminava o preconceito ainda compartilhado pela maioria esmagadora dos *sportmen* ligados aos clubes elegantes em relação à presença negra em seus jogos.

Não demoraria para que alguns deles comesçassem a ensaiar suas tentativas de reverter aquela situação. Iniciando-se em agosto de 1915 as discussões sobre a confecção dos novos estatutos da Liga Metropolitana, o debate se colocava de forma mais clara - sendo capitaneado pelo mesmo Alberto Silveses que, como 2º secretário da Liga, cobrara já em 1913 o respeito às normas sociais da entidade. Publicando na revista *Sports*, da qual era diretor, uma série de artigos sobre o tema, ele escondia-se sob o pseudônimo de Joffre para iniciar uma campanha pela necessidade de “selecionar os elementos que jogam *foot-ball*” nos clubes a ela pertencentes<sup>51</sup>. Embora dissesse saber estar sacrificando “simpatias e popularidade”, Silveses defendia sem rodeios que “o *foot-ball* é um *sport* que só pode ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo” - pois, sendo intrinsecamente violento, ele teria na boa educação um de seus requisitos básicos. Mais importante do que isso, porém, parecia ser sua defesa de que a mistura seria uma negação da realidade social experimentada em outras esferas da “vida social e mundana”, que preservariam “os sócios do Fluminense, Botafogo, etc.” desse desagradável contato:

“(…) De modo que nós que freqüentamos uma Academia, temos uma posição na sociedade, fazemos a barba no salão naval, jantamos na *rotisserie*, freqüentamos as conferências literárias, vamos ao *five o clock*; mas quando nos resolvemos a praticar *sport* entramos para o Icaraí, club distinto filiado à 3ª. divisão da Liga Metropolitana, somos obrigados a jogar com um operário, limador, com um correio, mecânico, *chauffeur* e profissões outras que absolutamente não estão em relação ao meio onde vivemos. Nesse caso a prática ao *sport* torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão”.

Vendo no futebol um dos muitos espaços de sociabilidade mundana compartilhados pelas altas rodas da cidade, Silveses explicitava o conteúdo social de sua objeção. Tendo virado “uma salada de classes e profissões”, que aceitava “analfabetos, bombeiros hidráulicos, condutores de bonds, etc.”, a liga parecia perder, para *sportmen* como ele, seu sentido original. Criticando essa “espécie de democracia”

<sup>50</sup> - Cf. Paulo Coelho Netto, *O Fluminense pitoresco e dramático*, Rio de Janeiro: Ed. Minerva, 1969, pg 23.

<sup>51</sup> - Joffre (Alberto Silveses), “A nossa campanha”, *Sports*, 6 de agosto de 1915.

firmada na tentativa de garantir o espaço dos clubes menores, que para ele “não passa no fundo de uma refinada hipocrisia”, protestava contra essa forçada mistura de classes - que tiraria do elegante jogo inglês todo o seu brilho .

Não que Alberto Silveiras fosse contra a prática do *foot-ball* por outras camadas sociais. Ao contrário dos *sportmen* dos primeiros anos do século, ele já admitia até a possibilidade de que a Liga incorporasse em seus quadros esses times menores. Sua objeção era quanto à mistura, “a promiscuidade que se verifica principalmente na segunda divisão e em alguns clubes da terceira”, que punha em campos iguais sujeitos que, na vida social, eram completamente diferentes. Por isso sua proposta não era de exclusão desses clubes da Liga, e sim a classificação, por série, dos clubes que disputassem o campeonato, “da mesma maneira que acontece na prática de outro qualquer *sport* ou por exemplo da dança”:

“(...) Nas pessoas que cultivam a dança há clubs organizados desde a sociedade Ameno Resedá, Flor das Morenas do Catete, etc., até o Club da Tijuca e Diários.

Ninguém por mais democrata que seja, nenhum dos ilustres moços que fazem parte do Fluminense F.C., Botafogo F.C., Flamengo e outras muitas sociedades, em idênticas condições, levarão suas exmas. Irmãs a uma partida mensal da Sociedade Recreativa Flor das Morenas do Catete.

Pois bem, algumas sociedades filiadas à Liga, estão para alguns clubs de outras divisões, assim como o Ameno Resedá está para o Club da Tijuca (...)”.

Para Silveiras, a simples existência de salões dançantes menos refinados como o do Ameno Resedá, do bairro do Catete, não parecia ser um problema - desde que houvesse, para quem de direito, a opção de bailar em outros refinados salões. Separados os diferentes grupos sociais “pelo cultivo, pela instrução e pela posição que as pessoas ocupam na sociedade” em espaços diversos, nada impedia que todos se entregassem a uma mesma prática - fosse a dança ou o futebol. A proposta de formação de uma “série operária pelos clubs que possuam em seus teams pessoas de determinadas profissões”, separadas daquela onde disputassem seus jogos os clubes de primeira linha, já seria por isso suficiente para resolver o seu problema.

Sua proposta, detalhada em outro artigo publicado na mesma revista, dividia por isso os clubes filiados à Liga em três séries: a primeira seria formada por elementos que comprovem ter renda superior a 300\$000 mensais e “não tirem meios de subsistência” das profissões braçais; a segunda por operários, serventes, condutores, caixeiros, lustradores, guardas civis e outras tantas profissões por ele

listadas; e a terceira pelos “praças e inferiores de qualquer corporação armada”<sup>52</sup>. Apresentada já no começo de 1916 com algumas modificações ao conselho da Liga, a proposta foi acolhida com entusiasmo por boa parte da imprensa esportiva, que a considerou “mais do que útil, nestes tempos em que o *foot-ball* vai cada vez mais aqui se desenvolvendo”. Para o redator esportivo d’O Imparcial, lucravam com o projeto não só os “*foot-ballers* de maior educação”, mas também “os menos educados, que se sentiriam obrigados, para não passarem como tais, a seguir o exemplo daqueles”<sup>53</sup>. Concordando com os argumentos de Silves de que a “seleção existe em todos os ramos da atividade social” - pois “os freqüentadores dos sambas dos cordões não são, positivamente, os mesmos dos salões dos diários”, e “nos próprios campos de *foot-ball* os assistentes são selecionados, ficando uns nas arquibancadas outros nas gerais”<sup>54</sup> - ele tornava-se, junto com o próprio autor da proposta, um dos seus principais defensores na imprensa carioca.

Mesmo tendo obtido ampla repercussão, o projeto de Alberto Silves logo começaria a enfrentar as primeiras objeções. Uma carta publicada no dia 14 de fevereiro no Correio da Manhã, de autoria de um marinheiro que assina com as iniciais de L.M., disparava contra a proposta de Silves e o apoio a ela dado pelo jornal O Imparcial, começando uma longa polêmica<sup>55</sup>. Mostrava-se indignado com o tratamento dispensado por Silves aos praças das forças armadas, classe que teria sido “injustamente ofendida” pela proposta. Defendendo que “nem todas as praças de pret são freqüentadoras dos ranchos e cordões carnavalescos, nem viajam nos bonds de segunda classe”, ele afirmava não entender como o projeto pode pretender excluir do jogo toda uma classe na qual “há homens de caráter tão puro como na classe do autor de tal projeto”. Irritado pela equiparação dos militares aos engraxates, defendia que nesta categoria “há vagabundos vulgares assim como há nos que freqüentam o Club dos Diários” - acabando por responsabilizar os clubes elegantes por todas as confusões que vinham acontecendo há tempos na Liga Metropolitana, negando assim a premissa

<sup>52</sup> - Joffe (Alberto Silves), “Os novos estatutos da Liga Metropolitana”, Sports, 14 de agosto de 1915.

<sup>53</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 1 de fevereiro de 1916, e “A seleção se impõe”, O Imparcial, 3 de fevereiro de 1916.

<sup>54</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 8 de fevereiro de 1916.

<sup>55</sup> - “A seleção sportiva”, Correio da Manhã, 14 de fevereiro de 1916.

de que os alvos do projeto de Silves fossem naturalmente inferiores aos demais<sup>56</sup>. Poucos dias depois, uma carta de José de Azevedo Sobral taxava o projeto de “uma peça pretensiosa, ilógica e iníqua” - pois ele feriria os direitos de clubes que já eram membros da Liga e que já pagavam regularmente suas mensalidades, acabando com a necessária igualdade entre eles. “Queiram ou não isso é a desigualdade proclamada, a turbacão tumultuária de um direito que até então gozavam, disputado por provas desportivas e não pequeno ônus”, lembrava o missivista, apontando para a ilegalidade do projeto<sup>57</sup>. Fosse pelo preconceito embutido em sua proposta ou pela ilegalidade nela contida, avolumavam-se assim as críticas ao projeto Silves<sup>58</sup>.

Uma última acusação viria dar mais munição aos opositores da proposta. Naquele mesmo mês aparecia no Correio da Manhã a carta de um 1º. tenente da marinha de nome E.M. de Souza, reafirmando os argumentos de seu colega de farda e lançando sobre o projeto de Silves mais uma suspeita: a de ser fruto de um “profundo egoísmo de quem o lançou”, tendo como objetivo único o de trazer à primeira divisão da Liga o Vila Isabel F.C. - do qual Silves era o presidente<sup>59</sup>. Embora este tentasse novamente responder a acusação, desqualificando seu oponente e afirmando que seria melhor “se os srs. oficiais se preocupassem por exemplo em combater o analfabetismo, cujo número deve ser elevado nos que se estão ocupando com o *foot-ball*”<sup>60</sup>, outros de seus críticos apressaram-se em aprofundá-la. Escrevendo uma carta para O Imparcial, um certo Arev - afirmando que “o fato de ser operário não inibe de ser um cidadão educado e capaz de fazer parte de uma associação de gente limpa” e criticando “que se condene uma classe inteira, quando nessa classe há muita gente já bastante educada *sportivamente*” - reafirmava que o projeto de Silves

<sup>56</sup> - Apesar da resposta publicada nos jornais cariocas no dia seguinte por Alberto Silves negando a perseguição aos praças da armada e duvidando ser mesmo o autor da carta um marinheiro, poucos dias depois aparecia no mesmo jornal uma nova carta reclamando contra a discriminação - dessa vez com papel timbrado da fortaleza de Villegagnon. Cf. “A seleção sportiva”, O Imparcial, 15 de fevereiro de 1916; e “A seleção”, Correio da Manhã, 18 e 19 de fevereiro de 1916.

<sup>57</sup> - “Ainda a seleção”, Correio da Manhã, 18 de fevereiro de 1916.

<sup>58</sup> - Mesmo em outros estados, como São Paulo, essa oposição se fazia notar - como mostrava um artigo publicado n’O Estado de São Paulo no dia 25 de maio de 1916 contra o projeto de seleção, defendendo que “nenhuma restrição pode ser feita hoje nas manifestações de ordem geral e pública, dentre as quais as sportivas ocupam um lugar de destaque e de reconhecida utilidade nacional”. Mesmo na capital paulista, porém, a discussão sobre a necessidade da seleção já tinha acarretado, em 1913, uma grande divisão entre os clubes locais, resultando na formação de duas ligas distintas. Cf. José Renato de Campos Araújo, Imigração e futebol: o caso Palestra Itália, Dissertação de mestrado em sociologia, IFCH/UNICAMP, 1996, pg 91.

<sup>59</sup> - “O debatido caso da seleção”, Correio da Manhã, 22 de fevereiro de 1916.

<sup>60</sup> - “A seleção sportiva”, O Imparcial, 23 de fevereiro de 1916.

visava somente “a colocação do seu club na primeira divisão”. Isso porque, já de início, ele excluiria desta o Bangu e o Andaraí, times cuja maioria dos sócios eram operários. O Carioca, primeiro colocado da segunda divisão - a quem caberia a honra de ascender depois de abertas as vagas na primeira divisão - estaria na mesma condição dos dois clubes citados, sendo também formado pelos operários da Fábrica de Tecidos Carioca. Deste modo o Vila Isabel, terceiro colocado da segunda divisão, teria aberto o seu caminho de ascensão<sup>61</sup>. Indignando seus oponentes, o projeto geraria ainda o envio à redação dos jornais de inúmeras cartas de protesto, “nem todas redigidas em termos capazes” - motivo pela qual as folhas acabam suspendendo sua publicação<sup>62</sup>. Cercado de objeções, o projeto de Silveses tinha assim uma acolhida muito diferente daquela recebida, em momentos anteriores, por outras propostas de restrição à entrada de jogadores de menor nível social no seio da Liga Metropolitana - entrando no debate sobre ele sujeitos até então ausentes das discussões nela travadas.

Apesar de todas as críticas recebidas pelo projeto, muitas de suas propostas seriam incorporadas, em abril daquele ano, pelos membros da Liga - que discutiam a nova Lei do Amadorismo da entidade. As regras aprovadas mostravam ser, em muitos pontos, até mais duras do que aquelas propostas por Silveses. Definiam claramente que não seriam amadores, entre outros: os “que tirem os seus meios de subsistência de quaisquer profissão braçal, considerando como tais todas aquelas em que o indivíduo depende inteiramente de seus poderes físicos, e não dos recursos de sua inteligência”; aqueles “cuja profissão lhes permita o recebimento de gorjeta”; os “criados de servir, aos empregados (denominados caixeiros) de armazéns de secos e molhados, vendas ou mercearias”; os “contínuos, estafetas” e “serventes em geral”; os “guardas civis e praças de pret”; e, para completar, evitando qualquer esquecimento, os “que exercerem qualquer posição, profissão ou emprego que, a juízo do Conselho Superior, esteja abaixo do nível moral e social exigido pelo *sport* do amadorismo”<sup>63</sup>. Embora o projeto de Silveses não tenha sido aprovado, na prática a nova lei do amadorismo excluía sumariamente das disputas da Liga todos os sujeitos para os quais dirigia-se

<sup>61</sup> - Arev, “A seleção”, 24 de fevereiro de 1916.

<sup>62</sup> - “A seleção projetada pelo Sr. Silveses”, Correio da Manhã, 24 de fevereiro de 1916.

<sup>63</sup> - “A nova lei do amadorismo aprovada ante-ontem”, O Imparcial, 28 de abril de 1916.



sua proposta de seleção - relegando os jogadores atingidos pelas novas regras, como fazia parte da proposta original de seleção, à disputa de um “campeonato operário”<sup>64</sup>.

Mesmo depois de sua aprovação, no entanto, essas regras não paravam de gerar polêmica - ocasionando seguidos boatos de que sua execução seria suspensa<sup>65</sup>. Nas páginas da Gazeta de Notícias, Noel de Carvalho, presidente do Bangu, publicava uma carta de protesto pela decisão, secundada por muitas outras enviadas às redações dos grandes jornais - como a de Nestor Lobo, que escreve a O Imparcial criticando a “lei de seleção ( pomposamente chamada de lei do amadorismo)” pelo preconceito nela contido em relação aos “honrados representantes das forças produtoras do país” e pelo “mesquinho intuito que presidiu a sua formação”<sup>66</sup>. A polêmica estendeu-se até o início de maio, quando o Carioca, pela primeira vez, teve cassados os registros de 25 dos jogadores que faziam parte de seus quadros - por acaso, exatamente na semana em que disputaria uma partida contra o Vila Isabel, o clube de Alberto Silves. Para cronistas como Nico Miranda, redator esportivo de O Paiz, parecia mesmo um golpe “calculadamente aparelhado para dar vantagem ao seu adversário”, o que o fazia esperar que o clube, “lavrando protesto perante a Liga”, mandasse a campo os jogadores eliminados. E de fato, em um clima de confronto, onde eram esperados os “desacatos anunciados” pela imprensa, o jogo realiza-se no campo do Carioca com a participação dos jogadores eliminados, sendo o Vila Isabel vencedor<sup>67</sup>. O precedente, porém, estava aberto, e as veementes contestações às novas regras aprovadas pela Liga acabariam levando ao adiamento da Lei do amadorismo para o ano seguinte - decisão comemorada em clubes operários como o Bangu<sup>68</sup>.

Antes do assunto voltar a ser discutido na Liga, entretanto, novos acontecimentos dariam a ela um equilíbrio de forças muito diferente. Já em outubro de 1916, o presidente do Botafogo, Souza Ribeiro, comunicava à diretoria seu

<sup>64</sup> - “Campeonato Operário”, O Imparcial, 29 de abril de 1916.

<sup>65</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 6 de maio de 1916.

<sup>66</sup> - O jornal explica estar publicando a carta por ser ela “sem ofensas” - como que se justificando pela não publicação de outras cartas recebidas em termos menos corteses. “A lei do amadorismo”, O Imparcial, 9 de maio de 1916.

<sup>67</sup> - “O caso do Carioca”, O Paiz, 7 de maio de 1916; e “Foot-ball”, O Imparcial, 9 de maio de 1916.

<sup>68</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 19 de maio de 1916; e “Ata da reunião semanal da diretoria do Bangu A. C. de 18 de maio de 1916”, Livro de atas do Bangu - 21.5.1915 - 7.9.1917. A indecisão em torno da questão provocava incidentes como o que acontece em setembro - quando o Fluminense prova ter o Andaraí utilizado em seu time um praça da Armada, o que já seria proibido pelas regras antigas da Liga, mas mesmo assim o clube não sofre nenhuma punição. Cf. Correio da Manhã, 8 e 16 de setembro de 1916.

afastamento do cargo de presidente da Liga Metropolitana, por ter sido sua direção “censurada por manejos pouco lisos de uma maioria de clubs obtida com o concurso dos clubs da 2ª. e 3ª. divisão” - evidenciando a influência que os clubes menores começavam a ter na associação<sup>69</sup>. Era na discussão dos novos estatutos realizada no início do ano seguinte, porém, que essa influência se mostraria de forma ainda mais clara. Tudo se inicia quando, reunidos, os representantes dos clubes pequenos conseguem anular um dos artigos já votados pela assembléia, o qual definia uma composição seleta para o Conselho Superior da Liga - a instância que, de fato, detinha o poder decisório dentro da associação. Articulados, eles criavam assim uma nova hegemonia no seio da entidade na qual, estando em maioria, os clubes pequenos teriam um poder muito maior. A manobra revoltou *sportmen* como Mário Pollo, sócio do Fluminense e redator esportivo do Correio da Manhã, que protesta contra o fato de que clubes como o Botafogo, o Fluminense, o América, o Flamengo e “outros mais de honroso passado” estivessem “condenados a sofrer o odioso domínio de sociedades que, em sua maioria, nenhuma responsabilidade tem no *sport*, para cujo seio deram entrada há pouco tempo”. Para ele, o comportamento “dessa parte infelizmente predominante do núcleo confederado à Liga”, composta por associações como o S. C. Americano e o Esperança F.C., seria uma “afrontosa provocação” aos clubes que eram os “baluartes do *sport* brasileiro”, que ficariam submetidos aos seus “caprichosos ditames” - o que acabaria por levá-lo a sugerir o abandono da Liga pelos clubes da chamada “minoría”<sup>70</sup>.

Depois da interferência de políticos e autoridades chamadas a arbitrar a dissensão - cada vez mais interessados na capacidade de articulação de grandes públicos do esporte bretão - a questão parecia se resolver em 17 de fevereiro. Formava-se uma comissão que seria responsável pela confecção dos novos estatutos, estando nela representados cinco membros de cada facção<sup>71</sup>. Os trabalhos dessa comissão ainda trariam, porém, novos desentendimentos, novamente em relação à definição da instância decisória da Liga: a minoria planejava que ela fosse um conselho superior formado pelos *sportmen* de mais destaque, enquanto a maioria desejava definir para tal fim uma assembléia com representantes de todos os clubes. Pondo a

<sup>69</sup> - “Ata da sessão de 9 de outubro de 1916”, Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 9.10.1916 - 20.9.1917.

<sup>70</sup> - Cf. “Foot-ball”, Correio da Manhã, 3, 6 e 7 de fevereiro de 1917.

questão em votação, os clubes da maioria vencem por 7 a 3 - tendo dois dos representantes da minoria aderido às teses dos clubes pequenos, com medo de que esses acabassem por tomar até mesmo o controle do Conselho Superior defendido pelos clubes elegantes<sup>72</sup>. Sepultava-se, com isso, o domínio absoluto exercido pelos clubes de maior tradição sobre os destinos da entidade.

Firmando seu poder nas discussões da Liga, os clubes pequenos conseguiam força suficiente para barrar propostas como a lei do amadorismo, tal como definida no ano anterior - tendo sido uma das emendas apresentadas por eles aos novos estatutos justamente a troca da expressão “da seleção” por “do registro de jogadores”<sup>73</sup>. Embora nos estatutos aprovados em 1917 ainda houvesse restrições “aos que tirem os seus meios de subsistência que qualquer profissão braçal”, aos “guardas-civis e praças de pret”, aos que não tivessem o “nível moral exigido pelo amadorismo” e aos analfabetos de forma geral, a nova correlação de forças na Liga garantia aos clubes menores uma grande flexibilidade na interpretação dessas regras - levando mesmo ao pedido de demissão de Alberto Silveiras da comissão de sindicância, inconformado com a não aceitação de “provas circunstanciais” que ele dizia ter contra vários jogadores inscritos no campeonato<sup>74</sup>.

Garantindo a presença dos trabalhadores nos campeonatos da Liga, essa nova correlação de forças ia dando ao futebol no Rio de Janeiro uma feição muito diferente daquela construída pelos sócios dos primeiros clubes esportivos da cidade. Imiscuindo-se em meio à principal entidade dirigente do futebol na cidade, os membros dos pequenos clubes participavam de um processo que quebraria de vez a trincheira de diferenciação construída pelos *sportman*. Se o futebol era mesmo uma marca de diferenciação, ele certamente não poderia mais ser pensado pelos que viviam esse processo como um atributo exclusivo de jovens como Marcos Mendonça. Igualando-se a esses justamente na entidade criada para garantir a diferenciação, novos grupos

<sup>71</sup> - “O sport carioca e a cisão na Liga metropolitana”, Correio da Manhã, 17 de fevereiro de 1917.

<sup>72</sup> “O momento sportivo”, Correio da Manhã, 5, 6 e 8 de abril de 1917. Muitos chegam a lançar sobre o presidente do Botafogo, Souza Ribeiro - um dos que mudou de voto, apoiando a proposta da minoria - a acusação de ter feito um acordo com eles que garantisse sua volta à presidência da entidade - o que, de fato, acaba acontecendo. Cf. “O sr. Souza Ribeiro futuro presidente da Liga metropolitana de Sports Terrestres”, O Paiz, 8 de abril de 1917.

<sup>73</sup> - O Paiz, 6 de abril de 1917.

<sup>74</sup> - Cf. “Estatutos da Liga metropolitana de Desportos terrestres”, Diário Oficial, 20 de dezembro de 1917, pg 13577; “Foot-ball”, Correio da Manhã, 16 de julho de 1918.

passavam então a participar de forma mais direta de sua imagem, estimulando um amplo processo de consolidação social do esporte.

Nem só nos jogos dos times da Liga, no entanto, essa mudança podia ser notada. Estreitando-se cada vez mais o fosso que separava o futebol praticado nos times elegantes daquele praticado por outros grupos por entre a cidade, o jogo ia ganhando novos adeptos, alargando em muito seu círculo de praticantes. Se desde os primeiros anos do século já eram comuns partidas como aquelas disputadas em 1916 por marinheiros “no campo improvisado” na Praia do Russel, elas agora pareciam revestir-se de uma penetração social muito mais ampla - ganhando destaque em jornais como o Correio da Manhã<sup>75</sup>. Praticado institucionalmente por alunos das escolas municipais, por presidiários da Casa de Detenção ou pelos membros da Brigada Policial, o jogo envolvia de forma direta os mais diferentes grupos sociais<sup>76</sup>. A prática mais constante do jogo por esses novos sujeitos não demoraria em resultar na multiplicação dos centros esportivos existentes na cidade. Se em 1907 constavam do noticiário dos grandes jornais cariocas cerca de 77 clubes, em 1915 apareciam outros 216 só nas páginas do jornal O Imparcial - tendo quase triplicado em oito anos o número de associações destinadas ao futebol no Rio de Janeiro<sup>77</sup>. Mesmo quando não havia jogos no campeonato da Liga, “o *foot-ball* não se ausenta dos *grounds* cariocas”, como notava um redator esportivo<sup>78</sup>. Segundo o depoimento de Paulo

<sup>75</sup> - “Os marinheiros e o foot-ball”, Correio da Manhã, 27 de outubro de 1916.

<sup>76</sup> - Através de um decreto baixado em 1914 pelo Conselho Municipal, o prefeito era autorizado a fazer com os clubes da Liga Metropolitana um acordo para garantir que, em troca de isenções fiscais, os alunos das escolas e institutos municipais passassem a ter direito de treinar em suas dependências, comprometendo-se ainda a Liga a organizar campeonatos escolares para que esses pudessem se exercitar no jogo. Os presidiários da Casa de Detenção, por sua vez, eram estimulados por seu próprio diretor a praticar o jogo, enquanto o Botafogo abria seus campos para as disputas dos membros da Brigada Policial - que, por uma ordem do dia baixada por seu comandante, passavam a ter no futebol uma atividade obrigatória. Cf. “Decreto no. 1.624 de 30 de julho de 1914”, in Conselho Municipal. Coleção de leis municipais e vetos do segundo semestre de 1914, Rio de Janeiro, O Paiz, 1915; “Até na Casa de Correção se joga o foot-ball”, O Imparcial, 7 de fevereiro de 1916. “Ata da sessão de 15 de janeiro de 1915” e “Ata da sessão de 8 de março de 1915”, in “Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 3.01.1910 - 11.09.1916”.

<sup>77</sup> - O número total de clubes foi tirado da contagem simples, dia a dia, das associações que apareciam em suas páginas. Interessante notar que, segundo levantamento do jornal O Estado de São Paulo citado por Plínio Negreiros, na cidade de São Paulo havia em 1914 cerca de 136 associações esportivas, entre clubes de futebol e outras, para uma população que seria segundo o censo de 1920 cerca de metade daquela do Rio de Janeiro - evidenciando um equilíbrio do furor esportivo nas duas cidades. Cf. Plínio J.L. Negreiros, Resistência e rendição. A gênese do Sport Club Corinthians Paulista, Dissertação de mestrado em história social, PUC-SP, 1992, pg 79. Sobre os dados populacionais, conferir José Renato de Campos Araújo, op.cit. pg 31; e Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920, op.cit., pg XIX.

<sup>78</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 24 de janeiro de 1915.

Várzea, que disputou campeonatos por algumas dessas associações, só na Barreira do Senado - onde eram disputados os jogos de grande parte dos clubes de menor porte - “chegaram a existir seguramente 15 campos de *foot-ball*”<sup>79</sup>, nos quais jogavam grupos muito diferentes dos *sportmen* que faziam parte dos principais times da Liga Metropolitana.

Essa proliferação de clubes teve como consequência imediata o surgimento de novas Ligas e campeonatos. Por todo o lado eram criadas associações para absorver aqueles clubes que, mesmo após a flexibilização, não conseguiriam espaço na Liga Metropolitana. Fundada por clubes de regiões como Cascadura e o Engenho de Dentro, surgia em 1912 a “Liga Sportiva Suburbana”. No ano seguinte, formada por clubes pequenos como o Portinho F.C., o Municipal F.C. e o Dois de Junho F.C., apareciam a “Federação Brasileira de Foot-ball” e a “Liga Sportiva de Foot-ball”<sup>80</sup>. Era em 1915, porém, que esse movimento chegaria ao seu auge - com o surgimento de associações como a “Liga Meridional de Foot-ball”, que agregava associações dos ainda distantes bairros de Copacabana e Ipanema; a “Associação Brasileira de Sports Atléticos”, iniciada pelos sócio do Mayrink F.C.; a “Associação Carioca de Foot-ball”, organizada por clubes da região do cais do porto; e a “Liga Sportiva Fluminense”, formada pelos clubes de fora da capital<sup>81</sup>.

Surgindo e desaparecendo com grande velocidade, essas associações em geral tinham objetivos muito parecidos com outras que continuariam a surgir, como a “Liga Municipal de Foot-ball” fundada em 1916: “cooperar para o desenvolvimento de clubs que não podem dispor de *grounds* em condições para as pugnas do *association*”<sup>82</sup>. Uma comparação de seus estatutos com aqueles aprovados pela Liga Metropolitana em 1917 indica, entretanto, o fosso que continuava a separar essas associações das exigências da entidade maior do futebol carioca - a começar pela de que os clubes filiados possuísem “sede social e um campo de *foot-ball*”, o que não acontecia com grande parte dos clubes menores. Satisfeita a exigência, entretanto, o clube teria ainda que arcar com uma jóia de admissão no valor de 2:000\$000, além da mensalidade de

<sup>79</sup> - Paulo Várzea, “Prefácio”, in Floriano P. Corrêa, Grandezas e misérias do nosso foot-ball, Rio de Janeiro: Flores e Mano, 1933, pg 20.

<sup>80</sup> - Cf. Auto-sport, 1 de dezembro de 1912; e O Imparcial, 21 e 25 de maio de 1913 e 1 de maio de 1914.

<sup>81</sup> - Conferir, respectivamente, . O Imparcial, 15 de janeiro, 20 de março, 2 de outubro, 5 de junho e de 1915.

<sup>82</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 22 de fevereiro de 1916.

30\$000 e de 10% da renda bruta de seus jogos<sup>83</sup>. Já nas ligas menores, a situação era bem diferente. Embora houvessem entidades como a própria “Liga Municipal de Foot-ball” que cobravam uma mensalidade do mesmo valor que as da Liga Metropolitana e uma jóia de 100\$000<sup>84</sup> - ainda alta o bastante para afugentar certa casta de clubes que podiam se interessar em filiar-se - a maior parte delas cobrava mensalmente de um a dois terços desse valor, variando suas jóias de admissão entre 20\$000 e 30\$000<sup>85</sup>. Além disso, não impunham na maior parte das vezes nenhum obstáculo para a aceitação de trabalhadores em seu seio, como continuava a fazer a Liga Metropolitana - limitando-se, quando muito, a definir que não se aceitaria “em seus *matches* jogadores que façam profissão de *sports*, nem pessoas cuja reputação seja duvidosa”<sup>86</sup>. Garantindo um espaço institucional para a prática do futebol fora da Liga Metropolitana, essas associações davam forma a um grande movimento que consolidava a presença desses sujeitos nos campos cariocas, diminuindo cada vez mais os obstáculos que tentavam separar do jogo da bola os muitos grupos de trabalhadores espalhados pela cidade.

Como resultado desse movimento, o Rio de Janeiro já era em 1915, segundo um cronista, a cidade na América do Sul que contava com o maior número de campos<sup>87</sup>, nos quais se notava um interesse crescente pelo jogo. Assim como as disputas do campeonato da Liga Metropolitana, as partidas realizadas entre os times menores iam atraindo uma grande atenção - que fazia com que times pequenos como o River F.C. e o 24 de maio F.C. chegassem a levar aos campos um público de 2.000 pessoas<sup>88</sup>. Transformado em grande atração, o jogo era presença indispensável dos festivais beneficentes freqüentemente realizados na Quinta da Boa Vista e no Jardim

<sup>83</sup> - Cf. “Estatutos da Liga metropolitana de Desportos terrestres”, Diário Oficial, 20 de dezembro de 1917, pp 13576-13577.

<sup>84</sup> - “Liga Municipal de Foot-ball”, O Imparcial, 11 de fevereiro de 1916.

<sup>85</sup> - Era o caso, entre outras, da “Liga Sportiva de Foot-ball”, da “Associação Brasileira de Sports Atléticos” e da “Liga Sportiva Suburbana”, Cf. “Estatutos da Liga Sportiva Suburbana”, Arquivo Nacional, S.P.D.F., pacote 418, caixa 5556; “Estatutos da Liga Sportiva de Foot-ball”, Arquivo Nacional, S.P.D.F., pacote 459, caixa 5621 e “Lei estatutal da Associação brasileira de sports atléticos”, Arquivo Nacional, S.P.D.F., IJ6-563.

<sup>86</sup> - “Lei estatutal da Associação brasileira de sports atléticos”, Arquivo Nacional, S.P.D.F., IJ6-563.

<sup>87</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 4 de fevereiro de 1915. Pelas ruas o futebol era jogado livremente por trabalhadores como Domingos Ferreira, de 18 anos, que fratura a perna quando praticava em Cascadura o esporte inglês, chamando a atenção de transeuntes como o funcionário municipal João José Ferreira Júnior, atingido por uma bola quando assistia um jogo entre marinheiros norte-americanos no Campo de São Cristóvão. “Notas Policiais”, O Imparcial, 3 de julho de 1916; e “Um shoot inesperado”, Correio da Manhã, 20 de agosto de 1917.

<sup>88</sup> - Cf. “Foot-ball”, O Imparcial, 19 de agosto de 1914.

Zoológico<sup>89</sup>. Para os estrangeiros que assistiam a esse processo, parecia realmente um fenômeno surpreendente, impressionando ingleses como G. Bruce - que, depois de viajar pelo país, publica em Londres um livro sobre o Brasil. Perguntando sobre as preferências esportivas dos brasileiros e observando as disputas esportivas locais, ele já reconhecia sem dificuldades ser o futebol “o mais popular esporte nacional”. Mostrando-se orgulhoso com a supremacia no país de esportes bretões como o futebol, que virava um “passatempo nacional que atraía multidões nas cidades”, ele não deixava porém de mostrar seu estranhamento com a adoração dos brasileiros pelo jogo:

“(…)Uma curiosa característica do futebol no Brasil é a manutenção, pelos brasileiros, de termos em inglês que estão diretamente ligados conosco. Assim, uma torcida cuja língua é naturalmente o português, pode ser ouvida gritando ‘shoot’, ‘pass’, ‘kick’, ‘take it forwards’”<sup>90</sup>.

Deixando de lado seu idioma e suas tradições, os brasileiros estariam, para Bruce, participando de um estranho processo - que, em inúmeros países, ia fazendo do futebol uma mania mundial, e do inglês a língua de todos. O fato de que até em um país tão diferente como o Brasil se praticasse o jogo inglês parecia-lhe, porém, um fenômeno de difícil explicação. Não era mero acaso que quase na mesma época do lançamento de seu livro Alured Bell, um de seus conterrâneos, tenha tido uma reação muito semelhante em relação à rápida popularização do futebol no Rio de Janeiro. Tendo morado por dois anos na cidade, ele publicou na Inglaterra uma obra de propaganda patrocinada pelo governo de Hermes da Fonseca sobre as maravilhas cariocas<sup>91</sup>. Embora afirmasse não ser ainda o Brasil uma nação de *sportsmen*, ele dedicou um capítulo inteiro ao tema, dando uma ênfase especial ao desenvolvimento do *foot-ball association*:

“(…) No Rio de Janeiro o clima exacerbado faz de esportes de todos os tipos uma atividade muito severa para o corpo humano durante pelo menos cinco meses por ano. Por isso é um pouco surpreendente que, em uma pesquisa recentemente realizada

<sup>89</sup> - É o que acontece, entre muitos outros, no festival luso-brasileiro realizado em 1914 e naquele promovido em 1916 pelas senhoras da Comissão Auxiliadora das Obras da Matriz de Vila Isabel, que tinha como uma de suas principais atrações uma partida entre os times do Luzitania e do Vila Isabel. Cf. “Jardim Zoológico - Festivais diurnos e noturnos”, *O Imparcial*, 10 de julho de 1914; e “O festival de ontem no Jardim Zoológico”, *Correio da Manhã*, 7 de fevereiro de 1916.

<sup>90</sup> - “(...)An amusing feature of football in Brazil is the retention by the brazilians of the english terms for much connected with us. So a football crowd whose language is naturally portuguese, may be heard yelling ‘shoot’, ‘pass’, ‘kick’, ‘take it forwards’. (...)”. G.J. Bruce, *Brazil and the brazilians*, Londres: Methuen & c. Ltda., 1915, pp 258-259.

<sup>91</sup> - Alured Gray Bell, *The beautiful Rio de janeiro*, Londres: William Heinemann, 1914, pg XVIII.

por um jornal carioca junto aos seus leitores, sobre qual o preferido dos esportes, o futebol encabece a lista. Vários entusiastas assinalam suas razões para sua escolha, mas continua sendo um enigma para mim o porque de um esporte que proíbe o uso das mãos agradar tanto aos brasileiros (...)<sup>92</sup>.

Mesmo vendo no Rio de Janeiro a “metrópole do esporte brasileiro”, Bell mostrava não entender a adoração local a um esporte como o futebol. Além de ser um jogo mais propício ao temperado clima inglês do que ao calor carioca, exigia uma maior perícia de seus participantes por não permitir o uso das mãos - habilidade que, na preconceituosa observação do autor, não faria parte das características dos brasileiros. Para o seu olhar estrangeiro, o jogo parecia estar deslocado, fora de lugar, o que explica toda a sua surpresa em relação ao entusiasmo que assiste nos campos da cidade.

Não só os estrangeiros, porém, mostravam-se surpresos com o fenômeno. Se há muito o futebol já podia ser caracterizado como o “*sport* predileto dos cariocas”, o crescente entusiasmo pelo jogo ia fazendo, para espanto de muitos cronistas, com que ele disputasse com o carnaval a atenção das ruas<sup>93</sup>. “O *foot-ball* atrai, arrasta”, escrevia Paulo Barreto em 1915 pela voz de outro de seus pseudônimos. Embora continuasse como antes a ver no espaço das arquibancadas “o escol da beleza e da elegância”, representado pelas moças de boa família e por presenças de destaque como a do escritor Coelho Netto, o literato mostrava-se impressionado em ouvir no resto do estádio “milhares de mãos batendo, milhares de vozes gritando” no momento de um gol<sup>94</sup>. Testemunhando o amadurecimento das previsões que fizera em 1908, Paulo Barreto já podia, então, concluir triunfalmente: “Há de fato uma coisa séria para o carioca: - o *foot-ball*”<sup>95</sup>!

Tanto entusiasmo teria, como primeira consequência imediata, o surgimento de um novo personagem nos mais elegantes campos cariocas: os torcedores. Se nos

<sup>92</sup> - (...) In Rio de Janeiro climatic insistence makes sport of nearly every kind a very severe tax on the human frame during at least five months in the year. It is then a little surprising that, in a census recently taken of its readers by a carioca daily, as to the king of sports, association football headed the list. Various enthusiasts recorded their reasons for this choice, and it remains an enigma to me why a sport that prohibits the use of the human hand should appeal so especially to brazilians”. Idem, pg 180.

<sup>93</sup> - Cf. *O Imparcial*, 27 de abril de 1914 e 28 de janeiro de 1915.

<sup>94</sup> - José Antonio José (Paulo Barreto), “Comemorações”, *O Paiz*, 13 de outubro de 1915.

<sup>95</sup> - José Antonio José (Paulo Barreto), “Hora de Foot-ball”, *O Paiz*, 14 de maio de 1916. Não eram só os cariocas, porém, que iam formando pelo futebol tal devoção – que aparecia, com a mesma



primeiros anos do futebol na cidade esses restringiam-se aos sócios dos clubes e às senhoritas que iam apreciar às disputas, com o desenvolvimento do jogo o perfil da torcida mudaria radicalmente, para desespero de muitos cronistas e *sportmen*. Um jogo do Fluminense contra o Corinthians, da Inglaterra em 1910, que atraía para o estádio uma pequena multidão, era exemplar sobre esse processo de transformação. Sem conseguir entrar para assistir a partida, muitos torcedores acabaram aceitando a proposta de Mano, o ainda pequeno filho de Coelho Netto - que morava então em frente ao campo: por 1\$000, ele deu entrada para inúmeros torcedores em sua casa enquanto o pai dormia, tendo ainda cobrado a metade desse preço para aqueles que se dispusessem a assistir a partida de cima do galinheiro. A surpresa do literato, que ao acordar encontra um desconhecido negro subindo as escadas da sua casa, foi tão grande quanto o lucro do menino, que arrecadou 25\$000 com sua estrepolia<sup>96</sup>. Aproveitando-se da oportunidade, Mano percebia aquilo que em breve se tornaria uma constatação óbvia para os que acompanhavam o jogo: o crescente interesse de um público até então excluído do recinto dos estádios pelos jogos da Liga.

Atraídos pela imagem moderna construída para o futebol pelos primeiros *sportman*, pelas melhores condições materiais dos clubes da zona sul e pelos conhecimentos técnicos dos jogadores da Liga Metropolitana - mais próximos que a maior parte deles dos modelos táticos e das regras que viam da Europa - torcedores de origens sociais diversas passavam a fazer da torcida por um dos clubes da Liga um hábito freqüente. Em 1916 a Casa Stamp preparava em uma de suas vitrines um placar para anunciar ao público os resultados da movimentação da disputa inicial do campeonato, evidenciando a ampliação do interesse por essas partidas<sup>97</sup>. Começava assim a surgir nos campos cariocas um novo personagem: a “classe dos torcedores”, que “sem fazer parte dos quadros sociais” dos clubes esportivos, era “constituída em sua maior parte por indivíduos de baixa condição social, sem instrução e sem educação”, na opinião de um mal humorado cronista esportivo<sup>98</sup>. Embora alguns deles,

---

intensidade, em cidades como São Paulo. Cf. Nicolau Sevcenko, Orfeu extático na metrópole. São paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20, São Paulo: Cia. das Letras, 1992, pp. 52-3.

<sup>96</sup> - Cf. Paulo Coelho Netto, O Fluminense pitoresco e dramático, Rio de Janeiro: Ed. Minerva, 1969, pp 13-15.

<sup>97</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 14 de maio e 16 de abril de 1916.

<sup>98</sup> - C., “Crônica da semana”, Sport Ilustrado, 27 de novembro de 1920. Essa nova “classe” era composta por torcedores como o funcionário de um tabelionato visto em uma segunda-feira de 1918 inconformado a chorar a derrota do time de sua predileção. Octávio, “O malho sportivo”, O Malho, 3 de agosto de 1918.

como o Chico Guanabara - um “capoeira destemido e respeitado” que morava nas imediações do estádio do Fluminense- acabassem (por conta de sua torcida apaixonada) por ganhar a proteção dos seus sócios, na maior parte das vezes tratava-se de uma paixão absolutamente unilateral, não havendo relação direta entre os torcedores e o clube para o qual dedicavam sua devoção<sup>99</sup>.

Atuando já no Fluminense, Marcos Mendonça seria tanto testemunha quanto produto desse processo - que o ia transformando em um grande ídolo de massas. Suas belas atuações já lhe rendiam muito mais do que a admiração da juventude elegante como ele: aclamado por “milhares de assistentes”, na descrição feita em 1914 por Affonso de Castro - então diretor do Fluminense - ele ia se tornando uma das principais atrações de seu time. “Todos queriam ver Marcos Mendonça”, dizia ele, “apalpavam-no até”<sup>100</sup>. A grande ampliação de seu público de admiradores se fazia notar em jogos como aquele disputado em 1917 pelo Fluminense no campo do Andaraí, cuja foto foi cuidadosamente guardada pelo goleiro em seu álbum (Fig.15). Dentro de campo, não parecia ter mudado muita coisa em relação ao tempo em que Oscar Cox e seus amigos promoviam as primeiras partidas na cidade. Com traços finos e trajes elegantes como o de Marcos - que chega a ganhar o apelido de fitinha roxa, pelo apurmo com que preparava seu uniforme<sup>101</sup> - os jogadores do Fluminense guardavam ainda muito da imagem refinada construída pelos *sportmen* para o jogo. Do lado de fora do estádio, nos morros que o cercavam, a diferença já parecia porém gritante: muito mais do que uns poucos interessados sobre os muros, notava-se uma torcida numerosa e animada, disposta a equilibrar-se nas encostas sob o sol forte do Rio de Janeiro para torcer pelo time de sua predileção.

Vivido até anos antes como um marco claro de distinção, o futebol transformava-se, em meio a esse processo, no grande jogo de todos. É o que indicava a peça “Dous a zero”, de autoria de Cardoso Menezes, encenada em 1919.

<sup>99</sup> - Cf. Paulo Coelho Netto. O Fluminense pitoresco e dramático, op.cit., pp 9-10. Tratava-se de aficionados como os que, torcendo pelo América e pelo Fluminense, iniciaram uma grande discussão sobre a partida realizada entre os dois times enquanto tomavam caldo de cana no Andaraí, em um desentendimento que só terminaria com um deles ferido pela faca do outro. “O foot-ball e suas conseqüências”, O Imparcial, 2 de novembro de 1915.

<sup>100</sup> - Idem.

<sup>101</sup> - O apelido era dado em função da fita com a qual ele prendia sua bermuda. Segundo o próprio Marcos, ele teria sido uma invenção de Mário Filho, jornalista para o qual emprestou na década de 30 seu álbum de recortes. Cf. Marcos Carneiro de Mendonça, Futebol Brasileiro - Recortes de jornal, Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, I - 18,16,1.

Construindo sua trama em torno da devoção de um grupo de jovens elegantes pelo futebol, que fazia do jogo “uma verdadeira mania entre a mocidade”, um dos personagens alertava os demais para a rápida ampliação do fenômeno. “- Lá em casa, até os criados discutem na cozinha o *foot-ball*”, dizia ele, secundado pela impressionada concordância dos demais<sup>102</sup>. Mais do que a análise do autor da peça, porém, era o próprio fato de que o jogo tivesse virado tema de peças do Teatro de Revista - que buscava temas que trouxessem aos teatros um público grande e diversificado - o indicativo maior da ampla penetração social que ele já tinha assumido.

As estatísticas referentes à prática do futebol na cidade são, nesse sentido, reveladoras. Nos primeiros times dos 56 clubes que formavam as três principais Ligas da cidade (a Metropolitana, Liga Suburbana e A A Suburbana) o número de disputantes resumiria-se, em 1919, a 1.192 jogadores. Só nos registros ainda existentes na documentação de polícia, porém, apareciam naquele ano 91 clubes diferentes pedindo suas licenças de funcionamento - número ainda modesto frente aos mais de 300 clubes que no mesmo ano aparecem no noticiário dos jornais<sup>103</sup>. Segundo O Imparcial, nesse momento a média anual de jogadores de futebol na cidade, levando-se em conta os diversos times de cada clube que disputavam os campeonatos, já seria de a quatro ou cinco mil - número que, somados apenas os jogadores dos clubes pertencentes às Ligas principais, chegaria em 1920 segundo os cálculos feitos por um redator esportivo a mais de 13.000, fora “os inúmeros clubs que não estão filiados a Liga nenhuma”<sup>104</sup>. Sendo a população total do Rio de Janeiro naquele ano de 1.157.873 habitantes, dos quais 598.307 eram homens, percebemos que pelo menos dois em cada cem moradores do sexo masculino da cidade praticavam o futebol nos times de seus clubes - número ainda mais significativo se levarmos em conta que apenas uma parte deles estaria em idade propícia para a prática do jogo<sup>105</sup>. Somando a esse dado o grande contingente daqueles que disputavam partidas por clubes não

<sup>102</sup> - F. Cardoso Menezes, “Dous a zero”, Arquivo Nacional, Peças teatrais, caixa 05, documento 100 (1919).

<sup>103</sup> - Sobre os dados de polícia, ver Arquivo Nacional, S.P.D.F., IJ6 786, IJ6 690, IJ6 691, IJ6 692, IJ6 693 e IJ6 694. Os dados dos jornais baseiam-se em levantamento realizado, ao longo de todo o ano, apenas no jornal O Imparcial.

<sup>104</sup> - Cf. “Foot-ball”, Correio da Manhã, 5 de abril de 1917; Gazeta Suburbana, 7 de junho de 1919; O Imparcial, 28 de abril de 1919; e “Um pouco de estatística”, Sport Ilustrado, 4 de setembro de 1920.

<sup>105</sup> - Cf. Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920, op.cit, pg XIX.

filiados, os sócios dos clubes esportivos que praticavam o futebol embora não chegassem a constituir seus times e os que jogavam livremente pelas ruas, sem associar-se a nenhum clube, temos um quadro que faz do futebol uma prática muito mais difundida e variada do que desejariam muito de seus defensores.

A força que o futebol assumira na cidade indicava assim a presença de diferentes estratos ligados diretamente ao jogo da bola. Sem que deixassem de existir clubes compostos majoritariamente por estudantes, negociantes e bacharéis, apareciam então times formados por empregados do comércio, como o Villas Boas A.C. e o Sport Club Brasiliense, ou por outros compostos por operários, como acontecia com o Oceânico F.C., em Copacabana, e com o Botafogo Athletic Club, dos operários da Fábrica Botafogo - todos eles compostos por sócios aceitos sem restrições de nacionalidade ou etnia<sup>106</sup>. Se mesmo pequenas associações como o Sport Club Americano definiam ainda em seus estatutos a exclusão de “qualquer indivíduo de cor escura”, a maior parte dos novos clubes que aparecia afirmava ser composta de sócios “sem distinção de cor ou nacionalidade”, ou mesmo “sem distinção de nacionalidade ou classe”<sup>107</sup>. Com apetrechos esportivos apropriados e formados dentro da melhor técnica do *foot-ball association*, esses grupos de trabalhadores negros e brancos conquistavam, definitivamente, seu espaço nos campos do Rio de Janeiro.

Empolgando por toda a cidade parcelas amplas e diferenciadas da sociedade carioca, o jogo extrapolava em muito as definições restritas que iam sendo para ele construídas no período, conseguindo a devoção de diferentes camadas da sociedade. Tentando trazer para si a imagem de refinamento e fidalguia construída pelos primeiros *sportman* para o jogo, torcedores de origens iam fazendo dele um evento importante em suas próprias experiências, compartilhando com os rapazes elegantes dos principais clubes da cidade a empolgação pelo futebol. Se em cidades vizinhas como Buenos Aires a constituição de equipes pequenas e a conseqüente popularização do futebol tinha como força motriz a tentativa de derrubar a imagem de distinção construída para o jogo pelos clubes aristocráticos, através dos deslocamentos progressivos de seu

<sup>106</sup> - Arquivo Nacional, S.P.D.F., IJ6 564, IJ6 597, IJ6 563 e Pacote 459-cx 5621.

<sup>107</sup> Conferir, respectivamente, “Estatutos do Sport Club Americano”(1914), Arquivo Nacional, S.P.D.F., Pacote 489-cx 5668; “Estatutos do terra Nova F.C.”(1916), Arquivo Nacional, S.P.D.F., IJ6 597; e “Estatutos do Sport Humaitá F.C.”(1914), Arquivo Nacional, S.P.D.F., IJ6 649.

significado<sup>108</sup>, no Rio de Janeiro esse processo definição de novos sentidos para ele atravessava um caminho muito diferente. Assumindo sua imagem fidalga - fosse imiscuindo-se na Liga Metropolitana ou praticando e assistindo o moderno esporte inglês em outros campos - seus novos adeptos adotavam para si a lógica que, para muitos, serviria para afastá-los do novo esporte: construída sobre pilares frágeis, a distinção pretendida pelos jovens da zona sul através do esporte podia ser alcançada facilmente por indivíduos que, por toda a cidade, aprendiam a fazer dele um de seus principais passatempos. De elemento de diferenciação, o futebol transformava-se assim em uma prática que, admirada por todos, ganharia uma força social somente experimentada até então por eventos como o carnaval - que já conseguia há tempos empolgar parcelas muito diferentes da população carioca<sup>109</sup>. Longe de poder ser definido nesse momento como um símbolo de identidade de classe, seja ela qual fosse, ele transformara-se então, a partir das apropriações e resignificações feitas por membros dos mais diversos segmentos sociais, em um grande fenômeno de massas.

Se não chegam a obter sucesso na tentativa de configurarem-se como refinados *sportman*, esses novos admiradores do esporte inglês conseguiram ao menos com sua atuação quebrar a aura de distinção construída para o jogo nos anos anteriores, gerando por isso a ira de muitos redatores esportivos. Um cronista dizia já em 1915 que “infelizmente” vira em um jogo realizado entre o São Cristóvão e o Vila Isabel “alguns admiradores dos dois clubs descalços e sem colarinho” - o que lhe parecia uma grande falta de educação esportiva<sup>110</sup>. No ano seguinte, outro de seus colegas reclamava da presença no estádio, por ocasião da realização do Torneio Início do campeonato - disputado por todos os clubes filiados à Liga - de “torcedores exaltados” que ainda não estariam “devidamente educados para as lutas esportivas travadas (...) entre *players* distintos”<sup>111</sup>. Referindo-se “àqueles que pagaram 1\$000” - o preço dos ingressos nas gerais - “ou mesmo àqueles que nada pagaram e estão empinados no topo de um poste de lampião”, um leitor que se assina como “um *sportman* inglês” escreve poucos dias depois ao jornal para criticar “o povo que assiste e comenta em altas vozes um jogo quando nada dele entende”. Sem ver nesses torcedores o “espírito

<sup>108</sup> - Conferir, a respeito, Julio Frydenberg, “Práticas y valores en el proceso de popularización del fútbol, Buenos Aires 1900-1910”, *Entrepasados*, no. 12, 1997, pp. 7 – 29.

<sup>109</sup> - Para uma análise da construção do carnaval como uma festa “de todos”, ver Leonardo Pereira, *O carnaval das letras*, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de cultura, 1994.

<sup>110</sup> - “Foot-ball”, *O Imparcial*, 13 de abril de 1915.

esportivo” que deveria nortear os admiradores do futebol, afirma que eles “ainda não possuem” condições de participar convenientemente do jogo, reprovando por isso sua presença<sup>112</sup>.

Prova maior do despreparo desses novos torcedores para as disputas esportivas seria, para os que se consideravam os verdadeiros *sportmen*, o grande crescimento dos distúrbios e conflitos verificados nos campos de futebol da cidade - fosse naqueles dos clubes menores ou nos que aconteciam os jogos principais da Liga Metropolitana. Além das cada vez mais habituais brigas entre os torcedores, que já em 1914 obrigavam a diretoria do Botafogo a organizar um serviço de policiamento próprio para seus jogos<sup>113</sup>, começava a tornar-se uma regra as seguidas invasões de campo. Mesmo partidas como aquelas realizadas entre o Fluminense e o Flamengo em 1916 acabavam muitas vezes em grandes invasões por parte de um público que, na observação do cronista da *Gazeta de Notícias*, “de quando em vez julga ser desairoso um dos quadros que competem conformar-se com as decisões do juiz atuante”<sup>114</sup>. Acontecimentos como esses eram, para os *sportmen* responsáveis pelas colunas esportivas dos grandes jornais cariocas, “profundamente reprováveis”, pois criavam “uma norma de ação do público altamente perniciosa ao *foot-ball* e ao favoritismo que o mesmo goza nas nossas mais elevadas camadas da sociedade” - contribuindo, em sua opinião, para afastar dos estádios as boas famílias cariocas, que não se conformariam em ver essa “situação absolutamente incômoda e desagradável”<sup>115</sup>. Muitos *sportmen* passavam, então, a recusar-se a servir como juiz nos jogos da Liga - como fazem os sócios do Fluminense, que deixam de servir como *referees* “devido à maneira por que se manifesta o público desta capital”<sup>116</sup>. O rápido crescimento e diversificação do público esportivo, em sua “ferocidade crescente”, estaria assim para muitos cronistas contribuindo para o desmoronamento do jogo na cidade<sup>117</sup>.

É bem verdade que, já há alguns anos, as brigas e confusões dentro de campo davam o tom das disputas do campeonato da liga, mesmo entre os jogadores dos

---

<sup>111</sup> - “O Torneio Initium”, *O Imparcial*, 17 de abril de 1916.

<sup>112</sup> - “Foot-ball”, *O Imparcial*, 26 de abril de 1916.

<sup>113</sup> - “Ata da sessão de diretoria de 8 de junho de 1914”, *Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 3.01.1910 - 11.09.1916*.

<sup>114</sup> - “Gazeta dos sports”, *Gazeta de Notícias*, 23 de outubro de 1916.

<sup>115</sup> - “O Campeonato de *foot-ball*”, *Correio da Manhã*, 23 de outubro de 1916.

<sup>116</sup> - *Fluminense F.C. - Relatório dos trabalhos sociais concernentes ao ano de 1917*, Rio de Janeiro:

Tip. Do Jornal do Comércio, 1918, pg 16.

<sup>117</sup> - “Foot-ball”, *Correio da Manhã*, 20 de maio de 1917.

clubes principais. Sendo todos estudantes das escolas superiores da cidade, seus desentendimentos revestiam-se de escândalo, sendo noticiadas com destaque pelos grandes jornais cariocas<sup>118</sup>. Jogos como aquele realizado entre o América e o Botafogo em 1914 já acabavam em grandes brigas dentro de campo, provocadas por um jogador deste último e justificada pela diretoria pelo “amor” que ele dedicava ao clube<sup>119</sup>. Durante as disputas, a violência praticada pelos seletos jogadores dos grandes clubes ia fazendo vítimas como o próprio Marcos Mendonça, que quebrou o nariz na disputa de bola com um atacante do São Cristóvão em um lance que, em sua memória, teria sido uma “cabeçada proposital”<sup>120</sup>. Ele mesmo, porém, seria acusado pela polícia de ter agredido de modo “brutal e insólito” um guarda civil que fazia o policiamento de um jogo de seu clube em 1916<sup>121</sup>. Mesmo as invasões de campo, que para os cronistas seriam a marca registrada da falta de educação esportiva dos novos adeptos do jogo, teve como um de seus primeiros personagens o escritor Coelho Netto: indignado com a marcação de um pênalti contra o Fluminense em uma partida realizada em 1916 contra o Flamengo, ele adentrou o campo de bengala em punho, tendo ao lado o delegado de polícia Ataliba Dutra, para protestar com o juiz - iniciando uma grande invasão ao gramado<sup>122</sup>.

Para os *sportmen*, porém, esses pareciam fatos sem importância frente a cenas como as que assistiam, em 1916, no campo do Municipal F.C. - localizado na zona portuária:

“A assistência desordeira, muito própria ao lugar, que era a Saúde, de revólver em punho, dizia as maiores barbaridades, a ponto de ameaçar de morte a diversos jogadores em campo.

Duas praças de polícia, para conter duas mil e tantas pessoas, sendo mil novecentos e cinquenta desordeiros, e mais cinquenta e tantas também desordeiras.

<sup>118</sup> - É o que acontece em um jogo entre o Fluminense e o América realizado em 1914 : um suposto impedimento não marcado pelo juiz Alberto Bergerth - um dos jogadores que saíra do Fluminense para formar o time de futebol do Flamengo - resulta em um grande desentendimento entre vários *sportmen* dos dois times. Durante dias foram trocadas, pelas páginas dos jornais, as mais graves acusações de parcialismo, que resultaram em muitas agressões verbais e físicas entre eles. Cf. “Foot-ball”, *O Imparcial*, 20 de maio de 1914; e “Dois irmãos agredem um acadêmico a box, ferindo-o na cabeça”, *O Imparcial*, 21 de maio de 1914.

<sup>119</sup> - “Ata da sessão da diretoria de 9 de novembro de 1914”, *Botafogo F.C. - Atas da diretoria* - 3.1.1910 - 11.09.1916.

<sup>120</sup> - É o que ele anota à margem da notícia do jogo no seu álbum, ao doá-lo para a Biblioteca Nacional. Cf. Marcos Carneiro de Mendonça, *Futebol Brasileiro - Recortes de jornal*, op.cit., pg 153.

<sup>121</sup> - Cf. “Ata da sessão de diretoria de 10 de dezembro de 1916”, *Botafogo F.C. - Atas da diretoria* - 9.10.1916-20.09.1917.

<sup>122</sup> - Cf. Paulo Coelho Netto, *O Fluminense na intimidade*, v.2, Rio de Janeiro: s/e, 1969, pg 81.

É preciso que o Dr. chefe de polícia tome providências enérgicas a esse respeito, não deixando prosseguir essa desmoralização a esse *sport* de maior predileção do povo civilizado brasileiro”<sup>123</sup>.

Afirmando ser o episódio a mostra mais clara de “como se desmoraliza um *sport* tão adiantado e apreciado no Brasil”, o cronista parecia esquecer, em sua análise, que a existência desses conflitos não era uma exclusividade dos clubes que tinham suas sedes nas regiões pobres da cidade. Vendo nos moradores de regiões como a Saúde os principais responsáveis pela “desmoralização” do futebol, ele evidenciava o valor que dava a esse alargamento do interesse pelo jogo: tratava-se, para ele, de uma perda irreparável, causada pela índole natural dos novos admiradores do jogo. “Finjam ao menos que tomaram chá em pequenos”, dizia outro cronista ao criticar os distúrbios nos campos cariocas, referindo-se à falta de educação desse novo público que enchia os estádios. “Parece que quanto mais aumenta a classe dos torcedores, tanto maior é o número de mal educados”, concordava anos depois um cronista da revista Sport Ilustrado que continuava a ver na “famosa torcida dos campos de *foot-ball*” a responsável pela “maior parte dos fatos desagradáveis ocorridos em campo”<sup>124</sup>. Não era de se estranhar, dessa forma, que mesmo os incidentes verificados nos campos dos clubes mais tradicionais, com ampla participação de seus sócios, passassem a ser atribuídos a “essa casta de torcedores impertinentes e mal educados” que nenhuma relação tinham com os clubes - pois, afinal, na visão de cronistas e sócios dos clubes elegantes parecia estar com eles o monopólio da falta de educação esportiva<sup>125</sup>.

Significativo, nesse sentido, que o cronista acabasse seu artigo pedindo o apoio do chefe de polícia na fiscalização dos campos e na repressão dos abusos. Vendo o problema na falta de educação e disciplina esportiva do novo público que assistia as disputas, restava recorrer à força policial para controlar os seus excessos. O próprio presidente da Liga Metropolitana encarregava-se, em 1917, de manter as melhores relações com o chefe de polícia, convidando-o para se fazer presente nos jogos

<sup>123</sup> - “Foot-ball”, Correio da Manhã, 6 de setembro de 1916.

<sup>124</sup> - “Foot-ball”, Theatro e sport, 29 de dezembro de 1917; e C., “Crônica da Semana”, Sport Ilustrado, 22 de janeiro de 1921.

<sup>125</sup> - “Crônica da semana”, Sport Ilustrado, 27 de novembro de 1920. Esta posição era defendido também pelas diretorias de clubes como o Botafogo - que, discutindo um conflito ocorrido em seu campo, faz questão de afirmar que “não era sócio do club aquele que primeiro agrediu o *referee*”, esquecendo propositalmente de referir-se aos demais. “Ata da sessão de diretoria de 16 de agosto de 1917”, Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 9.10.1916-20.09.1917.



importantes ao mesmo tempo em que o secretário da Liga oficiava ao 2º Delegado Auxiliar, responsável pela segurança dos eventos públicos promovidos pelos clubes, pedindo-lhe que fizesse nos seus jogos “o policiamento com o maior número de praças possível”<sup>126</sup>. A cada jogo importante realizado na cidade, o delegado do distrito correspondente requisitava do chefe de polícia uma força extra para garantir a segurança da disputa. Quando jogos eram policiados “apenas por 15 soldados”, não tardavam em aparecer críticas nos jornais ao diminuto aparato repressivo - que levaram a Liga a solicitar ao chefe de polícia “providências no sentido de ser melhorado o policiamento dos *grounds* cariocas em dias de *matches*”<sup>127</sup>. O aumento do medo causado pelos jogos pode ser auferido pela força policial destacada para o seu policiamento ao longo desse período - que variava dos seis praças habitualmente pedidos em 1915 pelo delegado do 10º. distrito nos jogos do São Cristóvão até os vinte praças de polícia e quinze guardas civis pedidos em 1918 pelo titular da mesma delegacia para garantir o “mínimo” de segurança no primeiro jogo do clube no campeonato daquele ano<sup>128</sup>. O mesmo pedido, redigido pelo próprio secretário do São Cristóvão, explicava ainda que seria necessário o envio de dois patrulhas de cavalaria, “um para o policiamento do portão de entrada e outra para os terrenos vizinhos ao campo do club” - expressando a atenção e o medo que já despertava a presença desse público interessado pelo jogo fora dos limites do estádio<sup>129</sup>.

Eram assim explicáveis as constantes interferências da força pública na tentativa de disciplinar os encontros esportivos da cidade, definindo de tempos em tempos regras como a colocação de grades em torno dos gramados para evitar a invasão - em uma decisão considerada exagerada pelos próprios jornalistas que cobravam as providências da polícia, defensores de que um simples cordão de policiais seria o suficiente para conter as invasões<sup>130</sup>. O problema era que, embora grande, o contingente policial mostrava-se muitas vezes ineficaz - sendo composto por “guardas *torcedores*” que acabavam muitas vezes “torcendo pelo seu club como qualquer espectador”, sendo eles mesmos os responsáveis pelos ataques ao juiz e pelas brigas

<sup>126</sup> - Arquivo Nacional, S.P.D.F., IJ6 617.

<sup>127</sup> - Era o caso da partida realizada em 1919 entre o Flamengo e o Americano. “Foot-ball”, O Imparcial, 22 de novembro de 1919.

<sup>128</sup> - Esses números sofriam, porém, grandes variações, de acordo com a importância de cada partida e os times disputantes. Cf. Arquivo Nacional, S.P.D.F., IJ6 599, IJ6 617 e IJ6 645.

<sup>129</sup> - Arquivo Nacional, S.P.D.F., IJ6 645.

<sup>130</sup> - “Foot-ball”, Correio da Manhã, 2 e 4 de dezembro de 1917.

com torcedores rivais<sup>131</sup>. Isso ajuda a explicar porque, apesar de todo o esforço policial, os conflitos continuariam a assustar a imprensa por muitos anos<sup>132</sup>. Agregando paixões diversas, o jogo da bola apresentava-se então como um grande problema para a força policial, que habitualmente não conseguia controlar o ímpeto dos torcedores - tornando-se, aos olhos de *sportmen* e jornalistas, um grande perigo.

Todo esse processo resultava, ainda na década de 10, na construção de uma outra imagem para o jogo, muito diferente daquela projetada sobre eles pelos *sportmen* da década anterior - que cada vez mais iria fazer dele um jogo de negros e pobres, como mostrava já em 1915 uma charge publicada na revista Sports (Fig.16). Brincando com o fato de que a supremacia alcançada pelo futebol em terras brasileiras podia ser descrita, nos termos de muitos dos defensores do jogo, como uma “vitória nacional” - pois contribuiria para um aperfeiçoamento higiênico do país - o cartunista mostrava com seu desenho qual seria para ele o verdadeiro teor dessa “vitória”: fazendo do futebol uma prática de jovens pobres, muitos deles negros, esse processo de popularização tiraria do jogo o seu sentido profundo, fazendo com que na mão desses novos praticantes ele perdesse completamente seu significado e virasse motivo de riso. Embora continuasse a ser para muitos o evento elegante e distinto, ia tomando forma assim um movimento paralelo e não excludente que fazia do jogo, tal qual praticado pelas ruas, um grande suplício para as boas famílias da cidade.

O fenômeno era de fácil compreensão: embora o preço de uma bola como aquelas “adotadas pela Liga Metropolitana” nas lojas do ramo chegasse a 32\$000 - cerca de cinco vezes maior que o valor cobrado por um sapato de couro - podiam ser encontradas em lojas do ramo outras que chegavam a custar quase um quarto desse valor<sup>133</sup>. Além disso, o futebol era um esporte que, segundo contemporâneos, era jogado pelas ruas “com cascas de laranja, com pedaços de pedra” ou mesmo com “qualquer trapo de pano, com enchimento de papel”, em “qualquer terreno, que não seja muito íngreme”<sup>134</sup>. Perdendo nestas disputas, aos olhos dos *sportmen*, não só sua

<sup>131</sup> - Ver, por exemplo, “Foot-ball”, Correio da Manhã, 2 de dezembro de 1917 e “O policiamento nos campos de foot-ball”, O Paiz, 4 de junho de 1921.

<sup>132</sup> - Cf. “Para quem apelar senão para a polícia”, O Paiz, 27 de agosto de 1921.

<sup>133</sup> - Sobre os preços, ver anúncios publicados em O Imparcial, 5 de outubro de 1918 e O Malho, 11 de janeiro de 1919.

<sup>134</sup> - Carlos Sussekind de Mendonça, O Sport está deseducando a mocidade brasileira, Rio de Janeiro, Empresa Brasil Editorial, 1921, pg 55 e 70. Sobre os preços, ver anúncios publicados em O Imparcial, 5 de outubro de 1918.

elegância como seu potencial higiênico, ele teria se transformado em uma simples brincadeira para uma “malta de desocupados” que, “sob o disfarce de que estão jogando o *foot-ball*”, ficariam pelas ruas provocando os transeuntes. Não reconhecendo o moderno jogo inglês por eles patrocinados em meio a esses jogos abertos, eles criticam insistentemente esses “desordeiros e sem educação, que de certo tempo a esta parte, escolhem os campos de *foot-ball* para prática de suas façanhas”<sup>135</sup>.

Como consequência imediata desse processo, começavam a aparecer na polícia e na prefeitura as mais diversas reclamações contra a prática do *foot-ball* pelas ruas. Já em 1912 o chefe de polícia Belisário Tavares manda a um delegado distrital um ofício alertando-os para que tomassem “as mais rigorosas providências” para que cessasse a prática de “jogos *sportivos* impróprios da via pública” na Rua Carvalho Monteiro, no Catete. Afirmando haver meses que um grupo de menores se reunia nas tardes e noites para “fazer daquela rua o seu campo de *foot-ball*”, resultando para as famílias do local “não só prejuízos materiais, como até a necessidade de evitarem vir à porta de suas casas para fugirem ao palavreado obsceno” escutado durante suas disputas, ele parecia à princípio somente responder a uma demanda específica da mal humorada vizinhança<sup>136</sup>. Os anos seguintes, porém, mostrariam que a questão ganharia contornos muito mais amplos, chegando a tomar o noticiário dos jornais: passando das colunas esportivas para as páginas policiais, o futebol aparecia em 1914 como um “grande risco para os transeuntes”, sendo patrocinado por “terríveis garotos” que não se cansavam de praticá-lo “em qualquer ponto da cidade”; dois anos depois outro jornal, respondendo a uma reclamação dos moradores da Rua da Alfândega e da Rua do Mercado, criticava a falta de iniciativa da polícia na repressão ao jogo pelas ruas, atacando os “menores vagabundos” e os “marmanjos barbados” que passavam a tarde jogando futebol entre “enorme algazarra e palavrões obscenos”; e, em 1917, esse tipo de reclamação já era descrita pelas folhas como uma “queixa antiga”, aparecendo em locais tão diversos como a estação do Rocha, a Cidade Nova ou o Leme - fazendo com que até o próprio prefeito do Distrito Federal, Amaro Cavalcanti, oficiasse ao chefe de polícia cobrando providências<sup>137</sup>.

<sup>135</sup> - “Com a polícia do 9º. distrito”, O Imparcial, 27 de setembro de 1913; e “Foot-ball”, O Imparcial, 24 de abril de 1916.

<sup>136</sup> - Arquivo Nacional, S.P.D.F., pacote 418-A, caixa 5557.

<sup>137</sup> - Conferir, respectivamente, “O perigo do jogo de *foot-ball* nas ruas da cidade”, O Imparcial, 28 de maio de 1914; “Os menores vagabundos e o jogo de *foot-ball* nas ruas”, Correio da Manhã, 22 de

Aparecendo com grande constância, as reclamações contra o jogo moldavam uma nova imagem a ele associada - fosse no modo como era praticado por jovens pelas ruas ou nos próprios clubes esportivos. Nem quando tratava-se de clubes regularmente constituídos, como o Aventureiro F.C., de São Cristóvão (que entra com pedido de licença anual de funcionamento em 1915) os admiradores do jogo da bola pelas ruas estavam livres desse tipo de recriminação: mesmo tendo uma sindicância da polícia averiguado a “idoneidade da diretoria”, o delegado informa ao Chefe de Polícia não ser conveniente a concessão de sua licença de funcionamento, devido às reclamações recebidas dos moradores vizinhos pelo “ajuntamento de desocupados que o jogo nas condições do terreno provoca”. Embora o delegado reconhecesse tratar-se de uma situação “que se nota em muitos outros campos de *foot-ball*”, ele condiciona a concessão da licença à necessidade de que “cessem essas reclamações” - evidenciando a tensa relação estabelecida, já em 1915, entre famílias do local que não se mostravam mais seduzidas pelas vantagens do *foot-ball* e alguns de seus praticantes<sup>138</sup>.

De refinado evento social, o futebol transformara-se assim muitas vezes em um verdadeiro caso de polícia - sendo a força policial responsável não só pela segurança dos jogos realizados nos muitos estádios da cidade, mas também pela repressão sobre sua prática pelas ruas e pelo controle exercido sobre os pedidos anuais de licença que deveriam ser feitos por todos os clubes esportivos da capital. Mais do que um fato isolado, o estreitamento da relação da polícia com o jogo respondia, em grande medida, à sua nova imagem. Criticando a “malta de menores” que passavam a praticá-lo pelas ruas<sup>139</sup> - usando uma expressão habitualmente utilizada para designar grupos de capoeiras - os jornais faziam uma associação que, com os anos, iria se tornar cada vez mais comum: a que ligava futebol e marginalidade. Relembrando em 1920 a história do jogo na cidade desde seus primeiros tempos, o cronista da revista *Athlética*, desiludido, dava sua explicação para o desagradável fenômeno:

“ (...) De uns tempos, porém, para cá (...) o *foot-ball* degenerou no que hoje se vê - perigosos encontros, não de rapazes de boa moral, mas de verdadeiras maltas que, nos campos em que se enfrentam, renovam os feitos vergonhosos que forçaram, nos

---

fevereiro de 1916; “As ruas que reclamam”, *Correio da Manhã*, 1 de julho de 1916; “O *foot-ball* da meninada”, *Correio da Manhã*, 20 de junho de 1917; “Uma queixa antiga”, *Correio da Manhã*, 25 de fevereiro de 1917; e *Arquivo Nacional*, S.P.D.F. - II6 617.

<sup>138</sup> - *Arquivo Nacional*, S.P.D.F., II6 564.

<sup>139</sup> - “O *foot-ball* nas ruas”, *O Imparcial*, 4 de outubro de 1919.

primeiros anos da república, o Dr. Sampaio Ferraz, então chefe de Polícia, a degradar celeberrimos valentões para os confins do Norte”<sup>140</sup>.

Reproduzindo a imagem da malta para referir-se àqueles que praticavam o jogo pelas ruas, o cronista ia ainda mais longe na sua associação - chegando a ver neles os continuadores das arruaças patrocinadas pelos capoeiras no final do século XIX<sup>141</sup>. Fosse pelas ruas ou entre o público, enxergava “arreganhos capoeirosos” nesses novos admiradores do jogo, que se utilizariam do futebol “não como um exercício esportivo, mas como um violento choque de facções ou maltas” - transformando os campos em uma “pista de capoeiragem” nos quais se encontravam “os desordeiros da Saúde com os da Favela”, nos dizeres de outro articulista<sup>142</sup>.

Extrapolando os limites dos clubes da zona sul e começando a tornar-se o esporte predileto dos cariocas, o jogo ganhava aos olhos de jornalistas, *sportman* ou de famílias pacatas das zonas nobres da cidade um caráter assustador. Assistindo ao processo que fazia dele um elemento importante da experiência dos mais diversos agrupamentos sociais, esses passavam a ver nele uma fonte de perigo - pois, nos pés de jogadores muito diferentes de Marcos Mendonça e seus companheiros, a bola parecia perder todo seu caráter moderno e elegante, transformando-se em uma ameaça. Olhados de longe, os inúmeros adeptos do jogo assumiam para muitos a feição de uma multidão indiferenciada e homogênea, que despertava com toda a força seus medos e preconceitos. Mais do que uma indicação de algum tipo de perigo real vivido por esses grupos, seu receio indicava assim a perda do controle que eles pensavam ter sobre a imagem do jogo, que tirava-lhes o monopólio de sua prática pela cidade e construía para ele novos contornos.

Entre o perfil de um esporte refinado e fidalgo e a aparência de uma prática de desordeiros e vagabundos, o futebol definia a feição que ia assumindo no período. Permitindo as mais diferentes apropriações, ele se constituía em um evento importante para grupos sociais muito mais amplos do que aqueles delimitados por esses dois polos. Se ainda era comum nos times da Liga a presença de jovens refinados como Marcos Mendonça, o futebol mostrava então as suas múltiplas possibilidades de

<sup>140</sup> - “Crônica”, *Athlética*, 15 de maio de 1920.

<sup>141</sup> - Sobre a capoeira no período, ver Carlos Eugênio Libano Soares, *A negregada instituição. A capoeira no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

apropriação - que garantiriam, em um processo dialético, sua transformação em um jogo de todos<sup>143</sup>. Se o jovem goleiro poderia continuar a conviver no seu clube com jovens que como ele faziam do jogo um evento moderno e sofisticado, nos campos nas arquibancadas ele já deparava-se com adversários muito diferentes, que construíam para o jogo seus próprios sentidos. De meio de criação de separações e distinções diversas, o futebol transformava-se então na grande mania da cidade, empolgando diferentes grupos sociais e constituindo entre eles uma linguagem compartilhada - capaz de fazê-lo figurar nos populares préstitos das grandes sociedades carnavalescas que traziam a cada ano às ruas os assuntos que atraíam o interesse geral<sup>144</sup>. Evidenciando a lógica do processo de massificação que transformara o requintado esporte inglês em uma mania generalizada, esse movimento acabava por propiciar a criação, através dele, de múltiplas identidades. Parecia, enfim, a realização do sonho vislumbrado em 1908 por Paulo Barreto: consolidado como o jogo de todos, o futebol assumia uma força muito mais ampla do que aquela experimentada anos antes nas disputas contra os argentinos. Se fôra o entusiasmo patriótico verificado naquela ocasião o estopim desse movimento de popularização do jogo, ele acabaria então por permitir a essa incipiente articulação em torno da identidade nacional novas potencialidades - recolocando a possibilidade de identificação de parcelas diversas da sociedade em novas bases.

## As glórias do Brasil

Doze anos depois de disputar suas primeiras partidas de *foot-ball*, Marcos Mendonça parecia atingir em maio de 1919 o ápice de sua carreira esportiva. Tendo construído com a camisa do Fluminense um prestígio que lhe garantia o elogio quase unânime da imprensa carioca, ele preparava-se aos 24 anos para aquele que aparecia

---

<sup>142</sup> - “Crônica”, *Athletica*, 17 de julho de 1920; e “Uma nota dissonante”, *O Paiz*, 7 de setembro de 1920.

<sup>143</sup> - Historiadores como Lawrence Levine já se encarregaram de mostrar como eventos consolidados em amplos processos de massificação, como o rádio e o futebol, tem no seu processo de apropriação o elemento básico da construção do seu sentido, que de maneira nenhuma limita-se àquele formulado pelos seus próprios criadores ou divulgadores. Cf. Lawrence Levine, “The folklore of industrial society: popular culture and its audiences”, *American Historical Review*, december 1992, pp. 1369-1399.

<sup>144</sup> - É o que acontece em 1920, quando os tenentes do Diabo saem com um carro alegórico em homenagem ao Fluminense, o “Campeão da cidade”. *O Paiz*, 17 de fevereiro de 1920.

como o maior desafio de sua carreira: a disputa do campeonato sul-americano de futebol no Rio de Janeiro, que pela primeira vez tinha no time brasileiro um de seus favoritos. Consolidando a devoção geral pelo futebol ao mesmo tempo em que era resultado dela, a realização do torneio no Brasil contribuiria decisivamente na definição mais nítida dos contornos da identidade geral construída através do jogo. Tendo em jogadores como Marcos seus observadores privilegiados, tratava-se de um movimento que definia, ao longo daquele período, a lógica da construção do sentimento nacional forjado nos campos.

A febre do futebol espalhada pela cidade atraía para a disputa um grande interesse. Marcada inicialmente para novembro de 1918, ela acabou sendo adiada para meados do ano seguinte por causa da epidemia de gripe espanhola que atingia a capital da república<sup>145</sup>. Desde agosto do ano anterior, porém, a imprensa não parava de noticiar os preparativos para a disputa, como a construção do novo estádio do Fluminense - que seria na descrição da imprensa carioca “o mais belo monumento congênere da América Latina”. Tratado como um assunto de utilidade pública, o campeonato sul-americano recebia todo o apoio de jornalistas, esportistas e autoridades como o ministro da fazenda, que reduziu em 50% os preços das passagens dos navios e trens usados pelas delegações estrangeiras. Assumindo a feição de um grande marco para o esporte nacional, a competição era saudada por cronistas que viam nela um evento que “enche-nos de orgulho e satisfaz o nosso patriotismo”<sup>146</sup>.

Com o início do campeonato, esse sentimento se mostraria de forma ainda mais nítida. Iniciando-se no dia 11 de maio em um jogo entre brasileiros e chilenos o “tão ansioso e longamente esperado” evento, cronistas e torcedores diversos iam mostrando de forma ainda mais clara seu fervor patriótico<sup>147</sup>. De sua destacada coluna semanal no jornal O Paiz, Oscar Lopes dizia ser o campeonato a mostra de que se estaria efetuando uma grande transformação “nos atributos componentes da nossa alma”, resultantes da transformação do jogo no “*sport* nacional”<sup>148</sup>. Mesmo alguns de seus antigos desafetos, como a cronista responsável pela coluna “Palestra feminina”, do mesmo jornal, rendiam-se no dia seguinte frente ao que assistiram nos estádios:

<sup>145</sup> - Cf. Correio da Manhã, 12 de novembro de 1918.

<sup>146</sup> - “Foot-ball”, Correio da Manhã, 7 de agosto, 9 de agosto 17 de setembro e 12 de novembro de 1918.

<sup>147</sup> - O Paiz, 11 de maio de 1919.

<sup>148</sup> - Oscar Lopes, “A Semana”, O Paiz, 11 de maio de 1919.

“E ao ver esse espetáculo, verdadeiramente deslumbrante, impressionador até pelo frêmito e palpação que dele se desprendia, um respeito me veio por esse *football*, que eu considerava como um pequeno jogo sem maior importância. Não havia a menor dúvida, agora, para mim, de que um jogo que assim agitava milhares de corações, contorcia milhares de corpos e fazia troar, como canhões de uma nova espécie, milhares de goelas masculinas e femininas, merecia as honras da consideração geral”<sup>149</sup>.

Acabando por gritar e torcer junto com a multidão, a cronista confessava ter trocado “olhares de simpatia e solidariedade” com os muitos torcedores que se dirigiam ao estádio, na caracterização de uma identidade que extrapolava suas opiniões sobre o esporte bretão. Deixando de lado suas diferenças, os torcedores estariam, segundo esses cronistas, divididos entre “as duas grandes classes, que hoje em dia constituem a quase totalidade do povo brasileiro - os *torcedores* e as *torcedoras*”<sup>150</sup>. “A vida nacional tem agora por cenário... o *stadium* do Fluminense”, concluía outro cronista após a primeira vitória do selecionado nacional, fazendo do jogo o eixo articulador da nacionalidade durante a disputa<sup>151</sup>.

A radicalização do entusiasmo patriótico dos cronistas ao longo do campeonato tinha porém uma boa base de sustentação. Se os treinos amistosos realizados nas semanas que o antecederam atraíram ao estádio uma enorme e diversificada assistência<sup>152</sup>, as disputas contra os adversários do continente pintariam em cores fortes a força do sentimento nacional que tomava conta dos torcedores. Vendidos em diversos estabelecimentos comerciais espalhados pela cidade, os ingressos custavam cinco mil réis para as arquibancadas e três para as gerais - preço que, equivalente a um quilo de bacalhau, duas entradas para o cinematógrafo ou uma assinatura mensal de *O Paiz*, afastava do estádio muitos dos interessados pelo jogo<sup>153</sup>. Apesar disso, as arquibancadas e gerais enchiam-se a cada jogo dos brasileiros - como acontecia na partida contra os argentinos (Fig.17). Atraindo ao estádio cerca de 25.000 pessoas (publico quatro vezes maior do que aquele que presenciara as partidas do time nacional em 1908, período no qual o crescimento populacional da cidade restringiu-se a 42%), a disputa atestava o grande incremento do interesse pelo

<sup>149</sup> - Chrysantheme, “Palestra Feminina”, *O Paiz*, 12 de maio de 1919.

<sup>150</sup> - “Argentinos X Brasileiros”, *O Paiz*, 18 de maio de 1919.

<sup>151</sup> - J.R., “Notas da Semana”, *O Malho*, 17 de maio de 1919.

<sup>152</sup> - Cf. *O Paiz*, 26 de abril de 1919.

<sup>153</sup> - Cf. *O Paiz*, 24 de maio de 1919.



selecionado<sup>154</sup>. Ocupando todos os espaços das arquibancadas e das gerais, a multidão acompanhava detidamente cada lance da disputa, em um fervor que se mostraria de forma por todas as ruas da cidade.

Depois de sucessivas vitórias, o Brasil chegava enfim à grande final contra o Uruguai. A “superioridade técnica” que a imprensa carioca via no time brasileiro fazia muitos cronistas preverem uma fácil vitória do selecionado nacional<sup>155</sup>. Após um empate na primeira partida, presenciada por um público numerosíssimo e ansioso - prova para muitos do nosso “grande patriotismo” - era marcado um novo encontro para decidir quem seria o campeão daquele ano<sup>156</sup>. Mais do que qualquer outro, o jogo literalmente paralisava o Rio de Janeiro. Se a população carioca não estava inteira ali, segundo um jornal, era porque o estádio comportava “apenas uma minúscula parcela dos habitantes da cidade”<sup>157</sup>. Nas repartições públicas, por ordem do Presidente da República, foi decretado ponto facultativo. Os bancos não funcionariam no dia da grande final, enquanto grande parte do comércio fechava suas portas às 12 horas para que seus funcionários pudessem acompanhar o jogo<sup>158</sup>. Marcos Mendonça, Friedenreich - maior ídolo do futebol paulista no período - e seus companheiros eram os grandes nomes do dia. Com o estádio tomado desde às nove horas da manhã, fosse nas suas arquibancadas e gerais ou em seu entorno, eles entravam em campo às duas horas da tarde com a camisa, então branca, do selecionado brasileiro. Na avenida Rio Branco, o tamanho da multidão que fechava a rua fazia com que muitos fossem obrigados a acompanhar os resultados afixados no placar de binóculo, gritando sem cessar os nomes dos jogadores<sup>159</sup>. Pelo aspecto das arquibancadas e das ruas em torno do estádio, parecia uma grande festa.

No tempo normal, a partida terminou empatada em 0 x 0, levando a decisão para a prorrogação. Quando o tempo desta estava para terminar, sem que houvesse

<sup>154</sup> - Segundo os dados do censo, o Rio de Janeiro tinha, em 1906, 881.443 habitantes, contra 1.157.873 no ano de 1920. Cf. Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920, V.2, 1ª parte, Rio de Janeiro: Tipografia da estatística, 1923, pg. XIX. Sobre o cálculo do público, ver “Foot-ball”, O Imparcial, 12 de maio de 1919; e O Jockey, 17 de maio de 1919.

<sup>155</sup> - “O Campeonato sul-americano”, O Imparcial, 26 de maio de 1919.

<sup>156</sup> - “Foot-ball”, Gazeta dos Sports, 31 de maio de 1919; e “Campeonato sul-americano de foot-ball”, O Paiz, 26 de maio de 1919.

<sup>157</sup> - “O campeonato sul-americano”, O Paiz, 31 de maio de 1919.

<sup>158</sup> - A resolução atendia a um pedido dos próprios empregados do comércio, que tentavam conseguir a suspensão do trabalho para “assistirem às grandes festas sportivas” que se realizavam na capital. Cf. O Imparcial, 11, 17 e 28 de maio. Sobre a decretação do ponto facultativo nas repartições públicas, ver O Paiz, 29 de maio de 1919;

mudanças no placar, o uruguaio Scarone recebeu a bola na intermediária e chutou com força. Um zagueiro brasileiro, que encobria a visão do goleiro, desviou a bola, enganando Marcos Mendonça - que foi obrigado a usar toda sua técnica para evitar o gol que daria a vitória aos uruguaios. Era, nas palavras do próprio goleiro, "a mais importante e mais incrível defesa" de toda sua vida<sup>160</sup>. Garantido outro empate, o jogo continuou em outra prorrogação - na qual Friedenreich, o outro herói do dia, marcou o gol que deu o título ao Brasil<sup>161</sup>.

Era a consagração definitiva de Marcos Mendonça e seus companheiros. Por toda a cidade, desde a estação do Méier até o Café Lamas, "inúmeras e intermináveis manifestações foram levadas a efeito"<sup>162</sup>. Marcos era, ao lado do centroavante paulista Arthur Friedenreich, o alvo maior das saudações - como mostrava o jornal O Paiz, que comentava que o goleiro "esteve impecável":

"(...) Calmo e senhor da situação, não o vimos titubear um só momento. Foi um dos heróis da tarde. Fez defesas difíceis. O povo, ao terminar, carregou-o em triunfo"<sup>163</sup>.

Consagrado como verdadeiro "herói" popular, Marcos Mendonça atingia sua glória suprema - não só em meio aos autodenominados "*sportmen*", dos quais era um dos maiores representantes, mas também entre os diversos grupos que espalhavam-se pelas ruas na comemoração do campeonato. Saudado pelos torcedores anônimos das ruas e virando letra de sambas vendidos pela cidade<sup>164</sup>, ele e seus companheiros consolidavam a posição de destaque no esporte brasileiro, sendo os maiores beneficiários do entusiasmo patriótico que tomara conta da capital da República.

A consolidação desse prestígio nacional não foi, porém, tão simples quanto pode parecer se olhada a partir da vitória brasileira em 1919. Aparecendo de forma homogênea e monolítica no momentos em que se manifestava com maior força, esse sentimento associado ao jogo havia sido alimentado por anos pelo processo múltiplo

<sup>159</sup> - Cf. O Paiz, 30 de maio de 1919.

<sup>160</sup> - Cf. Marcos de Mendonça, Foot-Ball - Jogos Internacionais, op.cit..

<sup>161</sup> - Cf. O Paiz, 30 de maio de 1919.

<sup>162</sup> - *idem*.

<sup>163</sup> - O Paiz, 30 de maio de 1919.

<sup>164</sup> - Composto pelo maestro Luiz Nunes Sampaio, o samba tinha a seguinte letra, de autoria de um certo "Feijoadá": "Bianco e Pindaro/ Na defesa/ Garantem ao Marcos/ Com firmeza// Amílcar, Sérgio/ E Dadá/ Fazem tiradas/ Que é um Maná// Os dianteiras/ Fazem entrar// Tiros certos/ De assombrar// Arthur e Neco/ Pintam o caneco/ Heitor, Arnaldo/ E o Milton/ Fazem os backs/ E o arqueiro/ Tornar das tripas/ Coração// (...)// Ai, brasileiros! É barbada/ Sapequem a negrada no chão// Nosso Brasil desta viajada/ É mesmo de fato o campeão". Cf. O Paiz, 30 de maio de 1919.

que ia fazendo torcedores de condições sociais diversas compartilhá-lo. Ele era o resultado de um processo que, no mesmo movimento em que o definia, apontava também o sentido múltiplo dessa construção a partir do jogo de 1908. Espelhando o crescimento que o futebol ia tendo na cidade, o interesse manifestado naquela ocasião pelo selecionado brasileiro continuaria a se fazer presente nos anos seguintes, elaborando-se de forma crescente. Mesmo a marcante superioridade de adversários como o Corinthians Foot-ball Club, time de profissionais ingleses que chega a vencer os cariocas por 10 gols contra 1, não parecia o bastante para diminuir a empolgação pelas disputas internacionais, que levavam aos estádios enormes públicos<sup>165</sup>. Embora jogos como as novas disputas contra os argentinos realizadas em 1912 fossem vencidos com facilidade pelos visitantes - em um resultado que, segundo um cronista, já seria esperado por todos - nem por isso eles deixavam de alimentar o “entusiasmo florescente” que ia tomando conta da população carioca pelo futebol<sup>166</sup>. Trazendo às arquibancadas um público “muito maior que aquele que de costume enche as arquibancadas e as *pelouses* cariocas”, além de uma considerável “concorrência extra-muros” que se espalhava pelos telhados e morros vizinhos ao estádio<sup>167</sup>, as novas disputas internacionais seriam assim para muitos a mostra de que os jogadores brasileiros “bem precisos andavam de uma lição dada por mestres práticos”, como os argentinos.

A posição subalterna em que se colocavam os cronistas e torcedores cariocas em relação a seus adversários logo começaria a dar seus primeiros sinais de mudança. Se até então os times nacionais apareciam como meros aprendizes, sem chances reais de vitória, a visita de um selecionado português ao Brasil em julho de 1913 marcaria os primeiros sucessos dos brasileiros nas disputas internacionais, com uma apertada vitória por 1 a 0<sup>168</sup>. Era mesmo a nova disputa com a potente equipe dos ingleses do Corinthians, no mês seguinte, que daria porém a esse processo de valorização do futebol nacional seu argumento principal. Antes da partida, entusiastas do jogo como Netto Machado, 1º. Secretário do Fluminense, declaravam em entrevista aos jornais

<sup>165</sup> - Para uma relação geral dos jogos internacionais disputados de 1906 a 1918, ver O Imparcial, 11 de maio de 1919.

<sup>166</sup> - “O primeiro match internacional de foot-ball”, Jornal do Brasil, 13 de setembro de 1912.; e “O Movimento Sportivo”, Jornal do Brasil, 15 de setembro de 1912.

<sup>167</sup> - “O Movimento Sportivo”, Jornal do Brasil, 15 de setembro de 1912; e “Foot-ball”, Jornal do Brasil, 16 de setembro de 1912.

<sup>168</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 16 de julho de 1913.

sua descrença na vitória brasileira. “O *foot-ball* dos nossos hóspedes é de escola” declarava ele, colocando ainda os jogadores nacionais como meros aprendizes<sup>169</sup>. Embora as lições recebidas nas derrotas para os argentinos tivessem em sua opinião sido de grande valia para o incremento do futebol na cidade, ele mostrava sua descrença no valor técnico dos brasileiros - vendo no novo jogo contra os ingleses apenas mais uma oportunidade de aprendizado. Contrariando sua opinião, o selecionado carioca derrotou os Corinthians por 2 gols contra 1 - embora poucos dias depois o selecionado brasileiro, reforçado pelos paulistas, voltasse a perder pelo mesmo placar<sup>170</sup>. Vencendo ainda em setembro do mesmo ano uma seleção chilena que visitava a cidade<sup>171</sup>, jogadores como Marcos Mendonça viviam então um processo que dava ao futebol praticado no Brasil um novo estatuto.

Deixando, para cronistas e torcedores, de ser meros aprendizes, os brasileiros colocavam-se então em nível de igualdade com seus adversários - sendo mesmo entre todos “o que mais se tem salientado”<sup>172</sup>. Significativamente, começava então uma campanha para que os times formados para disputar partidas com adversários estrangeiros contassem somente com a participação de jogadores nascidos no Brasil - quebrando a tradição da formação de selecionados constituídos indistintamente por todos os jogadores que atuavam na cidade. “Pelo simples fato de ser estrangeiro não quer dizer que se conheça a fundo o *foot-ball*”, explicava um dos defensores da idéia, dizendo ser equivocado “lançar mão dum elemento estrangeiro quando já temos excelentes *players* de nossa nacionalidade”. Representando a “nação brasileira”, esses jogadores deveriam ser cuidadosamente escolhidos entre os brasileiros que atuavam no Rio e em São Paulo, locais onde o cronista afirmava ter o futebol chegado “ao mais alto grau de desenvolvimento”<sup>173</sup>. A própria escolha de Marcos para o gol brasileiro era marcada por esse critério: rivalizando com ele como o melhor “*goal-keeper*” do campeonato carioca, estava Robinson, um goleiro inglês. Maravilhados por verem um jogador brasileiro competir de igual para igual com um estrangeiro pela supremacia técnica no jogo, os mais diversos jornais tomam a sua defesa, como fazia naquele ano

<sup>169</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 19 de agosto de 1913.

<sup>170</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 22 e 25 de agosto de 1913.

<sup>171</sup> - Jornal do Brasil, 17 de setembro de 1913, APUD Marcos de Mendonça, Foot-ball - Jogos internacionais. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, I - 18,17,1.

<sup>172</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 15 de setembro de 1913.

<sup>173</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 19 de novembro de 1913.

um cronista do jornal O Imparcial comentando a convocação de um time da Liga carioca para enfrentar os paulistas que tinha Robinson como titular:

"Ora, no gol temos Marcos, cujo jogo rivaliza com o de Robinson; por um espírito de raça, devemos preferi-lo, mesmo porque é um pouco mais calmo que seu rival"<sup>174</sup>

Mais do que a calma ou a técnica de Marcos, era sua nacionalidade que interessava ao articulista. "Mais honroso perder com elementos nossos que vencer com um conjunto que representa a irmanação de várias nacionalidades", explicava outro cronista defendendo a escolha de um time que representasse "única e exclusivamente o nosso país"<sup>175</sup>. Para além da simples torcida pelo time que representava o Brasil, começava assim a aparecer nos campos o orgulho da nacionalidade, que tornava mais intensa a torcida pelos compatriotas do que pelos estrangeiros que atuavam no país. As "brilhantes vitórias" obtidas pelos jogadores brasileiros naquele ano tinham assim como consequência principal a grande "ufania de nosso nome" propagada pelas páginas dos jornais cariocas - que levavam muitos a cobrar uma revanche dos argentinos, para "mostrar-lhes num assomo de desforra o quanto temos progredido nestas coisas de *foot-ball*"<sup>176</sup>.

Antes da desejada revanche com os adversários da América Latina, os futebolistas brasileiros receberiam ainda o time dos profissionais ingleses do Exceter City. A postura adotada pela imprensa e pela torcida na ocasião mostrava-se, porém, bastante diferente daquela assumida poucos meses antes em relação ao Corinthians. Lembrando a derrota dos ingleses para os próprios argentinos, um cronista conclamava a necessidade de vitória do time nacional. "Representando, *in solido*, uma nacionalidade", a eles caberia a tarefa de elevar o nome do país, vencendo no campo a disputa contra seus adversários<sup>177</sup>. As derrotas iniciais dos selecionados de estrangeiros residentes no Rio e de Cariocas não parece ter desanimado o público e a imprensa. Para a torcida, era a partida a ser realizada pelo selecionado brasileiro, composto por cariocas e paulistas, que mostrava ser a mais importante da temporada.

O grande público que compareceu ao encontro, formado por cerca de 10.000 pessoas, não teria do que reclamar. A vitória alcançada pelos brasileiros na partida por

<sup>174</sup> - O Imparcial, 7 de novembro de 1913.

<sup>175</sup> - "O scratch carioca deve ser composto de foot-ballers brasileiros", O Imparcial, 3 de junho de 1914.

<sup>176</sup> - "Foot-ball", O Imparcial, 27 de setembro de 1913.

<sup>177</sup> - "Foot-ball", O Imparcial, 11 de julho de 1914.

dois a zero levava a multidão de torcedores ali presentes ao delírio. Com um entusiasmo “simplesmente indescritível”, o público - composto pela sociedade “mais elevada e a mais modesta”, “sem distinção de sexo ou de classe social” - dava “vivas uníssonos” aos jogadores brasileiros durante vinte e cinco minutos, carregando os jogadores vitoriosos ao término da partida<sup>178</sup>. Vendo como uma marca positiva a presença de uma multidão diversificada que, durante a disputa do campeonato da Liga, era condenada e atacada por eles mesmos, os cronistas presentes ao evento faziam dela uma prova da força do entusiasmo nacional causado pelo jogo. Tendo um time com menos técnica e organização que os adversários, o que explicava a vitória dos brasileiros seria para muitos justamente o “instinto de patriotismo” que a imprensa via nos jogadores<sup>179</sup>. “O patriotismo, a questão de nacionalidade e de raça aumentam no brasileiro o desejo de vitória”, explicava ao jornalista um dos torcedores presentes em meio à festa, evidenciando o caráter simbólico da disputa entre as nações<sup>180</sup>. Sendo uma ocasião em que “o Brasil apareceu unido, no simbólico abraço do Rio e de São Paulo para a formação de uma equipe nacional legítima”, nos dizeres de um repórter, a vitória alcançava uma significação ainda maior: mais do que o trunfo de uma nacionalidade, na qual os brasileiros mostravam seu valor técnico, o resultado da partida era encarado como a vitória de uma nação. “O Brasil derrotou a Inglaterra nos campos”, afirmava o cronista do Jornal do Brasil, explicitando uma lógica que explicava em grande medida o desmesurado entusiasmo generalizado pela vitória.

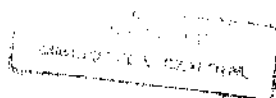
Passando a representar nos campos o próprio país, Marcos Mendonça e seus companheiros transformavam-se então em ídolos de todos - em um processo que teria outro momento marcante na disputa contra os tradicionais adversários argentinos pela Copa Roca, naquele mesmo ano. Instituída pelo embaixador argentino Júlio Roca como forma de estreitar as relações diplomáticas entre os dois países, transferindo para os campos uma disputa que começava a dar sinais de tensão, a recém-instituída taça era disputada naquele ano na capital argentina<sup>181</sup>. Embora o selecionado brasileiro

<sup>178</sup> - A Tribuna, 22 de julho de 1914, APUD Marcos de Mendonça, Foot-ball - Jogos internacionais, Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, I - 18,17,1

<sup>179</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 23 de julho de 1914.

<sup>180</sup> - Jornal do Brasil, 22 de julho de 1914, Marcos de Mendonça, Foot-ball - Jogos internacionais, Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, I - 18,17,1.

<sup>181</sup> - Sobre a Copa Roca e sua criação, conferir o Depoimento de Marcos Carneiro de Mendonça, MIS; quanto ao papel diplomático pretendido para o futebol por Júlio Roca, ver Ariel Scher, “Julio Roca. El fundador de la diplomacia deportiva”, in La patria deportista. Cien años de política y deporte Buenos Aires: Planeta, 1996, pp 28-56.



tenha deixado o país sob as críticas de boa parte da imprensa carioca, que discordava do critério de escolha dos jogadores que compunham o selecionado<sup>182</sup>, os torcedores espalhados pela cidade pareciam não se importar com esses detalhes. Acompanhando com ansiedade os telegramas que davam conta do desenrolar da partida, eles recebem com “grande contentamento” a notícia da vitória brasileira<sup>183</sup>. O grau do entusiasmo despertado pela vitória só se faria notar de forma mais clara, porém, com a chegada no Rio de Janeiro dos jogadores brasileiros: além das inúmeras lanchas e automóveis que acompanharam o Paquete Darro, que trazia Marcos e seus companheiros da Argentina, uma pequena multidão espremia-se no cais para comemorar o resultado conseguido pelos brasileiros - como mostrava a foto do local publicada pela revista Careta (Fig.19). Mesmo sem comparar-se ainda ao público que acompanharia poucos anos depois o campeonato sul-americano, a presença desses torcedores atestava o interesse despertado pela vitória do selecionado. Se do lado de dentro da grade do cais estavam *sportman* de clubes diversos com suas bandeiras nas mãos comemorando o sucesso de seus pares nos campos argentinos, de fora apareciam torcedores com roupas simples e discretas, a esperar a chegada do Paquete para saudar seus novos ídolos. Os redatores esportivos dos jornais cariocas, que não esperavam “uma manifestação *in totum* popular” - achando que ela se restringiria aos próprio sócios dos clubes esportivos da cidade - não escondiam sua surpresa com a presença da “grande multidão” que afluía ao local<sup>184</sup>. Atestando o marcante crescimento da torcida pelo selecionado nacional entre os mais diversos grupos, os jogadores brasileiros eram carregados novamente em triunfo pela torcida, testemunhando a “grande alegria de que estava possuído o povo carioca” e a intensa expansão do sentimento nacional que a alimentava<sup>185</sup>.

Tendo no futebol um de seus principais meios de efetivação social, esse incipiente sentimento nacional que ia tomando conta dos torcedores cariocas ligava-se a toda uma variada gama de acontecimentos que, não só no Brasil, iam marcando o período e transformando o nacionalismo em uma das principais questões do

<sup>182</sup> - Cf. “Foot-ball”, O Imparcial, 17 e 23 de setembro de 1914.

<sup>183</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 28 de setembro de 1914.

<sup>184</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 3 e 5 de outubro de 1914.

<sup>185</sup> - A Tribuna, 5 de outubro de 1914, Marcos de Mendonça, Foot-ball - Jogos internacionais. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, I - 18,17,1.

momento<sup>186</sup>. Resultado mais visível das tensões nacionais que tomavam conta da Europa, a primeira guerra mundial deflagrada em 1914 servia, mesmo em países a princípio distantes dos conflitos, como uma poderosa enzima aglutinadora desse difuso sentimento. Quando em abril de 1917 se noticiou o torpedeamento de um vapor brasileiro por um submarino alemão, o cenário já estava montado para as manifestações explícitas de ardor patriótico capitaneadas pela “multidão acadêmica e popular” que desfilou pela cidade cobrando do governo brasileiro a entrada na guerra<sup>187</sup>. Ganhava força então entre os torcedores cariocas um patriotismo que tinha em sua base uma lógica ufanista e beligerante, na qual a vitória sobre uma nação adversária, em qualquer que fosse o campo, tornava-se um ponto central do orgulho cívico.

A ligação entre o surgimento desse novo nacionalismo com o esporte já parecia, para os que acompanhavam o furor causado pelas disputas internacionais, bastante evidente. Vendo nos selecionados de cada país representantes da própria nacionalidade, os adeptos do futebol no Brasil demonstravam nos campos o crescimento da lógica de enfrentamento entre as nações. Se a princípio os conflitos na Europa tinham como únicas conseqüências para os *foot-ballers* da cidade a retirada dos ingleses do Rio Cricket do campeonato devido à convocação de seus sócios para a guerra ou a desistência de times como o Corinthians de voltar ao Brasil por terem seus jogadores sido levados a “se alistarem nas fileiras combatentes de sua pátria”<sup>188</sup>, não tardaria para que o sentimento nacional ligado ao jogo se manifestasse entre os esportistas cariocas de forma mais evidente. Ainda em 1915 a diretoria do Botafogo - “num gesto elevado de patriotismo”, segundo um redator esportivo - organizava no clube um batalhão militar. Embora não parecesse empolgar a princípio os *sportman*, que relutavam em alistar-se em suas “patrióticas fileiras”, a iniciativa era copiada por clubes menos distintos como o Bangu, que no ano seguinte decidiu solicitar do exército uma “instrução militar” para os sócios que desejassem receber treinamento de

<sup>186</sup> - Sobre o desenvolvimento do nacionalismo na Europa de 1880 a 1914 e sua lógica, ver Eric Hobsbawm, Nações e nacionalismo desde 1780, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, especialmente o capítulo 4.

<sup>187</sup> - Cf. Correio da Manhã, 8 de abril de 1917.

<sup>188</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 12 de agosto de 1914; e “Foot-ball”, Correio da Manhã, 18 de maio de 1917. Segundo Tony Mason, a guerra seria nos anos seguintes um fator de diminuição da influência inglesa no futebol da América do Sul. Cf. Tony Mason Passion of the people? Football in South America. Nova York: Verso, 1995, pp. 25-26.



guerra. A intensificação dos conflitos no início de 1917 faria com que outras associações como o Fluminense entrassem “no mesmo movimento patriótico” que se observava “em todas as classes nacionais”, criando no clube um batalhão de reservistas que contava em seu início com 83 inscritos<sup>189</sup>. Trazendo os assuntos militares para dentro da vida cotidiana dos clubes, seus sócios mostravam a estreita relação que viam entre o espírito de confronto nacional nos conflitos ocorridos na Europa e as disputas que, nos campos, iam colocando frente a frente nações adversárias<sup>190</sup>.

Mesmo fora do circuito da Liga, entretanto, esse impulso patriótico se fazia notar - como mostravam associações como o Sport Club Aliados, que definem em seus estatutos não poderem ser aceitos para sócios “indivíduos filhos de países com os quais estão as nações aliadas em guerra”<sup>191</sup>. Tentando fazer do esporte um dos braços da nação, esses adeptos do futebol na cidade pareciam concordar com a reportagem de um jornal português transcrita em 1918 pelo Correio da Manhã: criticando o “pouco interesse” das tropas portuguesas pelo esporte, que fazia os soldados desperdiçarem seu tempo livre com “qualquer coisa que não o obrigue a tirar as mãos da algibeira”, a reportagem saudava a força e o preparo do exército inglês, cujos soldados seriam conscientes da “necessidade que há em se tornar um *sportman* para poder ser um soldado completo na guerra moderna”<sup>192</sup>. Aparecendo para os sócios de diferentes

<sup>189</sup> - Cf. “Foot-ball”, O Imparcial, 6 de janeiro de 1915; e Fluminense F. Club. Relatório dos trabalhos sociais do ano de 1916, Rio de Janeiro: Papelaria Luiz Macedo, 1917, pp 8-9; e Ata da reunião da diretoria de 26 de outubro de 1916”, Livro de atas do Bangu A.C., 21.1.1915 - 7.9.1917, fl. 70.

<sup>190</sup> - Mais do que uma iniciativa isolada de poucos clubes, essa relação era estabelecida de forma sistemática pelos adeptos do futebol na cidade. A própria Liga Metropolitana, após a entrada do Brasil no confronto, enviava uma moção ao governo brasileiro na qual, “interpretando os sentimentos patrióticos dos sportman que exercitam a sua força física” sob sua direção, aplaudia a declaração do estado de guerra. Colocando-se à disposição do governo “como órgão de uma instituição onde se tem por culto a preparação física do cidadão brasileiro”, ela mesma acabaria por organizar um batalhão de reservistas entre os seus atletas, que deveria contar com 500 homens - proibindo ainda que tomassem parte nas disputas dos jogadores de países adversários na guerra. Cf. Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, Rio de Janeiro: Papelaria Brasil, 1918, pg 18; “Foot-ball”, O Imparcial, 27 de junho de 1917; e “Ata da sessão da diretoria de 17 de julho de 1919”, Livro de atas do Bangu, 13.12.19-15.12.21, na qual o clube recebe comunicado da Liga suspendendo a proibição.

<sup>191</sup> - “Estatutos do Sport Club Aliados”, Arquivo nacional, II6 691.

<sup>192</sup> - “O sport na guerra”, Correio da Manhã, 5 de julho de 1918. Nicolau Sevckenko nos alerta para a estreita relação da guerra com o incremento das atividades atléticas no período, sendo essas compreendidas “como um segredo militar para a adequada preparação das tropas em vista das condições do embate”. Nicolau Sevckenko, “Futebol, metrópoles e desatino”, Revista USP, no. 22, junho/julho/agosto 1994, pg 33. Sobre a relação entre guerra e esporte na Europa do período, ver ainda Colin Veitch, “‘Play up! Play up! And Win the War!’ Football, the nation and the first world war, 1914-15” Journal of Contemporary History, vol. 20, no. 3, julho de 1985, pp. 363-378; e Alfred Whal e Pierre Lanfranchi, Les footballeurs professionnels des années trente à nos jours, Paris: Hachette, 1995, pp 23-24.

clubes como uma questão intimamente ligada ao esporte, a guerra despertava-lhes um sentimento nacional comum aos dois campos. Se o furor patriótico e belicoso demonstrado por grande parte da população carioca parecia ter forte relação com o entusiasmo pela entrada do Brasil no confronto, ele também contribuía decisivamente para a intensificação desse sentimento nacional que, nos campos, arrebatava os mais diferentes grupos de torcedores.

Essa nova forma de “patriotismo brasileiro” - que para escritores como Medeiros e Albuquerque fazia as “delícias do nosso povo” - afigurava-se como uma grande novidade, contagiando mesmo as camadas iletradas da população carioca. Para além do apego a símbolos nacionais como o hino e a bandeira, que passavam a aparecer com frequência em “lugares equívocos” como um “circo de feiras” ou os “botequins de encruzilhada”<sup>193</sup>, notava-se um grande incremento da questão da nacionalidade como fator básico de identidade entre diferentes grupos. Tornavam-se comuns, em meio a esse processo, o surgimento de pequenos clubes esportivos formados por estrangeiros, que tinham na afirmação da nacionalidade a sua marca<sup>194</sup>. Os brasileiros, por sua vez, passavam a fundar no período associações como o Brasil Foot-ball Club, na Piedade; o Sete de setembro Foot-ball Club, no Méier; e o Pátria Foot-ball Club, em Cascadura<sup>195</sup> - em um padrão que se multiplicava por toda a cidade. Por mais que as muitas lideranças sindicais e intelectuais mostrassem sua aversão contra o “preconceito de pátria”, combatendo com ardor a guerra e o nacionalismo a ela associado<sup>196</sup>, para os trabalhadores distantes dos sindicatos que tinham na luta social seu eixo de atuação esse patriotismo parecia, no período, ir tornando-se uma questão de grande relevância.

<sup>193</sup> - Medeiros e Albuquerque, “Patriotismo a prazo fixo...”, O Imparcial, 23 de novembro de 1915.

<sup>194</sup> - Era o caso do Centro Português de Desportos, que aprovou em 1915 um artigo em seus estatutos afirmando só aceitar sócios “de nacionalidade portuguesa”. No mesmo ano os jogadores ingleses espalhados pelos muitos clubes da cidade começavam a planejar juntar-se em uma mesma associação, na tentativa de “mostrar aos *players* brasileiros o valor de sua raça”. Já o Ibéria Foot-ball Club definia em 1919 que “o número de sócios que não forem espanhóis” não poderiam “exceder a estes mais do que a metade”, não tendo direito a voz nem voto. Conferir, respectivamente, O Imparcial, 30 de novembro de 1915; “Estatutos do Centro Português de Desportos”, Arquivo nacional, II6 563; e “Estatutos do Ibéria Foot-ball Club”, Arquivo nacional, II6 694.

<sup>195</sup> - Cf. O Imparcial, 17 de janeiro de 1914 e 27 de abril de 1919; e Arquivo nacional, II6 648.

<sup>196</sup> - Francismo Tomaz Cardoso, “Os preconceitos de pátria, raça e religião”, A voz do trabalhador, 1 de janeiro de 1913; e “Catecismo anarquista”, A Vida, 31 de dezembro de 1914. Sobre a oposição dos sindicatos e associações operárias à guerra, ver a moção da Federação operária contra a entrada do Brasil nos conflitos. Correio da Manhã, 13 de abril de 1917. Ver ainda “O Operariado e a guerra”, Correio da Manhã, 2 de novembro de 1917.

Como um dos principais meios de efetivação social desse sentimento, o futebol assumia portanto uma nova dimensão. Forjando uma identificação ente diferentes grupos, ele dava margem à construção de uma identidade nacional que era sustentada pelo grande entusiasmo por ele demonstrado nos muitos estados da federação - como o Rio Grande do Sul, Pernambuco, Pará e o Rio Grande do Norte<sup>197</sup>. A presença ampla do jogo por todo o país não bastava, porém, para conferir-lhe um caráter nacional. Construídas ainda de modo tênue, as ligações entre os esportistas de diferentes estados limitavam-se às freqüentes excursões que times paulistas e cariocas faziam aos centros esportivos das várias localidades<sup>198</sup>. Atestando a popularidade do jogo nas mais diversas regiões, o grande entusiasmo verificado nesses encontros interestaduais convencia os *sportmen* cariocas da necessidade de criar-se para o futebol praticado no Brasil um comando único, que lhes possibilitasse um maior controle sobre aquelas manifestações dispersas que ocorriam em cada estado. “Para que o Brasil se faça representar dignamente no mundo sportivo, é necessário (...) que se comece unificando o seu *sport*”, defendia em 1914 Álvaro Zamith, presidente da Liga Metropolitana. Com tal justificativa, era criada então no Rio de Janeiro no ano seguinte a Federação Brasileira de Sports, composta pelas entidades dirigentes dos muitos esportes que se praticavam na cidade, como o Remo, o hipismo e a ginástica<sup>199</sup>.

A princípio a iniciativa não consegue o apoio unânime das ligas esportivas do país, que se dividiram por dois anos entre a nova entidade e a Federação Brasileira de Foot-ball”, criada em São Paulo por um grupo de *sportmen* vinculados a uma das ligas

<sup>197</sup> - Em Porto Alegre ele já era, em 1912, o “*sport da moda*”, atravessando um “desenvolvimento extraordinário” nos arredores e nas regiões mais ricas da cidade. Em Pelotas, no interior do estado, o clube local já contava com mais de 500 sócios. Já em Curitiba era criada em 1914 a Liga Paranaense de Foot-ball, congregando os muitos clubes que apareceram pela cidade a partir de 1909. Em 1915 era a vez dos clubes futebolísticos de Vitória entrarem em uma fase “de brilhante prosperidade”, que geravam o surgimento de jornais esportivos dedicados exclusivamente ao tema. Naquele mesmo ano a expectativa dos jornais pelo início do campeonato paraense mostrava o grande desenvolvimento do esporte em Belém. Cf. Guia de Foot-ball, Porto Alegre: Litografia Horta e irmão, 1912, pp 115-117; e O.T. Oliveira, Guia de foot-ball, Pelotas: Livraria Universal, 1912, pg 17; Heriberto Machado e Levi Chrestenzen, Futebol Paraná História, Curitiba: Digitus, s.d.; “A nossa trajetória”, O Sport (ES), 23 de outubro de 1915; O Diário (PA), 10 de abril de 1915; “O foot-ball em Pernambuco”, Correio da Manhã, 2 de julho de 1918; e O Sportivo (RN), 5 de outubro de 1919.

<sup>198</sup> - É o que mostrava o Flamengo, que viajava em 1914 para o Paraná e em 1916 para Belém. Cf. “Foot-ball”, O Imparcial, 2 de setembro de 1914; e O Sportman, 1 de janeiro de 1916.

<sup>199</sup> - Cf. Confederação Brasileira de Desportos. Relatório da Diretoria - 1918. Rio de Janeiro: Papalaria Confiança, s.d., pp 9-11.

que disputavam o comando do esporte na cidade<sup>200</sup>. Um projeto de pacificação apresentado em 1916 pelo então ministro das relações exteriores Lauro Muller - interessado na possibilidade de que os selecionados brasileiros pudessem voltar a enfrentar seus adversários da América - acabou assegurando a unidade do comando dos esportes no país, juntando as duas partes em litígio no seio de uma confederação esportiva com sede no Rio de Janeiro<sup>201</sup>. Surgia então em dezembro de 1916 a Confederação Brasileira de Desportos, que reunia representantes de oito estados brasileiros<sup>202</sup>. Reconhecida naquele mesmo ano pelo Congresso Sul-americano de Foot-ball e em 1918 pela Federação Internacional, com sede em Amsterdã, a nova entidade consolidava sua posição como a “única representante do *foot-ball* nacional”<sup>203</sup>.

A composição da diretoria da nova entidade, formada em sua maior parte por *sportmen* cariocas como Arnaldo Guinle, presidente do Fluminense, e Ariovisto de Almeida Rego, ex-presidente da Liga Metropolitana, evidenciava porém o perfil dos grupos em cujas mãos estaria colocado o comando do futebol nacional - como mostrava a fotografia do seu conselho (Fig.20). Dirigida pelos mesmos senhores refinados e elegantes que no período iam perdendo o controle da Liga Metropolitana, a Confederação tomaria para si a tarefa, há muito cobrada pela imprensa, de “unir e nacionalizar, como urge, o *foot-ball* brasileiro”<sup>204</sup>. Mais do que a promoção de algo como um “campeonato brasileiro” a ser disputado entre selecionados dos diferentes estados, que embora fizesse parte dos projetos da instituição desde o seu surgimento ainda demoraria muitos anos para ser realizado<sup>205</sup>, tratava-se de atribuir à nova associação o controle de questões que, até então, eram de atributo exclusivo das ligas

<sup>200</sup> - Sobre a disputa entre as duas federações, ver “Foot-ball”, O Imparcial, 9 de fevereiro, 9 de outubro e 18 de novembro de 1915. A cisão no futebol paulista é analisada por José Renato de Campos Araújo, op.cit., pp 95-105.

<sup>201</sup> - Cf. “O momento sportivo”, O Imparcial, 22 de junho de 1916; e “Liga Metropolitana de Sports Atléticos”, Correio da Manhã, 22 de junho de 1916.

<sup>202</sup> - “Foot-ball”, Correio da Manhã, 14 de dezembro de 1916; e Confederação Brasileira de Desportos. Relatório da diretoria - 1918, op.cit., pg 5.

<sup>203</sup> - Cf. “Uma grande vitória do sport brasileiro”, Correio da Manhã, 19 de dezembro de 1916; e “O reconhecimento da Confederação de Desportos”, Correio da Manhã, 7 de abril de 1918.

<sup>204</sup> - “Taça Pará-Rio-SP”, Sports, 14 de agosto de 1915.

<sup>205</sup> - Cf. e Confederação Brasileira de Desportos. Relatório da diretoria - 1918, op.cit., pp 131-132; e e Confederação Brasileira de Desportos. Relatório apresentado pela diretoria - 1920-1921 e Confederação Brasileira de Desportos. Relatório da diretoria - 1918, Rio de Janeiro: Papalaria Luiz Monteiro, S.D., pg 4 - onde se afirmava “com mágoa” que “não foi ainda iniciado nenhum dos campeonatos nacionais de desportos terrestres, embora o projeto do campeonato brasileiro de foot-ball já tenha sido apresentado há muitíssimo tempo”.

locais - como o amadorismo, tema de uma das primeiras regras aprovadas pela nova entidade. Embora a lei que tratava do assunto tenha sido redigida segundo a diretoria da Confederação, “sem prejudicar e humilhar a quem quer que seja”, limitando-se a excluir como de costume os analfabetos da categoria de amadores sem adotar as restrições sugeridas em 1916 por Alberto Silveiras<sup>206</sup>, a iniciativa mostrava o controle que a Confederação passaria a ter sobre o futebol no país. Fazendo dela sua nova trincheira de luta em favor de uma imagem refinada para o jogo, os *sportmen* tentavam assim manter em suas mãos o poder de definição da imagem nacional.

A marca que a nova Confederação tentaria imprimir ao orgulho causado pelos selecionados nacionais ficaria muito mais clara a partir do ano seguinte a sua criação - o que podia ser notado durante a realização do primeiro campeonato sul americano de futebol, o mais importante evento esportivo realizado até então no continente. Embora desde 1912 aparecessem rumores da criação do torneio entre os selecionados da América, só naquele ano se realizaria em Buenos Aires a primeira edição da disputa<sup>207</sup>. Escolhida a partir do acordo de unificação do futebol nacional patrocinado por Lauro Muller, a delegação brasileira era chefiada por Souza Ribeiro, presidente da Liga Metropolitana. Viajando à Argentina de trem a preços módicos, “graças à intervenção do exmo. sr. dr. Wenseslão Braz, presidente da República”, Marcos Mendonça e seus companheiros recebiam pelo caminho “manifestações de senhoritas e rapazes que com cantos patrióticos saudaram os *foot-ballers*”<sup>208</sup>. Longe de considerar o time brasileiro um mero aprendiz sem chances de vitória, como ocorria até poucos anos antes, a imprensa afirmava agora ser ele “incontestavelmente superior” a adversários como o Chile. Pelas ruas do Rio de Janeiro era grande a ansiedade e a procura de informações sobre o resultado das disputas<sup>209</sup>.

Os resultados obtidos pelo selecionado brasileiro ficariam, porém, muito distantes da confiança depositada pelos torcedores cariocas. Empatando com chilenos e argentinos, eles acabariam derrotados pelo Uruguai, ficando em penúltimo lugar na

<sup>206</sup> - Cf. “A lei do amadorismo nacional”, Correio da Manhã, 6 de fevereiro de 1917. Confederação Brasileira de Desportos. Relatório da diretoria - 1918, op.cit., pg 26.

<sup>207</sup> - Cf. “Seção de foot-ball”, Auto-sport, 15 de outubro de 1912; e “Foot-ball”, O Imparcial, 29 de junho de 1916.

<sup>208</sup> - Cf. “O próximo certamen de football em Buenos Aires”, O Imparcial, 29 de junho de 1916; e “O foot-ball internacional”, Correio da Manhã, 3 de julho de 1916.

<sup>209</sup> - “Campeonato sul-americano de foot-ball”, Gazeta de Notícias, 9 de julho de 1916.

competição<sup>210</sup>. Para os *sportmen* que controlavam a Confederação, assim como para boa parte dos redatores esportivos dos jornais cariocas, a derrota não parecia assim tão vergonhosa. Por proposta do representante do Botafogo, o conselho da Liga Metropolitana enviava à delegação brasileira na Argentina um telegrama de congratulações pelo “papel brilhante desempenhado pela nossa representação”<sup>211</sup>. Exaltando o “*brilhanteur* desse *scratch*”, cronistas dos mais diferentes jornais formavam uma imagem positiva e valorosa do time derrotado<sup>212</sup>.

A lógica que alimentava essa avaliação não era, porém, difícil de ser entendida, ligando-se ao próprio sentido que esses *sportman* davam às competições internacionais: longe de parecer-lhes uma arena de disputas e confrontos entre as nações, o futebol seria, na opinião de cronistas como Paulo Barreto, o “formador da unidade americana” - tendo o fim principal de estreitar as relações entre os países, trazendo a todos para um mesmo patamar de civilidade<sup>213</sup>. Compartilhada pelos diretores esportivos dos selecionados que batiam-se nos campos, essa lógica tinha uma perfeita tradução nas palavras de Juan Rocca, o presidente da Associação Uruguaia de Foot-ball, no discurso oferecido aos brasileiros durante o campeonato e transcrito nos jornais cariocas:

“E é o *foot-ball*, senhores, chamado a assinalar, neste momento histórico, o caminho a seguir pelas democracias do continente para chegar ao campo das grandes realizações do ideal americano; é o *foot-ball* o encarregado hoje de reunir homens de diversas nacionalidades, estabelecer o contato entre eles, identificá-los nos altos e abnegados propósitos comuns, fundindo em um mesmo crisol, sob o calor das emoções populares, o sentimento de confraternidade e de justiça que darão força e alento à cruzada de união, de paz e de grandeza continental a que aspiram todos os povos da América Latina”<sup>214</sup>.

Assumindo um papel grandioso e nobre, ao futebol caberia a tarefa de unificar as nações do continente. O entusiasmo popular, descontido em sua irracionalidade, seria assim mero pano de fundo do processo de irmanação das nações em disputa.

Mais do que a vitória, interessava portanto para cronistas e diretores de clubes e associações esportivos o bom papel desempenhado pelos representantes da nação em

<sup>210</sup> - Depois de uma final contra a Argentina, o Uruguai conquistava o campeonato frente a um público de 20.000 espectadores. “Foot-ball”, *O Imparcial*, 17 de julho de 1916.

<sup>211</sup> - Cf. “Gazeta dos Sports”, *Gazeta de Notícias*, 14 de julho de 1916.

<sup>212</sup> - “Uma semana de foot-ball internacional”, *Correio da Manhã*, 7 de janeiro de 1917.

<sup>213</sup> - José Antonio José (Paulo Barreto), “Pall-mall Rio - Foot-ball”, *O Paiz*, 4 de setembro de 1916.

<sup>214</sup> - *Gazeta de Notícias*, 18 de julho de 1916.

terras estrangeiras. Como afirmava outro dirigente uruguaio poucos meses depois, para os verdadeiros *sportman* seria preferível que seus selecionados “percam partidas internacionais, dando em troca uma nota de cultura, a que triunfem sacrificando essa”<sup>215</sup>. Não era de se admirar que, apesar das novas derrotas sofridas no sul-americano realizado em 1917 no Uruguai, a imprensa saudasse “a tradicional fineza de trato e correção desses moços que tão alto sabem deixar o nome do Brasil”, cativando a todos e fazendo amigos”<sup>216</sup>. Embora a própria diretoria da Confederação Brasileira de Desportos reconhecesse que “no tocante à parte técnica, não teve a representação nacional o resultado que fazia jus”, ela apressava-se em exaltar “o modo disciplinado, cortês e comedido por que se houveram os jogadores”. Tendo o bom comportamento do selecionado nacional sido “notado pelos próprios *sportmen* do país que visitamos”, o ministro do Uruguai remetera ao chefe da delegação brasileira um telegrama parabenizando a “inexcedível distinção de alta linhagem fidalga” do *scratch*<sup>217</sup>. Recebendo a mensagem com imensa satisfação, os diretores da Confederação mostravam como a boa educação demonstrada pelo time - que mostrava ser formado por “cavalheiros, respeitadores da disciplina e de todos os preceitos da boa sociedade”<sup>218</sup> - era mesmo para eles o principal fator do orgulho que sentiam com o selecionado nacional.

Era esse o espírito que norteava os *sportmen* cariocas no momento da realização do campeonato sul-americano de 1919, que seria para eles o momento supremo de afirmação do perfil que desejavam firmar para a nação. A atitude da massa de trabalhadores que assistiria então aos jogos contra as seleções de outros países do continente denunciava, porém, uma postura muito diferente da posição defendida por jornalistas e *sportman* da Liga. Embora esses insistissem em afirmar o futebol como veículo de civilidade e irmanação entre as nações, muitas vezes eles mesmos deixavam transparecer uma situação muito diferente. “Há por aí, ainda, o preconceito de que a amizade argentina-brasileira é um fato apenas no seio das camadas cultas de ambas as

<sup>215</sup> - “O Dr. Balthazar Brum e a delegação sportiva que esteve no Brasil”, Correio da Manhã, 15 de fevereiro de 1917.

<sup>216</sup> - “Os foot-balls brasileiros embarcaram em Montevideú”, Correio da Manhã, 21 de outubro de 1917.

<sup>217</sup> - Confederação Brasileira de Desportos. Relatório da diretoria - 1918, op.cit., pg 53; e “Um telegrama do ministro do Uruguai”, Correio da Manhã, 26 de outubro de 1917.

<sup>218</sup> - “O foot-ball internacional”, Correio da Manhã, 26 de outubro de 1917.

sociedades”, afirmava em meio ao campeonato o cronista esportivo d’O Imparcial<sup>219</sup>. Embora seu artigo defendesse ser o futebol um “dos fatores mais decisivos” na aproximação entre as nações do continente, o tom que ele assume evidenciava uma contradição entre o discurso de defensores do esporte (como ele mesmo) e o sentimento de grande parte da torcida que comparecia então aos jogos. Dentro do processo em curso de criação de rivalidades, como aquela que separava argentinos e brasileiros<sup>220</sup>, os torcedores cariocas em sua maior parte mostravam uma manifesta animosidade aos visitantes, que nada tinha em comum com o tom amistoso e diplomático que se pretendia dar à competição.

Alimentando essa rivalidade, os jogos pareciam assumir para essa torcida espalhada pelas áreas menos nobres do estádio e por suas imediações um grande enfrentamento, onde a vitória já seria uma questão de honra nacional e não de boa técnica do esporte. Já no primeiro jogo contra a Argentina “alguns assistentes metidos a espirituosos” usavam apitos para confundir o juiz e atrapalhar os adversários, em uma atitude pouco condizente com a boa educação esportiva que os diretores da Confederação diziam esperar da torcida<sup>221</sup>. Ao invés da cortesia e refinamento pretendido no tratamento com os adversários, o cozinheiro do hotel que hospedava a delegação uruguaia, “por ser torcida do nosso *scratch* (...)”, negava-se a preparar a comida como queriam os jogadores para “não dar azeite para as ‘molas’ dos orientais” - como eram chamados os uruguaios<sup>222</sup>. E, no lugar da boa acolhida que deveria ser dada aos irmãos do continente, os jogadores das seleções visitantes recebiam dos praças de cavalaria e de infantaria do 12º Distrito policial uma intimação por conta do “hábito que têm de dirigir pilhérias às pessoas que passam pela porta do hotel”, enquanto no campo a torcida inflamada fazia com que um dos policiais designados para o patrulhamento do estádio no jogo final tentasse agredir

<sup>219</sup> - “Campeonato sul-americano”, O Imparcial, 18 de maio de 1919.

<sup>220</sup> - Ainda em 1908 a revista Careta publica uma piada sobre um menino argentino que, evidenciando um processo de acirramento dessa rivalidade, mostra a intensidade da animosidade já existente entre os habitantes dos dois países. Ao ouvir do professor que o Brasil tinha uma população cinco vezes maior que a Argentina, morrendo no país vizinho cerca de um brasileiro por minuto, pega o relógio e fica olhando atentamente. Quando o professor pergunta o que fazia, ele responde: “- Estou matando brasileiros”. “Patriotismo argentino”, Careta, 4 de julho de 1918.

<sup>221</sup> - “Campeonato Sul Americano”, O Imparcial, 19 de maio de 1919.

<sup>222</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 22 de maio de 1919.



com um “rabo de arraia” um dos jogadores uruguaios<sup>223</sup>. Dando margem ao acirramento de rivalidades e desentendimentos diversos<sup>224</sup>, a disputa do campeonato transformava-se, para aqueles que não compartilhavam os sentidos atribuídos pela Confederação, em uma verdadeira guerra.

Atitudes como essas pareciam, aos olhos dos defensores do papel diplomático do futebol, completamente descabidas. Assustada com a hostilidade da torcida contra os times adversários, a diretoria da Confederação apelava, em nota oficial, para que os torcedores que compareceriam ao jogo final contra o Uruguai se lembrassem “que os uruguaios e brasileiros estão empenhados numa competição desportiva fraterna”:

“Aquele que se abandonar a demonstrações de hostilidade contra quem quer que for, durante uma prova desportiva, mostra-se indigno do nome de *sportmen* e neste momento, do nome brasileiro”<sup>225</sup>.

Esperando “para o bom nome desta capital e de desportos nacionais” que seu apelo fosse atendido, a diretoria da Confederação iluminava a grande divergência existente naquele momento em torno do sentido do patriotismo que empolgava a todos. Para seus membros a animosidade manifestada contra os adversários seria, mais do que indesejável, impatriótica, colaborando para a diminuição do nome do Brasil no exterior. Restringindo aos *sportmen* comprometidos com os valores que defendiam o título de verdadeiros brasileiros, esses diretores negavam às manifestações do público o caráter patriótico, vendo nelas uma mera baderna sem sentido. Diante disso, providenciavam um grande aumento do policiamento do estádio, para conter “os ânimos exaltados dos torcedores” e evitando que esses “praticassem excessos”<sup>226</sup>.

Para os torcedores que protagonizavam tais incidentes, porém, o caráter patriótico de sua ação teria um sentido muito claro: superando os seus “outros”, os brasileiros conseguiriam enfim colocar-se em posição de destaque frente às demais nações, apesar de todo o preconceito que já marcava então a imagem construída sobre o Brasil em outros países. Mostrando que o nacionalismo não tinha um lado só, jogadores argentinos como Alfredo Martin evidenciavam a visão depreciativa que formavam sobre o país ao afirmar que gostara dos brasileiros, “pero mucho mas de las

<sup>223</sup> - Cf. “Os *foot-ballers* praticam abusos no Hotel Nice”, *O Imparcial*, 30 de maio de 1919;

“Aspectos da vitória”, *O Imparcial*, 31 de maio de 1919.

<sup>224</sup> - Conferir, por exemplo, “A propósito do campeonato”, *O Paiz*, 19 de maio de 1919.

<sup>225</sup> - “Foot-ball”, *O Imparcial*, 25 de maio de 1919.

<sup>226</sup> - “Campeonato sul-americano”, *O Imparcial*, 30 de maio de 1919.

brasilenãs y principalmente de las mulatitas”, enquanto jornalistas como Palacios Zino voltavam para seu país afirmando que “o brasileiro é o povo mais inculto” que já conhecera - gerando protestos “de toda a parte do Brasil”<sup>227</sup>. O público espalhado pelas áreas menos nobres do estádio e do lado de fora dele parecia responder com a torcida inflamada pela superação, nos campos, da tão propalada superioridade racial dos adversários do continente. Parecia assim explicável a emoção demonstrada pela vitória por torcedores negros como o jovem Pixinguinha: em homenagem à vitória brasileira, ele compôs logo após o fim do campeonato o choro “Um a Zero”<sup>228</sup> - no qual, reproduzindo os rápidos movimentos do jogo, extravasava em um ritmo alegre o orgulho pela vitória nacional.

A grande comoção causada pelo triunfo brasileiro tinha portanto, de todos os lados, uma explicação clara. Ainda que os *sportmen* reconhecessem que “a nossa população, no seu conjunto, não é, com certeza, mais educada do que a de Buenos Aires ou Montevideú”, a constatação do “espírito ordeiro, sereno, liberal, manifestado pela multidão” seria para eles “tão honroso” quanto a própria vitória<sup>229</sup>. Já os muitos grupos de trabalhadores espalhados pelas cercanias do estádio, idolatrando jogadores que como Marcos Mendonça defendiam então as cores brasileiras e vendo na vitória uma questão de orgulho cívico, iam fazendo do nacionalismo um meio de afirmação de seu próprio valor. Construindo diferentes sentidos para o sentimento que experimentavam durante o campeonato, espectadores de diversas camadas sociais uniam-se na torcida pelo time que transformara-se no representante legítimo da nação. Seja pelo refinamento e boa educação mostrada por Marcos e seus companheiros dentro de campo ou pelas vitórias obtidas sobre seus adversários do continente, esses torcedores pareciam compartilhar um mesmo orgulho, expresso na entusiástica crônica de um dos espectadores da grande final:

“(…) Assim é que, patrioticamente, sentimos vibrar o nosso coração de *sportman*, filho desse grande e invejável país sul-americano, que se chama Brasil, para afirmar sem medo de errar, que se superioridade de raça existe entre os diversos países da

<sup>227</sup> - “Foot-ball”, *O Imparcial*, 17 de maio de 1919; “O jornalista Antonio Palácio Zinos está publicando em Buenos Aires umas série de artigos desaforados”, *O Imparcial*, 6 de julho de 1919; e “Por toda a parte levantam-se os mais sérios protestos contra a atitude infame e miserável de Palácio Zinos”, *Gazeta Suburbana*, 12 de julho de 1919.

<sup>228</sup> - Cf. Sérgio Cabral, *Pixinguinha. Vida e obra*, Rio de Janeiro: Lumiar, 1997, pp 49-50.

<sup>229</sup> - “O Campeonato da ordem”, *O Imparcial*, 31 de maio de 1919.

América do Sul, essa, depois da peleja ardorosa de ontem, ficou exuberantemente provado, nos pertence”<sup>230</sup>.

Deixando de lado as distinções colocadas ao longo do campeonato entre os *sportmen* e o público deseducado que comparecia aos jogos, o cronista via então em todos um mesmo ardor patriótico, que tinha em sua base o “orgulho” que afirmava sentir então pelo *scratch* brasileiro. O modesto aprendiz de 1908 transformara-se, aos olhos de torcedores como ele, em um forte e poderoso gigante que invertia o preconceito lançado sobre si na afirmação de uma superioridade sobre os demais povos da América. As “inúmeras e intermináveis manifestações” de regozijo pela vitória que aconteciam nos mais diferentes bairros da cidade, e que segundo outro cronista iam “ecoando através esse imenso Brasil até os seus mais recônditos povoados” – em uma imagem que tentava representar o caráter verdadeiramente nacional da comemoração – assumiam nos jornais o aspecto de simples “focos sportivos” de uma mesma festa, na qual era glorificado o “orgulho para nós brasileiros” pela vitória do selecionado nacional<sup>231</sup>.

Sobrepondo-se às distinções entre os muitos torcedores que acompanhavam a partida, assistia-se assim ao processo de transformação do apego de certas parcelas da sociedade em relação ao futebol nacional em um orgulho coletivo. Mesmo torcedores impossibilitados de entrar no estádio – fosse por falta de dinheiro ou por não achar mais ingressos à venda – buscavam formas próprias de prestigiar o evento. Enquanto alguns apertavam-se nos morros em volta do campo para assistir de longe as partidas<sup>232</sup>, outros passavam a acompanhar o seu resultado em plena Avenida Rio Branco: utilizando-se de seu serviço telefônico, o jornal O Paiz colocou na porta de sua redação um painel no qual informava o público sobre o desenrolar dos jogos<sup>233</sup>, atraindo às ruas uma enorme multidão (Fig.18). Formada por “tudo quanto a cidade contém, desde o mais alto funcionário, o sábio, o professor, o grande industrial, até o mais modesto caixeiro, o colegial, o jornaleiro humilde”, a multidão congregava em

<sup>230</sup> - “Salve foot-ballers brasileiros”, O Imparcial, 30 de maio de 1919.

<sup>231</sup> - Conferir, respectivamente, O Paiz, 30 de maio de 1919; Marcio Vidal, “As nossas vitórias”, Vida Sportiva, 7 de junho de 1919; e “Salve scratch brasileiro”, O Imparcial, 4 de junho de 1919.

<sup>232</sup> - A presença de torcedores no morro era tão grande que, já na partida contra os uruguaios, o proprietário do terreno passava a cobrar 500 réis dos que quisessem de lá assistir as partidas – valor que era ainda seis vezes menor do que o cobrado pelo ingresso nas gerais do estádio. Cf. “Foot-ball”, O Imparcial, 29 de maio de 1919.

<sup>233</sup> - Cf. O Paiz, 22 de maio de 1919.

uma mesma torcida “o burguês e o artista, o pobre e o rico, o Zé povinho e os de mais destaque na nossa alta sociedade”<sup>234</sup> - ganhando no entusiasmo patriótico ocasionado pelo jogo os contornos de um corpo homogêneo e orgânico, como mostravam as fotografias tiradas no estádio no dia do jogo final. (Figs.21, 22 e 23). De um lado, as arquibancadas, cheias de jovens bem vestidos e de senhoritas elegantes; de outro, o morro onde se espremia o público amplo e indiferenciado, composto por trabalhadores negros e brancos, de ofícios diversos, e por jovens torcedores e torcedoras sem recursos para entrar no estádio que fizeram “verdadeiros prodígios de equilíbrio e de ginástica” para poder assistir ao jogo. Em ambos, o mesmo entusiasmo, que levava as cerca de cinco mil pessoas espremidas nas encostas do morro a irromper em “entusiásticas ovações” ao selecionado nacional e a desfraldar “uma enorme bandeira brasileira” no momento do gol. Do morro e das arquibancadas, um “grito uníssono” - “Viva o Brasil!” - saudava os jogadores brasileiros<sup>235</sup>. Unidos na imagem da multidão que comemorava a vitória brasileira, ambas apareciam como partes de uma mesma torcida, que teria então no ardor patriótico o seu grande ponto de contato<sup>236</sup>.

Representando “um fato de grande significação nacional”, a vitória brasileira no sul-americano dava ao futebol na cidade o estatuto de “uma das mais respeitáveis instituições nacionais”<sup>237</sup>. Congregando na mesma imagem da nação rostos muito diferentes, o jogo passava a ter um papel central no processo de efetivação do nacionalismo que ia marcando o período. Ainda que por trás desse sentimento comum pudessem estar diferentes significados a ele atribuídos, ele mostrava-se forte o

<sup>234</sup> - Cf. “Campeonato sul-americano de foot-ball”, *O Paiz*, 19 de maio de 1919; “Panen et circences”, *O Imparcial*, 19 de maio de 1919 e *O Malho*, 24 de maio de 1919.

<sup>235</sup> - “Campeonato sul-americano”, *O Imparcial*, 19, 26 e 30 de maio de 1919.

<sup>236</sup> - Um processo semelhante de identificação nacional causado pelo jogo ocorria, no período, em outros países - como mostra H. F. Moorhouse ao tratar do caso do Reino Unido. O modo como ele aparecia em muitos deles parecia evidenciar, porém, uma caminho bastante diferente para sua construção - ligando-se mais à possibilidade de definição de traços que ajudavam os seus habitantes a definir uma diferenciação com os demais países com os quais se relacionavam (em especial com a Inglaterra, no caso dos membros do Reino Unido) do que à construção de uma identidade que tinha sua base na disputa em torno do sentido do orgulho nacional, como acontecia no Rio de Janeiro. Cf. H. F. Moorhouse, “One state, several countries: soccer and nationality in a ‘United’ Kingdom”, in J. A. Mangan (ed.), *Tribal identities. Nationalism, Europe, sport*, Londres: Frank Cass, 1996, pg 71. Ver ainda, para um período posterior, Alain Bairner, “Football and the idea of Scotland”, in Grant Jarvie and Graham Walker (ed.), *Scottish sport in the making of the nation. Ninety minute patriots?*, Leicester: Leicester University Press, 1994, pp 9-26.

<sup>237</sup> - “O Campeonato sul-americano”, *O Paiz*, 30 de maio de 1919; e “Salve foot-ballers brasileiros”, *O Imparcial*, 30 de maio de 1919.

suficiente para garantir a força dos instintos patrióticos dos brasileiros. Fruto de diferentes modos de sentir o senso de nacionalidade, ganhava forma então uma sólida e poderosa identidade entre brasileiros de camadas diversas. Ao consolidar uma identificação que tinha em sua base diferentes modos de sentir um mesmo orgulho nacional, o futebol convertia-se em um canal privilegiado de afirmação social do instinto patriótico. Vivendo nos campos esse sentimento, torcedores de origens sociais diversas pareciam dissolver momentaneamente suas diferenças e contradições. Por mais que fossem diversos os seus motivos, eles experimentavam em toda sua força naquele momento uma sensação comum de pertencimento a uma mesma comunidade nacional.

Não era de se estranhar, portanto, o prestígio de jogadores como Marcos Mendonça. Entrando algumas vezes “tardia e isoladamente” no gramado em dias de jogos do selecionado brasileiro somente para provocar “as saudações do público”<sup>238</sup>, ele mostrava ter consciência de que, assim como seus companheiros, transformara-se ao longo daquele processo em um verdadeiro herói nacional. Se em países como a Inglaterra o processo de massificação do jogo dera origem a ídolos que tinham na sua ligação orgânica com as condições de vida da maior parte dos torcedores a raiz de seu sucesso<sup>239</sup>, o fato de Marcos afigurar-se como representante legítimo de um grupo de jovens que pretendia fazer do futebol um meio de exclusão não diminuía seu prestígio entre os muitos fãs que, torcendo pelo selecionado, tentavam também colocar-se a seu modo nos limites da imagem fidalga construída para o jogo. Unidos na mesma devoção aos seus ídolos, eles tinham no jovem goleiro a personificação coesa e orgânica do sentimento que os fazia se reconhecerem mutuamente como partes de um mesmo todo, que tinha na devoção patriótica seu elemento aglutinador. Os diferentes sentidos atribuídos a essa devoção evidenciavam, porém, os limites dessa identidade. Se de fato ela podia ser compartilhada pelos que compareciam à grande final contra os uruguaiois, a lógica que levava à sua construção relativizava sua imagem de harmonia e união - fazendo com que essa fosse o resultado de um processo de conflitos e disputas que, nos anos seguintes, mostraria estar cada vez mais longe de ter um final feliz.

<sup>238</sup> - Cf. A Época, 7 de maio de 1917.

<sup>239</sup> - Conferir, a respeito, Tony Mason, “Our Stephen and our Harold: Edwardians footballers as local heroes”, in Richard Holt e J. A. Mangan, European Heroes. Myth, identity, sport, Londres: Frank Cass, 1996.

## Uma nação de desiguais

O mesmo estádio onde o selecionado brasileiro conquistara seu primeiro título sul-americano seria palco, em 1920, de mais uma manifestação do orgulho nacional. Como parte das comemorações em honra à visita ao Brasil do Rei Alberto - o prestigiado monarca belga que ganhara fama pela sua participação na primeira guerra mundial e que acabara de patrocinar os jogos olímpicos em seu país - realizava-se no dia 26 de setembro no campo do Fluminense uma grande parada esportiva com os clubes da Liga Metropolitana. Esperado com ansiedade pela imprensa carioca, o evento seria, na opinião de um cronista, de grande importância:

“Nenhuma ocasião se apresenta para uma demonstração do que representamos como expressão galharda do que somos, como *sport*, do que representamos, como cultura física, talento e energia de uma raça, que caminha impávida, para os destinos de uma finalidade de triunfos, ainda mal esboçados, ridentes e promissores que essa idéia, tão simpática e tão nobre, da parada atlética de domingo, em homenagem à energia moça e heróica do grande atleta-rei, que é o soberano belga, que ora nos dá a honra de sua visita”<sup>240</sup>.

Dando a chance de demonstração da força da identidade brasileira que ia se construindo nos campos esportivos, o desfile a ser realizado na presença de sua alteza ganhava para os esportistas uma importância inaudita. Anunciando um novo tempo para a nação, no qual o atraso seria substituído pelo sucesso vigoroso de uma nova geração de atletas - “flores do Brasil de hoje e frutos do Brasil futuro” - ele era descrito como “um acontecimento de grande valia para os annaes da nossa brilhante vida desportiva”. A presença na cidade do “rei-soldado”, um admirador confesso do esporte em geral e do futebol em particular, servia como uma excelente ocasião para os brasileiros mostrarem para à Europa o seu valor, exibindo vaidosamente nos campos o “Brasil do amanhã, altivo, de peito aberto e moço, mostrando nos braços os músculos educados, e no corpo o perfil esbelto da sadia robustez”<sup>241</sup>. Lançando sobre o país “as atenções de todo o mundo”<sup>242</sup>, na opinião certamente exagerada de Gilberto Amado, cuja caracterização superlativa constitui um inequívoco sintoma do clima

<sup>240</sup> - O Paiz, 24 de setembro de 1920.

<sup>241</sup> - O Paiz, 26 de setembro de 1919.

reinante, a visita aparecia para os contemporâneos como um grande teste. Europeu, esportista e militar, o monarca belga seria um ótimo juiz para avaliar o avanço do país no terreno do esporte. Frente a ele poderia ser posto à prova, enfim, o grande orgulho nacional construído a nos campos, a partir da qual julgou-se que a cultura nacional “rivaliza com a do estrangeiro e que, em muitos pontos de vista, a ela se sobrepõe”<sup>243</sup>.

A parada esportiva preparada para a festa em homenagem ao rei revestiu-se por isso de todos os cuidados. Como uma reafirmação do momento de progresso e força atravessado pelo país, a tribuna de honra onde seria acomodado o ilustre visitante recebia cuidados extraordinários. De lá o Rei Alberto e sua esposa assistiram um desfile que se abria com a entrada no estádio de uma banda egípcia de clarins, “recordando uma passagem heróica das festas da Helade”<sup>244</sup>. Longe de ser ocasional, a menção aos festejos gregos evidenciava o sentido que os *sportmen* cariocas davam ao evento: tratava-se, enfim, da ligação definitiva do Brasil com o rastro da civilização européia perseguido há tempos pelos círculos letrados locais. Pretendendo igualar-se através do esporte às mais desenvolvidas nações do mundo, os dirigentes esportivos brasileiros tentavam dar uma demonstração de adiantamento e civilização. Com disciplina militar, o desfile continuava com a entrada em campo das delegações de cada um dos clubes filiados à Liga. À frente de todos apareciam, dando início ao desfile, as bandeiras brasileira, belga e da Liga Metropolitana - que sobrepunham-se às bandeiras de cada clube carregadas por seus respectivos representantes. Perfilados lado a lado e cumprindo as rígidas instruções determinadas pela diretoria da Liga, marchavam então frente ao monarca belga cerca de 1.500 atletas, que proporcionavam aos espectadores um espetáculo grandioso<sup>245</sup> (Fig. 24). Apresentando uma rígida organização, o desfile fazia dos sócios de cada clube simples células de um corpo mais amplo. Dissolvidas as especificidade afirmadas pelas diferentes camisas em desfile ou pelo aspecto de cada atleta na imagem homogênea da multidão em marcha, a parada esportiva possibilitava uma visão potente e indiferenciada do valor esportivo do Brasil. Tratava-se, enfim, de uma grande apoteose do esporte nacional, assistida com atenção pelo monarca belga.

<sup>242</sup> - Gilberto Amado, “Assunto sério”, in *Aparências e realidades*, São Paulo: Monteiro Lobato e cia., 1922, pg 32.

<sup>243</sup> - “A grande parada sportiva em honra ao Rei Alberto”, *Sport Ilustrado*, 18 de setembro de 1920.

<sup>244</sup> - *O Paiz*, 25 de setembro de 1920.

<sup>245</sup> - Cf. *O Paiz*, 24, 25 e 26 de setembro de 1920.

Encerrando os festejos, acontecia por fim uma disputa entre um selecionado escolhido entre os times de futebol da zona sul, vestidos com as cores da Bélgica contra aqueles da zona norte, que vestiam o uniforme da Liga Metropolitana<sup>246</sup>. Presenciado por cerca de 35.000 espectadores, o evento constituía para a crônica esportiva da cidade “um verdadeiro acontecimento”, sendo mesmo qualificado como uma das tardes “mais memoráveis para o *sport* nacional”. Impressionando espectadores que até então “nunca voltaram as suas atenções para o *sport*”, como seria o caso do presidente Epitácio Pessoa, ele era descrito pela imprensa como um grande sucesso - que confirmava para muitos já ser o futebol um “Estado dentro do Estado”. Propagandeando a pujança do país mais do que qualquer outra iniciativa governamental, a festa teria servido para mostrar aos estrangeiros “aquilo que de fato somos: um povo forte, de não doentia e anarquizada organização física”<sup>247</sup>. Tratava-se assim da cristalização de um orgulho que uniria a todos os brasileiros, definindo os contornos de sua identidade e o ufanismo de seu povo - que transformava o futebol novamente na “expressão mais sincera da alma nacional”<sup>248</sup>.

Esse sentimento nacional associado ao futebol evidenciava porém, no momento mesmo de sua construção, uma série de ambigüidades. Embora criasse uma identidade que unia em grande medida os diversos grupos da cidade em um mesmo grito, sua formação era paralela à configuração de outros sentimentos e identidades. Mesmo eventos como a parada esportiva triunfal em homenagem ao Rei Alberto podiam assim explicitar, para além do processo de construção contínua de uma identidade compartilhada, inúmeros matizes na suposta homogeneidade da “alma nacional”. A primeira dessas ambivalências aparentes ligava-se ao próprio sentido atribuído pelos esportistas cariocas ao desfile realizado naquele dia. Embora fosse composto somente por representantes dos clubes da cidade, ele assumia nos jornais a feição de grande festa da nacionalidade. Vendo nos atletas cariocas os representantes legítimos do avanço esportivo nacional, *sportmen* e torcedores cariocas faziam do Rio de Janeiro uma espécie de microcosmo do Brasil. Se para eles essa poderia parecer uma associação normal, por tratar-se da capital da República, a tensão nela envolvida seria clara para aqueles que tivessem acompanhado os acontecimentos do mês anterior -

<sup>246</sup> - O Paiz, 27 de setembro de 1920.

<sup>247</sup> - Sport Ilustrado, 2 de outubro de 1920.

<sup>248</sup> - O Paiz, 27 de setembro de 1920.



quando os paulistas recusaram-se a mandar seus jogadores ao selecionado brasileiro que disputaria no Chile o Campeonato sul-americano daquele ano.

A deliberação era causada por um desacordo entre as ligas paulista e carioca em torno da Taça Ioduran, instituída em 1916 para ser disputada anualmente entre os campeões de São Paulo e do Rio. Vencida naquele ano pelos cariocas do América e no ano seguinte pelo Club Atlético Paulistano, a Taça seria dada em definitivo, segundo seu regulamento, ao club que ganhasse por dois anos seguidos a disputa. Tendo entrado em desacordo com a Confederação Brasileira de Desportos em 1918 por cobrar maior rigor na aplicação de leis que combatessem a troca de times efetuadas pelos jogadores, os paulistas recusavam-se a disputar naquele ano qualquer jogo interestadual, aí incluída a Taça Ioduran. Resolvida a questão, os diretores da Associação Paulista de Sports Atléticos voltavam a reclamar em 1920 a disputa da Taça, cobrando o direito de que o Paulistano ficasse com sua posse definitiva caso vencesse seu adversário. Sem ver atendidas suas exigências, os paulistas iniciam então nova disputa com os *sportmen* cariocas, recusando-se por isso a ceder seus jogadores para o selecionado que iria naquele ano ao Chile<sup>249</sup>. Apesar dos apelos recebidos do próprio presidente da província Washignton Luís para que reverteresse sua posição, que fez com que essa liberasse os clubes que desejassem ceder seus jogadores mas sem parar a disputa do campeonato - o que seria para alguns cronistas cariocas um simples “sistema de tapear os tolos”<sup>250</sup> - a Associação Paulista mantém sua decisão. O selecionado formado naquele ano para a disputa do sul-americano se via assim privado de alguns de seus principais jogadores, sendo formado somente por jogadores cariocas, gaúchos e santistas<sup>251</sup>.

O entusiasmo nacional verificado no ano anterior por ocasião da conquista do campeonato no Rio de Janeiro dissolvia-se assim na decisão dos paulistas, que mostravam os limites da união nacional proporcionada pelo futebol. Embora fossem acusados de “antipatrióticos” pela imprensa carioca<sup>252</sup>, os dirigentes do futebol de São Paulo apenas davam seguimento a uma disputa que começara muito antes, criando um

<sup>249</sup> - Cf. “O caso da Associação paulista”, O Imparcial, 19 de agosto de 1919; e C. “Taça Ioduran”, Sport Ilustrado, 8 de janeiro de 1921;

<sup>250</sup> - “Isso é que se chama em bom português: Tapear...”, O Paiz, 25 de agosto de 1920

<sup>251</sup> - Cf. “Crônica da semana”, Sport Ilustrado, 28 de agosto de 1920; e “Campeonato Sul-americano de 1920”, Confederação Brasileira de Desportos. Relatório apresentado pela diretoria 1920-1921, Rio de Janeiro: Papelaria e Tipografia Luiz Monteiro, s/d, pg 29.

<sup>252</sup> - “Isso é que se chama em bom português: Tapear...”, O Paiz, 25 de agosto de 1920.

antagonismo que marcou todo o processo de constituição do orgulho nacional expresso de forma acabada no campeonato de 1919. Tornando-se comum a disputa entre times das duas cidades desde os primeiros tempos do futebol no Rio de Janeiro, a partir de 1906 se organizava pela primeira vez uma partida entre os selecionados carioca e paulista<sup>253</sup>, atestando o surgimento de uma crescente rivalidade regional. Quando em 1913 os cariocas pela primeira vez conseguem resultados positivos em seus jogos internacionais contra chilenos, portugueses e os ingleses do Corinthians, sobrepondo-se assim aos paulistas nas disputas internacionais daquele ano, inicia-se nas páginas dos jornais das duas cidades um longo debate. Fantoche, o cronista do jornal carioca O Imparcial, saúda o feito afirmando não existir, na América, outro competidor à altura do selecionado carioca - que estaria na liderança esportiva do continente, “seguidos a certa distância pelos nossos distintos irmãos da Paulicéia”<sup>254</sup>. Respondendo à provocação, Gavroche, redator esportivo do jornal paulista Capital, envia ao matutino carioca uma carta na qual se apressava em negar a superioridade dos jogadores do Rio - afirmando a fraqueza dos times vencidos pelos cariocas e a falta de representatividade do *scratch* paulista que disputara os jogos naquele ano, o que o leva a propor um desafio entre os selecionados das duas cidades no qual garantia a vitória dos paulistas<sup>255</sup>. Já tendo sido instituída pelo jornal Correio da Manhã - que segundo o cronista paulista não o fez com o intuito “de colaborar para o triunfo do *sport*, e sim como uma verdadeira paixão, de carioca altivo e torcedor vermelho, ufano das glórias” do selecionado de sua cidade - a disputa iria tornar-se, a partir de então, um dos pontos centrais da vida esportiva das duas cidades. “Essa encenação *sportiva* está ornada de uma *toilette* que mal esconde o seu objetivo, que é, hoje e sempre, saber quem são os melhores jogadores: se somos nós ou os cariocas”<sup>256</sup>, explicava Gavroche.

Crescendo nos anos seguintes, a disputa tomava contornos de um grande embate entre duas “raças” distintas. Para os cariocas, o Rio de Janeiro contaria naturalmente com “elementos mais poderosos” que seus rivais, sendo suas derrotas creditadas ao fato de que esses nem sempre se entregassem aos treinos com o devido

<sup>253</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 2 de junho de 1906.

<sup>254</sup> - A expressão é usada na tréplica de fantoche. “Rio -S.Paulo”, O Imparcial, 11 de outubro de 1913.

<sup>255</sup> - A observação do cronista lembrava ser o time paulista formado somente pelos clubes ligados à Associação paulista de Sports Atléticos, então em litígio com a Liga Paulista de Foot-ball. “Rio-S.Paulo”, O Imparcial, 8 de outubro de 1913.

afinco<sup>257</sup>. Já os paulistas, apoiados em números que demonstravam a sua supremacia, alardeavam a “superioridade justíssima de São Paulo”, atribuindo ao estado a glória de seus atletas<sup>258</sup>. Mais do que numérica, essa vantagem estaria ligada, segundo *sportmen* paulistas como Mario Cardim - que manda a um jornal carioca um artigo defendendo sua posição - ao próprio “adiantamento moral e material” do estado de São Paulo, que daria a ele e a seus habitantes “uma posição absolutamente singular”<sup>259</sup>. “Os paulistas não podem vencer ainda este ano”, afirmavam então com fervor os cronistas cariocas, buscando argumentos contra o raciocínio dos seus adversários e fazendo do jogo entre os dois selecionados uma questão de suma importância - o que os fazia ver as derrotas do time do Rio como um “vergonhoso fracasso” para a cidade<sup>260</sup>. Transformando-se em uma questão de orgulho regional dentro de uma disputa mais ampla que tentava definir no período a qual estado caberia a liderança política e cultural do país, os jogos entre esportistas das duas cidades ganhavam então uma grande relevância, “interessando a maioria dos *sportmen* cariocas” e gerando desavenças recíprocas<sup>261</sup>.

É bem verdade que, pelo menos a princípio, a desavença esportiva entre Rio e São Paulo não tinha ainda um caráter tão generalizado. Embora tomassem as páginas dos jornais das duas cidades, as disputas limitavam-se aos cronistas esportivos e *sportmen*, que lutavam entre si pela definição da supremacia esportiva no país. A realização de jogos como aquele resultante do desafio lançado por Gavroche era marcada assim pela presença de um grande público, mas este constituía ainda “um verdadeiro formigueiro de *sportmen*”<sup>262</sup>. A criação em 1914 da Taça Rio-São Paulo,

---

<sup>256</sup> - “Rio-S.Paulo”, *O Imparcial*, 8 de outubro de 1913.

<sup>257</sup> - “Foot-ball”, *O Imparcial*, 28 de maio de 1914.

<sup>258</sup> - “Foot-ball”, *O Imparcial*, 10 de junho de 1914. Das 9 disputas entre selecionados das duas cidades ocorridas até então, os paulistas haviam vencido 4, com 1 vitória carioca e 4 empates. Cf. “Quadro demonstrativo dos encontros entre scratches cariocas e paulistas”, *Correio da Manhã*, 7 de julho de 1918.

<sup>259</sup> - Mário Cardim, “O adiantamento dos sports em São Paulo está ligado ao seu adiantamento moral e material”, *O Imparcial*, 20 de junho de 1916.

<sup>260</sup> - “A disputa da Taça Rio-S.Paulo”, *Correio da Manhã*, 15 de agosto de 1915; “A Taça Rio-S. Paulo”, *O Imparcial*, 8 de novembro de 1915.

<sup>261</sup> - “Foot-ball”, *O Imparcial*, 27 de maio de 1915. A existência de raízes mais profundas para esses regionalismos pode ser atestada, entre muitos outros, pela publicação em 1887 do livro *A pátria paulista*, de Alberto Sales - no qual esse já pregava o ideal separatista. Alberto Sales, *A pátria paulista*, Brasília: Ed. UNB, 1983. Sobre a emergência da rivalidade entre cariocas e paulistas em outros campos e suas disputas para definir qual seria a região “capaz de impor seu tom ao conjunto nacional”, ver ainda Marly Silva da Motta, op.cit., pp 79-114; e Mônica Pimenta Velloso, “A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista”, *Estudos históricos*, no. 11, janeiro-junho de 1993, pp. 89-112.

<sup>262</sup> - “Foot-ball”, *O Imparcial*, 17 de novembro de 1913.

a ser disputada anualmente entre as duas seleções para definir “a qual dos dois centros *sportivos* cabe (...) a supremacia no *foot-ball*”, seria porém um dos primeiros passos no sentido de popularizar tal disputa, atraindo sobre ela um interesse muito mais difundido socialmente<sup>263</sup>. Já no ano seguinte à sua instituição o jogo entre os dois selecionados levava ao campo do Fluminense cerca de dez mil espectadores, o que seria então “o *record* da concorrência” nas disputas esportivas ocorridas na cidade - superando até mesmo as disputas contra os ingleses do Exceter City<sup>264</sup>. Torcendo por Marcos Mendonça (um dos destaques do time carioca) e pelos demais jogadores da cidade, os muitos torcedores que presenciaram a vitória do selecionado do Rio evidenciava um processo que ia fazendo com que a rivalidade entre selecionados das duas cidades deixasse de ser assunto exclusivo de cronistas e sócios dos clubes elegantes, para disseminar-se por toda a cidade.

Mesmo em jogos de menor importância, como a disputa entre o Flamengo e um time paulista que visitava a capital da república, essa rivalidade já podia ser notada - como atestava Paulo Barreto, que impressionava-se com “a entrada repleta, negra de gente”. “É o povo, é a elegância, cada um do seu lado, acompanhando em ânsia o movimento dos dois *teams*”, dizia o cronista sob o pseudônimo de José Antônio José, enfatizando a diversidade do público interessado por aquelas disputas<sup>265</sup>. Os comentários que ouvia durante a partida davam ainda a clara dimensão da rivalidade que ia então se espalhando entre os mais diferentes torcedores cariocas: “eu daria metade da minha vida para que eles não ganhem”, diziam uns; “a cabeça dos *sports* brasileiros deve ser o Rio”, afirmavam outros<sup>266</sup>. Aparecendo como uma pecha “vergonhosa” para os cariocas, as vitórias dos paulistas geravam críticas aos jogadores do selecionado das quais Marcos Mendonça era um dos poucos que saíam ilesos<sup>267</sup>. Mesmo literatos pernambucanos como Gilberto Amado lamentavam o “descrédito esportivo do Rio”, afirmando ser “uma vergonha para a população da capital

<sup>263</sup> - Cf. “Os matches interestaduais”, *O Imparcial*, 4 de maio de 1914; e “Foot-ball”, *O Imparcial*, 27 de maio de 1914.

<sup>264</sup> - “Um grande dia para o sport carioca”, *Correio da Manhã*, 4 de outubro de 1915.

<sup>265</sup> - José Antonio José (Paulo Barreto), “Pall-Mall Rio”, *O Paiz*, 5 de junho de 1916.

<sup>266</sup> - Tanto entusiasmo levava à ocorrência dos mais diferentes conflitos entre habitantes das duas capitais - como em um jogo disputado em São Paulo em 1916 entre as duas seleções. Com o aplauso do público, o paulista Rubens Salles agrediu o carioca Silvio Vidal, sendo por isso atingido por dois jogadores do Rio de Janeiro - o que levava inúmeros torcedores cariocas a anunciar “pelas esquinas” a intenção do revide no jogo seguinte, a ser realizado no Rio de Janeiro. Cf. “Foot-ball”, *Correio da Manhã*, 23 e 25 de agosto de 1916; e “Foot-ball”, *O Paiz*, 25 de setembro de 1916.

reconhecer-se e proclamar-se tão freqüentemente em situação de absoluta inferioridade a São Paulo”. Segundo ele, com essas derrotas o Rio de Janeiro perdia “no seu prestígio de metrópole esportiva do Brasil e mesmo nessa glória ornamental de vencer sempre, seja no que fôr” - não sendo agradável aos habitantes da cidade ver o seu selecionado “abatido assim tantas vezes por uma cidade de província, ainda que seja São Paulo”<sup>268</sup>.

Apesar das seguidas derrotas, no entanto, o interesse dos torcedores da cidade por esses encontros não diminuía. Embora as previsões pessimistas dos cronistas cariocas afirmassem que os torcedores locais iriam se desinteressar por essas partidas, elas eram assistidas, segundo um jornal paulista transcrito no Rio de Janeiro, por um “público neurótico”, que torcia ardentemente por seu selecionado<sup>269</sup>. Se eram entre os jogadores os desentendimentos ocorridos poucos anos antes, em 1918 a Liga Metropolitana já se via obrigada a imprimir dez mil folhetos para serem distribuídos no estádio nos dias de jogos interestaduais com “observações e conselhos sobre o jogo de *foot-ball*”, para tentar assim evitar “os incidentes verificados com freqüência” durante os encontros interestaduais<sup>270</sup>. Escrevendo para as redações dos jornais para se informar dos resultados dessas disputas, mostrando-se nos estádios “empolgada pelos lances” do time da cidade e vibrando de “louco entusiasmo” a cada gol, a torcida presentes a esses encontros já era vista como “um dos mais poderosos fatores para o desenvolvimento do *foot-ball* no Brasil”<sup>271</sup>.

Realçando a delimitação de uma clara identidade regional entre os muitos torcedores da cidade, a rivalidade contra os paulistas não tardaria em dar forma a um novo fenômeno: o bairrismo. Para os jornalistas cariocas esse seria um sentimento restrito aos moradores de São Paulo, descritos por eles como “os bairristas paulistas”<sup>272</sup>. Criticando os “cérebros mesquinhos, que nada mais vêem que a pequena faixa de terreno em que vieram à luz do dia”, diversos cronistas do Rio voltavam-se

<sup>267</sup> - “Foot-ball”, *Theatro e sport*, 4 de agosto de 1917.

<sup>268</sup> - Gilberto Amado, “Assunto sério”, in *Aparências e realidades*, São Paulo: Monteiro Lobato e cia., 1922, pg. 29.

<sup>269</sup> - “O foot-ball interestadual”, *Correio da Manhã*, 19 e 23 de agosto de 1917. O mesmo entusiasmo podia ser notado entre o público paulista, como mostra José Renato Araújo, op.cit., pg. 67.

<sup>270</sup> - “Foot-ball”, *Correio da Manhã*, 4 de julho de 1918.

<sup>271</sup> - Conferir, respectivamente, “Correspondência”, *O Imparcial*, 5 de janeiro de 1918; Marcio Vidal, “O jogo Rio- São Paulo”, *Vida Sportivo*, 13 de julho de 1918; e “A grande prova de hoje entre paulistas e cariocas”, *Correio da Manhã*, 7 de julho de 1918.

<sup>272</sup> - *O Paiz*, 10 de julho de 1918.

contra a parcialidade que viam nos paulistas, que começava já em 1918 a ameaçar a unidade esportiva nacional:

“(...) É preciso que os paulistas, que só vêem São Paulo e o que é paulista, se convençam de que a sede da Confederação Brasileira de Desportos é no Rio de Janeiro, e que o campeonato sul-americano vai ser disputado por nacionalidades e não por ligas regionais”<sup>273</sup>.

“Basta de bairrismo tolo!”, concluía então o enfático articulista. Embora se tratasse de uma crítica ao regionalismo que começava a imperar nos campos esportivos, a crônica acabava por evidenciar, também no Rio de Janeiro, o procedimento criticado. Embora realçasse serem todos filhos de uma mesma nação, ele não deixava de lembrar o fato de que a direção do futebol nacional estava na mão dos cariocas - que teriam, assim, o controle maior dos destinos esportivos da nação. Ao mesmo tempo em que afirmavam serem paulistas e cariocas “filhos de uma única Pátria, de uma Pátria que contém sob cores de uma mesma bandeira Rio e S. Paulo” - na tentativa frustrada de combater o regionalismo que se alastrava pela cidade<sup>274</sup> - os cronistas cariocas testemunhavam a consolidação social de um antagonismo tão forte quanto aquele que separava argentinos e brasileiros, levando os jornais a fazer dele um dos temas frequentes de suas manchetes (Fig.25). Atraídos pelo antagonismo entre os habitantes das duas metrópoles, torcedores cariocas mostravam a importância que davam às disputas com os paulistas. Dando margem a um sentimento que começava a se fazer presente também em vários outros estados do país<sup>275</sup>, a rivalidade regional acarretava a consolidação de identidades que, unindo todos os habitantes da cidade em uma mesma torcida e em um mesmo antagonismo ao adversário, evidenciava o caráter eventual e efêmero do sentimento nacional comum a todos afirmado em meio a esse processo.

<sup>273</sup> - “Foot-ball”, *Theatro e Sport*, 16 de fevereiro de 1918.

<sup>274</sup> - “Os incidentes em S. Paulo”, *Correio da Manhã*, 6 de setembro de 1918. Sobre a campanha pelo fim das rivalidades regionais patrocinadas sem sucesso por alguns cronistas, ver ainda “Uma campanha perniciosa que é preciso acabar”, *Correio da Manhã*, 11 de abril de 1918.

<sup>275</sup> - Um torcedor baiano escrevia em 1918 para a redação da revista reclamando contra a propaganda superioridade dos paulistas no esporte nacional, afirmando que em sua região ‘o foot-ball tem se desenvolvido extraordinariamente’, já tendo os baianos “derrotado estrondosamente todos os *teams* cariocas que têm vindo à Bahia”. Um esportista gaúcho, por sua vez, escrevia em 1912 um guia de futebol no qual defendia que no esporte “não há ninguém como nossa gente”. Já o correspondente esportivo da revista *Vida Sportiva* no Rio Grande do Sul afirmava em 1921 que “poderão nos taxar de bairristas, mas não importa” - evidenciando que o sentimento regional estava longe de restringir-se a cariocas e paulistas, sendo essa somente a rivalidade mais evidente. “A Bahia é boa terra”, *Vida Sportiva*, 13 de julho de 1918; O. T. Oliveira, *Guia de foot-ball*, Pelotas: Livraria Universal, 1912, pg 96; e “Vida Sportiva em Rio grande”, *Vida Sportiva*, 8 de janeiro de 1921.

Não era de se estranhar desse modo que mesmo em momentos de confraternização nacional, como a disputa do campeonato sul-americano de 1919, esse tipo de rivalidade se fizesse presente. Nessas ocasiões, a imprensa e os cronistas de modo geral faziam questão de deixar de lado as desavenças regionais, elogiando a Confederação quando esta convocava para o time grande número de paulistas. “De São Paulo ou do Rio, todos são brasileiros”, afirmavam eles com orgulho, elogiando a formação de um selecionado “isento do perigoso regionalismo que querem implantar no *sport* brasileiro”<sup>276</sup>. Os torcedores que compareciam aos treinos do selecionado não pareciam, porém, tão complacentes com os jogadores paulistas: lançando-lhes intensas “manifestações de hostilidade”, eles levaram a diretoria da Confederação a publicar um apelo ao público “para que não perturbe a eficiência do exercício de conjunto dos *foot-ballers*”, vendo no ato dos torcedores uma “atitude impatriótica que só pode concorrer para o mau preparo desses jogadores”<sup>277</sup>. Reiterando que as simpatias da torcida por alguns atletas deveriam ser “postas de lado, tendo em vista unicamente o interesse nacional”, os jornais criticam a atitude do “público apaixonado”, cobrando que os torcedores parassem de atacar jogadores que eram “tão brasileiros quanto eles próprios”<sup>278</sup>.

Para grande parte dos torcedores que compareciam ao estádio do Fluminense, no entanto, a oposição entre o sentimento nacional e o apego a uma identidade regional não parecia fazer muito sentido. Mantendo nessas ocasiões uma rivalidade alimentada pelos próprios cronistas em outros momentos - que levavam os jornais paulistas a declarar alguns anos antes que um ídolo carioca como Marcos Mendonça não teria “nada que justificasse a fama que possui”, enquanto no Rio ele aparecia como “o baluarte dos cariocas”<sup>279</sup> - eles mostravam que, mesmo nos momentos em que todos torciam juntos pelo selecionado brasileiro, esse tipo de diferenciação não se apagava. Construindo seu orgulho pela nação dentro do mesmo processo que os fazia se diferenciar de seus “outros”, os torcedores revelavam uma lógica de construção do

<sup>276</sup> - “Um *ale goack* à Confederação”, O Imparcial, 2 de abril de 1919; e M.A., “O campeonato sul-americano”, Época Sportiva, 12 de abril de 1919. Do lado paulista, notava-se o mesmo sentimento - que, segundo Nicolau Sevcenko, fazia com que fosse enaltecida na imprensa local “a quase exclusiva composição paulista no selecionado nacional”. Nicolau Sevcenko, Orfeu extático na metrópole..., op.cit., pg 63.

<sup>277</sup> - “A reunião de ontem da comissão técnica terrestre da CBD”, O Paiz, 26 de abril de 1919.

<sup>278</sup> - “Apelo ao público”, O Paiz, 27 de abril de 1919.

<sup>279</sup> - Cf. Marcos de Mendonça, Foot-ball - Recortes de Jornal, op.cit. pg 286 e 469.

nacionalismo que não anulava em nenhum momento outros tipos de antagonismo, não vendo nisso nenhuma contradição.

Eram mesmo os acontecimentos de 1920, no entanto, que trariam à tona a relação entre o nacionalismo e o regionalismo para esses torcedores de forma mais clara. Negando-se a ceder jogadores para o selecionado brasileiro, a Associação Paulista gerava no Rio de Janeiro a explicitação de um antagonismo que muitas vezes se disfarçava em momentos de afirmação do valor esportivo do país. Criticando os *sportmen* de São Paulo por negar-se a defender as cores brasileiras por um motivo tão banal como a disputa de uma Taça, cronistas que antes combatiam o regionalismo davam razão àqueles que diziam ser “os paulistas mais paulistas que brasileiros”<sup>280</sup>. A “manifesta má vontade” que viam nos paulistas para com as questões nacionais, que levava muitos cronistas a caracterizá-los como “cínicos traidores da pátria”, fazia com que no Rio de Janeiro torcedores e cronistas passassem a misturar o orgulho regional ao nacional, vendo nos cariocas os únicos verdadeiros patriotas<sup>281</sup>.

Saindo do Brasil “certos da derrota”, na opinião do próprio chefe da delegação<sup>282</sup>, os jogadores brasileiros conseguiam porém em seu primeiro jogo uma grande vitória sobre os chilenos. Esperando com ansiedade o resultado da disputa em frente ao edifício do jornal O Paiz, cerca de cinco mil pessoas comemoraram “eletrificadas por um incontido entusiasmo” o resultado, lançando “vivas e hurras aos brasileiros”. Mais do que indicar “o orgulho que vai esse instante na alma da mocidade *sportiva* brasileira”, como afirmavam os cronistas, a vitória parecia significar para grande parte desses torcedores uma humilhação aos paulistas, que “negando jogadores ao sul-americano” teriam julgado que o selecionado nacional teria “como prêmio uma completa derrota”<sup>283</sup>. Atestando “a falência moral de S. Paulo *sportivo*, senão o funeral da alma de sua mocidade”<sup>284</sup>, a vitória do selecionado brasileiro transformava-se para muitos no “feito mais glorioso da nossa história desportiva”, superando inclusive o triunfo no sul-americano no ano anterior. Ela seria uma conquista de jogadores que, com “a força viva de seu patriotismo”, não se recusaram a

<sup>280</sup> - “Sejamos brasileiros!...”, O Paiz, 21 de agosto de 1920.

<sup>281</sup> - “A Associação Paulista está no seu papel”, O Paiz, 26 de agosto de 1920; e D. Xisto, “Crônica da Semana”, Sport Ilustrado, 4 de setembro de 1920.

<sup>282</sup> - Cf. “A primeira etapa...”, O Paiz, 11 de setembro de 1919.

<sup>283</sup> - “Campeonato sul-americano”, O Paiz, 12 de setembro de 1920. Sobre o público ali presente, ver Sport Ilustrado, 18 de setembro de 1920.

<sup>284</sup> - “A primeira vitória sobre os chilenos”, Sport Ilustrado, 18 de setembro de 1920.



servir o selecionado. “Vencemos sem o concurso dos paulistanos! Vencemos animados pela fé inquebrantável do nosso patriotismo”, afirmavam as crônicas esportivas publicadas no Rio de Janeiro, aparentemente felizes por excluir os jogadores de São Paulo da imagem da pátria<sup>285</sup>. Mesmo derrotados nos jogos seguintes contra uruguaios e argentinos, os torcedores cariocas reuniam-se em multidão na frente das redações dos jornais em aclamação aos brasileiros, mostrando que o antagonismo regional misturava-se com o furor nacionalista que demonstravam nos campos<sup>286</sup>. Afirmando a partir da atitude dos *sportmen* de São Paulo que “não há um *foot-ball* brasileiro, mas um *foot-ball* brasileiro e um paulista”<sup>287</sup>, os cronistas do Rio de Janeiro acabavam por reafirmar a operação que se passava nas ruas, que fazia do orgulho pelos jogadores cariocas um sinônimo do orgulho nacional - explicando por que, nos desfiles em homenagem ao Rei Alberto, era nacional a imagem projetada por torcedores e esportistas de tendências diversas.

Não eram só nacionais ou regionais, entretanto, as identidades que se faziam notar em meio à festa do monarca belga. Embora se pretendesse com ela projetar, pelo menos do ponto de vista dos cariocas, uma imagem homogênea e coesa do desenvolvimento esportivo da nação, um outro nível de articulação de identidades fazia-se presente durante os festejos, separando os membros dos diferentes associações esportivas da cidade em falanges claramente diferenciadas: o “clubismo”, que fazia com que muitas vezes a devoção a cada associação superasse as identidades mais amplas colocadas em momentos como a parada esportiva daquele ano. O fenômeno não era novo. Ainda em 1918 um *sportman* paulista que visitou o Rio de Janeiro para acompanhar uma partida entre o Paulistano e o Fluminense surpreendeu-se com a impressão de que “os cariocas não são nada bairristas”, pois via torcedores de outros clubes cariocas torcendo desesperadamente pela vitória do quadro de São Paulo e mostrando em relação ao Fluminense uma “hostilidade pavorosa”<sup>288</sup>. Para além da

<sup>285</sup> - “Campeonato sul-americano”, *O Paiz*, 17 de setembro de 1919

<sup>286</sup> - Cf. Abner Mourão, “Alma carioca”, *O Paiz*, 21 de setembro de 1920; “A segunda etapa”, *O Paiz*, 19 de setembro de 1920; e “Foot-ball”, *O Paiz*, 26 de setembro de 1920.

<sup>287</sup> - “De frente erguida”, *O Paiz*, 14 de setembro de 1919.

<sup>288</sup> - “Sobre o público e o jogo do último encontro Rio - S. Paulo”, *Correio da Manhã*, 14 de abril de 1918; e “O C. A. Paulistano vence o Fluminense F.C. pelo score de 3 goals a 2”, *Correio da Manhã*, 8 de abril de 1918. Sem ser uma exceção, o comportamento dos torcedores se repetiria dois anos depois em outro encontro entre os dois times, quando muitos torcedores cariocas mostravam “o seu contentamento pela derrota do campeão da cidade”. João Carioca, “À margem dos fatos”, *O Paiz*, 2 de abril de 1920.

identidade regional que separava os brasileiros em diferentes regiões, colocava-se assim um outro tipo de identificação que, mesmo em cada cidade, criava entre os torcedores múltiplos antagonismos e rivalidades.

Por mais que cronistas e *sportman* diversos criticavam essas “ridículas dissensões” que separavam “aqueles que deviam estar unidos para a maior grandeza de sua cidade”, apelando para o sentimento de orgulho regional e para a rivalidade que opunha cariocas e paulistas<sup>289</sup>, essa diferenciação entre os clubes se fazia presente mesmo em momentos de afirmação da unidade e da força nacional, como na parada esportiva em homenagem ao Rei Alberto. Atraindo tanto sócios dos principais clubes da cidade como aqueles de associações menores, como o Mangureira, o River e o Ypiranga - que alugaram um comboio com quatro carros para levar seus esportistas ao distante evento<sup>290</sup> - a festa parecia, à primeira vista, dissolver esse tipo de distinção. As restrições impostas aos clubes não filiados à Liga Metropolitana, impedidos de participar do desfile (que seria formado exclusivamente por associações ligadas à entidade), evidenciavam porém os limites da identidade geral nele projetada e explicitavam a tensão presente em seu processo de construção. Embora se pretendesse aí simbolizar desenvolvimento esportivo da nação, a maior parte dos clubes cariocas não poderia se apresentar ao monarca. Reclamando contra a tentativa dos organizadores da festa de “fazer seleção” entre os jogadores cariocas, alguns cronistas chegaram a cobrar a presença na parada esportiva de membros de outras ligas que estivessem “em condições de decência de uniformes”, como seria o caso de alguns times da liga bancária e comercial e de algumas associações do subúrbio. “Não há um só deles que não se satisfizesse com o convite e não preparasse (às suas custas) um *team* para a revista”, afirmava Ismael Cordovil, testemunhando a presença nesses clubes do mesmo sentimento patriótico que movia os jogadores que participavam do desfile. A restrição projetava porém uma marca de distinção sobre a imagem nacional propagandeada pela festa, deixando no ar a questão com a qual o articulista concluía sua crônica: afinal, “o Brasil não é de todos os brasileiros?”<sup>291</sup>

A mesma lógica de exclusão podia ser notada entre os próprios jogadores que desfilavam em passeata na homenagem ao monarca belga. Embora durante a parada

<sup>289</sup> - João Carioca, “À margem dos fatos”, *O Paiz*, 2 de abril de 1920.

<sup>290</sup> - *O Paiz*, 26 de setembro de 1920.

<sup>291</sup> - Ismael Cordovil, “Para o Rei Alberto ver”, *Sport Ilustrado*, 4 de setembro de 1920.

esportiva suas diferenças pudessem aparecer em uma posição subalterna, escondidas por trás da bandeira brasileira que abria o desfile, o jogo realizado em seguida entre os selecionados dos times das zonas sul e norte da cidade desnudava um movimento que fazia da associação ao qual pertenciam os atletas um bom meio de diferenciação entre eles. Separando os jogadores de times como o Botafogo, o Fluminense e o Flamengo daquele formado por associações menores, como o Andaraí, o Bangú e o Vila Isabel, a diretoria da Liga corroborava uma lógica que criava, entre as muitas associações esportivas da cidade, hierarquias diversas. Se todos eram igualados no desfile como brasileiros, tratava-se então de definir entre eles outros tipos de separação, na qual a vitória dos jogadores da zona sul confirmaria a superioridade de alguns times sobre outros. Tendo o time do sul “melhores jogadores que no norte, pois, que lá estão os melhores clubs, os mais fortes”, o mesmo cronista que defendera a presença no desfile das associações não filiadas à Liga reclamava da presença em um jogo tão importante desses membros de clubes menores<sup>292</sup>. Se o Brasil era de todos os brasileiros, como parecia querer afirmar o cronista, seria necessário definir distinções claras entre eles, que garantissem a boa imagem da nação.

Na base desse raciocínio estava o sentido que ia sendo atribuído às associações esportivas da cidade. Mais do que simples disputas e rivalidades tolas, o apego aos clubes iluminava uma lógica que continuava a fazer do futebol um elemento criador de identidades restritas e de diferenciações entre seus praticantes. Um olhar mais atento sobre o perfil das associações futebolísticas cariocas pode tornar os contornos desse fenômeno ainda mais claros. Depois da febre do futebol verificada ao longo da década de 10, estas não limitavam-se mais aos “clubs da zona *chic*”<sup>293</sup>. Nos subúrbios e nos bairros mais pobres novos clubes iam aparecendo a cada ano, multiplicando as possibilidades de acesso ao jogo para moradores de toda a cidade - como mostra a divisão destes pelas diversas regiões em 1919 (Fig. 26). Dos 171 clubes que aparecem no ano nas páginas do jornal O Imparcial com seus endereços identificados, apenas 23 tinham suas sedes na região marcada em verde, que compreendia os distritos da Glória, Lagoa, Santa Tereza e Copacabana. Embora fosse essa a área mais valorizada da cidade, a presença de associações esportivas era proporcional à porcentagem da

<sup>292</sup> - Ismael Cordovil, “A Liga M. precisa se benzer”, Sport Ilustrado, 2 de outubro de 1920.

<sup>293</sup> - A expressão é usada em “Foot-ball”, O Imparcial, 24 de abril de 1919.

população da região<sup>294</sup>. Nas zonas centrais (que, formada pelos distritos de Candelária, São José, Santa Rita, Sacramento, Santana e Espírito Santo, aparece na cor azul) existiam por sua vez 40 desses clubes, somando 23,3% do total - para uma população que englobava 27,5% dos habitantes cariocas. A maior parte das associações esportivas do período já localizavam-se assim em regiões menos nobres: destacadas em amarelo, distritos suburbanos como o Méier, Andaraí, Gávea, Tijuca, São Cristóvão, Engenho Novo e Engenho Velho somavam 27,7% dos moradores da cidade, aparecendo neles 61 clubes - em um total de cerca de 35,6% daqueles que funcionavam naquele ano; já nos distritos rurais (que, na cor rosa, compreendiam Jacarepaguá, Inhaúma, Guaratiba, Campo Grande, Santa Cruz e as Ilhas do Governados e de Paquetá) eles já eram 47, correspondendo a 27,4% do total<sup>295</sup>. Em meio a toda essa difusão do jogo, a definição da região em que os clubes tinham suas sedes explicitava então uma identidade que, marcando diferenciações entre eles, se reproduzia durante a festa em homenagem ao Rei Alberto. A escolha dos times em disputa, que separava os jogadores dos times da zona sul dos da norte, estava assim longe de ser ocasional.

A região da cidade onde tinham sua sede não era, porém, a única forma de diferenciação entre esses clubes. Mesmo entre associações de uma mesma freguesia notavam-se, por vezes, diferenças significativa de seu perfil social - como indicam os valores cobrados de seus membros. Em clubes como o Flamengo, a mensalidade era em 1915 de 10\$000, a mesma cobrada pelo Fluminense. A jóia de ingresso deste era, porém de 25\$000, contra 10\$000 do Flamengo - que em 1919 aumentaria seu valor, igualando-o ao do clube rival<sup>296</sup>. Nos novos clubes que iam surgindo pela cidade no período, porém, o valor mensal cobrado dos sócios raramente ultrapassava os 3\$000 - sendo que dos 137 clubes cujo valor da mensalidade constava da documentação

<sup>294</sup> - Sendo o local de moradia de 13,6% dos habitantes da cidade, segundo o recenseamento realizado em 1920, eram dessa região cerca de 13,4% dos clubes que apareciam no ano com o endereço identificado.

<sup>295</sup> - Os dados da tabela sobre os clubes referem-se ao número das associações que aparecem em 1919 nas páginas do jornal *O Imparcial* com endereço identificado. Uma análise mais detalhada de cada um desses distritos em um período anterior pode ser encontrada em Francisco Agenor de Noronha Santos, *As freguesias do Rio antigo*, Rio de Janeiro: O cruzeiro, 1965. Sobre os números populacionais dos diversos distritos, ver *Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920*, op.cit. .

<sup>296</sup> - Cf. *Estatutos do Clube de Regatas do Flamengo*, Rio de Janeiro: Tipografia Pimenta de Mello e cia., 1916, pg 8; “Ata da assembléia geral extraordinária realizada em 3 de outubro de 1915”, *Atas de Assembléias gerais do Fluminense F.C.*, V.1, 21 de julho de 1902-29 de maio de 1918, fl. 73; e “A jóia do Flamengo vai ser aumentada”, *O Imparcial*, 23 de abril de 1919.

policial, 54 cobravam apenas 1\$000 e 68 o valor um pouco maior de 2\$000<sup>297</sup>. Constituídos como centros de efetivação de diversas identidades restritas, as diversas associações esportivas da cidade mostravam assim suas diferenças: mais do que as idiossincrasias pessoais, eram profundamente sociais os motivos que levaram à criação das hierarquias entre elas.

Essa diferenciação aparecia, na festa em homenagem ao Rei Alberto, em pequenos detalhes. Entrando no campo por portas distintas, os clubes da primeira, segunda e terceira divisão da Liga Metropolitana tinham marcados no momento mesmo do desfile as diferenças que os separavam. O próprio tamanho da delegação enviada por cada clube indicava as hierarquizações que se estabeleciam entre eles: enquanto alguns como o Flamengo e Fluminense faziam-se representar por cerca de 150 atletas, assumindo grande destaque na parada esportiva, associações menores como o Andaraí e o Americano levavam ao desfile pouco mais de trinta jogadores. Sem ser o fruto de algum tipo de impossibilidade prática dos clubes menores, que contariam com um quadro social mais reduzido, a diferença parecia se colocar como uma exigência da própria comissão organizadora do evento, como mostrava o caso do Bangu: embora sua diretoria tivesse oficiado à Liga Metropolitana afirmando poder apresentar para o desfile 50 jogadores, somente 35 puderam adentrar o gramado na parada esportiva<sup>298</sup>. Mesmo que se misturassem na imagem difusa da força esportiva do país, os sócios dos centros esportivos que participavam do evento tinham assim marcadas suas diferenças, que não se apagavam sob a sombra da bandeira brasileira - evidenciando que a construção de uma identidade nacional ou regional de nenhuma maneira anulava as tentativas de afirmação de distinções sociais nem amenizava as tensões entre os diferentes grupos.

<sup>297</sup> - Em distritos como Olaria e a Penha, no subúrbio da cidade, a grande maioria dos clubes adotava como mensalidade os menores desses valores, constituindo um padrão geral da região. Já bairros como Botafogo tinham, lado a lado com o tradicional clube alvi-negro, do qual eram sócios os filhos das mais ricas famílias do bairro, clubes como o Civil Sport Club, composto unicamente por membros da Guarda Civil que tinha uma mensalidade de apenas 1\$000; e, com uma mensalidade no valor de 2\$000, outros como o Bambina, composto de pequenos negociantes do bairro, e o Real Grandeza, formado segundo a sindicância neles realizada pelo comissário do distrito policial por "operários e empregados do comércio" - em uma variedade que se reproduziria em muitos outros dos distritos mais centrais, como a Candelária e Laranjeiras. Cf. *Arquivo Nacional*, S.P.D.F., IJ6 694 e IJ6 759, IJ6 658, IJ6 751, IJ6 564, IJ6 597, Pacote 459 - cx 5621 e Pacote 777-cx 5760.

<sup>298</sup> - Cf. "Liga Metropolitana - Instruções", *O Paiz*, 26 de setembro de 1920; e "Os atletas que formaram", *O Paiz*, 27 de setembro de 1920; e *Livro de atas do Bangu*, 13.12.19-15.12.21, pg. 255.

Um último nível de diferenciação entre os habitantes da cidade viria ainda macular a imagem articulada e homogênea que se tentava imprimir ao desfile realizado durante a visita do Rei da Bélgica. Poucos dias antes da realização da festa, corria no Rio de Janeiro a suspeita, divulgada pelo jornal O Paiz, de que “os dirigentes da Metropolitana desejavam que os atletas de cor que fazem parte dos clubs filiados à entidade carioca, não figurassem na parada *sportiva*”<sup>299</sup> - deixando assim de fazer parte da imagem nacional articulada na ocasião. Surgindo a partir de uma declaração prestada por um de seus diretores, o boato era enfaticamente desmentido por Ferreira Vianna, vice-presidente da entidade. Afirmando serem as restrições limitadas “à presença de profissionais ou pessoas cujo trabalho seja braçal”, como definiam os estatutos da Liga, ele negava “semelhante absurdo”, não tendo a suspeita “fundamento algum”. Para os contemporâneos, cientes de que eram negros a maior parte daqueles atingidos pela proibição relatada por Ferreira Vianna, a associação não parecia porém tão descabida. Trazendo à tona a intensa tensão étnica presente em meio ao movimento de afirmação de uma identidade nacional, o episódio iluminava um problema que estava na base da própria formulação do nacionalismo no período. Longe de expressar alguma ruptura da identidade ali projetada, ele nos dá a chance de entender um pouco da lógica que gerava o surgimento de identidades e sentimentos compartilhados entre grupos tão diferentes.

A existência desse tipo de tensão na definição das equipes que representariam o Brasil nos campos esportivos não era, em 1920, nenhuma novidade. Presentes desde os primeiros tempos do futebol no Rio de Janeiro, as distinções raciais sempre haviam acompanhado a escolha dos selecionados brasileiros que disputavam as primeiras partidas internacionais sem nenhum jogador negro. A transformação do futebol na década de 10 em uma grande febre da cidade, que destacara as qualidades esportivas de diversos atletas negros que jogavam em times de menor projeção, criara entretanto para os seus dirigentes uma nova situação. Tendo sido derrubadas as restrições que proibiam a sua presença nos jogos do campeonato da própria Liga, muitos jogadores negros começavam a se destacar em meio ao campeonato – como era o caso de Luiz Antônio, do Bangu. (Fig. 27). Apesar do tom de sua pele e de seus traços negros marcantes, já em 1916 Luiz Antonio era convocado para formar o selecionado carioca

<sup>299</sup> - “Não tem fundamento uma declaração da diretoria da Liga”, O Paiz, 23 de setembro de 1920.

que enfrentaria naquele ano os paulistas<sup>300</sup>. Ainda que permanecesse na reserva, sem figurar no time que entrou em campo, ele participava de um movimento a partir do qual jogadores como ele iam ganhando espaço nos selecionados formados na cidade. Tal escolha causava ainda, no entanto, grandes discussões entre os *sportmen* - como mostravam em 1917 os comentários do cronista esportivo do Correio da Manhã sobre a proposta de escalação de Chiquinho, do Andaraí, no selecionado carioca:

“Não somos dos que fazem questão de que o quadro representativo do Rio seja formado de elementos claros como a gema d’ovos estrelados, mas é claro como água que um jogador somente deve ser escolhido para figurar num *scratch* quando é capaz de acarretar com a responsabilidade do nome de jogador”<sup>301</sup>.

Na opinião do dissimulado articulista, não parecia ser esse o caso de Chiquinho - jogador representado em por uma caricatura publicada em 1918 na revista O Malho (Fig. 28). Com traços negros claramente marcados, ele não parecia aos olhos do cronista um bom nome para compor o selecionado nacional. Embora esconda seus próprios preconceitos raciais, atribuindo sua implicância com o jogador do Andaraí à suposta falta de educação esportiva desse, ele acaba por trazer à luz abertamente a posição daqueles que tinham nos traços étnicos um critério inequívoco de exclusão. Parecia explicável, desse modo, que o próprio Luiz Antonio permanecesse naquele jogo na reserva do time que tinha o elegante Marcos Mendonça como goleiro, apesar de ter sido chamado para compor o time principal<sup>302</sup>. Emergindo nos campos cariocas com grande destaque, jogadores como Chiquinho e Luis Antonio transformavam-se na expressão viva de um grande problema para os *sportmen* cariocas, divididos entre a rivalidade que os faziam tentar superar os paulistas a qualquer custo e os preconceitos que os levavam a excluir negros como eles dos selecionados da cidade.

No selecionado brasileiro, representante máximo da imagem que se pretendia criar para a nação nos campos, a questão se colocava de forma ainda mais complexa. Não se tratava então de definir somente o time de uma cidade, e sim a imagem da equipe que seria o atestado vivo do avanço esportivo da nação, sendo por isso a boa educação e a fidalguia critérios aos quais os diretores da Confederação atribuíam grande valor. A simples possibilidade da presença de negros em um selecionado

<sup>300</sup> - “Ata da reunião da diretoria de 3 agosto de 1916”, Livros de ata do Bangu, 21.1.1915-7.9.1917, fl.63.

<sup>301</sup> - “O foot-ball internacional”, Correio da manhã, 17 de maio de 1917.

nacional era assim, para jornalistas e *sportman*, motivo de riso - como atestava a tensão provocada durante o campeonato de 1919 pela presença no time uruguaio de Gradin, jogador do Peñarol. (Fig.29) Sendo o único negro entre as seleções que disputavam o campeonato, Gradin despertava a curiosidade da torcida e da imprensa, que lhe dedicava uma atenção toda especial. Ainda em 1916 um cronista que o vira jogando “de um modo notável” pelo selecionado uruguaio no sul-americano daquele ano mostrava todo seu estranhamento com a sua escalção no time uruguaio. “No Rio, o valor de Gradin seria fatalmente posto em dúvida pelo simples fato de se tratar de um homem de cor”, observava ele, afirmando serem os uruguaio “menos escrupulosos” que os brasileiros nessa questão<sup>303</sup>. A sua chegada com a delegação uruguaia no Rio de Janeiro em 1919 deu margem às mais ácidas ironias por parte da imprensa carioca. O jornal O Imparcial publicava, logo após seu desembarque, uma foto do jogador onde só se via de leve o vulto de uma pessoa. No dia seguinte, uma nota explicava ter sido um erro do impressor, que “tendo ouvido dizer que Gradin não era ‘blanco’ carregou na tinta e daí o tom negro da gravura”<sup>304</sup>. Demonstrando o desconforto que sentiam pela presença do “terrível preto do Peñarol” no torneio<sup>305</sup>, as ironias indicavam como, mesmo em um momento de tanto ufanismo nacional, a presença negra aparecia como um problema para muitos dos jornalistas e *sportmen*.

Para muitos dos que compartilhavam desse desconforto em relação ao destaque ganho por Gradin em meio à competição, ele poderia ser estendido a todos os brasileiros, não sendo uma questão restrita somente aos brancos. Sendo aquele campeonato encarado por muitos como um momento de consolidação da identidade nacional, não era de estranhar o aparecimento nos jornais ao fim do torneio de crônicas e cartuns que tentavam reafirmar a existência de uma homogeneidade no

<sup>302</sup> - Cf. “Ata da reunião da diretoria de 18 de maio de 1917”, Livros de ata do Bangu, 21.1.1915-7.9.1917, fl.85; e “O foot-ball internacional”, Correio da manhã, 17 de maio de 1917.

<sup>303</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 17 de julho de 1916. Segundo Eduardo Galeano, que afirma ser o Uruguai em 1916 o “único país do mundo que tinha jogadores negros na seleção nacional”, a presença de jogadores como Gradin no selecionado uruguaio já havia gerado em meio ao sul-americano de 1916 reclamações dos chilenos, descontentes “porque o Uruguai escalou dois africanos”. Cf. Eduardo Galeano, Futebol. Ao sol e à sombra, L&PM: Porto Alegre, 1995, pg 42. Ver ainda Tony Mason, Passion of the people? Foot-ball in South America, Londres: Verso, 1995, pg 30.

<sup>304</sup> - “O cliché de Gradin que ontem publicamos”, O Imparcial, 5 de maio de 1919. Poucos dias depois, no mesmo jornal, uma coluna de pilhérias esportivas assinada por um certo Dr. Manoel João dizia que Chiquinho iria “oferecer uma feijoada ao Gradin”, evidenciando a ligação que via entre ambos pelo fato de serem negros. Dr. João Manoel, “Falamos...”, O Imparcial, 7 de maio de 1919.

<sup>305</sup> - A expressão é usada no artigo “O campeonato sul-americano”, O Imparcial, 26 de maio de 1919.



modo que brasileiros de origem diversa encarariam a questão (Fig.30). Falando pela voz da empregada negra, o cartunista cria entre ela e a copeira uma afinidade de opiniões que caracterizaria, para ele, o sentimento geral após a conquista do campeonato. Unidos na vitória, os brasileiros mostrariam sua coesão e homogeneidade, na afirmação de sua superioridade sobre os povos dos outros países. A fala desarticulada e incorreta da copeira, que visava caracterizá-la como uma legítima representante das classes populares cariocas - definidas então na figura do Zé-povinho, que tinha nesse tipo de fala uma de suas marcas<sup>306</sup> - compunha a caracterização da aceitação, por parte dos negros cariocas, do mesmo tipo de visão propalada pelas ironias publicadas nos jornais ao longo do campeonato. “É que o preto no Brasil não quer ser preto”, explicava poucos dias antes outra nota do jornal falando da presença negra no Brasil - defendendo ser “um absurdo esperar que o negro ou o caboclo fosse mais ativo” na luta por um lugar na sociedade em um país em que mesmo os brancos, “apesar de suas vantagens, nada fazem por si mesmos”<sup>307</sup>. Fazendo da sua voz a voz de todos, esses cronistas construíam uma imagem de união nacional na qual os negros eram meros espectadores.

Na cabeça desses *sportman* fazia sentido, desse modo, que fosse branca a imagem da nação projetada nos campos. Para eles, o selecionado deveria necessariamente ser representado somente por jogadores como Marcos Mendonça - assim descrito em um poema da adolescência por Anna Amélia, namorada da juventude e futura esposa do *goal-keeper*:

“Foi sob um céu azul, ao louro sol de maio,  
Que um dia te encontrei, formoso como Apolo.  
(...)”

Marte fora modelo ao teu corpo de atleta.  
Adonis te emprestara a pureza do traço  
(...)”

Tens o porte viril de um guerreiro de Atenas  
Tens a nobreza e o ardor dos moços de outra idade  
Dos atletas e heróis entrando nas arenas  
tens a bela estatura e altiva majestade  
(...)”

Qual belo vencedor de algum torneio atlético

<sup>306</sup> - Cf. Marcos Silva, *Caricata república*, São Paulo: Marco Zero, 1989.

<sup>307</sup> - “A raça negra no Brasil”, *O Imparcial*, 14 de maio de 1919.

Que Pindaro cantou nos fortes epinícios,  
 Eu te encontrei de pé, com porte airoso e estético  
 Que se formava então nos ágeis exercícios.  
 Tal nos jogos florais e nos apolínaros  
 Adestrava-se o corpo e a idéia do nobre heleno,  
 Tu tens a perfeição das formas musculares  
 E o espírito são, elevado e sereno<sup>308</sup>.

À parte os exageros da paixão, a descrição da jovem namorada ressaltava os atributos que, para os próprios contemporâneos, pareciam marcar mais claramente a aparência do goleiro. Entrando sempre em campo com uma camisa de seda e uma fitinha roxa prendendo a bermuda, ele tinha no excesso de zelo com a própria imagem uma de suas principais características - que faria com que fosse lembrado por torcedores como Mário Lago, que foi ainda criança assistir a um de seus jogos, pela sua elegância, "não só nas defesas mas também na maneira de se vestir"<sup>309</sup>. Ele era assim, na definição do literato Humberto de Campos, "aristocrata em tudo", jogando futebol "com a gravidade de um sacerdote"<sup>310</sup>. Os traços de Adonis, a compleição física de Marte e a beleza ocidental de Apolo completavam, em Marcos, o espírito são e bem educado, moldado nas disputas esportivas como na Grécia antiga. Para Anna Amélia, era "como se estivesse diante de um grego, de um herói de uma olimpíada", como ela mesma escrevera em outra ocasião<sup>311</sup>. Personificando a marca de refinamento que *sportmen* tentavam então dar ao jogo, o goleiro do selecionado seria para eles um ótimo representante da nação dentro dos campos, constituindo um herói perfeito para a massa de torcedores negros e brancos que torciam por ele nos arredores do estádio.

Não era assim de se estranhar que, depois da vitória brasileira no campeonato de 1919, um dos poetas que tinham seus versos transcritos nos jornais ligasse diretamente o êxito do selecionado nacional às "conquistas do passado" dos nossos

<sup>308</sup> - Ana Amélia Carneiro de Mendonça, "Poen", in 50 poemas, Rio de Janeiro: São José, 1957, pg 18.

<sup>309</sup> - Conferir o depoimento prestado em 1979 pelo ator à revista Placar - As maiores Torcidas do Brasil - Fluminense, abril de 1979, pg 26.

<sup>310</sup> - PÉ- Lópidas (Humberto de Campos), "Pés... de Anjo - Marcos", A Maça, 1 de julho de 1922, APUD Marcos de Mendonça, Foot-ball - Recortes de Jornal, op.cit. O goleiro chega a ser acusado pelo cronista de se recusar, em nome de sua elegância, a pular em bolas que o obrigassem a cair no gramado e sujar sua camisa de seda: "a bola passa, mas ele não arrasta a camisa no chão". O próprio Marcos Mendonça, no depoimento prestado ao MIS, reconhecia que não costumava pular no chão - o que ele justificava pela sua técnica.

<sup>311</sup> - APUD Anatol Rosenfeld, "O futebol no Brasil", op.cit., pg 81.

“lusos pioneiros”<sup>312</sup>. Por mais que fosse negra grande parte da torcida que vibrava com as vitórias do time brasileiro, ele deixava então de lado a herança africana e indígena da formação brasileira, discutida por intelectuais e literatos diversos, para formar uma ligação direta com a tradição ocidental à qual se apegavam cronistas esportivos e esportistas elegantes na comemoração dos sucessos esportivos nacionais. As ofertas da Liga Suburbana, que “modesta e humilde” colocava seus jogadores à disposição da Confederação para formar o selecionado que disputaria o campeonato de 1919 - em um gesto justificado por seus dirigentes pelo seu “elevado sentimento patriótico e vontade de ver o nome do Brasil muito alto” - eram assim recusadas de pronto pelos dirigentes da Confederação Brasileira de Desportos<sup>313</sup>. Não tendo na maior parte das vezes os atletas suburbanos o mesmo refinamento e os mesmos traços físicos de jogadores como Marcos Mendonça, a oferta tornava-se entre os cronistas esportivos da cidade motivo de piada<sup>314</sup>. Condenados ao papel de meros torcedores, os negros e mestiços espalhados pela cidade seriam, aos olhos dos dirigentes esportivos, agentes passivos do processo de afirmação de uma identidade na qual eles não poderiam se reconhecer.

Para esses torcedores negros que compareciam em massa aos jogos do campeonato daqueles anos, no entanto, as coisas não pareciam ser assim tão evidentes. Se mesmo com ausência em seus quadros de jogadores com os quais pudessem se identificar torciam pelo selecionado nacional, nem por isso deixariam de expressar em outros momentos a força de uma identidade que parecia não ter lugar no perfil construído pelos *sportman* para o time brasileiro. A relação que estabeleceram com Gradin durante a disputa do campeonato de 1919 era, nesse sentido, reveladora. Por mais que vissem nele um adversário, desejando a derrota do seu time em campo, esses torcedores negros patrocinavam cenas como aquela descrita por um jornalista que presenciou a chegada da delegação uruguaia no Rio de Janeiro:

“O negro Gradin, o formidável *forward* uruguaio, quando ontem, guiado amavelmente pelo *sportsman* N. Bittencourt (...), transpunha o portão do Lloyd, foi saudado por três marinheiros nacionais, colegas de cor, que, batendo palmas, exclamaram:

- Aí, batuta!... Mostra ao branco que o pé de preto é branco”<sup>315</sup>.

<sup>312</sup> - Moacyr Chagas, “Hurrah! Aos bravos defensores do pavilhão brasileiro no campeonato sul-americano”, O Imparcial, 1 de junho de 1919.

<sup>313</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 17 de abril de 1919; e “Confederação Brasileira de Desportos e Liga Suburbana”, Gazeta suburbana, 19 de julho de 1919.

<sup>314</sup> - Cf. Perigoso, “Driblando...”, O Imparcial, 18 de abril de 1919.

<sup>315</sup> - “Uma manifestação a Gradin”, O Imparcial, 4 de maio de 1919.

Deixando os *sportmen* que acompanhavam o jogador uruguaio “rubros” de vergonha, o episódio mostrava que não era tão simples a relação da torcida negra e mestiça com o selecionado nacional. Embora não deixassem de torcer por ela, juntando-se ao entusiasmo geral que tomava conta de muitos grupos, torcedores como os dois marinheiros acima evidenciavam que outras redes de identidade os fazia ver em Gradin um aliado, extrapolando nesse movimento as fronteiras nacionais. Jogando lado a lado com jogadores como Marcos Mendonça, ele poderia mostrar nos campos aos próprios brasileiros a igualdade que os marinheiros tentavam afirmar com sua saudação - para afirmar que, ao contrário do que pensavam os dirigentes esportivos nacionais, a cor da pele não seria um fator de hierarquização entre os jogadores e sim sua habilidade com os pés.

Batendo palmas para Gradin, esses marinheiros demonstravam ter com ele uma afinidade que, ao longo do campeonato, seria atestada pelos próprios desenhistas dos grandes jornais cariocas (Fig.31). Se ao término da competição os caricaturistas tentariam novamente forjar a identidade ente todas as etnias, como mostrava a caricatura anterior, no momento da disputa as diferenças pareciam se colocar de maneira muito clara - gerando a identidade expressa na imagem da mulher negra que torce por Gradin, atribuindo a ele uma caracterização habitualmente usada na cidade para designar negros de destaque em suas respectivas áreas de atuação. Explicitando a tensão que emergiria no ano seguinte durante os festejos em homenagem ao monarca belga, a identificação dos torcedores negros com Gradin mostrava que, para eles, o futebol podia afirmar uma imagem muito diferente do que aquela projetada pelos apolíneos jogadores que vestiam em campo a camisa nacional - chegando mesmo a se constituir em um campo de afirmação de igualdade, como mostravam os comentários dos dois marinheiros no cais do porto.

Tornando-se cada vez mais evidente, essa tensão étnica presente no interior de um sentimento nacional mostraria sua força em 1921, durante os preparativos do selecionado que disputaria naquele ano na Argentina o campeonato sul-americano. Como acontecia todos os anos, a escolha dos jogadores que compunham a delegação causava grande celeuma, dando margem a acirrados debates na imprensa esportiva. Comentando os critérios adotados na escolha, o jornal O Imparcial - de propriedade de do deputado Macedo Soares, eleito poucos meses antes presidente da

Confederação Brasileira de Desportos<sup>316</sup> - saía em defesa da entidade, afirmando ser a fragilidade da equipe resultante da nova negativa dos paulistas em cederem jogadores para o selecionado. Não eram só esses, porém, os motivos das reclamações, o que leva o cronista esportivo do jornal a uma impensada confissão:

“(…) Admitamos, mesmo que alguns dos elementos escalados pudessem ser ainda substituídos com acerto por outros, tecnicamente mais aptos e sabidamente disponíveis.

Há que atentar, porém, em que a organização de uma delegação representativa de um país deve estar sujeita a outras restrições...”<sup>317</sup>.

Trazendo à tona novamente um critério de escolha dos jogadores que punha a educação e o refinamento à frente do valor esportivo dos jogadores, o articulista acaba por explicitar algo que, na maior parte das vezes, não era dito, apesar de ser uma regra comum: a de que havia restrições evidentes à presença de certa classe de jogadores no selecionado nacional. Correndo “de boca em boca em todas as camadas desportistas”, tornando-se o “assunto predileto” das discussões na cidade, começava a se formar a suspeita convertida em denúncia em setembro daquele ano pelas páginas de O Paiz por Cesarino César, destacado membro da Liga Suburbana:

“Discute-se acaloradamente, trocam-se idéias baseadas nas mais sólidas argumentações, sob o comentário que, correndo vertiginosamente, invadiu todas as rodas desportivas! E público e notório é que os nossos *sportsmen* comentam, talvez sem razão de ser, que os dirigentes do *sport* nacional não querem, de maneira alguma, incluir no quadro que deve partir para Buenos Aires, representando o Brasil nas lutas do campeonato sul-americano, a travar-se em setembro próximo, jogadores de ‘cor’!”<sup>318</sup>

Alimentado por declarações como aquela prestada pelo cronista d’O Imparcial, o “boato” aparecia no Rio de Janeiro como uma verdadeira bomba. Explicitando de maneira aberta as motivações que há tempos alimentavam a escolha do selecionado nacional, a suspeita transformava o que era até então uma certeza muda, um preconceito acobertado, em uma proibição aberta e franca. Para o articulista, esse seria um “gesto impatriótico” que faria “baquear as conquistas mais nobres dos nossos republicanos históricos” - entre os quais inclui José do Patrocínio, Rui Barbosa e outros que teriam demonstrado “que no Brasil não devia existir preconceito de raça”.

<sup>316</sup> - Cf. “A presidência da Confederação”, Sport Ilustrado, 2 de abril de 1921.

<sup>317</sup> - “A organização do scratch”, O Imparcial, 14 de setembro de 1921.

<sup>318</sup> - Cesarino Cesar, “O sul americano - Negros e mulatos”, O Paiz, 27 de julho de 1921.

Disseminado pela cidade, o assunto ganhava foros de uma grande polêmica, evidenciando a crescente tensão que acompanhava o tema.

Nos meses seguintes um novo dado daria ao boato que se espalhava pela cidade um caráter ainda mais grave. Tendo o governo brasileiro auxiliado em 50:000\$000 a Confederação Brasileira de Desportos para que essa pudesse mandar sua representação para o campeonato sul-americano, o próprio presidente Epitácio Pessoa - que já era então membro de honra da entidade - teria feito a ela uma exigência: “a não ida para o Rio da Prata de jogadores que não sejam rigorosamente brancos”<sup>319</sup>. Deixando de ser uma simples resolução de diretores esportivos para tornar-se um assunto oficial, a questão assumia nova relevância, tornando ainda mais intensas as discussões sobre o assunto. Não estavam em jogo apenas as regras estipuladas pela diretoria da entidade, mas sim o lugar que o próprio governo brasileiro definia então para os negros e mestiços - o que tornava o assunto muito mais palpitante para os dois lados em disputa. Por mais que a diretoria da Confederação se apressasse em negar a informação, desmentindo em nota oficial tanto a intervenção do presidente quanto as supostas restrições à convocação dos jogadores “por questões de cor e raça”<sup>320</sup>, o assunto já se espalhara por toda a cidade, fazendo daquele um momento chave para a explicitação das contradições envolvidas na construção de uma identidade geral entre os torcedores brasileiros.

Os desmentidos oficiais da diretoria da Confederação não pareciam ter muita força frente a uma constatação que, para os contemporâneos, parecia evidente: a de que, nos campos, continuava a ser branca a imagem do selecionado brasileiro que se preparava naquele ano para o sul-americano. Confirmada em uma entrevista concedida por Ferreira Vianna, membro da comissão técnica da Confederação<sup>321</sup>, a suspeita tinha fundamentos muito claros para qualquer um que acompanhasse os preparativos do selecionado naquele ano. Por mais que jogadores negros de destaque como Luiz Antonio já conseguissem ser chamados algumas vezes para os selecionados - como aconteceu durante os treinos do time que representaria o Brasil no sul-americano de 1919, no qual ele figurava no time B, ou no dia da festa em homenagem ao Rei

<sup>319</sup> - “Para o campeonato sul-americano”, *Correio da Manhã*, 17 de setembro de 1921. Sobre o título honorífico do presidente e o valor do auxílio, conferir “Sócios honorários” e “Balança em 31 de dezembro de 1921”, *Confederação Brasileira de Desportos. Relatório apresentado pela diretoria 1920-1921*, Rio de Janeiro: Papelaria Luiz Monteiro, s/d; e “Foot-ball”, *O Paiz*, 14 de setembro de 1921.

<sup>320</sup> - Cf. “Uma nota oficial da Confederação”, *O Paiz*, 18 de setembro de 1921.

Alberto, quando ficou na reserva do time da região norte<sup>322</sup> - o perfil do time escolhido não deixava dúvidas sobre a impossibilidade de sua presença no selecionado (Fig.32). Formada somente por jovens de traços finos e aparência elegante, quase todos sócios dos grandes clubes do Rio de Janeiro, o selecionado brasileiro era então a imagem acabada do preconceito<sup>323</sup>. Excluindo novamente de sua formação jogadores negros, desta vez não contava sequer com mestiços como Friedenreich, que junto com outros paulistas deixava novamente de servir à seleção. Corroborando o sentido dado ao nacionalismo por aqueles que insistiam em ver o orgulho nacional na educação e no refinamento apresentado pelos jogadores, o selecionado personificava então o perfil desejado por muitos *sportmen* para o futebol nacional.

A situação dividia a imprensa carioca. Enquanto os cronistas de alguns jornais como O Imparcial, ligado ao presidente da Confederação, calavam sobre o assunto, parecendo concordar com as restrições impostas, outros faziam da proibição à presença de negros no selecionado o mote principal de suas críticas à diretoria da entidade. A presença de alguns jogadores “cujo nível moral está muito aquém de alguns de ‘cor’” indicava para estes tratar-se claramente de uma questão racial, nada tendo a ver a restrição com o nível social dos jogadores envolvidos<sup>324</sup>. Preferindo chamar para os treinos jogadores “na sua quase totalidade de segundos e terceiros teams”<sup>325</sup> a ver em campo jogadores negros de maior qualidade técnica, a diretoria da Confederação recebia críticas como aquela formulada pelo redator esportivo do jornal O Paiz: atacando Almeida Netto, um dos jogadores escalados no selecionado brasileiro, ele afirma ser Luis Antonio um “ótimo substituto”, cobrando ainda a inclusão no time de outros jogadores negros como Antenor, do Bangu<sup>326</sup>. Até lideranças operárias, como Maurício de Lacerda, vinham a público dar sua opinião, estampando nas páginas do jornal O Avante um artigo no qual atacava a “deliberação

---

<sup>321</sup> - Cf. “Com quem está a verdade?”, O Paiz, 19 de setembro de 1921.

<sup>322</sup> - Cf. O Malho, 19 de abril de 1919, que traz uma foto de Luis Antonio no time B que treinava contra o selecionado de Marcos Mendonça; “Ata da sessão da diretoria de 30 de novembro de 1920”, Livros de ata do Bangu A. C., 13.12.1919-15.12.1921; e O Paiz, 27 de setembro de 1920.

<sup>323</sup> - Do próprio Bangu, time de Luis Antonio, eram chamados jogadores brancos como Américo Pastor. Cf. “Ata da sessão de diretoria de 14 de julho de 1921”, Livros de ata do Bangu A. C., 13.12.1919-15.12.1921, pg 365.

<sup>324</sup> - “O scrath brasileiro”, O Paiz, 15 de setembro de 1921.

<sup>325</sup> - “Para o sul-americano”, Correio da Manhã, 27 de julho de 1921.

<sup>326</sup> - “Para o campeonato sul-americano”, O Paiz, 16 de setembro de 1921. Outros cobravam a inclusão no time dos jogadores do Andaraí, definido como o clube que “maior contingente de

idiota” da Confederação. Lembrando o valor de mestiços como Friedenreich e de negros como Gradin, ele afirmava ser a decisão prejudicial não só no que tange “à fraternidade humana”, mas também à própria “unidade nacional”<sup>327</sup> - pois, como lembrava Cesarino César, da Liga Suburbana,, os jogadores excluídos seriam todos “brasileiros natos, gozando de todas as prerrogativas das nossas leis sociais, sportivas, comerciais, diplomáticas, intelectuais, etc.”. Levando à disputa do campeonato “um *scratch* composto de elementos que não representam o expoente máximo” do futebol nacional, a atitude desses diretores seria assim completamente anti-patriótica, “expondo o Brasil ao ridículo”<sup>328</sup>. Por mais que esses protestos pudessem ser alimentados por motivos menos nobres, como as disputas de poder no seio da Confederação, suas críticas ecoavam boatos e opiniões nascidos nas ruas a partir do “descontentamento dos brasileiros” que queriam, “devido à forte intransigência dos de cima, dar o seu grito de alarme”<sup>329</sup> - dando voz a um tipo de conflito que ficava muitas vezes oculto sob o manto do entusiasmo nacional generalizado.

O “pouco interesse” que despertavam a princípio naquele ano os treinos do selecionado indicavam também o descontentamento de boa parte dos torcedores com as restrições aparentemente impostas pela Confederação<sup>330</sup>. Mais do que nunca, a atitude atribuída aos seus diretores parecia por em cheque a identidade geral formada pela torcida, compartilhada entre os vários grupos da cidade. A aproximação do campeonato serviria porém como um forte revigorante para o entusiasmo geral pelo selecionado brasileiro. Apesar de todas as críticas, os campos voltavam a apresentar uma “boa assistência” nos dias de treino, e a expectativa aumentava com a partida do selecionado para a Argentina<sup>331</sup>. Todos pareciam juntar-se novamente em uma mesma torcida, como acontecia a cada ano durante os campeonatos internacionais. Espremidos em frente à redação do jornal O Paiz, os muitos torcedores da cidade mostravam porém que, se o sentimento nacional lhes inspirava ainda a mesma ansiedade e a mesma torcida em relação ao selecionado, suas ambigüidades não deixariam de se fazer presentes - aparecendo nos jornais graças ao descontentamento

---

jogadores poderia fornecer para o *scratch* brasileiro”. “O presidente da República não quer homens de cor no *scratch*”, Correio da Manhã, 17 de setembro de 1921

<sup>327</sup> - Maurício de Lacerda, “No campeonato sul-americano”, APUD O Paiz, 20 de setembro de 1921.

<sup>328</sup> - Cesarino César, “Trinca intinerante”, O Paiz, 17 de setembro de 1919.

<sup>329</sup> - “Para o campeonato sul-americano”, Correio da Manhã, 17 de setembro de 1921.

<sup>330</sup> - Cf. “Foot-ball”, O Paiz, 27 de julho de 1921.

<sup>331</sup> - “O *scratch* Célio de Barros - Ferreira”, O Paiz, 19 de setembro de 1921.



de cronistas contrários à diretoria da Confederação. Abrindo as páginas de seus jornais para um tipo de crítica em geral desconsiderada pela grande imprensa da cidade, eles traziam à tona finalmente a tensão sobre a qual se construía a identidade afirmada nos campos, que desde 1919 se fazia presente em episódios como a saudação dos marinheiros negros a Gratin. Comentando a derrota do selecionado brasileiro para os argentinos por diferença de apenas um gol, um deles afirmava que o time nacional poderia vencer caso enviasse à Argentina “um *scratch* de verdade” - ou seja, um selecionado que não vetasse a participação de quem quer que seja<sup>332</sup>. Torcendo por uma nação na qual tentavam se enxergar, torcedores negros e mestiços lutavam contra sua própria exclusão, fazendo do patriotismo uma arma com a qual cobravam sua inclusão nos times nacionais e na própria imagem do país.

Sem apagar outros níveis possíveis de articulação, como as identidades regionais, e sem anular as desigualdades e distinções sociais que se escondiam sobre uma mesma bandeira, o sentimento nacional compartilhado pelos torcedores cariocas tinha assim para muitos deles contornos precisos. Longe de ser uma substância inerte que se abatia sobre os habitantes do Rio de Janeiro, apagando suas diferenças, a identidade nacional projetada nos campos aparecia como o resultado de um conflituoso processo de disputas em torno da imagem da nação. Se para contemporâneos como Gilberto Amado o nacionalismo - expressão “tão freqüentemente usada, mas tão pouco definida” - já podia ser entendido como “a defesa do conjunto dos nossos valores nacionais para constituir um princípio de ação política e um motivo de entusiasmo individual”<sup>333</sup>, o sentido dessa ação não seria, certamente, o mesmo para todos os brasileiros. Ainda que os muitos torcedores que acompanhavam as disputas internacionais na cidade experimentassem individualmente um orgulho que seria compartilhado por todos, os significados que ele assumia para cada um destes grupos indicava o caráter polissêmico desse sentimento, que fazia desta identidade um terreno de negociações e disputas.

Eventos como a festa em homenagem ao Rei Alberto englobavam assim, em um mesmo movimento, processos de identificação geral e de definição de distinções diversas. Por mais que a intenção dos entusiastas da festa fosse a de pintar um retrato

<sup>332</sup> - “Campeonato sul-americano”, O Paiz, 2 de outubro de 1921. O selecionado brasileiro seria ainda derrotado pelo mesmo placar pelos uruguaiois, vencendo somente o time do Paraguai. Cf. “Foot-ball”, O Paiz, 13 e 22 de outubro de 1921.

do país em toda sua harmonia, força e homogeneidade, a imagem final por ela passada evidenciava que, se de fato esse sentimento nacional existia, ele era feito de diferenças e de antagonismos. Longe de constituir-se como uma camisa de força, a identidade geral propiciada pelo futebol conferia aos muitos torcedores presentes ao evento um campo de diálogo e disputa, a partir do qual cada grupo, a seu modo, tentava lutar pela nação que desejava. Se todos podiam compartilhar, em momentos como o desfile de 1920, a devoção por uma mesma nação, essa era certamente uma nação de desiguais, feita de lutas, tensões e conflitos diversos entre seus filhos.

O início dos preparativos para o campeonato sul-americano de 1922, a ser realizado novamente no Brasil como parte dos festejos pelo centenário da independência do país, parecia indicar que a paz voltava enfim ao futebol brasileiro. Depois de um acordo entre as ligas paulista e carioca, a taça Ioduran acabou sendo doada no ano anterior ao Museu da Ipiranga, dando fim à causa dos desentendimentos que impediam a união dos jogadores das duas cidades no selecionado nacional<sup>334</sup>. Apesar dos boatos nos jornais cariocas, que insistiam em duvidar da presença dos paulistas na disputa do sul-americano, esses voltariam a compor, depois de mais de dois anos de ausência, o time brasileiro<sup>335</sup>. Além da presença dos paulistas, a Confederação promovia no Rio de Janeiro uma disputa entre selecionados dos diferentes estados, para subsidiar a escolha de um selecionado verdadeiramente nacional<sup>336</sup>. Amenizadas as disputas políticas entre os *sportmen* da própria cidade, sumiam também das colunas esportivas da imprensa carioca as acusações quanto à proibição a negros e mestiços no selecionado. Tudo parecia, enfim, preparado para a realização de uma grande festa da nacionalidade - na qual o futebol seria um meio de efetivar, como pedia anos antes um cronista comentando os festejos a serem realizados

<sup>333</sup> - Gilberto Amado, "Nacionalismo", in *Aparências e realidades*, op.cit., pg 105.

<sup>334</sup> - Cf. "A Taça Ioduran vai para o Museu da Ipiranga, resolvendo-se assim o caso do rompimento das relações sportivas Rio X S. Paulo", *O Paiz*, 26 de outubro de 1921; e "Reatamento das relações entre a Liga metropolitana de Desportos terrestres e a Associação Paulista de Sports Atléticos", *Confederação Brasileira de Desportos. Relatório apresentado pela diretoria 1920-1921*, op.cit., pp 10-12.

<sup>335</sup> - Sobre a possibilidade de ausência dos paulistas, ver "Um boato infundado sobre os players paulistas", *O Paiz*, 30 de agosto de 1922; e "Os paulistas não darão jogadores para o campeonato do centenário", *O Paiz*, 28 de agosto de 1922..

<sup>336</sup> - "Uma explicação necessária", *O Paiz*, 1 de agosto de 1922.

na ocasião, um evento que impressionasse a “imaginação popular” deixando “na memória do povo o traço forte das emoções patrióticas”<sup>337</sup>.

Atraindo às recém ampliadas arquibancadas do Fluminense um público ainda maior do que o que vinha acompanhando os jogos internacionais nos anos anteriores, a disputa do campeonato parecia então um grande sucesso<sup>338</sup>. Apesar da campanha modesta, na qual o selecionado nacional empatou com chilenos e uruguaios, vencendo apenas argentinos e paraguaios, os brasileiros conquistaram então pela segunda vez o troféu da competição<sup>339</sup>. Defendendo novamente em campo as cores brasileiras, Marcos Mendonça voltava a aparecer para a torcida carioca como um dos destaques do time<sup>340</sup>. Tendo sido convocado para a competição depois de permanecer por quase três anos longe dos gramados, que abandonara após a vitória do Fluminense no campeonato carioca de 1919, ele experimentava mais uma vez a sensação de ser ovacionado por torcedores das mais diferentes origens. Ídolos de todos, Marcos e seus companheiros, além de receber as mais diversas homenagens e prêmios pelo feito<sup>341</sup>, tornavam a assumir a feição de grandes heróis da nacionalidade.

A conquista de tantas glórias não demoveria porém o *goal-keeper* de sua decisão de abandonar os campos. Embora ele mesmo justificasse sua atitude pela necessidade de “fazer a virada da vida”, entregando-se somente à administração de seus negócios<sup>342</sup>, ela parecia ser alimentada também naquele momento por outros fatores. Como muitos de seus contemporâneos, Marcos já parecia perceber que definitivamente o futebol não era mais, naquele momento, o esporte que ele desejava nos seus primeiros tempos de jogador,. Lamentando a mudança, Marcos falaria com saudades de seus primeiros tempos no futebol, quando a presença de dois mil torcedores já era “um grande sucesso de público” - relembrando, saudosos, o tempo em que o futebol era um “hobby” praticado por pessoas que, como ele, tinham outros meios de sustento.

<sup>337</sup> - “O centenário”, O Paiz, 13 de agosto de 1920. Sobre os debates no período acerca dos festejos do centenário, ver Marly Silva da Motta, *op.cit.* .

<sup>338</sup> - No primeiro jogo brasileiro, contra os chilenos, um jornal chega a calcular o público em 40.000 pessoas. Cf. O Paiz, 18 de setembro de 1922.

<sup>339</sup> - Cf. O Paiz, 23 de setembro de 1922.

<sup>340</sup> - “O keeper Marcos está em excelentes condições de treino”, O Paiz, 31 de agosto de 1922.

<sup>341</sup> - O senador benjamin Barroso chega a apresentar no senado um projeto propondo que fosse concedido aos jogadores brasileiros vitoriosos no torneio o prêmio de 50 contos de réis. “Um prêmio de 50 contos para os campeões de foot-ball do continente”, O Paiz, 25 de outubro de 1922.

Nem o orgulho de transformar-se em grande glória nacional parecia sensibilizar o ainda jovem goleiro - que tinha, em 1922, apenas 27 anos. Se era saudado pela torcida carioca, Marcos Mendonça continuaria ainda a ter sua qualidade posta em dúvida por torcedores e *sportmen* de São Paulo, em uma rivalidade que nunca deixou de se fazer presente<sup>343</sup>. Por outro lado o prestígio gerado pela febre nacionalista que passou a acompanhar o jogo, embora alimentasse sua visível vaidade, fazia o futebol perder muito da elegância e da distinção que o levaram a praticá-lo alguns anos antes. Os eventos ocorridos durante a disputa do sul-americano daquele ano - quando a torcida carioca, invadindo o gramado e atirando objetos no árbitro, patrocinou “cenas de verdadeiro vandalismo”, que obrigavam a polícia a publicar notas nos jornais reafirmando as proibições a essas práticas<sup>344</sup> - mostravam a ele que a forma do orgulho nacional demonstrado por grande parte dos torcedores não era o mesmo daquele compartilhado pelos jovens e elegantes rapazes e moças das mais finas famílias da cidade que o acompanhavam no início da sua carreira. Para ele, parecia claro que aquele nacionalismo era feito de vozes e aspirações muito diferentes daquelas projetadas por *sportmen* como ele. Sem iludir-se com o papel de grande herói nacional, Marcos acaba assim abandonando definitivamente os campos. Embora viesse depois disso a disputar ainda algumas poucas partidas ocasionais por seu clube<sup>345</sup>, terminava desta forma, asfixiada pela rápida difusão do jogo da bola, a carreira daquele que era considerado, então, o maior *goal-keeper* do Brasil.

A atitude de Marcos Mendonça indicava a existência de fissuras que marcavam, mesmo em momentos de aparente harmonia e civismo, como as comemorações do centenário da independência, a coesão pretendida para o país nos campos e em outros espaços simbólicos. Fazendo dos jogos do selecionado uma motivo de orgulho

---

<sup>342</sup> - É a explicação que ele dá, já muitos anos depois, no depoimento gravado no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. Cf. Depoimento de Marcos Carneiro de Mendonça. MIS-RJ.

<sup>343</sup> - Para os cariocas, era objeto de “curiosos comentários” o fato de que, sem os paulistas, o selecionado tivesse vencido os paraguaios por 3 gols, sendo que com a presença destes a primeira disputa entre os dois selecionados em 1922 terminara empatada. Já os paulistas, comandados por Friedenreich, não poupavam críticas ao tratamento a eles dispensados pela Confederação, ameaçando constantemente retirar-se da competição. Cf. “Coisas do foot-ball”, *Correio da manhã*, 25 de setembro de 1922; “Os sports no centenário”, *Correio da Manhã*, 27 de setembro de 1922; “A anarquia do sport oficial”, *Correio da Manhã*, 29 de setembro de 1922; e “Em torno da famosa entrevista”, *Correio da manhã*, 30 de setembro de 1922.

<sup>344</sup> - Cf. *Correio da Manhã*, 18 de setembro de 1922; e “A polícia vai cumprir as disposições legais”, *Correio da Manhã*, 19 de setembro de 1922.

nacional, torcedores diversos mostravam a importância que já conferiam a esse sentimento compartilhado, colocando-se como parte ativa do seu processo de consolidação. Manifestando com entusiasmo um nacionalismo de significado muito diferente daquele defendido pelos intelectuais que discutiam então os rumos do país, eles lhe conferiam sua própria marca. Coexistindo com outros níveis de identidade, a afirmação do pertencimento à comunidade nacional permitia aos muitos trabalhadores que se apertavam pelas gerais ou pelos morros ao redor do estádio expor o processo de exclusão social que outras leituras desse sentimento tentavam negar. Lutando não somente em torno de questões econômicas ou políticas, mas também pela legitimidade de seus valores e aspirações, definiam outros espaços para as disputas sociais, fazendo da cultura um campo de efetivação de negociações e embates diversos. Somente estando atentos para esse conflituoso processo, que levou Marcos e outros *sportmen* a reconhecer a derrota tanto do modelo de futebol quanto da idéia de nação que defendiam, poderemos deixar de lado uma dúvida expressa, ainda em 1922, por um observador tão mordaz como Lima Barreto: indignado com o fato de indivíduos que não davam “para nada” se tornassem grandes “heróis nacionais”, tentava entender a lógica que transformava esses “heróis esforçados”, que nada fizeram para o benefício comum”, em verdadeiras “glórias do Brasil”<sup>346</sup>.

---

<sup>345</sup> - É o que acontece, por exemplo, em 1928, quando ele, a pedido da diretoria, disputa quatro jogos pelo Fluminense devido à impossibilidade de vários jogadores do time. Cf. Fluminense Foot-ball Club. Relatório dos trabalhos concernentes ao ano de 1928, Rio de Janeiro: S/e, 1929, pg 68.

<sup>346</sup> - Lima Barreto, “O herói”, Careta, 18 de novembro de 1922 e “As glórias do Brasil”, 7 de janeiro de 1922, APUD Faixas e mafuás, São Paulo: Brasiliense, 1956, pg 272.

## Capítulo 3 - O jogo dos sentidos

Consolidada nos campos cariocas no final da década de 10, a “*footballmania*” - expressão cunhada em 1915 pelo jovem Fernando Azevedo<sup>1</sup> - aparecia para os contemporâneos como um fenômeno de difícil compreensão. Entusiasmado grupos diversos e unindo em identidades comuns sujeitos radicalmente diferentes, o futebol conquistava definitivamente todas as atenções, tornando-se um elemento importante da experiência de inúmeros grupos sociais. Qual seria no entanto o sentido deste novo fenômeno para os diversos sujeitos com ele envolvidos? O que podia significar, em uma cidade que nos primeiros anos da República crescia e se industrializava rapidamente, recebendo trabalhadores de procedências diversas, a emergência desta “febre” que ia contagiando a todos?

Poucos foram os historiadores que, nos últimos tempos, tentaram responder a essas questões. Dentre eles destaca-se Joel Rufino dos Santos, que em um pequeno livro sobre a História política do futebol brasileiro<sup>2</sup> tenta analisar de forma sucinta a lógica da popularização do jogo no Brasil. Para ele esta seria, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, o resultado direto da intervenção dos patrões, das autoridades e do poder público. Esta intervenção adquire, em seu livro, um duplo sentido - explicitado pelas análises que faz dos casos das duas cidades. Na capital paulista, a emergência das greves operárias de 1917 teria feito “ver às autoridades e aos industriais que a cidade precisava de um *esporte de massas*, como uma criança que se manda brincar *para queimar energias*”; os operários teriam sido, então, “mandados jogar futebol”, e os empresários se apressado “em construir *grounds*”<sup>3</sup>. O esforço para recuperar o controle e harmonizar a produção depois das greves teria assim, no jogo,

---

<sup>1</sup> - Cf. Fernando de Azevedo, “A *footballmania*: o verdadeiro valor do esporte inglês no plano geral da educação física”, in Da educação física, São Paulo/ Rio de Janeiro: Weiszflog irmãos, 1920 (1915), pg 230.

<sup>2</sup> - Joel Rufino dos Santos, História política do futebol brasileiro, São Paulo: Brasiliense, 1981.

<sup>3</sup> - Idem, p. 22.

um poderoso aliado - fazendo do futebol um eficiente elemento disciplinador, usado diretamente pelos patrões<sup>4</sup>.

Já no Rio, embora a disciplina também se fizesse presente, são outros os sentidos que o autor vê na disseminação do jogo: abalado pela intensiva atuação dos capoeiras nos conflitos de rua gerados em 1904 pela Revolta da Vacina, o “governo” teria começado a estimular a sua difusão como forma de substituir a capoeira, que estaria sendo “morta” pela polícia<sup>5</sup>. Distraindo a população carioca com um jogo que ajudasse a afastá-la de suas tradições de luta, o futebol transforma-se assim em grande vacina do poder público contra a repetição de revoltas como a de 1904. O que em São Paulo seria um esporte que, patrocinado pelos industriais, equivaleria a um ensinamento de disciplina e de harmonia, assumia assim no Rio de Janeiro a feição de um poderoso instrumento de alienação, capaz de distrair os trabalhadores de seus problemas e dificuldades. Nos dois casos discutidos pelo autor o futebol aparece, portanto, como um elemento externo à experiência daqueles que o praticavam: como imposição ou como dádiva, é pelas mãos de seus algozes que os trabalhadores do período teriam se interessado pelo jogo da bola. Disseminado pelas mãos do poder público que “isentaram os campos de impostos”, dos industriais que “se apressavam em construir *grounds*”, e da polícia “que parou de reprimir os rachas em terrenos baldios”, o futebol assume na obra de Joel Rufino o caráter de uma invenção maquiavélica, um eficaz e inescapável meio de controle sobre as classes populares - as tais “crianças” que, sem vontade própria, são induzidas a perder suas energias com o jogo.

Pensar sobre os sentidos da popularização do futebol não foi porém um atributo exclusivo dos historiadores da atualidade. Presenciando este processo, vários

---

<sup>4</sup> - Micael Herschmann e Kátia Lerner (*op. cit.*, pp. 35-60) ressaltam também o caráter disciplinar do jogo, mostrando-se no entanto atentos para os problemas desse tipo de análise. Sobre a caracterização do futebol como uma força disciplinadora, é interessante atentarmos ainda para o trabalho de Margareth Rago no livro *Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Embora seja uma tentativa de entender a experiência da classe operária em São Paulo no período, não tendo sua atenção voltada primordialmente para o futebol, a autora mostra como, no período, os campos de futebol apareciam como um importante elemento na caracterização das vilas operárias - espaços de ordenação dos trabalhadores, que serviriam segundo um de seus entusiastas como formas de resolver “o conflito entre capital e trabalho”. Ele teria, assim, um duplo papel: por um lado, ajudava a manter o operário em um espaço de ordem e disciplina, livrando-o do caos e da desordem das ruas; por outro daria aos trabalhadores o relaxamento necessário para que, depois, voltassem a produzir melhor. (pp 180-181).

foram os escritores que, já na nas primeiras décadas do século, se entregaram à tentativa de interpretá-lo, usando-o como uma forma de expressar seus diferentes projetos sociais - não necessariamente de acordo com o modo pelo qual o jogo era praticado pelas ruas. Analisar os significados que os contemporâneos atribuíam ao novo fenômeno pode ser, por isso, uma boa maneira de tentar entender mais a fundo os motivos da rápida difusão do futebol - em um caminho que, nos ajudando a apreender o sentido específico das diferentes posições formuladas nos debates sobre o jogo, possa também iluminar a lógica da construção de muitas das características ainda hoje associadas a ele.

### **A literatura entra em campo**

Dentre os muitos escritores que tentaram explicar a surpreendente difusão do jogo da bola, atribuindo-lhe um sentido mais geral, destacava-se a figura de um homem baixo, franzino e míope que, mesmo sem poder entregar-se às delícias do jogo da bola, assumiria o papel de verdadeiro entusiasta do esporte bretão: o escritor Coelho Netto. Radicalizando o impulso iniciado anos antes por Paulo Barreto, um dos primeiros literatos reconhecidos a dar atenção ao novo esporte, o já consagrado romancista ia transformando-se em um grande ideólogo do jogo, entregando-se a uma defesa apaixonada das vantagens de sua disseminação. Sua relação com o futebol, no entanto, começara alguns anos antes. Depois de atravessar um tempo de dificuldades financeiras que o levaram a mudar-se para Campinas, onde fora aprovado no concurso de um ginásio local, Coelho Netto voltava em 1904 ao Rio de Janeiro. Depois de um breve período morando em um hotel com a família, logo mudava-se para a rua do Roso no. 79, ao lado da rua Guanabara - tornando-se, assim, vizinho do Fluminense Foot-ball Club, que tinha então pouco mais de dois anos de existência.<sup>6</sup>

A princípio a coincidência parece não ter afetado o escritor, que, como outros, mostrava nos primeiros anos do século ver ainda no jogo um divertimento de

---

<sup>5</sup> - O autor, sem indicar suas fontes, chega a afirmar que “diversas maltas se transformaram em times de futebol” - explicitando o sentido mecânico que vê no processo de aproximação destes capoeiras com o jogo. Joel Rufino dos Santos, *op. cit.*, p. 26.

<sup>6</sup> - Paulo Coelho Netto, *O Fluminense na intimidade*, vol. 3, Rio de Janeiro, S/E, 1975; e *Coelho Netto*, Rio de Janeiro: Ed. Minerva, 1964.



estrangeiros endinheirados. É o que ele sugere em 1908 no romance *Esphinge*, que desenvolve-se em torno das relações entre os hóspedes da elegante pensão de Miss Barkley.<sup>7</sup> Um destes hóspedes, o “apolíneo” inglês James Marian, tinha hábitos considerados estranhos pelos demais: aos domingos, levantava cedo e saía da pensão com seu material de tênis e com “roupa para o *foot-ball*”. O jeito alinhado, o temperamento fechado e os hábitos extravagantes geraram, entre os demais hóspedes, algumas desconfianças em relação à sua masculinidade. Em uma conversa entre eles, alguém relata então aos outros um caso que presenciara:

“— Pois no domingo, depois do jogo, no Fluminense, só porque o Félix fez menção de beijá-lo, chamando-lhe Miss, ele meteu-lhe as mãos no peito e, como o outro investisse, atirou-lhe um murro pondo-lhe a cara em sangue. O engraçado é que depois teve uma síncope”.<sup>8</sup>

Para além das dúvidas quanto à masculinidade do inglês, o episódio narrado por Coelho Netto pode nos indicar algumas pistas sobre a impressão que o romancista ia formando sobre o jogo da bola. Em primeiro lugar, nota-se ainda o estranhamento, entre os jovens brasileiros, do fato de que James Marian praticasse esportes regularmente - o que pode nos lembrar a desconfiança que a educação física ainda gerava nos primeiros anos do século entre as altas rodas cariocas, acostumadas a valorizar apenas as atividades do intelecto. Por outro lado, o fato de que a discussão se dê entre os círculos elegantes da pensão de Miss Barkley mostra o caráter restrito que o jogo ainda tinha naquele período, que fazia dele um assunto de jovens endinheirados. Por fim, a força e a beleza “apolínea” com a qual o autor caracteriza seu personagem - descrito como “um formoso mancebo, alto e forte, arrumado como uma coluna”<sup>9</sup> - nos permitem intuir o valor que ele começava a enxergar no esporte.

Coelho Netto levantava, no romance, um tema que nos anos seguintes ocuparia boa parte de suas preocupações, fazendo-se presente não só em crônicas e discursos como também na sua vida pessoal. Se em 1908 este interesse pelo futebol aparece como um episódio isolado de seu romance, em 1912 o já consagrado escritor - que exercia neste período o mandato de deputado federal pelo estado do Maranhão - transforma-se em sócio do Fluminense.<sup>10</sup> Podemos encontrá-lo em meio a uma agitada

<sup>7</sup> - Coelho Neto, *Esphinge*, Porto: Lello, 1908.

<sup>8</sup> - *Idem*, p. 45.

<sup>9</sup> - *Idem*, p. 13.

<sup>10</sup> - Cf. “Coelho Netto”, *Fluminense F. Club. Relatório apresentado ao conselho deliberativo em 30 de abril de 1935*, Rio de Janeiro, Tip. Do Jornal do Comércio, 1935, p. 25.

assembléia dos sócios do clube na noite do dia 12 de dezembro na qual foi o primeiro a assinar o livro de presença. Aberta a seção, um dos sócios do clube chega a propor, com concordância geral, a aclamação de Coelho Netto para presidir a assembléia, mas este declina do convite “por motivo de força maior”.<sup>11</sup> Tendo sua família cada vez mais próxima do clube e presente em suas atividades esportivas, o escritor assumia por fim uma participação efetiva no Fluminense, seguindo o exemplo de seus filhos Emmanoel e Georges, que já eram sócios havia mais tempo.<sup>12</sup>

Deste tempo em diante Coelho Netto se transformaria em um verdadeiro *sportman*. Embora os seus mais de cinquenta anos não permitissem no período as mesmas estrepolias de sua juventude, quando ele destacara-se por ser um dos poucos literatos praticantes da capoeira, sua atuação em defesa do esporte seria incontestável. O futebol, em especial, tornava-se para ele uma verdadeira paixão. Acompanhando o gosto que o jogo despertava em seus filhos, o romancista, segundo um de seus contemporâneos, “tomou-se de encantos pelo jogo inglês e vive a falar, por dá aquela palha, *em backs, forwards, goals, teams e scratches*”<sup>13</sup>. O entusiasmo pelo jogo era tanto que, já em 1917, em sua casa falava-se à mesa “muito de esporte, e pouco de literatura”<sup>14</sup>. E não era para menos: tendo filhos jogando em cada uma das categorias nas quais o Fluminense disputava suas partidas, Coelho Netto chegava a assistir, no mesmo dia, quatro jogos diferentes ao lado de sua esposa - como mostrava em um jogo do Fluminense contra o Flamengo em 1917 (Fig.33). Elegantemente trajado com seu terno branco, bengala e chapéu de palha, Coelho Netto assistia pessoalmente o rápido desenvolvimento do jogo. Fosse em Botafogo ou em Bangu, lá estava ele torcendo pelo clube no qual jogavam Mano, seu filho mais velho - que pertencia ao quadro principal do Fluminense - Georges, Paulo e João. Com um entusiasmo que, como vimos, o levaria inclusive a patrocinar a primeira das invasões de campo no campeonato carioca<sup>15</sup>, o literato marcava o fascínio que ia exercendo sobre ele o ainda novo esporte.

<sup>11</sup> - “Assembléia Geral Ordinária de 23 de dezembro de 1912”, Fluminense F. Club. Assembléias Gerais. Livro de Presença, julho de 1902-janeiro de 1916, e Atas de assembléias gerais do Fluminense F. Club. V. 1, 21 de julho de 1902 - 29 de maio de 1918, fl. 55.

<sup>12</sup> - Cf. “Relação dos Sócios Efetivos”, Fluminense F. Club. Relatório dos trabalhos sociais concernentes ao ano de 1918, Rio de Janeiro, Papelaria Macedo, 1919.

<sup>13</sup> - O trecho, de autoria de Gustavo Barroso, é publicado em 1917 na revista Fon-Fon. Cf. Paulo Dantas, Coelho Netto, op. cit., p. 45.

<sup>14</sup> - Humberto de Campos, Diário secreto, vol. 1, Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1954.

<sup>15</sup> - Cf. Paulo Coelho Netto, O Fluminense na intimidade, v.2, Rio de Janeiro: s/e, 1969, pg 81.

Não era só como torcedor apaixonado, no entanto, que Coelho Netto se dedicaria à defesa do esporte bretão. Se nas arquibancadas ele se empolgava com os dribles e gols que assistia durante as partidas, era como intelectual renomado e respeitado que ele se entregaria à sua defesa. Com a pena nas mãos, o consagrado romancista colocaria a serviço do esporte todo o seu prestígio - como fez, ainda em 1915, ao escrever o primeiro hino do Fluminense:

“O Fluminense é um crisol  
Onde apuramos a energia.  
Ao pleno ar, ao claro sol  
Lutando em justas de alegria  
O nosso esforço se congraça  
Em torno do ideal viril  
De avigorar a nossa raça  
Do nosso Brasil!  
(...)”<sup>16</sup>

Se em 1908 o romancista parecia intuir, ainda inicialmente, os benefícios que o jogo poderia trazer à mocidade carioca, a letra do hino mostra que no momento em que sua paixão futebolística se intensifica a campanha que ele movia a favor do jogo ganhava contornos muito mais nítidos. Já na primeira estrofe nota-se uma clara defesa por parte dele dos esportes que, como o futebol, se desenvolviam a céu aberto - os quais, pouco comuns no século XIX, começavam a ser defendidos ardorosamente pelos entusiastas da educação física por serem mais saudáveis ao corpo e à mente<sup>17</sup>. Eles seriam, para o romancista, verdadeiras fontes de energia, que poderiam ser colocadas a serviço do ideal nobre da regeneração da “raça” brasileira - em um raciocínio pautado pelos ideais eugênicos que, nos primeiros anos do século, começavam a se fazer presentes nas discussões médicas, pedagógicas e políticas<sup>18</sup>. É o que ele vai explicitar, de forma ainda mais clara, em outra das estrofes do hino:

<sup>16</sup> - Paulo Coelho Netto, *O Fluminense pitoresco e dramático*, Rio de Janeiro, Ed. Minerva, 1969.

<sup>17</sup> - Conferir, por exemplo, as teses dos médicos Eduardo de Magalhães, *Ginástica infantil*, Rio de Janeiro, Laemmert, 1900 - que critica “a indiferença, o abandono e desprezo de educação física da infância no Brasil”; e Álvaro Reis, *Educação física*, Bahia, Lit. Reis e cia., 1904 - defensor da “necessidade de uma educação física (...) em um meio onde ela nunca existiu” (p. 26).

<sup>18</sup> - Segundo Carmen Soares, a eugenia “postulava uma identidade do social e do biológico, propondo-se uma intervenção científica na sociedade, explicando o primeiro pelo segundo”. Carmen Soares, *Educação física. Raízes européias e Brasil*, Campinas: Ed. Autores Associados, 1994, pp 24-25. Embora desde a segunda metade do século XIX as discussões sobre o tema já aparecessem na Europa, somente a partir da década de 10 os ideais eugênicos de melhoria da raça teriam chegado de forma mais clara no Brasil. Cf. Vera Beltrão Marques, *A medicalização da raça. Médicos, educadores e discurso eugênico*, Campinas, Ed. Unicamp, 1994, pp52-53; e José Roberto Franco Reis, *Higiene mental e eugenia: o projeto de regeneração nacional da liga brasileira de higiene mental (1920-30)*,

“(...)Ninguém no clube se pertence;  
 A glória aqui não é pessoal:  
 Quem vence em campo é o Fluminense  
 Que é, como a Pátria, um ser ideal.  
 Assim nas lutas se congraça  
 Em torno de um ideal viril  
 A gente moça, a nova raça  
 Do nosso Brasil  
 (...)”

Unindo seus praticantes em torno de um mesmo “ideal viril”, o jogo seria para Coelho Netto um meio de criar no país uma “nova raça”, que deixasse definitivamente para trás a sua malfadada herança cultural. O modo pelo qual isto poderia ser conseguido fica, na letra do hino, bastante claro: abrindo mão dos interesses pessoais, todos deveriam trabalhar em conjunto por uma mesma causa, por um mesmo ideal, como o de “pátria” - não por acaso uma das preocupações dos defensores da melhoria da raça brasileira, que faziam da “propaganda cívica” um das estratégias básicas de sua atuação<sup>19</sup>. Dando sua versão particular sobre as vantagens eugênicas do futebol, Coelho Netto dá forma, em seus versos, a um senso de coletividade que constituía para ele um dos grandes ensinamentos do esporte.

Era a última das estrofes do hino, porém, que explicitava de forma ainda mais nítida as grandes vantagens sociais que Netto via no futebol:

“(...)Adestra a força e doma o impulso,  
 Triunfa, mas sem alardo,  
 O herói é bravo mas galhardo  
 Tão forte d’alma que de pulso.  
 A força esplende em saúde  
 E abre o peito à bondade.  
 A força é a expressão viva da virtude  
 E garbo da mocidade”

Refreando as paixões, domando a força, o esporte transformava-se, aos olhos do romancista, em um dos seus mais perfeitos aliados na tarefa de regeneração social. Controlando os impulsos de seus praticantes, o jogo da bola teria o poder de ajudar na

---

dissertação de mestrado em história social, IFCH/UNICAMP, 1994, pp 40-42. Ver ainda Lilia Schwarcz, *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*, São Paulo, Cia. das Letras, 1993.

<sup>19</sup> - Cf. Vera Marques, *op. cit.*, p. 39. O mesmo tipo de visão eugênica apareceria, poucos anos depois, no hino escrito pelo poeta Octacílio Gomos para o Botafogo, que dizia em sua letra: “(...) A lutar com afã/ Tu farás, corrigindo a juventude,/Que o Brasil de amanhã/ Seja a pátria da força e da saúde //(...)”. “O Hino do Botafogo F.C.”, *Sport Ilustrado*, 25 de junho de 1921.

criação de uma sociedade no qual os homens, seguindo o modelo dos esportistas, fossem adestrados pelo exercício físico, criando um tempo de paz e de harmonia e abrindo seu peito para os valores cívicos defendidos pelo escritor. Juntando o ensinamento do senso de coletividade com o de disciplina na consolidação física da raça brasileira, o jogo parecia realmente, aos seus olhos, um grande aliado...

Coelho Netto não era, porém, o único a atribuir ao futebol tão nobre missão. Compartilhando sua visão sobre as vantagens do futebol, outros escritores colocavam-se também na trincheira dos defensores do esporte, acompanhando atentamente o seu desenvolvimento - como era o caso de Afrânio Peixoto. Escrevendo para uma revista esportiva no mesmo ano em que Coelho Netto dava forma ao hino do Fluminense, o literato - que, apesar de seus 38 anos, era ainda mais conhecido por sua atuação como médico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1897, profissão que ainda exercia ativamente<sup>20</sup> - parecia concordar, de um modo geral, com as vantagens que o colega de ofício via no jogo. Começa seu artigo ironizando os homens “de grandes ou pequenas responsabilidades” que, tratando os esportes com desdém, ainda os consideravam uma “distração de rapazes, atrativo de moças, uns a mostrarem formas de atletas, outras a exibirem os últimos figurinos”<sup>21</sup>. Indo em direção contrária, Peixoto afirma seu gosto pelas atividades esportivas, explicando sua posição: “a gente distrai-se e pensa, o que, às vezes, é instrutivo”. Fazendo de esportes como o futebol um assunto digno de nota, ligado mesmo às atividades do intelecto, ele mostrava-se partidário do mesmo tipo de seriedade com a qual escritores como Coelho Netto passavam a tratar o esporte bretão.

Para justificar sua posição, Afrânio Peixoto conta aos leitores a primeira vez que aventurou-se a ir a um campo de futebol, em um jogo entre um time nacional e um estrangeiro. Para ele, que saudava a presença dos europeus a medir força com os brasileiros, “a honra já era uma vitória”. A goleada sofrida pelo time brasileiro, que perde por 4 a 0, seria para ele uma lição - que alertava os brasileiros para a necessidade de união e de trabalho conjunto, que teriam dado a vitória ao adversário:

“Os latinos que para aqui vieram, seriam, como todos os latinos, desapegados uns dos outros, incapazes de cederem, na independência de cada um, as cotas que somadas dão a vantagem do povo, a vitória nacional.

<sup>20</sup> - Cf. “Biografia de Afrânio Peixoto”, in Afrânio Peixoto, *A Esfinge*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.

<sup>21</sup> - Afrânio Peixoto, “Desporto e disciplina”, *Sports*, ano 1, no. 1, 6 de agosto de 1915.

Os outros, não... Germanos - por instinto, anglo-saxônicos por educação, são disciplinados... Um homem não vale senão como fração da sociedade; um jogador não existe, mas apenas parcelas do *team*. E essa longa colaboração, na raça e no indivíduo, fazem constantemente o êxito final, de todas suas empresas.

No *sport* como na vida.

(...)Porque vencer no *foot-ball*, vencer nos *sports*, significa disciplina, cooperação, solidariedade eficaz.”

Podemos rever no texto muitos dos argumentos utilizados por Netto em favor do futebol - que aparece também na crônica de Peixoto como uma escola de solidariedade e coletivismo. A tradução deste impulso ganhava, porém, contornos mais definidos na pena de Afrânio Peixoto: se Coelho Netto via no jogo um meio de consolidação de uma raça brasileira, dando à sua defesa do futebol um caráter cívico, o doutor Peixoto chegava mesmo a pensar a sociedade como um organismo social, cujo bom funcionamento dependia da disciplina com que cada um desempenhasse suas funções. Interessado na melhoria da raça e no progresso da nação, em uma preocupação em que se misturavam o médico e o literato, ele aponta a “doença” nacional justamente no legado que, por “instinto” ou “educação”, teria feito dos brasileiros um corpo desregrado e desarticulado. A disciplina e o coletivismo aparecem, por isso, como receita para curar os males sociais do país, sendo neste sentido o futebol um ótimo remédio para a degeneração da raça mestiça que compunha o país<sup>22</sup>. Não é de se estranhar, portanto, que ele acabe sua crônica explicitando, em um chamamento geral, todo o sentido de seu texto: “ao *sport*, pois, que ensina a disciplina moral e dá saúde à vida”!

A simples definição dos sentidos do jogo não bastava, porém, para gerar as transformações sociais com que sonhavam esses escritores. Se o futebol seria mesmo, como pensavam ambos, uma escola de disciplina e de controle, seria necessário levar seus ensinamentos a todos - em especial àqueles que, indisciplinados e presos a hábitos pouco saudáveis, mais precisariam destas lições: os diversos grupos de trabalhadores. A popularização que o futebol atravessava neste momento era, para os literatos que tomavam sua defesa, uma condição essencial para que fosse efetivada sua força transformadora. Fazendo do jogo, ao qual atribuíam sentidos tão nobres, uma mania geral, esta febre do futebol aparecia para eles como uma ótima novidade. Era ela que

levava escritores como Afrânio Peixoto a afirmar sem medo de errar, já em 1918, que o futebol estaria “reformando, senão refazendo, o caráter do Brasil”<sup>23</sup>:

“(…) Dos clubes mais opulentos das grandes cidades, aos mais modestos que vão ganhando o recesso do país, aos mais humildes que por aí se vêem nos logradouros abandonados entre alguns rapazinhos maltrapidos... esse jogo de *foot-ball*, esses desportos que dão saúde e força, ensinam a disciplina e a ordem, que fazem a cooperação e a solidariedade, me enternecem, porque são grandes escolas onde se está refazendo o caráter do Brasil”.

Trazendo seus ensinamentos de disciplina e de ordem, a popularização do futebol fazia com que ele assumisse, para Afrânio Peixoto, a feição de uma grande escola a céu aberto, cujas lições poderiam atingir os mais diversos grupos sociais - dos jovens elegantes dos clubes opulentos ou a mocidade maltrapilha que o escritor vê nos clubes de subúrbio. Permitindo uma transformação radical no próprio “caráter” do país, o futebol era caracterizado pelos seus defensores como o grande elemento de regeneração nacional. Despertando a atenção mesmo de literatos como Oscar Lopes, que afirmava em 1920 ser ainda “incapaz de conversar dois minutos sobre o interessante *sport*”, a rápida popularidade alcançada pelo futebol fazia com que ele já fosse caracterizado através de personagens de suas crônicas como “um elemento muito sério, muito precioso”, que estaria sendo utilizado na transformação do caráter brasileiro” - assegurando com isso “os esplendores futuros de nossa raça” e constituindo-se como a ponta de lança do todo o processo de eugeniação da sociedade<sup>24</sup>. Dada sua grande popularidade o jogo, mais do que um canal de comunicação com os grupos iletrados, como fôra o carnaval em fins do século XIX<sup>25</sup>, aparecia assim como um meio de intervenção direta no físico e na mente daqueles que se tentava transformar.

<sup>22</sup> - Neste sentido Afrânio Peixoto, de forma ainda mais direta que Coelho Netto, sustenta seu apoio ao futebol nas teorias eugênicas que viam na recuperação da raça a condição necessária para o progresso do país. Cf. Vera Regina Baltrão Marques, *op. cit.*

<sup>23</sup> - Afrânio Peixoto, “A educação nacional”, in *Poeira de estrada*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1918, pp. 285-288.

<sup>24</sup> - No primeiro caso, trata-se da opinião de um amigo atento à popularidade que o futebol tinha então, e no segundo da carta de uma suposta leitora que “reflete de tal maneira” seu modo de pensar que ele se furta de analisá-la. Oscar Lopes, “A Semana”, *O Paiz*, 28 de março de 1920 e *O Paiz*, 25 de janeiro de 1920.

<sup>25</sup> - Tratava-se, naquele momento, de fazer usar o carnaval para efetivar socialmente uma nova imagem da nação - efetivando no país um modelo de carnaval europeu, com máscaras e fantasias elegantes, que viesse a substituir práticas carnavalescas como o entrudo e fantasias tradicionais como o diabinho. Conferir, a respeito, Leonardo Pereira, *O carnaval das letras*, Rio de Janeiro, Sec. Municipal de Cultura, 1994.

O instrumento regenerador caracterizado por Coelho Netto em 1915 ia ganhando assim, com os anos, o seu combustível essencial. Era a repentina popularização do futebol que permitiria a ele, três anos depois de escrever o hino do Fluminense, ver no jogo um sentido ainda mais preciso - que explicita em 1918 em um discurso pronunciado durante a entrega de uma taça oferecida pelo jornal O Imparcial ao time do Fluminense:

“Recebendo a taça que lhes ofereceis em nome d’O Imparcial, senhor Dr. Rafael Pinheiro, os onze do Fluminense não a levam orgulhosamente, como um troféu de vitória, mas como uma urna em que lançam, para o sufrágio da glória do nosso Brasil, os seus nomes puros com a promessa de que irão por eles onde quer que a pátria os invoque, pôr à prova, em luta de vida ou morte, o que adquiriram nos exercícios em seu campo: a robustez, a saúde, a disciplina, a solidariedade, a coragem e o amor ao pavilhão do club, que é como uma folha da árvore cuja fronde é a bandeira nacional, verde como a folhagem e dourada porque dá nela o sol e ainda com um pouco de céu aberto em flor azul entre o verde e o amarelo”<sup>26</sup>.

Mais do que atletas vitoriosos, os jogadores do Fluminense assumem, para o romancista, a feição de verdadeiros missionários de uma causa nobre. Sua grande vitória não era o campeonato daquele ano ganho dentro de campo, mas a grande propaganda que o time vencedor, capaz de encher os estádios, fazia do esporte bretão. Propagando os princípios da disciplina e da solidariedade, os atletas dariam à nação seu grande exemplo, ajudando a efetivar o potencial transformador do jogo. O escritor reafirmava ainda que, para ele, o amor à pátria resultante do senso de disciplina e ordem parecia constituir a mais fundamental das lições do jogo da bola. Gerando harmonia e solidariedade entre os homens, controlando seus impulsos e moldando seus corpos e suas mentes na construção de um ideal de pátria, o popular esporte bretão seria a força propulsora de uma nação forte e vigorosa - o que o fazia ver nos jogadores os verdadeiros “embaixadores do povo”<sup>27</sup>, representantes desta nova nação que se erguia dos campos. Entusiasmado com as possibilidades levantadas pelo futebol, o literato termina sua fala com uma verdadeira exaltação cívica: “Pela pátria! Pela Honra! Pelo direito! Hurrah! Hurrah! Hurrah!”.

<sup>26</sup> - Coelho Netto, “Oração pronunciada no Teatro República a 9 de julho de 1918, por ocasião da entrega da Taça oferecida pel’ O Imparcial ao 1º Team do Fluminense Football Club”, in Falando..., Leite Ribeiro e Murilo ed., s/d (1921), p. 263.

<sup>27</sup> - A expressão é utilizada pelo literato em um artigo escrito em 15 de maio de 1915 no jornal A Noite, no qual, tratando do campeonato sul-americano realizado no Rio de Janeiro, fala das “vantagens que resultam para as nações de tais festas agonísticas”. Coelho Netto, “O campeonato”, in O meu dia, Porto, Lello, 1922, p. 78.



Este entusiasmo fez com que o literato se entregasse definitivamente à causa do futebol - não só torcendo ou escrevendo crônicas, como antes, mas participando ativamente da sua consolidação. No Fluminense, foi assumindo posições cada vez mais destacadas: depois das discretas participações em assembléias anteriores, ele chegava em 1918 a presidir a reunião que tratava da construção do seu estádio - um assunto que, segundo o próprio literato, era de “máxima relevância”; dois anos depois, era eleito para o conselho deliberativo do clube; por fim, assumia em 1921 as funções de diretor de artes do Fluminense, promovendo eventos diversos em consonância com a máxima do “*mens sana in corpore sano*”, passando assim a fazer parte de sua diretoria<sup>28</sup>. Mesmo fora do clube, Coelho Netto tornava-se uma referência de peso para os esportistas. Se, como antes, ele continuava a ser o orador oficial dos principais acontecimentos esportivos, como a abertura do torneio sul-americano de 1919<sup>29</sup>, sua participação nesses eventos rendia-lhe agora maiores responsabilidades. Ele tornava-se então, em 1919, o representante da Associação Paulista de Sports Atléticos na Confederação Brasileira de Desportos - papel que lhe foi delegado, segundo uma revista esportiva do período, pela “laboriosa dedicação” com a qual, em “negociações espontâneas”, se entregou à tarefa de acabar com os incidentes entre esta Associação e a Confederação, gerando a “unificação do desporto pátrio”<sup>30</sup>.

Paralelamente a essa atuação prática em favor do futebol no Brasil, o literato consolidava então os sentidos que vinha há anos construindo para o jogo. Juntando seu entusiasmo pelo esporte com o grande prestígio literário que desfrutava, Coelho Netto fundava em 1920 uma periódica com o significativo nome de *Athlética*, anunciada nos jornais do período como uma “revista sportiva e literária digna do maior apreço público”<sup>31</sup>. Como diretor da redação, cabia-lhe a tarefa de decidir os temas a serem por ela tratados, em uma escolha que iluminaria definitivamente a associação entre sua

<sup>28</sup> - Conferir, respectivamente, “Ata da assembléia geral d extraordinária realizada em 29 de maio de 1918, *Atas de assembléias gerais do Fluminense F. Club*, vol. 1, 21 de julho de 1902 - 29 de maio de 1918, fl. 93; *Fluminense F. Club. Relatório dos trabalhos sociais concernentes ao ano de 1920*, Rio de Janeiro, Tip. Gomes Brandão e Marcondes, 1921, pp 6-7; e *Fluminense F. Club. Relatório dos trabalhos sociais concernentes ao ano de 1921*, Rio de Janeiro, Papelaria Luiz Macedo e cia., 1922, p. 22.

<sup>29</sup> - *Época Sportiva*, ano 1, no. 6, 10 de maio de 1919.

<sup>30</sup> - Oir. “Coelho Netto”, *Época Sportiva*, ano1, no. 1, 5 de abril de 1919. Conferir, ainda, a carta remetida em 26 de abril de 1919 por Marcondes, 2o. Secretário da Confederação, para Coelho Netto, convocando este para a reunião do conselho da entidade. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, “Correspondência Passiva de Coelho Netto”, I - 1, 6, 74.

<sup>31</sup> “*Athlética* - Diretor: Coelho Netto”, *O Paiz*, 31 de janeiro de 1920.

defesa do esporte e os princípios eugênicos. Já no primeiro número ele começava a publicação de uma seção intitulada “Eugenia”. Tendo como subtítulo o “*mens sana in corpore sano*”, a série se iniciava com o texto da conferência realizada em São Paulo por Fernando de Azevedo sob os auspícios da Sociedade Eugênica local, no qual defendia que a “inatividade física” tornaria a juventude “incapaz de cumprir seu dever cívico ou patriótico”<sup>32</sup> - em uma posição similar àquela defendida há anos pelo próprio literato. Embora reconhecesse em sua revista que o seu processo de popularização muitas vezes o transformara em um espetáculo “de molde a pedir polícia” - patrocinado por “desordeiros, facadistas, agressores e valentes” que, opondo-se ao “caminho da disciplina”, passavam a formar as novas falanges dos *foot-ballers*<sup>33</sup> - não deixava em nenhum momento de acreditar nas “vantagens morais e físicas do *foot-ball*”. Parecendo concordar com os colaboradores de sua revista que acreditavam ser o apego popular ao futebol preferível “à bebedeira nas tascas, ao jogo nas casas de tavolagem, aos sambas indecentes”, construía uma oposição entre essas e o esporte que tinha por base a visão de que o futebol seria um “elemento de regeneração”, em oposição ao caráter degenerativo atribuído às demais diversões populares<sup>34</sup>. Vendo no jogo um “recurso médico e módico para a salvação do enfermo e destruição do mal”, Coelho Netto cristalizava a posição daqueles que acreditavam ser o futebol, a partir de sua popularização, o grande aliado do processo de melhoria da raça brasileira<sup>35</sup> - disciplinando e controlando indivíduos que, de outra forma, se entregariam a todo tipo de vícios e degenerações.

A significação grandiosa que atribuía ao jogo da bola ia transformando então o literato, nos dizeres de um contemporâneo, no “expoente máximo da nossa cultura *sportiva*”,<sup>36</sup> rendendo-lhe as mais diversas homenagens - como a criação por parte de alguns bacharelados da cidade de um clube denominado “Coelho Netto A. C.”<sup>37</sup>. Seu próprio clube, “reconhecendo os serviços preciosos prestados por esse consócio”,

<sup>32</sup> - Fernando de Azevedo, “O segredo da maratona”, *Athlética*, 27 de fevereiro de 1920.

<sup>33</sup> - “Espherística”, *Athlética*, 13 de fevereiro de 1920; e Little Brown, “Qual o caminho a seguir?”, *Athlética* 29 de maio de 1920. Note-se que a revista não chega a fazer alusão à existência de colaboradores, não sendo de todo impossível que o autor do artigo fosse o próprio Coelho Netto.

<sup>34</sup> - Padre Assis Memória, “O foot-ball no sertão”, *Athlética*, 27 de março de 1920. Note-se que a revista não chega a fazer alusão à existência de colaboradores, não sendo de todo impossível que o autor do artigo fosse o próprio Coelho Netto.

<sup>35</sup> - Little Brown, “Males incuráveis?”, *Athlética*, 5 de junho de 1920.

<sup>36</sup> - *Idem*.

<sup>37</sup> - “Coelho Netto A. C.”, *O Paiz*, 3 de fevereiro de 1920.

oferecia a ele em 1922 o título de sócio benemérito<sup>38</sup>. A Confederação Brasileira de Desportos, por sua vez, fazia questão de convidá-lo por carta para seus grandes eventos, pedindo “o obséquio do seu comparecimento” no dia da inauguração da nova sede<sup>39</sup>. Embora literatos como Afrânio Peixoto também passassem a receber a admiração dos esportistas<sup>40</sup>, as inúmeras homenagens recebidas por Netto atestavam sua grande importância simbólica na luta em defesa do esporte, que gerava comentários como aqueles escritos em 1919 por Felipe Felix Fernando:

“Coelho Netto é a maior conquista do *foot-ball* brasileiro. Taças, medalhas, campeonatos ganhos, não representam tanto valor, sob o ponto de vista moral, para o nosso *foot-ball*, como a entrada brilhante de Coelho Netto para a denodada falange dos seus paladinos”<sup>41</sup>.

Saudando a adesão incondicional do romancista ao jogo da bola, a crônica indicava a importância que a sua atuação assumia para os esportistas interessados em difundir-lo - como, por exemplo, os redatores dos jornais esportivos. Vendo no literato o “maior torcedor” brasileiro, o articulista atesta a grande repercussão da campanha do romancista entre os esportistas. Contribuindo para a transformação do futebol em um “grande ideal social”, como afirmava em 1918 o relatório da Confederação Brasileira de Desportos, a defesa que Netto fazia do jogo municiava de argumentos seus defensores - que não se cansavam de repetir posições semelhantes às do escritor, afirmando que o futebol estaria “preparando as gerações futuras, sadias e viris” e acabando com a “raça enfezada dos pigmeus” que viam no Brasil<sup>42</sup>. Tendo no literato, então no auge de seu prestígio literário, o sustentáculo moral de que precisavam, os defensores do esporte faziam dele “um verdadeiro patrono de seus ideais” de “progresso e a disciplina”<sup>43</sup>, transformando-o em um verdadeiro símbolo da luta em favor do futebol.

O fato de que precisassem de um aliado tão poderoso atesta, porém, que nem só de admiradores do esporte eram feitos os debates sobre o jogo da bola. O próprio

<sup>38</sup> - Fluminense F. Club. Relatório dos trabalhos sociais concernentes ao ano de 1922, Rio de Janeiro, Papelaria Luiz Macedo e cia., 1923, p. 32.

<sup>39</sup> - Correspondência passiva de Coelho Netto, Biblioteca nacional, seção de manuscritos, I - 1,6,74.

<sup>40</sup> - Muitos deles chegam em 1921 a realizar no campo do Flamengo um jogo em benefício da Caixa Escolar Afrânio Peixoto. Cf. Sport Ilustrado, 29 de janeiro de 1921.

<sup>41</sup> - Felipe Felix Fernando, “Coelho Netto e o Foot-ball”, Época Sportiva, ano 1, no. 3, 19 de abril de 1919.

<sup>42</sup> - Confederação Brasileira de Desportos. Relatório da diretoria - 1918, Rio de Janeiro: Papelaria confiança, s/d, pg 6; e “Ao que vimos”, Época Sportiva, 5 de abril de 1919.

cronista lamentava que o esporte contasse, então, com “tantos inimigos que mesmo pela imprensa o combatem”. Destes, um em especial começava, no período, a mostrar pelas páginas da imprensa carioca sua aversão ao jogo da bola, o qual se tornaria desde então um de seus temas prediletos: Lima Barreto, o autor que, já tendo assegurado seu espaço no mundo das letras com três romances e inúmeras séries de crônicas, publicava em 1918 seu primeiro artigo sobre o jogo no jornal Brás Cubas.<sup>44</sup> Tendo mostrado em 1907 sua surpresa com o crescente desenvolvimento do futebol na cidade, que segundo ele era “de uma rapidez que causa pasmo”<sup>45</sup>, ele formava então pelo jogo da bola uma verdadeira aversão - explicitada, sem rodeios, já no início de sua crônica, na qual afirma nunca ter sido de seu gosto “o que chamam *sport*, esporte ou desporto”. A posição de desprezo que sempre tivera pelo jogo da bola - “estes meninos fazem tanto barulho por tão pouca causa?” - começava a transformar-se, porém, em uma indisfarçável antipatia, alimentada pela leitura exaustiva que fizera dos jornais diários durante sua primeira internação psiquiátrica.

Detendo-se excepcionalmente sobre a seção esportiva destes jornais, o romancista ficava a par dos grandes desentendimentos ocorridos entre cariocas e paulistas por ocasião da disputa de um jogo interestadual. Lima se assusta, então, com a virulência dos ataques publicados na imprensa entre as partes, que o levam a mudar sua posição de desprezo em relação ao futebol:

“Diabo! A cousa é assim tão séria? Pois um divertimento é capaz de inspirar um período tão gravemente apaixonado a um escritor?

(...)Reatei a leitura, dizendo cá com os meus botões: isto é exceção, pois não acredito que um jogo de bola e, sobretudo jogado com os pés, seja capaz de inspirar paixões e ódios. Mas, não senhor! A cousa era a sério e o narrador da partida, mais adiante, já falava em armas (...).

Não conheço os antecedentes da questão; não quero mesmo conhecê-lo; mas não vá acontecer que simples disputas de um inocente divertimento causem tamanhas desinteligências entre as partes que venham a envolver os neutros ou mesmo os indiferentes, como eu, que sou carioca, mas não entendo de *foot-ball*’.<sup>46</sup>

Assustado com a gravidade que as discussões sobre o jogo iam assumindo, Lima parece não entender, a princípio, como ele podia ser levado tão a sério por seus

<sup>43</sup> - “Coelho Netto faz anos hoje”, O Paiz, 21 de fevereiro de 1919; e “Coelho Netto, o pacificador do sport nacional”, O Paiz, 16 de março de 1919.

<sup>44</sup> - Lima Barreto, “Sobre o Foot-ball”, Brás Cubas, 15 de agosto de 1918, em Vida Urbana, São Paulo, Brasiliense, 1956, pp. 147-150.

<sup>45</sup> - Floreal, no. 2, 1907.

<sup>46</sup> - Lima Barreto, “Sobre o foot-ball”, op. cit., pp. 147-148.

defensores. O episódio o desperta porém para a força social do futebol: longe de ser um mero passatempo sem sentido, como ele parecia pensar até então, era capaz de inspirar “paixões e ódios” - constituindo mesmo, como mostra sua observação final, um dos marcos de identidade carioca. O esporte ganhava então, aos olhos de Lima Barreto, uma seriedade que nunca tivera, que o obrigaria a deixar de lado sua indiferença para dedicar-se em profundidade ao novo fenômeno.

A tarefa não seria fácil. Embora já indicasse estar atento para a importância que os adeptos do futebol davam ao jogo, Lima parecia não estar convencido da penetração social do futebol, vendo nele ainda um esporte de poucos. Já de início ele mostra seu incômodo com os termos ingleses utilizados pelos seus propagadores, que fingia não entender: “parecia-me tudo aquilo escrito em inglês e não estava disposto a ir à estante, tirar o valdez e voltar aos meus doces tempos dos *significados*. Eram só *backs, forwards, kcicks* (sic), *corners*”.<sup>47</sup> Além disso, ele explicitava seu desprezo pelas seções esportivas dos jornais - que, segundo ele, só seriam lidas “pelos próprios jogadores de bola adeptos de outros divertimentos brutais, mas quase infantis e sem alcance, graças a Deus”.<sup>48</sup> Embora ganhasse para ele a feição de um assunto sério, o futebol parecia ainda não assumir em 1918, para Lima, o caráter de um fenômeno social generalizado - sendo assim sua missão a de tentar evitar a maior propagação do jogo.

Transformando-se no paladino do combate ao jogo da bola, Lima Barreto elegeria como seu principal adversário justamente aquele que era, para os *sportmen*, o maior dos símbolos do esporte: o escritor Coelho Netto. O confronto teria início por ocasião de outro dos discursos de Netto, desta vez na inauguração da piscina do Fluminense - ocorrido em 21 de janeiro de 1919, com a presença de “representantes das altas autoridades do país e seleta assistência”.<sup>49</sup> Depois da benção do cardeal Arcoverde à “luxuosa piscina” do clube, Coelho Netto repetia à platéia seus argumentos em favor do esporte:

“O atleta, assim como se reforça e adestra, submete o espírito ao regime. O empenho de vencer fã-lo sóbrio e comedido; o domínio de si mesmo educa-lhe a vontade; a confiança no seu valor dá-lhe a serenidade; o hábito da vida em comum

<sup>47</sup> - *Idem*, p. 148.

<sup>48</sup> - *Idem*, p. 150.

<sup>49</sup> - *O Paiz*, 30 de janeiro de 1919. Conferir, ainda, sobre a inauguração da piscina, *Fluminense F. Club. Relatório dos trabalhos sociais concernentes ao ano de 1919*, Rio de Janeiro, Tip. Gomes Brandão, Marcondes e cia., 1920, p. 83.

torna-o sociável; o esforço regular e contínuo acera-lhe a resistência, como o fogo também o aço, e o entusiasmo com que se bate pelo pavilhão do seu clube, sublima-se, mais tarde, no culto da bandeira”.<sup>50</sup>

Não havia muitas surpresas no discurso do literato, que limitava-se a recolocar as vantagens que, desde o ano anterior, mostrava ver nos esportes - projetando através da disciplina ensinada pelo esporte a construção de uma nação mais sadia e forte, “uma era nova em nossa pátria”. Explicitava assim, novamente, os motivos de sua defesa apaixonada do jogo.

Aos olhos de Lima Barreto, no entanto, o discurso parecia um verdadeiro pecado. Revoltado, ele ataca impiedosamente o consagrado escritor em uma crônica escrita duas semanas depois da inauguração da piscina. Caracterizando o romancista como “o sujeito mais nefasto que tem aparecido no nosso meio intelectual”, Lima protestava contra o uso que Netto dava à literatura ao colocar-se a serviço destas festas esportivas como “a inauguração de uma dependência de um clube de regatas ou cousa que valha”.<sup>51</sup>

“O senhor Neto esqueceu-se da dignidade do seu nome, da grandeza da sua missão de homem de letras, para ir discursar em semelhante futilidade.

Os literatos, os grandes, sempre souberam morrer de fome, mas não rebaixaram a sua arte para simples prazer dos ricos. Os que sabiam alguma coisa de letras e tal faziam, eram os histriões; e estes nunca se sentaram nas sociedades sábias”.

Para Lima Barreto, decididamente um clube de futebol não mereceria tanta atenção de um literato. Desqualificando o sentido da atuação de seu oponente, Lima acusa Coelho Netto de estar, com sua defesa do jogo, fazendo somente “brindes de sobremesa, para satisfação dos ricos”. A simpatia que este dispensava ao jogo seria, assim, mero oportunismo, um meio de agradar às ricas famílias que se entusiasmavam com o jogo da bola, vindas de um “homem da moda que não entende a alma de uma criada negra”.

A indignação de Lima, porém, não pararia por aí. Muitos meses depois do evento ele ainda guardava na memória o ato de Coelho Netto - como mostraria uma crônica publicada no dia 12 de setembro de 1919 condenando a subserviência do

<sup>50</sup> - Coelho Netto, “Discurso pronunciado na inauguração da piscina do Fluminense Football Club a 29 de janeiro de 1919”, in *Falando...*, op.cit., p. 299.

<sup>51</sup> - Lima Barreto, “Histrião ou literato”, *Revista Contemporânea*, 15 de fevereiro de 1919, em *Impressões de leitura*, São Paulo, Brasiliense, 1956, pp 189-191. Note-se que, no livro, o artigo aparece incorretamente com a data de 15 de fevereiro de 1918, mas é no mesmo dia de 1919 que o artigo aparece na *Revista Contemporânea*.

romancista. Desta vez, porém, o tom ácido cedia lugar a uma sátira nada sutil - na qual sua atenção voltava-se para uma certa República da Bruzundanga, onde os milionários contratavam trovadores “a fim de que contribuíssem com as suas palavras douradas para o brilho de suas festas”:

“Um desses milionários, caprichoso e voluntarioso, quis ir mais longe ainda. Tendo construído nos fundos de sua chácara (...) um tanque imenso, para dar banho aos cavalos de raça das suas opulentas cavaliças, teimou que havia de inaugurá-la soberbamente, com notícias nos jornais, bênçãos religiosas e um discurso feito pelo maior literato de Bruzundanga, ou tido como tal, enfim, pelo mais famoso.

(...) O certo é que, desprezando a dignidade de sua arte e a sua glória, a reputação literária mais absorvente e mais tirânica da Bruzundanga, pescou latim, grego, a cabala judaica, o ramãiana, os evangelhos e inaugurou com um discurso assim pomposo, e grandiloquente, no estilo hugeano, o banheiro dos ginetes do multimilionário Har-Al-Nhardo Ben Khénly”.<sup>52</sup>

Lima Barreto nem precisaria ser tão explícito a ponto de dar o nome do milionário. Certamente os seus contemporâneos não precisavam ser muito perspicazes para ver nele a figura de Arnaldo Guinle, o presidente que estava a promover no Fluminense - a sua “chácara” - as obras de ampliação do clube. Do mesmo modo, não seria necessária muita astúcia para associar o estilo do poeta da Bruzundanga aos discursos de Coelho Netto, sempre neste tom pomposo e cheio de referências eruditas ironizado por Lima. Símbolo maior dos defensores do futebol, ele tornava-se também o alvo principal da indignação de seus adversários - explicitando um processo que faria do futebol, entre os círculos letrados, um campo de disputas entre diferentes pontos de vista sociais e políticos.

A ojeriza de autores como Lima pelo esporte bretão não se restringiriam, porém, às polêmicas literárias. Em minoria e acuados pela grande popularização que o futebol ia experimentando naqueles anos, um grupo de adversários do jogo da bola - entre os quais estavam médicos, jornalistas e literatos como Lima - resolve fundar, em 1919, uma “Liga Contra o Foot-ball”. Segundo um jornal do período, eles pretendiam com isso demonstrar que é “imotivada a importância social que aqui se lhe dá”<sup>53</sup> - aparecendo como uma clara reação à popularização do jogo. Nascida a partir da iniciativa de Lima Barreto e do Dr. Mário de Lima Valverde - que lhe explicara, durante uma conversa em uma confeitaria do Méier, os prejuízos que o futebol traria à

<sup>52</sup> - Lima Barreto, “As letras na Bruzundanga”, in *Os Bruzundangas*, São Paulo, Ática, 1985 (1923)

saúde de seus praticantes - a nova associação agregava ainda nomes como o do jornalista Noronha Santos e o “homem de letras” Dr. Coelho Cavalcanti. A iniciativa logo receberia inúmeras críticas de cronistas e *sportmen* como um articulista do jornal O Paiz, que chegou a considerar a criação da Liga uma “nota alarmante” - embora confiasse na popularidade consolidada do jogo, que faria da tentativa de concretizar seus objetivos uma “empresa mais do que espinhosa, e talvez mesmo inglória”<sup>54</sup>. Já um cronista da Gazeta Suburbana, afirmando que os “inimigos do *foot-ball* são antagonistas dos *foot-ballers*”, não mediu palavras ao afirmar que a campanha contra o jogo seria obra de homens que tiveram como único esporte “o brincar com bonecas até os vinte anos”<sup>55</sup>. O redator esportivo do jornal O Imparcial, por sua vez, vê no aparecimento da associação uma “nota sensacional e humorística”, afirmando que o “grupo de leigos” que a patrocinava seria composto por indivíduos “contrários ao desenvolvimento físico da mocidade brasileira” e “favoráveis às farras noturnas, onde o álcool é usado e abusado de forma lamentável”<sup>56</sup> - em um ataque direto que adotava a mesma lógica eugênica utilizada na defesa do futebol para aludir aos efeitos degenerativos do álcool no organismo do literato. Começava assim, como sugeriram à Liga os diretores do Botafogo, a formação de uma “contra-campanha” em favor do jogo - fazendo com que já naquele ano “os admiradores e os adversários do *foot-ball*” constituíssem “verdadeiros partidos que se batem pela conquista da cidade”<sup>57</sup>.

Apesar das pesadas críticas que recebem, os fundadores da Liga sabiam bem os objetivos que buscavam - sendo que a Lima Barreto caberia a crítica ao “aspecto político-social” do jogo.<sup>58</sup> Cumprindo fielmente sua função, ele aumentaria nos meses seguintes a quantidade e a intensidade dos ataques ao jogo. O tom desses artigos era, na maior parte das vezes, o mesmo: fingendo-se um admirador do esporte, por não

<sup>53</sup> - R.B.S., “Sport - Foot-ball”, O Paiz, 13 de março de 1919. Junto com Lima Barreto na liga estavam, segundo o jornal, o médico Dr. Miranda Valverde, o jornalista Noronha Santos e o “homem de letras” Dr. Coelho Cavalcanti.

<sup>54</sup> - E.B.S., “Reparos”, O Paiz, 13 de março de 1919.

<sup>55</sup> - Bacurau, “As campanhas contra o foot-ball”, Gazeta Suburbana, 12 de abril de 1919. O mesmo tipo de ilação sobre a masculinidade dos oponentes do jogo apareceria em uma coluna humorística do jornal O Paiz, que afirmava ser a sede da nova Liga na “rua das ‘Cariocas’” - além de associar diretamente a iniciativa às posições políticas atribuídas à Lima Barreto, afirmando que “a Liga maximalista vai acabar com o futebol no Rio”. Não Sei Mentir, “Boatos Falsos”, O Paiz, 14 de março de 1919.

<sup>56</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 14 de março de 1919.

<sup>57</sup> - “Ata da sessão de diretoria de 17 de março de 1919”, Botafogo F.C. . Atas da diretoria, 15.07.1918-7.4.1919; e “Notas sociais”, O Imparcial, 20 de maio de 1919.



querer “passar por retrógrado e atrasado”,<sup>59</sup> Lima contesta, com ironia, os argumentos daqueles que lhe atribuíam algum tipo de função regeneradora:

“Das coisas elegantes que as elegâncias cariocas podem fornecer ao observador imparcial, não há nenhuma tão interessante como uma partida de *foot-ball*.

É um espetáculo da maior delicadeza em que a alta e a baixa sociedade cariocas revelam a sua cultura e educação.

(...) Não há, portanto, nos nossos hábitos, fato mais agradável do que assistir uma partida de bolapê”.<sup>60</sup>

O autor repete, jocosamente, o tipo de visão propagandeada pelos admiradores do jogo, que tentam fazer dele uma manifestação de elegância e civilidade - citando, inclusive, o próprio Coelho Netto, que já teria feito “a apologia desses Apolos, com a força de sua erudição em cousas gregas”. O desenrolar da crônica, entretanto, logo mostraria o absurdo dessa opinião - tratando das senhoras que assistem aos jogos, cujo vocabulário, “rico no calão”, é comparado por ele “ao dos humildes carroceiros do cais do porto”; e das confusões e brigas que eram frutos dessas “festanças esportivas”, que segundo o autor “acabam sempre em rolo e barulho”. “Por tal preço, não vale a pena a gente divertir-se”, concluía triunfalmente Lima Barreto, dando o tom que adotaria em muitos de seus ataques ao futebol.

Dos comentários de Lima, surge a imagem de um jogo brutal e sem sentido, muito diferente do grande elemento de regeneração social pintado pelos seus defensores. Ainda dizendo-se com ironia um defensor do jogo, o literato recolhe em 1920 na imprensa diária notícias como aquelas publicadas no *Jornal do Commercio*, sobre um menino que quebrara a perna jogando bola e outro que morrera de um ataque do coração. O escritor mostrava então saber que notícias como estas apareceriam “todas as segundas-feiras” nas páginas dos jornais<sup>61</sup>, junto a outras que tratavam dos inúmeros conflitos ocorridos nos campos. O próprio Coelho Netto, em um episódio trágico que segundo os contemporâneos “quase o torna um cético e rouba a pátria de um de seus melhores ornamentos”<sup>62</sup>, viria a experimentar os argumentos do seu oponente: depois de um acidente em campo durante a disputa de

<sup>58</sup> - Cf. “A Liga Contra o *Foot-ball*”, *Rio-Jornal*, 13 de março de 1919, em Lima Barreto, *Um longo sonho de futuro*, Rio de Janeiro, Graphia, 1993, p. 307.

<sup>59</sup> - Lima Barreto, “Vantagens do *foot-ball*”, *Careta*, 19 de junho de 1920.

<sup>60</sup> - Lima Barreto, “Uma partida de *foot-ball*”, *Careta*, 4 de outubro de 1919.

<sup>61</sup> - É o caso, entre muitos outros, das fraturas no braço sofridas em 1919 por Samuel Freitas e em 1920 por Antonio Monte (de 16 anos) e Alfredo Moraes (de 15 anos). Cf. *O Imparcial*, 14 de outubro de 1919; e *O Paiz*, 1 e 7 de junho de 1920.

<sup>62</sup> - “Coelho Netto”, *Tricolor*, setembro de 1926.

uma partida do Fluminense contra o São Cristóvão em 1922, Mano, seu filho mais velho - descrito pela imprensa como um “perfeito *sportman*” - morria aos 24 anos em meio à disputa do campeonato sul-americano daquele ano<sup>63</sup>. Embora não tenha conseguido tirar da luta em defesa do esporte bretão o renomado romancista, episódios como esses iam dando a Lima um poderoso argumento na sua campanha contra o futebol, sendo capazes de sensibilizar muitos médicos e educadores preocupados com a saúde das crianças. Escrevendo em 1915 um tratado onde defendia a necessidade da educação física, o próprio Fernando Azevedo, partidário dos ideais eugênicos de Coelho Netto, afirmava que “as estatísticas consignativas dos acidentes produzidos pelos diversos esportes” atestavam ter o futebol “o maior coeficiente de fraturas e luxações” - o que o levava a “proscrever esse esporte violento na infância”<sup>64</sup>. Atentos para os perigos do jogo, os professores do Colégio Pedro II chegaram a proibir, em 1919, a prática do futebol<sup>65</sup>, enquanto na Academia Nacional de Medicina se discutia desde 1916 a “conveniência ou não do *foot-ball* para os menores de dezoito anos” - com muitos médicos condenando então a prática do jogo na infância<sup>66</sup>. Capaz de sensibilizar as mães de família<sup>67</sup>, esses acidentes apareciam como um dos principais aliados de Lima e seus companheiros nos combates ao esporte bretão.

O levantamento destas brigas e confusões viria a se tornar, assim, uma preocupação frequente de Lima Barreto nos meses seguintes. Em uma carta ao amigo Antonio Noronha Santos ele chega mesmo a pedir um jornal que trazia “notícia de

<sup>63</sup> - Cf. “O falecimento de Emmanoel Coelho Netto”, *O Paiz*, 1 de outubro de 1922; e Paulo Coelho Netto, “Oração no cinquentenário da morte de Mano”, *O Fluminense na intimidade*, v. 3, Rio de Janeiro: s/e, 1975, pg 23. O episódio é lembrado por Coelho Netto no livro *Mano*, no qual o literato lembra o contraste entre a alegria dos torcedores saindo da partida do selecionado brasileiro e a trisetza na sua casa, vizinha ao estádio. Coelho Netto, *Mano*, Rio de Janeiro: organizações Simões, 1956, pg 53.

<sup>64</sup> - O autor explica que, “se por um lado nos felicitáramos em termos ensejo de trabalhar pelo incremento do *foot-ball* nos clubs respectivos, onde a mocidade, avigorada nas escolas por uma educação racional, se vá exercitar, em dias de folga, por outro lado condenáramos a conservação desse jogo nos colégios, aplicado às crianças”. Fernando de Azevedo, *Da educação física*, op.cit., pp 232 - 235.

<sup>65</sup> - “Parece incrível!...”, *O Paiz*, 8 de março de 1919.

<sup>66</sup> - A polêmica aparece com destaque nos jornais cariocas em 1916, colocando contra o futebol médicos como Teophilo Torres e Moncorvo Filho - embora outros, como Francisco Eiras, ainda tomassem a sua defesa. “Uma opinião sobre o querido sport dos cariocas”, *Correio da Manhã*, 21 de outubro de 1916; “A opinião do Dr. Moncorvo Filho”, *Correio da Manhã*, 22 de outubro de 1916; “A medicina e o *foot-ball*”, *Correio da manhã*, 24 de outubro de 1916.

conflito em *foot-ball*", mostrando interesse em guardar o artigo<sup>68</sup>. E, para desespero da imprensa, empenhada em prestigiar o jogo bretão, assunto não faltaria a Lima Barreto. Várias de suas crônicas traziam intermináveis relações de brigas e acidentes ocorridos em meio às partidas de futebol<sup>69</sup>. O noticiário esportivo estava sempre repleto de casos que engordavam, com uma velocidade espantosa, os arquivos do literato. Invasões de campo como aquela iniciada em 1916 por Coelho Neto, classificadas na época pela imprensa como um acontecimento "profundamente desagradável",<sup>70</sup> logo transformavam-se em problemas pequenos frente aos tumultos e brigas causadas por disputas entre torcidas diferentes que aconteceriam nos jogos dos anos seguintes<sup>71</sup>. E, para surpresa de um jornalista, não era "só nos campos dos clubs de terceira ordem que tais cenas se verificavam"; também naqueles "de primeira ordem" as confusões tornavam-se uma constante, manchando a imagem de elegância e civilidade atribuída ao esporte<sup>72</sup>.

Para Lima Barreto, que finge não entender o espanto do articulista - "pois ele queria que os clubes aristocráticos ficassem atrás dos clubezinhos dos subúrbios?" - estas confusões, mais do que casos isolados, formariam "o fim próprio e natural do jogo".<sup>73</sup> Negando-lhe o caráter formador de solidariedade atribuído pelos seus defensores, o literato via no futebol um fator de dissensão e desunião - no que era acompanhado por outros dos escritores que se entregavam ao combate à popularização do futebol, como Carlos Sussekind de Mendonça. Editor do jornal *A Época*, Sussekind já se mostrava, desde 1919, um admirador da campanha movida por Lima contra o jogo - chegando a cobrar deste um artigo contra "esse micróbio de corrupção e de imbecilidade".<sup>74</sup> Passando a trocar correspondência com o "padrinho", Sussekind ensaiava, no início de 1921, os primeiros ataques ao jogo - que resultaram em um livro com o sugestivo nome de *O sport está deseducando a mocidade*

<sup>67</sup> - Uma delas chega a escrever 1916 ao jornal *Correio da Manhã* para afirmar ser "contra o perigoso e bruto jogo". Cf. "As vantagens ou desvantagens do jogo do foot-ball na infância", *Correio da Manhã*, 27 de outubro de 1916.

<sup>68</sup> - Lima Barreto *Correspondência*, tomo 1, São Paulo, Brasiliense, 1956, p. 111.

<sup>69</sup> - Conferir, por exemplo, Lima Barreto, "Divertimento?", *Careta*, 4 de dezembro de 1920.

<sup>70</sup> - Cf. *Gazeta de Notícias*, 23 de outubro de 1916.

<sup>71</sup> - Conferir, entre muitos outros, o incidente ocorrido em 1920 em um jogo entre o "Metropolitano" e o "São Paulo e Rio", que resultou em um tiroteio entre torcedores. *Sport Ilustrado*, 18 de setembro de 1920.

<sup>72</sup> - "Um conflito no campo do Flamengo F. Club", *A Noite*, 13 de dezembro de 1920.

<sup>73</sup> - Lima Barreto, "Uma conferência esportiva", *Careta*, 1 de janeiro de 1921, em *Coisas do reino de Jambon*, São Paulo, Brasiliense, 1956, pp. 151-153.

brasileira<sup>75</sup>. Nele o autor dedicava-se a combater, em minúcias, os argumentos dos defensores do futebol, seja no aspecto físico, moral ou intelectual. A crítica ao futebol como um agente criador de solidariedade, que Sussekind ouvia da boca de qualquer “maníaco” pelo esporte<sup>76</sup>, era assim um dos objetivos principais do escritor.

Seu texto teria, no entanto, um alvo mais preciso. Se opunha-se a um tipo de opinião amplamente disseminada entre os esportistas, sua irritação voltava-se prioritariamente contra a defesa do futebol feita por Afrânio Peixoto, um dos baluartes da sua propaganda - que, para ele, resumiria as opiniões das “próprias classes cultas do país”. Sussekind vê nos argumentos de Peixoto uma “fantasia esplêndida” que seria “escandalosamente exagerada”, porém “sincera”<sup>77</sup>. Para contestá-la, os argumentos de Sussekind são simples. Longe de estimular a união e o senso de coletividade que aparece na defesa que Afrânio Peixoto fazia do futebol, o futebol serviria como um fator de desunião e de individualismo, gerando “brigas constantes, repetidas, dentro do próprio *club*”, pois “nem sempre a vaidade está disposta ao sacrifício”:

“(...) isso de estar a vida inteira a preparar o gozo alheio, só porque dele necessite a glória coletiva, pode ser lá muito bonito, mas, no fundo, é cacete. Começa, então, a má vontade. (...) Alguns agüentam por mais tempo, para explodir nos bastidores. Outros, porém explodem logo, sem se lembrar que estão *bancando*, perante mil, dois mil, seis mil espectadores a *regeneração nacional*”.<sup>78</sup>

Vendo o egoísmo e as brigas no lugar da união e da solidariedade projetada sobre o futebol por seus defensores, Sussekind caracterizava o futebol como “um vivificante de discórdias, de malquerenças, de animosidades”.<sup>79</sup> O jogo perdia, aos seus olhos, o conteúdo de coletividade e união, sendo suas supostas vantagens um mero blefe bancado pelos defensores do jogo.

Nem só da análise dos aspectos morais do jogo, entretanto, era feito o combate ao jogo da bola. Os supostos benefícios intelectuais resultantes da sua prática também teriam, por parte dos adversários do bolapé, uma contestação veemente. O próprio Carlos Sussekind de Mendonça, em seu livro, era um dos primeiros a contestá-los, vendo no futebol um “mau fator da nossa educação intelectual” - negando por isso o

<sup>74</sup> - Lima Barreto, *Correspondência*, tomo 2, São Paulo, Brasiliense, 1956, p. 179.

<sup>75</sup> - Carlos Sussekind de Mendonça, *O Sport está deseducando a mocidade brasileira*, Rio de Janeiro, Empresa Brasil Editorial, 1921.

<sup>76</sup> - *Idem*, p. 90.

<sup>77</sup> - *Idem*, p. 100.

<sup>78</sup> - *Idem*, pp. 114-115.

<sup>79</sup> - *Idem*, p. 101.

princípio do *mens sana, corpore sano*, repetido à exaustão por todos os defensores do esporte:

“Vejo corpos, às vezes. Mas vazios. Desgraçadamente vazios. E, mesmo assim, não são tão numerosos como talvez se pense.(...) Enfim, corpos existem, menos talvez do que era de esperar, mas já capazes de um desfilezinho para o Rei Alberto ver. Mentos, é que é o diabo! Seja pelo que for, mas a verdade é que, desde o colégio, onde se via repontar um biceps mais saliente, a inteligência logo se encolhia, envergonhadíssima”<sup>80</sup>.

Embora reconhecesse que o jogo podia trazer algum benefício físico aos que o praticavam (embora menor do que propagavam seus defensores) Sussekind nega-lhe qualquer relação positiva com o intelecto. Pelo contrário: contando casos como os que teria visto na redação do *Sport Ilustrado*, quando um grupo de jogadores mostrara-se incapaz de responder decentemente a um simples questionário<sup>81</sup>, ele cria uma imagem dos esportistas como seres incapazes de qualquer reflexão - motivo pelo qual censura a própria campanha de Lima Barreto contra o futebol, que começara com a tradução de um livro de Spencer: afinal, “mandar um *foot-baller* ler Spencer, mesmo em português, resumido que fosse, é quase como catequizar o selvagem por ofícios”<sup>82</sup>. Inibindo o intelecto em detrimento do corpo, o futebol seria contrário ao desenvolvimento intelectual da mocidade<sup>83</sup>. Quebrando uma associação entre o físico e o intelecto que se naturalizava na voz dos defensores do esporte no Brasil, Sussekind termina por explicitar seu objetivo, afirmando que “essa história de *mens sana in corpore sano* pode ser muito bonita na sua esplêndida simplicidade, mas nunca há de passar de uma das mentiras mais completas que já se têm pregado ao homem”<sup>84</sup>.

Destruindo as vantagens que os *sportmen* viam no “bolapé”, seus adversários minavam as bases da defesa construída para ele. Descaracterizando o potencial civilizador que seus defensores viam no futebol, tentam mostrá-lo como uma prática que teria como único resultado estimular a violência e a desordem na cidade. “O Rio

<sup>80</sup> - *Idem*, p. 137.

<sup>81</sup> - *Idem*, pp. 88-89.

<sup>82</sup> - *Idem*, pp. 37-38.

<sup>83</sup> - Sua posição era compartilhada por escritores como Bastos Tigre. Embora fosse um entusiasta dos esportes, chegando mesmo em 1903 a recitar versos no lançamento de uma revista esportiva, achava “o futebol meio besta” - vendo no convívio “futebolesco” das rodas elegantes “o fogo que embotou a espiritualidade feminina”; Goulart de Andrade, por sua vez, criticava também o processo de “futebolização” da mulher carioca. Bastos Tigre, “Palestras sobre palestras”, *Correio da manhã*, 10 de fevereiro de 1921. “Notas sociais”, *O Imparcial*, 20 de maio de 1919.. Cf. *A Canoagem*, 11 de julho de 1903; e Agripino Grieco, “Vida literária”, *O Jornal*, 1 de abril de 1974. Agradeço a Marcelo Balaban a indicação do artigo.

<sup>84</sup> - Carlos Sussekind de Mendonça, *op. cit.*, p. 134.

de Janeiro é uma cidade civilizada e não pode estar entregue a certa malta de desordeiros que se querem intitular *sportmen*”<sup>85</sup>, escrevia Lima Barreto em 1922, desmontando o discurso de muitos dos admiradores do futebol. Ele e seus companheiros mostravam, desta forma, o objetivo primeiro de sua campanha: “Não quero que se acabe com semelhante jogo”, explicava ele; “é preciso porém, dar nome aos bois. Essa coisa não é divertimento, não é esporte”,<sup>86</sup> afirmava o literato, negando assim o caráter regenerador do jogo da bola - que, ao contrário do que pensavam seus oponentes, não gozaria “do privilégio de cousa inteligente”.

A campanha a favor do futebol feita por poetas e romancistas como Coelho Netto e Paulo Barreto aparecia assim para ele como algo injustificável. Escritas em tom “altaneiro e homérico”, a defesa que os literatos fazem do jogo vale a eles ironias como aquelas lançadas por Lima Barreto, ao lastimar “que escritores tão épicos não procurem assunto na guerra de Tróia, na expedição dos argonautas, na viagem de Vasco da Gama e proezas que tais”<sup>87</sup>. Carlos Sussekind, de maneira similar, defende ser a posição de Coelho Netto “a afirmação mais dolorosa da desgraça que o *sport* acarretou à nossa inteligência”<sup>88</sup>. Contrapondo “os períodos magistrais de saudação à França, do adeus à Bilac” com as “falas descabidas àqueles *foot-ballers* na inauguração de campeonatos e piscinas”, ele lamenta que o consagrado romancista tenha incorporado estas “páginas bastardas” à sua obra, maculando com isso sua grandeza. Para escritores como Bastos Tigre, a paixão de Coelho Netto pelo futebol seria, certamente, “o *terminus* de uma literatura”.<sup>89</sup>

Por trás das críticas de Lima Barreto e seus companheiros ao jogo da bola e seus defensores estava, no entanto, muito mais do que uma simples questão literária ou uma mera contestação dos sentidos atribuídos ao futebol. Os acidentes e intrigas e o suposto embotamento da inteligência provocado pelo jogo não bastam para explicar a implicância dos adversários do esporte bretão. Se estes lhes davam argumentos para atacar a visão regeneradora de seus pares, eram alguns dos sentidos específicos que viam nele que fazia desses escritores fervorosos inimigos do “bolapé”, no qual vislumbravam um fator de degeneração da cultura nacional. Neste ponto, porém,

<sup>85</sup> - Lima Barreto, “O *Foot-ball*”, *Careta*, 1 de julho de 1922, em *Marginália*, op. cit., p. 153.

<sup>86</sup> - Lima Barreto, “Divertimento?”, *Careta*, 4 de dezembro de 1920, em *Marginália*, op. cit., p. 116.

<sup>87</sup> - Lima Barreto, “Divertimento?”, *Careta*, 4 de dezembro de 1920.

<sup>88</sup> - Carlos Sussekind de Mendonça, op. cit., pp. 157-158.

<sup>89</sup> - D. Quixote (Bastos Tigre), *Pro Domo Mea*, *Correio da Manhã*, 27 de fevereiro de 1921.

pareciam acabar as afinidades entre os combatentes contra o jogo da bola. Se a indisposição quanto à popularização do jogo unia a todos, os significados específicos que cada um lhe atribuía mostravam-se, por vezes, radicalmente diversos. Tratavam-se, assim, de diferentes concepções políticas e sociais que se articulavam, naquele momento, em combate ao futebol.

Para Carlos Sussekind de Mendonça, parecia tratar-se simplesmente de uma questão de inadequação do jogo à tarefa a ele destinada por seus defensores - pois este não estaria de acordo com as tradições nacionais. Afirma logo no início do seu livro, concordando com o ponto de vista de Coelho Netto, seu “desejo de que o Brasil se regenere”; parece apenas discordar que o futebol seja o melhor meio de fazê-lo. Esta tarefa seria realizada, para ele, “não pela sorte vária de alguns pontapés, mas pelo esforço consciente e pela ação raciocinada da nacionalidade inteira”<sup>90</sup>. Embora o jogo pudesse ser bom para a Inglaterra, onde seria uma “causa nacional”, certamente não o era para o Brasil, pois fora de seu lugar de origem ele apareceria como um simples “erro das nacionalidades que o adotaram”. Sustentada em elementos que seriam “inteiramente estranhos à nossa índole”, a ênfase nestes esportes iria contra “o que há de mais belo nas nossas tradições”<sup>91</sup> - resultando em desavenças e disputas que, ao invés de estimular uma tradição autenticamente nacional, simplesmente ajudavam a destruí-la, impulsionando e agravando “a própria agonia física da nacionalidade, porque ilude o soerguimento coletivo, que tranquiliza o povo”.<sup>92</sup> Ele combatia assim não o futebol em si, mas sua disseminação entre classes que, por sua formação, não estariam preparadas para o exercício físico - como indica ao final de seu livro:

“Uma de duas: - ou o *sport* se contenta de ser, apenas, um grande benefício de alguns, sem extensão nenhuma à coletividade nacional, - ou - se insiste no desejo de se fazer extensivo a essa coletividade toda, terá de arcar com todas as conseqüências que possam resultar da ampliação corrompedora”.<sup>93</sup>

Vendo na disseminação do jogo um grande mal, Sussekind não parece se importar que ele fique restrito a uma pequena parcela da sociedade - justamente aquela que, com mais preparação e conhecimento, estaria apta a aproveitar suas vantagens. O futebol aparece assim como um esporte que deve, necessariamente, ficar circunscrito a poucos - sendo que, para ele, a “educação física da nacionalidade” se limitaria à

<sup>90</sup> - Carlos Sussekind de Mendonça. *Op.cit*, p. 6.

<sup>91</sup> - *Idem.*, p. 29 e 60.

<sup>92</sup> - *Idem.* p. 21.

“educação física de meia dúzia de rapazes, muitos já anteriormente fortes, outros profissionais e diversos estrangeiros, de berço, sangue e coração”<sup>94</sup>.

Já para Lima Barreto o fator que aparece como o mais marcante em sua leitura desse processo seria, justamente, esta diferenciação social patrocinada pelo futebol - como ele explicitaria em uma entrevista ao jornalista do Rio-Jornal:

“- Está aí, uma grande desvantagem social do nosso *foot-ball*. Nos dias em que, para maior felicidade dos homens, todos os pensadores procuram apagar essas diferenças acidentais entre eles, no intuito de obter um mútuo e profundo entendimento entre as várias partes da humanidade, o jogo do ponta-pé propaga sua separação e o governo o subvenciona”<sup>95</sup>.

Opondo-se às tentativas de diferenciação dos grandes clubes em um momento no qual, segundo ele, essas diferenças “acidentais” deveriam ser suprimidas, Lima criticava os “favores e favorezinhos” que os clubes de futebol recebiam do governo para “criar distinções idiotas e anti-sociais entre os brasileiros” - que segundo ele resultavam “em chufas, vaias, apelidos deprimentes, até em rolos” entre os habitantes de São Paulo e do Rio que o faziam perceber que “longe de tal jogo contribuir para o conagraçamento, para uma mais forte coesão moral entre as divisões políticas da União, separava-as”<sup>96</sup>. Mais do que essas desavenças e conflitos regionais que eram uma presença constante nas crônicas de Lima Barreto, as preocupações do literato tinham um cunho marcadamente social. Para ele o futebol promoveria a separação “não só das divisões políticas da nação, mas entre os próprios indivíduos desta nação”<sup>97</sup>. Os grandes clubes de futebol seriam, a seu ver, “portadores de uma pretensão absurda, de classe, de raça, etc.”<sup>98</sup>, que os levava a se transformar na lógica dos *sportmen* em um simples meio de distinção. Lima Barreto - que tinha então uma perspectiva política muito diferente daquela defendida por Coelho Netto e seus pares<sup>99</sup> - batia-se contra estas tentativas de

<sup>93</sup> - Idem, p. 121.

<sup>94</sup> - Idem, p. 77.

<sup>95</sup> - “A Liga contra o football”, op. cit., p. 307.

<sup>96</sup> - “A Liga Contra o Foot-Ball”, Rio-Jornal, 13 de março de 1919, in Um longo sonho de futuro, op. cit., p. 306.

<sup>97</sup> - “A Liga contra o Foot-ball”, op. cit., p. 307.

<sup>98</sup> - Idem, p. 306.

<sup>99</sup> - Conferir, a respeito, Nicolau Sevcenko, Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República, São Paulo: Brasiliense, 1983, em especial o capítulo 5; e Denilson Botelho, A pátria que quisera ter era um mito: uma introdução ao pensamento político de Lima Barreto, Dissertação de mestrado em história social, IFCH/UNICAMP, 1995.



discriminação patrocinadas pelos grandes clubes, vendo o futebol como um jogo para “almofadinha” e chamando-o ironicamente de “doutor *foot-ball*”.<sup>100</sup>

Não eram só sociais, porém, as distinções combatidas por Lima. Outro tipo de fronteira viria, ainda, somar-se às diferenciações sociais desejadas pelos membros dos grandes clubes de futebol que eram então combatidas pelo literato: a distinção de raça, aberta e explícita, que vedava aos negros a participação nos grandes clubes. Quando em 1921 os jornais anunciaram a proibição de que jogadores negros fizessem parte do selecionado que ia à Argentina, a situação foi duramente criticada por Lima Barreto - que publicou, em um mesmo dia, dois artigos atacando “as eugênicas autoridades dos pontapés”<sup>101</sup>. Comentando o veto à participação no time brasileiro de “gente tão ordinária e comprometedora”, via em seu gesto a tentativa de esconder “que tínhamos no Brasil semelhante esterco humano”<sup>102</sup>. “Quando não havia *foot-ball*, a gente de cor podia ir representar o Brasil em qualquer parte”<sup>103</sup>, assinalava o literato, mostrando o caráter nocivo do futebol para o país e apontando aquela que considera ser a real “missão” do jogo:

“(...)É o fardo do homem branco: surrar os negros, a fim de trabalharem para ele. O *foot-ball* não é assim: não surra, mas humilha, não explora, mas injuria e come as dízimas que os negros pagam”.<sup>104</sup>

Vendo nos sócios dos grandes clubes os herdeiros dos antigos senhores de escravos, Lima enxerga no futebol uma das formas de continuação da dominação exercida, durante décadas, pelo regime escravista. Trocando a violência pela humilhação de quem paga impostos para sustentar, com as subvenções oficiais, um jogo ao qual não tem acesso, o futebol aparece no texto de Lima como um poderoso e eficaz instrumento de domínio utilizado por uma “raça” que se julga “eleita por Deus, graças às suas habilidades nos pés”<sup>105</sup>. Como a escravidão, sua única finalidade seria a de criar “uma separação idiota entre os brasileiros”, que perpetuaria as desigualdades relegando aqueles que se entregavam ao jogo a uma eterna exclusão social. Longe de projetar através do futebol o futuro do país, vendo-o como o “regenerador da raça

<sup>100</sup> - É o que ele afirma em sua crônica de 1 de outubro de 1921, na qual pede licença ao “doutor *foot-ball*” para elogiar as torcedoras americanas e ataca a futilidade do tipo descrito por ele como “almofadinha”. Lima Barreto, “O Meu Conselho”, em *Feiras e mafuás*, *op. cit.*, pp. 172-175.

<sup>101</sup> - Lima Barreto, “O Meu conselho”, *op. cit.*, p. 176.

<sup>102</sup> - Lima Barreto, “Bendito Football”, in *Feiras e mafuás*, *op. cit.*, p. 95.

<sup>103</sup> - Lima Barreto, “O Meu Conselho”, 1 de outubro de 1921, em *Feiras e mafuás*, *op. cit.*, p. 170.

<sup>104</sup> - Lima Barreto, “O Meu Conselho”, *op. cit.*, p. 171.

<sup>105</sup> - *Idem*, p. 171.

brasileira”,<sup>106</sup> como fazia Coelho Neto, Lima Barreto enxergava nele apenas a continuação de um passado de diferenciação e segregação.

Da escola de disciplina e solidariedade formulada por Afrânio Peixoto e Coelho Netto ao poderoso instrumento de domínio descrito por Lima Barreto, passando pelo estrangeirismo inútil e estéril criticado por Carlos Sussekind, o futebol parece realmente ter assumido diferentes feições entre os literatos das primeiras décadas do século. Para além dessas diferenças radicais, podemos encontrar, no entanto, um substrato comum que guiou a construção de sentidos para o jogo: de uma forma ou de outra, o futebol seria realmente, para todos eles, um elemento de controle sobre seus adeptos: pois ambos atribuíam ao jogo o poder de definir os destinos dos diversos grupos que o praticavam - visão que se tornava, no período, quase consensual entre jornalistas e literatos.

A lógica que os movia era simples. Para além de suas diferenças, todos esses escritores se mostravam, no período, impressionados com a grande inserção social do futebol na cidade. Vendo nela um benefício ou uma maldição, o fato é que esta popularidade era atestada até mesmo por ferrenhos adversários do jogo, como o próprio Lima Barreto - ao reconhecer, em 1922, que

“(...)toda a gente, hoje, nesta boa terra carioca, se não fica com os pés ferrados, ao menos com a cabeça cheia de chumbo, joga o tal sport ou esporte bretão, como eles lá dizem. Não há rico nem pobre, nem velho nem moço, nem branco nem preto, nem moleque nem almofadinha que não pertença virtualmente pelo menos, a um club destinado a aperfeiçoar os homens na arte de servir-se dos pés”.<sup>107</sup>

A constatação da popularização do jogo pelo literato - que prefere deixar que seja explicada pela “inteligência e sagacidade dos sociólogos de profissão” - atesta que, apesar de seu desconsolo com a situação, ele lutava uma batalha perdida. Apesar de suas objeções, o jogo disseminara-se como uma praga pela cidade, atingindo todos os grupos sociais. O próprio Carlos Sussekind de Mendonça, outro inimigo do futebol, afirmava que ele teve na cidade “mais do que o nosso prazer, o nosso delírio” e “mais do que a nossa submissão, o nosso entusiasmo”<sup>108</sup> - deixando assim escapar que, muito mais do que o jogo de poucos que ele tenta pintar em alguns momentos do seu texto, o

<sup>106</sup> - Lima Barreto, “Bendito Football”, *op. cit.*, p. 96.

<sup>107</sup> - Lima Barreto, “O nosso esporte”, *A.B.C.*, 26 de agosto de 1922, em *Vida urbana*, *op. cit.*, p. 281.

<sup>108</sup> - Carlos Sussekind de Mendonça, *op. cit.*, p. 31.

futebol era um fenômeno vivo e forte por entre a população carioca, gozando das “preferências populares”:

“Qualquer de nós que tenha viajado, em dia de domingo, vê sempre o mesmo quadro: ao pé das estações, num campo onde se apinham centenas de ociosos, lá estão, a transpirar, os vinte e dois heróis de maxambona ou caixa pregos...”<sup>109</sup>

Marcando sua presença nos subúrbios avistados pelo escritor, o futebol arrebatava homens, mulheres e crianças em uma adoração geral, transformando-se na principal atividade de lazer dos cariocas. Surpreendido e desgostoso com essa popularidade, pois nunca teria havido “uma miragem que durasse tanto na volubilidade conhecida das simpatias brasileiras”<sup>110</sup>, o escritor se mostrava cada vez mais impressionado com sua difusão, seja nos campos de subúrbio ou nas arquibancadas onde espremia-se “a grande multidão dos que lhe assistem às pelepas”.<sup>111</sup>

A ênfase que esses escritores, sob diversos pontos de vista, passavam a dar ao “bolapé”, não seria assim casual. Nas palavras de Lima Barreto, eles simplesmente faziam como as gazetas diárias, que traziam extensas colunas sobre o futebol pela necessidade de ir “ao encontro do gosto do público”<sup>112</sup>. Como elemento presente no cotidiano dos mais diversos grupos sociais, o jogo da bola constituía-se em um novo meio de efetivação, por entre um público pouco afeito às discussões literárias, dos seus sonhos de transformação da sociedade. Ele assumia, assim, um papel central na tentativa desses escritores em intervir de alguma forma sobre a sociedade - fazendo com que até mesmo Gilberto Amado, que dizia em 1910 não ser o futebol um tema para intelectuais, escrevesse em 1922 um artigo na qual afirmava que não havia, no Rio, “assunto mais sério, que tanto diga com o encanto e o brilho da cidade, do que o *foot-ball*”.<sup>113</sup>

A importância que passavam a atribuir ao jogo da bola seria, porém, inversamente proporcional à compreensão dos significados que ele assumia para aqueles que o praticavam. Sem entender os motivos da popularidade do jogo, escritores como Carlos Sussekind de Mendonça acabam por atribuir esse repentino

<sup>109</sup> - *Idem*, p. 69.

<sup>110</sup> - *Idem*, p. 159.

<sup>111</sup> - *Idem*, p. 74.

<sup>112</sup> - Lima Barreto, “O Nosso Esporte”, *op. cit.*, p. 281.

<sup>113</sup> - Gilberto Amado, “Assunto sério”. in *Aparências e realidades*, São Paulo, Monteiro Lobato e c., 1922, p. 27.

crescimento ao “seu bocado de feitiçaria”<sup>114</sup>. Ele não consegue compreender como um jogo que não tinha um “objeto útil”, e que portanto somente “ocupa a ociosidade com desocupação”, podia alcançar tanta popularidade<sup>115</sup> - em um tipo de dúvida compartilhada, no período, pelo próprio Lima Barreto. Se para defensores do jogo como Paulo Barreto e Coelho Netto o exercício esportivo tinha, em si, um valor de regeneração social, Lima ironizava, pela voz de um certo “Doutor Francoso Hell Jacuencanga”, consultor literário da “Liga Metropolitana dos Trancos e Pontapés”, seus argumentos - indicando que, para ele, os músculos de estivadores, carroceiros, caldeireiros e outros trabalhadores, quando colocados a serviço do esporte, não serviriam para nada<sup>116</sup>. Trocando simplesmente de sinal - o que era um sentido positivo exterior vira sentido nenhum - ele compartilha com os defensores do futebol de uma mesma incompreensão sobre os significados que ele assumia para seus praticantes, que o impedia de ver a lógica que movia operários negros ou trabalhadores em geral a praticar o jogo da bola.

Essa incompreensão já se manifestara, em 1920, em um trágico episódio: cansada de ver seu marido, o carteiro Washington Neves, trocá-la pelos campos de futebol do subúrbio, a jovem Albina suicidara-se, em um caso de grande repercussão pela cidade.<sup>117</sup> Na mesma semana, Coelho Netto publicava uma crônica ironizando a atitude de Albina. Afirmando que o seu “gesto desprendido e trágico” seria muito forte para ser causado por “uma bola de couro”, Netto fazia um paralelo entre a atuação de Washington nos campos e na cama - especulando sobre a possibilidade de que o verdadeiro problema de Albina fosse o fato de que o marido não “fizesse *goals* em casa”. Buscava com isso atribuir ao gesto da jovem outras causas, deixando de lado a tentativa de entender as motivações de Washington<sup>118</sup>. Lima Barreto, por sua vez, afirmava ironicamente que Albina seria “um coração fraco que não está a par das conquistas modernas da civilização”, usando o episódio para criticar os defensores da bola - como se fossem eles os responsáveis pela sua morte e fazendo o casal meras vítimas de um poderoso instrumento de domínio<sup>119</sup>. Negando qualquer relação com o

<sup>114</sup> - Carlos Sussekund de Mendonça, *op. cit.*, p. 159.

<sup>115</sup> - *Idem*, p. 92.

<sup>116</sup> - Lima Barreto, “Uma conferência esportiva”, *Careta*, 1 de janeiro de 1921.

<sup>117</sup> - Cf. *O Paiz*, 23 de março de 1920.

<sup>118</sup> - Coelho Netto, “Bola a goal!”, *A Noite*, 25 de março de 1920, em *O Meu Dia*, Porto, Lello, 1922, pp. 192-194.

<sup>119</sup> - Lima Barreto, “Uma Conferência Esportiva”, *op. cit.*.

suicídio da jovem ou fazendo dos defensores do jogo os culpados pela tragédia, ambos se negam a encarar a atração que o futebol passava a exercer sobre pessoas como Washington. Mais do que incompreensão, o episódio aponta para a desconsideração com a qual esses escritores tratavam da devoção dos grupos iletrados pelo futebol, vista como mero reflexo das campanhas movidas por suas penas.

A desconsideração chegava mesmo, muitas vezes, a assumir a feição de um grande desprezo. Mesmo um entusiasta dos efeitos morais do jogo da bola sobre a população carioca, como Coelho Netto, não escondia sua irritação ao ouvir o

“(…) vozerio de marmanjões, em matula sórdida, e livre de linguagem, que improvisam nas ruas partidas de foot-ball, aos ponta-pés ao que encontram nas sarjetas: trapos, cascaria, às vezes estravo, com o que tomam pagode quando sucede algum transeunte ser atingido por tais escórias”.<sup>120</sup>

Se a imagem dos atletas gregos, olímpicos e fortes, fascinava o mal humorado escritor, o modo pelo qual o futebol era praticado pelas ruas lhe soava como uma verdadeira tortura, patrocinada por uma corja de indivíduos nos quais não via nenhum dos benefícios que associava ao esporte. Embora visse no futebol um meio de regenerar uma população vista como primitiva e bárbara, ele mostrava que o apoio à popularização do jogo era, para escritores como ele, um simples meio de efetivar seus pontos de vista sobre os destinos da sociedade, sem incluir uma preocupação de compreender a lógica que movia os tais “marmanjos”. Adversários do jogo como Carlos Sussekind de Mendonça, por sua vez, afirmavam que o futebol seria um mal “não porque tenha já, consigo, predicados maus, mas porque o nosso moço é mau, mesmo sem ele (...)”.<sup>121</sup> Vendo o problema não no esporte, mas nos grupos sociais que passavam a praticá-lo, Sussekind explicitava um tipo de desprezo semelhante àquele manifestado por Coelho Netto.

Os defensores do jogo e seus combatentes mostravam, assim, seus pontos em comum: incapazes de atribuir aos grupos das ruas a possibilidade de uma escolha autônoma, acabavam ambos por vê-los como meros objetos ou vítimas dos seus discursos, caracterizando o futebol como um instrumento de manipulação dos trabalhadores espalhados pela cidade - seja para sujeitá-los à dominação ou para “regenerar” a sociedade de seu passado e suas tradições indesejáveis. Brigando em

<sup>120</sup> - Coelho Netto, “Tonitruosa Urbs”, 2 de julho de 1922, em Frechas, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923, p. 210.

<sup>121</sup> - Carlos Sussekind de Mendonça, op. cit., p. 147.

torno dos sentidos que tentavam dar ao futebol, esses escritores reafirmavam suas divergências políticas; para além das diferenças, no entanto, todos - gostando ou não da idéia - viam o público ao qual se destinava suas mensagens como uma massa amorfa, que podia ser moldada segundo suas próprias vontades. Trocavam a arrogância de quem tenta simplesmente suprimir a tradição de seus “outros” - que marcara a atuação literária em relação às práticas e tradições populares em fins do século XIX<sup>122</sup> - por um meio de intervir em suas práticas, partindo de suas próprias aspirações para regenerá-los de seu suposto primitivismo. Por mais que mudassem de estratégia, tais escritores continuavam uma história que havia começado muitos anos antes: auto-atribuindo-se o monopólio das luzes, eles continuavam marcados pelo vício que os levava a formular projetos e aspirações sobre os grupos iletrados sob um prisma que desconsiderava a lógica própria da atuação desses sujeitos. Relegados ao papel de meros objetos de seus discursos, lhes restaria esperar que seus iluminados guias chegassem finalmente a uma conclusão, que explicaria enfim os motivos da febre do *foot-ball* que tomava conta da cidade. Longe da cabeça da maior parte daqueles que se entusiasmavam pelo jogo, tal raciocínio dizia muito mais sobre a lógica que movia esses próprios escritores do que sobre aquela que alimentava os que, como Washington, jogavam por toda a cidade um animado bolapé.

### **Nos arrabaldes do esporte**

No dia 3 de novembro de 1920 uma nova associação esportiva com o singular nome de Maria Angú Foot-Ball Club apresentava ao chefe de polícia do Distrito Federal um requerimento solicitando sua licença anual de funcionamento. Anexando ao pedido seus estatutos, aprovados em assembléia geral realizada em agosto daquele ano, e uma longa listagem com os nomes, residências e profissões de seus associados, seus diretores cumpriam todas as exigências legais necessárias para seu regular funcionamento. Ao contrário dos clubes elegantes com sede nas zonas mais valorizadas da cidade, que contavam entre seus sócios somente com estudantes, bacharéis, negociantes e altos funcionários do comércio e do serviço público, o Maria Angú tinha uma composição bastante heterogênea. Entre seus 55 membros, aparecia

<sup>122</sup> - Cf. Leonardo Pereira, O carnaval das letras, op. cit. .

os mais variados perfis: alguns eram indivíduos que, pela ocupação, poderiam fazer-se presentes na maior parte dos clubes endinheirados da cidade - como era o caso de dois negociantes (um deles dono de uma banca de peixes e outro de uma taverna), de um “proprietário”, de um industrial - dono da Olaria da Estrada do Norte; outros, tratando-se de trabalhadores braçais, nem de longe se adequavam ao perfil elegante dessas associações, constituindo a maior parte dos sócios do clube. A presença maciça em seu quadro social de inúmeros tamanqueiros, pedreiros, trabalhadores do porto, empregados no comércio, pescadores, bombeiros, oleiros, fiscais de bonde e caixeiros (um dos quais trabalhava justamente na taverna do outro sócio) evidenciava então tratar-se de um grêmio com um perfil muito distinto daqueles que existiam na zona sul. Reunidos sob as cores vermelha e branca de seu pavilhão, os diversos associados do Maria Angú davam forma a uma identidade que tinha em sua base uma explicação simples: com raras exceções, todos moravam na região do Porto Maria Angú, na distante estação de Olaria, tirando seu sustento de atividades a ele ligadas<sup>123</sup>.

Longe de ser uma exceção, o aparecimento do Maria Angu compunha um processo mais amplo de proliferação de pequenos centros esportivos por toda a cidade. Organizados pelo mesmo critério de vizinhança, apareciam nos mais diversos subúrbios cariocas associações que faziam de sua região a marca maior de sua identidade, o que ficava muitas vezes marcado nos seus próprios nomes: já em 1915, um grupo de pessoas de Bonsucesso descritas pelo comissário de polícia como “relativamente ordeiras e bem classificadas na sociedade” pediu licença para o funcionamento de um clube que tirava seu nome do bairro em que viviam, fazendo dele a marca de sua aliança - em um exemplo seguido nos anos seguintes pelos sócios de outras entidades como o Cascadura F.C., o Campo Grande F.C., o Del Castilho e o Engenho de Dentro<sup>124</sup>. Mesmo em regiões mais próximas ao centro, como a Lapa, os moradores locais se articulavam em um clube que levava o nome do bairro<sup>125</sup>, constituindo uma ampla aliança entre diversos habitantes da região e evidenciando a lógica associativa que norteava a criação de muitos desses novos centros esportivos que iam aparecendo pela cidade.

<sup>123</sup> - Arquivo Nacional, S.P.D.F., IJ6 759.

<sup>124</sup> - Conferir respectivamente Arquivo nacional, S.P.D.F., IJ6 564, IJ6 597, IJ6 691, IJ 6 759, IJ6

648.

<sup>125</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F., IJ6 759

Embora a adoção do nome do bairro já fosse comum entre sócios de clubes elegantes como o Botafogo e o Flamengo, esta prática ganhava nos grêmios de menor expressão um sentido mais claro - sendo uma constante a incorporação do local no qual eram fundados como ponto de identificação entre seus sócios<sup>126</sup>. Mesmo em clubes que não adotavam o nome do bairro, como o Primavera F. C., a ligação com a vizinhança parecia evidente - aparecendo em 1917 nos seus estatutos a determinação explícita de que sua sede deveria ser no “perímetro de Campo Grande”<sup>127</sup>. Embora muitas dessas pequenas associações como o Sport Club Nacional - que tinha uma diretoria heterogênea, composta por um tipógrafo do jornal O Imparcial, um empregado no comércio, um funcionário da Central do Brasil e um operário da Light and Power com idades que variavam de 21 a 44 anos - não chegassem a anunciar princípios como esses, um exame detido dos dados apresentados ao chefe de polícia em 1918 revelava que todos eram moradores do Encantado<sup>128</sup>. De formas diversas, as relações de vizinhança como aquelas que davam origem à formação do Maria Angú apareciam nos bairros mais pobres e naqueles mais distantes da região central como um dos principais fatores de articulação dos clubes esportivos da cidade.

O impulso que movia a criação desses clubes não deixava dúvidas quanto ao perfil que, na maior parte das vezes, eles assumiriam. Organizando-se por laços de vizinhança, abriam suas portas para o grande contingente de operários, pequenos funcionários públicos, caixeiros, pescadores e outros trabalhadores de baixos salários, que com sua presença maciça nessas associações iam dando a elas um perfil próprio. A primeira marca dessa diferença aparecia no próprio valor da mensalidade cobrada nesses grêmios. Em mais de 92% dos pedidos que foram entregues ao chefe de polícia declarando sua mensalidade entre 1918 e 1921, o valor cobrado oscilava entre 1\$000 e 2\$000 - o equivalente a cerca de um centésimo do salário ganho por um servente da

<sup>126</sup> - É o que mostravam, por exemplo, os sócios do Cascadura F.C., que definiam em seus estatutos a obrigatoriedade de que fosse lá a sua sede. Já os membros do Santa Thereza F.C. - composto, segundo seus estatutos, por “operários, artistas, industriais, empregados do comércio e trabalhadores” da região - definiam em 1919 que o nome da associação não seria mudado “por motivo algum, visto ter a mesma denominação do bairro onde foi fundado”. Arquivo nacional, S.P.D.F. IJ6 597 e IJ6 694.

<sup>127</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F., IJ6 655. Dois anos depois o Cocotá F.C., da Ilha do Governador, definia que “as pessoas residentes fora da Ilha do Governador só serão admitidas mediante a contribuição adiantada de três mensalidades”, mostrando toda sua desconfiança em relação àqueles que fossem de fora da comunidade. Arquivo nacional, S.P.D.F. IJ6 694.

<sup>128</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F. IJ6 655.



Intendência Municipal alguns anos antes<sup>129</sup>. A jóia de ingresso nos clubes limitava-se na esmagadora maioria dos casos a um valor que raramente ultrapassava os 3\$000, igualando-se na maior parte das vezes ao preço da mensalidade. Adotando um padrão semelhante àquele utilizado pelo Maria Angú F.C., que cobrava uma mensalidade de 1\$000 e uma jóia de 2\$000, essas pequenas associações abriam-se à participação de assalariados de baixa renda, que compunham a maior parte da população dos bairros e regiões onde eram criados.

Sem limitar-se ao valor das mensalidades, a diferenciação da composição desses clubes menores em relação aos primeiros centros esportivos da cidade ficava marcada de forma clara nos próprios estatutos dessas pequenas associações - que, longe das inúmeras restrições colocadas ao ingresso de novos sócios como as que aconteciam em clubes como o Fluminense, evidenciavam um critério social bastante amplo. Ainda em 1915 os sócios do Municipal F.C., composto segundo ao inspetor do Corpo de Segurança por “homens trabalhadores e operários” da Gamboa, definiam em seus estatutos como muitos outros clubes que ele seria composto “de ilimitado número de sócios sem distinção de cor ou nacionalidade”, quebrando o critério racial presente de forma implícita nos grandes clubes da cidade<sup>130</sup>; dois anos depois, clubes como o Olaria F.C. determinavam que a escolha dos seus sócios seria feita “sem distinção de classes ou nacionalidade”, dando uma marca social mais clara ao padrão utilizado por quase todos esses clubes<sup>131</sup>. Outros adotavam leves mudanças nesses padrões, lembrando-se de negar a possibilidade de distinção nos clubes por critérios religiosos, como faz em 1922 o Sport Club Tupy, de Madureira, ou pela “ocupação social” dos sócios propostos, como definia no ano anterior o Praia Vermelha F.C.<sup>132</sup>. Quando aparecia algum tipo de restrição, ela limitava-se a definir a exigência de que o sócio proposto exercesse “profissão honesta”, como faziam o Cruz de Malta A.C. e o Sport Club Nacional<sup>133</sup>. Mesmo assim, não era incomum que alguns desses clubes definissem,

<sup>129</sup> - Cf. Sylvia Damazio, *Retrato Social do Rio de Janeiro na virada do século*, Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996, pg. 48. Sobre o valor das mensalidades, ver *Arquivo nacional*, S.P.D.F. IJ6 548, 645, 648, 649, 655, 690, 691, 692, 693, 694, 728, 758, 759, 763, 778 e 786.

<sup>130</sup> - *Arquivo nacional*, S.P.D.F. IJ6 563. Esse era um critério de aceitação padrão para a maior parte dessas pequenas associações, como o Constituição F.C., da Candelária, que repete a expressão nos estatutos que apresenta à polícia em 1919. *Arquivo nacional*, S.P.D.F. IJ6 758.

<sup>131</sup> - *Arquivo nacional*, S.P.D.F. IJ6 694. Esse padrão seria repetido por outras associações como o Belisário Penna F.C., de Vigário geral - que definia em 1921 o mesmo critério de aceitação usado pelo Olaria. *Arquivo nacional*, S.P.D.F. IJ6 759.

<sup>132</sup> - Conferir, respectivamente, *Arquivo nacional*, S.P.D.F. IJ6 786 e IJ6 758.

<sup>133</sup> - *Arquivo nacional*, S.P.D.F. IJ6 648 e IJ6 655.

como o Paladino faz em 1915, que seus sócios pudessem ficar isentos do pagamento das mensalidades “provando ter ficado sem meios, por falta de colocação” - abrindo a possibilidade de que mesmo os que perdessem o emprego continuassem a eles ligados<sup>134</sup>. Definindo nos seus próprios estatutos critérios amplos de aceitação de seus associados, esses clubes tornavam-se grandes centros de associação de trabalhadores de diferentes ofícios e etnias, abrindo espaço para o grande contingente de negros e pobres privados da prática do futebol em outras associações.

Para além da construção de uma identidade de vizinhança, e alimentada por ela, clubes como o Maria Angú assumiam assim a feição de associações esportivas populares. Aos olhos de muitos defensores do futebol, o surgimento dessas associações parecia garantir a disseminação social do desenvolvimento físico, da solidariedade e da disciplina que viam como principais vantagens do futebol. Praticantes do jogo como o carteiro Washington, no entanto, iam dando aos seus grêmios um sentido muito diverso - transformando-os em um bom meio de compreensão sobre os significados que o futebol assumia para esses muitos sujeitos que, das arquibancadas ou dos morros em volta ao estádio, mostravam há tempos sua devoção ao futebol na torcida pelos times da zona sul e pelos selecionados carioca e nacional.

À primeira vista, a relação estabelecida pelos associados desses pequenos centros esportivos com o jogo não parecia diferir muito das teorias formulados por literatos como Coelho Netto. Ainda em 1914 um clube da região de Cascadura que adotava o sugestivo nome de Bahia F.C. anunciava em seus estatutos ser sua finalidade a de “desenvolver entre os seus sócios o físico por meio do jogo inglês *foot-ball*”<sup>135</sup>. Aparecendo ainda de forma ocasional naquele ano, a fórmula iria nos anos seguintes tornar-se quase consensual entre os novos centros esportivos da cidade, que passavam a fazer do “desenvolvimento físico por meio do *sport*” e na prática de “outros desportos aconselhados pela higiene física” seu mote principal<sup>136</sup>. Alardeando em 1918 ser seu objetivo o de fazer a “propaganda de todos os jogos atléticos, principalmente o *foot-ball*”, membros de clubes como o Fidalgo, de Madureira, pareciam ver no jogo, como fazem em 1919 os sócios do Penha F.C., apenas um

<sup>134</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F. II6 694.

<sup>135</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F., Pacote 489 - Cx. 5668.

meio de “facilitar a educação e desenvolvimento físico de seus associados”<sup>137</sup>. Fazendo simplesmente do futebol mais um dos esportes “aconselhados pela higiene física”<sup>138</sup>, sócios de diversos clubes esportivos dos arrabaldes iam justificando sua organização por critérios que deixariam felizes os teóricos do futebol e da eugenia, que não se cansavam em defender suas vantagens para o físico da mocidade.

Não era só no desenvolvimento físico propiciado pelo jogo, porém, que se apoiavam os membros das associações de pequeno porte. Junto com ele apareceriam outras das vantagens do futebol formuladas por Coelho Netto e pelos demais defensores do jogo. Eram freqüentes nos estatutos das pequenas sociedades esportivas a finalidade declarada de “assegurar a boa camaradagem entre os moços” de cada bairro, como fazia em 1915 “um grupo de moços residente em Vila Isabel” formado por empregados no comércio e funcionários públicos ao fundar o F.C. Americano<sup>139</sup> - em um raciocínio que tinha em sua base o senso de solidariedade que constituía para muitos um dos grandes ensinamentos do futebol. Garantindo junto com o “desenvolvimento físico” o “espírito de sociabilidade” de seus sócios, clubes como o Russel F.C., da Candelária, estariam em 1916 para muitos dos ideólogos do jogo formando as bases de uma sólida harmonia social, outra das importantes consequências que adviriam segundo eles da disseminação do futebol<sup>140</sup>. Junto com esses, um último elemento presente em muitos dos estatutos dos clubes de menor expressão indicava, por fim, a aparente proximidade entre os sentidos que atribuíam ao jogo com aqueles formulados por literatos e jornalistas: as suas vantagens morais e intelectuais. Não era de estranhar que muitos desses clubes menores, como a Associação Atlética do Engenho de Dentro, definissem em 1915 que suas funções, mais do que fazer uma “propaganda de *sports* atléticos”, seria também a de formar ‘um grêmio literário recreativo’ onde seus sócios pudessem desenvolver o intelecto junto ao corpo<sup>141</sup>. Buscando um desenvolvimento do moral ao lado do físico, esses pequenos clubes reafirmavam então o princípio do *mens sana in corpore sano*, contribuindo segundo a

<sup>136</sup> - Era o caso, em 1916, do Polo F.C., da Tijuca, e da Associação Atlética de São Cristóvão. Arquivo nacional, S.P.D.F. IJ6 597 e 655.

<sup>137</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F. IJ6 648 e 691.

<sup>138</sup> - A expressão encontra-se nos estatutos do Ramos F.C., em 1919, e no do Flor do Prado, do Engenho de Dentro, em 1921. Cf. Arquivo nacional, S.P.D.F. IJ6 691 e IJ6 763.

<sup>139</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F. IJ6 563.

<sup>140</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F. IJ6 595.

<sup>141</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F. IJ6 564.

visão de muitos defensores do jogo para estimular a educação esportiva e a disciplina dos seus associados.

Unindo o desenvolvimento físico que garantiria a criação de uma raça melhor e mais forte, os ensinamentos de solidariedade capazes de articular harmoniosamente grupos diversos e o desenvolvimento moral que garantiria a disciplina entre os praticantes do jogo, esses clubes pequenos espalhados pela cidade pareciam reforçar os argumentos formulados por literatos como Coelho Netto na defesa do jogo da bola - reafirmados aparentemente pelo civismo demonstrado por muitos deles. O próprio nome de clubes como o Brasileiro F.C., fundado em 1914 no Encantado, pareciam confirmar esse impulso, expresso ainda nas “cores nacionais” escolhidas em 1919 pelo Penha F.C. para sua bandeira<sup>142</sup>. Já os praticantes do futebol na região do Cais do Porto curiosamente preferiram dar ao seu clube o nome de Pereira Passos, o mesmo prefeito que, com suas reformas, desalojara grande parte deles dos seus locais de moradia poucos anos antes<sup>143</sup>. Era comum ainda que muitos desses clubes prestassem freqüentes homenagens aos políticos locais, como faz em 1915 o Portinho F.C., da Penha - cujo presidente discursa em um evento promovido pelo “chefe político da Penha, Coronel Francisco José Labo Júnior”, em homenagem à vitória eleitoral de Vicente Piragibe, em uma festa que termina com uma apresentação em campo dos jogadores do clube<sup>144</sup>. O mesmo acontecia quando as altas autoridades da República visitavam os bairros em que tinham sua sede, ocasiões que resultavam em homenagens como a prestada em 1916 pelos sócios do Merity F.C. ao Dr. Nilo Peçanha, que inaugurava obras no bairro<sup>145</sup>. Neste contexto eram compreensíveis as muitas homenagens que o próprio Coelho Netto viria a receber em 1919 de clubes como o Carioca, formado por operários da Gávea, que realizam um festival esportivo em homenagem ao romancista<sup>146</sup>. Abrigando-se sob um manto de civismo e disciplina, os clubes formados nos subúrbios e nas regiões pobres da cidade iam dando então a formulações como as do literato uma tradução concreta, que explicaria para ele o ardor cívico que demonstravam.

<sup>142</sup> - Conferir, respectivamente, Arquivo nacional, S.P.D.F., Pacote 489/Cx. 5668 e II6 691.

<sup>143</sup> - Cf. “Foot-ball”, O Imparcial, 11 de setembro de 1913. Sobre o sentido das reformas urbanas promovidas entre 1902 e 1906 por Pereira Passos, ver Oswaldo Porto Rocha, A era das demolições, Rio de Janeiro: Sec. Municipal de Cultura, 1995, especialmente o capítulo 3.

<sup>144</sup> - “Dr. Vicente Piragibe”, Correio da Manhã, 20 de julho de 1915.

<sup>145</sup> - “Merity F.C.”, O Imparcial, 1 de março de 1916.

<sup>146</sup> - Época Sportiva, ano 1, no.2, 12 de abril de 1919.

Entre os princípios expressos nos estatutos desses pequenos clubes esportivos e a prática da maior parte de seus membros existiam, porém, inúmeras diferenças. A primeira e mais evidente era a distância que separava o apego declarado das suas diretorias pelo desenvolvimento físico de seus sócios e o comportamento daqueles que defendiam em campo as cores de cada clube. Era o caso de Braz, jogador do primeiro time do São Cristóvão em 1920. Assustando muitos de seus admiradores, ele decidia não mais jogar pelo time de seu bairro - em uma atitude comentada pela crônica de um certo De Carvalho, redator esportivo do jornal O Paiz que o encontra no meio da rua e ouve de sua boca a decisão. À primeira vista, a resolução de Braz parecia-lhe absurda. Buscando a “dignidade do homem”, ele chegava a duvidar do jogador, que anunciava estar indo para São Paulo jogar pelo Paulistano. Na cabeça de *sportmen* como ele, aquele ato parecia mesmo indigno de um verdadeiro *foot-baller*, que teria no amor ao seu clube e na dedicação ao desenvolvimento físico os únicos motivos de sua devoção ao esporte. Um acompanhante imaginário com o qual conversa, no entanto, defendia a sua atitude, lembrando o caso de Cantuária - jogador que se entregara com afinco à defesa do São Cristóvão até morrer sem nenhuma ajuda deste<sup>147</sup>. Por trás da discordância forjada escondiam-se, no texto, sentidos bastante diversos que iam sendo construídos para o jogo da bola por seus diferentes admiradores.

Para o suposto interlocutor de De Carvalho, a decisão de Braz parecia ser muito coerente com o que ia acontecendo na esmagadora maioria das pequenas associações futebolísticas. Embora um clube como o São Cristóvão não pudesse se equiparar às associações de menor porte, ele começava a ser atingido por uma tendência que, há anos, vinha fazendo do futebol uma fonte de vantagens e melhoria de vida para muitos de seus praticantes nos novos clubes que se espalhavam pela cidade. Ainda em 1917 a diretoria do Royal F.C., do Méier - cuja mensalidade de 3\$000 era muito superior àquela cobrada na maior parte dos clubes pequenos - decidia em assembléia “anistiar os jogadores atrasados nos pagamentos das respectivas mensalidades”, demonstrando a complacência que ia se formando nesses clubes com aqueles que disputavam em campo suas partidas<sup>148</sup>. No ano seguinte era a vez do Palestra Itália F.C., de Braz de Pinna - que, embora cobrasse mensalmente de seus

<sup>147</sup> - De Carvalho, “Braz deixará o S. Cristóvão?”, O Paiz, 1 de fevereiro de 1920.

<sup>148</sup> - “Royal F.C. (Oficial)”, Correio da Manhã, 4 de abril de 1917. Sobre o valor da mensalidade, ver Arquivo nacional, S.P.D.F. IJ6 655.

sócios apenas 1\$000, deliberava como muitos outros grêmios que os jogadores seriam considerados “sócios prestantes”, ficando isentos da cobrança da mensalidade<sup>149</sup>. Algumas associações, como o Bangu, chegavam mesmo a emprestar grandes somas de dinheiro aos seus jogadores pelos “relevantes serviços” prestados por eles nos campos<sup>150</sup>. Se nos grandes clubes cariocas o profissionalismo disfarçado ainda dava os seus primeiros passos, nas pequenas associações a obtenção de vantagens e auxílios financeiros através do jogo já se mostrava há tempos uma rotina comum, da qual os praticantes do futebol se aproveitavam com frequência.

A situação gerava como consequência imediata as constantes ameaças de mudança de clube por parte dos jogadores de destaque dos times menores. “Quando menos elevada é a posição social de um bom jogador, quanto mais duvidoso pode ser o seu nível moral, tanto maior o número de clubes que o inscrevem”, reclamava em 1921 um cronista da revista Sport Ilustrado aludindo à prática difundida entre esses clubes menores, “que não escolhem elementos de ordem moral para os seus quadros”, de inscrever a cada ano junto à sua respectiva Liga todos os jogadores que tentariam seduzir<sup>151</sup>. Casos como o de Paulo Beirão, sócio do Bonsucesso que passa a jogar em 1919 pelo time do Manguinhos, tornavam-se então comuns, aparecendo a cada ano nas páginas da imprensa dos subúrbios<sup>152</sup>. Sem atentar para os valores defendidos por muitos dos entusiastas do esporte, jogadores como Quintanilha, Pederneiras e Chauffeur deixavam em 1919 de jogar pelo Engenho de Dentro, clube de seu bairro, para usufruir das regalias financeiras oferecidas pelo Vasco - mudança que alcançava grande repercussão nos jornais suburbanos, cujos redatores não se cansavam de criticar esses jogadores que abandonavam a associação com a qual se identificavam para jogar em um clube “estranho a eles”<sup>153</sup>. As razões desses eram porém bem compreendidas pelos seus contemporâneos, como explicava em 1921 o cronista do Sport Ilustrado:

<sup>149</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F. IJ6 694. Em 1921 é a vez do Sport Club Benfica abolir a cobrança da jóia “para o candidato que possuir capacidade física e esportiva capaz de representar o club”. Arquivo nacional, S.P.D.F. IJ6 759.

<sup>150</sup> - É o que faz a diétoria do clube em 1917 ao ceder a Alberto Vidal um auxílio financeiro de Rs. 25\$000. “Ata da sessão de 10 de fevereiro de 1916” e “Ata da sessão de 2 de março de 1917”, Livro de atas do Bangu A. C., 21.1.1915-7.9.1917. Anatol Rosenfeld alude ainda ao pagamento de “bichos” aos jogadores - que eram premiações por vitória em cada jogo. Anatol Rosenfeld, “O futebol no Brasil”, in Negro, macumba e futebol, São Paulo: Edusp/ Ed. Unicamp, 1993, pg 85.

<sup>151</sup> - C., “Crônica da semana”, Sport Ilustrado, 26 de março de 1921.

<sup>152</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 1 de abril de 1919.

<sup>153</sup> - “Vida sportiva”, Gazeta suburbana, 5 de abril de 1919.

“As maiores vantagens e talvez mesmo quantias mais ou menos avultadas são-lhes oferecidas, sendo, entretanto, mais comum a promessa de emprego. E o que muitas vezes um pobre chefe de família numerosa não consegue obter para matar a fome dos seus, é encontrado logo para um indivíduo quase analfabeto, indecente, sem aptidão para qualquer trabalho, mas que é um exímio manejador da esfera de couro”<sup>154</sup>.

Sem constituir-se no elemento regenerador pintado por muitos dos seus defensores, o futebol aparece para esses jogadores dos clubes pequenos como uma possibilidade concreta de obtenção de vantagens e de ascensão social. “Quantos homens estabelecidos não inventam lugares em suas casas comerciais ou empregos para dar a esses jogadores de *foot-ball*?”, perguntava o cronista, evidenciando a existência dessa possibilidade para aqueles que se destacassem<sup>155</sup>.

A atitude de Braz ao ameaçar deixar o São Cristóvão, facilmente compreendida pelos seus colegas de bola, indicava assim a consolidação de um sentido próprio para o jogo que era compartilhado por muitos de seus pares. Sua lógica foi explicitada na crônica de De Carvalho pelo acompanhante através de uma história supostamente ocorrida em uma pequena cidade de Minas Gerais: um vendedor de jornais, de nome Caruso, ficava horas admirando nas seções esportivas as figuras elegantes de jogadores como Marcos e Friedenreich. Empolgando-se pelo futebol, teria começado a jogar em um time chamado Bismarck F.C., do qual logo tornara-se um dos destaques. Ganhando fama e prestígio, Caruso “já não era um jornaleiro, era um homem admirado na sociedade de Minas”. Logo exigia dos diretores do clube um emprego, o que foi imediatamente providenciado. Ainda descontente, Caruso começa a ameaçar mudar-se para o Rio, inventando um suposto convite do Fluminense. “Preciso de nome, conforto, glórias”, explicava o jogador para os diretores de seu time. A notícia espalhou-se pela cidade, até que alguns diretores do clube resolvem procurá-lo para resolver a situação:

“- Que lhe fizemos nós , até o dia de hoje, para que nos deixe tão repentinamente? Não lhe demos nome, roupas, emprego?

- Sim, mas é que...

<sup>154</sup> - C., “Crônica da semana”, *Sport Ilustrado*, 26 de março de 1921.

<sup>155</sup> - Junto às vantagens financeiras, os praticantes do futebol teriam nele também uma fonte de prestígio, como mostravam acusações como aquela lançada em 1919 sobre o membro de um clube da Liga Suburbana morador da Piedade, que teria sido “seduzido por *demoiselle* para deixar o seu *club*” indo jogar no time “de que essa moça em questão é torcedora fanática”, com a condição “dela ceder a uns certos desejos seus”. “Um caso interessante...”, *Gazeta Suburbana*, 5 de abril de 1919.

- Já sei, já sei, dizia o tesoureiro risonho. Tu queres, além daqueles, mais 50 *paos*, não é? Pois bem, aqui os tem radiantemente, são teus... E pro mês alguma coisa mais... *Se pudê...*

E o secretário solícito:

- Muito bain, muito bain. Bamos agora mandaire bir umas papas à portuguesa, à moda Paiba Cuxeiro. Oh, Antonio. Quatro papas com vinho!”<sup>156</sup>.

Obtendo vantagens às quais nunca teriam acesso exercendo seus ofícios, jogadores como Caruso e Braz mostram uma atitude frente ao jogo que não necessariamente tinha relação com o desenvolvimento físico dos atletas apregoado nos estatutos desses clubes. Garantidos e sustentados pelos seus diretores, como o caricato português dono da taberna que aparece na crônica, eles faziam do futebol um poderoso meio de ascensão social, somando às vantagens eugênicas apregoadas por muitos dos entusiastas do futebol novas vantagens.

Um outro ponto que indicava as ambigüidades entre os princípios defendidos pelos estatutos dos clubes pequenos em relação à experiência da maior parte de seus sócios dizia respeito ao espírito de solidariedade e harmonia social por ele supostamente propiciado. Disputando torneios entre si e realizando festivais conjuntos, esses clubes pequenos pareciam mesmo, à primeira vista, ter no futebol um forte elemento de coesão. O aniversário de uma associação como o Pereira Passos F.C., da região do cais do porto, era comemorado com o festival no qual participavam tanto clubes vizinhos, como o Mauá A.C. e o Cajuense, quanto times de outras regiões, como o Vinte e Cinco de Novembro. Já do festival promovido no mesmo ano pelo S.C. Pimenta de Mello participavam o próprio Pereira Passos e outros grêmios como o Cruz de Malta F.C., de São Cristóvão, e o Tiradentes A. C. - estando todos esses presentes ainda na festa beneficente realizada meses depois pelo próprio Cajuense<sup>157</sup>. A identificação entre essas associações podia ser notada até mesmo através da composição de seus times ou da precariedade de suas sedes e campos – todos similares àquele no qual disputava suas partidas o Sport Club Pimenta de Mello, retratado em 1919. (Fig.34) Fosse nos uniformes dos jogadores, na terra batida que substituíra o gramado ou no barraco que lhe servia de sede, notava-se uma precariedade material que irmanava o clube a diversas associações como ele presentes na região. O próprio

<sup>156</sup> - De Carvalho, “Braz deixará o S. Cristóvão?”, *O Paiz*, 1 de fevereiro de 1920.

<sup>157</sup> - “Aniversário do Pereira Passos F.C”, *O Imparcial*, 1 de maio de 1919; “No campo do Cruz de Malta”, *O Imparcial*, 27 de abril de 1919; e “O festival de hoje no Cajuense em favor do H. Pró-Matre”, *O Imparcial*, 14 de julho de 1919.



perfil da torcida que assistia a partida, na qual se misturavam jovens negros e mestiços em roupas simples, parecia não se diferenciar muito dos jogadores que compunham seus times - como mostram as imagens das equipes do Pimenta de Mello tirada naquele dia ou a do Pereira Passos, no ano seguinte: (Fig.35 e 36) Contando com uma supremacia negra, os times desses clubes assumiam um perfil em nada semelhante àquele dos clubes da Liga Metropolitana. Nada mais natural, portanto, do que sua união, junto com outros grêmios de perfil semelhante, como o Cruz de Malta, para fundar em 1919 a Aliança Sportiva Municipal - em uma demonstração de solidariedade que deixaria entusiasmados muitos dos defensores do futebol<sup>158</sup>.

Os meses seguintes à fundação da nova Liga explicitariam, porém, que nem só de harmonia era feita a relação entre esses clubes. Já em outubro aparecia nas páginas dos grandes jornais cariocas uma carta dos diretores do Pimenta de Mello na qual esses mostravam sua “repulsa ao procedimento incorreto do presidente da Aliança Sportiva Municipal”<sup>159</sup>. Sendo também presidente do Cruz de Malta, esse estaria, segundo os denunciante, “querendo por qualquer modo conseguir o campeonato neste ano” para o seu time”, procurando por isso “aumentar criminosamente o número de pontos para o seu club, subtraindo-os a quem de direito deviam pertencer” - o que ele teria feito falsificando a data do recibo do pagamento do Pimenta de Mello para que esse fosse acusado de atraso, perdendo os pontos disputados naquele período. Não eram só entre as diretorias, porém, que esses desacordos entre os clubes aconteciam. No festival esportivo promovido em abril de 1920 pela Aliança os próprios jogadores e torcedores chegavam a agredir-se mutuamente pela paixão que devotavam a cada associação - como fizeram sócios e jogadores do Pereira Passos como Torcuato Bahia, que agride o representante do Mauá F.C.<sup>160</sup>. Gerando a expulsão do clube dos quadros da entidade, episódios como esse iam mostrando um clima de disputa e cizânia entre os centros esportivos menores que em nada se assemelhava ao espírito de solidariedade defendido em seus estatutos. Pelo contrário, o futebol praticado por esses clubes transformava-se, na sua prática concreta, em um elemento de criação de antagonismos e expressão de desacordos.

<sup>158</sup> - “Foi fundada a Aliança Sportiva Municipal”, O Imparcial, 17 de fevereiro de 1919.

<sup>159</sup> - “Um protesto do S.C. Pimenta de Mello”, O Imparcial, 6 de outubro de 1919.

<sup>160</sup> - “Foot-ball”, O Paiz, 14 de abril de 1920; e “O caso da eliminação do Pereira Passos F.C.”, O Paiz, 24 de abril de 1920.

Em direção oposta à aparente união propiciada pelo jogo entre os clubes pobres espalhados pela cidade, o futebol ia propiciando o desenvolvimento de grandes rivalidades entre seus sócios. Disputas como a que em 1919 colocava frente a frente equipes suburbanas como o Bonsucesso e o Central já levavam aos campos uma “avultadíssima concorrência”, atestando a força social que o desafio ia ganhando para os seus simpatizantes<sup>161</sup>. A situação levou uma revista esportiva a promover no mesmo ano um concurso para descobrir qual “entre os *clubs* avulsos” da cidade seria o mais popular, saindo logo na frente os partidários de associações modestas como o Pereira Passos e o Dois de Junho, de São Cristóvão - cujos sócios estavam aparentemente mais envolvidos no espírito de disputa<sup>162</sup>. Muitas vezes, porém, essa rivalidade extrapolava os limites da simples competição - ganhando uma importância e uma intensidade que, sendo muito maior do que aquela que separava há anos os partidários dos clubes de maior projeção, chegava a gerar freqüentes conflitos corporais. O próprios jogadores do Pereira Passos, acusados pela briga no festival de 1920, já haviam sentido anos antes o peso dessa rivalidade, como mostrava a carta enviada em 1916 por um de seus diretores ao jornal O Imparcial: tendo ido ao campo do Irajá disputar com um time local uma partida, “um grupo de moleques chefiados por alguns associados do Irajá atiravam pedras e palavras de baixo calão” sobre os seus jogadores, fazendo com que o jogo mais parecesse para eles “uma pavorosa tourada”<sup>163</sup>.

A força do antagonismo que separava os partidários de diferentes clubes chegava a gerar, por vezes, distúrbios ainda mais graves: na disputa de um jogo entre o Ouvidor e o Cajuense naquele mesmo ano, que terminou em um “conflito entre os diversos jogadores”, três pessoas acabam feridas pelos tiros disparados feitos por um dos torcedores<sup>164</sup>. Atestando o caráter generalizado do problema, o mesmo acontecia naquele ano durante a disputa de uma partida na Praça Municipal, na Gamboa, entre o time local do Municipal F.C. e o Confiança F.C., de Vila Isabel - na qual “houve pau a

<sup>161</sup> - Gazeta suburbana, 21 de junho de 1919.

<sup>162</sup> - “O nosso concurso de foot-ball”, Época sportiva, 3 e 10 de maio de 1919.

<sup>163</sup> - “Pereira Passos F.C. (oficial)”, O Imparcial, 13 de janeiro de 1916.

<sup>164</sup> - Curiosamente entre os iniciadores da confusão estava Torcuato Bahia, do Cajuense - que como sócio do Pereira Passos iniciaria anos depois a confusão que resultou na expulsão do clube da Aliança Municipal - “Notas policiais”, O Imparcial, 24 de janeiro de 1919; e “Um conflito entre foot-ballers na praça 15 de novembro”, Correio da manhã, 23 de janeiro de 1919.

valer e alguns tiros estalaram”, ferindo um jogador do time visitante<sup>165</sup>. Tornando-se comuns ao longo dos anos, já pareciam corriqueiras em 1920 as cenas patrocinadas por um sócios do São Paulo e Rio, do Espírito Santo - que em um jogo contra o Metropolitano, do Méier, atira “à queima roupa” sobre um de seus adversários sob a visão de um jornalista da revista *Sport Ilustrado*<sup>166</sup>. Por mais que essas brigas tivessem quase sempre como estopim acontecimentos aparentemente banais, eles tinham em sua base uma tensão que, mesmo fora dos campos, imprimia a essas pequenas ocorrências um caráter explosivo<sup>167</sup>. Separando os sócios de cada clube em falanges claramente opostas, o futebol mostrava ter para os membros desses pequenos clubes mais do que a harmonia e união apregoada por seus defensores. Se essas de fato podiam muitas vezes ser o resultado de suas atividades, a tensão entre diferentes redes de solidariedade tecidas nos clubes ia transformando o esporte em um caso de polícia, que muitas vezes levava seus próprios diretores a pedir proteção à força pública para se precaver contra os previsíveis agressões que receberiam<sup>168</sup>.

Se ocorriam muitas vezes entre clubes de diferentes bairros, explicitando a existência de uma grande rivalidade entre as muitas regiões da cidade, essas tensões chegavam a se manifestar mesmo dentro de uma mesma localidade - onde a existência de dois ou mais clubes esportivos evidenciava também a criação de distinções e rivalidades que teriam no jogo um de seus meios de efetivação. Embora fossem ambos da região do cais do porto, clubes como o Pereira Passos e o Mauá já pareciam admitir em 1914 “a inconveniência” das disputas entre eles, que sempre geravam confusões e brigas com acusações e agressões recíprocas entre seus sócios<sup>169</sup>. O mesmo acontecia em 1920 em outros bairros como Santa Cruz, onde costumavam se reunir aos

<sup>165</sup> - “Um rolo entre foot-ballers”, *Correio da Manhã*, 21 de agosto de 1916. No ano seguinte era a vez de um sócio do Goiás A. C., do Encantado, agredir com uma cabeçada um torcedor do Fidalgo, de Madureira, que disputava com ele uma partida em seu campo. “Casos de polícia”, *O Paiz*, 30 de abril de 1917.

<sup>166</sup> - *Sport Ilustrado*, 18 de setembro de 1920.

<sup>167</sup> - Analisando a experiência dos trabalhadores cariocas no período, Sidney Chalhoub afirma que, em seus conflitos, “a violência não é algo gerado espontaneamente num dado momento, mas sim o resultado de um processo discernível e até previsível pelos membros de uma cultura ou sociedade”. As rixas seriam assim o resultado “da própria dinâmica de funcionamento e ajuste das tensões dentro do microgrupo sócio-cultural estudado”. Sidney Chalhoub, “Lazer e ritual: o surgimento da rixa e a preparação do conflito”, in *Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*, São Paulo: Brasiliense, 1986, pg 211.

<sup>168</sup> - É o que faz o presidente do Mackenzie F.C., de Todos os Santos, que pede em julho de 1919 ao chefe de polícia um reforço do policiamento para conter os “fervorosos adeptos a cada um dos clubs” no jogo que seu time disputaria contra o Americano, no Méier. *Arquivo nacional*, S.P.D.F., IJ6 694.

<sup>169</sup> - Cf. “Foot-ball”, *O Imparcial*, 4 de março de 1914 e 21 de maio de 1914.

domingos “os clubes da redondeza” para disputar suas partidas. Segundo um redator esportivo habituado a freqüentar essas disputas, “quase sempre, após as partidas” aconteciam “discussões entre eles, que não raro acabavam em bordoadas”<sup>170</sup>. Casos como o de Luiz de Souza, um pedreiro negro de 27 anos, morador da rua Ferreira Leite, no Engenho de Dentro, que por conta de uma discussão causada por uma partida de futebol entre os times do bairro acertou um tiro em Genésio da Silva, também negro, de 21 anos, morador da vizinha Rua Gaspar, tornavam-se comuns no noticiário dos grandes jornais cariocas<sup>171</sup> - atestando o poder do jogo em diferenciar mesmo grupos que, pelo critério de vizinhança, deveriam aproveitar ainda mais a suposta solidariedade propiciada pelo futebol.

Para cronistas como Ismael Cordovil, a criação de clubes diversos em um mesmo bairro parecia completamente estranha e sem sentido. Escrevendo em 1921 na revista *Sport Ilustrado*, ele mostra não entender que existissem lugares “que possuem cinco e mais clubes de *foot-ball*” - o que para ele era “demais, incontestavelmente, pois que raro é aquele que tem mais de duzentos associados”, sendo esse para ele “o principal motivo do estacionamento de seu progresso”:

“(…) Porque, se nesses lugares, ao invés de existirem tantos clubs com a média de trezentos associados para cada um, contassem apenas dous ou três, é óbvio dizer, eles lucrariam mais, (...) tornando-se assim verdadeiros clubs com boas praças de *sports*”<sup>172</sup>.

Cobrando desses clubes menores justamente o espírito de solidariedade que era para cronistas como ele um dos principais ensinamentos do esporte, Cordovil parece não reconhecer neles a presença dos princípios que norteavam os “verdadeiros” clubes esportivos. “Sem campo, (...) sem arquibancadas e sem comunidade de espécie alguma”, eles seriam na sua opinião meros agrupamentos, e não centros de desenvolvimento do esporte. Para ele, o remédio dessa situação seria um só: “o conagraçamento, a união das energias espalhadas” - onde cada associação abrisse mão dos traços específicos da identidade que construíam para unir forças em um mesmo clube, que representasse a força solidária de toda uma região.

Para aqueles que faziam parte desses muitos clubes que se formavam em cada bairro, porém, os motivos que geravam sua separação não pareciam assim tão

<sup>170</sup> - “Foot-ball”, *O Paiz*, 31 de maio de 1920.

<sup>171</sup> - “O foot-ball nocivo”, *O Paiz*, 3 de outubro de 1922.

<sup>172</sup> - Ismael Cordovil, “Como podem vencer?”, *Sport Ilustrado*, 22 de janeiro de 1921.

destituídos de sentido. Por mais que em muitos casos eles possam ter ficado para sempre perdidos, ligando-se à animosidade de grupos de vizinhos, rixas entre companheiros de rua ou disputas locais em torno de determinado tema que não ficaram registrados para a posteridade, uma análise da composição desses clubes pode nos dar boas pistas do sentido das diferenciações muitas vezes patrocinadas entre eles. Em bairros como São Cristóvão, o surgimento de grêmios diversos pode se explicar pela própria composição de muitos deles. Enquanto em 1916 associações como o Aventureiro eram majoritariamente compostas, segundo o inspetor do corpo de segurança pública, por “empregados do comércio”, clubes como o Mavilles mostravam ter uma clara ligação com a fábrica de tecidos que funcionava no local - sendo compostos por operários fabris, embora aceitassem também sócios que não o fossem<sup>173</sup>. Outras vezes era a nacionalidade o motivo da diferenciação, como acontecia no distrito de Santo Antonio - onde um clube como o Ibéria ligava-se diretamente à colônia portuguesa, chegando a funcionar na sede do Centro Galego, gerando a provável inimizade de muitos moradores locais que disputavam então com os portugueses lugares no mercado de trabalho<sup>174</sup>. Por diversos motivos como esses, a existência de clubes diversos em uma mesma região não causava estranheza para os moradores dos subúrbios cariocas.

Em grande parte dos casos, porém, essa diferenciação parecia ter em sua base a própria diferença de poder aquisitivo entre os sócios de cada uma das associações. Embora esses clubes de subúrbio cobrassem mensalidades muito menores do que aquelas de associações como o Fluminense e o Botafogo, a variação do valor cobrado entre elas indica a possibilidade de separação dos adeptos do jogo em cada bairro em falanges distintas - como acontecia no Méier, onde os sócios do Royal pagavam em 1918 apenas 1\$000 enquanto os vizinhos do Sete de Setembro pagavam mensalmente o triplo desse valor<sup>175</sup>. Clubes da mesma rua, como o Silva Manoel e o A.B.C. - vizinhos da rua Silva Manoel, no distrito de Santo Antonio, um com sede no número 37 e outro no 74 - apresentavam, sem motivo aparente, diferenças de mensalidade

<sup>173</sup> - Cf. Arquivo nacional, S.P.D.F. 564 e 597.

<sup>174</sup> - Cf. Arquivo nacional, S.P.D.F. 694. Sobre as disputas entre portugueses e brasileiros, ver Gladys Sabina Ribeiro, Mata galegos. Os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha, São paulo: Brasiliense, 1990; e Sidney Chalhoub, Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque, op.cit., especialmente capítulo 1.

<sup>175</sup> - Cf. Arquivo nacional, S.P.D.F., II/6 655 e 648.

semelhantes a essa, sendo a do primeiro de 3\$000 e a do segundo de 1\$000<sup>176</sup>. O próprio fato de que os dois tivessem aparecido entre 1918 e 1919 com uma diferença temporal de apenas seis meses indicava que o valor cobrado de seus associados tornava-se, em clubes como estes, um dos critérios básicos de diferenciação. Parecia significativo, nesse sentido, que os estatutos do A . B. C. trouxessem explicitamente a proibição no clube de “manifestações de caráter político, religioso, raça e nacionalidade”, enquanto o Silva Manoel se limitasse a proibir as manifestações “de caráter político ou religioso, ou que tenham por base questões de nacionalidade” - deixando de lado a questão racial, que ficava em aberto. Embora tanto o Silva Manoel quanto o A.B.C. fossem formados por “empregados do comércio e operários”, segundo as informações do comissário do 12º. distrito policial - sendo ambos eram compostos em sua maior parte por trabalhadores que não teriam acesso aos clubes elegantes da Liga Metropolitana - a separação entre eles indicava a tentativa de criação de diferenciações sociais dentro dos próprios bairros, que davam margem à construção de rivalidades locais entre seus moradores.

Apesar da solidariedade pregada em seus estatutos, esses clubes constituíam-se assim em um eficaz meio de organizar, de um bairro para o outro ou dentro de cada bairro, as tensões e diferenças que separavam seus sócios, estabelecendo hierarquizações diversas entre eles. Tratava-se, assim, de resignificar esse sendo de solidariedade, circunscrevendo-o aos limites de cada associação. Do mesmo modo que o futebol podia gerar identidades entre os membros de uma mesma associação, ele gerava também antagonismos que tinham seu resultado concreto na atitude tomada em 1916 por um comerciante vizinho ao terreno no qual jogavam os rapazes do Pereira Passos: sendo “um tipo que não gosta de ser incomodado”, ele agride a tiros os jogadores quando a bola cai em sua propriedade, aparecendo seu ato como o resultado de uma crescente tensão entre eles alimentada pelo jogo<sup>177</sup>. Era por isso explicável que a maior parte dessas associações, como o Goiás Atlético Club, do Encantado, definissem em 1919 que a admissão de novos membros fosse precedida de uma ampla consulta aos associados, que deveriam opinar sobre “a conveniência ou não da

<sup>176</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F., IJ6 691. A mesma distinção se notava no valor da jóia de ingresso, que era de 5\$000 no Silva Manoel e de apenas 1\$000 no A.B.C. .

<sup>177</sup> - “Uma partida de foot-ball interrompida”, O Imparcial, 14 de janeiro de 1916.

admissão” da proposta<sup>178</sup> - evitando-se assim a entrada no clube de inimigos locais e garantindo a perpetuação das redes de diferenciação e distinção entre os moradores da região. Compondo a própria experiência compartilhada pelos trabalhadores cariocas no período<sup>179</sup>, a existência dessas rixas e tensões ganhava, através dos clubes de futebol, um meio de delimitação claro, que fazia com que seus sócios pudessem atribuir-lhe um significado muito diferente daquele definido por literatos e *sportmen*.

Um último ponto ajudava ainda a definir de forma precisa o sentido específico que os sócios desses clubes pequenos atribuíam às suas próprias associações: a grande variedade de divertimentos que se misturavam entre as suas atividades. Se para literatos e jornalistas o jogo tinha no ensinamento da disciplina uma de suas principais vantagens, o modo como os membros desses clubes encaravam o funcionamento de seus grêmios indicava uma visão bastante distinta, na qual estas apareciam sobretudo como centros de diversão e de efetivação de suas próprias práticas e tradições. Significativas, nesse sentido, eram as freqüentes festas que realizavam, como a que o Pereira Passos promove em 1917 em “homenagem às suas torcedoras” ou a “soirée dançante” patrocinada em 1919 pelos sócios do S.C. Pimenta de Mello<sup>180</sup>. Embora a realização de bailes fosse comum também em clubes como o Botafogo, cuja diretoria autorizava regularmente a realização de festas dançantes<sup>181</sup>, nos clubes menores espalhados pela cidade a ocasião revestia-se de um caráter muito particular. Ao invés da pompa dos festejos das associações da zona sul, os eventos patrocinados em 1919 pelo Olaria ou pelo Cajuense assumiam a feição de verdadeiros “reco-recos” - evidenciando serem elas muito mais ligadas aos bailes que aconteciam semanalmente nos muitos clubes dançantes espalhados pela cidade do que às recepções festivas promovidos nos salões elegantes<sup>182</sup>. Acabando muitas vezes em “bofetadas, pontapés, socos, cadeiras arremessadas”, tal qual na festa promovida em 1919 pelo Henrique

<sup>178</sup> - Cf. Arquivo nacional, S.P.D.F. 648.

<sup>179</sup> - Conferir, a respeito, Sidney Chalhoub, *op.cit.*, pp. 204-224

<sup>180</sup> - “Pereira Passos F.C.”, Correio da Manhã, 23 de novembro de 1917; e “Foot-ball”, O Imparcial, 31 de outubro de 1919.

<sup>181</sup> - Conferir, por exemplo, “Ata da sessão de 5 de novembro de 1917”, Botafogo F.C. - Atas da diretoria, 1.10.1917-8.07.1918; e “Ata da sessão da diretoria de 17 de fevereiro de 1919”, Botafogo F.C. - Atas da diretoria, 15.07.1918-7.04.1919.

<sup>182</sup> - “O réco-reco do Olaria”, O Imparcial, 2 de setembro de 1919; e “O aniversário do Cajuense”, O Imparcial, 4 de outubro de 1919. Nos pedidos de licença ao chefe de polícia para a realização de festejos, o termo é muitas vezes usado pelos clubes dançantes ou pelos indivíduos interessados em promover, em suas residências, encontros com batuques e sambas. Cf. Arquivo nacional, S.P.D.F. IJ6 564, IJ6 597, IJ6 691, IJ6 694, IJ6 759 e IJ6 648.

Valadares F.C., e prolongando-se até o “romper da aurora”, como no baile à fantasia promovido no ano seguinte pelo Fidalgos, de Madureira, essas festas constituíam um dos principais atrativos dos clubes esportivos dos subúrbios e das regiões mais pobres da cidade<sup>183</sup>. Se a dança era então segundo um cronista “o *sport* dos cariocas, rival único do *foot-ball*”<sup>184</sup>, os sócios desses pequenos clubes somavam ao caráter esportivo de suas associações a prática de outro de seus principais divertimentos.

Sem aparecer para seus sócios como algum tipo de contradição, o raciocínio que explicava a coexistência nesses clubes do esporte com outras atividades lúdicas como os bailes chegava a ficar marcada nos próprios estatutos de muitos deles. Ainda em 1915 os sócios do Manguinhos F.C., no Amorim, já definiam que embora seu fim fosse o de fazer a “propaganda de todos os jogos e exercícios atléticos”, ele poderia “em qualquer ocasião ampliar os seus fins”, abrindo-se para outros tipos de atividade não necessariamente ligadas ao esporte. No ano seguinte a Associação Atlética de São Cristóvão, apesar de se apoiar também na “higiene física” para definir seus objetivos de propaganda do esporte, mostra ver nos jogos de futebol simples “divertimentos aos seus sócios”, tirando dele a função nobre que lhe era atribuída por muitos de seus entusiastas. Em 1917, por fim, associações como o Sport Club Liberal, do Sacramento, já davam a esse impulso uma marca muito mais clara afirmando explicitamente ser seu fim a prática do “*foot-ball* e mais diversões”<sup>185</sup>. Fazendo novamente do bolapé uma simples diversão entre outras, e não algum tipo de elemento regenerador, esses clubes geravam o desespero de entusiastas do jogo como o editorialista da revista *Esporte*, que escreve em 1921 um artigo lamentando que fosse “numerosíssimo o grupo dos que vêem na prática esportiva outra coisa mais do que uma das modalidades de diversões”<sup>186</sup>.

Mesmo em associações ligadas à Liga Metropolitana, como o Bangu, essa visão parecia se fazer presente. Tendo se realizado de surpresa em 1915 uma festa em homenagem a alguns diretores, muitos sócios do clube reclamaram “julgando de dever da diretoria comunicar aos associados a realização dessa festa”. Invadindo e tumultuando o baile, eles mostravam ver na possibilidade de participar de eventos

<sup>183</sup> - “A festa do Henrique Valadares F.C. em comemoração ao seu primeiro aniversário”, *O Imparcial*, 9 de dezembro de 1919; e “Foot-ball”, *O Paiz*, 6 de abril de 1920.

<sup>184</sup> - “Foot-ball”, *O Imparcial*, 4 de outubro de 1919.

<sup>185</sup> - Conferir, respectivamente, *Arquivo nacional*, S.P.D.F., IJ6 563, 655 e 648.

<sup>186</sup> - “Entrando em campo”, *Esporte*, 3 de novembro de 1921.



como esses um direito do qual não abriam mão<sup>187</sup>. Junto com outras atividades como os jogos de carta, xadrez e damas existentes em clubes como o próprio Bangu e a Associação Atlética do Engenho de Dentro - cuja sede ficava diariamente aberta das dezenove horas à meia-noite para que seus sócios pudessem usufruir dos divertimentos oferecidos pelo clube<sup>188</sup> - os bailes apareciam então como um importante elemento da vida dessas pequenas sociedades esportivas, apontando para uma indiferenciação prática e simbólica entre as atividades propriamente esportivas e outros jogos e diversões.

Como resultado dessa indiferenciação, os clubes das regiões pobres do Rio de Janeiro assumiam para seus sócios o papel de espaços de efetivação de suas próprias atividades de lazer e sociabilidade, ultrapassando seu caráter propriamente esportivo. Significativa, nesse sentido, era a estreita relação que grande parte deles estabelecia com os festejos carnavalescos, comemorados com entusiasmo nessas pequenas sociedades. Mesmo os jogadores de seus times principais mostravam em 1919 não ver problemas em cair na folia nos dias de Momo, entregando-se à bebedeira e às danças<sup>189</sup>. Os próprio clubes, porém, pareciam não ver inconveniente algum nos festejos carnavalescos. Associações como o Silva Manoel realizavam naquele ano uma “grande batalha de confetti” na rua que lhe dava nome, após o qual aconteceria um animado “reco-reco” carnavalesco - em eventos sugestivamente anunciados nas colunas esportivas, apesar do alentado espaço que os grandes jornais cariocas dedicavam aos festejos do carnaval<sup>190</sup>. Ainda no mesmo ano os sócios do Atlas F.C., do distrito do Espírito Santo, promoviam um animado “*match de foot-ball à fantasia*”, ligando claramente as atividades esportivas e carnavalescas e dando um exemplo que seria seguido no ano seguinte pelos próprios sócios do Silva Manoel<sup>191</sup>. Outras associações como o Nacional F.C., que funcionava no Mercado Municipal, chegavam

<sup>187</sup> - “Ata da sessão de 12 de fevereiro de 1915”, Livro de atas do Bangu A.C., 21.1.1915-7.09.1917, fl. 4.

<sup>188</sup> - “Ata da sessão de 17 de janeiro de 1916”, Livro de atas do Bangu A.C., 21.1.1915-7.09.1917, fl.33; e “Associação Atlética do Engenho Velho”, O Imparcial, 21 de abril de 1915.

<sup>189</sup> - No carnaval de 1919, Flávio, do Palmeiras, comemorava a folia com grande “aguaceira”; Cordovil, do Rio Branco, andava às voltas com uma “velha” em meio aos festejos; e Bororó, do Central, foi apanhado dançando vestido com a tradicional fantasia de índio. “Vida sportiva” Gazeta suburbana, 5 de abril de 1919.

<sup>190</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 17 e 21 de fevereiro de 1919.

<sup>191</sup> - “Grande match de foot-ball à fantasia”, O Paiz 26 de fevereiro de 1919; e “Silva Manoel F.C.”, O Paiz, 8 de fevereiro de 1920. Embora o América F.C. já tivesse realizado um evento como esse

a pedir ao chefe de polícia licença para “que um grupo de sócios do mesmo club” pudesse “sair durante os três dias de carnaval próximo, com o bloco *Vou pedir*” - atitude repetida dois anos depois pelos sócios do Lapa F.C., que “tendo organizado um Bloco Sportivo Lapa” pedem licença para sair às ruas nos dias de carnaval<sup>192</sup>. Comportando-se como quaisquer outros cordões e ranchos que desejassem levar às ruas seus desfiles, os sócios desses clubes conseguiam a autorização desejada, explicitando uma experiência que juntava o carnaval e o futebol como partes de um mesmo movimento.

A estreita relação que os clubes esportivos dos subúrbios e da zona norte mantinham com outras associações recreativas evidenciava, então, a construção de uma identidade na qual o esporte não serviria como termo de diferenciação. Não eram incomuns casos como o de Elípio de Mello, que em 1914 acumulava a primeira secretaria do Club Carnavalesco Triunfo de São Cristóvão com o cargo de presidente do Dois de Junho F.C., do mesmo bairro<sup>193</sup>. Repetindo o procedimento adotado entre os próprios clubes esportivos, associações como o Bangu mantinham com os clubes carnavalescos uma intensa correspondência - recebendo de alguns deles como o Flor da Lira, o Recreio das Flores e do Prazer das Morenas, todos de seu bairro, informes de eleição de sua diretoria e convites para suas festas, que eram retribuídas com o mesmo tipo de gentileza e com felicitações pelo início de cada ano<sup>194</sup>. Mesmo as sedes desses clubes esportivos eram muitas vezes cedidas aos seus congêneres carnavalescos para a realização de festivais como o do Flor do Abacate, realizado em 1916 no campo do Carioca F.C., ou de bailes semelhantes àquele realizado em 1919 pelo Bloco dos Prontos na sede do Carlos Gomes F.C., no distrito de Santo Antônio<sup>195</sup>. Se clubes grandes como o Botafogo se negavam a disputar partidas em favor dos cofres de associações carnavalescas, preferindo dedicá-las a algumas “instituições de caridade”, grêmios menores como o Mavilles F.C. e o Willegagnos F.C. mostravam não ter

---

alguns anos antes, o próprio fato de que tivesse deixado de realizá-los indicava que a idéia não parecia empolgar seus refinados sócios. “Foot-ball”, *O Imparcial*, 11 de fevereiro de 1915.

<sup>192</sup> - *Arquivo nacional*, S.P.D.F., IJ6 691 e 778.

<sup>193</sup> - *Arquivo nacional*, S.P.D.F., IJ6 563.

<sup>194</sup> - “Ata da sessão de 1 de maio de 1919”, “Ata da sessão de 29 de abril de 1920” e “Ata da sessão de 6 de maio de 1920” e “Ata da sessão de 3 de março de 1921” *Livros de atas do Bangu AC*, 13.12.19-15.12.21, pg 41, 217, 219 e 316; e “Ata da sessão de 24 de janeiro de 1922” e “Ata da sessão de 31 de janeiro de 1922”, *Livros de atas do Bangu AC*, 6.1.22-3.11.30, fls. 3-4.

<sup>195</sup> - “O festival de ontem”, *O Imparcial*, 21 de fevereiro de 1916; e “Foot-ball”, *O Imparcial*, 22 de agosto de 1919.

pudores em realizar naquele mesmo ano uma partida “em benefício da S.C.T. Paraíso das Camélias”<sup>196</sup>. Os Pingas Carnavalescos, por sua vez, emprestavam seus salões para a realização de uma sessão solene da Liga Suburbana, enquanto o Argentino F.C., de Cascadura, realizava suas assembléias na sede do Club dos Fenianos de seu bairro<sup>197</sup>. Vinha do Engenho de Dentro, porém, a mostra mais clara dessa associação: entre os clubes esportivos e carnavalescos de cada localidade: trocando o clube pelo Vasco em busca de vantagens financeiras, alguns dos seus jogadores eram ameaçados de ficar privados “de gozarem das belas regalias dos Pingas Carnavalescos”, que tinha sede no mesmo bairro<sup>198</sup>. Unindo os clubes esportivos e carnavalescos de cada região em um mesmo impulso, atitudes como essas demonstravam a grande afinidade que os ligava, fazendo de ambos centros recreativos da mesma natureza, embora dedicados a diferentes atividades.

Mesmo essa separação de finalidades seria, porém, colocada muitas vezes à prova, como atestava desde 1914 um clube fundado em Santa Luzia com o estranho nome de Sociedade Carnavalesca Miséria e Fome Foot-ball Club<sup>199</sup>. Tendo por fim, segundo os estatutos que aprovam em 1919, “promover entre os seus sócios a prática de toda a sorte de jogos e exercícios *sportivos* capazes de contribuir para o desenvolvimento físico da mocidade e tomar parte nos folguedos carnavalescos nos três dias consagrados a Momo”, os seus sócios misturavam de forma explícita assuntos que na concepção de muitos *sportmen* deveriam ficar inexoravelmente separados. Juntando na sua própria designação o carnaval e o futebol como elementos indiferenciados dentro das suas atividades e saindo às ruas a cada ano nos dias de Momo, seus sócios explicitavam um impulso que ia ganhando força em muitos outros clubes do período. Não era coincidência que, em 1919, surgisse outro clube com a denominação de Sociedade Dançante Carnavalesca Sportiva Recreio de Santa Luzia - em um tipo de associação que, geradas pelo mesmo tipo de embaralhamento entre as atividades físicas e as recreativas que aparecia entre os sócios do Miséria e Fome,

<sup>196</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 23 de fevereiro de 1919. Sobre a negativa do Botafogo, ver “Ata da sessão de 23 de dezembro de 1918”, Botafogo F.C. - Atas da diretoria, 15.07.1918-7.4.1919.

<sup>197</sup> - “A sessão solene da Liga Suburbana no salão de honra dos Pingas Carnavalescos”, O Imparcial, 24 de abril de 1919; e “Foot-ball”, Gazeta suburbana, 25 de outubro de 1919.

<sup>198</sup> - “Cortes e recortes sportivos”, Gazeta suburbana, 28 de junho de 1919.

<sup>199</sup> - Algumas vezes o mesmo clube aparece com o nome de Club Carnavalesco Sportivo Miséria e Fome. Arquivo nacional, S.P.D.F., II6 694 e 655.

tornava-se comum no período<sup>200</sup>. Não era de se estranhar que, em 1915, a própria polícia muitas vezes tratasse de forma indiferenciada esses dois tipos de centros recreativos, usando na concessão da licença anual de funcionamento para o Carioca F.C. um formulário destinado aos clubes dançantes - nos quais se definia a regra dos “ensaios não excederem das 10 horas da noite e os bailes das 2 da madrugada”, sendo estes realizados somente nos domingos e feriados<sup>201</sup>.

A indissociação entre os clubes esportivos e carnavalescos seria atestada ainda pela atitude tomada em 1919 pelos sócios do Fidalgo F.C.. Reunidos em assembléia geral para definir a mudança de nome do clube, eles aprovam por unanimidade que ele passasse a se chamar Fidalgos de Madureira, “podendo ser *sportivo*, recreativo e carnavalesco”<sup>202</sup>. Com a mudança, iniciou-se então um processo que, poucos dias depois, levaria à fusão entre o Fidalgo e a sociedade carnavalesca Tenentes do Diabo de Madureira. “Outro não podia ser o desfecho, pois ambos os clubs ocupam o mesmo prédio e os sócios de um fazem parte, quase todos, do outro” explicava um cronista suburbano desvendando a ligação prática existente entre ambos<sup>203</sup>. Legalizando uma associação que já era de fato estabelecida pelos membros das duas entidades, os sócios do Fidalgo concretizavam uma ligação que já parecia clara também para membros de outros clubes<sup>204</sup>. Explicava-se assim porque, em 1921, mesmo associações que não adotavam essas mudança de nome e fusões, como o Club Atlético Nacional, do Sacramento, já fossem definidas por contemporâneos como o inspetor do Corpo de Segurança como sendo “*sportivos*, recreativos e carnavalescos”<sup>205</sup> - na explicitação de

<sup>200</sup> - O Imparcial, 1 de setembro de 1919. No Engenho de Dentro, os sócios do Magno F.C. resolvem em assembléia geral realizada em 1918 mudar seu nome para Magno Recreativo F.C., passando a ter uma seção dançante denominada Grêmio das Magnolinas “que proporcionará sempre que o capital permitir reuniões familiares”. Por outro lado alguns clubes dançantes como a Sociedade Recreativa Canecas Carnavalescos, formado pelos trabalhadores da Companhia de Fiação Corcovado, mudavam em 1921 seu nome para Grêmio Recreativo Botafogo para passar a facultar a seus sócios “a criação de conjuntos *sportivos*”. Já outras associações como o Club Familiar da Pavuna diziam ser seu fim promover “o ensino de dança aos seus associados, propiciando-lhes uma educação física”. Arquivo nacional, S.P.D.F., IJ6 655 e IJ6 758.

<sup>201</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F., IJ6 595.

<sup>202</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F., IJ6 691.

<sup>203</sup> - “Vida *sportiva*”, Gazeta suburbana, 12 de abril de 1919.

<sup>204</sup> - É o caso do Liberdade F.C, de Marechal Hermes - que juntava-se em 1921 ao bloco carnavalesco “É o Peso” e passava a se chamar “É o Peso Liberdade F.C.”, sendo “carnavalesco e *sportivo*”. Sem verem grandes diferenças entre os clubes esportivos e carnavalescos, seus sócios pareciam achar muito normal que esses se juntassem em uma mesma associação - já que eram compostos pelos mesmos quadros. Arquivo nacional, S.P.D.F., IJ6 758.

<sup>205</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F., IJ6 758.

uma ligação que para os admiradores do futebol nos subúrbios e nas zonas pobres da cidade não parecia ter nada de estranha.

Pensados por muitos literatos e cronistas como verdadeiros centros de disciplina, os pequenos clubes esportivos tinham através da indiferenciação entre carnaval e o esporte a chance de explicitar o sentido que tais associações assumiam para seus sócios. Aparecendo tanto nas colunas esportivas quanto no noticiário carnavalesco, clubes como o Miséria e Fome e o Recreio da Santa Luzia saíam às ruas com seus cantos e danças em comemoração aos festejos momescos<sup>206</sup>. Mesmo que por vezes seus cortejos adotassem um padrão de carnaval defendido por literatos como o próprio Coelho Netto - como fazem em 1919 os sócios do Miséria e Fome, que sai com “um préstito em homenagem aos aliados”, ou os Fidalgos, cujo desfile no ano seguinte reproduzia o modelo de carnaval criado pelas elegantes sociedades carnavalescas da zona sul<sup>207</sup> - seus desfiles abriam a possibilidade de efetivação de práticas e tradições que nenhuma relação tinham com a disciplina apregoada pelos defensores do futebol. Exemplar nesse sentido é o caso do grupo “Braço é Braço”. Sendo formado pelos sócios do Pereira Passos F.C.<sup>208</sup>, os seus membros pareciam à primeira vista compartilhar tanto os princípios que para muitos dos defensores do jogo deveriam nortear as atividades dessas associações quanto o modelo de carnaval elegante defendido por muitos cronistas - fazendo em 1919 um desfile somente com temas da mitologia greco-romana, como era padrão entre muitos ranchos do período<sup>209</sup>. Os versos que seus membros divulgavam em 1917 por ocasião de uma das batalhas de confete que promoviam apontavam porém para um sentido muito diferente para a atividade que desenvolviam:

“Havemos, pois, de mostrar  
Com muito desembaraço,  
Por A mais B demonstrar  
Que, conosco, ‘braço é braço’ ”

<sup>206</sup> - “Foot-ball”, *O Imparcial*, 23 de fevereiro de 1914 e “O carnaval de 1914”, *O Imparcial*, 27 de março de 1916; e “Pelos ranchos”, *O Paiz*, 20 de janeiro de 1920.

<sup>207</sup> - *Arquivo nacional*, S.P.D.F., IJ6 692; e “Fidalgos de Madureira”, *O Paiz* 17 de fevereiro de 1920.

<sup>208</sup> - Conferir o pedido de licença que o Pereira Passos encaminha em 1919 ao Chefe de polícia pedindo permissão para sair às ruas com “um bloco carnavalesco familiar com o título Braço é Braço”. *Arquivo nacional*, S.P.D.F., IJ6 692.

<sup>209</sup> - “Bloco Braço é braço”, *O Paiz*, 3 de março de 1919.

Embora não fossem ricos em rimas e metrificação, os versos indicam uma visão muito particular sobre o próprio clube. Parecendo dar uma explicação para os muitos conflitos que promoviam nos campos, seus sócios cantavam em meio à folia princípios de atuação distantes dos ideais esportivos que diziam defender em seus estatutos - nos quais a valentia e a força física prevaleceriam sobre o preparo técnico e o espírito esportivo<sup>210</sup>. Tendo no carnaval ocasião de mostrar pelas ruas os significados que atribuíam às suas associações, os sócios de clubes como o Pereira Passos e o Sport Club Baratinha, do Andaraí - que faz em 1919 uma festa em homenagem aos seus companheiros do “Braço é Braço”<sup>211</sup> - evidenciavam então o sentido profundo que o clube assumia para eles: longe da escola de disciplina pensada por muitos teóricos do futebol, eles se constituíam como espaços de autonomia, nos quais tinham a chance de efetivar suas próprias práticas e visões de mundo.

O fato de que apesar de todas essas diferenças esses clubes mantivessem em seus estatutos muitos dos princípios defendidos por ideólogos do esporte desnudava assim a operação que, conscientemente ou não, seus sócios realizavam através do futebol: apoiando-se nas vantagens geralmente atribuídas ao jogo, construíam através dele uma ampla rede de legitimação e apoio para o seu próprio lazer - seja disputando jogos propriamente esportivos, como as partidas de futebol, ou realizando festas que seriam de outro modo perseguidas e condenadas. A própria situação financeira precária desses clubes, compostos em sua maior parte por trabalhadores de baixo poder aquisitivo, levava à necessidade de que buscassem meios de sustento que pudessem viabilizar suas associações. Mantendo-se com grandes dificuldades, muitas vezes precisavam fazer como o Navarro, que apelou em 1919 para a “dedicação dos associados que se acham atrasados em suas mensalidades”<sup>212</sup>. A falta de dinheiro fazia com que mesmo alguns clubes que conseguiam a permissão anual de funcionamento deixassem de buscá-la para não se verem obrigadas a pagar o selo de 12\$500 cobrado pela polícia<sup>213</sup>. Não eram poucas as associações que tinham suas dependências em “um

<sup>210</sup> - O mesmo tipo de sentido parecia ser atribuído ao futebol por jogadores como Erico Fontes, do Silva Manoel, que segundo declara a um jornal gostava mesmo é de “tomar cerveja”, odiava “deitar cedo” e tinha por lema o “comigo é no braço”. “Fotografando”, *O Imparcial*, 11 de fevereiro de 1919.

<sup>211</sup> - “Foot-ball”, *O Imparcial*, 31 de maio de 1919.

<sup>212</sup> - “Foot-ball”, *O Imparcial*, 20 de março de 1919.

<sup>213</sup> - É o que acontece em 1921 com o Inhaumense F.C., que passa o ano de 1920 sem sua licença embora estivesse funcionando normalmente. *Arquivo nacional*, S.P.D.F., IJ6 778. Sobre o valor cobrado pela polícia, conferir a importância paga naquele ano pelo Atlético Club Braz de Pinna ou pelos Fidalgos de Madureira. *Arquivo nacional*, S.P.D.F., IJ6 758.

casebre de madeira em péssimas condições”, ou em casas de cômodos ou residências particulares - tendo por isso sua licença negada pela polícia<sup>214</sup>. A falta de recursos da maior parte de clubes pequenos era assim motivo de freqüentes piadas para os cronistas das revistas esportivas da zona sul, obrigados muitas vezes a assistir “com enormíssima paciência” seus festejos - ironizando a sede “tão ricamente montada que faz lembrar um palácio”, a iluminação “tão feérica que todos os presentes colocaram óculos escuros para não ficarem cegos” e o banquete, digno do serviço da Confeitaria Colombo que encontravam nos festejos de associações do nível do Jequiá, da Ilha do Governador<sup>215</sup>.

Justificava-se portanto, frente às dificuldades financeiras atravessadas por esses clubes, a presença em suas diretorias dos comerciantes, capitalistas e homens de destaque de seus respectivos bairros. Mesmo formado majoritariamente por pescadores, cordoeiros e outros trabalhadores braçais, clubes como o próprio Maria Angú F.C. tinham entre seus diretores justamente os poucos negociantes e proprietários que apareciam em suas lista de associados- em um padrão seguido por quase todos esses clubes da zona norte e dos subúrbios<sup>216</sup>. Ainda que muitas vezes constassem da diretoria indivíduos de má reputação social, tendo muitos deles inclusive passagens pela polícia<sup>217</sup>, a presença hegemônica desses homens de destaque de cada região era uma constante na maior parte dessas pequenas associações. O fenômeno não parecia, para os contemporâneos, de difícil compreensão: tratava-se de buscar, entre os homens endinheirados da localidade, o apoio necessário para o desenvolvimento de cada clube, na efetivação de uma arraigada prática de patronagem.

<sup>214</sup> - A expressão refere-se à descrição feita pelo comissário de polícia sobre a sede do Z-8 F.C., do Cajú. Arquivo nacional, S.P.D.F., Pacote 777/ Cx. 5760. Já o Jardim F.C. tinha sua sede social “em uma casa de cômodos”, segundo a denúncia feita em janeiro de 1921 pelo comissário do 21º distrito policial. Mesmo depois de pedir ao chefe de polícia um prazo de 90 dias “a fim de encontrar durante esse espaço de tempo uma outra casa para sua sede definitiva”, o clube acaba se instalando em uma “residência de família”. Arquivo nacional, S.P.D.F. II6 758.

<sup>215</sup> - N., “*Criticando*”, Vida Sportiva, 8 de janeiro de 1921.

<sup>216</sup> - Cf. Arquivo nacional, S.P.D.F. II6 759. O mesmo acontecia no Dublin F.C., do Engenho Velho, que mesmo formado em sua quase totalidade por empregados do comércio tinha em 1919 como presidente o único negociante que constava de sua lista de sócios. Ver ainda, entre muitos outros, os casos de associações como o Del Castilho e o Sport Club Sampaio, em 1921. Arquivo nacional, S.P.D.F. 694, 759 e 763.

<sup>217</sup> - Conferir os casos de Xavier de Freitas, presidente do S.C. Everest, do Engenho Velho, em 1915; Euclides de Oliveira, diretor do Iris F.C., em 1919; e Agostinho Barradas, do Del Castilho F.C., em 1921 - todos com passagens pela polícia, segundo investigações do corpo de segurança e dos comissários dos seus distritos. Arquivo nacional, S.P.D.F. II6 564, 694 e 759.

Esse impulso chegava muitas vezes a ganhar contornos nítidos, como mostravam em 1921 os estatutos do Sapopemba Atlético Club: determinando que o título de presidente honorário seria concedido “a uma pessoa respeitável, escolhida e aceita em assembléia geral pelos associados”, seus sócios definem que este deveria ser consultado “em todas questões estranhas aos presentes estatutos” que ocorressem no clube - na garantia de uma reciprocidade que, ao mesmo tempo que dava ao protetor algum controle sobre as atividades da associação, garantia para ela importantes apoios<sup>218</sup>. Era comum ainda que associações como o Mangureira e o Cajuense definissem em seus estatutos uma mensalidade bem maior para os membros da diretoria, na garantia de que esses cargos fossem ocupados por pessoas em condições de auxiliar financeiramente as associações<sup>219</sup>. Permitindo, como acontece com o Olaria A. C., a “valiosa proteção” de importantes capitalista da localidade<sup>220</sup>, essa lógica tinha seus resultados mais visíveis em casos como o do Ubá Sport Club, cujo time aparecia em uma foto tirada em 1920 na revista *Athlética* (Fig.37). Tendo surgido em 1918 por iniciativa de alguns rapazes do bairro de Hadock Lobo, o time do Ubá tinha uma composição semelhante a de muitas outras associações pequenas como ele, tendo também entre seus jogadores muitos negros e mestiços. Apesar disso, porém, ele contou desde seu início com o dedicado auxílio do “negociante e estimado *sportman* Sr. Affonso da Silva Coelho” - que cede ao clube um prédio para ser sua sede e consegue para seus sócios um campo de treinamento, tendo por isso permanecido por três anos à frente de sua diretoria e recebido ao fim de seu mandato os títulos de sócio benemérito e presidente de honra<sup>221</sup>. Personificando o papel do patrono, Affonso Coelho garantia então aos trabalhadores do bairro um meio de consolidarem suas práticas de lazer, em uma relação de troca na qual, pelo menos teoricamente, ele asseguraria o controle sobre a associação.

A ligação desses grêmios com as personalidades locais, que através deles garantiam a construção de uma identidade ampla entre os moradores do bairro, trariam ainda aos sócios desses pequenos clubes esportivos outras vantagens. Mais do que dinheiro, essa relação era capaz de assegurar-lhes legitimidade diante do rígido

<sup>218</sup> - *Arquivo nacional*, S.P.D.F. IJ6 759.

<sup>219</sup> - No Cajuense, a mensalidade dos diretores era em 1916 de 5\$000, contra os 2\$000 cobrados dos demais sócios; já no Mangureira, clube da Liga Metropolitana que tinha uma mensalidade de 3\$000, esse valor chegava a 10\$000. Cf. *Arquivo nacional*, S.P.D.F. IJ6 597.

<sup>220</sup> - “O Olaria Atlético Club comemora hoje o seu 5º. ano de fundação”, *O Paiz*, 1 de julho de 1920.



controle exercido pela polícia sobre outras associações, como os clubes dançantes e carnavalescos<sup>222</sup>. Era o que mostrava um caso ocorrido em março de 1921 na sede do Miséria e Fome. Tendo recebido uma denúncia telefônica sobre a prática de jogos proibidos na sede do clube, um comissário do 5º. distrito encaminhou-se para lá, encontrando um grupo de 12 ou 13 sócios reunidos em torno de uma mesa jogando cartas. Parecia somente mais um entre os muitos casos de prática do jogo nos clubes esportivos. Embora perseguido pela polícia, sempre vigilante na tentativa de controle sobre o jogo a presença de atividades proibidas nessas associações era uma constante<sup>223</sup>. Não era coincidência que muitas vezes os próprios membros de suas diretorias já tivessem passagens pela polícia “por bancar o jogo do bicho”, como acontece em 1918 com o vice-presidente do Sport Club Liberal<sup>224</sup>. Atentos para essa presença freqüente das atividades ilícitas nos clubes esportivos, o comissário prendeu os sócios do Miséria e Fome e os levou à presença do delegado.

Depois de algumas explicações prestadas às autoridades policiais, todos foram soltos por falta de provas. A licença do clube, porém, acabou sendo cassada por ordem do próprio chefe de polícia - o que levou seus diretores a encaminhar-lhe suas explicações e o pedido de reconsideração da decisão<sup>225</sup>. Diziam que, “por não se tratar de *club* de jogatina”, seus sócios estariam reunidos somente para a realização de uma seção conjunta. Enquanto esperavam os retardatários, um deles se lembrara de disputar jogos de baralho lícitos, como a “scopa” e a “bisca”. Nesse ínterim teria chegado o comissário de polícia, flagrando uma cena que, apesar das aparências, não teria nada de ilegal. Afirmando serem todos os associados do clube “trabalhadores empregados no comércio” seus diretores lembravam então “a ordem e a disciplina ali mantidas” - em uma alusão indireta aos princípios que ligavam para muitos o esporte ao trabalho, confirmada pelo parecer dado meses antes pelo próprio comissário do 5º.

<sup>221</sup> - “O Ubá Sport Club vai de vento em popa”, *O Paiz*, 6 de abril de 1921.

<sup>222</sup> - Sobre a vigilância da força policial sobre a população carioca e suas práticas recreativas, ver Marcos Luiz Bretas, *A guerra das ruas. Povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997 – em especial o capítulo 4, que analisa o mesmo tipo de documentação policial aqui trabalhada.

<sup>223</sup> - É o que mostra em 1919 a desconfiança expressa na atitude de Armando Vidal, o 2º. delegado auxiliar, que manda o pedido de licença do Curupaity de volta ao comissário do 6º. Distrito para que esse informasse se eram verdadeiras as denúncias que recebera de que “na sede da sociedade requerente são explorados jogos”. *Arquivo nacional*, S.P.D.F., IJ6 691.

<sup>224</sup> - *Arquivo nacional*, S.P.D.F., IJ6 648.

<sup>225</sup> - *Arquivo nacional*, S.P.D.F., IJ6 758.

distrito no momento de concessão de sua licença anual<sup>226</sup>. O caráter “ordeiro” da associação poderia ainda, segundo eles, ser atestado “por todos os comerciantes locais, dos quais não traz uma declaração coletiva por não se querer fazer crer numa pressão”. Angariando como outros clubes pequenos espalhados pela cidade grandes simpatias na localidade em que tinha sua sede<sup>227</sup>, os sócios do Miséria e Fome respaldavam-se tanto na imagem positiva do esporte quanto na força dos laços que criavam com as elites da região. Conseguiram com isso aliados na luta contra a vigilância policial, que lhes permitiam fazer sobre ela a pressão que se apressavam em negar. Mesmo que a operação fosse conhecida das autoridades, que mostravam-se muitas vezes atentas ao fato de que algumas dessas associações se transformassem em simples “clubes de jogo”, a legitimidade assumida pelos clubes esportivos e seu enraizamento social garantia o sucesso da operação, livrando-os da repressão policial e evidenciando os benefícios que a ligação com o esporte poderia trazer para essas pequenas associações recreativas dos subúrbios e da zona norte<sup>228</sup>.

A influência desses patronos sobre o cotidiano das pequenas associações esportivas mostrava-se, porém, bastante limitada na prática. Por vezes esses diretores escolhidos entre os homens de destaque de cada localidade não chegavam a se comprometer a fundo o com o desenvolvimento do clube, fazendo com que alguns deles chegassem a receber ofícios “no sentido de comparecer às assembléias e reuniões de diretoria”<sup>229</sup>. Mesmo quando se faziam presentes, tentando manter as atividades do clube sob seu estrito controle, eles tinham porém uma possibilidade de atuação muito restrita. Se por vezes se mostravam capazes de reprimir certos tipos de comportamento julgados inconvenientes - como acontece em 1915 no Municipal, cujo

<sup>226</sup> - Dizia o comissário que “o club tem funcionado exclusivamente para fins carnavalescos e sportivos, não tem explorado sócios, assim como também não tem havido na sua sede nenhum conflito ou desordens”. Arquivo nacional, S.P.D.F., IJ6 758.

<sup>227</sup> - Era o caso, entre muitos outros, do Bonsucesso, do Pereira Passos e do River, da Piedade, Cf. “Bonsucesso F.C.”, O Imparcial, 25 de janeiro de 1914; “A festa do pereira Passos F.C.”, O Paiz, 13 de janeiro de 1920; e “Comemorando a vitória”, O Paiz, 26 de junho de 1922.

<sup>228</sup> - Quando concede a licença em 1920 para o Recreio de Santa Luzia, o 2º. delegado auxiliar declara nada ter a opor, “embora pareça não se tratar, senão, da abertura de mais um club de jogo”, enquanto no ano seguinte ele afirma em relação ao Atlético Club Central que “trata-se de mais um club de jogo que explora jogos proibidos, porém sua situação é idêntica a outros que funcionam nessa cidade”, nada tendo por isso a opor - conseguindo ambos as respectivas licenças. Arquivo nacional, S.P.D.F., IJ6691 e 786.

<sup>229</sup> - Trata-se, no caso, do Olaria, onde um grupo de sócios propõe a substituição do presidente e do vice do clube - em processo semelhante ao que aconteceria no mesmo ano no Americano. Cf. “Olaria F.C.”, O Imparcial, 29 de janeiro de 1916; e “Americano Foot-ball Club”, Correio da Manhã, 13 de setembro de 1916.

presidente conseguiu eliminar da diretoria o primeiro secretário Jovino de Paula, por ter este “publicado os *teams* do club com os nomes dos jogadores todos em apelidos”, prática comum entre os clubes menores<sup>230</sup> - quando tratava-se de comportamentos disseminados entre muitos sócios só restava a eles usar os estatutos para tentar disciplinar o cotidiano dos clubes. Atacando e proibindo práticas como a embriaguez, o uso de “qualquer palavra imoral”, “o uso de armas” ou a difundida prática de levar à sede dos clubes “mulheres de reputação duvidosa”<sup>231</sup>, esses diretores tentavam mudar os hábitos da maior parte dos seus associados, adaptando-os ao refinamento que pretendiam firmar para suas associações - em um impulso que chegava ao seu extremo no Sport Club Africano, do Engenho de Dentro, que definia em 1920 não ser permitido aos seus membros “entrar em campo para jogo ou ensaio sem estar devidamente calçado”<sup>232</sup>. O próprio fato de que tivessem que explicitar com tanta clareza proibições como essas evidenciava um padrão de comportamento por parte dos sócios desses pequenos clubes muito diferente daquele esperado por alguns de seus patronos e dos princípios adotados pelos ideólogos do bolapé. Sendo improvável a eficácia de tais proibições, que se repetiam incessantemente sem alcançar grandes resultados, os sócios desses clubes mostravam ver nos diretores que escolhiam para seus clubes fontes de apoio e legitimidade, mas não necessariamente de liderança.

O suposto civismo expresso nas homenagens de muitos desses clubes a políticos e autoridades locais ganhava, nesses termos, um sentido mais claro - explicitado em um caso ocorrido em 1919 com o Lapa F.C. Fundado por um grupo de rapazes do bairro, o clube contou desde o seu início com a proteção do Coronel Jacintho Rocha - um Intendente Municipal que teria entrado na política “montado no elefante, na avestruz, no camelo, no tigre, no leão e em dezenove bichos mais”, sendo conhecido pelos contemporâneos por suas atividades ligadas ao jogo do bicho<sup>233</sup>. Tentando “conseguir uma certa dose de popularidade”, o Coronel teria, “por meio de

<sup>230</sup> - “Municipal F.C.”, *O Imparcial*, 27 de dezembro de 1915.

<sup>231</sup> - Os casos referem-se ao Cajuense, onde era definido em 1915 que o sócio que fosse encontrado nas dependências do clube “em estado de embriaguez” seria eliminado; ao Inhaumense F.C., onde se proibia que “qualquer sócio pronuncie mesmo por gracejo qualquer palavra imoral” - atitude repetida em 1919 no Sport Club Piauí, cujos diretores proibem no clube “o uso de armas e a pronúncia de palavras obscenas”; e pelo Primor F.C., também de Olaria, que tentava evitar no ano seguinte o hábito dos sócios que teimavam em “fazer-se acompanhar de mulheres de reputação duvidosa” nos jogos do clube. *Arquivo nacional*, S.P.D.F. IJ6 758, IJ6 693, IJ6 778, e IJ6 759.

<sup>232</sup> - *Arquivo nacional*, S.P.D.F. IJ6 758.

<sup>233</sup> - “Lapa F.C.”, *O Imparcial*, 11 de outubro de 1919.

uma consulta constante às preferências de certas classes da população da cidade”, resolvido auxiliar o clube, tornando-se seu primeiro presidente. “Os *foot-ballers* da zona, interessados no fato, correram à sua casa”, cobrando-lhe que tratasse de arranjar uma sede para o novo clube - o que ele fez alugando um sobrado em uma das ruas do bairro. Conseguindo a proteção de um influente político local, os praticantes do jogo na Lapa pensavam então ter assegurado o necessário apoio para o seu funcionamento, fazendo do Coronel o seu principal protetor.

Quando foi atrás da necessária permissão policial para o funcionamento da nova associação, o “mecenas da Lapa” teria porém uma desagradável surpresa: apesar do seu posto de destaque, o chefe de polícia negava-se a conceder a licença ao clube devido às conhecidas ligações de seu presidente com o jogo. Nem mesmo tendo jurado que lá não seria “bancado o bicho” ele consegue a autorização policial, impedindo assim com sua presença na diretoria o funcionamento da associação da qual tornara-se presidente. Informados a respeito, seus sócios ficaram, segundo a reportagem do jornal O Imparcial, “indignadíssimos”:

“- O culpado é o Coronel Jacintho! - gritaram uns.

- As dificuldades são todas por causa dele! - afirmaram outros.

E como estão certos disso, andam todos trabalhando para lançar fora o coronel, libertando-se dele, que fundou o honrado clube da Lapa.

Que ingratidão!...”

Afirmando em carta enviada no mesmo dia da publicação da notícia aos jornais “não ter sido o Sr. Coronel Jacintho Rocha o fundador desse club”, seus sócios livravam-se do incômodo protetor com a mesma facilidade com a qual procuraram a sua proteção na fundação do clube<sup>234</sup>. Se quando precisaram de seu apoio os sócios do Lapa deram ao Coronel um papel de grande destaque na associação, fazendo crer a muitos ter sido ele único responsável por sua fundação, no momento em que se tornava um empecilho que impedia a obtenção da licença policial ele logo foi deixado de lado pelos seus sócios, que passaram a buscar outros protetores. Relativizando o ardor cívico de muitas dessas associações, expresso para muitos nas homenagens constantemente feitas a políticos e autoridades diversas, o mesmo raciocínio explicava em 1914 a rápida atitude dos sócios do Sport Club Marechal Hermes: logo após o término do estado de sítio decretado pelo então presidente, “resolveram se dissolver, crenças que

<sup>234</sup> - “Lapa F.C.”, O Imparcial, 12 de outubro de 1919.

‘ele’, o ridicularizado figurão que dava nome ao clube, não mais poderia auxiliá-los”<sup>235</sup> - mostrando com isso a lógica que movia a relação desses praticantes do futebol nos bairros pobres da cidade com os aqueles de quem esperavam proteção.

Sem abrir mão da autonomia com a qual definiam seus próprios caminhos, os membros desses pequenos clubes esportivos atingiam assim, através do futebol, seus objetivos. Juntando a defesa dos princípios higiênicos presentes em seus estatutos com o respaldo fornecido pelos homens de prestígio de cada bairro, eles conquistavam a sustentação que julgavam necessitar para o seu lazer. Fosse formando “livros de ouro” ou abrindo subscrições que contavam com a “cooperação do comércio da redondeza” para realizar a preparação de seu campo de jogo, eles conseguiam os recursos necessários para o sustento não só de suas atividades esportivas, mas também de eventos festivos como a batalha de confete promovida em 1919 pelo Metropolitano, do Méier<sup>236</sup>. Mesmo constituídos por indivíduos habitualmente considerados alvos preferenciais da vigilância e da repressão policial, esses clubes conseguiam através do futebol o apoio do próprio poder público<sup>237</sup>. Se os cordões carnavalescos e os clubes dançantes dos quais seus sócios muitas vezes participavam continuavam a merecer de jornalistas e literatos as mais vivas condenações, esses pequenos grêmios esportivos passavam então a contar com o apoio incondicional de escritores como Coelho Netto, que chega a tornar-se patrono do S.C. Curupaity - onde seus filhos jogavam lado a lado com jogadores como o tipógrafo Cuca, descrito por um deles como “um preto de alma branca”<sup>238</sup>. Trazendo para as práticas recreativas de trabalhadores diversos uma ampla rede de apoios, o futebol permitia que, garantidos pela imagem saudável do jogo, eles conquistassem um espaço de efetivação de suas práticas recreativas e de seus valores - legitimando atividades que, articulando os moradores das regiões onde eles eram fundados, lhes permitiam realizar pelas ruas suas próprias festas e jogos.

Longe de se submeter aos ditames eugênicos daqueles que esperavam ver no jogo um elemento de disciplina e regeneração social, os membros de associações como o Maria Angu F.C. mostravam assim a lógica que movia sua devoção ao futebol. Mais

<sup>235</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 31 de outubro de 1914.

<sup>236</sup> - Os “Livros de ouro” aparecem nos estatutos do Bonsucesso F.C. e do É o Peso Liberdade F.C., sendo o Ouvidor F.C. o clube que abriu as subscrições. Conferir, respectivamente, Arquivo nacional, S.P.D.F. IJ6 563 e 758; O Imparcial, 4 de abril de 1915; e O Imparcial, 9 de fevereiro de 1919.

<sup>237</sup> - Em 1912, por exemplo, o prefeito do Distrito Federal concedia um terreno na praia do Russel para que os sócios do modesto Paulistano F.C. pudessem “proporcionar a realização de diversos jogos *sportivos*, principalmente o *foot-ball*”. Arquivo nacional, S.P.D.F., Pacote 418/Cx. 5556.

do que um excelente e acessível meio de diversão, ele aparecia como um elemento importante na experiência de inúmeros trabalhadores do período. Fosse organizando as tensões entre os moradores das regiões pobres da cidade, garantindo a seus participantes um meio de ascensão social ou possibilitando apoio para as atividades de que gostavam, ele transformava-se em um modo de legitimar suas práticas recreativas de um modo mais amplo. Para aqueles que se juntavam em torno de uma bola nos clubes dos subúrbios e da zona norte, como Washignton, Braz ou Cuca, o futebol assumia assim uma dimensão singular. Fazendo dele o que bem entendiam, os adeptos do bolapé tinham nos seus centros esportivos um espaço de efetivação de um sentido para o jogo distante dos ideais projetados sobre ele por muitos de seus defensores na imprensa, na literatura ou na medicina. No lugar de uma solidariedade que anulasse as tensões, a busca de um meio próprio de articular identidades e antagonismos, organizando as diferenças sociais nos bairros pobres; ao invés da disciplina uniformizadora, a efetivação de suas próprias práticas; e, onde se esperava regeneração, a consolidação de tradições recreativas que transformavam estes pequenos clubes nos grandes centros de sociabilidade da zona norte e dos subúrbios. Nem parecia que falavam do mesmo esporte...

## Os trabalhadores da bola

O critério de vizinhança não era, para os trabalhadores cariocas do período, a única forma de organização de seus centros esportivos. Outro padrão de associação freqüente juntava, nos clubes, empregados de uma mesma loja ou operários de uma mesma fábrica - como era o caso do próprio Bangu e do Carioca Foot-ball Club, fundado ainda no início do século pelos trabalhadores da fábrica de tecidos Carioca<sup>239</sup>. Operando em um movimento similar àquela adotada pelos grêmios suburbanos, esses clubes de ofício tinham porém algumas características particulares. Tendo nos próprios patrões o apoio que precisavam para manter suas associações, seus integrantes pareciam dissolver as contradições que os separavam daqueles. Sob a lógica de um feroz crítico do futebol como Lima Barreto, pareciam com isso confirmar a

<sup>238</sup> - Cf. Paulo Coelho Netto, *Coelho Netto*, Rio de Janeiro: Ed. Minerva, 1964, pg. 90.

<sup>239</sup> - Cf. *O Paiz*, 17 de março de 1920.

caracterização do jogo como um elemento alienante, que perpetuaria sua dominação ao desviar sua atenção dos assuntos realmente importantes - supostamente atestando com isso a falta de consciência social dos trabalhadores cariocas entregues à sua prática.

Lima Barreto não estava sozinho na visão pessimista que formava sobre o operariado da cidade. Como ele inúmeros dirigentes sindicais, em sua maior parte anarquistas, não se cansavam de reclamar em seus jornais e panfletos da apatia em que se encontrava o operariado local. Visto como um “proletariado atrasadíssimo” por muitos dos imigrantes de outras nacionalidades que chegavam ao Rio de Janeiro nos primeiros anos do século, os trabalhadores cariocas eram criticados pela sua suposta passividade e falta de ação - que os levava muitas vezes a comparar sua atitude a de “rebanhos de animais”<sup>240</sup>. Defendendo um modelo de organização classista baseada na experiência compartilhada por muitos deles na Europa, criticavam o comportamento servil que atribuíam a muitos dos trabalhadores da cidade, que estariam conformados frente aos “sofrimentos do trabalho rude e da vida miserável”. “Enquanto o operariado não se convença que a força reside em si próprios e que nada têm a esperar de ninguém senão da sua própria união em sindicato de classe, as cousas continuarão de mal a pior”, explicava em 1911 um militante anarquista escrevendo no jornal A guerra social<sup>241</sup>. Procurar o sindicatos seria assim, para eles, um “dever” de qualquer trabalhador - o que gerava a incompreensão que muitos manifestam pela ausência dos operários cariocas nas atividades promovidas por eles<sup>242</sup>. Outros já tinham, porém, um diagnóstico mais claro. “As massas proletárias - talvez por uma questão atávica - não creem na profecia dos apóstolos da nossa sublime doutrina”, reconhecia em 1913 outro militante libertário, ciente da falta de penetração de suas teorias entre o operariado da cidade<sup>243</sup>. O grande desafio passava então a ser a conversão dos

<sup>240</sup> - Cf. Claudio Batalha, “Identidade da classe operária no Brasil (1880-1920): atipicidade ou legitimidade?”, Revista Brasileira de História, v. 12, no. 23/24, set.91/ago.92, pp 13-15. A própria historiografia ressaltou muitas vezes a suposta falta de combatividade e de consciência dos trabalhadores cariocas, reafirmando opiniões criadas no período por militantes de diferentes tendências. Conferir, entre outros, Boris Fausto, Trabalho urbano e conflito social, São Paulo: Difel, 1976.

<sup>241</sup> - “Pelas fábricas de tecido”, A guerra social, 29 de junho de 1911. Interessante notar que, segundo Claudio Batalha, “o recurso à classe operária européia para fins comparativos é, antes de mais nada, o recurso a um paradigma idealizado” - existindo também no velho continente muitos dos problemas apontados por esses militantes em relação aos trabalhadores cariocas. Claudio Batalha, op.cit., pg 117.

<sup>242</sup> - “Sindicato dos tecelões”, A voz do trabalhador, 17 de abril de 1909.

<sup>243</sup> - Jose Flóro, “Sobre o jelo”, A voz do trabalhador, 1 de fevereiro de 1913.

trabalhadores locais, para tirá-los finalmente do estado de dominação no qual se encontrariam<sup>244</sup>.

Em meio a esse esforço para levar aos operários cariocas um modelo de luta revolucionária que tinha na Europa o seu paradigma, o futebol apareceria, junto com outras atividades como a dança e o carnaval, como um dos principais alvos dos militantes de diferentes tendências. Afastando os trabalhadores das atividades promovidas pelos sindicatos e associações de classe, essas práticas teriam para eles um forte potencial alienante. É o que mostrava 1914 a crônica escrita por um certo Tristão para o jornal A voz do trabalhador<sup>245</sup>. Como fazia em todo primeiro domingo do mês, o cronista comparecera poucos dias antes à reunião realizada em Niterói pelo “Grupo operário de estudos sociais Jerminial” - que tinha por objetivo “instruir e cultivar o cérebro dos operários”, para com isso “conduzir o operário à altura de homem consciente do seu eu e do universo que o cerca”. Ao saltar do bonde por volta das quatro horas da tarde para dirigir-se à sede onde se realizaria a reunião, vê que um grande terreno anexo a uma fábrica de fósforo existente no local havia sido transformado em “campo” - “não em campo de pastagem, (...) o que seria altamente proveitoso, mas em campo de *foot-ball*”:

“ (...) Jogava-se o *foot-ball*, ali, com o maior dos entusiasmos imagináveis. E eu aprecio instintivamente as pessoas entusiasmadas... Mesmo quando o seu entusiasmo é causado por uma coisa tão pitoresca quanto o *foot-ball*... Por isso procurei desde logo informar-me a respeito daqueles cidadãos entusiasmados. Disseram-me então que eles eram operários da referida fábrica de fósforos e de outras fábricas vizinhas. À vista disso, eu continuei o meu inqueritozinho:

- Ah!... (Não pude conter a exclamação...) Pelo que vejo é excelente a situação do operário, por estas bandas... Salários fortes... Muito trabalho...

A pessoa com quem eu me informava riu-se no meu nariz. E me afirmou que eu estava enganado: não havia trabalho, nem os salários eram fortes, nem a situação era excelente.

- ... A situação é péssima. Há miséria aqui também...”

Reduzido a uma coisa “pitoresca”, o futebol parecia não ter a princípio para o cronista maior relevância. O fato de que indivíduos que experimentavam condições de vida semelhantes a de muitos outros operários da cidade se divertissem com o jogo, ao invés de comparecer às educativas reuniões de seu grupo, lhe parecia porém um grande absurdo:

<sup>244</sup> - Cf. Angela de Castro Gomes, A invenção do trabalhismo, Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988, pg 97.

<sup>245</sup> - Tristão, “Enquanto o povo se diverte...”, A voz do trabalhador, 15 de maio de 1914.



“(...) À sessão do Grupo Jerminal compareceram quatro ou seis homens. Seis homens que nunca jogaram o *foot-ball*... E estes homens constataram mais uma vez que o grupo ia mal. Não havia sócios, quase. Não havia dinheiro. Não havia entusiasmo. Apenas os seis homens que o fundaram, e que nunca jogaram o *foot-ball*...

Vendo do lado de fora os trabalhadores que continuavam a jogar “no maior dos entusiasmos imagináveis”, Tristão parecia considerar o contraste entre esta atitude e o desânimo da reunião que realizavam uma verdadeira aberração. Sem entender o apego demonstrado por esses jogadores ao bolapé, mostra acreditar que operários conscientes, como aqueles que se reuniam em pleno domingo, não podiam se entregar ao jogo. Desperdiçando não só o tempo com o qual poderiam estar se organizando em associações de classe, mas também o dinheiro com o qual pagavam nos clubes esportivos uma mensalidade equivalente àquela cobrada pelo grupo Jerminal - no valor de 2\$000 - esses adeptos do jogo da bola seriam a prova viva da falta de consciência do operariado carioca<sup>246</sup>.

Lembrando as palavras atribuídas ao Intendente Leite Ribeiro por ocasião do carnaval - “enquanto o povo se diverte, não conspira!” - Tristão caracteriza o jogo como um potente e eficaz instrumento de alienação. “Muitos operários se dedicam mais aos jogos, especialmente ao *foot-ball*, para agradar aos patrões, do que a instruírem-se e lutar para defender os seus direitos”, já afirmara em 1911 um cronista do jornal A guerra social ao explicar o reduzido público que comparecera a uma “conferência de propaganda emancipadora” realizada no Jardim Botânico<sup>247</sup>. Ao invés de estimular que os operários da cidade se juntassem em uma luta comum, o futebol serviria somente para distraí-los de seus reais interesses, aproximando-os dos seus inimigos. Parecia justificado, desse modo, o desprezo que passavam a demonstrar em relação ao jogo e aos seus admiradores. “Domingo é o dia estúpido por excelência. Será por isso que o domingo é o dia por excelência dos *sportmen*”, perguntava em 1918 o então anarquista Astrojildo Pereira, igualando todos os praticantes do futebol

<sup>246</sup> - Opinião semelhante era manifestada então pelos militantes operários de São Paulo - que, criticando o apego dos trabalhadores aos clubes de dança e ao futebol, afirmavam que “mais úteis à humanidade e a si próprios seriam esses rapazes se, em lugar de se ocuparem de semelhantes passatempos, ingressassem antes nos sindicatos e nas Ligas Operárias, a fim de poderem enfrentar o vilíssimo patronato”. “A dança e o *foot-ball*”, A plebe, 30 de outubro de 1917, APUD Maria Thereza Vargas (coord.), Teatro operário na cidade de São Paulo, São paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1980, pg 163.

<sup>247</sup> - “Conferência no Jardim Botânico”, A guerra social, 20 de agosto de 1911.

sob a mesma designação<sup>248</sup>. Vendo no trabalho o grande elemento de criação de uma identidade de classe<sup>249</sup>, esses militantes relutavam em ver em atividades de lazer operário como o futebol qualquer valor. Não sendo um meio legítimo de efetivação de uma identificação entre o operariado carioca, como parece concordar parte da historiografia que trata do tema<sup>250</sup>, ele somente serviria para alienar mais trabalhadores que teriam para eles “foros de escravidão e de servilismo” - constituindo-se, como afirmava Lima Barreto, em um instrumento de perpetuação do domínio exercido por décadas pelos senhores de escravos<sup>251</sup>.

De fato não era nos sindicatos ou associações de resistência que estava concentrada uma parcela significativa dos trabalhadores cariocas. Mesmo quando se juntavam em torno de suas identidades de ofício, era nos centros recreativos que eles se encontravam nos primeiros anos do século - fosse nos clubes esportivos propriamente ditos ou em outras atividades como as bandas de música, que existiam “em quase todas as fábricas de tecido”<sup>252</sup>. Embora para os militantes anarquistas a vida dos membros dessas bandas fosse “pior que a dos escravos”, aparecendo em sua descrição como uma obrigação autoritária ditada pelos donos das companhias, não parecia ser essa a avaliação dos operários que se inscreviam nessas associações. Longe de aparecer como uma imposição, era como dádiva que recebiam o apoio dado a elas pelos diretores de cada estabelecimento - como mostravam os casos do Bangu e do Carioca, dois dos primeiros clubes operários da cidade.

Como primeiro time operário formado no Rio de Janeiro, o Bangu criara um modelo que seria nos anos seguintes seguido por muitos de seus pares. Depois de ganhar em 1904 o apoio da diretoria da Companhia Progresso Industrial do Brasil, seus sócios iniciam uma relação com os dirigentes da fábrica que evidenciava o grande

<sup>248</sup> - “A cidade e os dias”, *Crônica subversiva*, 22 de junho de 1918. Poucos dias depois o mesmo Astrojildo, redator único do pequeno jornal, afirmava que o domingo, sendo dedicado aos “jogos sportivos”, seria “um dia inexcetivelmente fúnebre”. “A cidade e os dias”, *Crônica subversiva*, 27 de julho de 1918.

<sup>249</sup> - É o que mostravam há anos os partidários da idéia de que “todo aquele que disser estas palavras: vou trabalhar, é operário”. “Operariado”, *Semana operária*, 27 de maio de 1907.

<sup>250</sup> - Conferir, entre outros, Claudio Batalha, op.cit., pp. 120-121 - onde este afirma “ser difícil encontrar exemplos, a partir de fins do século XIX, de uma identidade de trabalhadores que não se estruture em torno do trabalho”.

<sup>251</sup> - Antonio Geraes, *Spártacus*, 30 de agosto de 1919. A metáfora da escravidão já era porém recorrente no movimento operário pelo menos desde 1911 - quando um militante anarquista dizia que em todas as fábricas de tecidos da cidade “sente-se a mesma escravidão, idênticos são os sofrimentos do trabalhador rude e miserável”. “Pelas fábricas de tecido”, *A guerra social*, 29 de junho de 1911.

<sup>252</sup> - “A exploração em Bangu”, *A voz do trabalhador*, 9 de dezembro de 1909.

interesse que esta passava a ter pelo grêmio. Criado em um bairro que era “uma pequena cidade operária”, com uma população de aproximadamente sete mil pessoas que viviam em torno das atividades da fábrica fundada em 1892, ele logo se tornou uma das principais opções de lazer dos moradores locais<sup>253</sup>. Sua própria localização, porém, indicava a estreita relação que, desde seu surgimento, o clube estabeleceu com a Companhia na qual trabalhavam seus sócios (Fig.38). Como uma espécie de quintal da fábrica, o campo do Bangu aparecia como uma continuidade do espaço de trabalho. Tornando-se parte de suas instalações, parecia compor harmoniosamente o conjunto arquitetônico construído pela companhia no distante bairro operário. Era normal, desse modo, que ela executasse no clube as obras necessárias, como a construção de muros e mictórios - tratando-o como mais um departamento da fábrica<sup>254</sup>. Cedendo o terreno para que formassem seu campo e construíssem sua sede, comprando móveis e utensílios para o clube, fornecendo os uniformes e financiando seus festivais, a fábrica de tecidos apareceu desde a fundação do grêmio como o seu grande sustentáculo, financiando suas atividades e apoiando suas iniciativas<sup>255</sup>.

A experiência dos trabalhadores de Bangu parece logo ter se espalhado por outras fábricas da cidade. Três anos depois de sua fundação, surgia entre os operários da Companhia de Fiação e tecelagem Carioca, no Jardim Botânico, um outro grêmio esportivo. Chamado inicialmente pelos seus fundadores de Club Sportivo Vitorioso, ele logo assumiria o nome de Carioca F.C. - passando com isso, como o Bangu, a contar com a interessada proteção dos diretores da fábrica<sup>256</sup>. Como reconhece em 1912 o secretário do grêmio, foram eles que cederam o terreno para que o clube pudesse construir seu campo e sua sede<sup>257</sup>, levantada com o auxílio da direção da Companhia - o que fazia com que, ao contrário de outros clubes pequenos, possuissem “uma praça de *sports* modesta, mas provida de todos os requisitos indispensáveis aos fins a que se destina”<sup>258</sup>, como mostrava a foto tirada naquele ano

<sup>253</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 12 de setembro de 1907.

<sup>254</sup> - Cf. “Ata da sessão de 21 de janeiro de 1915” e “Ata da sessão de 10 de fevereiro de 1916”, Livro de atas do Bangu A. C., 21.01.1915-7.09.1917, fls. 1 e 38.

<sup>255</sup> - Cf. “Estatutos do The Bangu A. C.”, Arquivo nacional, S.P.D.F., p.489/Cx.5668; “Ata da sessão de 17 de abril de 1904” e “Ata da sessão de 25 de maio de 1904”, Livro de atas do Bangu A. C., 17.04.1904-26.10.1906; e “Ata da sessão de 18 de abril de 1911”, Livro de atas do Bangu A. C., 28.2.1909-12.01.1915, fl. 15.

<sup>256</sup> - “O Carioca F.C. completa hoje 13 anos de existência”, O Paiz, 17 de março de 1920.

<sup>257</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F., p. 416/Cx.5553.

<sup>258</sup> - “O Carioca F.C. completa hoje 13 anos de existência”, O Paiz, 17 de março de 1920; e “Football”, O Imparcial, 8 de novembro de 1914.

das suas recém inauguradas arquibancadas (Fig.39). Embora desprovidas do luxo das associações esportivas de maior destaque, os sócios do Carioca garantiam então, com o auxílio dos seus patrões, instalações bem melhores que as da maior parte dos pequenos grêmios espalhados pela cidade<sup>259</sup>. Firmava-se assim um modelo de relação dos clubes operários com as fábricas nas quais trabalhavam seus sócios que seria, nos anos seguintes, adotado por inúmeras associações, nas mais diversas fábricas e casas comerciais da cidade<sup>260</sup>.

Ao apoio dado pelas fábricas, no entanto, corresponderia na maior parte das vezes uma posição de grande reverência por parte dos membros desses clubes em relação aos desejos de seus diretores. No próprio Bangu essa situação se desenrolaria de forma muito clara, estando presente até em seus estatutos - que definiam, no seu artigo quarto, que “o presidente honorário do club será sempre o diretor gerente da Comp. Progresso Industrial do Brasil, que será consultado em todas as resoluções tomadas pela diretoria estranhas a estes estatutos”<sup>261</sup>. O mesmo acontecia no Carioca, como mostrava em 1907 a composição de sua diretoria (Fig.40). Misturando entre seus dirigentes pessoas ligadas à Companhia, que aparecem sentadas na foto, com os modestos funcionários que permanecem de pé, os sócios do Carioca reafirmavam uma fórmula que já se mostrara vitoriosa em Bangu, dando aos diretores dessa um papel de destaque no clube. Se muitas vezes o cargo tinha um cunho meramente ornamental, em outras ele servia para que a Companhia fizesse valer, dentro do grêmio, os seus

<sup>259</sup> - O mesmo acontecia com o outros clubes operários como o Andaraí Atlético Club, formado pelos empregados da fábrica de tecidos local. Como o Carioca, ele mostravam ter em 1919 uma sede que, segundo a vistoria realizada pela polícia, apresentava “todas as condições de segurança, solidez e higiene”, tendo também uma arquibancada com capacidade para trezentas e cinquenta pessoas, com gerais para dois mil espectadores. “Exame de vistoria realizado no Andaraí Atlético Club”, Arquivo nacional, S.P.D.F., IJ6 690. No ano seguinte, porém, a capacidade das arquibancadas do clube subiria para dois mil espectadores. Idem, IJ6 728.

<sup>260</sup> - Era o caso, entre muitos outros, do Botafogo Atlético Club, da Aldeia Campista, cujos diretores afirmam em 1913 ser sua sede na “propriedade da fábrica de tecidos Botafogo”; do Mavillis F.C., que em 1920 tinha tanto sua sede quanto seu campo “nos terrenos da Companhia América Fabril, cedidos para esse fim”, em São Cristóvão; e do Santa Cruz F.C., da Ilha do Governador, que no mesmo ano afirmava funcionar “nos terrenos de propriedade da empresa cerâmica Santa Cruz”, afirmando ali permanecer “enquanto for conveniente aos interesses da aludida empresa”. Conferir Arquivo nacional, S.P.D.F., p. 459/Cx.5621 e IJ6 758. Segundo Fátima Antunes, também em São Paulo no período “recorrer à direção da fábrica era uma saída viável, senão fundamental, para a manutenção dessa atividade” dos clubes operários. Fátima Antunes, “O futebol nas fábricas”, Revista USP, 22, jun/jul/ago 94, pg 104.

<sup>261</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F., p. 489/Cx. 5668.

próprios interesses<sup>262</sup>. Sempre que precisavam de pequenas obras, como a construção de um muro em volta do campo decidida em 1913, os diretores do clube eram obrigados a se entender com o diretor da companhia, estrategicamente escolhido como seu presidente honorário<sup>263</sup>. Tendo sua sede no terreno da Companhia, os sócios do Bangu precisavam ainda da autorização da diretoria da fábrica mesmo para eventos simples, como a visita feita em 1919 à sua sede pelos jogadores do time argentino que disputavam na cidade o campeonato sul-americano<sup>264</sup>. Tendo grande poder de decisão sobre os destinos desses clubes, seus patrocinadores acabavam muitas vezes influenciando diretamente em seu destino, mostrando o outro lado da proteção que ofereciam a eles.

Essa influência das fábricas sobre os centros esportivos operários ficaria mais clara, no entanto, pelas tentativas de controle da composição de seus quadros e de suas diretorias. Já na fundação do Bangu, fôra definido em assembléia que para ser sócio do clube seria necessário “ser empregado da Companhia”, e que se um empregado saísse dessa “por mal comportamento” teria de deixar os quadros do clube<sup>265</sup>. Restrição semelhante apareceria no Carioca em 1912. Depois de ter sua licença de funcionamento negada pela presença, em sua diretoria, de um empregado no comércio acusado de vender o jogo do bicho, o secretário do clube informava ao chefe de polícia ter assumido “compromissos” com os diretores da Companhia que passavam a limitar os cargos de comando aos sócios que fossem “operários ou empregados da fábrica de tecidos” - regra que passava a partir de então a constar dos seus estatutos<sup>266</sup>. Já o Villas Boas Athletic Club definia em 1915 em seus estatutos que “o sócio que deixar de ser empregado” desta, embora não pudesse mais fazer parte de sua diretoria, poderia, “se o desejar, continuar a ser sócio, desde que o motivo de sua retirada da casa não seja desonroso para ele” - excluindo assim do clube aqueles que entravam em conflito com seus protetores<sup>267</sup>. Aparecendo como uma constante nos clubes esportivos formados nos locais de trabalho, restrições como essas mostravam como a

<sup>262</sup> - É o que faz em 1909 João Ferrer, da Fábrica de Bangu, ao decidir que “a diretoria antiga continuasse a dirigir os destinos do club até a conclusão do pavilhão”, “Ata da sessão de 28 de fevereiro de 1909”, Livro de atas do Bangu A. C., 28.2.1909-12.1.1915.

<sup>263</sup> - “Ata da sessão de 20 de janeiro de 1913”, Livro de atas do Bangu A. C., 28.2.1919-12.1.1915.

<sup>264</sup> - “Ata da sessão de 10 de abril de 1919”, Livro de atas do Bangu A. C., 13.2.1919-15.12.1921.

<sup>265</sup> - Ata da sessão de 24 de abril de 1904”, Livro de atas do Bangu A. C., 17.04.1904-26.10.1906. A proibição logo seria logo deixada de lado - aparecendo na ata do dia 17 de junho daquele ano a aceitação vários sócios “entre operários e moradores na localidade” - , ver “Ata da sessão de 17 de junho de 1904”, Livros de atas do Bangu A. C., 17.04.1904 - 26.10.1906.

<sup>266</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F., p. 416/Cx. 5553.

<sup>267</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F., IJ6 563.

influência dos patrões sobre os clubes formados por seus empregados aparecia de forma clara, afetando a própria composição desses ao critério definido pelas fábricas e casas comerciais que lhe davam apoio<sup>268</sup>.

Dessas regras resultava aquela que aparecia para muitos militantes libertários como uma das principais evidências do caráter alienante desses centros esportivos: a identificação dos trabalhadores com o seu local de trabalho, que dava nome aos seus clubes. Exemplos como o do Bangu e o do Carioca, que faziam do nome da fábrica a designação de sua associação, proliferaram-se por toda a cidade entre clubes ligados a diferentes ofícios - como mostravam os operários da Fábrica de tecidos Confiança Industrial, da Aldeia Campista, que formam em 1918 o Confiança Atlético Club<sup>269</sup>. Até mesmo funcionários públicos como os empregados da prefeitura municipal formavam em 1921 um clube denominado Atlético Municipal Foot-ball Club, evidenciando a tentativa de fazer do local onde trabalhavam o perfil principal de identidade da associação<sup>270</sup>. Fazendo dos seus clubes legítimos representantes de seu local de trabalho, esses adeptos do bolapé dissolviam, na aparência, as contradições que os separavam de seus empregadores - para desespero daqueles que esperavam deles uma postura de radical antagonismo ao capital.

O raciocínio que alimentava a condenação feita pelos militantes a esses grêmios esportivos não era muito diferente daquele manifestado por muitos dos patrões que financiavam os novos centros esportivos de seus empregados. Também esses pareciam ver nesses clubes um bom meio de distrair seus funcionários das péssimas condições de trabalho e das baixas remunerações que ofereciam. Exemplar mais uma vez, nesse sentido, era o caso de fábricas de tecidos como a Bangu e a Carioca. Segundo um jornal operário, a “classe dos tecelões” seria em 1908 a “mais

<sup>268</sup> - O Republicano Atlético Club, formado pelos empregados da fábrica de tecidos Confiança, definia em 1912 que poderiam “ser admitidos sócios não empregados da fábrica, mas em número nunca superior a um terço”. Já o Minerva F.C., fundado “sob os auspícios e proteção” do “Lanifícios Minerva”, determinavam uma mensalidade de 5\$000 para aqueles que não fossem empregados da fábrica, conta os 2\$000 cobrados dos seus empregados. Cf. *Arquivo nacional*, S.P.D.F., p. 418/Cx. 5556 e IJ6 759.

<sup>269</sup> - *Arquivo nacional*, S.P.D.F., IJ6 648. O mesmo processo acontecia então entre os empregados do comércio: ainda em 1913 um grupo de caixeiros da Casa Clarck fundava uma sociedade esportiva com o sugestivo nome de Clarck Foot-ball Club; em 1919 era a vez dos funcionários da Papelaria Mendes e da Casa Affonso Vizeu, que fundam também grêmios designados pelo nome de seus empregadores; os trabalhadores da Casa Bhering, por sua vez, fundavam em 1923 o Bhering F.C.. Conferir, respectivamente, “Foot-ball”, *O Imparcial*, 29 de agosto de 1913, 1 de julho de 1919, 2 de setembro de 1919; e *O mês sportivo*, agosto de 1923.

<sup>270</sup> - *Arquivo nacional*, S.P.D.F., IJ6 758.

explorada, a que mais horas trabalha e uma das que menos ganham”<sup>271</sup>. Visitando no ano seguinte a Companhia Progresso Industrial, alguns militantes acumulavam argumentos contra a opinião dos jornalistas que viviam “incensando a benemerência dos senhores de Bangu”, colhendo uma impressão completamente diversa. “Soubemos que o operário mais ágil não conseguia mais de 5\$, que se trabalhava das 6 horas da manhã às 5 horas da tarde e que o aluguel das casas era de 45\$ por mês” relatavam ao jornal A voz do trabalhador<sup>272</sup>. Já na fábrica Carioca, no mesmo ano, os diretores resolviam rebaixar o ordenado de “quase todos os operários, o que voltariam a repetir em 1913”<sup>273</sup>. Confrontando em 1914 o salário de um tecelão com seus gastos mensais, outro articulista concluía então que “o ordenado não dá absolutamente para as despesas” - sendo de cerca de 90\$, contra os 110\$ gastos a cada mês<sup>274</sup>. Mesmo vindas de lideranças libertárias interessadas em evidenciar as contradições entre a benemerência dos diretores dessa fábrica e a situação de seus operários, esses números evidenciavam as péssimas condições de sobrevivência desses trabalhadores - que, na cabeça de muitos dos diretores da Companhia, pareciam ter na recreação esportiva uma de suas grandes compensações.

Não parecia mero acaso, nesse sentido, que fosse uma constante nos estatutos dessas associações a proibição de que houvessem, “dentro do recinto social, discussões de assuntos políticos ou religiosos” - como aparecia em 1912 nos estatutos do Bangu<sup>275</sup>. No Carioca era definido no mesmo ano que não seriam permitidas no clube “reuniões para tratar-se de assuntos que não visem o interesse do mesmo” - na tentativa de evitar a possibilidade de que esses grêmios fossem usados como centros de discussão sindical<sup>276</sup>. Já os sócios do clube criado sobre a proteção dos Lanifícios Minerva definiam em 1921, no artigo 74 dos seus estatutos, que seria “vedado ao club envolver-se em manifestações e atos de caráter político” - reafirmando, no parágrafo seguinte, que “ficam portanto os sócios impedidos de tratarem de assuntos políticos na

<sup>271</sup> - “Nas fábricas de tecido”, A voz do trabalhador, 6 de dezembro de 1908.

<sup>272</sup> - “A escravidão em Bangu”, A voz do trabalhador, 15 de novembro de 1909.

<sup>273</sup> - “Pelos fábricas”, A voz do trabalhador, 13 de maio de 1909 e 15 de abril de 1913.

<sup>274</sup> - “Sindicato dos T. em fábricas de tecido”, A voz do trabalhador, 5 de agosto de 1914. Os dados sobre a fábrica colhidos por Eulália Lahmeyer Lobo para o período são, porém, discrepantes - aparecendo em 1914 um trabalhador com salário de 115\$680, contra outro com um de 47\$520 no ano seguinte. Cf. Eulália Lahmeyer Lobo, História do Rio de Janeiro, do capital comercial ao capital financeiro. Rio de Janeiro: IBMC, 1978, pg 666.

<sup>275</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F., p.489/Cx.5668.

<sup>276</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F., p.416/Cx.5553.

sede social”<sup>277</sup>. Por mais que a proibição de qualquer “manifestação de caráter político” fosse uma constante em grande parte dos clubes esportivos que pediam sua licença para a polícia<sup>278</sup>, o fato de que elas merecessem nos estatutos dos clubes operários um tratamento tão cuidadoso indicava uma preocupação toda especial com a questão - provavelmente relacionada aos compromissos assumidos pelas diretorias desses clubes com seus patrões. Pareciam querer, com isso, fazer deles um meio de desviar a atenção de seus empregados dos temas políticos para assuntos de menor relevância - na tentativa de evitar greves como as que nos primeiros anos do século juntaram algumas vezes os tecelões de fábricas como a Carioca em fortes movimentos reivindicatórios<sup>279</sup>.

Os grêmios esportivos apareciam assim, nesse raciocínio, como uma espécie de investimento feito pelos patrões. Sendo um incentivo à harmonia tanto entre os operários de uma fábrica quanto na relação desses com seus patrões, eles se prestavam a interpretações como a de um jornalista da Gazeta de Notícias que visitava o Bangu em 1907:

“Imagine-se, pois, o que é uma festa ali, onde se reúnem o inglês, o francês, o italiano e o brasileiro branco e de cor na mais ampla cordialidade, na mais encantadora harmonia, que não é perturbada pela distinção de posições sociais e de outros prejuízos abomináveis. Todos ali têm um fim, divertem-se, têm um dever, portarem-se bem; porque lá estão os seus diretores solícitos e prontos, dispensando a todos eles amabilidades, atenções e tanta coisa, tanta que até parecem seus companheiros (...) quando são seus dirigentes”<sup>280</sup>.

Criando laços e identidades entre trabalhadores e patrões, o esporte teria para muitos o poder de dissolver diferenças e contradições que os separavam, criando entre eles uma imagem fraterna e amigável<sup>281</sup>. Uma localidade como Bangu onde “os operários são tão unidos e pacatos que têm o seu club, o seu teatro, a sua banda de música, o seu campo de *foot-ball*” parecia imune aos distúrbios sociais que iam se verificando em várias outras localidades - fazendo com que em 1906 alguns jornalistas reclamassem

<sup>277</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F., II6 759.

<sup>278</sup> - Conferir os casos do Avenida F.C., em 1916, e do Leme Athletic Club em 1918. Arquivo nacional, S.P.D.F., II6 649.

<sup>279</sup> - Cf. Brazil operário, 2ª. quinzena de julho de 1903; “Greve dos operários tecelões - Fábrica de tecidos Carioca”, Correio da manhã, 24 de maio de 1906; e “Sindicato dos T. em fábricas de tecido”, A voz do trabalhador, 20 de julho de 1914.

<sup>280</sup> - “Gazeta dos sports”, Gazeta de Notícias, 12 de setembro de 1907.

<sup>281</sup> - Em seu estudo sobre o futebol francês, Alfred Wahl alude também ao interesse dos patrões locais em promover a harmonia através dos clubes esportivos, na criação de um sentimento de identificação



do ato repressor tomado pelo delegado local ao coibir as manifestações de seus empregados<sup>282</sup>.

Permitido somente nos horários em que não houvesse expediente, como mostrava o caso da Companhia América Fabril - que embora estimulasse os clubes esportivos de seus funcionários definia punições para aqueles que resolvessem “jogar bola” durante o expediente<sup>283</sup> - o futebol aparecia para os patrões como um bom meio de preparar o operário para a produção. Ocupando seu tempo ocioso, o jogo o faria aproveitar seu lazer com uma atividade que desenvolvesse seu físico e desviasse sua mente de outros tipos de preocupação<sup>284</sup>. Os clubes operários tornavam-se, nessa visão, motivo de orgulho para as empresas, figurando até mesmo nos álbuns preparados para divulgar a imagem da indústria nacional no exterior<sup>285</sup>. O patrocínio aos grêmios esportivos seria, para industriais como Nicolau Scarpa, de São Paulo, um dos meios de resolver “os complexos problemas da questão social”, solucionando de forma admirável “o conflito entre o capital e o trabalho que tanto vem preocupando a humanidade”<sup>286</sup>. Mais do que uma dádiva, o apoio a esses clubes aparecia para os diretores e donos das empresas que os financiavam como uma estratégia, na qual os motivos do apego dos operários ao futebol parecia não ter muita importância.

Alheios tanto às críticas militantes quanto às estratégias patronais, os trabalhadores cariocas continuavam porém a mostrar nos campos seu apego ao jogo. Propostas como a que apareceu em 1915 no Bangu de que só fossem cedidas bolas para os “ensaios de *foot-ball*” às quintas-feiras, sábados e domingos eram recusadas

---

entre todos que dinamizaria a produção e dissolveria os conflitos. Alfred Wahl, “Le footballeur français: de l’amateurisme au salariat (1890-1926)”, *Le mouvement social*, no. 135, abril-jun/ 1986.

<sup>282</sup> - “Bangu em estado de sitio”, *Gazeta de Notícias*, 24 de maio de 1906.

<sup>283</sup> - Cf. Elisabeth von der Weid e Ana Marta Rodrigues Bastos, *O fio da meada. Estratégia de uma indústria têxtil*, Rio de Janeiro: Fund. Casa de Rui Barbosa, 1986, pg 283.

<sup>284</sup> - O mesmo tipo de raciocínio era adotado no período por industriais paulistas como Jorge Street, que constrói em 1916 a Vila Operária Maria Zélia. Dando aos seus empregados opções de lazer como um campo de futebol e uma escola de música, afirmava ele estar criando para os operários “a possibilidade de não precisar sair do âmbito da pequena cidade” que construíra “nem para a mais elementar necessidade da vida. APUD Margareth Rago, op.cit., pg 178.

<sup>285</sup> - Cf. *Impressões do Brasil no século XX*, Londres: Lloyds Greater Britain Publishing, 1913, pg 392 e 396 - onde são citados, respectivamente, os clubes esportivos da Fábrica de Bangu e da Carioca. A prática de fazer dos clubes um meio de ostentar o nome da fábrica é analisada ainda por Waldenyr Caldas, “Aspectos sócio-políticos do futebol brasileiro”, *Revista USP*, op.cit., pp. 42-43; e Fátima Antunes, “O futebol nas fábricas”, *idem*, pg 106.

<sup>286</sup> - APUD Margareth Rago, op.cit., pg 181. Não era de se admirar, desse modo, que companhias como a América Fabril estimulasse freqüentemente os jogos entre os clubes operários, cedendo troféus e promovendo festas esportivas entre eles, como aquela que foi em 1919 assistida pelo próprio

por não poderem ficar seus sócios privados da prática do “chute em gol diário”<sup>287</sup>. Fosse nos campos ou nas gerais dos estádios onde se realizavam então os jogos de maior destaque da cidade, como as disputas interestaduais ou internacionais, os trabalhadores cariocas iam deixando bem marcada a devoção que dedicavam ao futebol, fazendo dele um importante elemento da sua experiência.

Longe de sujeitarem-se ao sentido atribuído ao futebol por seus patrões, no entanto, eles mostravam ver no jogo muito mais do que desejariam os industriais e comerciantes que na maior parte das vezes financiavam suas associações. A grande identificação entre o jogadores e a empresa se quebrava então frente a atitudes como aquela tomada em 1912 por Francisco Lobo: tendo comunicado à diretoria do Bangu não poder participar de suas partidas “por achar-se com o pé deslocado”, ele podia ser visto freqüentemente “batendo bola no campo de ensaios” do clube, deixando de representar sua empresa nas disputas oficiais para divertir-se livremente com o jogo. Sua atitude seria nos anos seguintes muitas vezes repetida por jogadores como Roldão Maia e Arcelino de Souza, que faltavam sem motivos alguns jogos em 1915, ou Osvaldo Silva, que depois de deixar de jogar uma partida oficial “alegando moléstia” foi visto jogando animadamente no campo do clube com outros sócios<sup>288</sup>. Tal situação levou a diretoria do Bangu a determinar em 1920 que os jogadores escolhidos para formar o time principal do clube não poderiam, “sob hipótese alguma, ensaiar no campo menor após o *training* das quintas-feiras”, proibindo ainda no ano seguinte que esses participassem dos torneios internos de futebol realizados no clube<sup>289</sup>.

Atentos para o processo que os fazia representar no campo o nome da Companhia Progresso Industrial, os operários de Bangu chegam mesmo a exigir garantias para o caso de se machucarem nas disputas, ficando impedidos de prestar serviços à fábrica - como fez em 1912 Arlindo Barbosa, que apresentou à diretoria

---

Coelho Netto. Cf. “Um grande festival no campo do Andaraí A. C.”, O Imparcial, 12 de junho de 1919.

<sup>287</sup> - No ano seguinte o mesmo clube recusava a oferta de outro grêmio para alugar seu campo, por se achar esse “constantemente ocupado” pelos jogos entre seus próprios membros. “Ata da sessão de 11 de março de 1915” e “Ata da sessão de 20 de abril de 1916”, Livros de atas do Bangu A. C., 21.01.1915-7.09.1917, fl. 07 e 50.

<sup>288</sup> - “Ata da sessão de 13 de outubro de 1912”, Livros de atas do Bangu A. C., 28.02.1909-12.01.1915, fl. 53; “Ata da sessão de 22 de julho de 1915” e “Ata da sessão de 30 de setembro de 1915”, Livros de atas do Bangu A. C., 21.01.1915-7.09.1917, fls. 17 e 27<sup>A</sup>; e “Ata da sessão de 11 de outubro de 1921”, Livros de atas do Bangu A. C., 13.12.1919-15.12.1921, pag. 392.

<sup>289</sup> - “Ata da sessão de 12 de fevereiro de 1920” e “Ata da sessão de 4 de agosto de 1921”, Livros de atas do Bangu A. C., 13.12.1919-15.12.1921, pags. 176 e 373.

uma proposta para que fossem “indenizados todos os prejuízos que o jogo do *foot-ball* pode acarretar num choque violento e que o impossibilite de freqüentar ou antes, comparecer ao trabalho”. Aceitando sua exigência, os diretores do Bangu, com o auxílio financeiro da companhia, transformavam então em regra geral a concessão dos mesmos benefícios aos seus jogadores<sup>290</sup>. Sem fazer da identificação com a fábrica o motivo de seu apego ao esporte, esses operários continuavam a jogar assiduamente no clube por ela financiado, mostrando uma relação autônoma com o futebol.

O fato de que não se vissem como simples representantes da fábrica não impedia, porém, que tivessem nos seus clubes um importante fator de identidade. Formados em suas fábricas ou locais de trabalho, essas associações assumiam para os trabalhadores cariocas a feição de uma importante instância de construção de solidariedade. Identificando-se como sócios, empregados de um mesmo local formavam laços que os ajudavam a solidificar ainda mais as experiências compartilhadas em sua vida cotidiana. Não era mero acaso que, nas mais diferentes atividades, o critério de associação por ofício fosse ao longo da década de 10 se fazendo cada vez mais presente. A formação em 1913 de um time entre os funcionários dos telégrafos para enfrentar os empregados dos correios, assim como a organização no campo das Oficinas F. de Mello de um “*scratch* dos empalhadores” para enfrentar dois anos depois o selecionado dos marceneiros, apareciam assim como os primeiros passos de um processo que, nos anos seguintes, resultariam na fundação de clubes com um perfil claramente definido<sup>291</sup>. Tratavam-se de associações como o Civil Sport Club, que tinha em 1919 seus sócios “pertencendo todos à Guarda Civil”, ou do Municipal F.C., de Paquetá, composto em 1921 basicamente por empregados municipais da localidade<sup>292</sup>. Trabalhando cada um deles “pelo levantamento da classe” da qual faziam parte, como notava o articulista da revista *Sport Ilustrado*<sup>293</sup>, os sócios desses novos grêmios iam fazendo do futebol um meio de criar redes de solidariedade mais claras entre os companheiros de ofício.

<sup>290</sup> - “Ata da sessão de 6 de março de 1912”, *Livros de atas do Bangu A. C.*, 28.02.1909-12.01.1915.

<sup>291</sup> - “Foot-ball”, *O Imparcial*, 24 de outubro de 1913 e 10 de outubro de 1915.

<sup>292</sup> - *Arquivo nacional*, S.P.D.F., IJ6 694 e 758. A formação de clubes entre os funcionários das diversas repartições públicas tornava-se tão intensa que alguns articulistas chegam a propor a formação de uma Liga federa de foot-ball e a realização de um campeonato entre eles. Cf. “Foot-ball”, *O Imparcial*, 8 de outubro de 1919; e “Várias”, *Sport Ilustrado*, 21 de agosto de 1920.

<sup>293</sup> - “Associação dos empregados municipais”, *Sport Ilustrado*, 25 de dezembro de 1920.

A formação dessa identidade de ofício explicava assim a relação que muitos cariocas passavam a ter com seus times. Embora soubessem se diferenciar da postura desejada por seus patrões, não assumindo o papel de legítimos representantes da empresa, os jogadores desses grêmios operários formavam com seus pares uma afinidade que ficava muitas vezes claramente definida. Mesmo quando trocavam de time, levados pelas possibilidades de ascensão social propiciadas pelo futebol, essa identificação com seus companheiros de seu clube de origem parecia não apagar-se. Era o que mostrava em 1919 o caso de Lamartine: mesmo sendo então um jogador do prestigiado América, da Liga Metropolitana, ele se recusava a jogar uma das partidas desse, preferindo juntar-se aos seus companheiros do Central - formado pelos funcionários da Estrada de Ferro Central do Brasil - para enfrentar naquele dia os operários do Mavilles<sup>294</sup>. De tão freqüente, esse tipo de procedimento chegava a fazer os diretores do Mackenzie tirarem, no mesmo ano, o jogador José da Silva da disputa de um jogo contra o Esperança, de Bangú. Sendo ainda morador do bairro e mantendo um “franco convívio” com os sócios do clube adversário, ele assumira segundo esses um “formal compromisso” com seus antigos companheiros “de não tomar parte na prova contra aquele club”, sendo por isso excluído do time naquela partida<sup>295</sup>. Casos como esses mostravam que o futebol, longe de servir como elemento de aproximação entre patrões e funcionários, servia como um fator de identificação entre os trabalhadores de cada área, construindo entre eles uma solidariedade que mostrava então resultados visíveis.

Eram os momentos de embate, porém, que trariam à tona essa identidade em toda sua força. Identificando-se como companheiros, os membros desses clubes operários mostravam, através do forte antagonismo que demonstravam em relação aos adversários, a força dos laços que os ligavam. Em 23 de novembro de 1919, durante uma partida do Andaraí - formado pelos operários da fábrica de mesmo nome - contra o Villa Isabel, no campo desse situado no Jardim Zoológico, ocorreu um incidente tão pequeno quanto revelador. Um tranco dado por um jogador do time da casa em um dos membros da equipe visitante foi retribuído com um soco, dando início a uma briga que logo se espalhou por todo o campo. A torcida do Andaraí, já descontente com a

<sup>294</sup> - Cf. “O América F.C. vai punir o keeper Mamartine (sic)?”, Gazeta suburbana, 28 de junho de 1919.

<sup>295</sup> - “A exclusão do player José da Silva do S.C. Mackenzie”, O Imparcial, 11 de dezembro de 1919.

atuação do árbitro, resolveu invadir o gramado, dando início a um conflito generalizado. Depois de muitas pauladas, tiros e agressões, a polícia pedia reforços e conseguia dar cabo aos conflitos, terminando a confusão com a prisão de alguns dos envolvidos - levados para a delegacia do 16º. distrito, onde prestaram depoimentos que levariam ao indiciamento de Jobel Braga, jogador do time local, e Hilário Martins, sócio do clube visitante<sup>296</sup>.

Episódios como esse eram corriqueiros nos campos cariocas, mas a forma pela qual ele se desenvolve nesse caso parece bastante significativa. Mesmo sendo comum a formação de rivalidades e antagonismos diversos entre os clubes menores, o fato de que uma agressão a um dos jogadores despertasse tanto ardor por parte dos sócios do Andaraí, levando-os a invadir o campo e agredir os adversários na defesa de seu companheiro, indicava a existência de um sentimento de união entre eles muito diferente daquele presente em outros clubes. Já no ano anterior, em uma partida do mesmo clube, essa união resultara em agressões à torcida adversária e ao juiz, que teve sua cabeça atingida por uma paulada dada por um dos sócios do Andaraí<sup>297</sup>. Brigas como aquelas patrocinadas em 1919 pelos sócios do Andaraí, atribuídos pelo juiz da partida ao “fanatismo cego de certos indivíduos” - que chegaram a cercar sua casa, vizinha ao campo do clube para o qual torciam, ameaçando sua esposa antes de sua chegada<sup>298</sup> - mostravam a força dos sólidos laços de solidariedade existentes entre seus sócios e torcedores. Afirmando sua própria singularidade frente a seus “outros”, explicitavam uma ligação que fazia deles companheiros de uma mesma jornada, que tornava a agressão a um deles em uma afronta a todos.

Sem compartilhar dessa identificação profunda entre os sócios dos clubes operários, torcedores de outros times e jornalistas não se cansavam de condenar suas atitudes. Cenas como estas seriam para eles simples mostras de selvageria e atraso de

<sup>296</sup> - Arquivo nacional, “Juízo da 5ª. pretoria criminal do Distrito Federal - Jobel Braga e Hilário Martins (réus)”, 1920, no. 70.3638.

<sup>297</sup> - “O foot-ball ontem, no Andaraí, acabou em páo”, Correio da Manhã, 7 de outubro de 1918. Em outros centros operários como o Mavilles, formado pelos trabalhadores da fábrica de mesmo nome, em São Cristóvão, esse tipo de sentimento resultava também na ocorrência dos mais variados conflitos - que tinham igualmente na defesa de sua bandeira e na solidariedade entre seus sócios seu combustível essencial. Era o caso, por exemplo, da tentativa de agressão por parte de alguns sócios desse conta a torcida adversária em um jogo de seu time contra o Modesto F.C., ou das agressões dos torcedores locais ao juiz e aos visitantes nos jogos contra o Confiança e o Engenho de Dentro. Cf. “Notas policiais”, O Imparcial, 10 de fevereiro de 1919; e Gazeta Suburbana, 5 de julho de 1919 e 26 de julho de 1919.

<sup>298</sup> - “Ainda o match Villa X Andaraí”, O Imparcial, 26 de novembro de 1919.

homens que, “não esquecendo os feitos antepassados dos Guaïamus e Nagoas, procuram agora na época da civilização fazer triunfar esses reprováveis gestos” - em uma alusão às maltas de capoeiras que infestavam a cidade em fins do século XIX<sup>299</sup>. Aparecendo para eles como “uma espécie de purgatório” onde os clubes aspirantes ao campeonato pagariam seus pecados, clubes como o Bangu, o Mavilles, o Carioca e o próprio Andaraí eram então estigmatizados pela radicalidade da ligação entre seus sócios<sup>300</sup>. Formando aos olhos da crônica esportiva um “indisciplinado e agressivo batalhão”<sup>301</sup>, a torcida desses grêmios aparecia como um perigo, que gerava o medo e a desconfiança dos círculos de *sportmen*. A cada jogo nessas localidades a própria polícia se apressava em reforçar o patrulhamento no local, na tentativa de conter os ânimos dos torcedores desses clubes<sup>302</sup>. A liga metropolitana, por sua vez, mandava ofício a grêmios como o Bangu pedindo-lhe que tentasse “evitar, à entrada e à saída, o contato dos jogadores com a assistência”, na tentativa de proteger os visitantes da propagada fúria da torcida local<sup>303</sup>. Por mais que os torcedores desses clubes operários pudessem reclamar nos jornais contra as “acusações injustas” que atingiam “um povo laborioso e sobretudo honesto como é o de Bangu”, eles eram vistos então como os suspeitos principais de quaisquer desordens que viessem a acontecer em seus jogos.

Parecia explicável dessa forma que após os conflitos de 1919 entre o Andaraí e o Vila Isabel o único envolvido a ser preso fosse Hilário Martins, sócio do clube operário - embora ao longo da investigação Jobel Braga, jogador do Vila Isabel, fosse também indiciado. Detido ao término da confusão por ordem do 2º Tenente do Exército Edgar Ferreira do Amaral, que orientou os policiais presentes a levá-lo à presença do delegado, ele aparecia desde o início da investigação como o principal responsável pela briga. Depoimentos prestados na justiça pelo próprio Edgard Amaral e por Aventino Brandão, um empregado do comércio que assistira a toda a confusão, defendiam ter sido Hilário o primeiro a invadir o campo, armado com uma bengala

<sup>299</sup> - “Foot-ball”, *Gazeta Suburbana*, 26 de julho de 1919. Sobre a presença dos capoeiras na cidade, ver Carlos Eugênio Libano Soares, op.cit. .

<sup>300</sup> - “O que seriam os clubs se não fossem sportivos”, *O Imparcial*, 26 de fevereiro de 1916.

<sup>301</sup> - “Foot-ball”, *Gazeta suburbana*, 5 de julho de 1919.

<sup>302</sup> - É o que acontece, por exemplo, em 1920: recebendo no dia 16 de abril do delegado do 10º distrito um pedido para que fossem apresentados durante o jogo do Bangu com o América um reforço de 10 praças de infantaria da brigada policial, o chefe de polícia Geminiano da Fonseca manda no dia seguinte para o Coronel da Brigada Policial a ordem de que o pedido fosse prontamente atendido - mostrando a importância que dava ao assunto. Cf. *Arquivo nacional*, S.P.D.F., IJ6 727 e 728.

<sup>303</sup> - “Ata da sessão de 5 de maio de 1921”, *Livro de atas do Bangu A.C.*, 13.12.1919-15.12.1921, pg. 341.

com ao qual agredira Jobel. Tentando simplesmente “apartar os três que brigavam” em campo, esse teria sido assim para a segunda das testemunhas uma vítima inocente das pauladas desferidas por Hilário, que teria invadido o campo com a única intenção de patrocinar a agressão. Edgard Ferreira chegou a explicar a atitude do acusado pelo fato de que, como partidário do Andaraí, ele saberia que “uma invasão do campo de jogo determina a anulação da partida”, na qual seu time vinha sendo derrotado<sup>304</sup> - fazendo qualquer coisa, por mais anti-esportiva que fosse, para livrá-lo dessa situação. Jogando com a freqüente suspeição lançada sobre os torcedores dos grêmios operários, as duas testemunhas tentavam então fazer de Hilário o culpado único pela confusão, atribuindo aos seus instintos violentos e à sua paixão cega pelo clube o início dos conflitos.

O depoimento seguinte, dado por um operário de vinte anos chamado Plácido Moreira, mostraria porém uma versão muito diferente para o ocorrido. Contestado pelo defensor de Jobel, que acusava o depoente “amigo íntimo e companheiro de muitos anos do réu Hilário”, o testemunho era assegurado pelo juiz por ter Plácido explicado em juízo que seria “sócio do Andaraí”, mas não “íntimo do réu Hilário”. Morando ambos na rua Serzedelo Corrêa, próximo ao clube, limitavam-se até então, segundo a testemunha, a manter “boas relações, fato esse que não o impede de dizer a verdade”. Sua história mostrava-se no entanto radicalmente oposta àquela apresentada pelas testemunhas anteriores. Embora reconhecesse ter sido Hilário um dos primeiros a invadir o campo após o início da briga - “não sabendo o depoente dizer se para apartá-los ou não” - afirmava não ter ele nenhuma bengala na mão no momento da invasão, negando a versão da agressão. Tendo visto este atracado com Jobel, afirmava ter a briga entre eles já terminado quando esse, “munido de um pau”, voltava do vestiário e ia ao encontro do primeiro junto com outros de seus companheiros, agredindo-o “pelas costas”. Mais do que tirar de seu companheiro de clube a culpa do ocorrido, Plácido afirmava ainda ter visto entre aqueles que perseguiam Hilário o próprio Tenente Edgard Ferreira Amaral. Afirmando ser este sócio do Vila Isabel, confirma tê-lo visto dando ordens para que os policiais presentes o prendessem, embora ele fosse para Plácido a vítima das agressões. Expressando a afinidade que o ligava então a seu companheiro de clube, com o qual afirmava não ter maiores relações pessoais, Plácido

<sup>304</sup> - Arquivo nacional, “Juízo da 5ª. pretoria criminal do Distrito Federal - Jobel Braga e Hilário Martins (réus)”, 1920, no. 70.3638.

mostrava então a força da solidariedade construída entre os sócios desses centros esportivos operários, fazendo de seu depoimento a maior peça de defesa de Hilário.

Uma última testemunha reafirmaria, ainda, uma versão semelhante àquela dada por Plácido. Tratava-se de José Florentino da Costa, um cozinheiro de quarenta anos que assistira toda a confusão no campo do Vila Isabel. Defendendo ter sido a invasão de campo iniciada pelo fato “de não estar o juiz respectivo procedendo bem”, irritando os torcedores do Andaraí que “estavam sendo prejudicados” por ele, afirmava não ter invadido o campo com os demais torcedores - construindo portanto para si uma aura de imparcialidade. Das gerais, dizia ter visto Jobel entrar nos vestiários “e daí sair com um pau” com o qual corre na direção em que estava Hilário, reafirmando ser esse a vítima da agressão covarde do jogador do time da casa. Perguntado pelo defensor de Jobel, no entanto, ele reconhecia ter sido também sócio do Andaraí, embora já estivesse então desligado do clube. Mais do que uma simples afinidade entre companheiros de trabalho ou vizinhos, como poderia ser o caso de Plácido, sua atitude mostrava a identificação que era então construída de uma maneira mais ampla pelos sócios do Andaraí - que, embora fosse formado majoritariamente por empregados da fábrica local, englobava ainda trabalhadores que já não faziam mais parte de seus quadros ou mudaram de profissão, como José Florentino. Construindo entre os trabalhadores de diversos setores a ele associados uma ligação forte e sólida, clubes operários como o Andaraí apareciam para seus sócios como espaço de criação de uma intensa identidade. Sobrepondo-se às suas diferenças, esse sentimento era capaz até mesmo de suplantar os antagonismos nacionais que separavam então o operariado carioca - fazendo com que entre os fundadores de clubes como o Carioca aparecessem espanhóis, austríacos e brasileiros, enquanto em 1918 a diretoria do Mavilles juntava trabalhadores nascidos no Brasil, na Espanha e em Portugal<sup>305</sup>. Garantido pelo testemunho de seus companheiros de clube, Hilário consegue então livrar-se das acusações.

<sup>305</sup> -Cf. Arquivo nacional, S.P.D.F., II6 648. Sobre o Carioca, conferir os arquivos do próprio clube, que guarda ainda hoje as fichas de muitos de seus fundadores. O processo de identificação dos trabalhadores de diferentes procedências nos clubes esportivos das grandes metrópoles é discutido ainda por Nicolau Sevcenko (“Futebol, metrópoles e desatinos”, Revista USP, no. 22, op.cit., pg 35): “Na sua busca de novos traços de identidade e de solidariedade coletiva, de novas bases emocionais de coesão que substituíssem as comunidades e os laços de parentesco que cada um deixou ao emigrar, essas pessoas se vêem atraídas, dragadas para a paixão futebolística que irmana estranhos, os faz conjugarem ideais, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores”.



É bem verdade que as identidades construídas nesses centros esportivos operários não englobavam, muitas vezes, todos os trabalhadores de um mesmo estabelecimento, podendo mesmo gerar rivalidades entre eles. Era o caso, entre outros, da própria fábrica de tecidos de Bangu. Além do clube que adotava o nome do bairro, os seus empregados formavam ainda, em 1906, outro grêmio esportivo chamado Esperança F.C.<sup>306</sup>. Inicialmente sem forças para competir com seu rival, seu fortalecimento parece ter se dado por divergências internas entre alguns dos membros do primeiro clube esportivo do bairro. Tendo como presidente em 1913 o mesmo Andrew Procter que fôra um dos seus fundadores, e que dirigia até o ano anterior os seus destinos<sup>307</sup>, o novo clube desenvolvia-se então no começo da década de 10 com o ingresso de antigos sócios do Bangu, disputando as preferências dos trabalhadores da fábrica. Definindo nos estatutos aprovados em 1917 que o título de presidente honorário seria sempre atribuído ao diretor-gerente da Companhia, os sócios do Esperança mostravam em relação aos diretores da Companhia o mesmo vínculo presente no Bangu<sup>308</sup>. Apoiando igualmente a ambos e promovendo torneios entre eles nos quais só poderiam participar os jogadores dos dois clubes que fossem seus empregados<sup>309</sup>, a direção da Companhia parecia querer fazer deles braços de um mesmo corpo, que tinha na fábrica local a sua ligação principal. As disputas entre partidários dos dois clubes estavam porém muito distantes desta aparente harmonia. Provocando brigas e incidentes diversos, os jogos entre eles eram capazes de despertar entre seus associados as mais vivas paixões. Reconhecidos pelos próprios diretores da Companhia - que após “um incidente ocorrido entre alguns jogadores do Bangu e do Esperança” em uma partida realizada em 1912 resolvem proibir “os jogos entre os clubs da localidade nos terrenos da fábrica”<sup>310</sup> - esses conflitos mostravam a rivalidade formada entre partidários de cada um dos grêmios, cujos desdobramentos obrigaram o Bangu a censurar e mesmo eliminar de seus quadros em 1914 alguns sócios que se excederam nas agressões ao rival<sup>311</sup>.

<sup>306</sup> - Cf. Arquivo nacional, S.P.D.F., p.418/Cx.5556.

<sup>307</sup> - Cf. “Foot-ball”, O Imparcial, 30 de abril de 1913.

<sup>308</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F., IJ6 692.

<sup>309</sup> - Cf. “Ata da sessão de 4 de abril de 1911”, Livro de atas do Bangu A.C., 28.02.1909-12.01.1915, fl.13.

<sup>310</sup> - “Foot-ball”, Auto-sport, 16 de dezembro de 1912.

<sup>311</sup> - “Ata da sessão de 9 de julho de 1914”, Livro de atas do Bangu A.C., 28.02.1909-12.01.1915, fl. 67. Mesmo entre seus diretores, porém, a existência dessas tensões se expressaria de forma clara, como mostrariam os acontecimentos de 1919: promovendo em seu campo um jogo do seu time contra

Sem ser um caso isolado, a existência de rivalidades esportivas como as que separavam os trabalhadores da fábrica de Bangu em associações opostas se repetiam em várias outras indústrias e estabelecimentos comerciais do Rio de Janeiro. Na fábrica de tecidos Carioca surgia em 1912 o Germania F.C., que passaria a disputar com clube que adotava seu nome a preferência dos trabalhadores do local<sup>312</sup>. Embora ambos cobrassem a mesma mensalidade de 2\$000, o próprio nome da nova associação, lembrando a possível origem de muitos dos trabalhadores da fábrica, parecia indicar alguns dos motivos que levavam à formação do novo clube. Muitos outros fatores, porém, podiam ainda explicar as dissensões entre o operariado de um mesmo local - sendo difícil definir claramente as motivações que levavam a essas separações. Fosse por questões étnicas, religiosas, políticas ou pessoais, o fato é que, segundo o relato dado em 1913 por um militante anarquista, “os operários das fábricas olham-se com desconfiança”<sup>313</sup>. A organização de múltiplos clubes esportivos no local de trabalho aparecia dessa maneira, como acontecia entre os clubes de cada bairro, como uma forma de organizar essas tensões. Ajudando a organizar e expressar os desacordos conjunturais entre eles, o futebol ia separando dentro de um código compartilhado trabalhadores ligados a grupos distintos, dando-lhes uma base comum sobre a qual construíam suas diferenciações.

Para além do antagonismo que separava as associações formadas em um mesmo local, seus sócios podiam assim muitas vezes circular entre eles, aproximando-se de um ou de outro de acordo com a ocasião. É o que mostra Tomaz Franco, enviando em 1916 ao Bangu um ofício no qual afirmava só poder tomar parte no seu time depois que terminassem os jogos do campeonato que disputava pelo Esperança<sup>314</sup>. Mesmo em momentos de ruptura, como o rompimento de relações entre os dois clubes

---

o selecionado argentino que visitava a localidade, o Bangu estava proibido pela Liga de cobrar entradas. Tentando burlar a proibição, sua diretoria consentiu que um “comitê pró arquibancada do Bangu” vendesse os ingressos, sendo por isso denunciado junto à Liga pelo presidente do Esperança. Vendo no ato do diretor do clube oponente “a obra de injustificável despeito”, os diretores do Bangu decidem então impedir que seus rivais continuassem, como faziam até então, a promover jogos em seu campo<sup>311</sup>. Concretizando na esfera oficial uma animosidade que era há anos alimentada por seus sócios, o ato era reforçado meses depois por insistência dos seus associados - que reclamam quando a diretoria volta a tentar alugar o campo para o rival, obrigando esta a retroceder da decisão. Cf. “Ata da sessão de 29 de novembro de 1919”, *Livro de atas do Bangu A.C.*, 13.02.1919-15.12.1919; e “Football”, *O Imparcial*, 1 de dezembro de 1919.

<sup>312</sup> - Cf. *Arquivo nacional*, S.P.D.F., p.416/Cx. 5553.

<sup>313</sup> - Albino Moreira, “Pelas fábricas - Na Carioca”, *A voz do trabalhador*, 1 de maio de 1913.

<sup>314</sup> - “Ata da sessão de 14 de setembro de 1916”, *Livro de atas do Bangu A.C.*, 21.01.1915-7.09.1917, fl.67.

em 1919, essa ligação entre seus membros ficaria clara, levando ao pedido de desligamento do Bangu de muitos dos que discordavam da atitude tomada pela sua diretoria - sendo o próprio presidente do Esperança no momento do desacordo um antigo sócio do clube<sup>315</sup>. Transitando entre as duas associações, os trabalhadores da fábrica local mostravam que, para além das muitas divergências ocasionais que expressavam em seus respectivos clubes, tinham no futebol um meio de articular diferentes redes de solidariedade, tecidas de acordo com a ocasião. Compartilhando experiências comuns, os partidários dos dois clubes eram obrigados a se unir na defesa do direito à participação de times operários nos campeonatos da Liga - como aconteceu em 1916, quando ambos se juntam na reivindicação de que fossem dispensados de fazer seus jogos em dias feriados, o que era proibido pela direção da fábrica<sup>316</sup>. Em momentos de forte simbologia política como os festejos do primeiro de maio, eles pareciam também unir-se por vontade própria na confraternização entre os trabalhadores, disputando entre si jogos e torneios diversos<sup>317</sup>. Superando suas desavenças, os adeptos do jogo dentro da fábrica expressavam, para além de suas diferenças, uma identidade que tinha no futebol um meio eficaz de efetivação.

Parecia explicável, desse modo, que mesmo os clubes de origem fabril passassem com o tempo a aceitar em seus quadros trabalhadores de diferentes atividades, deixando de ser simples grêmios de fábrica para tornarem-se espaços de reunião de operários diversos - como aconteceu com o próprio Bangu<sup>318</sup>. Por outro lado surgiam grêmios que, mesmo tendo claramente marcada uma composição proletária, alcançavam limites muito mais amplos do que aqueles de uma fábrica ou Companhia. Associações como o Sport Club Gutenberg, embora surgida em 1916 por incitativa de um grupo de gráficos do Jornal do Comércio, abriam-se para a participação de toda a classe de uma maneira geral, constituindo-se como o espaço de

<sup>315</sup> - Cf. "Ata da sessão de 9 de agosto de 1919", Livro de atas do Bangu A.C., 13.02.1919-15.12.1919, pg. 110 ; e "A liga não reconhece o presidente do Esperança F.C.", O Imparcial, 14 de fevereiro de 1919.

<sup>316</sup> - Cf. "Liga metropolitana de sports atléticos", O Imparcial, 13 de abril de 1916. Aparentemente os operários da fábrica eram obrigados a trabalhar nesses feriados - como atestava ofício da diretoria do Esperança ao Bangu aceitando um jogo para o dia sete de setembro "caso a fábrica não trabalhe". "Ata da sessão de 8 de setembro de 1916", Livro de atas do Bangu A.C., 21.01.1915-7.09.1917, fl.66.

<sup>317</sup> - Conferir, por exemplo, o jogo programado em 1913 pelo presidente do Esperança, que anuncia para o dia primeiro uma partida contra o Bangu. "Foot-ball", O Imparcial, 30 de abril de 1913.

<sup>318</sup> - O clube tinha em seus quadros em 1920, por exemplo, um grupo de funcionários da Companhia Anglo Sul-americana. "Ata da sessão de 29 de abril de 1920", Livro de atas do Bangu A.C., 13.12.1919-15.12.1921, pg.216.

consolidação de uma clara identidade entre os trabalhadores do ramo - que faz com que o sua fundação seja noticiada até mesmo no jornal da categoria, para o qual seus sócios tiveram o cuidado de enviar os estatutos<sup>319</sup>. Muitas vezes, porém, esses centros esportivos ultrapassavam em muito os limites de ramos de atividade específicos, constituindo-se mesmo como centros de encontro de trabalhadores de diferentes áreas. Surgiam assim associações como o Operários F.C., que ganha as páginas do jornal O Paiz em 1916, e o Primeiro de Maio F.C., que envia três anos depois seus estatutos ao chefe de polícia<sup>320</sup>. Mais claro ainda era o caso do União Botafogo F.C., que pediu em 1921 sua licença de funcionamento. Reunindo, como afirmava em seu próprio nome, trabalhadores ligados a diferentes atividades, o clube dava margem à formação de uma marcante identidade entre os operários do bairro<sup>321</sup>. Articulando de maneira mais geral sujeitos ligados a diferentes atividades braçais, o surgimento de clubes esportivos proletários fazia parte assim de um processo mais geral de formação de uma ampla identidade entre o operariado carioca - alimentando-a ao mesmo tempo em que era por ela alimentado.

Mesmo sem organizar-se segundo os padrões associativos e objetivos políticos desejados por militantes de diferentes tendências, os clubes formados por esses trabalhadores assumiam portanto o papel de autênticas associações operárias. Disputando festivais conjuntos e auxiliando-se mutuamente<sup>322</sup>, construíam entre si uma ampla rede de solidariedade, que as fazia se reconhecerem como iguais. Grêmios proletários de outros estados como o Yale Athletic Club, de Belo Horizonte, chegavam a buscar nos sócios de clubes como o Bangu um apoio que tinha no perfil de seus associados sua maior justificativa. “Formado de operários”, ele pedia “auxílio para a construção de um pavilhão em seu *ground*”, contando com uma ajuda que tinha na

<sup>319</sup> - “Sport Club Gutenberg”, O graphico, 1 de fevereiro de 1916. O mesmo processo de formação de amplas redes de solidariedade entre os trabalhadores de um mesmo ofício tornava-se claro ainda em grêmios como o União Maritima F.C., que em 1921 juntava em Paquetá os envolvidos em atividades ligadas à pesca. Arquivo nacional, S.P.D.F., IJ6 758.

<sup>320</sup> - Cf. “Foot-ball”, O Paiz, 10 de dezembro de 1916; e Arquivo nacional, S.P.D.F., IJ6 691.

<sup>321</sup> - Da lista de sócios do clube constam operários, funcionários públicos, caixeiros, motoristas e estivadores do bairro. Arquivo nacional, S.P.D.F., IJ6 759.

<sup>322</sup> - É o que mostra, em 1921, a atitude dos diretores do Bangu - que aceitam comprar cinco convites para uma festa realizada por um novo clube operário fundado no bairro como forma de auxiliá-lo. “Ata da sessão de 25 de agosto de 1921”, Livro de atas do Bangu A.C., 13.12.1919-15.12.1921, pg. 378.

identificação entre os sócios dos dois clubes sua única base<sup>323</sup>. Associações proletárias que não tinham nada de esportivas, como a União Operária de Paracambi e a União dos Empregados do Comércio, passavam assim a reconhecer em clubes como o Bangu um interlocutor legítimo, trocando com esse ofícios diversos<sup>324</sup>. Vendo nos clubes operários representantes legítimos dos trabalhadores cariocas, mesmo os grandes jornais faziam de suas conquistas uma vitória de toda a classe: comentando em 1919 a vitória do Carioca no Torneio Início daquele ano, um cronista afirmava sem meias palavras ser essa uma mostra de que o “maximalismo” estaria triunfando em terras cariocas - ligando metaforicamente a vitória deste nas disputas esportivas ao movimento de inspiração bolchevique que empolgava operários de países diversos<sup>325</sup>.

Servindo como elemento aglutinador para os trabalhadores, o futebol lhes aparecia como a chance de efetivação de uma identidade que, por mais que tivesse um claro recorte operário, escapava ao rígido controle exercido pelas companhias nas quais trabalhavam - onde a frequência às associações de classe e sindicatos era punida com rigor<sup>326</sup>. Sendo apoiados pelos próprios patrões, os clubes esportivos possibilitavam que, fora do ambiente de trabalho, se formassem laços de companheirismo expressos em muitas pequenas histórias cotidianas semelhantes a do operário Deodato de Moraes, que morreu em 1918 na cidade de São Paulo: sendo “filiado em diversos *clubs de foot-ball*”, seu velório foi acompanhado por “operários de diversas fábricas”, em uma solidariedade que era explicada pelo próprio jornal que noticiava sua morte como fruto da rede de relações e das articulações de classe que o jogo lhe proporcionou<sup>327</sup>. Formando um repertório comum entre os trabalhadores

<sup>323</sup> - Cf. “Ata da sessão de 9 de novembro de 1916”, Livro de atas do Bangu A.C., 21.01.1915-7.09.1917, fl. 71. Anos depois o Bangu receberia ainda ofícios de clubes operários como o Industrial-mineiro F.C., que pedia em 1921 a remessa de seu regimento e de seus estatutos. “Ata da sessão de 25 de março de 1920”, Livro de atas do Bangu A.C., 13.12.1919-15.12.1921, pg. 196.

<sup>324</sup> - Cf. “Ata da sessão de 18 de fevereiro de 1915” e “Ata da sessão de 18 de maio de 1917”, Livro de atas do Bangu A.C., 21.01.1915-7.09.1917, fls. 4<sup>a</sup> e 85; “Ata da sessão de 29 de abril de 1920” e “Ata da sessão de 10 de março de 1921”, Livro de atas do Bangu A.C., 13.12.1919-15.12.1921, pgs. 217 e 318.

<sup>325</sup> - Serio-Creta, “Shootando”, O Imparcial, 1 de abril de 1919. O mesmo jornal noticiava as grandes agitações maximalistas entre os trabalhadores europeus, que começavam a chegar no Brasil - como mostrava a notícia “Ensaio maximalistas pelos estados”. Ver ainda Denílson Botelho, op.cit. .

<sup>326</sup> - Basta conferir, como exemplo, o caso da Companhia América Fabril - que definia em seus códigos de comportamento rígidas punições para aqueles que frequentassem as reuniões de sociedades de resistência não controladas pela empresa, na tentativa de impedir “que seus empregados se filiassem a sindicatos ou a associações de classe”. Cf. Elisabeth von der Weid e Ana Marta Rodrigues Bastos, op.cit., , pg 236.

<sup>327</sup> - O Alfinete, 22 de setembro de 1918. Agradeço a Antonio Liberac Pires a indicação da referência.

cariocas, o futebol contribuía então para o processo de identificação entre eles, criando afinidades que ajudavam a consolidar sua identidade.

Tornando-se mais clara com os anos, a força do futebol como elemento aglutinador da classe operária faria com que grande parte dos militantes que o criticavam passassem a ter com o jogo uma relação muito diferente. Com seus times e clubes, os trabalhadores davam forma a um tipo de associação de classe que, muito mais do que os sindicatos, conseguia reuni-los e empolgá-los - o que levava as próprias organizações sindicais a fazer do jogo uma presença constante em suas atividades, como forma de atrair público. Promovendo em 1919 um festival na Quinta da Boa Vista “em favor da formação de um jornal operário cotidiano”, diversas associações operárias da cidade definiam como uma das atrações principais do evento diversos jogos de futebol, nos quais tomaram parte times como o Confiança, o Cascadura o Boavista e o Navarro <sup>328</sup>. Uma foto tirada na ocasião revelava, de forma precisa, o sentido desses eventos: (Fig.41) A imagem produzida pelo fotógrafo da revista O Malho era muito diferente das fotografias habitualmente tiradas antes das partidas de futebol realizadas em outros contextos. Embora fosse costume nessas separar os times em disputa em poses isoladas, representando a força de cada equipe, no festival operário eles misturavam-se não só entre si, mas também com parte do público presente ao evento – na reafirmação de uma unidade que, naquele momento, parecia sobrepor-se às diferenças de seus uniformes.

Não aprecia contraditório, por isso, que o jogo fosse tornando-se uma presença cada vez mais freqüente nos eventos promovidos pelas associações operárias. Três anos depois o jornal anarquista Lucta Social anunciava um “grande festival de solidariedade no Jardim Zoológico” que, embora terminasse com a apresentação do “Grupo Teatro Social”, na concretização do modelo de propaganda praticado por esses militantes, tinha como um de seus chamarizes um “*match de foot-ball*” entre dois pequenos clubes da cidade <sup>329</sup>. Rendendo-se à popularidade do jogo, jornais operários

<sup>328</sup> - Cf. “Ao festival da Quinta”, O Graphico, 15 de junho de 1919; e “A festa operária de ontem”, O Imparcial, 16 de junho de 1919; e “A festa operária na Quinta da Boa Vista”, O Malho, 21 de junho de 1919.

<sup>329</sup> - Lucta social, 18 de junho de 1922. Francisco Foot-Hardman mostra que também em São Paulo os jogos de futebol tornavam-se uma constante nos festivais operários. Em suas palavras, “apesar da crítica doutrinária dos anarquistas ao baile, ao futebol, estes eram grandes elementos incorporados dentro da ‘forma-espetáculo’ assumida pelos grandes festivais operários” - posição compartilhada por Fátima Antunes, defensora de que “os anarquistas criticavam o baile e o futebol por serem elementos culturais próprios da burguesia, mas toleravam estas atividades em seus festivais, na medida em que

como A Voz do Povo, auto-denominado “órgão da Federação dos trabalhadores do Rio de Janeiro e proletariado em geral”, passavam a trazer em suas páginas os resultados das disputas esportivas da cidade, enquanto periódicos como O Intransigente chegavam mesmo a promover concursos que tinham por fim “estimular o desenvolvimento dos pequenos clubs de *foot-ball* dessa capital”<sup>330</sup>. Mostrando-se capaz de construir entre os trabalhadores da cidade uma sólida articulação, o futebol era utilizado por sindicalistas e militantes libertários como forma de aproximar os trabalhadores pouco afeitos às discussões políticas de seu movimento, transformando-se assim em aliado potencial desses na tarefa de formar no operariado carioca a consciência que desejavam.

Apesar de todo esse esforço da militância operária, porém, os trabalhadores continuariam ainda a fazer dos clubes esportivos um fim em si, e não um meio de formação política. Nem por isso, porém, deixariam de fazer deles espaços de luta e de expressão de embates sociais. Se seus clubes buscavam na maior parte das vezes a proteção dos patrões, para desespero daqueles que esperavam uma atitude de completa independência dos operários, nem por isso deixavam de fazer do jogo um meio de alimentar a diferença que os separava de seus empregadores. Um episódio ocorrido em 1917 na sede da Liga Metropolitana, que decidia sobre as restrições que seriam impostas aos trabalhadores ligados a clubes a ela filiados, nos dá uma boa dimensão desse processo. Representando o Parc Royal F.C., que era presidido por Vasco Urtigão - diretor da casa comercial que dava nome ao clube - estava na assembléia seu funcionário Luiz Maia. Sendo essa uma questão de extrema relevância para os clubes maiores filiados à Liga, eles conseguem do patrono do pequeno grêmio o apoio para sua proposta, fazendo-o dar instruções ao seu funcionário para que votasse de acordo com ela. Ignorando suas recomendações, no entanto, Maia vota junto com os representantes de outros clubes pequenos a favor de uma regra mais liberal em relação à presença operária na liga, garantindo a permanência em seus quadros de trabalhadores diversos<sup>331</sup>. Embora tenha sido despedido por causa do episódio - simulando por isso um suicídio pela ingestão de iodo - Maia mostrava que as relações

---

se subordinassem à eficácia da pregação libertária”. Francisco Foot-Hardman, Nem patria nem patrão. Vida operaria e cultura anarquista no Brasil, São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 42; e Fátima Antunes, “O futebol nas fábricas”, *op.cit.*, pg 106.

<sup>330</sup> - “Desportos - Foot-ball”, A voz do povo, 5 de julho de 1920; e “Concurso de foot-ball do Intransigente”, O Intransigente, 2 de setembro de 1921.

entre os patronos e seus dependentes não se estabelecia de forma tão direta. Permeada de conflitos e tensões, o episódio sugere que os embates sociais, longe de sumirem sob a proteção oferecida pelos patrões aos clubes de seus empregados, apenas deslocava seu eixo - que se apoiava não no enfrentamento direto, como queriam anarquistas e socialistas, mas no diálogo com as visões de mundo daqueles para os quais pediam proteção.

Tornava-se compreensível, portanto, que em 1921 o novo diretor gerente da Companhia Progresso Industrial do Brasil, Manoel Neves, não se mostrasse nem um pouco envaidecido pelo título de presidente honorário que lhe fôra concedido pelos sócios do Bangu, limitando-se a officiar a esses “dando-se ciente do cargo que lhe cabe neste club”<sup>332</sup>. Sem acreditar na suposta consideração que os sócios do clube lhe declaravam, Neves parecia mostrar-se atento para o caráter político da deferência. Evidenciadas ao longo dos anos de forma cada vez mais clara, as razões que moviam esses trabalhadores se desnudavam em 1919 na tentativa de fundação de um grêmio esportivo entre os empregados da Casa Hime: buscando o apoio de seus patrões, Carlos Rodrigues e Renato Ramos, os iniciadores da idéia, divulgaram ente os colegas de trabalho um manifesto no qual explicavam seus motivos. Afirmando estar “a casa em que trabalham na vanguarda dos estabelecimentos importantes dessa praça”, defendiam que à posição de destaque da firma deveria corresponder a “dedicação” de seus empregados em sua defesa. Dizendo serem seus chefes “homens inteligentes e instruídos”, concluíam estarem esses a par das grandes vantagens da educação física, “predispondo-nos ao trabalho com mais energia” e “refletindo a sua ação sobre todos os que se ocupam dos trabalhos materiais”. Propunham assim que entre os trabalhadores do estabelecimento fosse organizado um clube esportivo próprio, para levar às disputas do campeonatos da cidade “o *team* da nossa casa”. Marcando a reunião de fundação, “com a devida permissão dos nossos chefes, na sede do escritório central” da firma, eles pareciam prontos para constituir-se então como mais um dos muitos clubes operários que contavam no período com a ajuda patronal.

A divulgação do manifesto que era destinado somente aos empregados da casa nos grandes jornais da cidade, provavelmente por incitava de seus vaidosos patrões,

---

<sup>331</sup> - Cf. “Pra inglês ver”, *Correio da Manhã*, 8 de fevereiro de 1917.

<sup>332</sup> - “Ata da sessão de 24 de fevereiro de 1921”, *Livro de atas do Bangu A.C.*, 13.12.1919-15.12.1921, pg. 313.



acabaria porém por cancelar a fundação anunciada - como mostrava a carta enviada no dia seguinte aos jornais por seus iniciadores:

“Com relação ao tópico publicado no ‘O Imparcial’ referente ao *team* da firma Hime & cia, declaramos que muito estranhemos a sua publicação, com a qual absolutamente não podemos concordar, pois tratava-se apenas de um ‘apelo’ aos nossos colegas, assunto esse exclusivamente interno, de cunho particular, e o qual, por diversas razões, não devia ter sido tão precipitadamente levado à publicação.

Desligamo-nos assim de qualquer relação com o chamado Club Sportivo da Casa Hime & C. (?), do qual não mais desejamos fazer parte”<sup>333</sup>.

Assinada pelos mesmos nomes que subscreviam a proposta divulgada na véspera, a carta revelava seu desconforto com a publicidade dada ao manifesto. Descontentes com o fato de que uma peça que fazia parte das negociações internas entre patrões e empregados da casa para a fundação do novo clube ganhassem ampla divulgação, eles mostravam os limites da relação de dependência que tentavam estabelecer com seus possíveis protetores. Sendo um assunto que diria respeito somente aos seus companheiros de trabalho, os fartos elogios distribuídos a esses no documento publicado pareciam envergonhar agora seus autores, rompendo sua tentativa de consolidação de um espaço de lazer financiado pela casa comercial em que trabalhavam. Embora aparecesse como um episódio isolado, o recuo dos empregados da Casa Hime sugere que a atitude reverente assumida pelos sócios de diversos clubes operários, longe de ser uma mostra da subordinação, ligava-se muito mais a uma estratégia de negociação do que a algum tipo de falta de consciência de sua condição - fazendo da aceitação do patronato que alimentava a fundação e consolidação desses clubes um mecanismo, ainda que indireto, de embate de classe.

O estabelecimento desse tipo de relação dúbia entre trabalhadores e patrões no Rio de Janeiro não era, no entanto, nenhuma novidade. Mostrando ter raízes profundas, tais procedimentos se ligavam mais ao modo como ex-escravos e dependentes em geral relacionaram-se por décadas com o domínio paternalista durante o Império do que às formas de embate patrocinadas no mesmo período pelos trabalhadores europeus<sup>334</sup>. Contando com uma tradição própria de enfrentamento, esses trabalhadores continuavam a buscar não o confronto direto, como queriam os

<sup>333</sup> - “Um estrilo no novel club sportivo Casa Hime”, *O Imparcial*, 29 de dezembro de 1919.

<sup>334</sup> - Sobre a atuação dos dependentes dentro do paternalismo, conferir Sidney Chalhoub, “Diálogos políticos em Machado de Assis”, in Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira (orgs.), *A História contada: capítulos da história social da literatura no Brasil*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira (no prelo).

militantes libertários, mas um conflituoso diálogo baseado na possibilidade de, sem romper a lógica da dominação, tirar dela as conquistas desejadas - fazendo crer aos seus patrões serem concessões benéficas que eles podiam viver como conquistas. Mostravam com isso que, apesar da atitude reverente frente aos seus possíveis patrocinadores, era com os seus companheiros de trabalho que firmavam sua identidade - expressa nos códigos compartilhados que lhes permitiam entender a posição defendida no manifesto que redigiram não como expressão de subserviência, mas como uma peça argumentativa que, lidando com as redes de significado que norteavam o modo como seus patrões viam o mundo, se encaixava no tipo de relação que habitualmente empreendiam com eles.

Não que esse fosse o único meio de luta dos trabalhadores cariocas. Ao mesmo tempo em que se articulavam em clubes esportivos e outros espaços próprios de lazer, eles não deixavam de participar também de movimentos que tinham no enfrentamento direto a sua estratégia - tais como as greves de 1917. Disseminado entre várias categorias, o movimento grevista tinha naquele ano nos tecelões da Fábrica de tecidos Carioca e da Companhia Progresso Industrial do Brasil alguns de seus principais focos. Na Carioca os distúrbios começaram ainda em janeiro, quando seus trabalhadores protestaram contra as ordens de um mestre-geral que suspendera as licenças momentâneas que lhes permitiam largar o trabalho por alguns períodos para entregarem-se a outras tarefas - como a de “prestar as últimas homenagens a um amigo falecido”<sup>335</sup>. Com o acirramento de um movimento mais amplo em julho, os operários da Carioca voltam à greve acompanhados então dos colegas de Bangu - que, apesar da garantia dada pelos mestres e contra-mestres de que seus funcionários não parariam, acabaram aderindo ao movimento junto com outros trabalhadores têxteis<sup>336</sup>. Apesar da imagem negativa que os militantes formavam dessas associações esportivas, seus sócios participavam ativamente do movimento grevista.

Apoiados por políticos ligados à causa proletária como o deputado Vicente Piragibe - que, sendo sócio do Bangu há pouco mais de um ano, discursou para os

<sup>335</sup> - “Greve na fábrica de tecidos Carioca”, *O Paiz*, 6 de janeiro de 1917; e “Os operários da fábrica de tecidos Carioca perturbaram os trabalhos”, *Correio da Manhã*, 6 de janeiro de 1917.

<sup>336</sup> - Cf. “A agitação operária”, *Correio da manhã*, 25 de julho de 1917; “Um meeting em Bangú” e “A grande assembléia dos operários das fábricas de tecidos Carioca, S.Felix e Corcovado”, *Correio da manhã*, 28 de julho de 1917.

operários do bairro em solidariedade ao seu movimento<sup>337</sup> - os trabalhadores dessas fábricas experimentavam ali os resultados de uma articulação que vinha sendo construída há muito mais tempo, que tinha nos campos de futebol um de seus palcos. Tendo a maior parte dessas fábricas seus próprios centros esportivos, no qual esses trabalhadores iam formando sólidos laços de solidariedade - que, entre outras coisas, os levava a se verem obrigados a comparecer ao velório de um colega - eles conseguiam formar as bases cotidianas de uma identificação entre operários de fábricas diversas que se concretizava em momentos de enfrentamento como as greves daquele ano. Articulando nessas ocasiões suas próprias tradições de luta, expressas nas formas como se organizavam em seus clubes, com as propostas de organização da militância sindical, os sócios dos clubes esportivos participavam ativamente de um processo mais amplo que alimentava a construção de uma identidade operária.

No dia a dia, porém, a organização do operariado propiciada pelo futebol se estabelecia de uma forma muito distante dos eventos patrocinados pelos militantes de tendências diversas. Desinteressados dos temas discutidos nos jornais e reuniões operárias, os trabalhadores cariocas mostravam-se avessos aos discursos doutrinários, como reconheciam os próprios sindicalistas<sup>338</sup>. Se esses pareciam fazer do mutualismo um dos seus principais adversários, criticando com vigor a insistente mania dos trabalhadores cariocas de se ligarem a associações de bases beneficentes<sup>339</sup>, clubes operários como o Primeiro de Maio definiam em 1919 nos seus estatutos a obrigação de que seus sócios contribuíssem mensalmente com \$300 para os “fundos de socorro” do clube<sup>340</sup> - adotando uma postura que afastava ainda mais esses grêmios esportivos do tipo de luta patrocinada pelas associações e sindicatos de resistência. Relutando em adotar de modo passivo o modelo de sindicalização e as propostas de articulação defendida por militantes diversos, em especial os anarquistas, os trabalhadores cariocas

<sup>337</sup> - Cf. “Ata da sessão de 1 de junho de 1916”, Livro de atas do Bangu A.C., 21.01.1915-7.09.1917, fl.56; e “Um meeting em Bangu”, Correio da manhã, 28 de julho de 1917. Vicente Piragibe, jornalista que já secretariara as redações do Cidade do Rio e do Correio da Manhã, ganha projeção após fundar o jornal A Época, no qual capitaneia um combate intransigente ao governo do Marechal Hermes. Tendo sido preso por isso, elege-se deputado pela Capital Federal no ano seguinte à sua libertação, notabilizando-se pela defesa da “classe proletária”. Cf. Governos e congressos da República dos Estados Unidos do Brasil, segundo volume, São Paulo, 1918, pp. 490-491.

<sup>338</sup> - Na tentativa de atrair público para uma festa do Centro de Sindicatos Operários, o jornal A Voz do trabalhador chega a anos antes a divulgar que seria representada nela uma festa “sem comentários de doutrinação”, tentando com isso conseguir a simpatia dos possíveis assistentes. A Voz do Trabalhador, 1 de agosto de 1908/

<sup>339</sup> - Cf. Angela de Castro Gomes, op.cit., pg 91.

continuavam assim a fazer de seus clubes esportivos um dos principais estímulos à sua organização e à constituição de sua identidade.

Ignorando o passado dos trabalhadores da cidade e atribuindo-lhes primitivismo por não estarem iluminados por sua luz revolucionária, militantes operários e historiadores diversos de hoje mostram seus pontos em comum. Adotando a mesma lógica patronal que via no lazer um simples momento de preparação para o trabalho, negavam-se a ver nos clubes recreativos qualquer possibilidade de consciência. Sem encontrar neles o modelo de luta associativo que procuram, só lhes resta proclamar a alienação do operariado carioca, articulado sob critérios e objetivos que eles não conseguiam entender. Tentando simplesmente imputar aos trabalhadores locais sua própria forma de organização, esses militantes eram criticados até mesmo por trabalhadores que concordavam com suas propostas - como o então anarquista João Lopes. Tendo se mudado para o Rio em 1921, chegando a jogar em clubes como o Paladino, ele lembrava em depoimento dado décadas depois a implicância de seus antigos companheiros com seus hábitos de lazer:

“(...) Não gostavam muito que eu jogasse futebol. Mas eles não mandavam em mim. Eu era um sujeito autônomo nesse negócio. Não respeitava ninguém, fazia o que eu queria, ninguém podia me manobrar (...)”<sup>341</sup>

Menosprezando a intolerância de muitos seus companheiros de militância, João Lopes parecia fazer dos clubes recreativos dos quais participou espaços próprios de afirmação de sua identidade. Mesmo compartilhando com esses seus ideais, que o levavam a participar de suas associações e apoiar seus movimentos, não deixava de lado suas próprias tradições de luta e visões de mundo. Se para os imigrantes de nacionalidades diversas que viam no modelo de luta sindical a única alternativa para garantir melhores condições de vida para os trabalhadores o futebol parecia inútil e pernicioso, para negros como João Lopes ele se revestia de outros sentidos, relacionados ao processo que fazia da cultura um bom campo de articulação dos antagonismos de classe. Sem atentar para essa diferença, seus críticos aproximavam-se das posições defendidas por Lima Barreto e pelos diretores das fábricas que pensavam ter sobre eles completo controle: igualando-se todos na incompreensão sobre os

<sup>340</sup> - Arquivo nacional, S.P.D.F., p. 416/Cx. 5553.

<sup>341</sup> - “João Lopes: militância e malandragem”, in Angela de Castro Gomes (org.), Velhos Militantes. Depoimentos, Rio de Janeiro: Zahar, 1988, pg 83.

motivos que geravam o grande apego dos trabalhadores cariocas aos seus clubes e associações recreativas, insistiam em ver como marca de escravidão a mesma lógica que, havia décadas, os trabalhadores cariocas tinham usado para vencê-la

Dos debates literários sobre o futebol aos sentidos que lhe eram atribuídos pelos muitos operários, suburbanos e esportistas em geral que se entregavam à sua prática, muito diferente parecia se tornar o perfil do jogo praticado por toda a cidade. Campo de disputas entre diferentes tradições, práticas e projetos sociais, ele mostrava não encaixar-se com tanta facilidade nos esquemas nos quais era enquadrado pelos médicos e escritores que se entregavam a grandes polêmicas em torno de seus significados. Percebe-se assim, através de suas discussões, o conteúdo discriminatório e elitista dos projetos formulados por eles nos primeiros anos do novo século - o que nos remete de volta às análises feitas sobre a história do futebol e da própria república em suas primeiras décadas. Aprendendo a lição de historiadores há muito cientes dos riscos de analisar a escravidão através da visão dos senhores<sup>342</sup>, podemos deixar de lado a tentativa de construir uma história do jogo somente pela lógica daqueles que tentavam utilizá-lo como meio de levar aos trabalhadores os seus próprios projetos. As interpretações que fazem do futebol um mecanismo disciplinar ou um instrumento de alienação estão realmente, no período, presentes no debate sobre o jogo; elas constituem, porém, apenas uma parte dele. Mostrando efetivar em seu dia a dia no campo da cultura uma participação que foi por muito tempo entendida por seus críticos como alienação ou como sujeição ao controle, os entusiastas do bolapé que se espalhavam pela cidade evidenciavam uma lógica própria na sua relação com o jogo - presente tanto nos clubes suburbanos como nas associações operárias. Tratava-se de fazer dele um meio de efetivar um árduo diálogo com os discursos letrados que eram sobre eles lançados, na tentativa de conseguir benefícios para si mesmos. Longe de evidenciar algum tipo de cinismo ou dissimulação por parte deles, esse processo mostrava apenas a existência, no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século, de

<sup>342</sup> - Conferir, a respeito, Eugene Genovese, A Terra prometida. O mundo que os escravos criaram, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988; para o caso do Brasil, ver Sidney Chalhoub, Visões da Liberdade. Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte, São Paulo, Cia. das Letras, 1991; e Silvia Lara, Campos da Violência, São Paulo, Paz e Terra, 1988.

um intenso e conflituoso diálogo entre os diferentes grupos, no qual o futebol aparecia como um idioma comum que mediava suas tensões.

Não se trata , assim, de tentar definir para o jogo um novo sentido unívoco. Se não significava necessariamente a disciplina desejada por Coelho Netto ou a alienação formulada por Lima Barreto, nem por isso o futebol teria para todos os seus admiradores qualquer outro sentido total - pelo contrário. Podendo assumir variados significados para cada um de seus praticantes, de acordo com o momento em que sobre ele se debruçavam - identidade de classe, legitimidade de tradições, simbolismo nacional, etc. - o futebol se prestava a múltiplas apropriações, estando aí um dos segredos de seu grande sucesso. Numa cidade de formação tão heterogênea quanto o Rio de Janeiro do período, no qual coexistiam negros, brancos, portugueses, espanhóis e migrantes de várias partes do país, era justamente a possibilidade de que ele pudesse ser assumido de múltiplas formas que explicava sua força. Se os vários adeptos do jogo da bola compartilhavam por ele uma mesma devoção, ela certamente era feita de sonhos, projetos, esperanças e sentidos muito diferentes - os quais, por mais que se tentasse nos anos seguintes, dificilmente sumiriam sob uma mesma imagem de felicidade e harmonia nacional.

## Epílogo – Do *foot-ball* ao futebol

“A única objeção que se poderia fazer ao *foot-ball* (...) é não ser original brasileiro”<sup>1</sup>. Escrita no ano do centenário da independência por Gilberto Amado, a frase parecia sintetizar o sentimento que tomava conta de muitos dos que se impressionavam frente à força demonstrada por esse jogo no país quando se abria a década de 20. A explicação para o fenômeno era dada pelo próprio autor, que afirmava ser “de elementar observação que, se fosse nacional, o futebol não teria nenhum prestígio”. Tendo aparecido no país como um esporte estrangeiro, foi sua suposta modernidade, assentada em padrões europeus, que sustentara o seu crescimento – fosse entre os *sportman* ou entre aqueles que tomaram o jogo para si. Embora difundido por todos os grupos, por todos os bairros, por todas as classes, o futebol mantinha assim seu perfil importado, aparecendo até então como uma técnica vinda de fora sobre a qual os brasileiros começavam a ter algum domínio.

Não que fosse difícil de se enxergar, já naquele momento, o grande potencial aglutinador do futebol em torno da nacionalidade. O orgulho verificado na conquista do sul-americano de 1919 continuaria a aparecer, nos anos seguintes, em ocasiões como a vitoriosa excursão do Club Atlético Paulistano à Europa realizada em 1925. Suas vitórias eram, como expressou em um de seus poemas Oswald de Andrade – uma das lideranças do movimento modernista que dava então em São Paulo seus primeiros passos – a mostra irrefutável que “a Europa curvou-se ante o Brasil”<sup>2</sup>. “Talvez em alguma coisa não fôssemos inferiores”, afirma Décio de Almeida Prado ao relembrar o episódio que fixou em sua mente infantil “a paixão futebolística, associada à grandeza da pátria”<sup>3</sup>. Tal sentimento de valorização da nacionalidade tomava mesmo escritores pouco afeitos às disputas esportivas, como Bastos Tigre – que escreveu uma crônica na qual diz serem as vitórias do Paulistano a “prova cabal

<sup>1</sup> - Gilberto Amado, “Assunto sério”, in *Aparências e realidade*, São Paulo: Monteiro Lobato e c., 1922, pg. 29.

<sup>2</sup> - APUD Marcos Antonio de Moraes, “Mário, o futebol e um poema esquecido”, *Letras*, no. 7, 1993, pg. 74.

<sup>3</sup> - Décio de Almeida Prado, “Latejando com o futebol”, in *Seres, coisas, lugares. Do teatro ao futebol*, São Paulo: Cia. das Letras, 1997, pg. 205.

de que os nossos compatriotas são capazes, quando o queiram, de realizar em dez anos o que para outros foi obra de mais de século”. A afirmação da capacidade brasileira em superar os mestres na técnica criada por esses, convertendo-se em ótimos aprendizes, ganhava por fim sua definição mais clara em artigo de Coelho Netto, para quem a Europa (e em especial a França) não teria remédio “senão render-se, ficando aos pés do Brasil”<sup>4</sup>.

O modo como era entendida essa vitória nacional era no entanto bastante diferente daquele que, nos dias de hoje, toma conta dos aficionados do jogo no país. Nos dizeres de Coelho Netto, ela era simplesmente a mostra de que “consequimos pôr os pés em Paris... tratemos agora de entrar com o resto do corpo”. Evidenciando um orgulho que ainda tinha em sua base a aspiração de se igualar à Europa, o literato mostrava o sentido da operação que promovia: tratava-se de, em um ardor patriótico, aproximar ainda mais o Brasil da ilustrada cultura do velho mundo<sup>5</sup>. Fazendo do futebol uma das pontas de lança da pregação cívica que passaria a constituir na década de 20 uma de suas principais atividades<sup>6</sup>, e que em sua pena ligaria cada vez mais o esporte à tentativa de transformação cívica que vinha defendendo, ele mostrava como o orgulho nacional associado ao jogo ainda estava longe de constituir algum tipo de originalidade brasileira – sendo alimentado, pelo contrário, pela necessidade de reproduzir, da melhor forma possível, técnicas e estilos que tinham nos países europeus sua matriz principal.

A postura cívica de Coelho Netto não constituía, porém, a única proposta de articulação do orgulho nacional presente naqueles anos. O próprio movimento modernista, do qual Oswald fazia parte, ia dando para essa busca um sentido muito diferente, ligado à tentativa de busca de uma raiz autêntica da brasilidade<sup>7</sup>. Mesmo longe de São Paulo e do Rio, essa preocupação se fazia notar. Já em 1921, da distante

---

<sup>4</sup> - Ambas as crônicas são transcritas na obra memorialística de Araken Patusca, um dos jogadores presentes à excursão. Cf. Araken Patusca, *Os reis do futebol*, São Paulo, Bentivegna Editora, 1976, respectivamente pg. 190 e 9.

<sup>5</sup> - Para Matthew Shirts, o próprio livro de Araken Patusca é marcado pela “extrema valorização do estrangeiro”, afirmando “a superioridade do europeu” mesmo saudando a vitória brasileira. Matthew Shirts, “Literatura futebolística: uma periodização”, in José Carlos Sebe Meihy e José S. Witter (orgs.), *Futebol e Cultura. Coletânea de estudos*, São Paulo: Imprensa oficial, 1982, pg. 48.

<sup>6</sup> - Conferir, a respeito, o “Breviário Cívico” que publica em 1928 na revista do Fluminense, *Tricolor*, no. 5, fevereiro de 1928.



Palmeira dos Índios, em Alagoas, Graciliano Ramos – que era ainda um jovem escritor sem reconhecimento nacional - mostrava seu descontentamento com o prestígio adquirido pelo futebol no país, que começava a tomar conta daquelas paragens. O motivo de tanta implicância era um só: o caráter estrangeiro do jogo. “Não seria, porventura, melhor exercitar-se a mocidade em jogos nacionais, sem mescla de estrangeirismo, o murro, o cacête, a faca de ponta, por exemplo?”, perguntava Graciliano, combatendo o caráter importado do jogo da bola ao mesmo tempo em que criticava sua violência. “Temos esportes, alguns propriamente nossos, batizados patrioticamente com bons nomes em língua de preto, de cunho regional, mas por desgraça estão abandonados pela débil mocidade de hoje”<sup>8</sup>. Para ele o motivo de orgulho não era a perfeição da cópia, como queria Coelho Netto, mas a originalidade da ação: Graciliano propunha a valorização de tradições autenticamente nacionais, entre as quais não incluía o popular bolapé. Explicava entretanto que sua objeção não se baseava em repugnância à “introdução de coisas exóticas entre nós”; a questão que se colocava era se “elas serão assimiláveis ou não” – o que não parecia, para ele, o caso do futebol, descrito como uma “roupa de empréstimo, que não nos serve”.

O próprio Graciliano elencaria em sua crônica alguns dos esportes que poderiam cumprir o papel de jogo nacional que negava ao futebol – como a cavalhada, o cambapé, a rasteira ou o jogo de “bola de palha de milho, que nossos amadores mambemes jogam com uma perícia que deixaria o mais experimentado *sportman* britânico de queixo caído”<sup>9</sup>. Não era só ele, porém, que buscava no período a definição de um jogo que pudesse representar a nacionalidade. Em 1915 o Coronel Rondon – que iniciava a projeção que o levaria a Marechal – pronunciara uma conferência no teatro Fênix, no Rio, no qual fazia a apologia de um jogo “que os Parecis praticavam em um largo terreiro, dispondo-se em dois partidos, para entre si atirarem (...), só a golpes de cabeça, uma bola grande de borracha cheia de ar”. Chamado por ele de “*headball*”, o jogo seria uma prática habitual entre o povo Pereci

---

<sup>7</sup> - Conferir, a respeito, Margarida Neves, “Da maloca do Tietê ao Império do Mato Virgem” in Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira (orgs.), A História contada. Capítulos da história social da literatura no Brasil, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, no prelo.

<sup>8</sup> - APUD Milton Pedrosa, Gol de letra. O futebol na literatura brasileira, Rio de Janeiro: Liv. Ed. Gol, s/d, pg 165.

<sup>9</sup> - Idem, pg. 167.

– sendo saudado pela imprensa carioca como um esporte “interessante e original, sobretudo original, o que já é alguma coisa”<sup>10</sup>. A sua semelhança com as regras do futebol, longe de ser percebida pelos contemporâneos como uma possibilidade de incorporação do jogo bretão por parte dos indígenas, parecia ser a mostra de que os brasileiros teriam, enfim, o seu próprio esporte, cuja semelhança com o futebol explicava o fascínio nacional pelo esporte bretão.

Entusiasmados com a descoberta, alguns esportistas cariocas promoveram em 1922 a exibição, no estádio do Fluminense, de uma partida do referido jogo indígena, que recebia então o nome de Zinucati<sup>11</sup> - em um evento largamente retratado pelos periódicos cariocas (Fig.42). Fotografados com a pose na qual eram habitualmente retratados os jogadores de futebol, e usando vestimentas semelhantes às aquelas com as quais disputavam suas partidas os principais jogadores da Liga Metropolitana, os Perecis apareciam como os representantes de uma legítima tradição nacional. Tentando aproximá-la do popular jogo bretão, no entanto, seus entusiastas mostravam ter ainda nos padrões europeus o modelo privilegiado. O sentido da operação ficaria claro em uma charge publicada na mesma revista que noticiava o jogo (Fig.43). Aludindo à violência que ia tomando conta dos jogos de futebol realizados na cidade, que havia marcado o recém realizado campeonato sul-americano daquele ano, o desenho explicita as incipientes tentativas de valorização, frente ao jogo inglês, daquela tradição esportivo-indígena. Os próprios estereótipos sobre seus praticantes reproduzidos no desenho, que reforçam a imagem “bárbara” e os hábitos selvagens dos Perecis, mostrava porém que para o seu autor esse era um esporte que estava ainda longe de poder representar honrosamente a nacionalidade.

Parecia assim normal que, naquele mesmo ano, aparecessem outras tentativas de definição de um esporte nacional por excelência - como o jogo “vulgarmente conhecido pelo nome de *capoeira*, jogo próprio do brasileiro, principalmente no Distrito Federal”, que para um articulista carioca deveria ser levado “das camadas mais baixas para a mais alta sociedade”. “Pois se o americano, qualquer que seja a sua posição social, faz uso do *boxing*, o japonês do *jiu-jitsu*. Por que não o brasileiro como o de *capoeira*, jogo de movimentos rápidos, grande astúcia e muita presença de

<sup>10</sup> - “Jogos brasileiros”, *O Imparcial*, 7 de outubro de 1915.

<sup>11</sup> - *Careta*, 21 de outubro de 1922.

espírito (...)?)”, perguntava o autor da crônica, evidenciando a tentativa de busca de uma prática esportiva que pudesse caracterizar o país<sup>12</sup>. De diferentes maneiras e por caminhos diversos, ficaria clara a partir de então a tentativa de definição de um esporte que pudesse condensar em si a própria nacionalidade – o que, na opinião de críticos como Graciliano Ramos, estava longe de ser o caso do futebol.

Todas essas tentativas não obteriam, no entanto, maior repercussão. Por mais que se buscasse um novo esporte que pudesse representar a nacionalidade, era mesmo o futebol que congregava aquilo que até então nenhum outro esporte conseguira: o grande entusiasmo da parte dos mais diferentes círculos sociais. A situação faria com que, pelo menos desde 1917, comesçassem a aparecer nas colunas esportivas dos jornais cariocas debates e cartas como aquela enviada por um jogador que assina com o pseudônimo de Center-Half, que cobrava “uma campanha em prol da defesa da soberania da nossa língua, expurgando-a destes anglicanismos que estão a desvirtuá-la, convencionando ou já aproveitando palavras portuguesas correspondentes aos termos ingleses empregados na técnica do futebol”<sup>13</sup>. Adaptando os termos ingleses para a forma de escrita portuguesa, tentava criar um vocabulário para o jogo que pudesse dar a ele uma feição mais brasileira. Respondendo ao mesmo impulso, outros interessados pelo jogo da bola tentavam também, em 1919, definir para ele uma nomenclatura nacional – resultando em conferências e polêmicas entre os defensores dos termos “pébol”, “ballipodo” ou “futiból” para designar o esporte inglês no Brasil<sup>14</sup>. “Nacionalizemos, pois, de uma vez para sempre, os nomes desportivos”, clamava no ano seguinte um dos entusiastas da idéia, comentando a resolução do Conselho Municipal de exigir a adaptação da nomenclatura das denominações comerciais expostas nos letreiros da cidade<sup>15</sup>. Pedia assim às associações esportivas

---

<sup>12</sup> - José Custódio Alves de Lima, “Uma sugestão sportiva”, *O Paiz*, 5 de agosto de 1922. Sobre a nacionalização da capoeira, ver Antonio Liberac Cardoso Simões Pires, *A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)*, dissertação de mestrado em história social, IFCH/UNICAMP, 1996, em especial o capítulo 4. O próprio Coelho Netto tenta encaixar a capoeira em seu projeto cívico, recomendando sua prática nas escolas. Cf. Leticia Vidor de Souza Reis, “A capoeira como ‘gymnástica brasileira’”, in *O mundo de pernas pro ar. A capoeira no Brasil*, São Paulo: Publisher, 1997, pg 90.

<sup>13</sup> - “A tecnologia sportiva”, *Correio da Manhã*, 20 de janeiro de 1917.

<sup>14</sup> - Cf. “Uma conferência em prol do ballipodo”, *O Imparcial*, 27 de janeiro de 1919; “Uma conferência em prol do pébol”, *O Imparcial*, 28 de janeiro de 1919; e “O meu pébol e o Sr. Waldaz”, *O Imparcial*, 12 de fevereiro de 1919.

<sup>15</sup> - “A hora do pébol chegou!”, *O Paiz*, 4 de janeiro de 1920.

que “apaguem nas suas placas externas o termo inglês foot-ball e escrevam o brasileiríssimo – peból”.

Apelos como esses, porém, não pareciam surtir maiores efeitos. Seis anos após o início da campanha em favor da mudança dos termos ingleses, a revista Careta afirmava que “o nome *foot-ball*, ou literalmente, pé-bola, persiste apesar de todos os esforços dos puristas para dar-lhe uma voz nacional”<sup>16</sup>. Era preciso mais do que uma simples mudança de termos para dar ao futebol praticado no Brasil um caráter genuinamente brasileiro. Difundidos pelas ruas, palavras como *goal-keeper*, *forward* ou *goal* tornavam-se partes ativas do vocabulários dos mais diversos praticantes do jogo, que não pareciam ver grandes problemas no seu uso. O processo de transformação do *foot-ball* no abraileirado futebol parecia, ainda, distante de obter resultados concretos – que dependiam da possibilidade de se achar para o jogo uma raiz verdadeiramente nacional, que sustentasse sua legitimidade.

Mesmo com os termos ingleses, no entanto, o jogo não parava de se espalhar pela cidade, congregando um número crescente de adeptos. Alheios às tentativas de dar um cunho verdadeiramente nacional ao futebol, seus admiradores continuavam nas arquibancadas e campos a alimentar o crescimento do jogo. O campeonato de 1923, em especial, prometia ser animado – contando com a presença na primeira divisão da Liga do time do Vasco da Gama, clube da colônia portuguesa que vencera no ano anterior o campeonato da segunda divisão, obtendo o direito de disputar o principal torneio da cidade. Já antes de sua estréia os jornais anunciavam que ele teria “um *team* capaz de impor a qualquer adversário uma boa dose de respeito”<sup>17</sup>. O prognóstico não era difícil de ser compreendido, como mostrava a diferença entre as imagens da diretoria do clube e do time montado pelo clube naquele ano (Fig. 44 e 45). Embora tivesse, como os outros grandes clubes da cidade, dirigentes brancos e bem trajados, o Vasco da gama levava a campo uma equipe que não correspondia ao padrão social de seus sócios. Radicalizando um impulso que já se fazia presente em muitos outros clubes da Liga, o clube montava uma equipe composta por atletas que, ao contrário do que seria o padrão entre os amadores que disputavam até então o campeonato, faziam claramente do futebol a sua profissão. Dedicando-se

<sup>16</sup> - “O soco, a dança, o ponta-pé e o que é mais”, Careta, 11 de agosto de 1923.

<sup>17</sup> - Correio da Manhã, 15 de abril de 1923.

integralmente ao esporte, seus jogadores – muitos deles negros – conseguiam grande vantagem sobre os adversários, que dividiam seus afazeres entre a bola e o trabalho, sagrando-se campeões naquele ano após uma vitória contra o São Cristóvão<sup>18</sup>.

A vitória do Vasco deixava evidente, para os contemporâneos, uma transformação no cenário esportivo da cidade que vinha se delineando havia anos. Embora seja entendida por grande parte dos estudiosos do tema como o grande marco da transformação do futebol amador em profissional<sup>19</sup>, a conquista do campeonato pelo time da cruz de malta representava apenas mais um passo no processo crescente de valorização, dentro dos clubes, dos jogadores que pudessem garantir sua força nos campos. Nos dizeres de um cronista que naquele ano escrevia na revista Careta, “um jogador de foot-ball - isso é coisa sabidinha - vale mais do que qualquer membro da Academia de Letras”<sup>20</sup>. A explicação para essa repentina importância parecia clara: mais do que diversão e paixão, o futebol tornara-se, com os anos, uma importante fonte de renda para os clubes. Só no jogo realizado em julho daquele ano contra o Flamengo, o time do Vasco arrecadara a quantia recorde de Rs. 37:000\$000<sup>21</sup>. Levando-se em conta que em jogos como a disputa entre Botafogo e São Cristóvão 1918 eram vendidas 1.025 entradas para as gerais e 1.074 para as arquibancadas, gerando uma renda total de 3:173\$000<sup>22</sup>, notava-se um significativo incremento na força comercial do esporte. Clubes como o Fluminense atravessavam assim, naqueles anos, um período de intenso crescimento: se em 1922 o clube obtivera Rs. 44:112\$000 de renda em seus jogos de futebol, em 1926 esse valor já pulara para Rs. 130:919\$500 – aumentando de ano para ano o montante de dinheiro arrecadado com o jogo da bola<sup>23</sup>. A Confederação Brasileira de Desportos, por sua vez, arrecadava

<sup>18</sup> - Correio da Manhã, 13 de agosto de 1923.

<sup>19</sup> - Construídas como uma espécie de senso comum sobre a história do futebol na cidade, a escolha do time formado pelo Vasco em 1923 como marco desse processo se apóia, novamente, na obra de Mário Filho. Cf. Mario Filho, op.cit. .

<sup>20</sup> - Dionysio Garcia, “O record do sono”, Careta, 20 de outubro de 1923.

<sup>21</sup> - “Foot-ball”, Correio da Manhã, 9 de julho de 1923.

<sup>22</sup> - “Ata da sessão de diretoria de 13 de junho de 1910”, Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 3.01.1910-11.09.1916; e “Ata da sessão da diretoria de 29 de abril de 1918”, Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 1.10.1917-8.7.1918. No ano seguinte, a renda desse mesmo jogo chegaria a 7:560\$000. Cf. O Imparcial, 8 de abril de 1919.

<sup>23</sup> - Cf. Fluminense F.C. - Relatório dos trabalhos sociais concernentes ao ano de 1922, Rio de Janeiro: Papellaria Luiz macedo e cia, 1923, pg. 44; e Fluminense F.C. - Relatório dos trabalhos sociais concernentes ao ano de 1926, Rio de Janeiro: s/e, 1927, pg. 41. Sobre o progressivo aumento da arrecadação, ver ainda Fluminense F.C. - Relatório dos trabalhos sociais concernentes ao ano de 1923, Rio de Janeiro: Papellaria Luiz Macedo e cia., 1924, pg 35; Fluminense F.C. - Relatório dos trabalhos

nesse mesmo ano o montante de Rs. 258:936\$150 com o recém instituído campeonato brasileiro de seleções, disputado no Rio de Janeiro<sup>24</sup>. Transformando o futebol em assunto sério, o grande incremento do público gerava para os clubes e ligas uma fonte de receita da qual a maior parte não poderia prescindir.

Iniciativas como a do Vasco mostravam assim que, mais do que simples diversão, o futebol transformara-se para esses grandes clubes em um negócio rentável e promissor. Mesmo antes de sua entrada na primeira divisão da Liga já era comum, por isso, que os clubes a ela filiados fossem buscar em outros estados ou nos campos onde jogavam times pequenos, como os existentes na Barreira do Senado, jogadores de bom nível técnico para compor as equipes disputantes dos campeonatos da Liga. É o que atesta o caso de Paulo Várzea, um dos jogadores que atuaram nesses campos ao longo da década de 10 - tendo ele mesmo, junto com outros companheiros do time do São Salvador, sido levado para treinar no América sob a supervisão de Belfort Duarte. Embora a princípio esse treino não resultasse em muita coisa, sendo todos dispensados por Belfort - com o lamento de que “as convenções sociais a que se amarrou idiotamente a Liga Metropolitana” não permitissem que se levasse para os times de primeira grandeza “esses operários” que jogavam nos campos de menor projeção - Paulo Várzea acompanhou no período o processo que acabaria por abrir a porta desses clubes grandes a muitos jogadores como ele. Em pouco tempo alguns de seus colegas de jogo como Carlito e Barriga passariam a figurar no Botafogo, jogando junto com *sportmen* de destaque como Menezes e Petiot - abrindo para o futebol carioca, em suas palavras, a “era da renovação de valores”, com a aceitação pelos clubes maiores dos jogadores de outros estratos sociais<sup>25</sup>.

Essa renovação seria, segundo ele, alimentada pelo “profissionalismo oculto”, que mantinha sob a aparência dos princípios amadores equipes constituídas em grande parte por jogadores remunerados. O processo era simples, sendo descrito ainda em seu princípio, em 1915, por um jornal carioca: atraindo para seus quadros um exímio jogador que “por achar-se desempregado, sem recurso e com dificuldade para colocar-

---

sociais concernentes ao ano de 1924, Rio de Janeiro: Papelaria Luiz Macedo e cia., 1925, pg 41; e Fluminense F.C. . Relatório dos trabalhos sociais concernentes ao ano de 1925, Rio de Janeiro: s/e, 1926, pg. 40.

<sup>24</sup> - Confederação Brasileira de Desportos. Relatório de 1926 a 1927 apresentado à assembléia geral em 15 de julho de 1927, Rio de Janeiro: Tip. Jornal do Comércio, 1927, pg. 35.

se, ele, em troca dos seus esforços, exige que lhe dêem uma módica quantia que especifica”, os clubes lhe arranjavam “um emprego qualquer (...) que só serve para constar, pois o ordenado estipulado sai, mas é dos cofres do club”<sup>26</sup>. Embora nos anos seguintes muitos sócios de clubes como o Botafogo mostrassem nas assembléias “sua discordância em o club estar fomentando o profissionalismo” aceitando a inscrição de jogadores nessas condições, eram logo convencidos com o argumento que esse seria um “mal geral de que nenhum club está isento e por consequência um mal necessário”<sup>27</sup>. Para os contemporâneos como um leitor que escreve em 1918 uma carta ao Correio da Manhã, parecia realmente um mal geral, estando todos - com a exceção dos clubes de honrados operários” como Bangu e Andaraí, cujos jogadores seriam mesmo trabalhadores das fábricas de tecido<sup>28</sup> - com “maior ou menor pedaço do rabo na ratoeira”.

Aumentando sua intensidade através dos anos, esse processo acabaria assim por criar, nesses clubes, uma nova classe de associados em “condições especiais”: os semi-profissionais, que chegaram a reunir-se em 1918 para cobrar do Botafogo a liberação da cobrança da mensalidade - o que foi temporariamente aceito pela diretoria sob o argumento de que faltaria “pouco tempo para terminar a temporada sportiva”, não convindo “tratar desse caso” naquele momento<sup>29</sup>. Embora seus diretores se mostrassem há tempos indignados com as acusações de outros clubes de que o Botafogo seria “composto de profissionais e outras afrontas semelhantes”, só em março de 1919 sua diretoria aprova uma proposta para que “não se aceite mais no nosso club jogadores especiais”<sup>30</sup>. Parecia no entanto ser tarde demais, já tendo se consolidado a presença dessa classe de jogadores em meio aos times que disputavam o campeonato - sendo a vitoriosa equipe do Vasco em 1923 o ponto alto da profissionalização disfarçado que continuaria a se intensificar nos anos seguintes.

---

<sup>25</sup> - Paulo Várzea, “Prefácio”, in Floriano Peixoto Corrêa, Grandezas e misérias do nosso futebol. Rio de Janeiro: Flores e Mano, 1933, pp 18-21.

<sup>26</sup> - “Foot-ball”, O Imparcial, 1 de fevereiro de 1915.

<sup>27</sup> - “Ata da sessão de 23 de julho de 1917”, Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 9.10.1916-20.09.1917.

<sup>28</sup> - “O que escreve um leitor sobre amadorismo”, Correio da Manhã, 22 de abril de 1918.

<sup>29</sup> - “Ata da sessão da diretoria de 9 de dezembro de 1918” e “Ata da sessão da diretoria de 23 de dezembro de 1918”, Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 15.07.1918-7.04.1919.

<sup>30</sup> - “Ata da sessão de 11 de maio de 1918”, Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 1.10.1917-8.7.1918 e “Ata da sessão de 6 de março de 1919”, Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 15.07.1918-7.04.1919.

As consequências desse movimento passariam a se mostrar, a partir de então, de forma ainda mais intensa. Embora o Vasco tenha sido punido pela sua ousadia, ficando de fora da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos fundada em 1924 pelos principais clubes da cidade em resposta à sua atitude vitoriosa<sup>31</sup>, a profissionalização dos jogadores de seus times continuaria a se fazer notar no seio da nova entidade – como mostrava a história de Floriano Peixoto Corrêa, destacado jogador do período que resolveu após o término de sua carreira escrever um livro para contar suas desventuras nos campos<sup>32</sup>. Apesar de se assemelhar fisicamente a qualquer dos jovens endinheirados que freqüentavam os grandes clubes da zona sul, ele era um homem de poucos recursos financeiros. Chegando em 1924 ao Rio por ter sido transferido pelo exército, no qual era praça, ele recebeu convite do Fluminense para jogar em seu time. Sendo soldado raso, no entanto, Floriano estaria impedido pelas regras da recém fundada Associação Metropolitana de figurar nos times a ela filiados, o que fez com que o clube o obrigasse a dar baixa e passasse a sustentá-lo<sup>33</sup>. Recebendo de diretores do clube tricolor “empréstimos” nunca pagos de somas vultuosas, além dos “bichos” por cada jogo do qual participasse, ele passava então a levar uma vida muito melhor do que antes. “Eu, que me destinava à carreira militar, recebia o título de Doutor da bola”, relembra ele, mostrando como a mudança era percebida por aqueles que a viviam como uma possibilidade concreta de ascensão social<sup>34</sup>. Ainda que os diretores do Fluminense se preocupassem em arranjar-lhe um emprego com o qual pudesse disfarçar sua condição de profissional da bola, Floriano era assim um dos muitos jogadores que, na década de 20, passavam a viver em função do futebol.

Assumindo um impulso que se fazia notar havia tempos entre os times de menor expressão, que apareciam desde o final da década de 10 como uma alternativa de ascensão social para os jogadores do subúrbio<sup>35</sup>, os grandes clubes iam abrindo-se, nos anos 20, para novos sujeitos. “Já não havia mais escrúpulo de bater os campos dos subúrbios, as barreiras e as várzeas”, lembrava Paulo Várzea, mostrando como os times de destaque da cidade passavam a incorporar em seus quadros jogadores que

---

<sup>31</sup> - Cf. Mário Filho, *op.cit.*, pg. 164.

<sup>32</sup> - Floriano Peixoto Corrêa, Grandezas e misérias do nosso futebol, *op.cit.* .

<sup>33</sup> - *Idem*, pg. 58.

<sup>34</sup> - *Idem*, pg. 64.



antes nem entrariam em suas sedes – na cristalização de um amadorismo disfarçado no qual muitos jogadores já se comportavam como profissionais<sup>36</sup>. Fazendo do futebol, mesmo entre os times de maior projeção, um jogo majoritariamente praticado por pobres, esse processo abriria novas possibilidades para jovens atletas que, até então, tinham nos clubes de subúrbio sua única possibilidade de sobrevivência.

Exemplar nesse sentido parecia ser a carreira esportiva de dois dos novos jogadores que, no princípio da década de 30, começavam a ganhar destaque nos campos cariocas: Domingos Antonio da Guia e Leônidas da Silva. Nascido em novembro de 1911 no distrito de Bangu em uma “família pobre”, Domingos parecia, como todos os jovens do bairro, ter na fábrica de tecidos local o seu destino. Antes de completar 18 anos, já era tecelão da Companhia Progresso Industrial do Brasil, trabalhando na sala de chita<sup>37</sup>. Desde muito jovem acostumara-se também a conviver com o futebol, não só nas freqüentes peladas que jogava no terreno próximo à igreja, mas também em casa, onde vivia com o irmão Luiz Antonio – o mesmo que, no início da década de 20, destacara-se como zagueiro do Bangu, não conseguindo porém a glória de figurar no selecionado brasileiro<sup>38</sup>. Sua atividade profissional na fábrica só se cruzaria porém com seu gosto pelo jogo da bola em 1929, quando Domingos, com apoio da Companhia, passava a jogar no segundo time do Bangu. Mostrando grande técnica, Domingos logo era chamado para o quadro principal do clube suburbano, no qual estreava no ano seguinte com uma vitória sobre o Flamengo. Daí em diante Domingos - que em depoimento prestado em 1967, explicava que seu “interesse pelo futebol em princípio foi a necessidade” – passava a receber diretamente de Guilherme da Silveira, o dono da Fábrica, o “bicho” pelas suas atuações, em valores que

---

<sup>35</sup> - Conferir capítulo 3.

<sup>36</sup> - Paulo Várzea. “Prefácio”, in Floriano Peixoto Corrêa, Grandezas e misérias do nosso futebol, op.cit., pg 21. Esse chamado “profissionalismo marrom” não era, porém, uma exclusividade brasileira, aparecendo naquele período mesmo em países da Europa como a França. Cf. Alfred Whal e Pierre Lanfranchi, Les footballeurs professionnels des années trente à nos jours, Paris: Hachette, 1995, pp. 33-41.

<sup>37</sup> Cf. Depoimento de Domingos da Guia ao Museu da Imagem e do Som – MIS/RJ, 1.09.1967.

<sup>38</sup> - Relembrando no depoimento prestado em 1967 as qualidades técnicas do irmão, Domingos dizia ser o irmão um “craque que infelizmente não teve chance de aparecer”. Conferir ainda, sobre a exclusão de Luiz Antonio do selecionado brasileiro, o capítulo 2.

variavam entre 500 e 1000 réis<sup>39</sup> - tornando-se assim, apesar da pele negra, mais um dos jogadores que passavam a fazer do futebol a sua profissão.

Parecida com a de Domingos era a história de Leônidas, outro jogador negro que tentava se profissionalizar no esporte. Com um ano a menos do que o zagueiro do Bangu, ele começara também a praticar pelas ruas o futebol - fazendo da Ponte dos Marinheiros, próxima à Cidade Nova, o seu campo. Pouco depois, aos doze anos, ingressava no time de escoteiros do São Cristóvão. “Já a pelota era uma das minhas paixões e o grande ideal que me animava era o de me converter em um completo *crack*”, lembraria o jogador em uma entrevista ao ainda jovem Mário Filho no momento em que começava a chamar a atenção dos jornais cariocas. Um desentendimento entre seu pai e alguns diretores do São Cristóvão fez com que, no ano seguinte, Leônidas fosse jogar em um pequeno clube da Saúde, na região portuária – logo começando a se destacar entre os muitos negros que ali jogavam. O talento esportivo faria, a partir de então, com que Leônidas mudasse outras vezes de time, perambulando entre os clubes pequenos da cidade em busca de uma remuneração condigna ao seu talento<sup>40</sup>. Isso faria com que em março de 1931, enquanto Domingos começava a exhibir sua técnica no time principal do Bangu, Leônidas se transferisse do Sírrio para o Bonsucesso – clube que já fazia parte da primeira divisão da Associação Metropolitana<sup>41</sup>.

Leônidas e Domingos não eram casos isolados. Como eles, inúmeros outros jogadores negros iam conseguindo firmar-se em alguns dos principais times da cidade. Dentre eles o mais célebre parecia ser Fausto, que jogando naquele ano no Vasco já era conhecido como a “Maravilha Negra”<sup>42</sup>. Um outro irmão de Domingos, Ladislau, aparecia em 1931 com ele entre os titulares do time principal do Bangu – em um caminho semelhante àquele que seria tomado depois por Médio, mais um de seus manos<sup>43</sup>. No Vasco, Bonsucesso e São Cristóvão apareciam no mesmo ano

---

<sup>39</sup> - Lembrando o período, Domingos afirmou já ser um consenso então que “o jogador de futebol se fazia na vida financeiramente”. Cf. Depoimento de Domingos da Guia ao Museu da Imagem e do Som – MIS/RJ, 1.09.1967. Ver ainda, sobre o valor dos bichos, a entrevista concedida em 15 de janeiro de 1995 pelo jogador ao jornal *Folha de São Paulo*, intitulada “Domingos da Guia afirma que nos anos 30 nem Pelé jogaria nos clubes mais ricos”.

<sup>40</sup> - “Leônidas conta a sua vida nas canchas de foot-ball”, *O Globo*, 17 de setembro de 1931.

<sup>41</sup> - Cf. “Últimas notas sportivas”, *O Globo*, 16 de março de 1931.

<sup>42</sup> - “As maravilhas do Vasco”, *Jornal dos sports*, 23 de agosto de 1931.

<sup>43</sup> - “O Globo nos esportes”, *O Globo*, 28 de março de 1931. Ver ainda Cf. Depoimento de Domingos da Guia ao Museu da Imagem e do Som, op.cit. .

jogadores que adotavam a alcunha de Gradin – em uma sugestiva homenagem ao “*forward* cor de azeviche” da seleção uruguaia que fizera fama nos campos cariocas anos antes durante a disputa do sul-americano de 1919<sup>44</sup>. Tirando do futebol o seu sustento esses jogadores atestavam, com o destaque que adquiriam através de sua participação nos times da Associação Metropolitana, que muita coisa estava mudando no cenário esportivo da cidade. Transformado em alternativa de sustento para trabalhadores como eles, os times grandes aproximavam-se de uma lógica que já era adotada pelos pequenos clubes dos subúrbios - fazendo com que se tocassem de forma ainda mais clara os dois mundos distintos nos quais se desenvolvera até então o futebol carioca<sup>45</sup>.

Mais do que simples coadjuvantes, esses jogadores passariam a partir de então a representar um papel de crescente importância nos campos cariocas. Disputando as partidas do campeonato por seus times, recebiam da imprensa os maiores elogios, sendo Domingos descrito sempre como o “excelente full-back do Bangu” enquanto Leônidas era frequentemente escolhido como “o melhor homem em campo” nas partidas do Bonsucesso.<sup>46</sup> Já em 1931 o zagueiro do Bangu aparecia ao lado de seu irmão Ladislau no selecionado carioca que enfrentava o time uruguaio do Sul-América – sendo em poucos jogos definido pelos jornais como o melhor dos defensores do Rio<sup>47</sup>. Fausto, por sua vez, era descrito pela imprensa como o “eixo do selecionado carioca”, com alguns de seus adversários nos campos reconhecendo ser ele “o melhor *half* da América do Sul” - ganhando uma importância nunca antes atribuída a jogadores como ele<sup>48</sup>. Jaguarão, outro dos atletas negros do Bangu que chegavam ao selecionado da cidade, comemorava. -“Somos do subúrbio mas damos na bola”, declarava ele aos jornais, orgulhoso pelo destaque que alcançava apesar da má atuação naquele dia no treino do *scratch* por ter esquecido sua chuteira<sup>49</sup>.

---

<sup>44</sup> - Cf. O Globo, “O Globo nos sports”, 26 de março de 1931. Segundo um cronista, “qualquer mulatinho rosado que aparece em *teams* suburbanos, e que tem a felicidade de saber fazer algumas piruetas é logo cognominado de Gradin”. “Gradins à beça...”, Jornal dos sports, 25 de julho de 1931. Sobre o destaque de Gradin naquele campeonato, ver capítulo 2.

<sup>45</sup> - Sobre o surgimento da possibilidade de fazer do futebol um meio de ascensão social para os jogadores suburbanos, ver capítulo 3.

<sup>46</sup> - Conferir, por exemplo, “O Globo nos sports”, O Globo, 23 de abril de 1931.

<sup>47</sup> - “O Globo nos sports”, O Globo, 16 de março de 1931 e 7 de abril de 1931.

<sup>48</sup> - “O Globo nos sports”, O Globo, 6 de abril de 1931 e 30 de maio de 1931.

<sup>49</sup> - “Jaguarão treinou mal”, O Globo, 19 de junho de 1931.

Se menos de dez anos antes atletas como Luiz Antonio pareciam ter na cor de sua pele o limite para o seu crescimento esportivo, a geração de seu irmão experimentaria na década de 30 uma situação bem diferente. As qualidades técnicas de jogadores como Domingos e Leônidas, mais do que reconhecidas pela imprensa, passavam a ter nela uma intransigente defensora. Domingos, com suas atuações “não raro magistrais”<sup>50</sup>, era saudado como o precursor de uma nova forma de atuação para os zagueiros, explicada pelo técnico carioca Luiz Vinhaes no momento da escolha do selecionado carioca que disputaria o campeonato brasileiro daquele ano:

“Domingos não é um back rebatedor. É um homem que trava a bola e procura entregá-la em boas condições ao companheiro. Jogador que trabalha com o cérebro (...)”<sup>51</sup>.

Mais do que o vigor físico, era a inteligência do zagueiro do Bangu que garantia seu prestígio, em uma caracterização pouco usual para ser aplicada a jogadores negros como ele. Do mesmo modo, a escolha de Leônidas – que segundo alguns dos jogadores já consagrados do período tinha “grandes qualidades de *crack*” - era considerada “justíssima” pelos redatores esportivos, dada a “forma brilhante” como ele vinha se apresentando nos gramados cariocas<sup>52</sup>. Não parecia estranho, por isso, que o próprio Leônidas cobrasse a inclusão no selecionado carioca de outros jogadores negros como Fausto e Jaguarão, tidos por ele como os melhores da cidade<sup>53</sup>. Superadas as resistências que afastavam os afro-descendentes dos selecionados formados na cidade, obtinham assim uma projeção nunca alcançada por negros como eles.

Um redator, em particular, mostrava ter sobre esses jogadores uma opinião especialmente simpática. Jovem jornalista que em 1931 tomara conta das páginas do jornal O Globo após este passar para o controle de Roberto Marinho, Mário Filho tornava-se responsável por uma parte da seção esportiva do jornal, dinamizando-a com longas entrevistas e reportagens<sup>54</sup>. Além de Domingos, já um consenso entre

<sup>50</sup> - “Três vezes balançaram as redes do Sirio e as de Zezé uma só vez”, O Globo, 17 de julho de 1931.

<sup>51</sup> - “A comissão explica porque escalou certos elementos”, O Globo, 24 de junho de 1931.

<sup>52</sup> - “O trio atacante carioca”, O Globo, 24 de julho de 1931, e “Eu colocaria o mesmo scratch que venceu a Bahia contra os paulistas”, O Globo, 21 de agosto de 1931.

<sup>53</sup> - “Quando o Vasco chegar, que modificações se farão no scratch?”, O Globo, 30 de julho de 1931.

<sup>54</sup> - Sobre Mário Filho, ver José Sérgio Leite Lopes, “A vitória do futebol que incorporou a pelada”, Revista USP, no. 22, junho-julho-agosto de 1994, pp 64 – 83; e José Sérgio Leite Lopes e Jean-Pierre Faguer, “L’invention du style brésilien”, Actes de la recherche no. 103, juin 1994, pp. 27-35

jornalistas de diferentes folhas, sua atenção recaía primordialmente sobre o jovem Leônidas, considerado por ele como “a última revelação do *foot-ball* carioca”<sup>55</sup>. Sua admiração pelo jogador se tornaria clara quando, após uma vitória carioca sobre o selecionado baiano, cogitou-se o afastamento de Leônidas e outros jogadores do time do Rio para o jogo final contra os paulistas. O problema ligava-se, para o técnico carioca, à viagem de Domingos e Leônidas (entre outros jogadores) para São Paulo, onde disputaram uma partida de jogadores negros contra brancos<sup>56</sup>. O fato desagradou Luiz Vinhas, que reclama da ausência de tais jogadores em um dos treinos preparatórios da seleção carioca. Embora não tivesse maiores conseqüências para Domingos, cuja boa fama já garantia sua escalação, o fato acaba levando o técnico a excluir Leônidas do time, no que seria para o redator esportivo de O Globo uma das “grandes injustiças” por ele praticada<sup>57</sup>.

Indignado com a exclusão do craque, Mário Filho volta repetidamente ao tema na seção esportiva por ele comandada, entrevistando os responsáveis pela decisão e explicitando sua posição<sup>58</sup>. Assistindo ao lado do caricaturista Nássara e de outro jornalista um treino do selecionado carioca no qual os reservas, comandados por Leônidas, venciam os titulares por 4 a 1, ele não se preocupava sequer em disfarçar sua aberta torcida pelo jogador do Bonsucesso, reproduzindo no jornal os gritos dos companheiros ao técnicos pedindo sua presença no time principal. “- Vocês são uns técnicos da África”, teria respondido de maneira irritada Luiz Vinhaes, explicitando com sua referência preconceituosa o sentido abertamente racial da preferência dos jornalistas. O mesmo motivo que, por décadas, impedira a presença no selecionados de jogadores como Luiz Antonio, era então apontado como a causa principal da preferência de uma parcela da imprensa por determinados jogadores<sup>59</sup>.

<sup>55</sup> - “Um quarto de hora de palestra com Leônidas – a última revelação do *footbal* carioca”, O Globo, 11 de agosto de 1931.

<sup>56</sup> - Cf. “Os cracks cariocas e paulistas jogarão amanhã em S. Paulo”, O Globo, 18 de agosto de 1931.

<sup>57</sup> - “- Eu não acredito que Leônidas e Domingos tenham ido a São paulo”, dizia Luiz Vinhas para a reportagem de O Globo enquanto aguardava a chegada de ambos ao treino. Cf. “Grandes injustiças se praticam na escalação do *scratch* carioca”, O Globo, 20 de agosto de 1931.

<sup>58</sup> - Conferir, por exemplo, “Como a comissão explica a escalação de novos elementos”, O Globo, 22 de agosto de 1931.

<sup>59</sup> - “A torcida de Leônidas”, O Globo, 27 de agosto de 1931.

A justificativa para essa preferência seria dada por Mário Filho muitos anos depois, quando ele dedicou-se a recontar a história da presença negra no futebol brasileiro. Relembrando o episódio, explica em um tom quase casual:

“Leônidas fazia coisas que nenhum outro jogador fazia. Nem Nilo. Nilo ficava esperando que lhe dessem a bola para marcar um gol, Leônidas, não, sempre atrás da bola, correndo, sem parar, molhando a camisa, se matando em campo. E inventava jogadas. De repente plantava uma bananeira e, assim mesmo, de cabeça para baixo, prendia a bola entre os pés, depois dava um salto mortal. Um espetáculo”<sup>60</sup>.

Comparando as características de Leônidas com a do branco e apolíneo Nilo, jogador que entrara no selecionado em seu lugar, Mário Filho não escondia os motivos de sua preferência pelo primeiro: além do maior esforço dentro de campo, que o diferenciava de *sportmen* menos propensos à atividade física como Nilo, parecia haver algo de novo na forma como jogadores como ele praticavam futebol. Descrevendo Leônidas em campo “sacudindo os braços, como um macaco”, Mário Filho ia formando sobre ele uma imagem que tinha por base características tidas como imanentes aos jogadores negros, como a ginga que lhes permitia fazer suas “macaquices” – em um termo que, explicitando o preconceito que ainda se escondia por trás de sua admiração, evidenciava o caráter quase natural atribuído ao seu talento<sup>61</sup>. Mais do que permitida, a presença desse jogadores no selecionado parecia agora desejada, a partir de um tipo de visão que fazia deles os portadores de um jeito especial de jogar que os diferenciava dos atletas brancos que até então representaram a cidade e o país.

A campanha de Mário Filho e de seus companheiros não parecia, à princípio, ter surtido maiores resultados. Poucos dias depois, sob o comando do técnico carioca, era organizado o selecionado nacional que enfrentaria o Uruguai pela Copa Rio Branco, em jogo a ser disputado no Rio de Janeiro. Apesar de toda a pressão, Leônidas ficou mesmo na reserva, não chegando a entrar em campo. Domingos, porém, já tinha garantida sua posição de titular, estreando no selecionado nacional

<sup>60</sup> - Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*, Rio de Janeiro: Forno, 1994 (1947), pp.249-250.

<sup>61</sup> - Não parecia um acaso que, no mesmo ano, Mário Filho promovesse na seção esportiva por ele comandada sucessivos duelos de capoeira contra o jiu-jitsu, na infrutífera tentativa de valorização da luta tida como nacional – constantemente superada, nesses encontros, pelos lutadores adversários. Conferir, por exemplo, “A capoeira caiu vencida no segundo assalto pelo jogador de jiu-jitsu”, *O Globo*, 6 de novembro de 1931. No mesmo ano, o jornal *O Mundo Sportivo*, fundado pelo jornalista, começava a promover durante o carnaval concursos para a escolha da melhor escola de samba. Cf. J. Sérgio Leite Lopes e Jean-Pierre Faguer, op.cit, pg. 31.

como o único negro da equipe<sup>62</sup>. Sua atuação segura e cheia de técnica, e seus dribles certos e desconcertantes, eram para grande parte da torcida motivo de surpresa e delírio. “- Eu vou mandar dourar esse crioulo”, gritava um torcedor das arquibancadas, tentando esconder o tom de sua pele sob o brilhantismo de sua atuação<sup>63</sup>. Vencidos os campeões mundiais uruguaios por 2 a 0, Domingos tornava-se um dos maiores jogadores em campo, sendo “louvado por todos” por sua atuação “magnífica”<sup>64</sup>.

Leônidas, por sua vez, continuava na reserva do selecionado carioca após o recomeço do campeonato brasileiro. Em um dos treinos preparatórios para o jogo final contra os paulistas, no entanto, um golpe de sorte acaba por lhe proporcionar a oportunidade esperada: Nilo, o titular de sua posição, saía de campo machucado após um choque com o zagueiro reserva, abrindo uma vaga no time principal. Sua atuação no treino teria sido então, segundo o jornal comandado por Mário Filho, “admirável” – destacando-se mais uma vez a sua “agilidade de pernas e de inteligência” e seu “jogo todo especial, estonteante”<sup>65</sup>. E, em campo, ele parece ter confirmado a avaliação do jornalista que o considerava um jogador especial. Tendo grande atuação na vitória por 3 a 0 do time do Rio sobre o de São Paulo, além de fazer dois gols ele “produziu um jogo notável, mostrando ser um jogador de classe” – sendo “carregado em triunfo” pela torcida ao término da partida<sup>66</sup>. Para Mário Filho, parecia ser a prova definitiva do seu valor técnico. “Leônidas provou que é um *crack*”, assegurava ele pelas páginas de O Globo, respondendo à dúvida que dizia ainda existir sobre o seu valor esportivo<sup>67</sup>.

Tanto sucesso faria com que logo esses jogadores deixassem de ser simples atletas para tornarem-se grandes astros do cenário esportivo da cidade. De grande valia, nesse processo, era a crescente indústria que se articulava em torno do jogo, que ajudava a dar um prestígio ainda maior aos ídolos esportivos. Desde a década de 20 a grande difusão do futebol já fazia dele um tema constante das concorridas montagens

---

<sup>62</sup> - Cf. O Globo, 7 de setembro de 1931; e “Domingos, o formidável back do Vasco”, depoimento prestado poucos anos depois por Domingos à revista O Malho de 14 de junho de 1934.

<sup>63</sup> - “Aquele dribbling de Domingos”, O Globo, 7 de setembro de 1931.

<sup>64</sup> - “Domingos, a grande barreira dos nossos, fala dos seus adversários”, O Globo, 9 de setembro de 1931.

<sup>65</sup> - “Tenho um bom substituto”, O Globo, 11 de setembro de 1931.

<sup>66</sup> - “Abatendo os paulistas os cariocas levantaram o campeonato brasileiro de foot-ball”, O Globo, 14 de setembro de 1931.

<sup>67</sup> - “Leônidas fala da grande vitória carioca”, O Globo, 14 de setembro de 1931.

do teatro de revista – fosse em peças que como a “Fla-Flu!...”, representada em 1926 no Teatro Glória, que faziam dele um simples chamariz para a sátira de costumes habitualmente representada nesses espetáculos ou em outras como “As torcedoras”, representada no ano seguinte, nas quais o jogo assumia um papel central no próprio enredo da peça<sup>68</sup>. O advento do rádio, porém, lhe conferia uma força ainda maior. Agregando aos jogos da época, segundo um contemporâneo, “uma vibração que eles jamais tiveram”, as transmissões que se iniciavam nos últimos anos da década de 20 levavam o interesse do jogo a grupos antes distantes do esporte<sup>69</sup>. Atraindo para o esporte, segundo um de seus entusiastas, “gente que, por diversas razões, não pode ir aos campos e que não iria mesmo”, o rádio seria assim um poderoso “instrumento de propaganda” do futebol<sup>70</sup>. Não era de se estranhar que, segundo uma publicação oficial de 1931, a imprensa esportiva tivesse sido a que maior crescimento alcançara nos anos anteriores, saltando de 5 jornais em 1912 para 58 em 1930 – em um crescimento que, chegando aos 1.060%, era muito maior do que aquele verificado pelos jornais noticiosos de forma geral, que fôra de apenas 72,2%<sup>71</sup>. Surgiam nesse movimento folhas diárias dedicadas ao futebol como o Rio Sportivo, fundado em 1926, o Jornal dos sports e o Mundo Sportivo, criado em 1931 pelo próprio Mário Filho<sup>72</sup>. Consolidando uma sólida indústria em torno do jogo, esse movimento elevaria jogadores como Leônidas e Domingos da condição de ídolos do esporte a de grandes personalidades nacionais, assegurando seu destaque.

---

<sup>68</sup> - Conferir Bittencourt e menezes, “Fla-Flu!...”, Arquivo nacional, Secretaria de Polícia do Distrito Federal, Censura teatral, caixa 36, doc. 755; e Luiz Iglésias e B. Paradella, “As torcedoras”, Arquivo nacional, Secretaria de Polícia do Distrito Federal, Censura teatral, caixa 45, doc. 1044. Essa peça ganharia, em 1928, nova montagem, intitulada “América versus Fluminense”. Ver Gino Roma, “América versus Fluminense”, Arquivo nacional, Secretaria de Polícia do Distrito Federal, Censura teatral, caixa 57, doc. 1335. Ver ainda da mesma série, sobre o aproveitamento da temática do futebol no teatro, Cyro Ribeiro, “No mundo sportivo”, caixa 62, doc. 755 (1929).

<sup>69</sup> - Décio de Almeida Prado, op.cit., pg 204. O início da influência das transmissões é atestado por Gino Roma, na peça “América versus Fluminense”, op.cit. – que, representada em 1928, mostrava já o grande interesse despertado pela “irradiação” dos jogos.

<sup>70</sup> - “Reparo do dia”, O Globo, 21 de abril de 1931. A princípio, muitos dirigentes esportivos se mostraram contrários às irradiações, temendo prejuízos financeiros causados pela possível diminuição do público. Seus defensores, porém, afirmavam que elas iriam atrair “novas massas de assistentes às lutas anunciadas” – o que parece ter sido confirmado pelo aumento progressivo do interesse pelo jogo nos anos seguintes. Cf. “O globo nos sports”, O Globo, 24 de abril de 1931; “Reparo do dia”, O Globo, 29 de abril de 1931; e “Uma vez por semana”, F.F.C., 13 de dezembro de 1931.

<sup>71</sup> - Brazil of today – 1931, Rio de Janeiro, Ministry of Labor, Industry and Commerce, 1931.

<sup>72</sup> - Cf. Rio sportivo, 21 de junho de 1926; Jornal dos sports, 15 de março de 1931; e “Mundo sportivo”, O Globo, 27 de novembro de 1931.



Mais do que prestígio, porém, a situação levaria jogadores como Leônidas e Domingos à possibilidade de desfrutar de grandes vantagens financeiras, que já não se limitariam à simples possibilidade de tirar do futebol sua sobrevivência. Isso ficava claro ainda em 1931, durante uma excursão do Vasco à Europa. Mostrando nos campos do velho continente seu valor esportivo, Fausto, o “Maravilha Negra”, acaba junto com outros de seus companheiros seduzido por um contrato milionário que lhe é oferecido pelo Barcelona, abandonando a delegação brasileira para apresentarem-se ao clube espanhol. Conseguiram com isso, segundo um dos dirigentes da delegação vascaína, “assegurar a sua vida, garantir o seu futuro”, tornando-se profissionais da bola<sup>73</sup>. “- Passamos fome vestidos com o traje da fama”, declarava o próprio Fausto ao explicar ao repórter d’O Globo que, em Barcelona, receberia uma quantia que no Brasil “seria o produto de dez anos de trabalho ininterrupto, de incessante e infernal luta contra a vida”<sup>74</sup>. Ex-operário da fábrica de Bangu, como Domingos, Fausto conseguia então do futebol aquilo que, de outra maneira, nunca conseguiria, evidenciando a existência de uma possibilidade concreta de ascensão social para os jogadores<sup>75</sup>.

A atitude de Fausto despertou entre os jogadores cariocas um grande interesse. Um repórter flagrou uma conversa entre Domingos, Zezé e Jaguarão – dois outros desportistas negros de destaque do Bangu – sobre a transferência do “Maravilha Negra” para a Espanha. Falava-se da sorte do clube suburbano por não ter Domingos viajado com o time vascaíno, como fôra aventado – pois esse fatalmente, segundo seus companheiros, sucumbiria frente a uma proposta como aquela recebida por Fausto. “- Nada disso... Eu voltaria, sim”, defendeu-se Domingos frente à “incrédulidade geral”. “- Você voltaria, ô Domingos, com uma proposta daquelas? Há alguém, ô Domingos, que resista a uma cantata tão harmoniosamente entoada”? A resposta parecia evidente, e o próprio zagueiro do Bangu acabava reconhecendo que, frente a uma oferta como aquela recebida por Fausto, acabaria “não voltando”<sup>76</sup>.

<sup>73</sup> - “Fausto, Jaguaré e Fernando ficarão na Europa”, O Globo, 3 de agosto de 1931; e “Fausto e Jaguaré choraram quando se despediram dos companheiros”, O Globo, 17 de agosto de 1931.

<sup>74</sup> - “Fausto concede ao Globo uma sensacional entrevista”, O Globo, 27 de setembro de 1931. Fausto recusava, porém, as ofertas para naturalizar-se espanhol, afirmando de próprio punho em bilhete transcrito no jornal que seria “sempre digno de minha pátria”.

<sup>75</sup> - Sobre Fausto, ver ainda Robert Levine, “Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro”, in José Carlos Sebe Meihy e José S. Witter (orgs.), Futebol e Cultura. Coletânea de estudos, op.cit, pg. 33.

<sup>76</sup> - “Se Domingos tivesse ido com o Vasco”, O Globo, 7 de agosto de 1931.

Ainda que no dia seguinte ele se apressasse em desmentir para outro jornal a possibilidade de deixar o Bangu, afirmando ser “contra o profissionalismo que destrói o sentimento familiar e o patriotismo dos homens”<sup>77</sup>, ele colocava-se pela primeira vez frente à possibilidade de alcançar através do futebol uma condição de vida com a qual nunca sonhara. Parecia naquele momento tomar consciência das possibilidades que o jogo lhe oferecia, deixando de lado as convicções amadorísticas que ainda pudesse carregar para colocar-se como um profissional em busca de reconhecimento e remuneração condizentes com a fama que ia adquirindo.

Explicitada em um momento no qual o profissionalismo ainda não havia sido legalizado, a posição de Domingos seria, para muitos, uma mostra inequívoca da falta de caráter de alguns dos novos jogadores. Verdadeiros *sportman* como Oscar Cox, o festejado introdutor do futebol na cidade, brigaram até a morte contra o “profissionalismo mascarado” que ia tomando conta do futebol na cidade<sup>78</sup>. Antigos adeptos do amadorismo como Marcos de Mendonça, que anos antes largara os campos aos primeiros sinais do “profissionalismo marrom”, afirmavam em 1932 ser esse processo “resultante da substituição gradativa dos princípios idealistas pelos utilitaristas entre as classes moças” uma “desgraçada avalanche que ameaça os alicerces morais de todas as organizações esportivas do mundo” – clamando pela volta “à época em que o esporte era praticado a bem do corpo e do espírito”, e não em troca de alguns milhares de réis<sup>79</sup>. Domingos, porém, já não parecia ter a mesma opinião. Perguntado à respeito pela reportagem do Jornal dos sports poucos meses depois de ter declarado sua posição contrária ao regime profissional, ele afirmava ser este “uma necessidade inadiável para o progresso do nosso *foot-ball* e a honestidade dos nossos rapazes”. Chega mesmo a afirmar que não se envergonharia em ser profissional, confessando estar disposto “a sair da própria terra natal, para jogar *foot-ball* com remuneração, caso encontre boas vantagens”<sup>80</sup>.

À princípio, pelo menos, Domingos não chegaria tão longe. Resolvido a profissionalizar-se, foi nos grandes clubes da cidade que o jogador, em um primeiro momento, buscou abrigo. Ainda nos primeiros dias de 1932 começavam a surgir

<sup>77</sup> - “Agora somos do Vasco!...”, Jornal dos sports, 8 de agosto de 1931.

<sup>78</sup> - “Reparo do dia”, 16 de outubro de 1931.

<sup>79</sup> - Marcos de Mendonça, “Amadorismo”, F.F.C., 31 de julho de 1932. Sobre Marcos Mendonça, ver o capítulo 2.

boatos sobre a transferência dele e de Leônidas para o América – onde certamente obteriam vantagens muito maiores do que aquelas alcançadas em seus respectivos clubes. Ambos chegam mesmo a assinar o pedido de inscrição no club, exibido desafiadoramente por um de seus diretores, mas acabam desistindo de ingressar em seus quadros<sup>81</sup>. Os motivos da desistência, para grande parte da imprensa, pareciam claros. Embora o próprio Domingos tenha ido aos jornais explicar ter desistido da transferência para não desagradar seus irmãos, fiéis à equipe do Bangu - afirmando não ter recebido do clube “coisa alguma que pudesse importar em desabono” ao seu caráter – sua atitude era interpretada como a busca de vantagens financeiras ainda maiores em outra equipe<sup>82</sup>. Confirmando tais suspeitas, poucos dias depois Domingos assinava sua ficha de inscrição no Vasco, acabando por ser eliminado do Bangu sob a acusação de estar pleiteando o ingresso em outros clubes<sup>83</sup>. Mesmo estando sujeito às regras do amadorismo, que o obrigariam a jogar por um ano inteiro no segundo time do clube da cruz de malta<sup>84</sup>, o zagueiro suburbano conseguia, junto com outros jogadores negros como ele, um retorno financeiro à altura do prestígio que ia acumulando nos campos.

O caso de Leônidas evidenciaria, entretanto, que apesar do sucesso que jogadores como ele alcançavam nos campos e do apoio de parte considerável da imprensa esportiva, eles ainda estavam longe de vencer a discriminação e o preconceito. Negando a possibilidade de vir a defender as cores do América ao jornal *O Globo*, ele afirmava que a confusão era causada pelo fato dele trabalhar na Mayrink Veiga, uma firma habitualmente usada pelo clube para camuflar o profissionalismo de seus jogadores. No seu caso, entretanto, ele garantia não ter sido o *foot-ball* que lhe arranjava o emprego. Frente à descrença do próprio repórter, Leônidas marcava de maneira ainda mais firme sua posição. Depois de alguma

---

<sup>80</sup> - “Não me envergonharei de ser profissional”, *Jornal dos sports*, 3 de outubro de 1931.

<sup>81</sup> - “Uma história curiosa que Armando Martins contou na presença de vários diretores da entidade carioca”, *Jornal dos sports*, 1 de janeiro de 1932. Pouco antes, um boato dava conta da possível transferência de Leônidas para o Barcelona – o que é desmentido pelo mesmo de próprio punho. “O autógrafo de Leônidas”, *O Globo*, 5 de dezembro de 1931.

<sup>82</sup> - “Pedi ao América a devolução do meu boletim de inscrição para não desagradar meus irmãos”, *Jornal dos sports*, 3 de janeiro de 1932.

<sup>83</sup> - “Domingos é de circo!”, *Jornal dos sports*, 7 de janeiro de 1931; e “Modificou-se a situação de Domingos”, *Jornal dos sports*, 20 de janeiro de 1932.

<sup>84</sup> - “Domingos inscrito pelo Vasco!”, *Jornal dos sports*, 3 de março de 1932.

hesitação, ele acaba contando ao repórter os motivos de sua recusa em vestir a camisa rubra do time da rua Campos Salles:

“ – (...) Continuo no Bomsucesso. No aniversário do clube, Gentil fez-me um discurso. Ele tem uma mágoa com o América. Porque o América fez o Manteiga dar baixa na marinha e, depois... Agora Manteiga passa os dias bebendo, na Bahia. Não vale mais nada como jogador de futebol e esquece as suas mágoas no álcool. Por isso Gentil guarda um ressentimento do América. Ele perguntou-me qual o jogador de cor que, vindo de fora, brilhasse no América. E citou-me o triste exemplo de Manteiga. O exemplo de Telê, *crack* no Andaraí que não apareceu vestindo a camisa rubra. Outro exemplo: o de Almeida, magnífico atavante no Sírio, desapareceu no América. E é sempre assim. Se eu fosse, poderia suceder-me o mesmo (...). E, para deixar de brilhar, não vale a pena abandonar um club pequeno, que precisa de nós, para perder-se num club grande, onde sempre seremos um estranho e teremos que criar um ambiente simpático que pode não vir”<sup>85</sup>.

Relatada por Gentil Cardoso, um negro como ele que dirigia então o Bomsucesso, a história de Manteiga aparecia-lhe como um aviso. Embora o problema estivesse longe de ser uma particularidade do América, ocorrendo de forma similar na maior parte dos outros clubes de maior prestígio, ele mostrava o tipo de adversidade que, apesar de todo sucesso que jogadores negros iam experimentando nos campos, ainda marcava suas relações com os clubes principais da cidade. Ao mesmo tempo que seu depoimento reforçava a progressiva aceitação de jogadores como Manteiga, Telê e Almeida nesses times, explicitava também os problemas que seriam enfrentados por eles. Evidenciava assim que a sua simples presença nos clubes de maior projeção estava longe de constituir alguma prova do desaparecimento dos preconceitos e de discriminações raciais – servindo, antes, para deixar o problema aparecer de forma ainda mais explícita. É o que explicava Leônidas na continuação do seu depoimento:

“O elemento de cor que entra num grande club nunca é bem recebido. O único club grande que recebe com simpatia esses elementos é o Vasco. (...) Mas, nos outros grandes *teams*, o elemento negro não muda de cor. É um negro... Portanto, é melhor ficar onde se é cercado de consideração. E é por isso que eu ficarei no Bomsucesso”.

Excluindo de sua análise o Vasco, cujos sócios pareciam desde 1923 dissociar mais claramente a equipe representativa do clube de seu quadro de associados, Leônidas afirmava algo que não parecia, para seus contemporâneos, uma grande novidade: por mais que já se fizessem muitas vezes presentes nos times dos principais clubes da cidade, os jogadores negros teriam no tom de sua pele uma marca da qual não

conseguiriam se livrar tão facilmente, sofrendo em nome dela discriminações de toda a espécie. Tentando evitar tal tipo de problema, ele acaba assim por recusar a transferência para o América<sup>86</sup>.

A atitude não o livraria porém da ira daqueles que se sentiram atingidos por suas declarações. Poucos dias após a publicação de seu depoimento apareciam nos jornais iradas repostas de jogadores e sócios do América negando a suposta miséria de Manteiga, ao mesmo tempo em que atacavam Leônidas duvidando do seu sentimento amadorístico em relação ao Bomsucesso<sup>87</sup>. Por mais que de fato o clube, apesar da presença em seu time de jogadores negros, vivesse naqueles meses episódios que pareciam confirmar as declarações de Leônidas – como a recusa de seus jogadores em aceitar a possível inclusão de Domingos no time, vendo nele “um intruso, um suspeito por motivos vários, que se imiscuiria em seu convívio”<sup>88</sup> – as acusações do jogador do Bomsucesso teriam para ele graves conseqüências. Essas se manifestariam de forma mais intensa em março de 1932, quando se iniciavam os treinamentos do selecionado carioca para o campeonato brasileiro. Obedecendo a “um pacto feito, para o qual lhes dera força a comissão de *foot-ball* do América”, os jogadores desse clube recusavam-se a atuar no time ao lado de Leônidas<sup>89</sup>. Tendo o América vários dos jogadores que formariam o quadro principal, a exigência acabou sendo aceita pelo técnico Welfare, que o manteve na reserva junto com outros jogadores negros como Sá Pinto, Gradin e o próprio Domingos.

Por mais que tenha se destacado nos treinamentos realizados no time reserva, Leônidas acabaria porém cortado do selecionado carioca. Ainda que fosse evidente o

<sup>85</sup> - “Eu não irei para o América”, *O Globo*, 17 de outubro de 1931.

<sup>86</sup> - A vivência comum do preconceito relatado por Leônidas servia para os jogadores negros como um fator de aproximação e identidade. Quando saía do Vasco em fins de 1931, Fausto fez questão de eleger Oscarino, negro como ele, seu sucessor – para que, nas suas palavras, os torcedores do time da cruz de malta não acabassem por “mudar a cor da sua ‘maravilha’”. “- Faz com que a mesma fique sempre negra, mantendo, dessa forma, as tradições”, afirmara Fausto, enquanto Oscarino pedia que ele afirmasse na Europa “a pujança da raça”. Do mesmo modo o próprio Leônidas, dois meses depois, afirmara não ver problema em figurar na reserva do Bomsucesso para que pudesse aparecer no quadro principal um “magnífico” jogador negro que aparecera no segundo time – ajudando seu companheiro a se firmar profissionalmente no esporte. Cf. “As maravilhas do Vasco”, *Jornal dos sports*, 23 de agosto de 1931; e “Leônidas faz questão de não ser importante”, *Jornal dos sports*, 30 de outubro de 1931.

<sup>87</sup> - “Manteiga não está na miséria. É funcionário da alfândega da Bahia”, *O Globo*, 20 de outubro de 1931; e “O América não escorraça jogadores”, *O Globo*, 23 de outubro de 1931.

<sup>88</sup> - “Se Domingos ficasse no América, haveria uma dissidência”, *O Globo*, 2 de janeiro de 1932.

<sup>89</sup> - “Com Leônidas, nunca!”, *Jornal dos sports*, 18 de março de 1932. Sendo alguns dos jogadores envolvidos nessa negativa tão negros quanto Leônidas, a atitude parecia responder a uma determinação da própria diretoria do América, sendo justificada por um membro da comissão técnica do clube.

motivo da recusa dos atletas rubros em atuar ao lado do afamado atacante do Bomsucesso, a diretoria da Associação Metropolitana tratava de livrar-se do jogador lançando sobre ele uma grave suspeita. O problema, ocorrido em um jogo realizado pouco tempo antes no qual no qual ele defendera em Santos as cores de um combinado formado para arrecadar fundos para a delegação brasileira às Olimpíadas, ligava-se a uma “história complicada de uma jóia perdida por certa dama, que alega ter sido a mesma achada por Leônidas e não restituída”<sup>90</sup>. A incômoda presença no selecionado do jogador que expusera publicamente nos jornais a discriminação que marcava a relação dos grandes clubes com os jogadores negros era resolvida, dessa maneira, de uma forma exemplar – lançando sobre ele o preconceito que denunciara, que fazia de negros como ele os suspeitos potenciais de todo o tipo de crime.

Mesmo sem nenhuma prova ou evidência concreta, a acusação contra Leônidas tornava-se, nas semanas seguintes, um dos assuntos principais nas páginas esportivas dos grandes jornais cariocas. Aberta uma comissão de inquérito na Associação Metropolitana, os depoimentos de outros jogadores presentes à ocasião só vinham a atestar a falta de substância da acusação – confirmando nada existir “capaz de comprometer, seguramente, a reputação de Leônidas”. O próprio presidente da Confederação Brasileira de Desportos, organizador do evento em Santos, declarava que o jogador teria se portado “com disciplina e exemplar comportamento”<sup>91</sup>. Dois meses após o início das investigações, a comissão finalmente reconhecia a inocência do jogador, afirmando “nada ter ficado apurado de positivo contra o meia esquerda”<sup>92</sup>. A própria formulação dúbia utilizada nesse veredito, que mesmo ao absolvê-lo continuava a lançar sobre o jogador a possibilidade da suspeita, mostrava que seus problemas estavam longe de terminar. Colada sobre ele a pecha da marginalidade, habitualmente associada a indivíduos da sua raça, Leônidas conviveria ainda por muito tempo com a acusação – gritada insistentemente pela torcida adversária nos jogos contra os times de maior prestígio da cidade<sup>93</sup>.

<sup>90</sup> - “Leônidas alijado do scratch”, *Jornal dos sports*, 19 de março de 1932. Sobre o Combinado Olímpico, ver “Leônidas jogará no Combinado Olímpico”, *Jornal dos sports*, 28 de fevereiro de 1932.

<sup>91</sup> - Cf. “Domingos, Leônidas e Alarico foram ouvidos”, *Jornal dos sports*, 7 de abril de 1932; e “Afiml, nada houve com Leônidas”, *Jornal dos sports*, 30 de março de 1932.

<sup>92</sup> - “O Leônidas ficou limpo!”, *Jornal dos sports*, 14 de abril de 1932.

<sup>93</sup> - Cf. Mário Filho, op.cit., pp.259-260.

Não era de se admirar, por isso, a confusão ocorrida no mês seguinte em uma partida do Bomsucesso contra o América, no estádio desse. Cada vez que pegava na bola, Leônidas era vaiado com insistência pela torcida local – que, referindo-se ao episódio do suposto furto, o chamava de “moleque, preto sem vergonha, negro sujo”<sup>94</sup>. Irritando-se crescentemente com as ofensas, o jogador acaba por responder à torcida mostrando-lhe seus órgãos genitais. Embora tivessem iniciado as provocações, os torcedores invadem o campo para tentar agredir o jogador, enquanto a diretoria do América procurava o juiz para afirmar que seu time só entraria em campo com a saída de Leônidas. Mesmo não tendo o juiz visto o incidente, ficando por isso impedido de expulsá-lo, o próprio Bomsucesso acaba tirando o jogador da partida, ficando com dez homens em campo. Para Leônidas, que malandramente negava a agressão afirmando ter simplesmente “levantado o calção”, não pretendendo insultar a torcida adversária, a explicação do incidente parecia clara: “o América não gosta de mim”, afirmava o jogador, explicitando um antagonismo que solidificara-se desde sua entrevista no final do ano anterior<sup>95</sup>.

Ao mesmo tempo que ia conquistando em campo um grande destaque pela sua técnica refinada, Leônidas ia mostrando através dos incidentes nos quais era envolvido a tensão envolvida nesse progressivo reconhecimento. A situação chegaria ao seu ponto máximo em novembro de 1932, quando se formava a equipe que iria ao Uruguai disputar contra os campeões mundiais uma nova edição da taça Rio Branco. Embora estivesse incluído na delegação por fazer parte do time da Associação Metropolitana, que disputaria também em Montevideu algumas partidas, Leônidas não poderia figurar no selecionado representativo da Confederação Brasileira de Desportos – pois seu presidente, Renato Pacheco, não queria vê-lo “nem pintado envergando a camisa do *scratch* brasileiro”<sup>96</sup>. A situação parecia, para muitos jornalistas, inaceitável. Cobrando “a retirada do *player* em questão da delegação, com a divulgação dos motivos determinantes dessa atitude, desde que eles existam”, eles explicitavam ser a atitude do dirigente esportivo baseada somente nas mesmas ilações e suspeitas sem comprovação que há meses vinham recaindo sobre o jogador<sup>97</sup>. O

<sup>94</sup> - Idem, pg. 257.

<sup>95</sup> Cf. “Eu não seria capaz de um gesto indigno”, *Jornal dos sports*, 3 de maio de 1932.

<sup>96</sup> - “Parece que a lição não serviu!”, *Jornal dos sports*, 27 de novembro de 1932.

<sup>97</sup> - “Leônidas, a CBD e o *scratch* brasileiro”, *Jornal dos sports*, 30 de novembro de 1932.

motivo da defesa que faziam parecia, porém, estar longe de se constituir em uma reação firme contra as injustiças sobre ele lançadas. “Não defendemos o jogador do Bomsucesso, mas sim e apenas, a eficiência do quadro nacional”, apressava-se em explicar um repórter do *Jornal dos sports*<sup>98</sup>. A mesma posição era compartilhada pelos dirigentes da delegação que estava no Uruguai. Apelando para “razões imperiosas de ordem técnica”, nos dizeres do jornal, eles mandam à diretoria da CBD um ofício pedindo permissão para escalar o “Diamante Negro” no time brasileiro – deixando para depois as possíveis sanções a Leônidas em nome da “eficiência do quadro” brasileiro<sup>99</sup>.

Sobrepondo-se ao preconceito, o valor esportivo de Leônidas acaba assim garantindo seu lugar no time. Cedendo a pressões, Renato Pacheco renunciou à presidência da Confederação na véspera da disputa contra os uruguaiois, assumindo seu posto o major Ariosvaldo de Almeida – que logo mandou ao Uruguai um telegrama no qual, “considerando que (...) a representação brasileira não oferece a eficiência que seria para desejar”, autorizava os chefes da delegação brasileira a “proceder ampla liberdade no caso Leônidas”, consentindo na sua escalação ao lado de outros jogadores negros como Domingos, Gradin e Jarbas<sup>100</sup>. O acerto da decisão seria compensado, em campo, com “um dos mais brilhantes triunfos destes últimos tempos para o *foot-ball* nacional em terras estrangeiras”, representado pela vitória brasileira sobre os uruguaiois por 2 a 1 com dois gols de Leônidas<sup>101</sup>. Ganhando nos jornais do dia seguinte um enorme destaque, a vitória aparecia como “uma notável façanha”, constituindo um motivo de “justo orgulho” para os brasileiros<sup>102</sup>.

Grandes destaques da partida, Domingos e Leônidas chegavam então a um momento de glória. Reconhecido pelos próprios uruguaiois como “o maior back do continente”, o primeiro era saudado como “uma fortaleza”, que garantiu a segurança da defesa brasileira<sup>103</sup>. Era mesmo o jogador do Bomsucesso, porém, que aparecia como o maior destaque da partida. Carregado em triunfo pelos seus companheiros de

<sup>98</sup> - “Duas vozes que se levantam em defesa de Leônidas”, *Jornal dos sports*, 2 de dezembro de 1932.

<sup>99</sup> - “Querem que Leônidas jogue amanhã!”, *Jornal dos sports*, 3 de dezembro de 1932.

<sup>100</sup> - “Afinal Leônidas jogará!”, *Jornal dos sports*, 4 de dezembro de 1932. Pouco depois da Copa Rio Branco, Renato Pacheco reassumiria seu lugar. Cf. *Jornal dos sports*, 28 de dezembro de 1932.

<sup>101</sup> - “Os brasileiros invictos na Copa Rio Branco”, *Jornal dos sports*, 6 de dezembro de 1932.

<sup>102</sup> - “Os brasileiros invictos”, *Jornal dos sports*, 6 de dezembro de 1932.

<sup>103</sup> - “Uma fortaleza, o nosso trio final!”, *Jornal dos sports*, 9 de dezembro de 1932; e “Domingos, o maior back do continente”, *Jornal dos sports*, 18 de dezembro de 1932.



time ao término da partida, ele tivera segundo os jornais uma “atuação brilhante”, sendo “um dos fatores principais para o triunfo” – o que fazia os repórteres do Jornal dos Sports se auto-atribuírem parte importante na vitória, por terem iniciado a campanha em favor de sua inclusão no time<sup>104</sup>. Afirmando ter respondido com seus gols às acusações contra ele lançadas pelos dirigentes esportivos da Confederação, Leônidas já podia rir dos ataques que sofrera. “- Não sei quem mais trabalhou pela representação do Brasil: se eu, fazendo dois gols, garantindo a vitória, ou se os que ficaram aqui discutindo”, questionava ele ironicamente<sup>105</sup>. Fazendo da vitória que ajudara o selecionado nacional a conquistar a sua arma, vingava-se assim do preconceito que perseguia jogadores como ele – explicitando a tensão envolvida no seu processo de consagração.

Chorando abraçados à bandeira brasileira que lhes fôra levada pelo técnico Vinhaes ao término da partida, como lembrou Domingos muitos anos depois, esses jogadores pareciam cientes de ter assegurado com a vitória seu prestígio no cenário esportivo da cidade<sup>106</sup>. De presenças aceitas a contragosto no selecionado, os dois jogadores negros tornavam-se grandes heróis nacionais, como o fôra o apolíneo Marcos Mendonça anos antes. Chegando ao Rio de Janeiro poucos dias depois, quando se preparavam os funerais de Santos Dumont, a delegação brasileira era “apoteoticamente” recebida pelo público carioca – que parecia ter definido novos ídolos para sua devoção. Dirigindo-se ao centro da cidade para prestar suas homenagens aos campeões, que desfilaram pela Avenida Rio Branco em carro aberto, dezenas de milhares de pessoas patrocinavam “a mais imponente e impressionante recepção que já se dispensou a uma embaixada sportiva”<sup>107</sup>. Domingos e Leônidas, que haviam sido carregados pela multidão no momento do desembarque, eram os mais festejados. Ovacionados com “verdadeiro entusiasmo” pelos torcedores que espremiavam-se em torno da avenida, em uma manifestação que “tanto teve de imponente como de espontânea”, eles atraíam para si a maior parte das atenções e do delírio da torcida. Reconhecidos como legítimos representantes do Brasil, eram

---

<sup>104</sup> - Cf. “A atuação de Leônidas, Jornal dos sports, 6 de dezembro de 1932; “Entusiasmo impressionante”, Jornal dos sports, 11 de dezembro de 1932; e “Nossa participação no triunfo”, Jornal dos sports, 6 de dezembro de 1932..

<sup>105</sup> - “Como eu conquistei os dois gols no primeiro triunfo”, Jornal dos sports, 22 de dezembro de 1932.

<sup>106</sup> - Depoimento de Domingos da Guia ao Museu da Imagem e do Som-RJ, 1.09.1967.

<sup>107</sup> - “Uma consagração aos heróis do triplice triunfo”, Jornal dos sports, 20 de dezembro de 1932.

saudados com os outros jogadores pelo próprio chefe do governo provisório, Getúlio Vargas – que, durante a passagem da delegação em frente ao palácio do Catete, se conservou na sacada do palácio cumprimentando os campeões até o final do cortejo<sup>108</sup>.

Nem a cristalização do prestígio desses jogadores seria, porém, suficiente para livrá-los da perseguição e do preconceito. Apesar de todas as homenagens e prêmios que recebem de jornalistas e comerciantes pela vitória no Uruguai<sup>109</sup>, a volta ao cotidiano esportivo da cidade traria novamente os percalços habitualmente vividos por jogadores negros como eles. Era o que ocorria em março de 1933, quando o Flamengo preparava seu time para excursionar ao Uruguai. Pretendendo reforçar o time, para assegurar o prestígio do futebol brasileiro no continente, os diretores do clube tentam juntar à delegação que se preparava para viajar jogadores negros como Leônidas, Congo e Ladislau, irmão de Domingos – além de Jarbas e Gradim, que já vinham treinando com a equipe<sup>110</sup>. Apesar do intuito patriótico da iniciativa, ela logo é combatida por alguns adeptos do time rubro-negro como Otávio Machado. Enviando ao Jornal dos sports uma carta na qual defende que “Jarbas e Gradim nunca deviam vestir a gloriosa camisa preto e encarnada”, diz ser a inclusão desses jogadores no time um “prejuízo até do nome moral do club”. Ainda que tentasse depois levantar alguns motivos de cunho técnico, como a suposta supremacia dos jogadores brancos habituados a jogar no time, sua crítica se baseava na inconveniência de que jogadores negros como ele representassem o clube no exterior<sup>111</sup>. Divulgadas na imprensa até por alguns dos jogadores rubro-negros, críticas como essas causaram entre os convidados grande constrangimento, fazendo com que Gradim chegasse a desistir de viajar com a delegação do clube. Frente à atitude do jogador, sua diretoria se apressa em reafirmar serem os jogadores convidados “todos muito dignos de representar o Flamengo”, levando ao seu local de trabalho “um grupo numeroso de *players* e outras figuras de representação no grêmio

<sup>108</sup> - “O regresso triunfal dos foot-ballers brasileiros”, Correio da Manhã, 20 de dezembro de 1932.

<sup>109</sup> - Domingos, por exemplo, ganha uma pulseira de prata do Joalheiro Torpedo, enquanto a Casa Havaneza dava a Leônidas “uma rica medalha de ouro”. “Um mimo a Domingos”, Jornal dos sports, 16 de dezembro de 1932; e “Mais uma homenagem a Leônidas”, Jornal dos sports, 31 de dezembro de 1932.

<sup>110</sup> - “Leônidas e Congo na delegação do Flamengo”, Jornal dos sports, 15 de março de 1933.

<sup>111</sup> - “A propósito do quadro do Flamengo que vai ao Prata”, Jornal dos sports, 15 de março de 1933.

rubro-negro” para convencê-lo a viajar com o time<sup>112</sup>. Embora garantissem com isso a presença dos jogadores negros na excursão, a polêmica em torno de sua inclusão indicava não haver para os contemporâneos nenhuma contradição entre o reconhecimento do valor esportivo desses jogadores e o preconceito que ainda marcava a relação estabelecida pelos sócios dos grandes clubes com eles. Não era de se estranhar que, naquele ano, tivessem grande desenvolvimento as partidas que opunham em desafio os jogadores brancos e negros – mostrando que mesmo quando esses eram reconhecidos como legítimos representantes da nação, as tensões e identidades envolvidas nessa relação não deixavam de fazer sentido para aqueles que as viviam<sup>113</sup>.

A regulamentação do profissionalismo aparecia, nesse contexto, como uma solução perfeita para essa crescente tensão racial. Diferenciando claramente jogadores de sócios, ele permitiria que se fossem respeitados os critérios técnicos de escolha das equipes sem que se dissipasse o preconceito e as discriminações raciais que se faziam presentes em torno de jogadores como Leônidas e Gradin. Isso explicava porque, no começo dos anos 30 – quando Mário Filho começava no jornal O Globo uma grande campanha em favor do novo regime – a maior parte dos dirigentes esportivos cariocas já estivesse convencida da necessidade de sua implantação. Mesmo esportistas como Preguinho, filho de Coelho Netto, declaravam em 1931 ser o profissionalismo “uma necessidade iniludível e inadiável”<sup>114</sup>. Foi o Fluminense, por isso, um dos primeiros clubes a propôr a seus pares a criação de uma Liga de profissionais<sup>115</sup>. Para Arnaldo Guinle, um dos beneméritos do clube, o novo regime seria “uma consequência da evolução mundial dos sports”, constituindo “uma tendência natural imposta pelo momento”. Mais do que um “meio comercial”, que cristalizaria uma situação já existente permitindo aos clubes tirar maiores vantagens dela, Guinle entendia o novo regime como “um meio aconselhável para melhorar o nosso *foot-ball*” – o que, embora ele não chegue a dizer, aconteceria pela possibilidade ilimitada de inclusão de

<sup>112</sup> - “Uma nota do Flamengo”, Jornal dos sports, 16 de março de 1933; e “Todos muito dignos de representar o Flamengo”, Jornal dos sports, 17 de março de 1933.

<sup>113</sup> - Conferir, por exemplo, “Scratch preto versus scratch branco”, Jornal dos sports, 5 de fevereiro de 1933; “Pretos e brancos”, Jornal dos sports, 18 de março de 1933; e “Os pretos confirmam o triunfo e o score”, Jornal dos sports, 4 de abril de 1933.

<sup>114</sup> - “Prego disse”, O Globo, 6 de julho de 1931.

<sup>115</sup> - Cf. Fluminense F.C., Relatório apresentado ao conselho deliberativo em 28.4.1932, Rio de Janeiro: Tip. Jornal do Comércio, 1932, pg 107.

qualquer jogador nos times de maior expressão<sup>116</sup>. Os presidentes de clubes como o Botafogo, o Vasco e o próprio Fluminense pareciam assim cientes, já em 1932, da importância da mudança para “a vitalidade dos próprios clubs”<sup>117</sup>. Ainda que encontrassem resistências de peso, como a do próprio presidente da Associação Metropolitana, os argumentos em favor da mudança de regime pareciam ir se firmando entre as lideranças esportivas da cidade – tendo como agente propulsor a possibilidade de incorporação, mesmo nos times grandes, de jogadores de destaque como Leônidas. “A questão de cor não existirá no Fluminense com a implantação do novo regime”, explicava um diretor do Fluminense entrevistado em 1933 por Mário Filho, explicitando a lógica que via nessa mudança<sup>118</sup>. Em janeiro de 1933 era assim fundada a Liga Carioca de Foot-ball, tendo à frente o Fluminense, o Vasco, o Bangú e o América - que constituem a primeira entidade esportiva profissional da cidade<sup>119</sup>.

Se para os clubes a mudança mostrava-se positiva, não menos vantajosa seria para aqueles jogadores já submetido havia anos ao regime do profissionalismo marrom, que mascarava sua remuneração. Legalizando uma situação já existente, jogadores como Domingos e Leônidas teriam, a partir de então, maior liberdade de buscar uma remuneração mais próxima do grande destaque que adquiriram. Já antes da implantação do novo regime esse era o caminho trilhado por jogadores como eles. A vitória contra os Uruguaios em Montevideu chamara a atenção dos clubes do Prata para o valor técnico desses jogadores, rendendo-lhes inúmeros convites e propostas para ingressar no profissionalismo daquele país<sup>120</sup>. Apesar das negativas iniciais, muitos deles acabam cedendo em nome das altas remunerações que receberiam. Após hesitar durante quase um mês, Domingos foi o primeiro a ceder aos apelos uruguaios, acertando um acordo para ir jogar no Nacional pela surpreendente cifra de Rs.

---

<sup>116</sup> - “Declarações oportunas do Dr. Arnaldo Guinle”, *Jornal dos sports*, 31 de agosto de 1932.

<sup>117</sup> - “Em princípio, o Botafogo concorda com o profissionalismo”, “A palavra do Vasco da gama” e “Teremos o profissionalismo não por interesse comercial, mas como medida de benefício ao próprio sport”, *Jornal dos sports*, 31 de agosto de 1932.

<sup>118</sup> - APUD Mário Filho, op.cit., pg 262.

<sup>119</sup> - “Implantado, finalmente, o profissionalismo honesto”, *Jornal dos sports*, 24 de janeiro de 1933. Sobre o processo de profissionalização do futebol nos outros países do continente, que apressou a necessidade da implantação do novo regime no Brasil, ver Tony Mason. *Passion of the people? Football in South America*, Nova York: Verso, 1995, capítulo 4.

<sup>120</sup> - Cf. “Os brasileiros, valores soberbos para o profissionalismo platino”, *Jornal dos sports*, 8 de dezembro de 1932; e “O interesse do Wanderers por Leônidas”, *Jornal dos sports*, 17 de dezembro de 1932.

1:500\$000 de ordenado e Rs. 43:000\$000 pela assinatura do contrato<sup>121</sup>. Embora a implantação do profissionalismo na cidade quase o tenha demovido da idéia, levando-o a manter negociações com o Vasco no sentido de tentar acertar um valor para o contrato, o alto valor oferecido pelo clube platino acaba prevalecendo sobre sua vontade de ficar – fazendo com que o operário fabril que se destacara poucos anos antes jogando na zaga do Bangu se transferisse em fevereiro de 1933 para o Uruguai em troca de uma alta quantia<sup>122</sup>. Já Leônidas, que pouco depois da glória na Copa Rio Branco fôra expulso do Bomsucesso por ter desrespeitado as ordens da diretoria, seguindo com a delegação do Andaraí para uma viagem à Bahia, logo recebia do Vasco uma proposta para profissionalizar-se<sup>123</sup>. Como Domingos, porém, o “Diamante Negro” acaba buscando no Uruguai condições financeiras mais vantajosas. Depois de muita expectativa, ele acaba, junto com Congo, assinando contrato com o Peñarol recebendo 32:000\$000 de luvas e 1:500\$000 por mês<sup>124</sup> - cristalizando com isso a busca desses jogadores por uma remuneração de acordo com o prestígio que haviam firmado. Embora para muitos a transferência de jogadores como eles fosse uma atitude “impatriótica”, outros pareciam entender bem suas motivações – afirmando não ser justo que se exigisse “a estes rapazes pobres e sem nenhuma carreira” que “voltassem ao Brasil para ganhar quantia inferior”, cobrando dos clubes brasileiros o aumento da remuneração para evitar o “êxodo de jogadores”<sup>125</sup>.

Tal sugestão não demoraria para ser atendida. Em seus primeiros meses a instituição do profissionalismo na cidade fez com que mesmo jogadores negros de menos destaque, como Jaguarão e Ladislau, recebessem vantajosas propostas profissionais dos clubes cariocas<sup>126</sup>. Para muitos, porém, a novidade ainda parecia incômoda. Não tardaram a surgir na imprensa críticos afirmando ter o

<sup>121</sup> - “Dentro de dez dias Domingos partirá para ingressar no profissionalismo uruguaio”, Jornal dos sports, 10 de janeiro de 1933; e “Domingos recebeu 43 contos pelo contrato de um ano que assinou com o Nacional do Uruguai e mais 1:500\$000 de vencimentos mensais”, Jornal dos sports, 2 de março de 1933.

<sup>122</sup> - Cf. “Os primeiros benefícios do profissionalismo”, Jornal dos sports 14 de janeiro de 1933; “Cinco contos de luva e um conto por mês”, Jornal dos sports, 8 de fevereiro de 1933; e “Domingos, um futuro astro do futebol uruguaio”, Jornal dos sports, 17 de fevereiro de 1933.

<sup>123</sup> - Cf. “Porque Gradin e Leônidas não podem seguir”, Jornal dos sports, 4 de janeiro de 1933; e “Um ano de estágio no segundo quadro”, Jornal dos sports, 11 de janeiro de 1933; e “Leônidas ira para o Vasco?”, Jornal dos sports, 31 de janeiro de 1933.

<sup>124</sup> - “Leônidas e Congo a caminho do Uruguai”, Jornal dos sports, 21 de março de 1933.

<sup>125</sup> - “Nossos patricios do foot-ball uruguaio”, Jornal dos sports, 17 de agosto de 1933.

profissionalismo feito do futebol “um negócio como outro qualquer”, que acabaria na venda de “*poules* e *duplas*, como nas corridas”. Igualando os jogadores a cavalos nos quais se apostava, o futebol profissional teria criado uma “nova indústria”: o “leilão de *cracks*”, vendidos e comprados como outra mercadoria qualquer<sup>127</sup>. Já do lado dos jogadores não parecia haver reclamações. À medida que o novo regime ia se consolidando, mais vantajosas eram as propostas oferecidas a eles, que trariam de volta ao país muitos dos ídolos que jogavam no exterior - como já fôra o caso de Fausto, contratado em 1933 pelo Vasco<sup>128</sup>. A conquista do campeonato de 1933 pelo Bangu, time repleto de negros, aticaria ainda mais a voracidade dos dirigentes vascaínos. Não tardaria para que o clube, no ano seguinte, oferecesse a Domingos e a Leônidas vultuosas quantias para garantir seu regresso ao futebol carioca - trazendo ambos para a forte equipe que montava para o campeonato daquele ano<sup>129</sup>. Consolidava-se aí a instituição do profissionalismo, que daria aos jogadores cariocas possibilidades muito melhores de sobrevivência através do jogo.

Por mais que pudessem ser atacados como mercenários ou chamados de mercadorias, os jogadores podiam agora procurar, livremente, o clube que lhes oferecesse uma melhor remuneração. É essa busca que, no ano seguinte, levaria Domingos de volta ao exterior - dessa vez para o Boca Juniors, que entre a compra dos passe e as luvas gasta 189:050\$000 para tê-lo em seu time<sup>130</sup>. Leônidas não deixaria por menos: poucos meses depois de ser contratado pelo Vasco, ele recebe uma proposta da CBD, rompida com a Liga Carioca por discordar do profissionalismo, para representar o Brasil no campeonato mundial de 1934 - embarcando, junto com outros jogadores também aliciados pela entidade, para defender na Itália as cores brasileiras<sup>131</sup>. Voltando ao Brasil, desentende-se com a

<sup>126</sup> - “Ladislau na ordem do dia”, Jornal dos sports, 14 de fevereiro de 1933; e “Também Jaguarão...”, Jornal dos sports, 15 de fevereiro de 1933.

<sup>127</sup> - Storni, “Acreditem ou não...”, O Malho, 22 de março de 1934 e 10 de maio de 1934.

<sup>128</sup> - “Fausto está viajando no Flórida a esta capital”, Jornal dos sports, 22 de fevereiro de 1933.

<sup>129</sup> - “Tudo indica que Domingos e Leônidas ficarão no Vasco!”, Jornal dos sports, 26 de janeiro de 1934; “Está assinado o contrato entre Domingos e o Vasco”, Jornal dos sports, 31 de janeiro de 1934; e “Leônidas, o novo homem da ofensiva do Vasco”, Jornal dos sports, 1 de fevereiro de 1934.

<sup>130</sup> - “Buenos Aires acolheu ontem o maior zagueiro do Brasil”, Jornal dos sports, 9 de março de 1935.

<sup>131</sup> - Tudo acontece depois que a Liga nega à CBD, o concurso dos seus jogadores, levando essa a procurar se entender diretamente com eles. Convidado também a fazer o mesmo, Domingos teria pedido à Confederação uma “quantia elevadíssima”, não chegando a um acordo com essa. Cf. “Leônidas, o segundo *crack* que rompe contrato com o Vasco”, Jornal dos sports, 29 de abril de 1934;

diretoria da Confederação, sendo eliminado de seus quadros<sup>132</sup>. O desenvolvimento do profissionalismo da cidade já lhe permitia, porém, conseguir novos contratos, fosse com clubes estrangeiros ou com times nacionais como o São Cristóvão – com o qual viajou em excursão para São Paulo<sup>133</sup>. Seria mesmo o Botafogo, porém, o seu destino final. Após inúmeras e intermináveis negociações, nas quais seus defensores tiveram que vencer as resistências de alguns dos diretores do clube à inclusão de um jogador negro no time, Leônidas era contratado pelo Botafogo junto ao Vasco, que ainda detinha seu passe<sup>134</sup>. Ao mesmo tempo em que evidenciava a continuidade de um preconceito que estava longe de sumir sob o manto do profissionalismo (e que fazia de Leônidas o único jogador negro na equipe do Botafogo que conquistaria o campeonato daquele ano<sup>135</sup>) a transferência mostrava como o novo regime garantia a jogadores como ele a possibilidade de aproveitar de forma plena seu valor esportivo. Ainda que continuasse como antes a se ver às voltas com confusões e escândalos diversos, como a acusação de que teria forjado sua carteira de reservista para fugir do exército, o festejado “*crack do ébano*” conseguia lugar em qualquer um dos grandes clubes da cidade<sup>136</sup>.

Com todas as suas contradições, esse tenso processo de aceitação dos jogadores profissionais nos times de destaque da cidade garantiria, em 1936, a formação de uma poderosa equipe pelo Flamengo constituída quase que

e “Assume aspectos sensacionais o momento do foot-ball brasileiro”, Jornal dos sports, 1 de maio de 1934.

<sup>132</sup> - O desentendimento ocorrera em um jogo do time da Confederação contra o Bangu. Proibido pelos diretores do Bangu de entrar no estádio com três amigos, Leônidas desiste de jogar a partida, sendo por isso punido pela Confederação. Cf. “Um incidente entre Leônidas e diretores do Bangu”, Jornal dos sports, 26 de dezembro de 1934.

<sup>133</sup> - “Leônidas vai para a Argentina”, Jornal dos sports, 9 de janeiro de 1935; “O São Cristóvão embarcou para São Paulo”, Jornal dos sports, 19 de janeiro de 1935; e “O S. Cristóvão interessado na conquista de Leônidas”, Jornal dos sports, 22 de janeiro de 1935.

<sup>134</sup> - Cf. “Leônidas e o Botafogo”, Jornal dos sports, 9 de março de 1935; “O passe por 6:800\$000”, Jornal dos sports 27 de junho de 1935; e “Resolvido o caso Leônidas”, Jornal dos sports, 29 de junho de 1935. Ver ainda Mário Filho, op.cit., pg. 283. O “passe”, figura jurídica ainda existente no futebol brasileiro, refere-se aos direitos do clube sobre o jogador, que pode ser vendido ou emprestado para outros clubes.

<sup>135</sup> - Conferir a foto publicada no Jornal dos sports de 28 de janeiro de 1936. Evidentemente, porém, não era só nos campos que esse racismo se manifestava, como mostrava um episódio vivido em 1935 por um jogador negro do Bomsucesso preso por ser “acusado de uma tentativa de assassinato” – embora a própria vítima viesse a declarar não ter ele nada a ver com o caso, sendo a suspeita infundada. “Não foi Bahia o autor do atentado”, Jornal dos sports, 29 de outubro de 1935.

<sup>136</sup> - Sobre o caso, ver “Leônidas envolvido num rumoroso caso”, Jornal dos sports 19 de julho de 1935; e “Leônidas defende-se”, Jornal dos sports 20 de julho de 1935. A expressão “*crack do ébano*” é usada no Jornal dos sports de 9 de janeiro de 1935.

exclusivamente de jogadores negros. Interessado em aumentar sua arrecadação, o clube procurava no período meios de se popularizar, aumentando o número de sócios e de torcedores que pagavam ingresso para assistir suas partidas. Ainda em janeiro seus diretores entravam em entendimento com o Club dos Democráticos - sociedade carnavalesca que guardava ainda muito do prestígio do qual desfrutara nas décadas anteriores - “para obter um carro alegórico ao Flamengo no carnaval”, com a provável contrapartida de apoio financeiro para seu desfile<sup>137</sup>. Divulgando suas cores e símbolos, a iniciativa tentava repetir as homenagens recebidas no desfile de 1932, visando atrair para o clube rubro-negro maiores simpatias<sup>138</sup>. Seus diretores pareciam saber, porém, que seria necessário mais do que uma alusão carnavalesca para atrair para o clube novos adeptos. Já contando desde 1933 com o concurso de Jarbas, um dos pivôs do incidente que marcara dois anos antes a excursão do time ao Uruguai<sup>139</sup>, o clube começava em 1935 a formar uma equipe constituída por atletas negros como Otto e Ladislau<sup>140</sup>. No começo de 1936, depois de seduzir Médio, outro dos irmãos de Domingos, começava a firmar contrato com jogadores de maior destaque, como Fausto<sup>141</sup>. Em julho, era a vez de Leônidas, contratado junto ao Botafogo por um preço módico após os inevitáveis desentendimentos do jogador com sua diretoria<sup>142</sup>. Não tardaria para que o clube conseguisse também o passe de Domingos, que se incorpora à equipe em agosto - formando um time muito diferente daquelas que até então costumavam defender suas cores. (Fig.46). Poucos anos depois dos incidentes ocorridos em 1933 nas primeiras tentativas de incluir jogadores negros em sua equipe, o Flamengo formava um time que tinha nessa presença sua maior característica.

<sup>137</sup> - Cf. “Sessão de 5 de fevereiro de 1936”, Club de Regatas do Flamengo. Diretoria. Atas 15, 5.6.1935 – 6.2.1939. Sobre o Clube dos Democráticos, ver Leonardo Pereira, O carnaval das letras, op.cit. .

<sup>138</sup> - Cf. Fon-Fon, 13 de fevereiro de 1932. Homenagens como essas, porém, já eram comuns a muito mais tempo – como mostrava a presença de uma alegoria ao Vasco da Gama no carnaval de 1924. Careta, 8 de março de 1924.

<sup>139</sup> - Jornal dos sports, 1 de junho de 1933.

<sup>140</sup> - Cf. Jornal dos sports, 18 de julho de 1935 e 3 de novembro de 1935. Dois anos antes, ambos declaravam à reportagem de O Malho não pretenderem sob nenhuma hipótese largar seus clubes (respectivamente o Bomsucesso e o Bangu), sendo aparentemente seduzidos pela boa proposta do Flamengo. Cf. “Ladislau, o grande meia direita do bangu”, O Malho, 21 de junho de 1934; e “Otto”, O Malho, 28 de junho de 1934.

<sup>141</sup> - “Fausto pertence desde ontem ao Flamengo”, Jornal dos sports, 18 de março de 1936; e “Médio, o half do bangu que pleiteia daquele grêmio o atestado liberatório”, Jornal dos sports, 20 de maio de 1936.

<sup>142</sup> - Cf. Mário Filho, op.cit., pg 286.



Tendo em seus quadros sete dos principais jogadores afro-descendentes da cidade, o clube tornava-se uma das principais atrações do campeonato.

Não era coincidência que, em menos de dois anos, ele tivesse dobrado a receita arrecadada com o pagamento de mensalidades – passando dos 40:243\$000 de março de 1936 para 92:481\$000 em fevereiro de 1938, quando conseguia “a maior renda alcançada em todos os tempos”<sup>143</sup>. Na lembrança de Flávio Costa, técnico da equipe, era o começo da grande rivalidade com o Fluminense. Ainda fiel ao princípio de evitar a presença de negros em seu time, sua torcida, segundo Mário Filho, passava a responder os insultos de “pó-de-arroz” chamando os torcedores rubro-negros de “pó-de-carvão”<sup>144</sup>. Nos dois casos, tratava-se de uma maquiagem - fosse para embranquecer seus jogadores, como no caso do Fluminense, ou para dar ao clube a superficial aparência popular perseguida então pelo Flamengo. O tratamento profissional oferecido pelo clube aos seus jogadores – multados com frequência por suas ausências e maus comportamentos, como fôra o caso de Ladislau, Fausto e Leônidas<sup>145</sup> – explicitava o sentido da operação, garantindo aos seus sócios o distanciamento necessário em relação aos jogadores que passavam a representá-lo em campo. Mesmo não tendo conquistado o campeonato daquele ano, vencido pelo Fluminense, o time do Flamengo cristalizava assim a presença negra em meio ao profissionalismo carioca, expressando de forma cabal a conflituosa coexistência do preconceito que fazia dela um motivo de chacota por parte dos adversários com a necessidade de atrair para o clube, dependente das rendas de seus jogos, um maior público.

Todo esse processo desaguiaria, em 1938, na formação de um selecionado nacional para a disputa da Copa do Mundo na França que já muito se diferenciava do perfil dos demais times formados para defender as cores brasileiras nos anos anteriores – sendo o resultado de todo processo de embates e tensões que marcara a história do futebol na cidade desde sua introdução. Sendo a primeira vez que o “título supremo” era disputado por “um verdadeiro *scratch* do Brasil”, que estivesse livre

<sup>143</sup> - Cf. “Sessão de 27 de março de 1936” e “Sessão de 7 de fevereiro de 1938”, Club de Regatas do Flamengo. Diretoria. Atas 15, 5.6.1935 – 6.2.1939.

<sup>144</sup> - Cf. “Para Flávio Costa, jogo já foi melhor”, entrevista dada por ele ao jornal Folha de São Paulo em 17 de novembro de 1996; e Mário Filho, , op.cit., pp 288-289.

<sup>145</sup> - Cf. “Sessão de 23 de abril de 1937” e “Sessão de 22 de agosto de 1938”, Club de Regatas do Flamengo. Diretoria. Atas 15, 5.6.1935 – 6.2.1939.

tanto das divisões entre amadoristas e profissionais que marcaram as equipes formadas nas edições anteriores do torneio quanto das restrições que visavam evitar a presença no time de jogadores negros o torneio era aguardado com grande ansiedade no Rio de Janeiro. “Observou-se um movimento inédito em nossa vida *sportiva*: a colaboração de todas as classes para uma representação *sportiva*”, explicava um cronista, prevendo que o feito certamente seria “uma influência viva no destino do *sport* nacional”<sup>146</sup>. A situação gerava, entre os torcedores brasileiros, uma grande expectativa. “Raras vezes a pátria terá exigido tanto de seus filhos, nunca tantos sofreram por tão poucos”, lembrava muitos anos depois um dos contemporâneos envolvidos na torcida pelo time nacional<sup>147</sup>.

Marcada para o dia 5 de junho, a estréia da equipe brasileira se rodeava de expectativa. Tendo comprado dois anos antes o Jornal dos Sports, do qual tornara-se diretor, Mário Filho voltaria a assumir então papel de grande destaque na propaganda da disputa. Na véspera do jogo ele telefonou para o hotel onde se concentrava a delegação brasileira, entrevistando pessoalmente inúmeros jogadores para a reportagem que publicaria no dia da estréia<sup>148</sup>. Dois deles, porém, mereciam uma atenção especial: Leônidas e Domingos, cujo futebol ele já mostrava admirar havia tempos. Perguntado sobre o jogo contra os poloneses, o primeiro se mostrava confiante. “- Pode dizer que venceremos”, garantia à torcida brasileira. Já Domingos, mais modesto, prometia fazer “o máximo pela vitória”, explicitando o desejo de realizar o “maior jogo” de sua vida. Como resultado de tanto entusiasmo, o time brasileiro estreava na competição com uma vitória por 6 a 5 sobre os poloneses – em um resultado que, para Mário Filho, tivera na atuação magistral de Leônidas, caracterizado por ele como “o cérebro da equipe brasileira”, um fator decisivo<sup>149</sup>. O mesmo entusiasmo era demonstrado pelo jornalista em relação a Domingos. Embora reconhecesse que ele não fôra “uma das grandes figuras do *match*”, defendia ter feito o zagueiro uma partida “digna do seu renome” – só não tendo se destacado mais por ter jogado com uma febre de 38 graus<sup>150</sup>. Concentrando as atenções de “todo o

<sup>146</sup> - “Os brasileiros precisam vencer a superstição das estréas”, Jornal dos sports, 4 de junho de 1938.

<sup>147</sup> - Décio de Almeida Prado, op.cit., pg 203.

<sup>148</sup> - “Os cracks do Brasil falam a Jornal dos Sports pelo telefone internacional”, Jornal dos sports, 5 de junho de 1938.

<sup>149</sup> - “Leônidas e Romeu as maiores figuras dos brasileiros!”, Jornal dos sports, 6 de junho de 1938.

<sup>150</sup> - “Domingos em campo com febre de 38”, Jornal dos sports, 6 de junho de 1938.

Brasil” – “o intelectual, o homem de rua, o capitalista, o garoto de pé descalço, os humildes e os opulentos”<sup>151</sup> – esses jogadores confirmavam assim durante o campeonato mundial o prestígio que construíram nos anos anteriores, consagrando-se como grandes ídolos brasileiros.

O destaque dado por Mário Filho aos jogadores negros que faziam parte do selecionado, que seguia a posição por ele adotada a tempos, não era no entanto ocasional. A importância que o jornalista atribuía a esses jogadores desde o início de sua atividade na imprensa esportiva ganhava, durante a disputa do torneio mundial na França, contornos nítidos. Mais do que fazer a propaganda de um jogador de qualidade, tratava-se de criar um símbolo que pudesse personificar uma forma própria de se jogar o futebol no Brasil. Desde 1931 Mário Filho já ressaltava pelas páginas de O Globo a “mobilidade desconcertante, a rapidez de jogada” que seria característica de jogadores como Leônidas, reconhecida até por seus adversários<sup>152</sup>. Como ele, outros cronistas iam naqueles anos centrando suas atenções sobre o incipiente surgimento de uma “técnica, caracteristicamente brasileira, de rapidez extrema no lance e de improvisação fulminante nos momentos mais apertados” – que ia diferenciando o modo de jogar dos jogadores brasileiros da técnica e disciplina aprendida com os europeus<sup>153</sup>. Naqueles anos, porém, essa ainda não parecia ser uma opinião hegemônica, sendo para muitos o “temperamento excessivamente ardoroso, trefego mesmo”, que caracterizaria os jogadores brasileiros uma desvantagem do esporte nacional<sup>154</sup>. Mesmo jogadores que para Mário Filho deveriam ser os legítimos representantes do estilo de jogo brasileiro, como Domingos, pareciam não enxergar a especificidade que ia sendo afirmada pelo jornalista para o futebol praticado no país – afirmando “haver pouca diferença entre a Argentina e o Brasil” no que dizia respeito ao jogo<sup>155</sup>. A consolidação da presença negra nos campos, porém, logo transformaria esse quadro. O prestígio alcançado em outros países por jogadores como Fausto – saudados no exterior “pela excelência do jogo produzido, no qual se casam a agilidade e a técnica com a assimilação que fazem, para melhor, das características desse jogo” – fazia com que muitos cronistas já começassem em 1935 a acreditar “que o nosso

<sup>151</sup> – “Joguem com a alma do scrath azul”, Jornal dos sports, 14 de junho de 1938.

<sup>152</sup> – “Leônidas foi o elemento carioca que mais me impressionou”, O Globo, 17 de setembro de 1931.

<sup>153</sup> – “O regresso triunfal dos foot-ballers brasileiros”, Correio da Manhã, 20 de dezembro de 1932.

<sup>154</sup> – “Preconceito e sport”, Jornal dos sports, 16 de novembro de 1932.

soccer é igual em potência e arte, senão superior, ao que se pratica tanto na Argentina quanto no Uruguai”<sup>156</sup>. De vergonhoso defeito do esporte praticado no país, a presença negra tornava-se, para jornalistas como Mário Filho, o grande fator de diferenciação do futebol brasileiro – ajudando decisivamente na criação de um estilo de jogo nacional<sup>157</sup>.

Leônidas parecia ser então, para muitos, a própria personificação desse processo, fazendo com que os jornais cariocas afirmassem no dia do primeiro jogo que o grande desafio do dia seria o duelo entre ele e Nytz, um dos mais destacados jogadores europeus<sup>158</sup>. A explicação era simples. Reproduzindo na forma de jogar características habitualmente associadas a negros como ele, como a elasticidade e a malandragem – junto com “a bossa”, descrita pelo jornal de Mário Filho como “uma qualidade nata na maioria absoluta dos brasileiros” - ele tornava-se o grande símbolo da especificidade que muitos iam vendo no futebol nacional<sup>159</sup>. Definido desde 1935 como o “homem elástico”, o atacante tinha um estilo de jogo cuja agilidade o aproximava muitas vezes dos movimentos dos capoeiras - fazendo jogadas insólitas como a “bicicleta”, na qual as pernas giram sobre o corpo como em um golpe, que levavam a imprensa a caracteriza-lo como “o mestre dos acrobatas brasileiros”<sup>160</sup>. Trazendo à rígida disciplina do futebol praticado na Europa o toque de malícia que para jornalistas como Mário Filho seria característica de sua raça, ele ajudava a criar um estilo de jogo que ainda hoje serve para descrever o futebol nacional<sup>161</sup>. É o que

<sup>155</sup> - “Domingos, o formidável back do Vasco”, *O Malho*, 14 de junho de 1934.

<sup>156</sup> - “Fausto ainda o maior pivô do continente”, *Jornal dos sports*, 25 de outubro de 1935.

<sup>157</sup> - Esse processo de consolidação de “estilos nacionais” na pena de jornalistas não era, porém, uma exclusividade brasileira - acontecendo simultaneamente, de formas diversas, em outros países como a Itália. Cf. Antonio Papa e Guido Panico, *Storia sociale del calcio in Italia*, Bolonha: Il Mulino, 1993, em especial o capítulo 10. Sobre a definição desse estilo nacional no Brasil a partir da trajetória de jogadores como Domingos e Leônidas, ver ainda J. Sérgio Leite Lopes e Jean-Pierre Fauguer, *op.cit.*, pp. 33-35.

<sup>158</sup> - “Campeonato mundial de foot-ball”, *Correio da Manhã*, 5 de junho de 1938.

<sup>159</sup> - “Porque vencemos sempre”, *Jornal dos sports*, 13 de junho de 1938.

<sup>160</sup> - “Uma contagem alta que reflete o labor dos artilheiros”, *Jornal dos sports*, 31 de dezembro de 1935; e “O sensacional encontro hoje em Marselhas”, *Correio da Manhã*, 16 de junho de 1938.

<sup>161</sup> - Roberto da Matta, por exemplo, afirma que “é sabido no Brasil que o futebol nativo tem ‘jogo de cintura’, ou seja, malícia e malandragem, elementos inexistentes no futebol estrangeiro, sobretudo europeu”. Roberto Da Matta. “Esporte na sociedade...”, in *Universo do futebol*, Rio de Janeiro: Ed. Pinakothke, 1982, pg. 28. Ver ainda “A escola negra no Brasil mostra corpo mais artístico com ginga”, entrevista concedida no dia 15 de janeiro de 1995 pelo sociólogo Maurício Murad ao jornal *Folha de São Paulo* – onde este afirma que “desde os rituais tribais africanos, o corpo é o lugar da expressão cultural africana”, explicando-se assim o estilo de “fortes características negras” do futebol nacional.

estaria claro, para o jornalista, em um lance da partida contra os poloneses: amarrando sua chuteira perto da área adversária, Leônidas esperou o goleiro polonês bater o tiro de meta. Quando isso aconteceu, ele levantou-se rapidamente e, mesmo descalço, chuta contra a meta adversária, marcando assim um dos gols brasileiros<sup>162</sup>. Para Mário Filho eram lances como esses que faziam de Leônidas o maior ídolo daquele selecionado, atraindo para ele a simpatia popular, o apoio da imprensa e o respeito dos seus companheiros, que novamente o carregam em triunfo ao término da partida<sup>163</sup>.

Àquelas alturas a valorização da presença negra no futebol não era um fenômeno isolado. Se ela podia ser verificada nos campos, o respaldo intelectual que permitia seu aparecimento vinha se desenhando havia muitos anos, tendo um de seus resultados mais visíveis no livro Casa Grande e senzala, publicado em 1933 pelo jovem sociólogo Gilberto Freyre<sup>164</sup>. Combatendo as teorias raciais que desde finais do século XIX tomavam conta dos debates nacionais sobre a presença negra e indígena, Freyre tentava demonstrar em sua obra as vantagens da mistura racial que estava na formação brasileira. Atribuindo positividade a uma herança cultural e racial vista antes como um pesado fardo a ser carregado pelo país, ele invertia a lógica que marcara até então a relação de muitos intelectuais com suas práticas e tradições. Não era assim um acaso que, ao discorrer sobre o papel do indígena “na formação da família brasileira”, o autor trouxesse novamente à tona o curioso esporte praticado em finais da década de 10 pelos índios Parecis. “Da tradição indígena ficou no brasileiro o gosto pelos jogos”, defendia o autor, vendo no evento uma das provas “da contribuição ainda mais positiva do menino ameríndio aos jogos infantis e esportes europeus”<sup>165</sup>. Se em 1919 a exibição desses jogos indígenas no estádio do Fluminense aparecera como uma tentativa de se igualar os esportes nacionais àqueles praticados na Europa, em uma pernóstica imitação que tentava apagar as especificidades do jogo

<sup>162</sup> - O episódio é lembrado por Mário Filho em 1947, quando publica seu livro. Cf. Mário Filho, op.cit., pg. 303.

<sup>163</sup> - “O campeonato mundial”, Correio da Manhã, 7 de junho de 1938. Escrevendo em 1947, Mário Filho voltaria a falar do apego generalizado ao atacante, afirmando que ela talvez ocorresse “porque o que Leônidas fazia fosse mais brasileiro, estivesse na massa do sangue dos nossos brancos, mulatos e pretos” – personificando de forma ainda mais incisiva no jogador o estilo de jogo nacional, visto pelo autor como uma característica natural dos brasileiros. Mário Filho, op.cit., pg. 300.

<sup>164</sup> - Gilberto Freyre, Casa grande e senzala, Rio de Janeiro: José Olympo, 1981 (1933).

<sup>165</sup> - Idem, pg. 135.

dos Perecis, ele servia então para que o sociólogo atribuisse ao futebol uma raiz autenticamente nacional, que se misturava com as tradições européias trazidas às terras brasileiras.

O quadro ainda não estava, porém, completo. Junto à influência indígena e européia, a presença negra seria, para Freyre, o último dos elementos que definiriam um caráter particular para o futebol praticado no Brasil. É o que ele mostrava, em 1938, durante a disputa do campeonato mundial, em entrevista ao Diário de Pernambuco na qual afirmava serem os triunfos brasileiro frutos da “coragem, que afinal tivemos completa, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro”, onde os jogadores brancos se misturavam com “pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros”. Dessa mistura resultaria, para ele, a essência do futebol nacional:

“ O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo *mulatismo* de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o *mulatismo flamboyant* e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil”<sup>166</sup>.

Freyre explicita de forma clara, em sua entrevista, a lógica que movia naqueles anos jornalistas como Mário Filho, dando a ela um sentido ainda mais claro<sup>167</sup>. Reforçando a associação do jogo da bola praticado no país com os movimentos de outras práticas culturais negras, como a capoeira e o samba, ele dava forma a um processo a partir do qual era forjada para o futebol praticado no Brasil uma nova tradição - mostrando como o jogo fôra reinventado no país, ganhando uma originalidade que não tinha em seus locais de origem<sup>168</sup>. Vendo no esporte a síntese da mistura cultural e racial a partir da qual teria sido formada a própria nação, ele reafirmava então a supremacia

<sup>166</sup> - APUD Gilberto Freyre, Sociologia, Rio de Janeiro: José Olympo, 1957 (1943), pp. 431-432.

<sup>167</sup> - Não era coincidência que, anos depois, o jornalista citasse a entrevista de Freyre em sua obra máxima sobre o futebol brasileiro, além de convidá-lo para escrever o prefácio do livro. Cf. Mário Filho, *op.cit.*, pg 302.

<sup>168</sup> - Sobre o processo de invenção de tradições e seu sentido político, ver E. Hobsbawn e Terence Henger, A invenção das tradições, *op.cit.*.

do estilo brasileiro sobre os demais – o que, em outra entrevista, afirmava ser uma lição para aqueles que pregavam naqueles anos a supremacia dos arianos sobre outras raças<sup>169</sup>. Mais do que igualar os brasileiros aos europeus, como pareciam desejar até então intelectuais como Coelho Netto, Freyre postulava assim uma superioridade da formação cultural brasileira sobre a de outros países – embora em sua obra essa superioridade não se exprimisse em termos raciais, e sim por “expressões psico-sociais condicionadas por influências de tempo e de espaços sociais”. De aprendizes, os jogadores brasileiros tornavam-se, aos seus olhos, verdadeiros mestres da arte da bola, transformando o futebol em uma das expressões legítimas da nacionalidade<sup>170</sup>.

A afirmação da superioridade brasileira nos campos não era, porém, o único objetivo do sociólogo. Para além da positivação da mistura entre diferentes tradições culturais, e alimentada por ela, Freyre explicitava então o sentido político de suas construções na continuação da entrevista dada em 1938. Em suas palavras, o “nosso futebol mulato”, cuja eficiência estava sendo demonstrada nos campos europeus, seria “uma expressão de nossa formação social, democrática como nenhuma e rebelde a excessos de ordenação interna e externa” ou a “totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal”<sup>171</sup>. Aberta às diferenças, a formação brasileira teria assim incorporado, harmoniosamente, traços culturais das diferentes tradições a partir do qual ela se constituía, não existindo no Brasil para Gilberto Freyre espaço para a subordinação de uma tradição à outra. Significativo, sobre esse tipo de raciocínio que ganhava força no período, era as expressões usadas por José Lins do Rego anos depois, no prefácio que escreve para o livro de Mário Filho sobre a Copa Rio Branco vencida em 1932 pelos brasileiros – na qual afirma ser a presença no time de negros como Leônidas, junto com o branco Martin e o mulato Oscarino, “um retrato da nossa democracia social”, feito “à boa moda brasileira”<sup>172</sup>. Por mais

---

<sup>169</sup> - Cf. “Um team afro-brasileiro”, *Correio da Manhã*, 16 de junho de 1938 – onde Freyre reafirma “que uma das condições da vitória dos brasileiros nos encontros europeus, prende-se ao fato de termos tido coragem de mandar à Europa desta vez um team francamente afro-brasileiro. Tomem os arianistas nota disto”.

<sup>170</sup> - “Psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato”, explicava o próprio Freyre na continuação da entrevista – fazendo do “mulatismo” que via no jogo a senha para a afirmação de seu caráter nacional. Gilberto Freyre, *Sociologia*, op.cit., pg 432.

<sup>171</sup> - Idem, pg. 433.

<sup>172</sup> APUD Mário Filho, op.cit., pg 264. De forma análoga, Roberto Da Matta, em artigo de 1994, afirma que o futebol no Brasil, ensinando a todos o respeito às regras estabelecidas, “transformou-se no

que a experiência de jogadores como o próprio Leônidas estivesse repleta de episódios que demonstravam as tensões e discriminações que deveriam ser enfrentados por negros como ele que quisessem se firmar nos campos cariocas, o prestígio que conseguira arduamente firmar servia assim, naquele momento, como uma prova da ausência do conflito racial no esporte carioca e na própria nação – transformando o futebol em um terreno fértil para a consolidação das teorias que iam fazendo do Brasil uma grande democracia racial.

Tais formulações teriam como consequência prática o irrestrito apoio que o jogo passava a receber do governo de Getúlio Vargas durante a Copa do Mundo – quando a delegação brasileira tinha como madrinha a própria filha do presidente, Alzira Vargas<sup>173</sup>. Cristalizando os ideais de harmonia social e furor nacionalista que eram propagandeados pelo seu governo após a implantação do Estado Novo, o futebol servia como um grande aliado na propaganda do projeto político que planejava implementar – intensificando e dando um sentido mais claro ao interesse que, desde seus primeiros anos, as autoridades governamentais manifestavam em relação ao jogo. Tendo no esporte de maneira geral, que considerava ser “um dos principais fatores determinantes da nossa grandeza de formação de um Brasil novo”, um dos pontos centrais de seu governo, Getúlio comparecia desde o início de seu governo a cerimônias como o “Dia Olímpico do Fluminense”, realizado no mesmo ano no estádio do clube tricolor<sup>174</sup>. As arquibancadas vazias, porém, pareciam indicar-lhe não serem os exercícios ginásticos capazes de empreender a tarefa nobre que lhes era destinada – estando longe do entusiasmo que, um mês depois, era demonstrado pela multidão que recebia os vencedores da Copa Rio Branco, em um espetáculo que ele testemunhara das sacadas do palácio presidencial. Alimentada pelo contraste entre o delírio acarretado pelo futebol e o desinteresse demonstrado pelo público em relação a outros exercícios atléticos, assim como pelos sentidos que iam sendo construídos para o jogo por intelectuais como Gilberto Freyre e jornalistas como Mário Filho, ia

---

primeiro professor de democracia e de igualdade”. Roberto Da Matta, “Antropologia do óbvio”. *Revista USP*, no. 22, junho/julho/agosto de 1994, pg 12.

<sup>173</sup> - “Correio sportivo”, *Correio da Manhã*, 1 de junho de 1938.

<sup>174</sup> - Cf. “O elogio do sport”, *Jornal dos sports*, 5 de julho de 1934; e “Uma tarde de consagração”, *Correio da Manhã*, 21 de junho de 1932; e *F.F.C.*, 26 de junho de 1932.



firmando-se em seu governo uma relação cada vez mais próxima com o jogo da bola<sup>175</sup>.

Esse interesse governamental pelo futebol não tardou a gerar seus primeiros resultados<sup>176</sup>. Já em julho de 1935 os jornais começavam a falar no projeto de “oficialização dos sports”, que seria “um meio de reunir as forças separadas pela cisão, dando-lhe, por intermédio do governo, um programa comum para se cumprir em paz”<sup>177</sup>. Tal definição, centrada nas divisões entre os grêmios futebolísticos causadas pelo desacordo entre profissionalistas e amadoristas, apontava o caminho da harmonia que o governo esperava estabelecer através do jogo e para além dele. Redigido por Hugo Gauthier, secretário do ministro da justiça, o projeto dava ao Departamento Nacional de Educação Física a competência para gerir oficialmente os assuntos ligados ao futebol. Era nomeado seu diretor, por isso, o chefe da delegação brasileira que no ano anterior disputara o campeonato mundial da Itália, Lourival Freitas<sup>178</sup>. A interferência do poder público, porém, não pararia por aí. Poucos meses depois, era a vez da Censura Policial, órgão do governo federal, tomar para si a tarefa de controlar o desenvolvimento do jogo na cidade. Aplicando aos clubes de futebol as regras definidas para outras diversões públicas como os teatros, a Censura passava a controlar o cumprimento do contrato dos jogadores profissionais com seus clubes – obrigando esses a enviar-lhe “prontuários de seus jogadores” e chegando a tentar controlar a “conduta dos players em campo”<sup>179</sup>. No ano seguinte era a vez dos próprios clubes procurarem seu apoio, pedindo sua intervenção como mediador para viabilizar um acordo entre as facções em litígio no futebol brasileiro – o que leva o

---

<sup>175</sup> - Evidentemente esse processo não se encerra na pessoa do presidente. Muitos dos novos governantes que chegam ao poder após a Revolução de 30 dariam aos grêmios esportivos grandes estímulos. Se até 1929 só os clubes de maior expressão conseguiam da prefeitura algumas concessões, tendo clubes como o Andaraí negado seu pedido de reconhecimento de utilidade pública sob o argumento de que não teria exercido “ação tão apreciável”, os primeiros anos da administração do prefeito Pedro Ernesto se caracterizariam por uma crescente enxurrada de reconhecimentos do gênero – que passavam a contemplar, sem distinção, tanto sociedade operárias como o Carioca quanto clubes esportivos de menor porte como o Jaú F.C. e o Oceano F.C. - “Decreto no. 4985 de 4 de julho de 1934”, “Decreto no. 5064 de 14 de setembro de 1934” e “Decreto no. 5093 de 29 de agosto de 1934”, Coleção de leis municipais vigentes (1932-1935), 5º vol., Rio de Janeiro: Oficinas gráficas do Jornal do Brasil, 1937.

<sup>176</sup> - “O passe de Domingos movimentando chefes de governo”, Jornal dos sports, 9 de maio de 1935.

<sup>177</sup> - “A oficialização dos sports”, Jornal dos sports, 7 de julho de 1935.

<sup>178</sup> - “Vai funcionar o D.N. de educação física”, Jornal dos sports, 12 de julho de 1935.

<sup>179</sup> - “A intervenção da censura”, Jornal dos sports, 6 de outubro de 1935; “Os players alvi-negros e a censura”, Jornal dos sports, 6 de outubro de 1935; e “A censura vai fiscalizar a conduta dos players em campo!”, Jornal dos sports, 25 de abril de 1936.

presidente a receber no palácio representante dos dois lados, que lhe entregam um memorial sobre o assunto<sup>180</sup>. Tomando para si a tarefa de controlar e proteger o futebol brasileiro, Getúlio Vargas ia consolidando a imagem de grande patrono do esporte nacional, recebendo homenagens como o título de presidente de honra que lhe foi concedido pelo Fluminense e o de “grande benemérito” pelo Carioca<sup>181</sup>.

Seria mesmo a Copa de 1938, no entanto, que marcaria de forma definitiva a aproximação do governo de Getúlio Vargas com o futebol. Tendo concedido à delegação brasileira uma subvenção de Rs.200.000\$000, o próprio presidente passava a receber após a primeira vitória brasileira contra os poloneses “muitos telegramas de congratulações” de pessoas que já identificavam a vitória brasileira à sua pessoa<sup>182</sup>. Todo seu governo, porém, parecia estar atento ao “entusiasmo popular que encheu a cidade em todos os seus setores” após o sucesso na Europa do time formado por negros e brancos. A primeira vitória brasileira contra os poloneses, assim como o triunfo alcançado depois sobre os tchecos, eram saudadas com telegramas por importantes autoridades governamentais. “O jogo dos brasileiros contra os poloneses e principalmente contra os tchecos, dá a medida da nossa gente: dureza e agilidade no corpo e ainda impressionante resistência moral”, afirmava em sua saudação ao selecionado brasileiro o ministro da educação, Gustavo Capanema. Afirmando terem os jogadores do selecionado criado para os brasileiros “um justo título de vaidade”, ele fazia daqueles atletas os símbolos máximos do homem novo que o regime pretendia formar. Parecia explicável, por isso, que também mandassem suas mensagens de felicitação ao time os chefes dos gabinetes civil e militar do palácio presidencial e o próprio Lourival Freitas, o ex-diretor do Departamento Nacional de Educação Física que fôra então promovido a diretor do importante Departamento de Imprensa e Propaganda – em uma escolha que atestava a centralidade que o futebol assumia no projeto ideológico do recém instaurado Estado Novo<sup>183</sup>.

---

<sup>180</sup> “A intervenção do presidente da República no dissídio sportivo”, Jornal dos sports, 26 de março de 1936; e “Críticas e sugestões”, Jornal dos sports, 5 de maio de 1936.

<sup>181</sup> - Conferir a ficha que, ainda hoje, consta dos arquivos do Carioca E.C.. Sobre o Fluminense, ver Fluminense F.C. . Relatório apresentado ao Conselho deliberativo em 30.4.1935, Rio de Janeiro: Tip. Jornal do Comércio, 1935, pg 23.

<sup>182</sup> - “Brasileiros e tchecos estão desde ontem em Bordéus”, Correio da Manhã, 8 de junho de 1938; e “Para a conquista do campeonato mundial de foot-ball”, Correio da Manhã, 9 de junho de 1938.

<sup>183</sup> - “O campeonato mundial”, Correio da Manhã, 15 de junho de 1938.

A maior mostra da importância que o futebol ia assumindo nessa segunda fase do governo de Getúlio fôra dada, porém, pelo secretário geral do interior e segurança, Átila Soares – que após o jogo contra os poloneses enviou um telegrama ao prefeito da cidade do Rio de Janeiro. Nele o secretário afirmava que a irradiação da vitória brasileira teria servido no Brasil como “propaganda da maior eficiência”, lembrando por isso ao prefeito “o quanto seria útil ao país a realização de um campeonato mundial de *foot-ball* em território nacional”. Sugeriu, assim, a construção de “uma praça de *sports* à altura do acontecimento”:

“Todos os países modernos possuem, hoje, stadiuns grandiosos onde não só fazem realizar suas competições desportivas como também suas realizações cívicas de caráter imponente. O Brasil não conta ainda com essa organização, tão necessária à sua formação cívica e física. São essas razões fundadas, aliás, nas linhas mestras da estrutura do Estado Novo que me impelem de sugerir a v. ex. a construção pela prefeitura de um stadium monumental onde esse e outros certamens internacionais e nacionais possam ser realizados condignamente”<sup>184</sup>.

Garantindo ao prefeito que o governo federal daria “todo o apoio à iniciativa da prefeitura tendo em devida conta o seu alcance patriótico”, o secretário evidenciava a associação que, veladamente, alimentava a grande atenção que os membros do governo Getúlio Vargas passavam a dar ao jogo. Misturando o entusiasmo esportivo pelas vitórias brasileiras com um orgulho cívico que era alimentado pelo novo regime, ele fazia dessa mistura um grande benefício para a nacionalidade. Compondo um dos pilares principais sobre os quais se assentava a propaganda do novo regime, o nacionalismo do Estado Novo podia assim ser alimentado pelo entusiasmo gerado pelos jogos do selecionado brasileiro. Reconhecendo na paixão desportiva “o poder de milagre para conciliar até o animo dos integralistas com o dos comunistas, ou pelo menos para amortecer suas incompatibilidades ideológicas”, o próprio Getúlio via no jogo “uma função social importante” – como reconheceria pouco tempo depois em uma conversa sobre futebol que mantivera com João Lyra Filho, escolhido como primeiro presidente do Conselho Nacional de Desportos<sup>185</sup>. “- É preciso coordenar e disciplinar essas forças que avigoram a unidade da consciência nacional”, afirmava o

<sup>184</sup> - “Para o caso de se realizar no Brasil o futuro campeonato do mundo”, Correio da Manhã, 8 de junho de 1938.

<sup>185</sup> - Cf. João Lyra Filho, Cachimbo, pijama e chinelo, São paulo: Ed. Edalgit, 1963, pg 264. Sobre a criação do Conselho Nacional de Desportos, ver Eduardo Dias Manhães, Política de esportes no Brasil, Rio de janeiro: Graal, 1986, pg. 27.

presidente, somando à harmonia social representada pelo futebol a possibilidade de aproveitá-lo como eixo de articulação de uma delirante união nacional e de um entusiasmo cívico – a partir de leves deslocamentos nos sentidos que, há décadas, alimentavam o apego de grupos diversos ao futebol<sup>186</sup>.

Embora ainda fossem distantes os suntuosos projetos futuros de construção na cidade do maior estádio do mundo, que só seria erguido com os preparativos para o campeonato mundial de 1950, o raciocínio de Áttila Soares não deixou assim de ter seus resultados. Não era um mero acaso que, já a partir do ano seguinte, as festas de comemoração do dia do trabalhador passassem a ser realizadas no campo do Vasco da Gama, que tinha o maior estádio do Rio de Janeiro - em um movimento que tentava associar às celebrações festivas oficiais a paixão e o entusiasmo despertado no público pelo futebol, imprimindo-lhes a marca de grandes eventos de massa que já era própria do jogo<sup>187</sup>. Também não parecia ocasional, nesse sentido, a relação de proximidade mantida por Getúlio com Mário Filho, um dos baluartes do sentido harmônico e democrático que vinha sendo construído para o jogo<sup>188</sup>. O estranhamento em relação à força social do futebol que o presidente deixara registrado em seu diário transformava-se, assim, na tentativa de fazer dele um poderoso aliado da campanha nacionalista desenvolvida no Estado Novo – em um processo que tinha no sucesso alcançado por jogadores negros como Domingos e Leônidas a sua principal força propulsora.

A crença irrestrita que se formava sobre o valor da mistura racial na constituição de um futebol autenticamente nacional de grande valor garantia, assim, o orgulho e a confiança que torcedores de origens diversas passavam a demonstrar em relação ao selecionado. Os próprios jogadores brasileiros, ainda antes do jogo contra os tchecos, não hesitavam em afirmar aos jornais que “o estilo de *foot-ball* utilizado no Brasil, e que julgam o mais perfeito, resultará, provavelmente, em um triunfo”<sup>189</sup> –

<sup>186</sup> - Sobre a lógica usada pelo Estado Novo, que se apropriava de aspirações e tradições dos trabalhadores dando-lhe a aparência de dádiva, ver Angela de Castro Gomes, A invenção do trabalhismo, Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

<sup>187</sup> - Interessante notarmos que em 1944, no único ano em que a festa não se realiza no estádio do Vasco da Gama, ela é transferida para o estádio do Pacaembu, em São Paulo - mudando-se o local, mas mantendo-se a prática de promovê-la em palcos esportivos. Cf. Angela de Castro Gomes, op.cit., pg 235.

<sup>188</sup> - Cf. J. Sérgio Leite Lopes e Jean-Pierre Fauguer, op.cit.; e Ruy Castro, O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues, São Paulo: Cia. Das Letras, 1992, pp. 224.

<sup>189</sup> - “O campeonato mundial de foot-ball”, Correio da Manhã, 12 de junho de 1938.

fazendo da suposta particularidade que o jogo assumira no Brasil a partir da incorporação de tradições diversas uma vantagem em si. Atestando a confiança e o orgulho da torcida da cidade no sucesso e na qualidade dos jogadores que representavam o país, os filmes com as partidas brasileiras na Copa levavam aos cinemas uma “verdadeira multidão”, interessada em ver com os próprios olhos a façanha de seus ídolos no exterior<sup>190</sup>. Nem o empate verificado no primeiro jogo parecia arrefecer o entusiasmo da imprensa, que continuava a afirmar ser o Brasil “mais do que um favorito do campeonato do mundo”, constituindo-se já como “um verdadeiro campeão”<sup>191</sup>. Creditado à violência dos adversários e à parcialidade do juiz, o resultado teria criado para esse último, nos dizeres de um jornal, “42 milhões de inimigos pessoais”, em uma multidão composta por torcedores brasileiros que formaram por ele “uma dessas raivas implacáveis que vão ao crime”<sup>192</sup>. A vitória alcançada na segunda partida contra os tchecos parecia, porém, trazer de volta as coisas ao rumo esperado, fazendo com que o time brasileiro chegasse ao jogo contra os italianos certo de sua superioridade. A provável ausência no jogo de Leônidas, contundido na partida anterior, não era o bastante para conter o entusiasmo brasileiro. Embora nas palavras de jornalistas como Mário Filho “o Brasil” precisasse dele, o desfalque seria compensado pela presença de Domingos, que prometia fazer a maior partida de sua vida<sup>193</sup>. Não parecia haver dúvidas, para os torcedores brasileiros, de que a técnica e estilo refinados apresentados em campo por jogadores como ele levariam o selecionado brasileiro rumo ao título.

Eis que chegava, enfim, o dia do desastre. Derrotado pela Itália por dois gols contra um, o Brasil era eliminado do campeonato mundial, perdendo a chance de mostrar ao mundo sua suposta superioridade. Mais um vez, porém, o resultado não parecia arrefecer as certezas da torcida nacional, que acompanhara maciçamente o jogo em “volta dos aparelhos receptores”. Atribuindo a derrota tanto à ausência de Leônidas quanto à uma falha do árbitro, que teria indicado um pênalti de Domingos contra o Brasil quando a bola estaria fora de jogo – em uma atitude que, mesmo para aqueles que limitaram-se a ouvir a partida pelo rádio, parecia “uma dessas marcações

---

<sup>190</sup> - “O sucesso do film Brasil X Polônia”, *Jornal dos sports*, 16 de junho de 1938.

<sup>191</sup> - “Tudo contra o Brasil”, *Jornal dos sports*, 13 de junho de 1938.

<sup>192</sup> - “42 milhões e tento de inimigos pessoais” e “Esbulhando o Brasil”, *Jornal dos sports*, 13 de junho de 1938.

que se tornam memoráveis pelo despropósito, pelo absurdo, ou mais precisamente, pela má fé” – os torcedores brasileiros continuavam a mostrar, pelos jornais e pelas ruas, a certeza da superioridade brasileira, protestando contra o árbitro por toda a cidade<sup>194</sup>. Os próprios dirigentes da CBD tentaram, sem sucesso, conseguir junto à FIFA a anulação da partida – acabando por disputar o terceiro lugar com o selecionado Sueco, apesar dos apelos da imprensa para que a delegação voltasse imediatamente ao Brasil em sinal de protesto<sup>195</sup>.

A vitória alcançada na partida final contra os suecos parecia, para os cronistas brasileiros, a confirmação do roubo que ofuscara a superioridade brasileira sobre os europeus mostrando que “o Brasil nunca precisa de pênalti para vencer”<sup>196</sup>. Mais do que o terceiro lugar na competição, o triunfo garantia a manutenção do orgulho nacional e da certeza de superioridade do futebol brasileiro sobre os demais, “Queira ou não queira a FIFA, somos campeões do mundo”, estampava na primeira página em letras garrafais o Jornal dos Sports<sup>197</sup>. Embora não conquistassem o título, os jogadores brasileiros eram descritos por isso pela imprensa carioca como os “reis do *foot-ball*”, sendo “superiores a todos os conjuntos do presente campeonato”<sup>198</sup>. “Campeões sem corôa”, na definição de Mário Filho, os “cracks do Brasil” teriam dado “lições de *foot-ball* aos europeus”, deixando de ser aprendizes para se tornarem os grandes mestres da bola. Apesar do insucesso, eram tratados como “verdadeiros campeões do mundo”, sendo saudados mais uma vez como grandes heróis nacionais não só pela imprensa, mas também, por autoridades como Gustavo Capanema – que, após a derrota, remetia à delegação outro telegrama afirmando que a campanha do selecionado nacional fôra “uma afirmação admirável da fibra do Brasil, a cujo *sport* estão asseguradas muitas e belas glórias futuras”<sup>199</sup>.

<sup>193</sup> - “Falam os cracks”, Jornal dos sports, 16 de junho de 1938.

<sup>194</sup> - “Um pênalti clamoroso!”, “O Brasil protestou junto à FIFA contra o resultado do jogo de ontem”, “Leônidas desesperou-se” e “Protestou ruidosamente a cidade”, Jornal dos sports, 17 de junho de 1938.

<sup>195</sup> - “Fala Pimenta sobre o protesto do Brasil” e “Que voltem os reis do *foot-ball*”, Jornal dos sports, 17 de junho de 1938.

<sup>196</sup> - “O Brasil nunca precisa de pênalti para vencer”, Jornal dos sports, 20 de junho de 1938.

<sup>197</sup> - Jornal dos sports, 20 de junho de 1938.

<sup>198</sup> - “Que voltem os reis do *foot-ball*”, Jornal dos sports, 17 de junho de 1938.

<sup>199</sup> - “O Brasil deu ontem mais uma lição de *foot-ball* aos europeus”, Jornal dos sports, 20 de junho de 1938; “Os brasileiros, campeões sem corôa”, Jornal dos sports, 21 de junho de 1938; e “Campeonato mundial de *foot-ball*”, Correio da Manhã, 17 de junho de 1938.

Embora possam parecer proféticas em um país que posteriormente conquistaria quatro títulos mundiais, as palavras do ministro da educação tinham, naquele momento, um sentido muito preciso. Mais do que a um possível futuro sucesso dos selecionados brasileiros, era a possibilidade de consolidação do prestígio de ídolos nacionais do quilate de Leônidas e Domingos que parecia entusiasmar Capanema – interessado, como vimos, na associação entre a imagem construída para esses jogadores e os princípios pregados pelo novo governo do qual fazia parte. Destacando-se em meio ao campeonato – no qual Domingos fôra visto pelos próprios adversários como “uma das mais impressionantes figuras” do torneio, enquanto Leônidas consagrava-se como o grande herói brasileiro<sup>200</sup> – esses jogadores tornavam-se ao longo da competição garotos propagandas de produtos e casas comerciais diversas, explorando a fama que conquistavam<sup>201</sup>. Leônidas consolidava uma popularidade que, mesmo antes da Copa, já lhe garantia vitória folgada nos concursos promovidos pela imprensa e pelo comércio carioca para definir o melhor jogador da cidade. Na volta ao Brasil, ele chegava a receber cartas de torcedores que, como Mário Filho, sabiam que “um pedido de Leônidas ao Getúlio era uma ordem”, pedindo para que usasse seu prestígio junto ao presidente para lhe conseguir um emprego, em mostra inequívoca da importância assumida pelo jogador<sup>202</sup>. Assim como o atacante, Domingos alcançava também um sucesso nunca antes experimentado por outro jogador negro: garantindo contratos milionários como o que assina com o Flamengo no regresso da Copa e tornando-se um exemplo para novas gerações jogadores negros, como o jovem Zizinho, ele lembraria constantemente, nas décadas seguintes, ter sido “muito feliz com o futebol”<sup>203</sup>. Se poucos anos antes Luiz Antonio, seu irmão, tivera sua presença no selecionado nacional vetada pelas altas autoridades esportivas e políticas do país pelo simples fato de ser negro, o

<sup>200</sup> “Vencemos fácil a Suécia”, *Jornal dos sports*, 20 de junho de 1938.

<sup>201</sup> - Enquanto Domingos aparecia em uma propaganda de roupas da marca “Vencedora”, a imagem de Leônidas servia como pretexto de divulgação dos produtos alimentícios da companhia Silva, Farias & Cia. . Cf. *Jornal dos sports*, 12 de junho de 1938.

<sup>202</sup> - Cf. Mário Filho, *op.cit.*, pgs. 292 e 305.

<sup>203</sup> - Conferir a entrevista que ele dá no dia 15 de janeiro de 1995 ao jornal *Folha de São paulo*, *op.cit.* ; e o *Depoimento de Domingos da Guia ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro - MIS*, *op.cit.* . Quanto à influência que exerceu em Zizinho e o contrato com o Flamengo, que lhe rendia 50:000\$000 só de luvas, ver *Depoimento de Zizinho ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro - MIS*, 31.05.1985; e “Sessão de 19 de setembro de 1938”, *Clube de Regatas do Flamengo. Diretoria Atas 15*, *op.cit.* .

zagueiro transformava-se então, junto a Leônidas, no maior ídolo nacional – em um sucesso que, estranhamente, tinha em suas características raciais uma de suas maiores causas.

Vivenciando um processo que, pelo menos ao nível do discurso, ia tornando a ascendência negra um traço de positividade - fazendo segundo um cronista com que naqueles anos todos procurassem achar “bolindo-lhe a epiderme, gritando-lhe no sangue, o chamado de Iemanjá ou o ritmo bárbaro dos atabaques”<sup>204</sup> – Domingos e Leônidas não pareciam, porém, convencidos do símbolo de democracia racial no qual foram transformados. Agradecendo à imprensa pelo prestígio que alcançara, declarando dever a ela toda a fama que acumulara, Domingos parecia em depoimentos prestados já após o seu abandono do futebol ciente do papel central que jornalistas como Mário Filho tiveram na construção de sua legenda de ídolo negro<sup>205</sup>; nem por isso, no entanto, esquecia as dificuldades que enfrentara ao longo de toda sua carreira por conta de sua origem étnica, chamando constantemente atenção para o caso do irmão que fôra alijado da seleção e afirmando, sem rodeios, que o “preto nunca foi aceito nesse país”<sup>206</sup>. Embora afirmasse que o preconceito atingia prioritariamente o “jogador preto-preto”, escapando dele por ser um “mulato”, Domingos certamente acompanhava, naqueles anos, as dificuldades vividas por outros jogadores afro-descendentes como Fausto, que embora tivesse tornado-se também um grande ídolo anos antes morrera em 1939 sem dinheiro e sem assistência<sup>207</sup>. Experimentando em sua próprias vida dificuldades e preconceitos que nenhuma relação tinham com a imagem de paraíso racial que seu sucesso ajudava a construir para o Brasil, ele mostrava com suas palavras os limites e contradições da imagem que, no período, se construía para jogadores como ele e seu amigo Leônidas.

---

<sup>204</sup> - “O único preto da família”, *Careta*, 23 de abril de 1938. Na crônica o autor conta uma conversa supostamente ouvida em uma roda de literatos, na qual haviam dois loiros, três mestiços e “um negro autêntico, de beijola e cabelo raspado”. Tendo cada um citado orgulhosamente a existência de um ascendente africano, o negro é o único que faz questão de negá-la – dizendo ser descendente de um “tronco fidalgo e rico”, sendo “o único negro da família”.

<sup>205</sup> - Cf. *Depoimento de Domingos da Guia ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro - MIS*, op.cit.

<sup>206</sup> - Cf. *Depoimento de Domingos da Guia ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro - MIS*, op.cit.; e “Eu vi Fla-Flu sem nenhum preto em campo”, *Folha de São Paulo*, 15 de janeiro de 1995. A existência de um grande preconceito social coexistindo com o “prestígio como craque” desses jogadores foi ressaltada ainda por Modesto Carone, “Cem anos de futebol”, *Memória*, ano VI, no. 20, jan-set 1994, pg. 56.

<sup>207</sup> - Cf. Mário Filho, op.cit., pg 312.



Jogando um manto de alegria sobre essas ambiguidades, o sucesso dos jogadores brasileiros no campeonato mundial de 1938 acabava, enfim, por transformá-los na própria imagem que se desejava construir para o país. Entrando em campo “com a alma brasileira”, na expressão de Mário Filho<sup>208</sup>, eles se mostrariam dignos de versos como aqueles escritos durante a disputa por Gilka Machado, tida então como “a maior poetisa do Brasil”:

“Eu vos saúdo  
Heróis do dia  
Que vos fizestes compreender  
Numa linguagem muda,  
Escrevendo com os pés magnéticos e alados  
Uma epopéia internacional.

As almas dos brasileiros  
- distantes  
vencem os espaços  
misturam-se com as vossas,  
caminham nos vossos passos  
para o arremesso da pelota,  
para o chute decisivo  
da glória da Pátria

(...)

Que os Leônidas e os Domingos  
Fixem na retina do estrangeiro  
A milagrosa realidade  
Que é o homem do Brasil (...)”<sup>209</sup>.

Fazendo dos dois jogadores os símbolos da glória de um “povo novo”, a poetisa condensava em seus versos todo o movimento que ia fazendo deles a verdadeira representação da “alma do Brasil”. Sobrepondo-se a seus adversários, iam escrevendo uma epopéia cujo idioma a autora parecia desconhecer, mas cujos resultados seriam a transformação do próprio caráter nacional. Cumprida a tarefa de afirmação da superioridade nacional sobre todos os outros povos, o sucesso desses jogadores fazia aparecer nos periódicos cariocas charges entusiasmadas como aquela publicada na revista Careta. (Fig.47) Produzida em meio ao crescimento das tensões que

<sup>208</sup> - “Obrigado, rapazes”, Jornal dos sports, 15 de junho de 1938.

<sup>209</sup> - APUD Milton Pedrosa, Gol de letra, Rio de Janeiro: Ed. Gol, s/d, pp. 117-119. Sobre a referência à autora, ver O Malho, 8 de março de 1934.

desaguariam na eclosão da segunda guerra mundial, a imagem representava de maneira exemplar o papel dedicado naqueles anos por Domingos e Leônidas. Personificando o próprio país, eles afirmavam o surgimento de uma “raça” nacional que já não tinha na Europa seu modelo privilegiado – livrando-se, de vez, do impulso que movera os primeiros *sportman* que trouxeram para o Brasil o esporte bretão na afirmação da originalidade e do valor da cultura nacional.

O sucesso alcançado por Leônidas e Domingos ganhava, assim, uma explicação clara. Expressões máximas de um “estilo nacional” que enfim diferia o modo como o futebol era jogado no Brasil da forma pela qual ele era praticado em outros países, eles encaixavam-se com perfeição nas imagens nacionais buscadas, desde a década de 20, por pensadores como Graciliano Ramos e Gilberto Amado. Símbolos de um novo tipo de nacionalismo, que afastava-se cada vez mais tanto do orgulho experimentado pelos torcedores no sul-americano de 1919 quanto do civismo patriótico de Coelho Netto para transformar-se em uma substância que igualaria a todos os brasileiros, esses jogadores eram transformados em imagens harmônicas e articuladas da própria nação. Como resultado desse processo, finalmente começavam a se firmar em publicações diversas a troca das pomposas expressões inglesas associadas ao jogo por termos abasileirados como “futebol”, “esporte” e “treinadores”<sup>210</sup>. Com sua técnica refinada e seus movimentos originais, esses jogadores iam fazendo do futebol um jogo brasileiro, uma tradição tropical capaz de ressaltar frente ao mundo o valor do país. Cristalizada em 1947 pela publicação de O negro no futebol brasileiro, escrito por Mário Filho e prefaciado por Gilberto Freyre<sup>211</sup>, essa percepção fazia com que finalmente jornalistas e intelectuais reconhecessem uma presença negra nos gramados que já fazia notar desde os primeiros tempos do futebol na cidade. Firmava-se, assim, uma visão harmônica e linear sobre a história do futebol na capital do país, na qual o preconceito teria sido progressivamente superado na afirmação nos campos de uma mesma imagem nacional onde não pareciam haver mais lugares para tensões e conflitos.

---

<sup>210</sup> - Embora ainda não se fizesse presente nos grandes jornais, esse processo era notado, por exemplo, em um manual prático sobre o jogo publicado em 1935, que já negava as expressões estrangeiras adotando termos que, a partir de então, seriam cada vez mais difundidos. Cf. Wilson, Futebol sem mestre, Rio de Janeiro: Tip. São benedito, 1935.

<sup>211</sup> - Mário Filho, op.cit. .

A trajetória dos dois craques indicava, porém, os limites dessa operação. Fazendo do futebol um meio de afirmação de seu próprio valor, negado por décadas pelo preconceito que lhes excluía dos grandes clubes da cidade, jogadores negros como eles garantiam, enfim, o seu espaço – dentro de um percurso cheio de embates e tensões que, tendo marcado o futebol carioca desde os seus primeiros anos, se escondia então sob um ufanismo nacional que tentava encobrir suas contradições. Embora o movimento de afirmação nacional ocorrido nas décadas de 30 e 40 tentasse apagar a história desse processo, fazendo do sucesso desses jogadores um fenômeno quase natural, a experiência de sujeitos como Luiz Antonio, Chiquinho e muitos outros negros e pobres que praticavam o bolapé nos clubes suburbanos mostrava que podia ser outra a leitura da projeção alcançada naquele momento por atletas como Leônidas. Mesmo que as ambigüidades de suas carreiras esportivas parecessem se perder na construção de uma história que tentava apagar o conflituoso processo de consolidação do futebol no Rio de Janeiro, fazendo dele um símbolo de brasilidade, o prestígio por eles alcançado podia ser vivido como uma conquista – consolidando, de maneira mais geral, o espaço e apoio que alguns negros vinham conseguindo para suas próprias práticas e tradições desde as décadas anteriores.

Para os ideólogos do novo regime, porém, essa era uma questão que não se colocava. Desconsiderando as aspirações específicas daqueles sobre os quais construíam seus discursos, aproveitavam-se da popularidade do jogo que impressionara Getúlio durante a copa do mundo para fazer de certos jogadores a prova da inexistência de conflitos étnicos e sociais no país - na afirmação unívoca de uma poderosa identidade nacional que, por todo o país, ainda se faz sentir em cada disputa do selecionado brasileiro. Ao menos naquele momento, no entanto, esse impulso parecia ter um sentido claro: tentando desprezar a existência dessas tensões e lendo a história do jogo como uma crescente superação dos preconceitos, obras como a de Mário Filho sustentavam construções políticas que tentavam apagar a experiência dos muitos jogadores que pelos subúrbios iam conquistando seu espaço nos campos. Em seu lugar erigiu-se uma memória unívoca e linear que serviu como matriz interpretativa para quase todos os que depois dele tentaram pensar os significados do futebol brasileiro – na consolidação de uma visão homogeneizadora que, elidindo

conflitos e diferenças, abateu-se sobre a própria história criada para o país como um todo naqueles anos que seriam conhecidos como o Estado Novo.

Fruto de um processo que, por mais que tenha adquirido uma intensidade crescente em 1938, mostraria nos anos seguintes que estava longe de ter um fim, o prestígio de Domingos e Leônidas já parecia atestar o sucesso da empreitada. Tornando nacional um esporte aprendido com os europeus, seu futebol dava forma a uma auto-imagem que permitia aos brasileiros se verem como os grandes mestres da bola, vivenciando o futebol como um elemento de união e conagração. Por mais que na prática se continuasse a buscar em outros países modelos ideais, seja de educação, de cultura ou de economia, tratava-se assim de afirmar, para além deles, o valor da cultura local. Vaidosos do valor da nação por eles representado, torcedores de origens diversas já podiam, então, ecoar os versos cantados em 1938 durante a copa de mundo da França pela voz tropicalíssima de Carmen Miranda - na indicação de uma ambigüidade que, mesmo passadas seis décadas, ainda hoje se faz ouvir pelas ruas da cidade:

“Paris! Paris!  
Teu Rio é o rio Sena  
Paris! Paris!  
Tens loura mas não tens morena  
(...)  
Paris! Paris! Je t’aime  
Mas eu gosto muito mais do Leme”<sup>212</sup>.

---

<sup>212</sup> - Alcyrr Pires Vermelho e Alberto Ribeiro, “Paris”, in Carmen Miranda, disco 4, EMI-ODEON, 1997.

## Ilustrações



Figura 1 - Kosmos, no. 8, agosto de 1904



Figura 2 - Kosmos, no. 8, agosto de 1904





Figura 5 - O Malho, 28 de outubro de 1905



Figura 6 - O Malho, 28 de outubro de 1905



Figura 7 - O Malho, 22 de setembro de 1906



Figura 8 - O Malho, 5 de agosto de 1905





Figura 9 - Alceu Mendes de Oliveira Castro, O Futebol no Botafogo (1904-1950), op.cit., pg. 23.



Figura10 - O Malho, 14 de dezembro de 1907

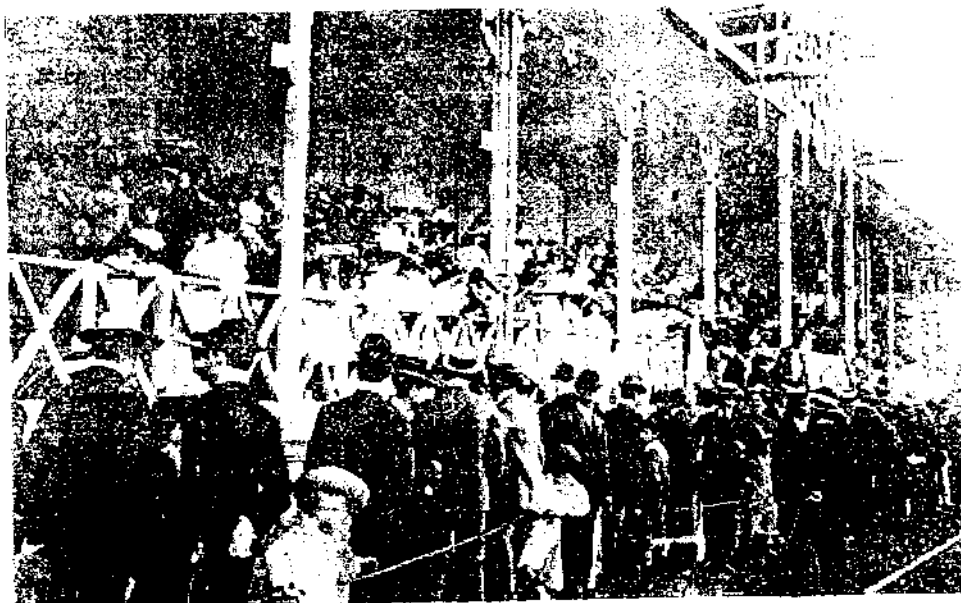


Figura 11 - O Malho, 19 de agosto de 1905



Figura 12 - O Malho, 22 de dezembro de 1906



**Figura13 - BN - Marcos Mendonça, Futebol Brasileiro - Recortes de Jornais (I - 18,16,1)**



**Figura 14 - BN - Marcos Mendonça, Futebol Brasileiro - Recortes de Jornais (I - 18,16,1)**

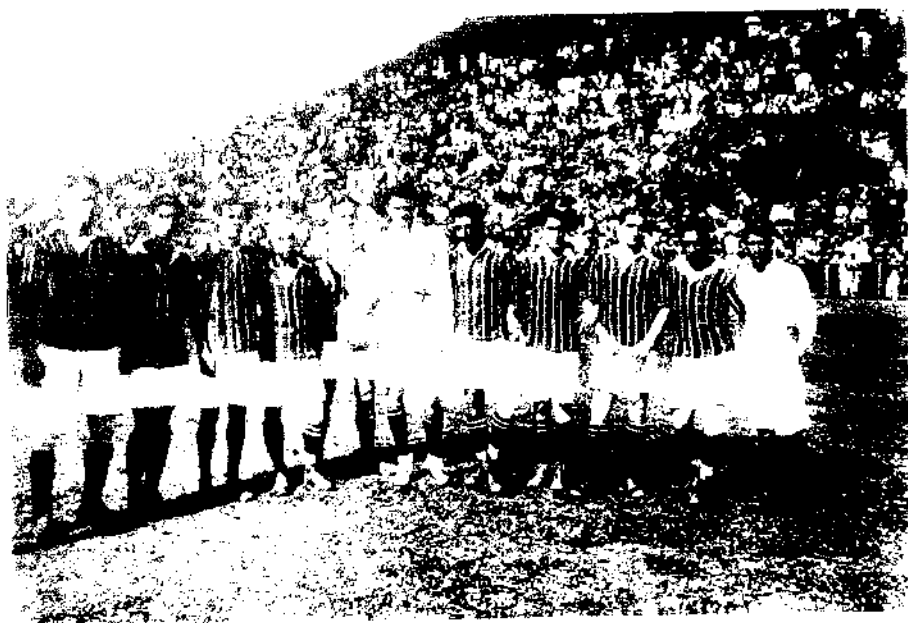


Figura 15 - BN - Marcos Mendonça, Futebol Brasileiro - Recortes de jornais (I - 18,16,1)



(Trecho de uma descrição do jogo, conservados os termos oficiais ingleses da zona) – 'Manduca Rosado, *centri-frêe*, com um *krique* danado, desempata o jogo realizado no magnífico *grunde* da rua Aliança, dando a vitória aos *alvi-negros* do 'Pounbarôlla F.C.' sobre a *enquipio* dos lusitanos filhos do seu Custódio açougueiro. Serviu de *rifiri* o competente *ixportima* Príncipe, muito respeitado na esquina'.

Figura 16 - Sports, 14 de agosto de 1915: “(Trecho de uma descrição do jogo, conservados os termos oficiais ingleses da zona) – ‘Manduca Rosado, *centri-frêe*, com um *krique* danado, desempata o jogo realizado no magnífico *grunde* da rua Aliança, dando a vitória aos *alvi-negros* do ‘Pounbarôlla F.C.’ sobre a *enquipio* dos lusitanos filhos do seu Custódio açougueiro. Serviu de *rifiri* o competente *ixportima* Príncipe, muito respeitado na esquina”.

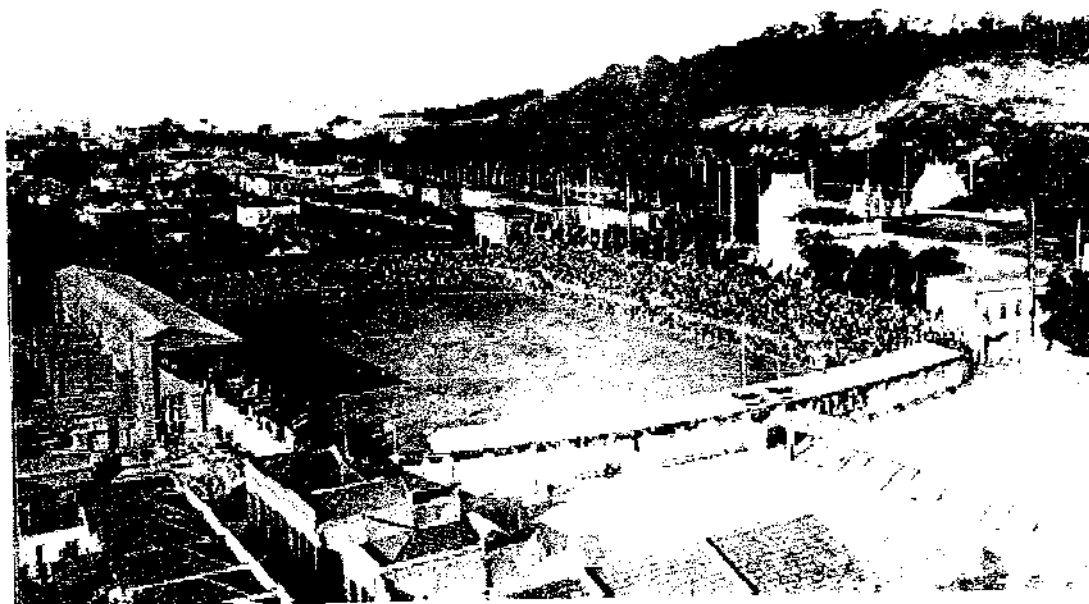


**Figura 17 - Careta, 24 de maio de 1919**

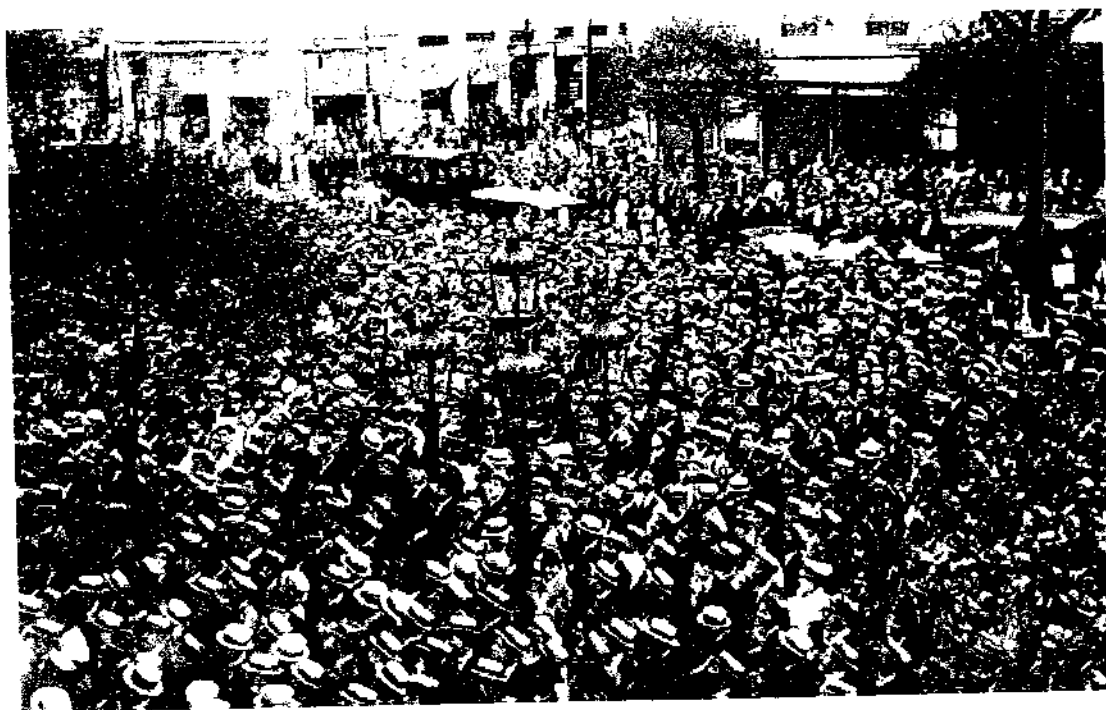


**Figura 18 - BN - Marcos Mendonça, Futebol Brasileiro - Recortes de Jornais (I - 18,17,1)**



**Figura 19 - BN - Marcos Mendonça, Futebol Brasileiro- Recortes de jornais (I - 18,17,1)**



**Figura 20 - O Malho, 17 de janeiro de 1920**



**Figura 21 - BN - Marcos Mendonça, Futebol Brasileiro - Recortes de jornais (I - 18,17,1)**

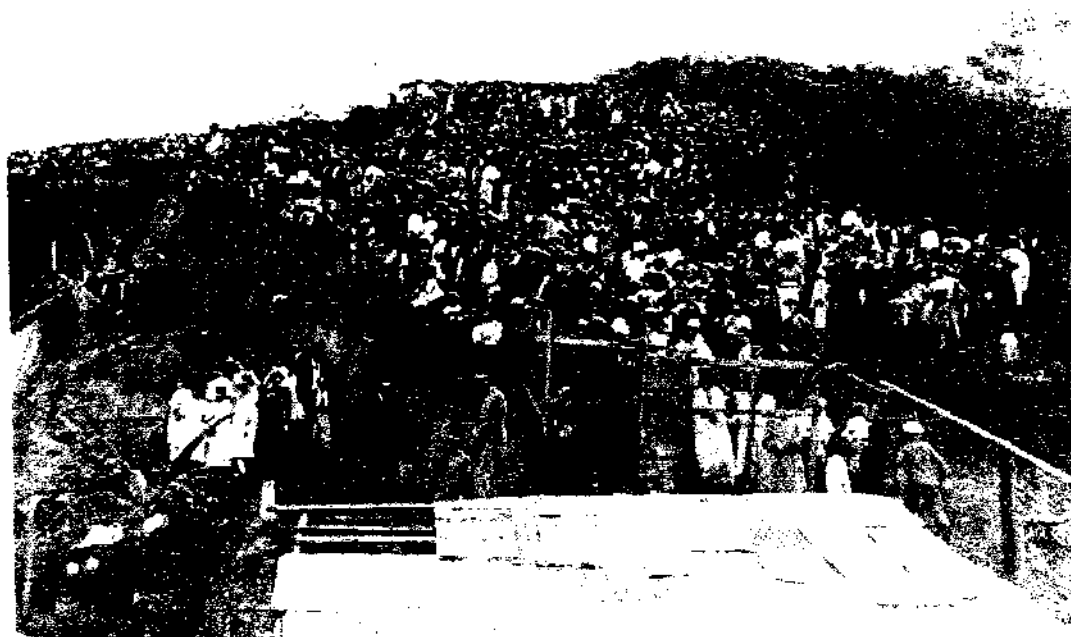


**Figura22 - Careta, 31 de maio de 1919**

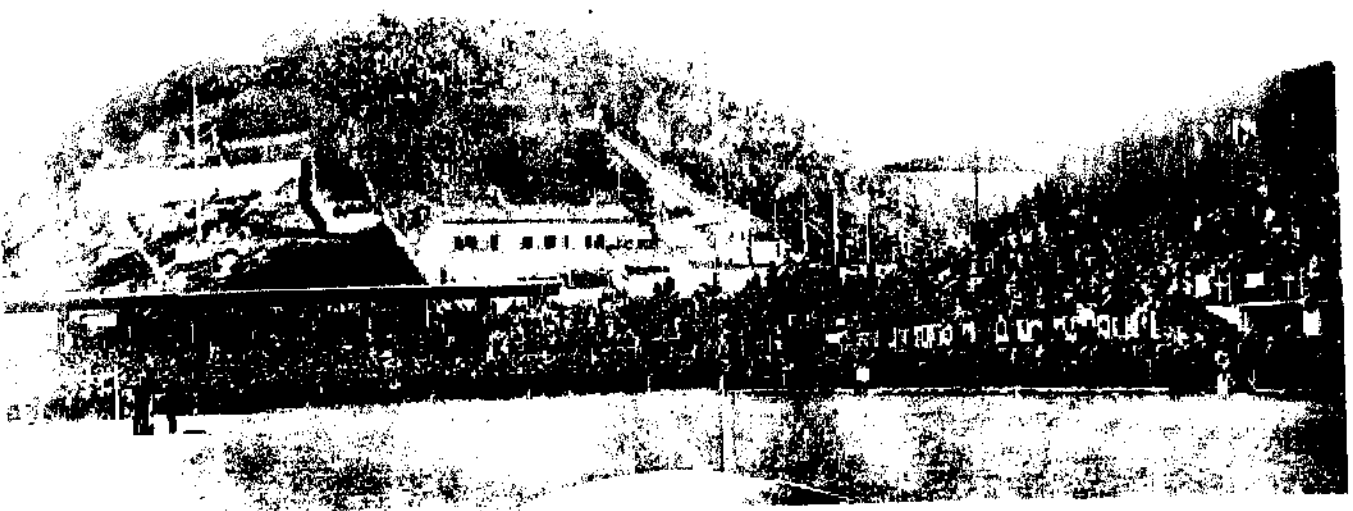


**Figura23 - BN - Marcos Mendonça, Futebol Brasileiro - Recortes de jornais (I - 18,17,1)**



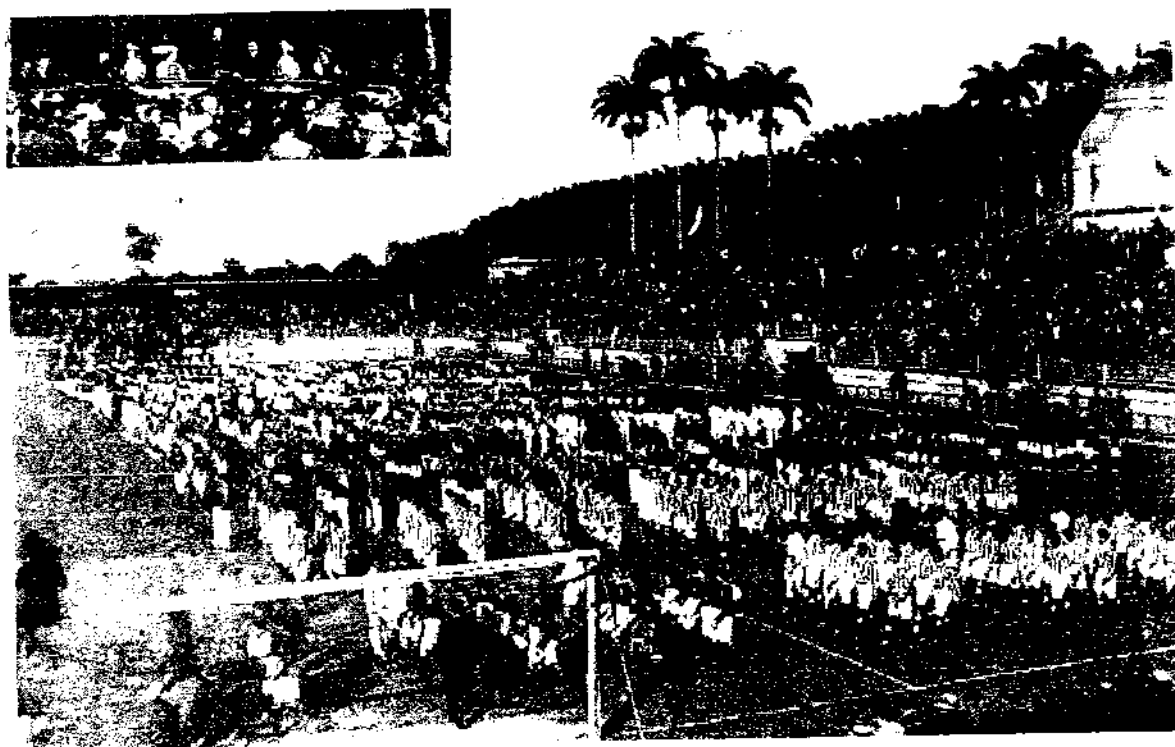


Figura 24 - Fon-fon, 2 de outubro de 1920

*Foot-Balls*

**O golpe de morte na pseudo supremacia sportiva de São Paulo sobre o Rio**

Grande vitória da representação da Liga Metropolitana de Desportos Tênicos pelo "time" de 2 a 1

O "gatch" paulista — O "gatch" carioca, vencedor do "match"

Figura 25 - BN - Marcos Mendonça, Futebol Brasileiro - Recortes de jornais (I - 18,16,1)

Figura 26 - Biblioteca Nacional, seção de manuscritos. Planta geral da Cidade do Rio de Janeiro, 1920 (ARC 22-15-23)

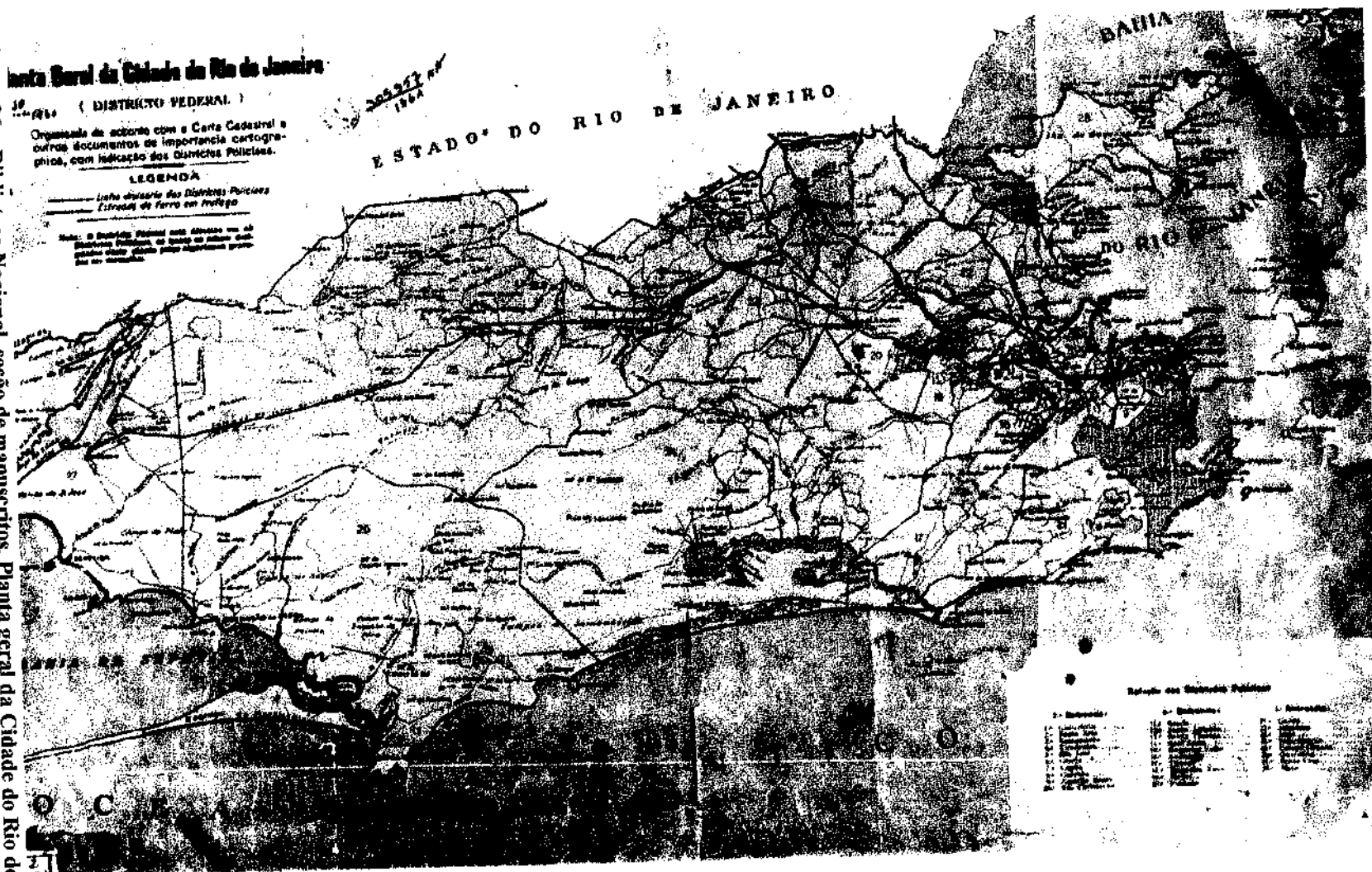




**Figura 27 – BN – Marcos Mendonça, Futebol brasileiro - Recortes de jornais (I - 18,16,1)**



**Figura 28 - O Malho, 7 de dezembro de 1918**



Figura 29 - O Malho, 7 de junho de 1919

### Repos do ultimo match.



A COPIEDA — Eu não te dizia, "Mio" Genoveva, que o Gredin, aqui no Brasil, era enopado!...

GENOVEVA — "Mio"... gredin he poluostica!...

Figura 30 - O Imparcial, 1 de junho de 1919

# UMA TORCIDA NEGRA



"Ahi Gradin di qualidade!..."

Figura 31 - "Uma torcida negra", O Imparcial, 7 de maio de 1919.



Figura 32 - Careta, 17 de setembro de 1921



**Figura 33 - BN - Marcos Mendonça, Futebol Brasileiro - Recortes de Jornais (I - 18,16,1)**



**Figura 34 - O Malho, 1 de novembro de 1919**



**Figura 35 – “Sport Club Pimenta de Mello”, O Malho, 1 de novembro de 1919**



**Figura 36 – “Pereira Passos F.C.”, O Malho, 3 de janeiro de 1920**



**Figura 37 - Athlética, 22 de maio de 1920**

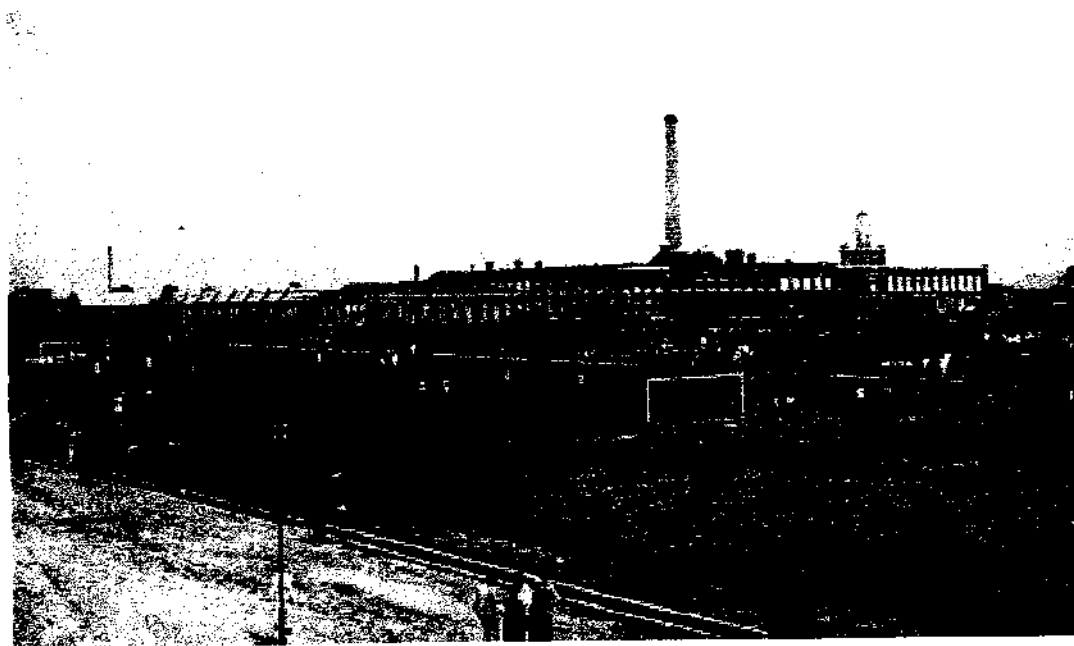


**Figura 38 - Alured Bell, The beautiful Rio de Janeiro, Londres: W. Heinemann, 1914, pg. 182.**





**Figura 39 - Careta, 24 de agosto de 1912**



**Figura 40 - O Malho, 2 de março de 1907**

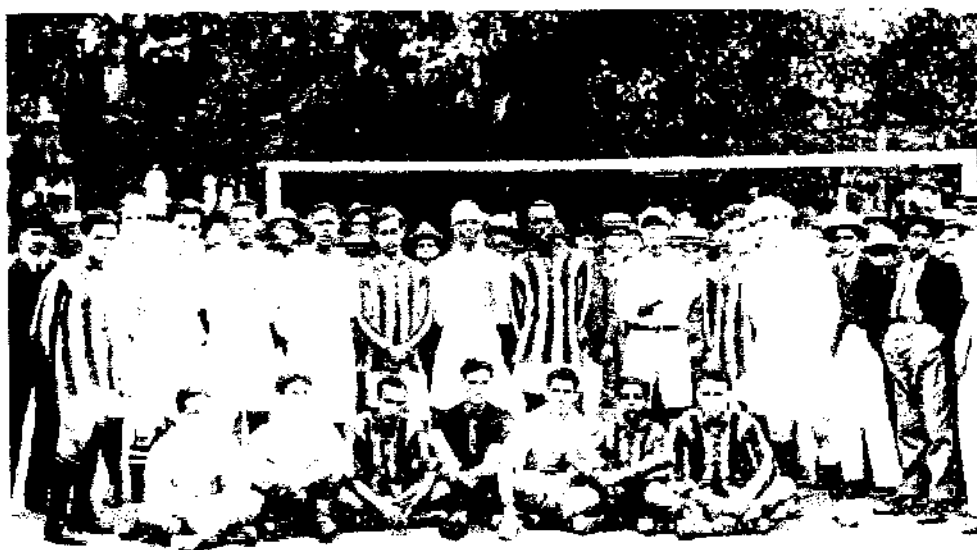
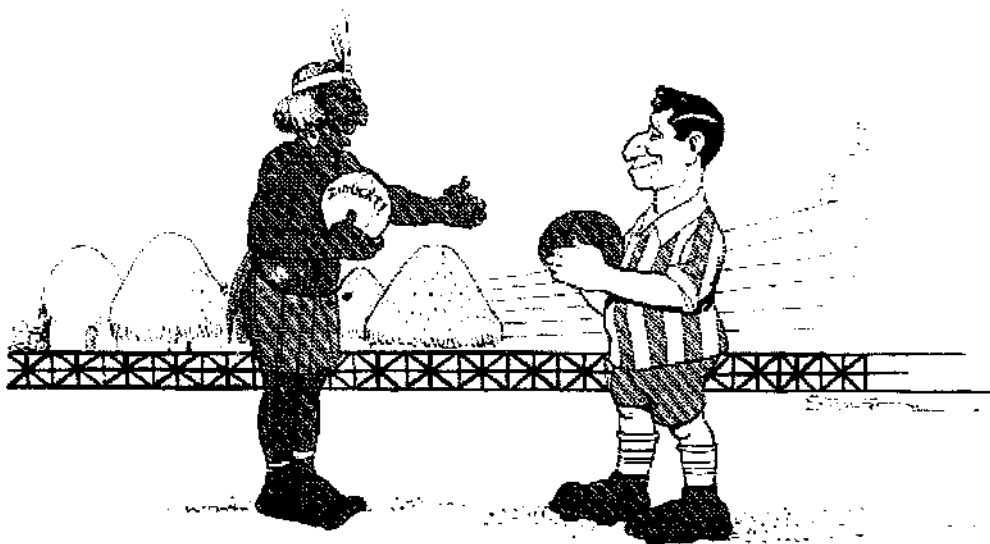


**Figura 41 - O Malho, 21 de junho de 1919**



**Figura 42 - Fon-Fon, 2 de dezembro de 1922**

Os índios "Poveis" vem jogar o Zinucaty



O CIVILIZADO -- E' verdade que o jogo do *Zinucaty* é muito bárbaro?

O INDIO -- Oh! Isso seria muita pretensão nossa! Nesse ponto estamos muito aquém do vosso jogo.

Figura 43 - Careta, 21 de outubro de 1922

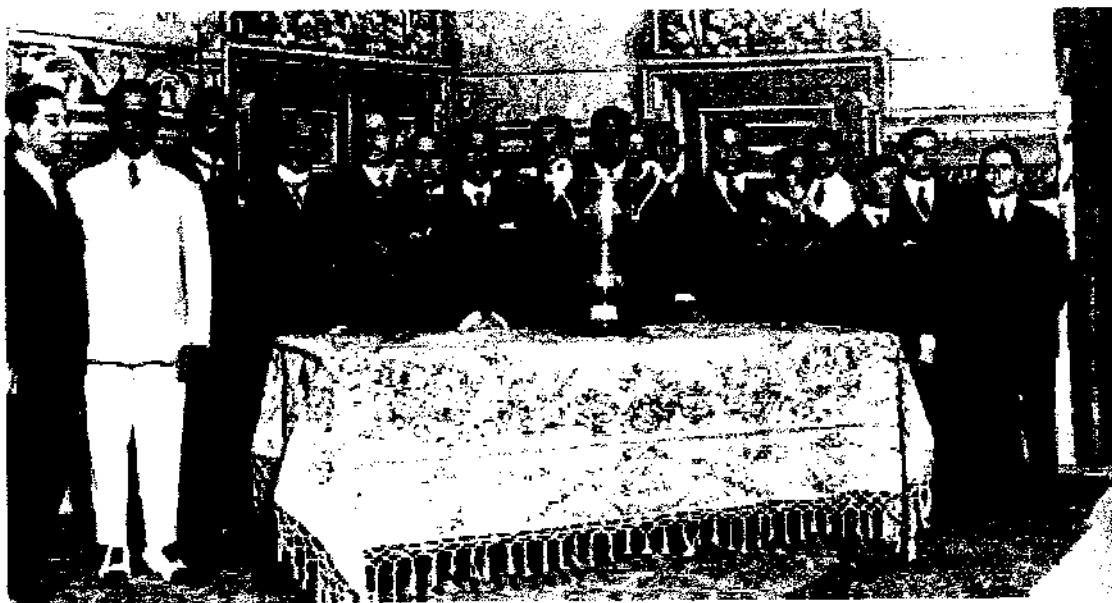


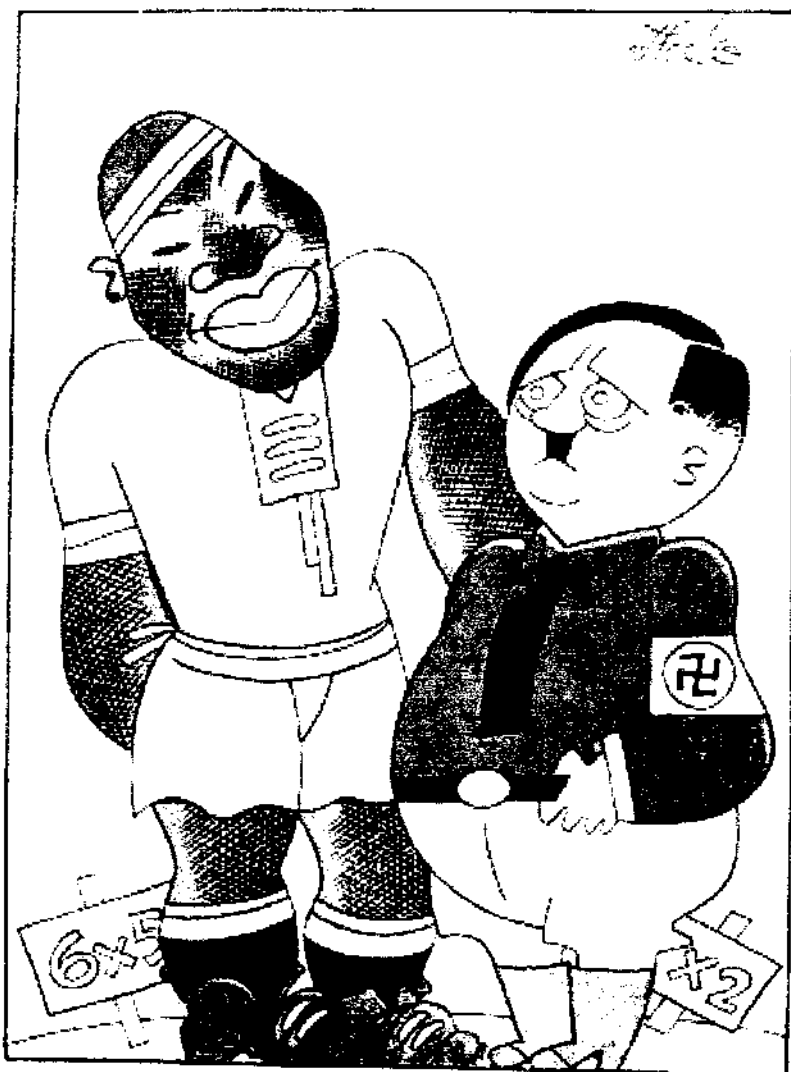
Figura 44 - Careta, 29 de setembro de 1923



Figura 45 - Fon-Fon, 4 de agosto de 1923



Figura 46 - História do futebol brasileiro, vol.1, Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1981, pg 105. Em pé: Otto, Médio, Domingos da Guia, Fausto, Martins e Yustrich. Agachados: Caldeira, Ladislau, Leônidas da Silva, Engels e Jarbas.



## Racismo

(O Brasil venceu a Polônia por 6 x 5).

DOMINGOS — Ora veja, seu Hitler! Eu não acreditava nessa história de superioridade de raças!...

Figura 47 - Careta, 2 de julho de 1938.

\* Capa - "Episódio do jogo entre marinheiros", Athlética, 12 de junho de 1920

## **Fontes**

### **1 – Manuscritas**

#### **1.1 – Arquivo nacional – Secretaria de Polícia do Distrito Federal.**

##### **A - Sociedades e clubes - estatutos e licenças**

- IJ<sup>6</sup> 563/ IJ<sup>6</sup> 564/ IJ<sup>6</sup> 597/ IJ<sup>6</sup> 596/IJ<sup>6</sup> 595/ IJ<sup>6</sup> 645/ IJ<sup>6</sup> 649/ IJ<sup>6</sup> 655/ IJ<sup>6</sup> 648/ IJ<sup>6</sup> 691/ IJ<sup>6</sup> 692/ IJ<sup>6</sup> 693/ IJ<sup>6</sup> 694/ IJ<sup>6</sup> 758/ IJ<sup>6</sup> 759/ IJ<sup>6</sup> 778/ IJ<sup>6</sup> 763/ IJ<sup>6</sup> 786/ Pacotes 416 – caixa 5553/ pacote 418 - caixa 5556/ Pacote 418A- caixa 5557/ Pacotes 459 - caixa 5621/ pacote 459A - caixa 5622/ Pacote 489 - caixa 5668/ Pacote 752 - caixa 5730/ Pacote 423- caixa 5566/ Pacote 777 - caixa 5760/ Pacote 001 - caixa 5190/ pacote 176 - caixa 5357/ Pacote 179 - caixa 5360/ IJ<sup>6</sup> 733/ pacote 178 - caixa 5359/ Pacote 133 - caixa 5324

##### **B - Delegacias distritais**

- IJ<sup>6</sup> 617/ IJ<sup>6</sup> 631/ IJ<sup>6</sup> 727

##### **C - Autoridades diversas**

-IJ<sup>6</sup> 733/ IJ<sup>6</sup> 599

##### **D - Casas de diversões**

- IJ<sup>6</sup> 690/ IJ<sup>6</sup> 728/ IJ<sup>6</sup> 761/ IJ<sup>6</sup> 798/ pacote 759 - caixa 5737

##### **E - GIFI**

- 6c 199/200/201

## **F – Censura teatral**

- "Dois a zero". Cx 05, doc 100
- "América X Fluminense". Cx57 doc 1335
- "Fla-Flu". Cx 36, doc 755
- "No mundo esportivo" (1929). Cx 62, doc. 755.
- "Off-Side". Cx 25, doc 518.
- "O Rei do futebol". Cx 65, doc 1585
- "A torcida do Vasco" . Cx 15, doc 289
- "As torcedoras" . Cx 45, doc 1044

### **1.2 – Processos judiciais**

- Arquivo nacional – 10ª. Pretoria Criminal - Tito R. Fonseca Junior (réu), 1905 - 70.932
- Arquivo nacional - 5ª. Pretoria Criminal - Jobel Braga e Hilário Vidal Martins (réus), 1920 - 70.3638

### **1.3 –Livros de ata**

- Livro de ata das sessões da diretoria do Bangu A. C. - 17.4.1904-26.10.1906
- Livro de ata das sessões da diretoria do Bangu A. C.- 28.2.1909-12.01.1915
- Livro de ata das sessões da diretoria do Bangu A. C. - 21.1.1915-7.9.1917
- Livro de ata das sessões da diretoria do Bangu A. C. - 13.02.1919- 15.12.1921
- Livro de ata das sessões da diretoria do Bangu A. C. - 6.1.1922-3.11.1930
- Clube de Regatas do Flamengo. Diretoria . Atas 13, 9.02.1933-29.11.1933

- Clube de Regatas do Flamengo. Diretoria . Atas 15, 5.6.1935-6.2.1939.
- Botafogo F.C. . Atas da diretoria - 4.07.1905 -14.12.1906
- Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 23.01.1907 - 4.10.1909
- Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 3.01.1910 - 11.09.1916
- Botafogo F.C. - Atas da diretoria - 9.10.1916 - 20.9.1917
- Botafogo F.C. - Atas da diretoria, 1.10.1917-8.07.1918
- Botafogo F.C. - Atas da diretoria, 15.07.1918-7.04.1919
- Actas de assembléias gerais do Fluminense F.C., V. 1, 21 de julho de 1902 - 29 de maio de 1918
- Fluminense F. Club. Assembléias Gerais. Livro de Presença, julho de 1902-janeiro de 1916

#### 1.4 - Outros

- Arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro, Diversões Públicas - Jogo de Bola - códices 42-3-29 e 42-3-31.
- Arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro, Documentação Avulsa - Códice 49-4-5
- Fichário de Sócios do Carioca Esporte Club
- Correspondência passiva de Coelho Netto, Biblioteca nacional, seção de manuscritos, I - 1,6,74.
- Marcos Carneiro de Mendonça, Futebol Brasileiro - Recortes de jornal, Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, I - 18,16,1
- Marcos de Mendonça, Foot-ball - Jogos internacionais, Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, I - 18,17,1



## 2 - Impressas

### 2.1 – Grande imprensa

- Gazeta Suburbana, 1919
- Kosmos 1904-1909
- Gazeta de Notícias, 1902-1908/ 1914-1916
- O Malho, 1902- 1934
- Fon-Fon, 1910-1932
- Careta, 1908-1938
- Jornal do Comércio, 1901-1908
- Correio da Manhã, 1901-1938
- O Paiz, 1901-1922
- Jornal do Brasil, 1902-1903
- O Imparcial 1912-1922
- O Globo, 1931
- Diário da Noite, 1931
- Mascote, 1911
- Rio-nu, 1908

### 2.2 - Jornais operários

- Gazeta Operária, 1902-1903
- O Combate, 1921-1922
- O Graphico, 1916-1920
- A Guerra Social , 1911-1912

- O Debate, 1917
- O Echo do mar, 1909
- Crônica Subversiva, 1918
- Lucta Social, 1922
- Intransigente, 1921
- A Vida, 1914-1915
- A Voz do Trabalhador , 1908-1915
- A Voz do Povo, 1911/1920-1921
- A Verdade, 1924
- União Caixeiral, 1903

## 2.3 - Jornais esportivos

### A - Rio de Janeiro

- A vida esportiva, 1889
- O Sportmen, 1887
- O Sport, 1887
- O Sportman, 1915-1916
- Vida Sportiva, 1915-1921
- O Sport, 1918
- F.F.C., 1931-1933
- Tricolor, 1927-1930
- Brasil Sport, 1907
- Rio Sportivo, 1909
- Auto-sport, 1912
- Campo e esporte, 1910

- O Mês esportivo, 1923
- Revista Sportiva, 1908-1910
- O Jockey, 1910/1919
- A Canoagem, 1903
- Semana Sportiva, 1894-1895/1902-1903
- Esporte, 1921
- A Época Sportiva-RJ, 1919
- O Imparcial. Suplemento Sportivo, 1921
- Sports, 1915
- Athletica, 1920
- Sport Ilustrado, 1920- 1921
- Sports Magazine, 1928
- Rio Sportivo, 1926
- Teatro e Sport, 1917-1918
- Jornal dos Sports, 1931- 1938
- Revista internacional *sportiva*, 1900

#### **B – Outros estados**

- O sport- AM, 1909-1911
- O sportivo - RN, 1919
- Sportman-SP, 1906
- O Sport - BA, 1889
- O Sport - PE, 1895
- O Sportman - SP, 1902

- O Sport - AM, 1917
- O Sport - ES, 1915
- Gazeta Sportiva-PA – 1906

#### 2.4 – Obras memorialísticas e relatos de viajantes

AMADO, Gilberto, Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa, Rio de Janeiro:Ed. José Olimpo, 1958 (2a. Ed.).

BELL, Alured Gray, The beautiful Rio de janeiro, Londres: William Heinemann, 1914

BRUCE, G.J., Brazil and the brazilians, Londres: Methuen & c. ltda., 1915

CAMPOS, Humberto de, Diário secreto, vol. 1, Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1954.

COELHO NETTO, Paulo, O Fluminense pitoresco e dramático, Rio de Janeiro, Ed. Minerva, 1969.

COELHO NETTO, Paulo, Coelho Netto, Rio de Janeiro: Ed. Minerva, 1964.Coelho Neto, Esphinge, Porto: Lello, 1908

COELHO NETTO, Paulo, O Fluminense na intimidade, vol. 1, Rio de Janeiro: S/E, 1969

COELHO NETTO, Paulo, O Fluminense na Intimidade, v. 2 Rio de Janeiro: S/E, 1969

COELHO NETTO, Paulo, O Fluminense na intimidade, vol. 3, Rio de Janeiro, S/E, 1975

CORRÊA, Floriano Peixoto, Grandezas e misérias do nosso futebol, Rio de Janeiro: Flores e Mano, 1933

EDMUNDO, Luiz, O Rio de Janeiro do meu tempo, Rio de Janeiro: Xenon, 1987

EDMUNDO, Luiz, De um livro de memórias, Rio de Janeiro: Depto. De Imprensa Nacional, 1958

GOMES, Angela de Castro Gomes (org.), “João Lopes: militância e malandragem”, Velhos Militantes. Depoimentos, Rio de janeiro: Zahar, 1988.

IMPRESSÕES do Brasil no século vinte, Londrs:Lloyds Greater Britain Publishing Company ltda., 1913.

LYRA FILHO, João Lyra, Cachimbo, pijama e chinelos, São paulo: Ed. Edalgit, 1963

PATUSCA, Araken, Os reis do futebol, São Paulo, Bentivegna Editora, 1976

PRADO, Décio de Almeida, "Latejando com o futebol", in Seres, coisas, lugares. Do teatro ao futebol, São Paulo: Cia. das Letras, 1997

REBELO, Marques, Trapicheiro, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984 (1959).

RIO BRANCO, Raul do, Reminiscências do barão do Rio Branco, Rio de janeiro: José Olimpo, 1942

VARGAS, Getúlio, Diário, São Paulo: Siciliano, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995

WRIGHT, Marie Robinson, The new Brazil. It resources and attractions. Historical, descriptive and Industrial, Second Edition, Philadelphia: George Barric & sons; London: C.D. Casanova & sons, 1907.

## 2.5 – Obras literárias

AMADO, Gilberto, Aparências e realidades, São Paulo: Monteiro Lobato e cia., 1922.

COELHO NETTO, Henrique, Esphinge, Porto: Liv. Chardron, 1908.

COELHO NETTO, Henrique, Feira Livre, Porto: Liv. Chardron, 1926.

COELHO NETTO, Henrique, Fréchas, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923.

COELHO NETTO, Henrique, Mano, Rio de Janeiro: organizações Simões, 1956.

COELHO NETTO, Henrique, Falando..., Leite Ribeiro e Murilo ed. , s/d (1921).

COELHO NETTO, Henrique, O meu dia, Porto, Lello, 1922

LIMA BARRETO, A. H., Vida Urbana, São Paulo, Brasiliense, 1956.

LIMA BARRETO, A. H., Impressões de leitura, São Paulo, Brasiliense, 1956.

LIMA BARRETO, A. H., Os Bruzundangas, São Paulo, Ática, 1985 (1923).

LIMA BARRETO, A. H., Um longo sonho de futuro, Rio de Janeiro, Graphia, 1993.

LIMA BARRETO, A. H., Correspondência, tomo 1, São Paulo, Brasiliense, 1956.

LIMA BARRETO, A. H., Coisas do reino de Jambon, São Paulo, Brasiliense, 1956.

LIMA BARRETO, A. H., Feiras e mafuás, São Paulo: Brasiliense, 1956.

MENDONÇA, Anna Amélia Carneiro de, 50 Poemas, Rio de Janeiro: Ed. São José, 1957.

PEIXOTO, Afrânio, Poeira de estrada, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1918

## 2.6 – Teses pedagógicas e médicas

MAGALHÃES, Eduardo de, Ginástica Infantil, Rio de Janeiro: Laemmert, 1900.

REIS, Álvaro Borges dos, Educação física, Bahia: Lit. Reis e c., 1904.

AZEVEDO, Fernando de, Da educação física, São Paulo/ Rio de Janeiro: Weiszflog irmãos, 1920 (1915).

SOUZA, Jorge de, “Da educação física e inspecção médica nas escolas”, in Anais do sexto congresso brasileiro de medicina e cirurgia, vol 2, São Paulo: Tip. De O Estado de São Paulo, 1908.

## 2.7 – Relatórios e estatutos

Estatutos do Club Atlético Fluminense, Rio de Janeiro: Tip. Adolfo de Castro e c., 1885.

Estatutos do Clube de Regatas do Flamengo, Rio de Janeiro: Tipografia Pimenta de Mello e cia., 1916

Projeto de Reforma dos Estatuto do Clube de Regatas Vasco da Gama, Rio de Janeiro: s/e, s/d.

Estatutos da Liga Metropolitana de Foot-ball, Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1905.

Estatutos da Liga Metropolitana de Sports Atléticos, Rio de Janeiro: Tip. Leuzinger, 1907

Estatutos da Liga Metropolitana de Sports Atléticos, Rio de Janeiro: Tip. Leuzinger, 1908.

Estatutos da Liga Metropolitana de Sports Atléticos, Rio de Janeiro: Gráfica do Jornal do Brasil, 1913.

Confederação Brasileira de Desportos - Estatutos, Rio de Janeiro: Tip. Jornal do Comércio, 1929.

Fluminense F. Club. Relatório dos trabalhos sociais do ano de 1916, Rio de Janeiro: Papelaria Luiz Macedo, 1917

Fluminense F.C. - Relatório dos trabalhos sociais concernentes ao ano de 1917, Rio de Janeiro: Tip. Do Jornal do Comércio, 1918

Fluminense F. Club. Relatório dos trabalhos sociais concernentes ao ano de 1918, Rio de Janeiro, Papelaria Macedo, 1919.

Fluminense F. Club. Relatório dos trabalhos sociais concernentes ao ano de 1919, Rio de Janeiro, Tip. Gomes Brandão, Marcondes e cia., 1920

Fluminense F. Club. Relatório dos trabalhos sociais concernentes ao ano de 1920, Rio de Janeiro, Tip. Gomes Brandão e Marcondes, 1921

Fluminense F. Club. Relatório dos trabalhos sociais concernentes ao ano de 1921, Rio de Janeiro, Papelaria Luiz Macedo e cia., 1922

Fluminense F. Club. Relatório dos trabalhos sociais concernentes ao ano de 1922, Rio de Janeiro, Papelaria Luiz Macedo e cia., 1923

Fluminense F.C. . Relatório dos trabalhos sociais concernentes ao ano de 1923, Rio de Janeiro: Papelaria Luiz Macedo e cia., 1924

Fluminense F.C. . Relatório dos trabalhos sociais concernentes ao ano de 1924, Rio de Janeiro: Papelaria Luiz Macedo e cia., 1925

Fluminense F.C. . Relatório dos trabalhos sociais concernentes ao ano de 1925, Rio de Janeiro: s/e, 1926

Fluminense F.C. . Relatório dos trabalhos sociais concernentes ao ano de 1926, Rio de Janeiro: s/e, 1927

Fluminense Foot-ball Club. Relatório dos trabalhos concernentes ao ano de 1928, Rio de Janeiro: S/E, 1929.

Fluminense F.C. . Relatório apresentado ao conselho deliberativo em 28 de abril de 1932, Rio de Janeiro: Tip. Jornal do Comércio, 1932

Fluminense F. Club. Relatório apresentado ao conselho deliberativo em 30 de abril de 1935, Rio de Janeiro, Tip. Do Jornal do Comércio, 1935.

Confederação Brasileira de Desportos. Relatório da Diretoria - 1918, Rio de Janeiro: Papelaria Confiança, s.d.

Confederação Brasileira de Desportos. Relatório apresentado pela diretoria 1920-1921, Rio de Janeiro: Papelaria e Tipografia Luiz Monteiro, s/d

Confederação Brasileira de Desportos. Relatório de 1925 a 1926 apresentado à assembléia geral em 15 de julho de 1926, Rio de Janeiro: Tip. Jornal do Comércio, 1926

Confederação Brasileira de Desportos. Relatório de 1926 a 1927 apresentado à assembléia geral em 15 de julho de 1927, Rio de Janeiro: Tip. Jornal do Comércio, 1927

Confederação Brasileira de Desportos. Relatório de 1927 a 1928 apresentado à assembléia geral em 10 de julho de 1928, Rio de Janeiro: Tip. Jornal do Comércio, 1928

Confederação Brasileira de Desportos. Relatório de 1931 a 1932 apresentado à assembléia geral em 30 de junho de 1932, Rio de Janeiro: Tip. Jornal do Comércio, 1932

Relatório da Liga Metropolitana de Desportos terrestres, Rio de Janeiro: Papelaria Brazil, 1918.

Relatório da diretoria do Club de Regatas do Flamengo concernente à administração de 15 de novembro de 1920 a 2 de janeiro de 1922, Rio de Janeiro: Tip. Pimenta de Mello, 1922.

## **2.8 - Outros**

Recenseamento do brasil realizado em 1 de setembro de 1920, Rio de Janeiro: Tipografia Estatística, 1923.

Coleção de leis municipais e vetos do segundo semestre de 1914, Rio de Janeiro: O Paiz, 1915.

Coleção de leis municipais e vetos do ano de 1925, Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1926.

Coleção de leis municipais e vetos do ano de 1927, Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1928.

Coleção de leis municipais e vetos do ano de 1929, Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1930.

Coleção de leis municipais e vetos do ano de 1930, Rio de Janeiro: Oficinas gráficas do Jornal do Brasil, 1937.

O. T. Oliveira, Guia de Foot-ball, Pelotas: Livraria Universal, 1912

E. Weber, Sports Atléticos, Rio de Janeiro: Garnier, 1910.



Wilson, Futebol sem mestre, Rio de Janeiro: Tip. São benedito, 1935.

Constantino Rodrigues, Plano para apostas em matches de football, Rio de Janeiro: Tip. Mascote, 1919.

Carlos Sussekind de Mendonça, O Sport está deseducando a mocidade brasileira, Rio de Janeiro, Empresa Brasil Editorial, 1921

Guia Geral do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1909

Guia Rio Moderno, Rio de Janeiro, 1921

### **3 - Relatos orais – Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro**

- Marcos Carneiro de Mendonça
- Zizinho
- Domingos da Guia

## Bibliografia citada

- ALEXANDER, Charles, Our Game: An american baseball history, New York: Henry Holt and Company, 1991.
- ANDERSON, Benedict, Nação e consciência nacional, Rio de Janeiro: Ática, 1989.
- ANTUNES, Fátima Martin R. Ferreira, “ O Futebol nas fábricas”, in Revista USP, no. 22, junho/julho/agosto de 1994.
- ANTUNES, Fátima Martin R. Ferreira, Futebol de Fábrica em São Paulo , Dissertação de mestrado em Sociologia, FFLCH/USP, 1992.
- ARAÚJO, José Renato de Campos, Imigração e futebol: o caso Palestra Itália, Dissertação de mestrado em Sociologia, IFCH/UNICAMP, 1996.
- BATALHA, Claudio, “Identidade da classe operária no Brasil (1880-1920): atipicidade ou legitimidade?”, Revista Brasileira de História, v. 12, no. 23/24, set.91/ago.92 .
- BOTELHO, Denilson, A pátria que quisera ter era um mito: uma introdução ao pensamento político de Lima Barreto, Dissertação de mestrado em história social, IFCH/UNICAMP, 1995.
- BRETAS, Marcos, A guerra das ruas. Povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- BRETAS, Marcos, Ordem na cidade. O exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro: 1907-1930, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- CALDAS, Waldenyr, “ Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro”, in Revista USP, junho/julho/agosto de 1994.
- CALDAS, Waldenyr, O pontapé inicial. Memória do futebol brasileiro, São Paulo: IBRASA, 1990.
- CARONE, Edgar, A Primeira República, São Paulo: Difusão européia do livro, 1969.
- CARONE, Modesto, “Cem anos de futebol”, Memória, ano VI, no. 20, jan-set 1994.
- CASTRO, Alceu Mendes de Oliveira, O Futebol no Botafogo(1904-1950), Rio de Janeiro: Grafica Milone, 1951.
- CASTRO, Ruy, O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues, São Paulo: Cia. Das Letras, 1992

CHALHOUB, Sidney, Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque, São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHALHOUB, Sidney, "Diálogos políticos em Machado de Assis", in Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira (orgs.), A História contada: capítulos da história social da literatura no Brasil, Rio de Janeiro: Nova Fronteira (no prelo).

CHALHOUB, Sidney, Cidade febril. Cortiços e epidemias na corte Imperial, São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

CHALHOUB, Sidney, Visões da Liberdade. Uma história das últimas décadas da escravidão na corte, São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CUNHA, Maria Clementina Pereira, O Espelho do mundo. Juquery, a história de uma asilo, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986

CUNHA, Orlando e VALE, Fernando, Campos Salles, 118, Rio de Janeiro: Ed. Laudes, 1972.

DA MATTA, Roberto, "Antropologia do óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro", in Revista USP, no. 22, junho/julho/agosto de 1994.

DA MATTA, "Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro", in Universo do futebol. Esporte e sociedade Brasileira, Rio de Janeiro: Ed. Pinakothke, 1982.

DAMAZIO, Sylvia, Retrato Social do Rio de Janeiro na virada do século, Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996

FAUSTO, Boris, A revolução de 30. Historiografia e história, São Paulo: Brasiliense, 1994 (1970)

FAUSTO, Boris, Trabalho urbano e conflito social, São Paulo: Difel, 1976.

FOOT-HARDMAN, Francisco, Nem patria nem patrão. Vida operaria e cultura anarquista no Brasil, São Paulo, Brasiliense, 1983.

FREYRE, Gilberto, Casa grande e senzala, Rio de Janeiro: José Olympo, 1981 (1933).

FREYRE, Gilberto, Sociologia, Rio de Janeiro: José Olympo, 1957 (1943)

FRYDENBERG, Julio, "Práticas y valores en el proceso de popularización del fútbol, Buenos Aires 1900-1910", Entrepasados, no. 12, 1997, pp. 7 – 29.

GENOVESE, Eugene, A Terra prometida. O mundo que os escravos criaram, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988

GOMES, Angela de Castro, A invenção do trabalhismo, Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988

- HERSCHMANN, Micael e LERNER, Kátia, Lance de sorte. O futebol e o jogo do bicho na belle époque carioca, Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.
- HOBBSBAWN, Eric, Mundos do Trabalho: novos estudos sobre a história operária, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HOBBSBAWN, Eric, Nações e nacionalismo desde 1780, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.
- HOBBSBAWN, Eric e KRANTZ, Frederick, A outra história. Ideologia e protesto popular nos séculos XVII-XIX, Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- HOBBSBAWN, Eric e RANGER, Terence, A invenção das tradições, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- JONES, G. Stedman, Lenguajes de clase - estudios sobre la história de la clase obrera inglesa, México, Siglo Veintiuno Ed., 1989.
- LARA, Silvia, Campos da Violência, São Paulo, Paz e Terra, 1988.
- LEVINE, Lawrwnce, "The folklore of industrial society: popular culture and its audiences", American Historical Review, december 1992, pp. 1369-1399.
- LEVINE, Robert, "Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro", in José C.S. Meihy e J.S. Witter (orgs.), Futebol e Cultura: coletânea de estudos, São Paulo: Imprensa Oficial:Arquivo do Estado, 1982, pp 21-44.
- LOBO, Eulália Lahmeyer, História do Rio de Janeiro, do capital comercial ao capital financeiro, Rio de Janeiro: IBMC, 1978
- LOPES, José Sérgio Leite, "A vitória do futebol que incorporou a pelada", Revista USP, no. 22, junho-julho-agosto de 1994, pp 64 – 83.
- LOPES, José Sérgio Leite e FAGUER, Jean-Pierre, "L'invention du style brésilien", Actes de la recherche no. 103, juin 1994, pp. 27-35.
- LOVE, Joseph, "Autonomia e independência: São Paulo e a federação brasileira, 1889-1937", in História Geral da Civilização Brasileira, Tomo 3, 1º. volume, São Paulo: Difel, 1977.
- MANHÃES, Eduardo Dias, Política de esportes no Brasil, Rio de janeiro: Graal, 1986, Maria Auxiliadora Guzzo de Decca, A vida fora das fábricas
- MARQUES, Vera Beltrão, A medicalização da raça. Médicos, educadores e discurso eugênico, Campinas, Ed. Unicamp, 1994.
- MASON, Tony , Passion of the people? Football in South America, Nova York: Verso, 1995.

- MASON, Tony, "Our Stephen and our Harold: Edwardians footballers as local heroes", in Richard Holt e J. A. Mangan, European Heroes. Myth, identity, sport, Londres: Frank Cass, 1996.
- MAZZONI, Tomaz, História do futebol no Brasil (1894-1945), São Paulo: Leia, 1950.
- MEIHY, J.C. e BERTOLLI FILHO, Cláudio, "Monteiro Lobato e o futebol: projeto para a elite urbana no começo do século", in J.C. Meihy e J.S. Witter (orgs.), Futebol e cultura: uma coletânea de estudos, São Paulo: Imprensa oficial: Arquivo do Estado, 1982, pp 105-110.
- MÉRCIO, Roberto, A história dos campeonatos cariocas de futebol, Rio de Janeiro: Studio Alfa, 1985, pg 16.
- MORAES, Marcos Antonio de, "Mário, o futebol e um poema esquecido", Letras, no. 7, 1993.
- MOTTA, Marly Silva da, A nação faz 100 anos: a questão nacional no centenário da independência, Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1992.
- NEDELL, Jeffrey, Belle Époque Tropical, São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- NEGREIROS, Plínio José Labriola, Resistência e Rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo, 1910-1916, Dissertação de mestrado em História, PUC-SP, 1992.
- NEVES, Margarida de Souza, "Da maloca do Tietê ao Império do Mato Virgem" in Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira (orgs.), A História contada. Capítulos da história social da literatura no Brasil, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, no prelo.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi, A questão nacional na primeira república, São Paulo: Brasiliense, 1990.
- PAPA, Antonio e PANICO, Guido, Storia Sociale del calcio in Itália, Bolonha: Il Mulino, 1993
- PEDROSA, Milton, Gol de Letra, Rio de Janeiro: Ed. Gol, s/d.
- PEREIRA, Cristiana Schettini, Um gênero alegre: imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916), dissertação de mestrado em história social, IFCH/UNICAMP, 1997.
- PEREIRA, Leonardo, "Sobre confetes, chuteiras e cadáveres: a massificação cultural no Rio de Janeiro de Lima Barreto", Projeto-história, no. 14, 1997, pp 231-242.
- PEREIRA, Leonardo, "Pelos campos da nação: um *goal-keeper* nos primeiros anos do futebol brasileiro", Estudos Históricos, vol. 10, no. 19, 1997, pp. 23-40.
- PEREIRA, Leonardo, O carnaval das letras, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de cultura, 1994.

- PIRES, Antonio Liberac, A Capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937), Dissertação de Mestrado em história social, IFCH/UNICAMP, 1996.
- PROENÇA, Ivan, Futebol e palavra, Rio de Janeiro: José Olympo, 1981
- RAGO, Margareth, Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- REIS, José Roberto Franco, Higiene mental e eugenia: o projeto de regeneração nacional da liga brasileira de higiene mental (1920-30), dissertação de mestrado em história social, IFCH/UNICAMP, 1994.
- REIS, Leticia Vidor, O mundo de pernas pro ar. A capoeira no Brasil, São Paulo: Publisher, 1997.
- RIBEIRO, Gladys Sabino, Mata galegos. Os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha, São Paulo: Brasiliense, 1990.
- ROCHA, Oswaldo Porto, A era das demolições, Rio de Janeiro: Sec. Municipal de cultura, 1995.
- RODRIGUES FILHO, Mário, O negro no futebol brasileiro, Rio de Janeiro: Fimco, 1994.
- ROSENFELD, Anatol, Negro, macumba e futebol, São Paulo: Perspectiva/ Edusp/ ED. UNICAMP, 1993.
- RUDÉ, George, A multidão na história. Estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra, 1730-1848, Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- SAMPAIO, Gabriela, Nas trincheiras da cura. As diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial, Dissertação de mestrado em história social, IFCH/UNICAMP, 1995.
- SANTOS, Joel Rufino dos, História política do futebol brasileiro, São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SCHER, Ariel, "Julio Roca. El fundador de la diplomacia deportiva", in La patria deportista. Cien años de política y deporte Buenos Aires: Planeta, 1996.
- SCHWARCZ, Lília, O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930, São Paulo, Cia. das Letras, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau, "Futebol, metrópoles e desastros", in Revista USP, no. 22, junho/julho/agosto de 1994
- SEVCENKO, Nicolau, Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República, São Paulo: Brasiliense, 1983.

SEVCENKO, Nicolau, Orfeu extático na metrópole. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20, São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

SHARPE, Jim, "A história vinda de baixo", in Peter Burke (org.), A escrita da história. Novas perspectivas, São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

SHIRTS, Matthew, "Literatura futebolística: uma periodização" e "Futebol no Brasil ou Football in Brazil?", in J.C.S. Meihy e J.S. Witter, Futebol e cultura: coletânea de estudos, São Paulo: Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.

SILVA, Gracilda Azevedo, Bangu 100 anos. A fábrica e o bairro, Rio de Janeiro: Sabiá, 1989.

SILVA, Marcos, Caricata república, São Paulo: Marco Zero, 1989.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano, A negregada instituição. A capoeira no Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

SOARES, Carmen, Educação física. Raízes européias e Brasil, Campinas: Autores associados, 1994.

THOMPSON, E.P., Tradición, revuelta y consciencia de clase. Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial, Barcelona: Crítica, 1979.

VEITCH, Colin, "Play up! Play up! And Win the War!! Football, the nation and the first world war, 1914-15" Journal of Contemporary History, vol. 20, no. 3, julho de 1985, pp. 363-378.

VOGEL, Arno, "O Momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional", in Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira, Rio de Janeiro: Ed. Pinakothke, 1982.

WAHL, Alfred e LANFRANCHI, Pierre, Les footballeurs professionnels des années trente à nos jours, Paris: Hachette, 1995.

WAHL, Alfred, "Le footballeur français: de l'amateurisme au salariat (1890-1926)", Le mouvement social, no. 135, abril-jun/ 1986.

WEID, Elisabeth von e BASTOS, Ana Marta Rodrigues, O fio da meada. Estratégia de uma indústria têxtil, Rio de Janeiro: Fund. Casa de Rui Barbosa, 1986.

WITTER, J.S., "Futebol... futebol", in J.C.S. Meihy e J.S. Witter (orgs.), Futebol e cultura: coletânea de estudos, São Paulo: Imprensa oficial: Arquivo do Estado, 1982, pp71-86.

WITTER, J.S., O que é futebol, São Paulo: Brasiliense, 1990.